



2021

ÁGORA • ESTUDOS CLÁSSICOS EM DEBATE • 23.1

ISSN 0874-5498



dlc
universidade de aveiro
departamento de línguas e culturas

ÁGORA

gynecia

23.1 ESTUDOS CLÁSSICOS
EM DEBATE 2021





Ágora

Estudos Clássicos em Debate

Gynecia: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição
médica antiga sobre ginecologia e embriologia



N.º 23.1

2021



Ficha Técnica

*Título: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate** 23.1 (2021)*

Editor-Chefe: João Manuel Nunes Torrao (jtorrao@ua.pt).

Editores Associados: António Manuel Andrade (aandrade@ua.pt); Carlos Manuel Morais (cmorais@ua.pt); Emília M. Rocha de Oliveira (emilia.oliveira@ua.pt) e Maria Fernanda Brasete (mbrasete@ua.pt).

Design da capa: Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas da Universidade de Aveiro.

Edição: UA Editora — Universidade de Aveiro.

Impressão:

Tiragem: 425 exemplares.

Depósito legal: 136497/99.

ISSN: 0874-5498

Contactos:

Ágora. Estudos Clássicos em Debate

Departamento de Línguas e Culturas

Universidade de Aveiro

3810-193 Aveiro — Portugal

DLC-agora@ua.pt / tel: + 351 (2)34 370 358 / fax: + 351 (2)34 370 940

URL: <https://proa.ua.pt/index.php/agora/issue/archive>

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto PTDC/FER-HFC/31187/2017

Preço: € 20.00

Aceitam-se permutas — We accept exchanges

Os textos publicados são da responsabilidade dos respetivos autores.



Comissão Científica

Maria de Fátima Sousa e Silva, Francisco São José de Oliveira, Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho, Nair de Nazaré Castro Soares, Delfim Ferreira Leão, Carlos Ascenso André e Frederico Maria Bio Lourenço (Univ. de Coimbra); Aires Augusto do Nascimento, Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina Pimentel e Paulo Jorge Farmhouse Simões Alberto (Univ. de Lisboa); Virgínia Soares Pereira (Univ. do Minho); Andrés Pociña Pérez, José Antonio Sánchez Marín e Carlos de Miguel Mora (Univ. de Granada); Carmen Morenilla Talens, Carmen Bernal Lavesa (Univ. de Valência); Ana Isabel Martín Ferreira, Miguel Ángel González Manjarrés (Univ. de Valladolid); César Chaparro Gómez, Eustaquio Sánchez Salor, Luis Merino Jerez, Pedro Juan Galán Sánchez (Univ. de Extremadura); Francisco García Jurado (Univ. Complutense de Madrid); José María Maestre Maestre, María Violeta Perez Custodio (Univ. de Cádiz); Francesco De Martino (Univ. di Foggia); Giovanni Salanitro (Univ. di Catania); Jacyntho Lins Brandão (Univ. Federal de Minas Gerais); Maria das Graças de Moraes Augusto (Univ. Federal do Rio de Janeiro); José Antonio Alves Torrano, Wilson Alves Ribeiro Júnior (Univ. de São Paulo); Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Univ. Estadual Paulista); Gerardo Ramírez Vidal, Martha Patricia Irigoyen Troconis (Univ. Nacional Autónoma de México); António Manuel Andrade, Carlos Manuel Morais, Emília M. Rocha de Oliveira, João Manuel Nunes Torrão e Maria Fernanda Brasete (Univ. de Aveiro); Alessandra Foscati (Univ. de Lisboa), António Melo (Univ. Católica Portuguesa), Bernardo Mota (Univ. de Lisboa), Cristina Pinheiro (Univ. da Madeira), Gabriel Silva (Univ. de Lisboa), Joaquim Pinheiro (Univ. da Madeira), José Sotero Gomes (Hospital da Luz, Funchal); Palmira Fontes da Costa (Univ. Nova de Lisboa) e Rogério Sousa (Univ. de Lisboa).

Traduções

Responsáveis pela tradução e/ou revisão linguística dos resumos e palavras-chave: **Espanhol:** Carlos de Miguel Mora; **Francês:** Maria Eugénia Tavares Pereira; **Inglês:** Paulo Alexandre Pereira.

Indexação

A revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* está indexada em: *Arts and Humanities Citation Index — ISI Web of Knowledge*; C.I.R.C.; DIALNET; DOAJ; ERIH PLUS; L'ANNÉE PHILOLOGIQUE; LATINDEX; MIAR; QUALIS; SJR.

EBSCO Publishing

Índice

Artigos	9
Cristina Santos Pinheiro, <i>In limine: Gynecia. Estudos sobre a tradição médica de ginecologia e embriologia</i>	11
Primeira Secção	15
Helen King, <i>Seeing the bigger picture: what is gynaecology for? / Ampliando o campo de visão: para que serve a ginecologia?</i>	17
Anna Tatarkiewicz, <i>Souffrances des accouchées. Les moyens antiques d'avancer l'accouchement et de calmer ses douleurs / Suffering in childbirth. Ancient ways to augment labour and reduce pain</i>	49
Mónica Durán Mañas, <i>El papel de la fisiología femenina en los tratados sobre la flebotomía de Galeno / The role of female physiology in Galen's treatises on phlebotomy</i>	65
Raf Praet, <i>From the Womb to the Page: Gynaecology and History in John of Lydia / Do útero para a página: ginecologia e história em John Lydus</i>	91
Alessandra Foscati, <i>"An mola sine viri congressu concipi possit?" The Uterine Mole in Medical and Philosophical Texts between the Middle Ages and the Early Modern Period / "An mola sine viri congressu concipi possit?" A mola uterina nos textos médicos e filosóficos entre a Idade Média e o início da Época Moderna</i>	117
M. Victoria Domínguez-Rodríguez & Gregorio Rodríguez Herrera, <i>De morbis (Practica) puerorum atribuido a Gordonio (siglo XV): análisis comparativo entre Vaticanus Latinus 10213, fol. 541^{r(a-b)} y Ms. Sloane 71, fols. 81^r-83^v / De morbis (Practica) puerorum attributed to Gordon (15th century): a comparative analysis between Vaticanus Latinus 10213, fol. 541^{r(a-b)} and Ms. Sloane 71, fols. 81^r-83^v</i>	139
Ana I. Martín Ferreira, Victoria Recio Muñoz & Cristina de la Rosa Cubo, <i>La satiriasis femenina en Amato Lusitano (a propósito de la curatio 6.97) / Female satyriasis in Amato Lusitano (on curatio 6.97)</i>	169
Alicia Rodríguez-Álvarez, <i>El tratamiento de los "monstrous births" en tratados obstétricos ingleses del siglo XVII: entre el relato de prodigios y el texto científico / The treatment of "monstrous births" in 17th-century English obstetrical treatises: between the prodigy narrative and the scientific text</i>	197
Paula Almeida Mendes, <i>"La vida de la preñada, es vida privilegiada." Olhares em torno da gravidez e do género feminino na literatura ibérica (séculos XVI-XVII) / "La vida de la preñada, es vida privilegiada." Views on pregnancy and the female gender in Iberian literature (16th-17th centuries)</i>	227
Alexandra Esteves, <i>Alguns olhares sobre a menstruação / Some views on menstruation</i>	247
Segunda Secção	267
Virgínia Soares Pereira, <i>Deontologia médica e condição jurídico-moral da mulher em Rodrigo de Castro / Medical deontology and legal-moral status of women in Rodrigo de Castro</i>	269

Cristina Santos Pinheiro, <i>From Flesh to Text: The Chapters on the Uterus and Its Parts in Rodrigo de Castro's De uniuersa mulierum medicina / Da Carne ao Texto: os capítulos sobre o útero e suas partes no De uniuersa mulierum medicina de Rodrigo de Castro</i>	293
António Maria Martins Melo, José Sílvio Fernandes & Cristina Santos Pinheiro, <i>A perspectiva de Rodrigo de Castro sobre as características do sangue menstrual / Rodrigo de Castro's perspective on the characteristics of menstrual blood</i>	319
Miguel Ángel González Manjarrés, <i>Quae in ipso coitu observanda. Técnica compositiva en un capítulo de la Uniuersa muliebrium morbōrum medicīna de Rodrigo de Castro / Quae in ipso coitu observanda. Compositional technique in a chapter of Rodrigo de Castro' Uniuersa muliebrium morbōrum medicīna</i>	343
Palmira Fontes da Costa, <i>Hermaphrodites and the understanding of sexual difference in the early seventeenth century / Os hermafroditas e a compreensão da diferença sexual no início do século XVII</i>	373
Emília M. Rocha de Oliveira, <i>A educatio de crianças e adolescentes no De uniuersa mulierum medicina de Rodrigo de Castro / The educatio of children and adolescents in Rodrigo de Castro's De uniuersa mulierum medicina</i>	385
Normas de aceitação de textos	405



Artigos

In limine
Gynecia
Estudos sobre a tradição médica de ginecologia e embriologia

CRISTINA SANTOS PINHEIRO¹ (*Universidade da Madeira, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa — Portugal*)

Os estudos que se reúnem neste número monográfico da Revista *Ágora: Estudos Clássicos em Debate* deveriam ter sido apresentados no II Ciclo Internacional de Conferências *Gynecia*, previsto para os dias 26 e 27 de Março de 2020, na Universidade da Madeira, na envolvência histórica do Colégio dos Jesuítas, no Funchal. A pandemia e a imposição de confinamento não o permitiram. Por esta razão, o volume tem um significado especial, uma vez que vê a luz do dia num momento em que a vacinação se generaliza e se robustecem as perspectivas de recuperação de alguma normalidade.

O conjunto de textos que aqui se publica explora, sob diferentes pontos de vista e com abordagens diversas, a tradição médica sobre ginecologia e embriologia, tema em que se inscreve a pesquisa realizada no âmbito do Projecto “*Gynecia — Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia*” (PTDC/FER-HFC/31187/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O objectivo principal deste projecto é o estudo do tratado de ginecologia da autoria do médico português, *De uniuersa mulierum medicina* (*Medicina completa das mulheres*), publicado várias vezes no século XVII e que granjeou grande notoriedade ao seu autor. Castro, que, a partir da primeira edição desta obra, se identifica no frontispício dos seus tratados como Rodrigo de Castro Lusitano, foi um médico de origem sefardita que abandonou o país em finais de Quinhentos e se instalou em Hamburgo, onde viria a falecer por volta de 1627.

O profundo conhecimento que este autor tinha dos textos médicos anteriores, extremamente influentes na sua obra, torna necessária a contex-

¹ cristina.pinhoero@staff.uma.pt.

tualização do texto de Castro na tradição médica. Obras como os tratados de temática ginecológica e embriológica do Corpo Hipocrático, os textos de Arístóteles sobre biologia ou a obra médica de Galeno, que receberam renovada atenção por parte do humanismo médico, formam a espinha dorsal do referido tratado e da formação médica de Castro. É também relevante na obra a tradição medieval sobre as doenças femininas e, em especial, o número crescente de publicações, coevas de Castro, sobre ginecologia e embriologia. Esta rede de influências implica um estudo profundo e sistemático da tradição que desde a Antiguidade se debruça sobre o corpo feminino enquanto *locus* de processos fisiológicos específicos e imprescindíveis para a reprodução.

Na primeira secção deste volume, reúnem-se os textos que analisam essa tradição, elucidando as suas continuidades e rupturas. O texto de **H. KING** lança as bases de uma discussão de extrema relevância sobre a permanência de interrogações que, desde há séculos, condicionam a forma como encaramos a saúde das mulheres e a abrangência e as implicações da diferença do corpo feminino. **A. TATARKIEWICZ** apresenta uma análise do entendimento do parto, na cultura grega e em particular nos textos médicos, como um momento de dor e de esforço penoso a que é necessário acudir com o alívio do sofrimento. **M. DURÁN MAÑAS** contribui com uma abordagem dos textos galénicos sobre venessecção e como neles se apresenta a diferença entre pacientes do sexo feminino e do sexo masculino. O estudo de **R. PRAET** demonstra a relevância e o carácter técnico do conhecimento do historiador bizantino João, o Lídio, autor do século VI-VII d.C., sobre ginecologia, obstetrícia e embriologia, nomeadamente no que diz respeito ao cuidado do recém-nascido e ao simbolismo dos números associado à concepção e ao parto. **A. FOSCATI** analisa as interpretações acerca da génese da mola uterina desenvolvidas nos textos médicos e como nestes se oscila entre teorias que a atribuem ao comportamento lascivo das mulheres ou que a associam à geração de monstros. **M. V. DOMÍNGUEZ-RODRÍGUEZ & G. RODRÍGUEZ HERERRA** apresentam uma análise de dois manuscritos, de temática tocoginecológica, que transmitem textos atribuídos a Bernardo de Gordónio, o *Vaticanus Latinus* 10213, fol. 541^{r(a-b)} e o *Ms. Sloane* 71, fols. 81^r, bem como uma edição semi-diplomática deste último. No estudo que se segue, **A. I. MARTÍN FERREIRA, V. RECIO MUÑOZ & C. DE LA ROSA CUBO** oferecem uma interpretação da *Curatio* 6.97 de Amato Lusitano, em que o médico albicastrense

expõe o caso clínico de uma monja que sofria de satíriase, comparando-o com o que os autores antigos designavam de sufocação histerica ou estrangulamento do útero. **A. RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ** analisa a interpretação dos nascimentos monstruosos proposta nos textos ingleses de obstetrícia do século XVII, tanto nos de índole popular, com uma abordagem mais sensacionalista, como nos tratados técnicos, que apresentam uma perspectiva mais científica. **P. A. MENDES** contextualiza o *Libro intitulado del parto humano* (1580) de Francisco Nuñez e *Diez Previlégios para mugeres preñadas* de Juan Alonso de los Ruices de Fontecha (1606) num discurso de exaltação das mulheres na literatura ibérica. A pesquisa desenvolvida por **A. ESTEVES**, que encerra esta secção de *Gynecia*, aborda a forma como alguns estudos académicos apresentados à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, entre os séculos XIX e XX, explicam a menstruação, com base em ideias definidas desde a Antiguidade e relacionadas com a inferioridade e a estranheza dos processos fisiológicos femininos.

Na segunda secção, apresentam-se os artigos que exploram o tratado de ginecologia de Rodrigo de Castro, sob diferentes aspectos, contextualizando-o na tradição médica. **V. S. PEREIRA** concentra o seu estudo na avaliação da atitude de Castro em relação à castidade feminina e à interferência das mulheres classificadas como alcoviteiras, integrando-a na literatura coeva sobre o estatuto feminino. **C. S. PINHEIRO** elabora um estudo comparativo dos capítulos de Castro acerca da anatomia do útero e das suas partes, tendo em consideração as características destas e as avaliações de ordem moral que suscitaram. O estudo seguinte, da autoria de **A. M. M. MELO, J. S. FERNANDES & C. S. PINHEIRO**, analisa a argumentação de Castro em defesa da qualidade do sangue menstrual, em resposta à teoria de origem pliniana sobre as suas propriedades venenosas. O contributo de **M. A. GONZÁLEZ MANJARRÉS** constitui uma análise da técnica compositiva de Castro no capítulo *Quae in ipso coitu observanda*, particularmente no que diz respeito à utilização que faz das fontes textuais. **P. FONTES DA COSTA** contextualiza o entendimento e a explicação do nascimento de hermafroditas apresentados por Castro, associando-os à extensa literatura seiscentista e setecentista que desenvolveu o estudo dos nascimentos prodigiosos. **E. OLIVEIRA** apresenta um estudo sobre o regime que Castro entende necessário ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, tópico extremamente frequente nos textos médicos desde a Antiguidade.

Este conjunto de trabalhos aqui publicados mostra bem a pertinência de uma temática em que se cruzam linhas de investigação tão díspares como as que dizem respeito aos estudos sobre as mulheres, à história da medicina e da obstetrícia, à crítica textual, ou à história da infância, em diferentes épocas.

Por fim, uma palavra de agradecimento é devida ao Professor João Nunes Torrão, à equipa da Revista *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, e aos membros da Comissão Científica, pelo labor incansável dedicado à publicação deste número. O meu reconhecimento também aos autores que se juntaram a esta iniciativa, partilhando o fruto do seu trabalho, especialmente em circunstâncias tão insólitas como as que vivemos desde Março de 2020. Agradeço também a todos os membros e consultores do projecto *Gynecia* que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento da investigação sobre Castro e a tradição médica.



Primeira secção

Seeing the bigger picture: what is gynaecology for?

Ampliando o campo de visão: para que serve a ginecologia?

HELEN KING¹ (*The Open University — United Kingdom*)

Abstract: This paper situates Rodrigo de Castro Lusitano's *De uniuersa mulierum medicina* (1603), within the longer history of gynaecology and of the questions raised by having a separate branch of medicine dedicated to women. I argue that the focus of 'gynaecology' has historically been on difference: on women's bodies being seen as fundamentally different from those of men. I argue that one danger of the recent resurrection of a focus on difference is that it could lead to negative changes to women's roles in society.

Keywords: Difference; Hippocratic; binary; hermaphrodite; language; gynaecology.

The question I am posing in the title of this chapter is intended to help us to consider the wider contexts of Rodrigo de Castro Lusitano's *De uniuersa mulierum medicina* (1603), not just within its own world but within the longer history of gynaecology. It is a question that I have been asking throughout my academic career, and it may seem to have a very obvious answer: perhaps on the lines that the purpose of gynaecology is to understand female anatomy and physiology, in order to provide the most effective healthcare for women. But what is it to be a woman? Do women really require a separate branch of medicine, and different treatments to those given to men? Should we focus more on similarity, or on difference? How far does the female body map on to the male body, with analogies between the organs, or is the womb something with no male analogue? Our answers to such questions will also reflect what we mean by 'gynaecology', in terms of both the word and the concept. If we are considering the English word, Roberta McGrath traces it to between 1820 and 1850: if instead we are concentrating on the institutional expression of the discipline, through specialist hospital departments and subject diplomas, then the work of Jeanne Peterson and Ornella Moscucci suggests that this occurred only in the second half of the nineteenth century².

For the purposes of this paper, however, I am using a far broader definition and regarding 'gynaecology' as a concept with a much longer history.

Text received on 11/01/2021 and accepted on 15/02/2021.

¹ helen.king@open.ac.uk.

² McGRATH (2002) 34; PETERSON (1978) 270-271; MOSCUCCI (1990) 5.

I am also bearing in mind that the line between gynaecology and midwifery has been drawn very differently in the past, when the midwife's role has been assumed to extend to women's reproductive health and disease outside childbirth, and also to the diseases of young children. The terms *Gynaecia* and *Genecia* were used in late antiquity and the Middle Ages as titles for Latin works on generation, gynaecology and midwifery, such as Vindicianus' fourth-century AD treatise, or Muscio's fifth- or sixth-century AD treatise which was an adaptation of Soranus; indeed, Soranus's own treatise from the second century AD comes down to us under the same title³. The Hippocratic term *Gynaikēia*, usually translated as 'Diseases of Women' when the treatises known under this title are rendered into English, originally meant several related things: women's genitalia, menstruation, women's diseases and the remedies for women's diseases⁴. 'Gynaecology', as this list of interests suggests, is an approach which places the emphasis on *difference*: on women's bodies as being, to a greater or a lesser extent, fundamentally unlike those of men, in such a way that their healthcare needs to take this difference into account. Writing this from the perspective of 2020, however, I immediately find this focus on difference problematic, and in more than one way. There are competing pressures now, with some arguing for a greater emphasis on difference, and others looking more towards a spectrum of sexual and gender identities. How far does the 'difference' of women's bodies extend, and what if anything does it imply for their social roles?

In this chapter I want to consider what gynaecology has meant historically, but also think about what its focus on difference says to medicine, and to society more broadly, today. After discussing the history of the concept, I will conclude by considering the parallels between historical and current

³ STOLBERG (2003) 288 n. 38. For a summary of the textual history of Muscio, GREEN (2009) 171-181. In addition to the late antique treatises of this name by Theodorus Priscianus, Constantinus Africanus and Muscio, and the *Genecia Cleopatrae*, there was also a Hebrew work entitled *Sefer ha-ém el Gálinas hû ha-niqla Genicias* (translated as "Galen's Book on the Womb, Which is Called Genicias"), a twelfth-century work partly based on Muscio, translating *De passionibus mulierum* version B (HANSON and GREEN (1994) 1054) and known in late fourteenth or early fifteenth century manuscripts. BARKAI (1998) 56.

⁴ KING (1998) 23.

discussions on the primacy of the male or of the female in anatomical terminology, and on sex change.

The origins of gynaecology

The idea of a book or a medical specialism focused on separating women from men, in terms of their bodies and of the medicine seen as most appropriate to them, reflects a further, related, question: namely, is gynaecology necessary? Are women really so different that they need their own branch of medicine? The earliest written response to these questions occurs in the Hippocratic *Diseases of Women* 1.62, perhaps compiled in the early fourth century BC from earlier texts or ideas. This passage argues that gynaecology is essential, and presents the focus on the ‘difference’ of the female body as having real benefits for women’s health: women should not be treated like men, because “the treatment (*iêsis*) of the diseases of women differs greatly from that of men”⁵. The passage goes on to state that women are ashamed — or, to translate this a little differently, are too modest — to reveal their disorders to men, and find these conditions difficult to understand for themselves, at least until “time and necessity” instruct them as to how their bodies work⁶.

It was Paola Manuli who identified this passage as “the founding act of Greek gynaecology”: it is certainly a clear statement of difference, using the verb *diapherein*⁷. Importantly, this difference is one extending to *all* diseases of women, not merely to those we would now consider associated with the reproductive organs. In earlier chapters of *Diseases of Women* 1, women’s flesh is described as being of a more absorbent texture than that of men, which is why their bodies experience a build-up of blood over the course of the month; blood which must then be regularly expelled, if they are to remain healthy.⁸ Manuli regarded the origins of these Hippocratic texts as lying in punitive male

⁵ In the Loeb translation, this is “for there is a great difference in the treatment of women’s diseases and that of men” (tr. POTTER (2018) 131).

⁶ On the translation of the terms used here as ‘shame’ or ‘modesty’, see KING (2013a) 194–195.

⁷ MANULI (1980) 402; MANULI (1983) 149–204.

⁸ *Diseases of Women* 1.1, ed. LITTRE, 8.10–14.

fantasies and, rejecting any suggestion that the goal of this focus on women's difference was effective healing, saw the treatment recommendations instead as "medical terrorism", more as punishment for women who were not conforming to their roles than as therapy. She focused on those elements of the Hippocratic theory of the female body which to us seem bizarre — the wandering womb, and treatment by fumigations in which smoke is passed in through the vagina — and found it difficult to believe that women would have thought about their bodies in this way. Of course, we cannot know this. Aline Rousselle argued that the Hippocratic texts represented "'women's knowledge', based on observation, which the Hippocratic doctors have copied"; Nancy Demand proposed that it was women who created the knowledge and men who then transmitted it; while Lesley Dean-Jones noted that the medical texts themselves claim to contain "privileged information available only from women"⁹. 'Women's knowledge', however, does not necessarily have to be that different from the wider beliefs of their culture, and I have instead argued that women would have conformed to their culture's image of their bodies, even if they put a different, more positive, spin on it; for example, the medical claim found in *Diseases of Women* 1.6 that healthy menstruation should mean losing blood "like a sacrificed beast" could be interpreted as making women into important channels between mortals and the divine¹⁰. In terms of their health, I have also shown that the system of medical beliefs left a certain amount of agency to women patients who, for example, had the power to end a treatment by embracing the theory of the wandering womb in order to confirm that their wombs were now back in the correct place¹¹.

The *Diseases of Women* treatises are not the only part of the Hippocratic corpus in which difference is emphasised. The grouping together of comments on women in the *Aphorisms* suggests this too; Ann Hanson has noted the similarity in the model of the female body as given in *Diseases of Women* and in *Aphorisms*, and a similar view is found in *Glands* 16, where women's bodies retain moisture because they are loose-textured (*araios*), spongy (*chaunos*) and

⁹ ROUSSELLE (1980) 1094; DEMAND (1994) xvi; DEAN-JONES (1994) 27.

¹⁰ KING (1998) 88-98.

¹¹ See e.g. KING (1995b) 199-218.

like wool (*eirion*)¹². This shared focus on flesh — and thus on the whole body — as the locus of difference forms a contrast with another Hippocratic treatise, *Places in Man* 47, which, at the end of a treatise on an undifferentiated humanity, adds a chapter on women, stating that a particular organ is the issue: “the womb is the origin of all diseases of women”.

In Soranus’s *Gynaecology*, written in the second century AD, the first five chapters of Book 3 ask a similar set of questions about the need for, and the purpose of, gynaecology. Do women have conditions which are unique to their sex? And, if they do, does it follow that they need treatment which is specific to their sex? Soranus usefully summarises the range of answers to these questions given in the preceding centuries; Diocles, Miltiades, Lucius and Demetrius had responded by emphasising women’s difference, while others had disagreed, arguing instead that women’s bodies are made of the same material as men’s. In providing this invaluable overview of treatises which are now mostly lost, such as Diocles’ *Matters Related to Women*, Soranus does not mention Hippocrates by name, or quote from *Diseases of Women* 1.62. However, in a possible echo of *Places in Man* 47, he notes that the womb is unique to women so that anything associated with it will be specific to women. Yet, beyond conditions associated with women’s unique organs and functions, he himself believes that women are, essentially, the same, with their illnesses being caused by the Methodist principles of constriction and flux.

Enter Hippocrates

It was Hippocrates, rather than any of those writers listed by Soranus, whose work survived and who came to be associated with this focus on difference: “the treatment of the diseases of women differs greatly from that of men”. Hence my term for this view is ‘the Hippocratic imperative’, and I have previously identified three historical ‘moments’ when this was followed¹³. One

¹² HANSON (1989); *Glands* 16, ed. POTTER (1995) 124.

¹³ KING (2005) 47-58; KING (2007). The only extant manuscript of Soranus is the fifteenth-century BN Paris Gr. 2153, discovered only in 1830, and that itself is a complex document mixing Soranus with Aetios of Amida’s Book 16. Until then, Soranus’s work was only known through quotations preserved in other ancient medical writers, and through the various translations/adaptations made by Caelius Aurelianus, Theodorus Priscianus and Muscio; HANSON and GREEN (1994) 1043-1057.

such moment was in classical Greece: another in the nineteenth century, as identified by McGrath, Peterson and Moscucci. The impact of menstruation on the body was, in both contexts, seen as immense. For example, Edward Clarke taught at Harvard Medical School; his *Sex in Education; or, A Fair Chance for the Girls* (1873) argued that women who overused their brains, particularly immediately after puberty, would have no more vital force left to supply their reproductive systems, meaning that the education of women threatened the survival of the species. This book went into seventeen editions in the following thirteen years, and his ideas featured in popular works¹⁴.

Between these moments of strong emphasis on women's difference, a further flurry of activity making these claims occurred after the publication in 1525 of Marco Fabio Calvi's Latin translation of the complete Hippocratic corpus, which included all the Hippocratic *Diseases of Women* treatises which had previously circulated only as selected extracts¹⁵. This sixteenth-century rediscovery of the large body of gynaecological works within the corpus meant that Hippocrates became celebrated as the man who had finally categorised the different types of 'woman' and who had made sense of the ways their bodies shifted over the course of a lifetime¹⁶. But this rise of Hippocrates as the gynaecological expert was not immediate. There was a lag not just while these texts were being studied and absorbed, but also while manuscripts written well before 1525 went on being read, combined in new ways and published. For example, when *The Birth of Mankind* (first published in 1540) announced that it was focused on "the reason of many diseases which happen peculiarly to women, and the causes thereof", *Diseases of Women* was not cited in support of this aim, partly at least because *The Birth of Mankind* was based on the 1513 *Rose Garden* of Eucharius Rösslin¹⁷.

The main driver of the sixteenth-century rediscovery of the Hippocratic imperative was not the 1525 translation on its own, but the compendium of ancient and contemporary texts on gynaecology known as the *Gynaeciorum*

¹⁴ WALKER (1997) 39; FREIDENFELDS (2009) 75-77.

¹⁵ CALVI (1525).

¹⁶ KING (1999) 499-515; KING (2007) 33, on DE LA CORDE; STOLBERG (2003) 274-299.

¹⁷ HOBBY (2009) 12, xvi; and see now GREEN (2009) 192, concluding that the *Rose Garden* was "neither *sui generis* nor a work created out of thin air".

libri. First published in 1566 and made possible by the addition of the newly-translated Hippocratic treatises to the existing body of ancient authorities in the field, it brought together a range of treatises from across Europe in which the authors discussed women's medicine. One such treatise was even translated from the vernacular into Latin in order to be included: François Rousset's *Hysterotomotokia*, first published in French in 1581 and included in the second edition of the *Gynaeciorum libri* which appeared in 1586-88¹⁸. This edition also included Maurice de la Corde's commentary on *Diseases of Women* 1; in the preface to the original publication of this commentary, de la Corde described the "immense gulf" between the sexes¹⁹. In Israel Spach's preface to the third and final edition, of 1597, the *Diseases of Women* manifesto on female difference was discussed at length. Spach maintained that the third edition was needed because of the continued demand for these texts devoted to the diseases of women, and thus to difference²⁰. The Hippocratic claim for difference also featured on the title page of Maurice de la Corde's commentary on the text *Diseases of Young Girls*, published in 1574²¹. Monica Green has described Johan Georg Schenk's list of all the many writers of gynaecology known to him, published in 1606, as "a manifesto that gynaecology had 'arrived' as its own special field"²². It was Hippocrates who justified the existence of this learned, male-controlled gynaecology. As Green points out, if it had been Soranus instead whose work had re-entered the medical mainstream in 1525, a rather different gynaecology would have emerged; one in which educated midwives, rather than male physicians and surgeons, were expected to be the main practitioners²³. We could add to that a further point: it would also have been a less dramatic 'gynaecology', one which saw differ-

¹⁸ KING (2007) 3. On ROUSSET, see now FOSCATI (2021). On Michele Savonarola's hope that one of his works, written in the vernacular in around 1460, would similarly be translated into Latin, see GREEN (2009) 182.

¹⁹ KING (2007) 33-34.

²⁰ SPACH (1597), *Gynaeciorum sive de Mulierum tum communibus, tum gravidarum, parientium et puerperarum affectibus et morbis libri Graecorum, Arabum, Latinorum veterum et recentium quotquot extant, partim nunc primum editi, partim vero denuo recogniti, emendati*.

²¹ DE LA CORDE (1574).

²² GREEN (2008) 282.

²³ GREEN (2008) 286.

rence as being focused in the organs of generation rather than in the flesh of the entire body.

While Castro thought that the *Gynaeciorum libri* collections were a mixture of “excellent doctrine and wild speculation” — hardly surprising when they brought together very diverse treatises, including Caspar Wolf’s attempt to merge Muscio, ‘Cleopatra’ and Theodorus Priscianus in his *Harmony of Gynaecologies* — he followed the Hippocratic imperative, and honoured him as “supreme father of medicine”²⁴. Hippocrates is *sapientissimus Hippocrates*, and it is he who had first recognised how the conditions affecting women need to be treated with knowledge specific to their bodies²⁵. In this he is repeating the *Gynaeciorum libri* authors. Luís Mercado, whose work was included in the second and third editions of the *Gynaeciorum libri*, echoed the Hippocratic founding text when he wrote that “Physicians commit a sin when they cure women’s illnesses in the same way as those of men. The treatment of women’s diseases is very different from that of men’s conditions” and also that women “suffering from a thousand diseases were getting no help, or only that which is useless or inappropriate”²⁶. The “thousand diseases” may be a reference to the letter imagined to have been written by Democritus to Hippocrates, perhaps dating to the first century AD and labelled *On the Nature of Man*, in which the womb is “contributor of myriad difficulties in women”²⁷. While the Hippocratic texts insisted on the difference between the sexes at the fundamental level of the flesh, Mercado –

²⁴ On the *Harmonia* see GREEN (2008) 281 and n. 107; MACLEAN (1980) 29; ARRIZABALAGA (2009) 118, quoting Castro, *Medicus-politicus* (Hamburg: ex Bibliopolio Frobeniano, 1662), 84-5.

²⁵ CASTRO, *Preface*, <https://projectgynecia.uma.pt/wp-content/uploads/2020/10/Pref%C3%A1cio-vol-1.pdf> accessed 4 December 2020; BONDIO and FÖRG (2020) 223.

²⁶ LUÍS MERCADO, *De mulierum affectionibus libri quatuor*, Valladolid: D. Fernandez, 1579, Preface; first translated section from POMATA (2013) 327-329; KING (2007) 32. MERCADO in SPACH (1597) 807: *Sed & medici simul peccant non exacte causam morbi percontantes, sed velut viriles morbos sanantes ... multum enim differt muliebrium morborum ac virilium curatio*; p. 808, *Quae quidem causa dum uterus perperam naturalia munia exequitur, mille morborum fortibus universum foeminarum corpus permit*. See also STOLBERG (2003) 289.

²⁷ SMITH (1990) 105.

like Soranus – deviated from the full Hippocratic imperative by locating it at the level of “the different structure and location of the genitals”²⁸.

The voice of the patient

As Giulia Pomata has pointed out, from the collections of case histories created in the sixteenth century, there is plenty of evidence that the Hippocratic emphasis on difference was not merely a theoretical one but was given practical expression, in that conditions not affecting the reproductive organs called forth different remedies according to the sex of the patient²⁹. Other aspects of *Diseases of Women* 1.62 were repeated widely in the history of medicine, especially the claim that the effective treatment of women is further hindered by shame: they are not willing to speak to their doctors about their illnesses. This is also a key plot line in the popular story of Agnodice, the ‘first midwife’ or ‘first female doctor’, who gains a clientele by showing her embarrassed potential patients that she is in fact a woman in disguise. It is impossible to tell whether it is the Hippocratic passage, the story of Agnodice or a merger of the two which lies behind the many Renaissance and early modern mentions of the ‘shame’ trope, often placed in the introduction justifying the production of a book on women’s diseases³⁰. The trope can justify not just books on the topic, but also the use of female personnel. In the fifth century AD, echoing the Agnodice story, Caelius Aurelianus argued that women doctors were essential because a woman would not show the diseases of her genital organs to a man³¹. The *Dedication* to Hermannus Corbeus, *Gynaecium* (1620), includes a reference to women not daring to consult

²⁸ Cited in STOLBERG (2003) 288 and n. 40: *potentissima causa diuersitatis est diuersa genitalium structura et sedes*.

²⁹ POMATA (2013) 327-329; KING (2007) 34.

³⁰ On the routine of introducing a work on gynaecology or obstetrics with a comment on women being too ashamed to see a male practitioner, see KING (1995a) 187; GREEN (2008) 33 points out that these stories of women’s shame are even being used as “the motivation for *writing down* the traditions of gynaecological and obstetrical knowledge”. I have discussed the story of Agnodice (from Hyginus, *Fabulae* 274) and its reception extensively in KING (2013b).

³¹ DRABKIN and DRABKIN (1951) 1: *hinc denique consultum est ut medicas instituere antiquitas providisset, ne femine pudendorum vitia virilibus offerrentur oculis perscrutanda*; GREEN (2008) 33.

doctors because of ‘*pudor*’: shame³². John Sadler’s 1636 *Sick Woman’s Private Looking-Glass* stated that a woman, “through her modesty, being loth to divulge and publish the same unto the Physician to implore his aide, she conceals her grief and so increases her sorrow”³³.

Giulia Pomata has argued that a further development in Renaissance medicine was a move, at least at a rhetorical level, towards hearing the voice of the female patient criticising male physicians: here, she cites Castro citing Soranus on how women say that men

*write book upon book on the slightest of your afflictions, you fill libraries with heavy volumes, and we meanwhile are tortured with the direst and most grievous pains of which you make not the slightest mention*³⁴.

The origin of this passage is not clear; it does not feature in the work of Soranus which, in any case, was poorly known in the Middle Ages and Renaissance³⁵. It suggests that Soranus is a key player in the development of the Hippocratic imperative, which is odd when Castro makes only one other reference to him in *De uniuersa mulierum medicina*, and that does not concern women and their difference³⁶. The scenario in which women attack men for

³² HERMANNUS CORBEUS (1620), *Gynaeceium, sive de cognoscendis, praecavendis curandisque praecipuis mulierum affectibus, libri duo*.

³³ SADLER (1636), *The Sick Woman’s Private Looking-Glass*, Epistle Dedicatory.

³⁴ Tr. POMATA (2013) 331, citing the preface to *De uniuersa mulierum medicina: O male occupatum uirorum genus, occidimur nos non morimur: et ab illis, qui inter uos peritissimi existimantur, perperam curatae, uos uero de qualibet uel leuissima uestrarum affectionum libros ex libris facientes bibliothecas uoluminibus oneratis, de nostris interea diris ac difficilimis cruciatibus, nulla uel exigua, et ea quidem satis oscitanter, mentione facta* (Pinheiro, C. S., Mota, B. & Silva, G. A. F. (2020), O prefácio do volume I do *De uniuersa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro Lusitano (edição do texto latino e tradução). Retrieved from <https://projectgynecia.uma.pt/wp-content/uploads/2020/10/Pref%C3%A1cio-vol-1.pdf>, 5-6).

³⁵ KING (2007) 15-16.

³⁶ This is a reference to the reason why children cry at their birth. I owe this reference to Cristina Santos Pinheiro; it appears on p. 217 of the Hamburg edition of CASTRO; *Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum Medicina nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absoltissimum; et studiosus omnibus utile, medicis uero pernecessarium (Pars prima Theorica)* (Hamburg: Johann Froben, 1617). On tears see HORSTMANSHOFF, KING and ZITTEL (2012) 6-7, and HORSTMANSHOFF (2014) 305-323, opening with Pliny, *Natural History* 7.1.2 on crying as the first activity of human beings.

their failure to help them echoes the Agnodice story in which, when Agnodice is accused of malpractice, the women of Athens accuse their menfolk of being “not husbands, but enemies, for you condemn to death she who brought us life”³⁷. The claim that there are not enough books for, or about, women also features in other areas of knowledge. For example, Francesco da Barberino’s *Del reggimento e costume di donna* (completed by 1318-20), asserts that, while many books have been written about manners and morality for men, none have been written for women³⁸.

The ‘Soranus’ quotation, whatever its source, is repeated by other gynaecological writers, who most probably copied it direct from Castro. Pomata describes Jacques Guillemeau as using “This same invective” in his *De l’heureux accouchement des femmes*, published in 1609, so only six years after Rodrigo de Castro; but this is less about the same invective as about precisely the same text. In the 1612 English translation, *Child-Birth: Or, the Happy Delivery of Women*, Guillemeau’s *Introduction to the Reader* states that he has been “incited” to write his work “by reading the complaints of women, related by Soranus”³⁹. He quotes the same wording as Castro: “O male occupatum virorumgenus! Occidimur nos, non morimur: & ab illis qui inter vos peritissimi existimantur perperam curatae. Vos de qualibet levissimi vestrarum affectionum, libros ex libris facientes, bibliothecas Voluminibus oneratas, et nostris interea diris & difficilimis cruciatibus nulla vel exigua mentione facta” and translates it as

³⁷ Hyginus, *Fabula* 274.

³⁸ BARBERINO (1875) 3:

“Novellamente, Franciesco, parlai

Coll’Onestade,

Ed a preghiera di molte altre donne

Mi lamentai collei,

E dissi, ch’erano molti

C’aveano scritt’ I’libri

Costumi ornati d’omo, ma non di donna.”

I owe this reference to Gabriella Zuccolin.

³⁹ In French, this is a singular ‘complaint’: “lisant la complainte des femmes recitée par Soranus”; JACQUES GUILLEMEAU, *De l’heureux accouchement des femmes* (Paris, 1609); *Child-Birth or, the Happy Delivery of Woman* (London, 1612). He misses out the phrase *et ea quidem satis oscitanter*. Guillemeau could read Latin and so would have been able to use Castro.

*O men, how ill do you bestow your time and pains? Alas we women die not, but are tormented even to death: for those that are accounted the most expert and skilful among you, take not that care of us which you should: you fill whole libraries with large volumes of every light and trivial disease of your own, making little or no mention of all of our cruel and insupportable torments*⁴⁰.

The identical Latin passage of ‘Soranus’ also features in John Maubray’s 1724 *The Female Physician* where it is introduced with “But now a-days Women may well complain and cry out”, and then summarised as “That Men, in short, study their own Good, and take more Care of Themselves than of the Women.”⁴¹ Maubray is explicitly using Castro and Guillemieu (named here as “Guillaume de Paris”) among his sources, listing them formally and using Castro twice, Guillemieu once, in the text, although neither is cited as his source for this particular section. The passage is also used in the editor’s preface to Georg Daniel Coschwitz’s *De gravidarum et puerperarum ... regimine et affectibus* of 1732, where the summary is *sed quia sciam, quod nunquam satis dicatur, quod nunquam satis discatur, neque boni illam satietatem fieri posse statuam*. It also features, but without the ‘Soranus’ attribution, in the approval from the Real Colegio de Barcelona that prefaces a 1765 work, *Compendio de el arte de partear, compuesto para el uso de los Reales Colegios del Cirurgia*⁴².

Whatever the origin of this ‘Soranus on the complaints of women’ passage, it owes more to the Hippocratic imperative than to Soranus: its message is that women’s diseases, arising from the extent of the difference of their bodies from those of men, have not been taken sufficiently seriously by men. Here, the focus is specifically on the need for books about women’s diseases rather than on the need to treat them differently; in the aftermath of the three editions of the *Gynaeciorum libri*, this seems an odd claim to be making.

Gynaecology for women

The assertion that there is not enough written on women relates to another *topos* which is part of the history of gynaecology: that when books are written for women themselves, about their own bodies – whether this is

⁴⁰ WORTH-STYLIANOU (2007) 370.

⁴¹ MAUBRAY (1724) viii-ix.

⁴² Barcelona: Thomas Piferrer.

for women medical attendants or for women patients – these books need to be in simple language so that women’s minds will be able to cope. For example, in Muscio’s abbreviated version of the Soranus *Gynaecology*,

*But when I saw how large the work was to be, and that women’s spirits could for this reason quickly become exhausted because of the size of it, I decided to follow the brevity of the Cateperotiana, so that I might seem to say everything and yet not compose a large work*⁴³.

The Cateperotiana (from the Greek “According to questioning”) was a question and answer version of Soranus, lost in its original Greek but used by Muscio⁴⁴.

In the Soranus ‘complaints of women’ there are as yet no books at all on women’s diseases: whereas, in Muscio, there are, but the need is for books which women themselves can read. This could mean the simplicity of the language, or even the language itself. A further variation on the need for gynaecology books comes in Jane Sharp’s *The Midwives Book* (1671), the opening section of which includes the famous comment that

*It is not hard words that perform the work, as if none understood the Art that cannot understand Greek. Words are but the shell, that we oftentimes break our Teeth with them to come at the kernel, I mean our brains to know what is the meaning of them; but to have the same in our mother tongue would save us a great deal of needless labour*⁴⁵.

This powerful call for medicine in the vernacular was typical of her period. At the end of the first volume of *The Midwives Book*, Sharp concludes her description of the generative organs of both sexes by again emphasising her avoidance of “hard names” and writing that she has not given “the meaning of them where there is no need, unless it be for such persons who desire rather to know Words than Things”. It is worth noting, however, that despite her disdain for Greek, the cervix is described as follows: “the whole Orifice

⁴³ *Sed cum vidissem grande corpus futurum et posse muliebres animos hac ratione cito prae magnitudine lassari, placuit cateperotianorum brevitatem fuisse secutus, ut omnia dicere videar et non grande corpus perfecisse.* Translation from BOLTON (2015) 59.

⁴⁴ HANSON and GREEN (1994) 1029-1031.

⁴⁵ SHARP (1999) 12-13. On Sharp’s identity and the possibility that a male writer produced the book under her name, see now WALSH (2014) 223-241.

with the slit transverse is like the Greek Letter Theta"⁴⁶. Women's bodies, apparently, speak Greek. Once books were written, then — and Sharp, whoever she or possibly he was, certainly had access to many published books — it was soon being argued that they needed to be in a form which women could use, whether that meant brevity, the use of the vernacular, or both. Sharp used several of Nicholas Culpeper's works, including *Practical Physick* — his translation of the German Daniel Sennert's *Practicae Medicinae* — and his 1662 *Directory for Midwives*, and Culpeper was a strong advocate for medical books in the vernacular⁴⁷.

The expressions of women's difference, and the proper response to it, thus move between: the claim that women's difference is not properly acknowledged; the claim that men are not writing books about the disorders which affect women; the claim that such books, where they do exist, are not accessible, either through their difficulty or through the language in which they are written. A further argument came into play in seventeenth and eighteenth-century Europe: that books were irrelevant, and that experience of the body, as gained in treating women and in particular in attending childbirth, was more valuable than any written text. This was argued not only by women, but also by men: for example, Edward Poeton, *The Midwives Deputie* (written in the 1630s), in which vernacular medical texts are tested against the experience of the birthing chamber, and Percival Willughby's unpublished 1670 *Observations in Midwifery*, which warns of the dangers of a young midwife who has only "read a little in a midwife's book" and who simply shows the pictures to potential clients⁴⁸. Sharp, too, praised "a long and diligent practice" as more important than books⁴⁹. A late seventeenth-century advertisement for the services of Sarah Cornelius de Heusde, widow of Dr Sasbout, criticised those "old Women and Midwives, who sometimes have a little Book, out of which they gather their Sciences", recommending instead her own medical training, acquired from her physician father and husband⁵⁰.

⁴⁶ SHARP (1999) 64.

⁴⁷ SHARP (1999) xxii.

⁴⁸ WILLUGHBY (1863) 72-73 and 341; KING (1993) 121; RICHARDS (2015) 448-449.

⁴⁹ SHARP (1999) 12.

⁵⁰ British Library C.112.f.9 (61).

Difference: danger or solution?

When I began to study ancient Greek gynaecology back in the 1980s, I saw the focus on ‘difference’ for which the Hippocratic imperative argued as a dangerous position to take. When arguments about women’s inability to learn, to think or to participate in civil society have gained ammunition from a focus on women’s physical differences, how can any approach to the female body which foregrounds these be seen as positive? However, in our own time the claim for difference has been resurrected, and it is that which I wish to examine in the second part of this chapter. When giving a paper on Hippocratic gynaecology to a medical audience in Virginia, I expected people to want to consider how things have changed: instead, they praised the medicine I had been discussing precisely because of its insistence on difference.

When my audience was so positive about difference, this was not in the same vein as historical writers who had insisted that women’s ‘difference’ was not necessarily a sign of any inferiority, but was something intended by Nature, or by God, for broader purposes. Clearly referencing Aristotle’s often-misunderstood view of women as ‘deformed’ males, Galen had insisted that “you ought not to think that our Creator would purposely make half the whole race imperfect and, as it were, mutilated (Gk *ateles kai hoion anapêron*), unless there was to be some great advantage in such a mutilation”⁵¹. Galen used the term *atelesteron*, ‘less complete’; women are not as ‘complete’, not as ‘perfect’, as men, due to their lack of heat⁵². For us, ‘deformed’ or ‘less perfect’ remain loaded terms; but for Aristotle and Galen, these words were simply another way of expressing what Rebecca Flemming has called women’s ‘critical inability’, the lack of heat which meant that they could not make semen⁵³. For these ancient writers, what was meant by

⁵¹ On the wording of Aristotle on ‘deformity’, see CONNELL (2016) 338 ff.; Galen, *Usefulness of Parts* 14.6 (Kühn 4.162, tr. MAY, vol. 2, 630); Galen, *On Seed* II 5.69 (*Corpus Medicorum Graecorum* (CMG), 184): it is precisely because women are wetter and colder that they are able to provide nourishment for the unborn child.

⁵² *Usefulness of Parts*, Kühn 4.161-2.

⁵³ FLEMMING (2000) 119: “It is not so much that the female is inferior as that the inferior is female”. See also SIRAI (1997) 4, on Vesalius’s modifications of Galen’s

‘deformity’ was just a different way of producing and using the body’s fluids, rather than the physical appearance of the organs. When some late sixteenth-century writers returned to Aristotle’s views, they rejected them because they were reading through Galen’s eyes. Luís Mercado wrote in 1579 that “I don’t believe that the female is more imperfect than the male ... considering the goal for which woman has been created, I am led to believe that she is equally as perfect as man”⁵⁴.

It was only in the 1980s — at the time when Paola Manuli was writing, and seeing the Hippocratic insistence on difference as a negative feature for women patients — that it began to be realised how far women’s medicine in Western countries is adversely influenced by assumptions about sex difference. Men — and young white men at that — were still the default setting for medicine. And often this remains the case: for example, Caroline Criado Perez’s *Invisible Women: Exposing data bias in a world designed for men* (2019), a popular science book for a general audience, notes how ‘the typical 70 kg man’ remains the standard, from the illustrations in anatomy textbooks, to drug trials. Until 1988, new drugs tested in the United States were almost exclusively trialled on men. Testing drugs on men, and then using them for women, can lead to overdose, as in some cases women’s bodies eliminate key ingredients more slowly than men. There is a circular argument here. Men are seen as being easier to study, with the changes in women’s bodies over the menstrual cycle making them too complicated to include in a drug trial, with the added concern that there could be risks to an unborn child if the women in the trial become pregnant. Yet when a drug goes on the market, it is still used in women, even though its effects in women have not been studied. Furthermore, drugs which could benefit women may be abandoned early in the clinical testing process because they do not seem to help men. The Society for Women’s Health Research, founded in 1990, raised awareness of the exclusion of women from drug trials and other clinical research⁵⁵. They

teleological approach as demonstrated in *Usefulness of Parts*, “the single work to which the *Fabrica* makes most constant reference”.

⁵⁴ MERCADO (1587) 7, using the translation of POMATA (2013) 335. Compare CASTRO, *De uniuersa mulierum medicina*, 126-31; STOLBERG (2003) 293.

⁵⁵ <https://swhr.org/about/history/timeline/> accessed 4 December 2020.

have also studied sex differences in a wide range of body systems and diseases as well as in the response to a range of drugs; for example, in auto-immunity, bones, lung capacity, perception of pain, and cardiovascular disease. Some differences are the result of sex hormones: others of different experiences and lifestyles. Many aspects of this apparently new focus on difference recall earlier moments in the history of gynaecology; for example, on the bones, according to Castro these differ between the sexes “by reason of the womb and the breasts” and due to women’s lesser amount of heat⁵⁶.

The fact that women do not show symptoms or respond to treatments as men do demonstrates an interesting mix of biology and social expectations. For example, women may ignore the symptoms of a heart attack because they expect the dramatic chest pains found in novels and movies, yet in women the symptoms can be genuinely more diffuse: in turn, influenced by the same assumptions as their patients, doctors may not take these symptoms sufficiently seriously to call for further tests. The United States Office of Research on Women’s Health was set up in 1990 to review the effects of the health care system on women, but Bernadine Healy, director of the National Institutes of Health (NIH) from 1991-93, noted that “research alone cannot correct the disparities, inequities, or insensitivities of the health care system”⁵⁷. In April 2001, the Institute of Medicine published a report arguing that “every cell has a sex”: “There is now sufficient knowledge of the biological basis of sex differences to validate the scientific study of sex differences”⁵⁸. Since 2006, there has been an Organization for the Study of Sex Differences (OSSD) which publishes a journal, *Biology of Sex Differences*; the journal website states that “Sex has profound effects on physiology and the susceptibility to disease. The function of cells and organs depends on their sex, determined by the interplay among the genome and biological and social environments. The

⁵⁶ Part 1, Book 1, Chapter 8, entitled *De ossibus, quae in muliere, uteri et mammarum ratione, a viri ossibus dissident*, pp. 228-9; Stolberg (2003) 285 using CASTRO *De uniuerſa mulierum medicina*, p. 78.

⁵⁷ SCHIEBINGER (2003) 973-977.

⁵⁸ WIZEMANN and PARDUE (2001); online at <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK222288/> accessed 4 December 2020.

study of sex differences is a discipline in itself."⁵⁹ That is a very deep level of 'difference'.

As defined by the NIH, 'women's health' now covers a far wider range of areas than reproductive medicine: diseases unique to women, those which are more likely to be found in women, and those which present differently in women⁶⁰. In this, it has returned the notion of 'gynaecology' to what has been its historically broad range. As a result of this work, the focus on difference which I found disturbing when I began working on Hippocratic medicine has now come full circle, to be seen as best practice.

In the final sections of this chapter, I am going to focus on two ways of expressing and of exploring claims of female difference, both of which allow us to construct a dialogue between historical examples and current concerns: the first is the use of anatomical terminology, and the second the claim that sex change is possible.

Naming parts

The Hippocratic focus of sixteenth-century gynaecology was accompanied by a greater interest in difference within female sexual anatomy: not only the 'discovery' of the clitoris, and an emphasis on how the 'female testes' or ovaries differed from those of men in size and texture, but also defences of the womb as a miraculous organ rather than as a 'sewer' in the body and of menstrual blood as nourishing rather than as excrement⁶¹. In his 1990 book *Making Sex* Thomas Laqueur, as part of his claim for a focus on difference emerging only in the eighteenth century, asserted that it is only in modern times that "Organs that had not been distinguished by a name of their own — the vagina, for example — were given one"⁶². As I have argued elsewhere, this before/after model does not work, failing as it does to account

⁵⁹ <https://bsd.biomedcentral.com/> accessed 4 December 2020.

⁶⁰ SCHIEBINGER (2003).

⁶¹ KING (2007) 55. See also STOLBERG (2003) 286 on the ovaries in comparison with the testes, p. 288 on Joannis Varandaeus asking what the noble womb had in common with the "miserable, hanging sack of men" and p. 294 on menstrual blood as pure blood rather than a waste product.

⁶² LAQUEUR (1990) 149.

for the earlier points in history at which the focus has been on difference, and thus for the resurgence of the Hippocratic imperative⁶³. Laqueur's dating of the naming of female parts to the later period — "A specific terminology for the female anatomy was not developed until the 18th century" — has been repeated widely⁶⁴. For example, Katherine Crawford insisted that "Female parts were not distinct enough to merit separate names"⁶⁵.

Yet female parts have long carried a rich range of names, both within and outside medical treatises. The vagina was sometimes 'the neck of the womb' and sometimes the 'womb passage'⁶⁶. Is the name 'vagina' really 'specific terminology' at all, when this means the 'sheath' into which the penis is placed? Whatever sixteenth-century writers claim — and they do claim — the clitoris was not 'discovered' at that time, nor was it named then. Ancient Greeks knew the clitoris as the myrtle-berry, the *nymphê* (also the term for a marriageable girl) or, in Sappho's poem, the sweet apple ripening at the top of the tree⁶⁷. Another possible Sappho reference is the "egg hidden in the hyacinth"⁶⁸. In the ancient world, this body part was also the *kleitoris*, possibly suggesting a small hill. Realdo Colombo, one of several Renaissance medical writers who claimed to have 'discovered' it, in 1559 called it "the love or sweetness of Venus", *amor Veneris, vel dulcedo appelletur*⁶⁹. If, instead of selecting *kleitoris* as the only 'proper' term, as the only 'specific terminology', we take all of these names seriously — as terms "of a technical and traditional nature" rather than as mere poetic language, as Jack Winkler argued for Sappho's usages — then we move towards a very different understanding of

⁶³ KING (2013b).

⁶⁴ LAQUEUR (1990) 149.

⁶⁵ CRAWFORD (2007) 106-108. See also ERIKSSON (1998) 32 (online version <http://baer.rewi.hu-berlin.de/w/files/lspbpdf/eriksson.pdf> accessed 4 December 2020).

⁶⁶ KING (2013b) 57-59.

⁶⁷ Sappho fr. 105a. On the 'myrtle-berry', see Rufus of Ephesus, *On the Names of the Parts of the Human Body*, GERSH (2012) 53.

⁶⁸ WINKLER (1981) 79-84 in particular on Sappho fr. 166.

⁶⁹ On the importance of the clitoris to sex difference in early modern France, see PARK (1997) 171-193. Castro discusses the clitoris in Part 1, Book 1, Chapter 3. HARVEY (2001) 315-346 examines Colombo alongside Federico Andahazi's novel *The Anatomist*, published in English in 1998.

the body⁷⁰. This goes far beyond the vagina and clitoris. In the seventeenth century, for example, Jane Sharp's *The Midwives Book* names the cervix as "the rose, the garland or the crown"⁷¹. The "lips of the privities", which correspond to our labia majora, are "a double door like Flood-gates to shut and open: the neck of the womb ends in this"⁷². Neck, gates, doors: the terminology takes us into another model of the body, about passages but also about closure and opening.

In 1615 Helkiah Crooke published his *Microcosmographia: A Description of the Body of Man*, the first full work on anatomy written in English, accessible not just to physicians but also to surgeons and the public; it included illustrations. This last feature, including as it did the sexual organs, made it controversial, and in 1614 the College of Physicians discussed the proofs of the book, recommending that it should be burned⁷³. As well as objecting to a publication in English, and to pictures of the parts of generation, they were unhappy about the reliance on other publications and, indeed, the text mostly summarises in English two Latin treatises: André du Laurens' *Anatomical Works* and Caspar Bauhin, *Anatomical Foundations*. Du Laurens presented the sexes as very different from each other in their generative organs, while Bauhin focused more on the similarities between men and women⁷⁴. But the book was published regardless of these objections.

Among the terms Crooke used for the clitoris, he included that "properly it is called the woman's yard"; or, in more modern terms, the 'lady-penis'. Here he was translating a Latin treatise by Bauhin, in which it was the *penis muliebris*, "because it corresponds to the virile member". Leaving aside the position here being taken in the discussion of whether it is the clitoris or the vagina which best 'matches' the penis, such relabelling resists women's difference in favour of foregrounding the male body as 'normal'; it also ignores the finding of the full extent of the structure of the clitoris, something that has only been discovered with the use of imaging in the late twentieth

⁷⁰ WINKLER (1981) 79.

⁷¹ MORPHIS (2014), citing SHARP (1999) 65.

⁷² SHARP (1999) 38.

⁷³ KASSELL (2013) 59.

⁷⁴ I have discussed Crooke and his sources in KING (2011) 37-60.

century. In the late 1990s, the Australian urologist Helen O'Connell famously showed how the medical textbooks with which she herself had been trained were still providing very little information on this organ⁷⁵. In a move which recalls the sixteenth-century anatomist Andreas Vesalius correcting the anatomical classics of Aristotle and Galen from his own experience of dissection, O'Connell challenged the textbooks of her own day with newer ways of seeing inside the body. She used not just dissection but also MRI visualisation of living women to gain a better understanding of the structure of the clitoris⁷⁶. Her research showed it to be far larger than the illustrations then being used suggested; along with the small oblong of the visible part — the glans — it includes erectile tissue which engorges with blood on arousal and extends up to 9 cm to form a wishbone-shaped structure⁷⁷.

Bauhin and Crooke's re-gendering of the clitoris as penis recalls how, in 2015, there was an attempt to start instead from the female body and extend terminology to the male. One of the relatively recent discoveries of reproductive anatomy is the claim that women have a 'female prostate', a 'glandular anatomical structure present in every woman' producing a secretion at orgasm and vulnerable to the same diseases as is the male prostate⁷⁸. However, there is also a 'prostatic utricle' in men, a cul-de-sac of the prostatic urethra, which turns out to be lined with cells very similar to those found in the vagina. Should this therefore be renamed 'the male vagina'?⁷⁹ Suggesting this label feels odd, and that is testimony to how we have become accustomed to labels which suggest that men are normal and women are inferior copies. Naming of parts is never neutral, but instead reflects how we view women's difference from men.

Changing sex

What is a woman? Stories of spontaneous sex change and of 'hermaphrodites', whose bodies do not fit into either sex, have long been part of

⁷⁵ O'CONNELL *et alii* (1998) 1892-1897; MOORE and CLARKE (1995) 255-301.

⁷⁶ O'CONNELL and DELANCEY (2005) 2060-2063.

⁷⁷ <http://odile.fillod.free.fr/3DClitEN.htm>.

⁷⁸ PUPPO *et alii* (2008) 152; PUPPO (2013) 134-152.

⁷⁹ PUPPO and PUPPO (2015) 108.

‘gynaecology’ and are part of the discussion of whether women are much the same as men, or entirely different; in the latter case, a change cannot occur. The relationship between penis and clitoris features in these stories.

A number of ancient Greek and Roman writers told stories of women who changed into men — sometimes on their wedding nights — and these were repeated throughout Western medicine⁸⁰. In one of these stories, told by Diodorus Siculus, Heraïs marries as a woman but develops male organs: it is assumed by others that she must be a hermaphrodite⁸¹. Another way of looking at these stories suggests that this is not a change, but the emergence of the ‘true sex’; this is the view of Michel Foucault⁸². In terms of bodies which have the features of both sexes at the same time, following the 1575 work of Ambroise Paré it was standard practice to outline four types of hermaphrodite, only one of them having the functioning genital organs of both sexes⁸³. Castro also has four types of hermaphrodite, and argues that Galen would have seen change from the male to the female as possible: in most models of sex change, it was only possible from female to male, as Nature always tends towards the most ‘perfect’ form⁸⁴. He engaged directly with Luís Mercado; however, he rejected any ‘one-sex’ model, on the grounds that male and female parts are not the same, and it was not possible to make a penis from a clitoris⁸⁵. Women are perfect within their own kind.

In sixteenth-century medicine, a key story from the Hippocratic materials was the account of Phaethousa of Abdera, who stopped menstruating, grew a beard and had changes to her voice and joints when her husband left⁸⁶. In the original, she is referred to as a woman throughout, using feminine language: this is not ‘sex change’, but an illness which suggests that a wo-

⁸⁰ KING (2013b) 103-107.

⁸¹ Diodorus Siculus 32.10; KING (2013b) 106.

⁸² KING (2013b) 4.

⁸³ Ambroise Paré, *Les oeuvres d'Ambroise Paré, conseiller et premier chirurgien du Roy* (Paris, Gabriel Buon, 1757); discussed by KING (2013b) 81-87.

⁸⁴ Part 1, Book 3, Chapter 12: *De hermaphroditis*.

⁸⁵ CLEMINSON and VÁZQUEZ GARCÍA (2014) 93-95. BONDIO and FÖRG (2020) 230-231.

⁸⁶ *Epidemics*, 6.8.32. The text does not make it clear whether he left, or was sent into exile.

man's body is unstable, needing to be kept properly feminine by maintaining the status of wife. Natalia Tsoumpira described "the traditional medical idea of the female as an unstable object, always in need of being brought into equilibrium and stability"; the Hippocratic version of the story of Phaethousa suggests that regular marital sex is the only possible anchor for this instability⁸⁷. The case history ends with her death, and a warning that this was not the only case of such a woman dying. However, Renaissance and early modern writers who used her story sometimes chose to omit the ending, preferring instead to present her as an example of 'sex change', in this case stimulated by the departure of her husband and the accumulation of menstrual blood in her body⁸⁸. Galen's variation, preserved only in an Arabic translation of the lost chapters of his commentary on *Epidemics* 6, focused on the specifics of Phaethousa's situation. She had previously been highly fertile, to the point where her health depended on regularly giving birth. In the absence of her husband this was not possible; nor, as he was only absent rather than dead, could she enter another marriage⁸⁹. This makes Phaethousa neither a 'sex change' nor a hermaphrodite, but a very specific illustration of the instability of the female body and its need to lose blood in regular menstruation and childbirth.

Currently, while trans and intersex are very different — in the first, the body is changed at the instigation of the individual person to match their sense of identity, while in the second the body is changed without consent to match society's decisions as to the correct size and appearance of the organs — they are both part of a new politicisation of the sexed body. Much of the current debate focuses on women in sport. The question, 'What is a woman?' is very relevant in a context in which sport is highly monetised and divided into two sexes. The extraordinary performances of double-Olympic women's gold medallist Caster Semenya in 2009 led to a shift from chromosome testing to hormone testing, but some women have a natural testosterone level that would be high even for a man, as this is a spectrum rather than a binary. Dutee Chand, an Indian runner who, like Semenya, had been brought up

⁸⁷ TSOUMPIRA (2020) 1-20.

⁸⁸ KING (2013b) 111-125.

⁸⁹ KING (2013b) 51-70; KING (2013b) 108-111.

from birth as a girl, failed a gender test in 2014; she was given an ultrasound (and told it was for her bone density), as well as blood tests, before being banned from the sport on the grounds that she was male. In words which recall the classical 'sex change' stories, Chand commented "How could I just have become a man one day?"⁹⁰

Conclusion

It is clear that, to some extent, the discussion of gynaecology and of the level of difference between the sexes has historically been a textual discussion, based on trading quotations and evaluating different ancient 'authorities'; in this sense, it recalls what Mary Wack has called "the rustle of parchments in dialogue"⁹¹. However, the decision to emphasise the difference rather than the similarity between the male and the female body has, at least partly, been driven by social and cultural concerns. Ancient Greece has many examples of warnings of the potential of women to disrupt society, whether those are monstrous characters such as Medusa, the women of tragedy like Clytemnestra, or the female-run world of the Amazons. It has been argued that the reason why Amazons exist is precisely so that ancient Greek heroes could defeat them and, with them, the dangerous feminine element. Medical models of the body and its functions always played a part in these discussions. In the late sixteenth century, as Protestant ideas brought in different approaches to marriage, debates about companionate marriage and the value of education in a wife could be framed in medical terms, both by those arguing for the inferiority of women and those arguing on the other side⁹². The presence of female monarchs in more than one European country also acted as a challenge to traditional views of women's biologically-ordained roles. In the nineteenth century, of course, moves to improve women's secondndary education, admit them to universities and allow them to vote all contributed to the reaction which insisted on their 'difference'.

⁹⁰ <https://www.wnycstudios.org/podcasts/radiolab/articles/dutee>, accessed 4 December 2020.

⁹¹ WACK (1990) 292 n. 6.

⁹² E.g. POMATA (2013).

Insisting on women's difference may also be a way of gaining the edge in the medical marketplace. Although in the classical world one healer would be most unlikely to earn a living by treating only women, in general medicine there may still have been some mileage in claiming that the female body needed to be read according to different criteria known only to particular healers. This focus on difference looked to Hippocrates to validate itself. As Michael Stolberg put it, "Hippocratic medicine thus lent authority and legitimacy to the professional interests of early modern specialists in women's diseases and promoted their preference for female otherness rather than similarity. For the more the female body differed from the male, the more their own expert knowledge, skills, and experience were needed to treat it, and the more valuable, if not indispensable, were the 'gynecological' treatises they wrote."⁹³

Today, many voices call for greater recognition of the difference between men and women as something that extends far more widely than we have previously realised, and which affects their healthcare. I remain uncertain of the implications of such an insistence on difference; will it lead to a backlash against women's greater equality in society? There is also a real contradiction between the intensified claim that "the treatment of the diseases of women differs greatly from that of men", and our growing understanding of sex not as a binary, but as a spectrum, which challenges the existence of a branch of medicine dedicated to women. Current questions include: Does gynaecology cover the trans man? Where within the medical system do trans people go for their health care? What is gynaecology for? Never, I suspect, solely to improve women's healthcare.

Bibliography

- ARRIZABALAGA, J. (2009), "Medical ideals in the Sephardic diaspora: Rodrigo de Castro's portrait of the perfect physician in early seventeenth-century Hamburg": *Medical History Supplement* 29 (2009), 107-124.
- BARBERINO, F. DA (1875), *Opere volgare*, Vol. 2, *Del reggimento e costumi di donna*. Bologna, Gattano Romagnoli.

⁹³ STOLBERG (2003) 292.

- BARKAI, R. (1998), *A History of Jewish Gynaecological Texts in the Middle Ages*. Leiden–Boston–Cologne, Brill.
- BOLTON, L. (2015), *An Edition, Translation and Commentary of Mustio's Gynaecia*, Ph.D. thesis, Calgary, Alberta.
- BONDIO, M. G., FÖRG, M. (2020), “*De mulierum morbis – Frühneuzeitliche Beiträge zu einer geschlechterspezifischen Medizin*”: A. HÖFELE, B. KELLNER (eds.), *Natur – Geschlecht – Politik. Denkmuster und Repräsentationsformen vom Alten Testament bis in die Neuzeit*. München, Wilhelm Fink Verlag, 217-244.
- CALVI, M. F. (1525), *Hippocratis Coi medicorum omnium longe principis, Opera...* Roma.
- CLEMINSON, R., VÁZQUEZ GARCÍA, F., “Hermaphroditism in Portugal”: F. VÁZQUEZ GARCÍA (ed.), *Sex, Identity and Hermaphrodites in Iberia, 1500–1800*. London, Pickering & Chatto, 85-110.
- CONNELL, S. (2016), *Aristotle on Female Animals: A study of the generation of animals*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CORBEUS, H. (1620), *Gynaecium, sive de cognoscendis, praecavendis curandisque praecipuis mulierum affectibus, libri duo*. Frankfurt, Heirs of D. Palthenius.
- COSCHWITZ, G. D. (1732), *De gravidarum et puerperarum ... regimine et affectibus*. Barcelona, Thomas Piferrer.
- CRAWFORD, K. (2007), *European Sexualities, 1400-1800*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DE LA CORDE, M. (1574), *Hippocratis Coi libellus Peri Partheniôn*. Paris.
- DEAN-JONES, L. (1994), *Women's Bodies in Classical Greek Science*. New York, Oxford University Press.
- DEMAND, N. (1994), *Birth, Death and Motherhood in Classical Greece*. Baltimore–London, Johns Hopkins University Press.
- DRABKIN, M. F., DRABKIN, I. E. (1951), *Caelius Aurelianus, Gynaecia: Fragments of a Latin Version of Soranus' Gynaecia from a Thirteenth Century Manuscript*. Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- ERIKSSON, M. (1998), “Biologically similar and anatomically different? The one-sex model and the modern sex/gender distinction”: *NORA: Nordic Journal of Women's Studies* 6 (1998), 31-38.
- FLEMMING, R. (2000), *Medicine and the Making of Roman Women. Gender, Nature, and Authority from Celsus to Galen*. Oxford, Oxford University Press.
- FOSCATI, A., “From the ancient myth of the Caesars to the medieval and Renaissance tradition: the practice of Caesarean section in *De universa*

- mulierum medicina* by Rodrigo de Castro": *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 76 (2021), 1-19.
- FREIDENFELDS, L. (2009), *The Modern Period: Menstruation in twentieth-century America*. Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- GERSH, C. (2012), *Naming the Body: A translation with commentary and interpretive essays of three anatomical works attributed to Rufus of Ephesus*, Ph.D. dissertation, University of Michigan.
- GREEN, M. H. (2008), *Making Women's Medicine Masculine: The Rise of Male Authority in Pre-modern Gynaecology*. Oxford, Oxford University Press.
- GREEN, M. H. (2009), "The sources of Eucharius Rösslin's "Rosegarden for Pregnant Women and Midwives" (1513)": *Medical History* 53 (2009), 167-92.
- GUILLEMEAU, J. (1609), *De l'heureux accouchement des femmes*. Paris, Nicolas Buon.
- GUILLEMEAU, J. (1612), *Child-Birth or, the Happy Delivery of Woman*. London, A. Hatfield.
- HANSON, A. (1989), "Diseases of Women in the *Epidemics*": G. BAADER, R. WINAU (eds.), *Die Hippokratischen Epidemien: Theorie-Praxis-Tradition*. Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 38-51.
- HANSON, A. E., GREEN, M. H. (1994), "Soranus of Ephesus: *Methodicorum Princeps*": H. TEMPORINI, W. HAASE (eds.), *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.37.2. Berlin, de Gruyter, 968-1075.
- HARVEY, E. (2001), "Anatomies of rapture: clitoral politics/medical blazons": *Signs* 27.2 (2001), 315-46.
- HIPPOCRATES (1995), *Places in Man. Glands. Fleshes. Prorrhetic 1-2. Physician. Use of Liquids. Ulcers. Haemorrhoids and Fistulas*. Edited and translated by Paul Potter. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- HIPPOCRATES (2018), *Diseases of Women 1-2*. Edited and translated by Paul Potter. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- HOBBY, E. (ed., 2009), *The Birth of Mankind, otherwise named, the Woman's Book*. Farnham, Ashgate.
- HORSTMANSHOFF, M. (2014), "Tears in ancient and early modern physiology: Petrus Petitus and Niels Stensen": D. KAMBASKOVIC (ed.), *Conjunctions of Mind, Soul and Body from Plato to the Enlightenment*. Dordrecht, Springer, 305-323.
- HORSTMANSHOFF, M., KING, H., ZITTEL, C. (eds.) (2012), *Blood, Sweat and Tears: The Changing Concepts of Physiology from Antiquity into Early Modern Europe, Intersections 25*. Leiden, Brill.

- KASSELL, L. (2013), "Medical understandings of the body": S. TOULAHAN, K. FISHER (eds.), *The Routledge History of Sex and the Body*. London, Routledge, 57-74.
- KING, H. (1993), "The politick midwife: models of midwifery in the work of Elizabeth Cellier": H. MARLAND (ed.), *The Art of Midwifery*. London, Routledge, 115-130.
- KING, H. (1995a), "'As if none understood the Art that cannot understand Greek': the education of midwives in seventeenth century England": V. NUTTON, R. PORTER (eds.), *The History of Medical Education in Britain*. Rodopi. Rodopi, Brill, 180-195.
- KING, H. (1995b), "Medical texts as a source for women's history": A. POWELL (ed.), *The Greek World*. London, Routledge, 199-218.
- KING, H. (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the female body in ancient Greece*. London, Routledge.
- KING, H. (1999), "Hippocratic gynaecological therapy in the sixteenth and seventeenth centuries": I. GAROFOLO *et alii* (eds.), *Aspetti della Terapia nel Corpus Hippocraticum* (Atti del IX^e Colloque hippocratique, Pisa, 25–29 settembre 1996). Firenze, Leo S. Olschke Editore, 499-515.
- KING, H. (2005), "The mathematics of sex: one to two, or two to one?": P. M. SOERGEL, A. BARNES (eds.), *Sexuality and Culture in Medieval and Renaissance Europe, Studies in Medieval and Renaissance History*, 3rd series, vol. 2. New York, AMS Press, 47–58.
- KING, H. (2007), *Midwifery, Obstetrics and the Rise of Gynaecology: The uses of a sixteenth-century compendium*. Aldershot, Ashgate.
- KING, H. (2011), "Inside and outside, cavities and containers: the organs of generation in seventeenth-century English medicine": P. A. BAKER, H. NIJDAM, K. VAN 'T LAND (eds.), *Medicine and Space: Body, Surroundings and Borders in Antiquity and the Middle Ages; Visualising the Middle Ages 4*. Leiden, Brill, 37–60.
- KING, H. (2013a), "Motherhood and health in the Hippocratic Corpus: does maternity protect against disease?". Special issue of *Métis. Anthropologie des mondes grecs anciens* 11 (2013), 51–70.
- KING, H. (2013b), *The One-Sex Body on Trial*. Aldershot, Ashgate.
- LAQUEUR, T. (1990), *Making Sex: Body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- LITTRE, E. (1839-1861), *Oeuvres complètes d'Hippocrate*. Paris, J. B. Baillière.

- MACLEAN, I. (1980), *The Renaissance Notion of Woman*. Cambridge–London–New York, Cambridge University Press.
- MANULI, P. (1980), “Fisiologia e patologia del femminile negli scritti ippocratici dell’antica ginecologia greca”: M. D. GRMEK (ed.), *Hippocratica. Actes du Colloque hippocratique de Paris 1978*. Paris, Editions du CNRS, 393-408.
- MANULI, P. (1983), “Donne maschiline, femmine sterili, vergini perpetue. La ginecologia greca tra Ippocrate e Sorano”: S. CAMPESE, P. MANULI, G. SISSA (eds.), *Madre Materia. Sociologia e biologia della donna greca*. Torino, Boringhieri, 149-204.
- MAUBRAY, J. (1724), *The Female Physician*. London, James Holland.
- MCCRATH, R. (2002), *Seeing her Sex: medical archives and the female body*. Manchester, Manchester University Press.
- MERCADO, L. (1587), *De mulierum affectionibus*. Venezia, Felice Valgrisi.
- MERCADO, L. (1579), *De mulierum affectionibus libri quatuor*. Valladolid: D. Fernandez.
- MOORE, L. J., CLARKE, A. E. (1995), “Clitoral conventions and transgressions: graphic representations in anatomy texts, c. 1900–1991”: *Feminist Studies* 21 (1995), 255–301.
- MORPHIS, C. (2014), “Swaddling England: How Jane Sharp’s Midwives Book shaped the body of early modern reproductive tradition”: *Early Modern Studies Journal*, English Department, University of Texas, Arlington.
- MOSCUCCI, O. (1990), *The Science of Woman: Gynaecology and gender in England, 1800–1929*. New York, Cambridge University Press.
- O’CONNELL, H. et alii (1998), “Anatomical relationship between urethra and clitoris”: *Journal of Urology* 159.6 (1998), 1892-1897.
- O’CONNELL, H., DELANCEY, J. O. (2005), “Clitoral anatomy in nulliparous, healthy, premenopausal volunteers using unenhanced magnetic resonance imaging”: *Journal of Urology* 173.6 (2005), 2060-2063.
- PARE, A. (1757), *Les oeuvres d’Ambroise Paré, conseiller et premier chirurgien du Roy*. Paris, Gabriel Buon.
- PARK, K. (1997), “The rediscovery of the clitoris: French medicine and the tribade, 1570-1620”: D. HILLMAN, C. MAZZIO (eds.), *The Body in Parts. Fantasies of corporeality in early modern Europe*. New York–London, Routledge, 171-93.
- PEREZ, Caroline Criado (2019), *Invisible Women: Exposing data bias in a world designed for men*. London.

- PETERSON, M. J. (1978), *The Medical Profession in Mid-Victorian London*. Berkeley, University of California Press.
- POETON, E. (1630s?) *The Midwives Deputie. Or A holp for such as are not well furnished with knowledg concerning the misteries of the profession*. British Library MS Sloane 1954.
- POMATA, G. (2013), "Was there a *Querelle des Femmes* in early modern medicine?": *ARENAL* 20.2 (2013), 313-341.
- PUPPO, V. *et alii* (2008), "The female prostate and the male vagina (prostatic utricle)": *Sexologies* 17 (2008), 152.
- PUPPO, V. (2013), "Anatomy and physiology of the clitoris, vestibular bulbs, and labia minora with a review of the female orgasm and the prevention of female sexual dysfunction": *Clinical Anatomy* 26 (2013), 134-52.
- PUPPO, V., PUPPO, G. (2015), "Male vagina is a more accurate term than prostatic utricle": *International Journal of Urology* 23.1 (2015), 108.
- RICHARDS, J. (2015), "Reading and hearing *The Womans Booke* in early modern medicine": *Bulletin of the History of Medicine* 89 (2015), 434-62.
- ROUSSELLE, A. (1980), "Images médicales du corps. Observation féminine et idéologie masculine: le corps de la femme d'après les médecins grecs": *Annales E.S.C.* 35 (1980), 1089-1115.
- SADLER, J. (1636), *The Sick Woman's Private Looking-Glass*. London, Anne Griffin.
- SCHIEBINGER, L. (2003), "Women's health and clinical trials": *Journal of Clinical Investigation* 112.7 (2003), 973-977.
- SHARP, J. (1999), *The Midwives Book, or the whole art of midwifery discovered*: E. HOBBY (ed.). Oxford, Oxford University Press.
- SIRAISI, N. G. (1997), "Vesalius and the reading of Galen's teleology": *Renaissance Quarterly* 50 (1997), 1-37.
- SMITH, W. D. (ed.) (1990), *Pseudepigraphic Writings: Letters – Embassy – Speech from the Altar – Decree*, *Studies in Ancient Medicine* 2. Leiden, Brill.
- SPACH, I. (ed.) (1597), *Gynaeciorum sive de Mulierum tum communibus, tum gravidarum, parientium et puerperarum affectibus et morbis libri Graecorum, Arabum, Latinorum veterum et recentium quotquot extant, partim nunc primum editi, partim vero denuo recogniti, emendati*. Strasbourg.
- STOLBERG, M. (2003), "A woman down to her bones: the anatomy of sexual difference in the sixteenth and early seventeenth centuries": *Isis* 94 (2003), 274-99.

- TSOUMPRA, N. (2020), "More than a sex-strike: a case of medical pathology in Aristophanes' *Lysistrata*": *The Classical Journal* 116.1, 1-20.
- WACK, M. F. (1990), *Lovesickness in the Middle Ages: The Viaticum and Its Commentaries*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- WALKER, A. E. (1997), *The Menstrual Cycle*. London–New York, Routledge.
- WALSH, K. P. (2014), "Marketing midwives in seventeenth-century London: A re-examination of Jane Sharp's *The Midwives Book*": *Gender & History* 26.2 (2014), 223-241.
- WILLUGHBY, P. (1863), *Observations in Midwifery*. Ed. H. BLENKINSOP, Warwick.
- WINKLER, J. (1981), "Gardens of nymphs: Public and private in Sappho's lyrics": *Women's Studies: An Interdisciplinary Journal* 8.1-2 (1981) 65-91.
- WIZEMANN, T. M., PARDUE, M.-L. (eds.) (2001), *Exploring the Biological Contributions to Human Health: Does sex matter?*. Washington, National Academic Press.
- WORTH-STYLIANOU, V. (2007), *Les Traités d'obstétrique en langue française au seuil de la modernité*. Geneva, Librairie Droz.

* * * * *

Resumo: Este artigo inscreve o *De uniuersa mulierum medicina* (1603), de Rodrigo de Castro Lusitano, na longa história da ginecologia e das questões suscitadas por um ramo distinto da medicina dedicado às mulheres. Argumenta-se que a ênfase da ‘gineco-logia’ tem sido historicamente colocada na diferença, sendo os corpos das mulheres vistos como fundamentalmente diferentes dos dos homens. Sugere-se ainda que um perigo da recente ressurgência deste foco na diferença é que ele pode conduzir a mudanças negativas no que diz respeito ao papel das mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Diferença; hipocrático; binário; hermafrodita; linguagem; ginecologia.

Resumen: Este artículo sitúa el *De uniuersa mulierum medicina* (1603) de Rodrigo de Castro Lusitano en la larga historia de la ginecología y de las cuestiones suscitadas por una rama separada de la medicina dedicada a las mujeres. Sostenemos que el enfoque de la “ginecología” se ha situado históricamente en la diferencia, en ver los cuerpos de las mujeres como sustancialmente diferentes de los de los hombres. Sostenemos también que un peligro del reciente resurgir de este enfoque sobre la diferencia es que podría conducir a cambios negativos en el papel de las mujeres en la sociedad.

Palabras clave: Diferencia; Hipocrático; binario; hermafrodita; lenguaje; ginecología.

Résumé : Cet article inscrit *De uniuersa mulierum medicina* (1603), de Rodrigo de Castro Lusitano, dans la lignée de l’histoire de la gynécologie et des questions soulevées par une branche distincte de la médecine dédiée aux femmes. On fait valoir qu’en ce qui concerne la ‘gynécologie’, historiquement, l’accent a toujours été mis sur la différence, le corps des femmes étant considéré comme fondamentalement différent de celui des hommes. Il est également suggéré que la résurgence récente de cet intérêt pour la différence risque d’entraîner des changements négatifs en ce qui concerne le rôle des femmes dans la société.

Mots-clés : différence ; Hippocrate ; binaire ; hermaphrodite ; langage ; gynécologie.

Souffrances des accouchées. Les moyens antiques d'avancer l'accouchement et de calmer ses douleurs

Suffering in childbirth. Ancient ways to augment labour and reduce pain

ANNA TATARKIEWICZ¹ (*Adam Mickiewicz University, Poznań — Poland*)

Abstract: This text focus on some ways to reduce pain and augment labor in ancient Roman times. While midwives and physicians had virtually very few options for speeding up labor and reduce its pains, and often employed them in a very intuitive way, advice regarding these matters, as presented by the sources, shows that they were not insensitive to the sufferings of women. In the extant sources, in addition to advice from specialists, we can also find home remedies, as well as prayers for easing the suffering experienced by women at that exceptional moment.

Keywords: childbirth; labour pains; suffering; antiquity; ancient Rome; Soranos

Dans les époques les plus anciennes, la douleur avait un caractère mystique et elle était considérée en tant que la punition donnée à l'homme de la part des dieux. Pour cette raison, le traitement de la douleur était basé sur des pratiques de caractère religieux ou presque religieux, alors des sorcelleries, des formules magiques, des amulettes ou le sacrifice. Dans ces circonstances, le devoir d'apaiser la douleur était en charge des prêtres ou des chamans². L'origine surnaturelle de la douleur se reflète également dans l'étymologie des notions liées au sujet. Il est possible de remarquer que dans certaines langues modernes, le nom "douleur" vient du mot latin poene, qui signifie la punition³. De l'époque d'Hippocrate, la douleur n'était plus considérée comme punition,

Texte reçu le 22.11.2020 et accepté pour publication le 02.03.2021.

¹ anna.tatarkiewicz@amu.edu.pl.

² GŁÓWCZEWSKA-SIEDLECKA, MAĐRA-GACKOWSKA, KĘDZIÓRA-KORNATOWSKA (2016) 479-488; SABATOWSKI, SCHÄFER, KASPER, BRUNSCH (2004) 701-716.

³ On voit cette étymologie par exemple dans le mot anglais pain ou le hollandais pijn, africainaire pyn, danois pine espagnol pena. Les Grecs connaissaient cinq définitions de la douleur: ἄλγος (algos), λύπη (lype), ὀδύνη (odyne), πάθος (pathos) i πόνος (ponos). En latin, pour en parler il n'y a que deux mots: dolor (traduit, selon le contexte comme "la douleur", ou "le chagrin"), la deuxième définition — cruciatus (tortures/ supplices) — a été utilisée rarement et elle se référait à une douleur particulièrement intensive. Voir : WILSON (2013) 129-143.

mais comme un état naturel, ayant ses causes et on essayait de comprendre son origine. De plus, on faisait un effort de la guérir. Pour des médecins grecs, la douleur (et son caractère) constituait un élément important du processus diagnostique et du développement d'une maladie. Elle était un signe permettant de définir le diagnostic, de juger le stade d'une maladie et d'introduire le traitement. Très souvent, la diminution de la souffrance ou sa disparition constituaient un signe important du succès d'une thérapie⁴.

Apaisement de la douleur

Cette constatation peut paraître banale, mais la période de la grossesse, de l'accouchement et des couches était toujours et elle l'est à nos jours, une période spéciale dans la vie d'une femme. Cette particularité résulte de son état physique, de l'attente, et de l'inquiétude pour un enfant pas encore né et pour elle-même. Un des phénomènes qui l'accompagne dans cette période, peu importe dans quelle époque ou endroit elle vit, c'est toujours la douleur. Ce qui est significatif, il y a deux facteurs qui déterminent des descripteurs de ce phénomène dans l'antiquité. Le premier c'est le caractère des sources qui le décrivent. Dans les textes, à côté de quelques conseils des spécialistes, il est possible de trouver également des recettes " folkloriques " de même que des prières pour calmer les souffrances de ce jour extraordinaire pour chaque femme⁵. Le deuxième facteur vient du fait que le sujet de la douleur de l'accouchement était fortement discuté par ceux qui ne l'ont jamais éprouvée, alors — par les hommes. Ce qui est curieux, aucun texte (ni médical ni littéraire) ne dévoile de ton de dépréciation par rapport à ce type de douleur. Bien au contraire, il est facile de voir un type de respect ou même de fascination pour la force des femmes, leur résistance aux souffrances et à l'épuisement.

Dans les textes grecs les plus anciens, il y a deux " champs d'apparition de la douleur ", pour les femmes — c'est la douleur de l'accouchement, pour les hommes — les souffrances de guerre. Médée d'Euripide crie qu'elle aurait

⁴ COURTIL (2012) 9-12 ; MUDRY (2012) 15-26.

⁵ Plus à ce sujet, par exemple. TATARKIEWICZ (2018) 15-28; TATARKIEWICZ (2015) 175-190.

préférait trois fois tenir un bouclier que d'accoucher une fois⁶. Dans ce fragment, la comparaison entre l'accouchement et la guerre est évidente, bien que ces deux expériences se diffèrent, elles se composent des mêmes éléments: la peur, le danger de perdre la vie, l'effort et la souffrance.

Dans la partie XI d'Iliade, nous trouvons une telle comparaison qu'au moment où Agamemnon reçoit un coup de couteau, sa douleur (*ὀδύναι*) est comparée aux souffrances de la femme lors de l'accouchement (*ὠδίς*). Cette comparaison est signifiante, parce que l'accouchement (pour les femmes) et la guerre (pour les hommes) étaient considérés de leur devoir envers l'état, résultant de leur sexe. Deux catégories de douleur (celle éprouvée lors de l'accouchement ou celle de la guerre), étaient vues par les écrivains (il est possible de croire qu'elles fonctionnaient pareillement dans la mentalité de société), comme égales⁷.

Ce qui est intéressant, c'est le fait que nous retrouvons une référence au fragment cité d'Homère chez Plutarque, qui dans son traité sur l'amour parental souligne que la souffrance et la douleur éprouvées par une accouchée, en théorie, devraient provoquer chez elle l'impossibilité d'aimer son enfant, ce qui n'arrive jamais en réalité. Selon lui, les mères devraient être hostiles et cruelles par rapport aux enfants qui leur avaient causé tant de danger et de souffrances. Les femmes citent les mots d'Homère en disant qu'ils ont été écrits par "Homeris" qui venait d'accoucher ou qui était en train d'accoucher, elle ressentait à son intérieur les coups de douleur persévérante et troublante⁸. Il faut souligner que selon Plutarque, cette description semble tellement réelle comme si elle était faite par une accouchée, pas par un homme.

⁶ E., *Med.* 249-250: (...) λέγουσι δ' ἡμᾶς ὡς ἀκίνδυνον βίον / ζῶμεν κατ' οἴκους, οἱ δὲ μάρνανται δορί, / κακῶς φρονοῦντες: ὡς τρίς ἂν παρ' ἀσπίδα / τῆναι θέλοιμ' ἂν μᾶλλον ἢ τεκεῖν ἅπαξ.

⁷ HOM., *Il.* 11, 263-272: (...) ἐνθ' Ἀντήνορος νῆες ὑπ' Ἀτρεΐδῃ βασιλῆϊ / πότμον ἀναπλήσαντες ἔδυν δόμον Αἰδὸς εἴσω. / αὐτὰρ ὁ τῶν ἄλλων ἐπεπωλεῖτο στίχας ἀνδρῶν / ἔγχεϊ τ' ἄορι τε μεγάλοισι τε χερμαδίοισιν, / ὄφρα οἱ αἶμ' ἔτι θερμὸν ἀνήνοθεν ἐξ ὠτειλῆς. / αὐτὰρ ἐπεὶ τὸ μὲν ἔλκος ἐτέρετο, παύσατο δ' αἶμα, / ὄξεϊα δ' ὀδύνας δύνον μένος Ἀτρεΐδαο. / ὡς δ' ὅτ' ἂν ὠδίνουσιν ἔχῃ βέλος ὄξυ γυναικᾶ / δριμύ, τό τε προῖξι μογοστόκοι Εἰλείθυιαι / Ἥρης θυγατέρες πικρὰς ὠδύνας ἔχουσαι, / ὡς ὄξεϊ ὀδύνας δύνον μένος Ἀτρεΐδαο.

⁸ PLU., *De amore proles* 496a: (...) χαλεπὰς δὲ μᾶλλον εἴπομι' ἂν εἶναι καὶ μνησικάκους τὰς τεκούσας τοῖς βρέφεσι, κινδύνων τε μεγάλων καὶ πόνων αὐταῖς

Ensuite, Plutarque souligne la force de l'amour maternel qui est capable de s'opposer à la douleur et aux souffrances⁹. L'auteur souligne, que l'amour pour la progéniture, donné à la mère par la nature, fait que la femme, toujours en douleur, ne quitte pas son enfant, elle la caresse, lui sourit, en prenant soin de ce nouveau-né, elle oublie ses souffrances afin de continuer son dévouement. Le même auteur, dans un autre texte, en voulant souligner la force de la femme, d'Empone, la femme de Sabinus, qui, se cachait avec son mari aux souterrains de la Ville, il décrit comment elle supporte la douleur de l'accouchement des jumeaux, en la comparant à une lionne, symbole de la force¹⁰.

Les fragments littéraires se limitent à la description de la douleur de l'accouchement elle-même, car ni Homère ni Euripide ni Plutarque ne parlent de moyen de la calmer. Bien que ni médecins ni accoucheuses de l'antiquité n'aient de moyens pharmacologiques modernes d'apaiser la douleur de l'accouchement, nous retrouvons dans les sources, plusieurs conseils qui prouvent qu'ils n'étaient pas indifférents aux souffrances des accouchées et qu'ils étaient conscients que la douleur hors de forces pouvait provoquer des complications au cours de l'accouchement.

Il est possible de trouver dans les sources, les conseils des médecins ou des recettes populaires fréquemment utilisées, mais aussi des prières pour faire avancer l'accouchement et pour apaiser la souffrance d'une femme dans ce moment si important¹¹.

γινομένων·ὥς δ' ὅταν ὠδίνουσιν ἔχη βέλος ὁξὺ γυναιῖκα, δριμύ, τό τε προῖᾱσι μογοστόκοι Εἰλείθυιαι, Ἥρης θυγατέρες, πικρὰς ὠδῖνας ἔχουσιν/ταῦτ' οὐχ Ὅμηρον αἱ γυναῖκες ἀλλ' Ὅμηρίδα γράψαι λέγουσι τεκοῦσαν ἢ τίκτουςαν ἔτι καὶ τὸ νύγμα τῆς ἀλγηδόνης ὁμοῦ πικρὸν καὶ ὁξὺ γινόμενον ἐν τοῖς σπλάγχνοις ἔχουσιν.

⁹ PLU., *De amore prolis* 496a: οὐδὲν γάρ ἐστιν οὔτως; ἀτελὲς οὐδ' ἄπορον οὐδὲ γυνὸν οὐδ' ἄμορφον οὐδὲ μιᾶρόν, ὥς ἀνθρώπος ἐν γοναῖς ὀρώμενος; ὃ μόνῳ σχεδὸν οὐδὲ καθαρὰν ἔδωκεν εἰς φῶς ὁδὸν ἢ φύσις, ἀλλ' αἵματι πεφυρμένος καὶ λύθρον περίπλεως καὶ φονευομένῳ μᾶλλον ἢ γεννωμένῳ εἰκῶς οὐδενός ἐστιν ἄψασθαι καὶ ἀνελεῖσθαι.

¹⁰ PLU., *Amatorius liber* 771c: τὰς δ' ὠδῖνας ἀντὶ καθ' ἑαυτήν διήνεγκεν, ὥσπερ ἐν φωλεῷ λέαινα καταδύσα πρὸς τὸν ἄνδρα (...).

¹¹ Plus à ce sujet, par exemple : TATARKIEWICZ (2018); TATARKIEWICZ (2015b) 57-70.

Le médecin Soranos¹², dans son travail, attire l'attention sur la question psychologique, en constatant que dans chaque cas, et surtout en cas d'accouchement, un médecin ou une accoucheuse devraient reconforter une accouchée, la calmer au lieu de la faire peur. Il souligne que l'accouchement est plus facile et plus rapide pour les femmes qui sont calmes et qui ne sont pas effrayées.

De plus, un autre aspect aussi important était la respiration correcte. Soranos conseille aux accoucheuses de surveiller l'accouchée et de la contrôler afin qu'elle retienne l'air le plus longtemps possible et qu'elle le pousse à l'intérieur¹³. On était conscient alors de l'importance de la respiration correcte pour minimiser la douleur et assurer un accouchement sans complications¹⁴.

Le toucher était aussi important que la respiration, plus précisément un massage qui pourrait apaiser les souffrances dans le cas d'un accouchement avec ou sans complications. Soranos écrit que dans le cas d'un accouchement qui se réalise correctement, il est possible de calmer la douleur en touchant avec une main chaude, après on peut arroser de la toile d'une huile d'olive chaude et douce pour en poser à l'estomac et aux lèvres de la vulve, puis continuer à l'arroser ou bien on peut appliquer une bulle pleine d'huile d'olive chaude¹⁵. Il répète ses conseils en décrivant un accouchement avec complications. Aux accouchées il faut appliquer des bulles pleines d'huile d'olive chaude ou des petits sacs avec des brisures, et si c'est impossible il faut dépla-

¹² Le texte original et la numération selon l'édition de Johannes Ilberg (*Sorani Gynaeciorum libri IV*, ed. J. ILBERG, Berlin 1927).

¹³ SOR. 4, 7 [59]: τὴν δὲ ἄπειρον ὠδίνων διδασκτέον ἐντόνως μάλιστα τὸ πνεῦμα κατέχειν καὶ πρὸς τὴν λαγόναν συνωθεῖν.

¹⁴ SOR. 4, 7 [59]: εἴτα καλὸν καὶ τὴν ὄψιν τῆς κνοφορούσης φαίνεσθαι τῇ μαίᾳ, ἥτις παραμυθεῖσθω τὸ δειλὸν αὐτῆς, εὐαγγελιζομένη τὸ ἄφοβον καὶ τὴν εὐτοκίαν; εἴτα δὲ ἐγκόπτειν εἰς τὴν λαγόναν τὸ πνεῦμα παραινέειν δεῖ δίχα κρανυγῆς, μετὰ στεναγμοῦ δὲ μᾶλλον καὶ κατοχῆς πνεύματος· ἔνιαι γὰρ τῶν ἀπείρων τοῖς ἄνω μέρεσιν ἐντεινόμεναι καὶ μὴ ἀπωθούμεναι τὸ πνεῦμα πρὸς κάτω βρογχοκήλας ἐποίησαν. [...] παραινέτεον οὖν αὐταῖς συνεντείνειν τὸ πνεῦμα καὶ μὴ ἀποφεύγειν τὰς ὠδῖνας, ἀλλ' ὅτε πάρεισιν αὐται, τότε μάλιστα προσβιάζεσθαι.

¹⁵ SOR. 2, 3 [69]: τοὺς δὲ πόνοὺς τὸ μὲν πρῶτον τῇ διὰ θερμῶν τῶν χειρῶν προσαφῇ प्राυνεῖν, τὸ δὲ μετὰ ταῦτα βρέχειν ῥάκη ἐλαίῳ γλυκεῖ καὶ θερμῷ καὶ ἄνωθεν ἐπιρρίπτειν κατὰ ἐπιγαστρίον τε καὶ πτερυγωμάτων καὶ συνεχέστερον τῷ θερμῷ καταβρέχειν ἐλαίῳ, τιθέναι δὲ καὶ κύστεις ἐλαίου πεπληρωμένας θερμοῦ.

cer l'accouchée sur une litière à une espace échauffée (mais pas trop) et il faut déposer haut sa tête. Parfois il faut appliquer une compresse avec des brisures ou déplacer l'accouchée à un endroit plus froid¹⁶. D'après les fragments cités, c'était l'accoucheuse qui massait l'accouchée avec une main chaude, elle posait sur son ventre des morceaux de toile arrosés d'huile d'olive chaude, ou une vessie pleine d'huile d'olive.

Selon Soranos, l'accoucheuse devrait être très empathique¹⁷, pourtant, il le souligne, elle ne doit pas avoir son enfant pour bien comprendre une accouchée et ses besoins. Par contre, elle doit prendre soin de ses mains pour qu'elles soient délicates afin de ne pas causer d'inconfort ni de souffrances supplémentaires à l'accouchée¹⁸.

Cette opinion présente l'approche de Soranos aux accoucheuses dont le devoir n'était pas seulement d'accoucher une femme, elles étaient responsables pour l'accouchée à qui elle devrait assurer la sécurité et le confort.

¹⁶ SOR. 4, 7 [59]: ταῖς δὲ ἐν ὀδύνῃ καὶ κύστει ἐπιβάλλειν ἐλαίου θερμοῦ <πλήρεις> ἢ μαρσίπους ὥμην λύσιν θερμὴν ἔχοντας· εἰ δὲ μή, καὶ διὰ φορείου κινεῖν ἐν ἄερι συμμέτρως θερμῷ μετεωροτέραν τὴν κεφαλὴν ποιήσαντες τῆς καμνουσῆς.

¹⁷ SOR. 1, 4; à voir aussi CAEL. AUREL. 5: *Obstetrix est femina omnium mulierum causerum docta, medicinali eruditione perita, que possit universaliter valitudines competenter curare, ita ut non sit turbulenta, nec avara, nec verbosa, sed sapiens et sobria et taciturna nec superstitiosa, que sua sollicitudine mulieres in partu gubernet. sit etiam obstetrix compatiens, solida, pudica, arguta, quieta, prudens*. Au sujet du rôle et de la signification de l'accoucheuse à voir, par ex. TATARKIEWICZ (2018b) 15-28.

¹⁸ Sor. 1, 4: μερικώτερον δὲ λέγομεν ἀρίστην μαῖαν τὴν γεγυμνασμένην ἐνπᾶσι τοῖς μέρεσιν τῆς θεραπείας (τὰ μὲν γὰρ διαιτῆσαι δεῖ, τὰ δὲ χειρουργῆσαι, τὰ δὲ φαρμάκοις διορθώσασθαι) καὶ τὰ ὑγιεινὰ παραγγέλματα δοῦναι δυναμένην καὶ τὸ κοινὸν καὶ τὸ προσεχές ἰδεῖν καὶ τὸ συμφέρον ἐκ τούτου λαμβάνουσιν καὶ μήτ' ἀπὸ τῶν αἰτίων μήτ' ἀπὸ τῆς πλειστάκις τηρήσεως τῶν καθόλου συμ<βαινόν> των ἢ τινοστούτων· εἴτα κατὰ μέρος οὐ παρατυπουμένην ἐν ταῖς τῶν συμπτωμάτων μεταβολαῖς, παρηγοροῦσαν δὲ κατὰ τὴν πρὸς τὸ πάθος ἀκολουθίαν, ἀτάραχον, ἀκατάπληκτον ἐν τοῖς κινδύνοις, δεξιῶς τὸν περὶ τῶν βοηθημάτων λόγον ἀποδιδόναι δυναμένην, παραμυθίαν ταῖς καμνουσαῖς πορίζουσιν, συμπάσχουσιν καὶ οὐ πάντως προτετοκυῖαν, ὥς ἐνιοὶ λέγουσιν, ἵνα συνειδῇσι τῶν ἀλλαγμάτων ταῖς τικτούσαις συμπαθῇ.

Par contre, les conseils donnés par Pline viennent des ressources de la médecine populaire. Nous lisons qu'il vaut la peine de servir à l'accouchée un boisson avec un peu de bouse de la truie, qui apaise la douleur, pareillement au lait de truie ajouté au miel. Un médicament efficace contre la douleur de l'accouchement, selon lui, était l'anis. On l'utilise pour préparer des compresses ou un boisson à base de cette plante et de fenouil¹⁹.

Accélération de l'accouchement

A l'époque, on essayait d'assurer le cours de l'accouchement le plus rapide et le plus délicat. L'accouchement trop long ou trop douloureux suscitait la peur parce qu'il pouvait annoncer des complications. Il ne faut pas oublier qu'un accouchement compliqué augmenter fortement les risques de la mort de l'enfant, de la mère ou des deux²⁰.

Pour cette raison, dans le cas de l'ouverture du col de l'utérus trop prolongée, Soranos recommande un massage, un arrosage avec de l'huile d'olive chaude, une infusion de séné grain, de mauve et de blancs d'œufs. De cette façon, on diminue toute pression et on rend plus glissant un parcours dur (de l'accouchement). De plus, il faut appliquer des compressions chaudes²¹.

Il fait attention également à la position appropriée de l'accouchée. Aux femmes souffrant de douleurs de la colonne vertébrale ou aux personnes obèses, il déconseille une chaise d'accouchement lors de la deuxième phase, mais plutôt, selon lui, il faut adopter la position aux coudes et aux genoux qui est la plus confortable et la moins dangereuse. Selon Soranos, ce sont des méthodes efficaces, et avant tout, elles ne sont dangereuses ni pour femme ni pour enfant. Un accouchement rapide et adroit fait un remède anti douleurs le plus efficace.

¹⁹ PLIN., *Nat.* 20, 191: *Dalio[n] herbarius parturientibus ex eo cataplasma inposuit cum apio, item uuluarum dolori deditque bibendum cum aneto parturientibus. [...] Uertigines a partu cum semine cucumeris et lini pari mensura ternum digitorum, uini albi tribus cyathis discutit.*

²⁰ GOUREVITCH (1987) 187-193; SUDER (1989) 161-166; EHMIG (2013) 111-129.

²¹ SOR. 4, 7 [59]: *εἰ δὲ τὸ στόμιον τῆς ὑστέρας μέμυκε, τοῖς λιπάσμασι μαλάσσειν καὶ ἀναχαλᾶν, ἥγουν ἐγχυματίζειν συνεχῶς ἐλαίῳ γλυκεῖ τε καὶ θερμῷ ἢ σὺν ἀφεψήματι τήλεως ἢ μολόχης λινοσπέρμον, ποτὲ δὲ καὶ τῶν ψῶν <τῷ λευκῷ> οὕτω γὰρ παρηγορεῖται εἰς ἄνεσιν μὲν τὸ θλίβον, νοτίζεται δὲ εἰς ὀλισθον τὸ δυσοδοῦν.*

Par contre, nous retrouvons plusieurs conseils pour faciliter l'accouchement dans des textes qui n'ont pas de caractère médical mais qui se réfèrent aux croyances populaires. Pline présente une plénitude d'idées réalisées certainement en pratique. Nous apprenons ainsi que des vapeurs d'une graisse d'hyène provoque un accouchement immédiat. Sans doute cet élément de la thérapie était considéré comme très précieux car il y a d'autres auteurs qui glorifient la graisse de cet animal " la fumigation du sacrum avec la fumée de la graisse (d'hyène) " est un moyen formidable de faire avancer l'accouchement problématique²². De plus, l'action de mettre au ventre d'une femme enceinte, une pâte droite d'hyène rend son accouchement plus facile (il faut rester prudent pour ne pas se tromper, car si on le réalise — *sinistrum pedum superlatum parturienti letalem esse, dextro inlato facile eniti* — avec une pâte gauche, on risque la mort de l'accouchée²³. La méthode la plus fréquente parmi les moyens de faire avancer l'accouchement, consistait en aromathérapie. Dans le recueil des recommandations — Cyranides — il est possible de trouver une information sur un fumier mis au dessous du lit de l'accouchée, ce qui fait avancer l'accouchement et qui élimine le placenta et des membranes fœtales²⁴. Un fumier brûlé du vautour guérit des rétrécissements de l'utérus, il facilite la sortie du fœtus²⁵. La fumée d'un sabot d'une jument²⁶ donne un effet comparable. Le soulagement aux femmes est apporté par des oeufs d'araignée²⁷ qui en forme d'amulette ou de fumigation font avancer l'accouchement²⁸, pareillement aux oeufs de la perdrix, mais on ne trouve pas

²² CYRAN. 2, 40 : *στέαρ δὲ ἐκ τῶν ὀστέων τῆς ὀσφύος αὐτῆς ὑποκαπνιζόμενον ταῖς δυστοκούσαις ὠκυτόκιόν ἐστιν μέγιστον.*

²³ PLIN., *Nat.* 28, 103 : *sinistrum pedum superlatum parturienti letalem esse, dextro inlato facile eniti.*

²⁴ CYRAN. 3, 6 : *ἡ δὲ κόπρος καπνιζομένη ὑπὸ τὸν δίφρον τῆς κυούσης ὠκυτόκιός ἐστιν.*

²⁵ CYRAN. 3, 9 : *ἰᾶται καὶ ὑστερικὴν πνίγα, ἐκβάλλει καὶ τὰ ἔμβρυα.*

²⁶ CYRAN. 2, 17 : *ὄνυξ δὲ αὐτῆς ... καὶ ὑποκαπνιζόμενος ὠκυτόκιός ἐστιν.*

²⁷ CYRAN. 2, 47 : *εἰσὶ δὲ καὶ ὡὰ [ἀράχνης] ὠκυτόκια ὑποθυμιάμενα καὶ περιαιπτόμενα.*

²⁸ CYRAN. 2, 47a : *τὰ δὲ ἀράχνια ὡὰ ὑποθυμιάμενα ἢ περιαιπτόμενα ὠκυτόκια γίνεται.*

de mode de leur " application " ²⁹. On trouvait aussi des caractéristiques spéciales aux plumes d'un aigle (seulement de son aile gauche), qui inondées dans de l'huile d'olive et après utilisées pour masser l'accouchée " de ses pieds jusqu'à son os sacré " provoquent un accouchement immédiat même aux femmes avec problèmes. Une action pareille cause une plume d'un aigle mise sous les pieds de l'accouchée. Il vaut la peine d'avoir une pierre d'aigle de couleur vivante, portée comme amulette elle protège l'enfant que la femme porte toujours dans son ventre, et elle prévient une fausse couche. Elle facilite également l'accouchement ³⁰. Dans le même recueil Cyranides nous trouvons une information recommandant à une personne portant sur elle, un coeur de la mouette d'approcher l'accouchée pour qu'elle accouche tout de suite ³¹.

Soranos, spécialisé dans ce domaine, avertit de moyens de précipiter l'accouchement ³².

L'accouchement trop long, la douleur et les complications

Lors de l'accouchement, il existe des circonstances inquiétantes qui pourraient provoquer la nécessité d'une intervention immédiate et de faire accélérer l'accouchement, tels que la douleur très forte diagnostiquée comme autre que physiologique, liée à une inflammation, une infection accompagnée de la perte de connaissance, des frissons de froid, d'un pouls trop faible, de fièvre ou des tremblements ³³.

²⁹ CYRAN. 3, 38 : ... καὶ ὠκύτοκά εισιν.

³⁰ Cyran. 3, 1 : τῆς δὲ εὐωνύμου χειρὸς πτερὸν ἐὰν λάβῃ καὶ βάψῃ εἰς ἔλαιον καὶ ἀλείψῃ ἀπὸ τοῦ τένοντος μέχρι τοῦ ἱεροῦ ὅσπου δυστοκοῦσῃ γυναικί, πάραυτα τέξεται.

³¹ CYRAN. 3, 25 : τούτου [= λάρου] τὴν καρδίαν κρατῶν, εἴσελθε πρὸς δυστοκοῦσαν γυναιῖκα, καὶ εὐθέως τέξεται.

³² SOR. 4, 13 [65]: τὸ δὲ ὠκυτόκῖα προσαναγράφειν, ὥς ἄλλοι καὶ οἱ περὶ τὸν Ἱπποκράτην ἐποίησαν, σχεδιάζοντός ἐστιν. οὔτε γὰρ δάφνης φύλλα ξηρὰ μετὰ θερμοῦ ὕδατος οὔτε δίκταμνον ἢ ἄβρότονον καὶ κεδρία καὶ ἄνισον μετὰ γλυκέος καὶ παλαιοῦ ἐλαίου οὔτε καρπὸς ἀγρίου σικύου κηρωτῇ προσπλασσόμενος φοινικίνῃ καὶ ὀσφύρι περιπτόμενος ὠκυτοκίαν παρασκευάζει.

³³ SOR. 4, 9 [61]: καὶ γὰρ εἰ τὸ κνηθὲν διαφθείρει, τὴν κυοφοροῦσαν τηρεῖν ἀναγκαῖον. διόπερ τὸν μὲν ὑποκείμενον δεῖ προλέγειν κίνδυνον πυρετῶν ἐπιγινομένων καὶ νευρικῆς συμπαθείας, ἔσθ' ὅπου δὲ καὶ φλεγμονῆς ὑπερβαλλούσης, καὶ γάγγραιναν

Dans une situation où on constate la mort de l'enfant ou son blocage, et l'action de l'accouchement s'arrête, selon Soranos il faut " faire recours aux moyens plus énergiques alors commencer l'éviscération ou à l'ablation, l'élimination de l'enfant du ventre de la mère, afin de sauver la femme³⁴. " Dans tous ces cas, la douleur a un fort rôle diagnostique qui décide du déroulement de toute la procédure³⁵. Si l'enfant vivait encore, il est conseillé de le tuer le plus vite possible afin d'éliminer ses souffrances lors de l'action de le retirer du ventre de la femme. Même Tertullien accepte une telle solution dans l'état de nécessité.

Les dangers et les peurs résultant de l'accouchement, peut-être la conscience des limites humaines et médicales dans la question de l'apaisement de la douleur faisaient les Romaines, même celles qui étaient soignées par les médecins, s'adresser aux dieux³⁶. Les Romains croyaient que la période la grossesse, la naissance et l'enfance, pareillement à d'autres étapes de la vie humaine, se trouvaient sous la surveillance des dieux spécialisés. Pour plusieurs Romains, Junon, nommée Lucine, qui était équivalente de la déesse grecque Ilithyie³⁷, appelée par les accouchées au cours de l'accouchement³⁸.

μάλιστα ὑποφαίνειν ὀλίγας ἐλπίδας ἔχειν (ἐφ' ἧς ἔκλυσις, περιόδωσις, περίψυξις, σφυγμῶν ὑπόδυσις, πυρετὸς δξύς, παρακοπή τε καὶ σπασμός)· μὴ ἀφίστασθαι δὲ ὅμως βοηθείας.

³⁴ SOR. 4, 9 [61]: Εἰ δὲ μὴ ἐπακούοι πρὸς τὴν διὰ τῶν χειρῶν ἐφολκὴν διὰ μέγεθος ἢ νέκρωσιν ἢ καθ' οἰονδηποτοῦν τρόπον σφίγωνσιν, ἐπὶ τοὺς εὐτονωτέρους τρόπους δεῖ μετελθεῖν, τὸν τῆς ἐμβρυουλκίας καὶ τῆς ἐμβρυοτομίας· καὶ γὰρ εἰ τὸ κυηθὲν διαφθεῖρει, τὴν κυοφοροῦσαν τηρεῖν ἀναγκαῖον.

³⁵ SOR. 4, 6 [58]: ἐὰν γὰρ ζῶν, ὠδίνει ἢ κύουσα καὶ ἐντείνεται, θερμὸν τε αὐτῆς <τὸ ἐπιγαστριον εὐρίσκεται, τῇ δὲ καθέσει> τῶν δακτύλων καὶ αὐτὸ τὸ ἐμβρυον εὐανθὲς ὁράται, ἐὰν δὲ ἡ νεκρὸν, οὐχ οὕτως ὠδίνει ἢ κύουσα τὸ τε ἐπιγαστριον αὐτῆς ψυχρὸν γίνεται.

³⁶ EHMIG (2013) 111-129; AUBERT (2004) 187-198.

³⁷ HOR., *Saec.* 13-20: *Rite maturos aperire partus/lenis, Ilithyia, tuere matres, / sive tu Lucina probas vocari seu Genitalis: / diva, producas subolem patrumque /prosperes decreta super iugandis / feminis prolisque novae feraci / lege marita.*

³⁸ Comme l'accouchement avait lieu souvent dans la lumière des bougies, il était assisté par Candelifera. La déesse Junon, nommée Lucine était associée à la lumière (CIC., *N.D.* 2, 68: *luna a lucendo nominata sit; eadem est enim Lucina, itaque ut apud Graecos Dianam eamque Luciferam sic apud nostros Iunonem Lucinam in pariendo invocant, quae eadem Diana Omnivaga dicitur non a venando sed quod in septem numeratur tamquam vagantibus*). Le rôle

Les futurs parents manifestaient un fort respect à cette déesse, de plus, on trouve beaucoup d'informations sur elle et sur son aide apportée aux femmes, dans de nombreuses sources numismatiques, épigraphiques et narratives³⁹.

Chaque année, le premier mars, on organisait une fête de *Matronalia*⁴⁰, au cours de laquelle toutes les mariées, mères et femmes enceintes, se rendaient à la temple de Junon-Lucine⁴¹. Les sources littéraires font preuve de l'existence d'un ancien jardin sacré de cette déesse, aux alentours de la colline L'Esquilin, alors à l'endroit où, à l'époque historique, la temple de la déesse a été construite⁴². La période, le lieu et la réalisation de ses fêtes sont présentés par Ovide dans ses "Fasti"⁴³. Les Romaines voulaient que la déesse prenne soin d'un accouchement heureux sans douleur, elles s'adressaient à elle, surtout dans les cas difficiles, comme celui décrit par Stace, dans "Les *Silves*"⁴⁴. Les femmes, pareillement aux héroïnes de Térence ou Plaute, criaient son

de Candelifera consistait plutôt à donner un support, les Romains prenaient *Iuno Lucina* pour une déesse qui donnait de la lumière à un nouveau-né, elle lui „donne de la vie” (MART. CAP., *De nuptiis Philologiae et Mercurii* 2, 149: *sive te Lucinam, quod lucem nascentibus tribuas, ac Lucetiam convenit nuncupare...*).

³⁹ TATARKIEWICZ (2015b) 57-70.

⁴⁰ CID LOPEZ (2007) 357-372.

⁴¹ FLAMBARD (1987) 191-210 (on y trouve une interprétation que Junon était célébrée dans la localisation contemporaine de l'église S. Lorenzo in Lucina).

⁴² PLIN. Nat. 16, 235: *Romae vero lotos in Lucinae area, anno, qui fuit sine magistratibus, CCCLXXIX urbis aede condita. incertum, ipsa quanto vetustior; esse quidem vetustiore non est dubium, cum ab eo luco Lucina nominetur. Une autre source qui fait preuve de l'existence de cette temple se trouve dans l'inscription CIL VI 358: P(ublio) Servilio L(ucio) Antonio co(n)s(ulibus) / a(nte) d(iem) IIII K(alendas) Sext(iles) / locavit Q(uintus) Pedius q(uaestor) urb(anus) / murum Iunoni Lucinae / HS CCCLXXX (milibus) / eidemque probavit.*

⁴³ OV., *Fast.* 3, 245: *adde quod, excubias ubi rex Romanus agebat, / qui nunc Esquilias nomina collis habet, illic a nuribus Iunoni templa Latinis / hac sunt (...) dicite 'tu nobis lucem, Lucina, dedisti': / dicite 'tu voto parturientis ades.' / siqua tamen gravida est, resoluta crine precetur / ut solvat partus molliter illa suos.*

⁴⁴ STAT., *Silv.* 3, 3: *sanguine, mater / reddidit, obscurumque latus clarescere vidit conubio gavisia domus, nec pignora longe; / quippe bis ad partus venit Lucina manumque / ipsa levi gravidos tetigit fecunda labores.*

nom lors de l'accouchement, en espérant qu'elle leur apporte de la sécurité, mais aussi en croyant qu'elle apaise la douleur physique⁴⁵.

La médecine contemporaine connaît la physiologie de la douleur de l'accouchement. Nous savons que des rétrécissement de l'utérus causent la pression sur des nerfs et la fermeture des vaisseaux, ce qui rend plus difficile l'afflux de sang oxygéné. Le col de l'utérus qui s'étend fait mal, pareillement à la partie inférieure du corps de l'utérus. Au moment où la tête de l'enfant presse sur des nerfs près de la colonne vertébrale, cette action provoque la douleur près des reins, et si le col de l'utérus atteint sa pleine ouverture, la tête de l'enfant descend jusqu'au bassin, les tissus du périnée pressés et étirés font mal. Bien que la douleur de l'accouchement ne soit pas un symptôme pathologique mais bien au contraire, elle constitue un élément naturel de l'accouchement, la peur, l'inquiétude, le manque de sécurité, mais aussi des stimulations fortes, comme par exemple : la froideur, la faim, une lumière forte et la peur peuvent causer la diminution du niveau des endorphines et l'augmentation de l'adrénaline. La tension des muscles augmente ce qui provoque leur anoxémie et en conséquence, la douleur devient plus pénible. Nous avons affaire à un cercle vicieux de la dépendance entre la douleur et la peur, la tension — la douleur — la peur plus forte. Cette situation perturbe l'action des contractions, elle rend l'accouchement plus long et fatigant. Il est évident que la médecine cherchait et elle continue à chercher des moyens les plus efficaces de minimiser les souffrances de l'accouchée, parce que nous voulons que tout se réalise " vite et sans douleur ". Les gens ont perdu la compétence de " déchiffrer la douleur ", ils manquent la connaissance de leur corps. Ce fait concerne aussi les accouchées. D'où, une grande popularité des méthodes pharmaceutiques antidouleur (anesthésie péridurale ou méningée).

De plus en plus souvent, la littérature médicale trouve des accouchements naturels et physiologiques les plus avantageux pour la santé de la femme et de l'enfant. S'il n'y a pas de contre-indications, des médecins et des accoucheuses encouragent les accouchées à profiter de la prophylactique

⁴⁵ PL., Aul. 692: *Perii, mea nutrix. obsecro te, uterum dolet. / Iuno Lucina, tuam fidem! / Em, mater mea / tibi mea, / tibi rem potiore verbo: clamat, parturit.*

psychologique de l'accouchement (la respiration, des techniques de relaxation), de même que de la kinésithérapie verticale (une adoption instinctive d'une position conforme du corps), de l'immersion, du massage, de la musicothérapie et de l'aromathérapie. Toutes ces méthodes peuvent aider la femme à minimaliser les souffrances de l'accouchement. Ces démarches ont pour l'objectif de relâcher et diminuer la tension, qui renforce la douleur. Leur objectif est aussi de soutenir et mieux contrôler le déroulement naturel de l'accouchement.

Si nous observons attentivement des propositions des accouchées et des médecins contemporains au sujet des méthodes autres que pharmacologiques d'apaiser la douleur de l'accouchement, nous constatons immédiatement que plusieurs de ces méthodes étaient appliquées dans les époques les plus anciennes. Dans la description de Soranos concernant des préparations à l'accouchement, des devoirs et des recommandations aux accoucheuses, il est possible de voir une approche holistique à l'accouchée. Une ambiance intime, des essais de calmer l'accouchée, une position confortable, des massages, l'aromathérapie, toutes ces actions ont pour but de relaxer des muscles alors de limiter la douleur. Le stress de l'accouchement était considéré par Soranos et ses contemporains comme un grave danger, on était conscient du fait que la douleur hors de forces et trop long pourrait causer une situation critique, des complications de l'accouchement, alors un accouchement dur, qui, vue l'état de médecine de l'époque, constituait une menace considérable pour la vie de la mère et de l'enfant. Des médecins et des accoucheuses avaient très peu de possibilités pratiques d'apaiser la douleur, ils les appliquaient intuitivement, pourtant, des conseils gardés dans les sources prouvent qu'ils n'étaient pas indifférents aux souffrances des accouchées. Pour la même raison, dans les sources, à côté des conseils des spécialistes, il y a des recettes populaires et des prières pour calmer la douleur, lors de ce jour exceptionnel pour chaque femme.

Bibliographie

- AUBERT, J. J. (2004) "La procréation (divinement) assistée dans l'Antiquité gréco-romaine": V. DASEN (coord.) (2004), *Naissance et petite enfance dans l'Antiquité. Actes du colloque de Fribourg, 28 novembre - 1er décembre 2001*. Fribourg / Göttingen, Academic Press/Vandenhoeck & Ruprecht, 187-198.
- CID LOPEZ, R. M. (2007), "Imágenes y prácticas religiosas de la sumisión femenina en la antigua Roma. El culto de *Juno Lucina* y la fiesta de *Matronalia*": *Studia Historica. Historia Antigua* 25 (2007) 357-372.
- COURTIL, J. CH. (2012) "La souffrance physique dans l'Antiquité : théories et représentations " : *Pallas* 88 (2012) 9-12.
- EHMIG, U. (2013) "Risikobewältigung bei Schwangerschaft und Geburt in der römischen Antike: lateinische dokumentarische und archäologische Zeugnisse " : *Arctos* 47 (2013) 111-129.
- FLAMBARD, J. M. (1987) "Deux toponymes du Champ de Mars: ad Ciconias, ad Nixas" : CH. PIETRI (coord.) (1987), *L'Urbs: espace urbain et histoire (Ier siècle av. J.-C. — IIIe siècle ap. J.-C., Actes du colloque international de Rome (8-12 mai 1985)*. Rome, Ecole Française de Rome, 191-210.
- GLÓWCZEWSKA-SIEDLECKA, MADRA-GACKOWSKA, KĘDZIORA-KORNATOWSKA K. (2016), " Historia i rozwój leczenia bólu — przegląd wiedzy na temat postępowania analgetycznego od starożytności do czasów współczesnych " : *Journal of Education, Health and Sport* 6, 9 (2016) 479-488.
- GOUREVITCH, D. (1987), " La mort de la femme en couches et dans les suites de couches": F. HINARD (coord.) (1987), *La mort, les morts et l'au-delà dans le monde romain*. Caen, Presses Universitaires de Caen, 187-193.
- MUDRY, P. (2012), " Les voix de la douleur entre médecins et malades: le témoignage de l'Antiquité " : *Pallas* 88 (2012) 15-26.
- REY, R. (2011), *Histoire de la douleur*. Paris, La Découverte.
- SABATOWSKI, R. SCHÄFER, D., KASPER, M., et alii (2004), " Pain Treatment: A Historical Overview": *Current pharmaceutical design* 10 (2004) 701-16.
- SUDER, W. (1989), " A partu, utriusque filiam enixa decessit. Mortalité maternelle dans l'empire Romain": G. SABATH (coord.) (1989), *Études de médecine romaine*. Saint-Etienne, Centre Jean Palerne, 161-166.
- TATARKIEWICZ, A. (2015), " Przedstawienia porodu w Rzymie w świetle źródeł medycznych i ikonograficznych " : *Medycyna Nowożytna* 21 (2015) 175-190.

- TATARKIEWICZ, A. (2015), " Ciąża, Poród I Połóg Pod Opieką Rzymskich Bogów": K. KOCHANCZYK-BONINSKA, L. MISIARCZYK (coord.) (2015), *W kręgu religii śródziemnomorskich*. Warszawa, Wydawnictwo UKSW, 57-70.
- TATARKIEWICZ, A. (2018), " Udział położnych w opiece nad zdrowiem reprodukcyjnym kobiet w starożytnym Rzymie okresu cesarstwa ": B. PLONKA-SYROKA, A. SZLAGOWSKA (coord.) (2018), *Problemy zdrowia reprodukcyjnego kobiet II. Wybrane problemy zdrowia reprodukcyjnego kobiet w relacji do biologii i kultury*. Wrocław, Wydawnictwo Uniwersytetu Medycznego, 15-28.
- TATARKIEWICZ, A. (2018b), *Mater in statu nascendi. Społeczne i medyczne aspekty zdrowia reprodukcyjnego kobiet w starożytnym Rzymie*. Poznań, Wydawnictwo Instytutu Historii UAM.
- WILSON, N. (2013), " The Semantics of Pain in Greco-Roman Antiquity " : *Journal of the History of the Neurosciences*, 22, 2 (2013) 129-143.

Resumo: o texto é dedicado aos métodos antigos para antecipar o parto e para aliviar a dor. Nas fontes antigas que estão disponíveis, no que diz respeito aos preparativos do parto, aos deveres e às recomendações dadas às parteiras, é possível ver uma abordagem holística. Um ambiente íntimo, tentativas de acalmar o parto, uma posição confortável, massagens, aromaterapia, todas esses elementos visam relaxar e limitar as dores. Além dos conselhos de especialistas, há receitas populares para aliviar as dores, neste dia excepcional para todas as mulheres.

Palavras-chave: parto; dores do parto; sofrimento; Antiguidade; Roma antiga; Sorano.

Resumen: el texto está dedicado a métodos antiguos para anticipar el parto y aliviar el dolor. Aunque las parteras y los médicos tuvieron prácticamente muy pocas oportunidades de acelerar el parto y aliviar los dolores del parto, y las utilizaron a menudo de manera muy intuitiva, los consejos encontrados en las fuentes muestran que no eran indiferentes al sufrimiento de las mujeres. En las fuentes conservadas, junto a los consejos de especialistas, podemos encontrar recetas populares, así como oraciones por el alivio del sufrimiento en este momento tan especial para la mujer.

Palabras clave: parto; dolores de parto; sufrimiento; antigüedad; Roma antigua; Soranos

Résumé : Ce texte est consacré aux méthodes antiques qui visaient l'accélération de l'accouchement et le soulagement de la douleur dans la Rome antique. Dans les sources anciennes disponibles, concernant les préparatifs de l'accouchement, les devoirs et les recommandations données aux sages-femmes, il est possible d'y déceler une approche holistique. Une ambiance intime, des tentatives pour calmer la parturiente, une position confortable, des massages, de l'aromathérapie, tous ces éléments ayant pour but de détendre et de limiter la douleur. En plus des recommandations des spécialistes, il existe également des recettes populaires pour soulager la douleur en cette journée exceptionnelle pour toutes les femmes.

Mots-clés : accouchement ; douleurs de l'accouchement ; souffrance ; antiquité ; Rome antique ; Soranos.

El papel de la fisiología femenina en los tratados sobre la flebotomía de Galeno

The role of female physiology in Galen's treatises on phlebotomy

MÓNICA DURÁN MAÑAS¹ (*Universidad de Granada — España*)

Abstract: Though phlebotomy is a well-documented practice since Hippocrates, only after Galen has its use become widespread in all types of diseases. Both in the configuration of the theory explaining its beneficial effects and in the particulars of its practice, women were especially relevant as clinical cases. In this article, the presence of women in Galen's treatises on phlebotomy will be examined, in order to establish if the arguments concerning female physiology on which the author grounds this practice actually justify the treatment.

Keywords: Galen; phlebotomy; physiology, plethora; woman; Hippocrates.

Introducción

La flebotomía² es un procedimiento terapéutico bien atestiguado desde Hipócrates, pero es a partir de Galeno³ que su uso se hace extensivo a todo

Texto recibido el 21.11.2021 y aceptado para publicación el 25.02.2021. El presente trabajo se inserta en el marco del Proyecto FFI2017-82151-P, *La medicina hipocrática y sus continuadores: estudios filológicos*.

¹ monicaduran@ugr.es.

² La flebotomía podía realizarse seccionando la vena del paciente, pero se utilizaban también otros procedimientos menos agresivos como la escarificación y el tratamiento mediante sanguijuelas. Una variante era la arteriotomía o sección de la arteria.

³ Entre Hipócrates y Galeno, la flebotomía continuó empleándose, aunque también sufrió no pocas críticas de las que el pergameno da cuenta. En particular, menciona entre los médicos que emplearon la flebotomía a Hipócrates (s. V a. C.), Eurifonte (s. V a. C.), Dexipo (s. IV a. C.), Diocles (s. IV a. C.), Herófilo (s. IV-III a. C.), Filótimo (s. IV-III a. C.), Mnesíteo (s. IV-III a. C.), Plistonico (s. IV-III a. C.), Praxágoras (s. IV-III a. C.), Dieuques (s. III a. C.), Mantias (s. III a. C.), Asclepiades (s. I a. C.), Apolonio (s. I a. C.), Ateneo (s. I d. C.), Agatino (s. I d. C.), Menódoto (s. I d. C.), Arquígenes (s. I-II d. C.) y Teutras (s. II d. C.) y, entre sus detractores, a Apemantes, Crisipo (s. IV-III a. C.), Erasístrato (s. IV-III a. C.), Estratón (s. IV-III a. C.), Aristógenes (s. III a. C.), Medio (s. III a. C.) y los anónimos “erasístrateos”. Erasístrato de Ceos (320-257 a. C.) es el médico helenístico contra quien Galeno escribe este primer tratado por haber omitido el uso de la flebotomía. Para un estudio completo sobre este médico, vid. GAROFALO (1988) 3-58. Para Herófilo y Mantias, vid. VON STADEN (1989) 35-442 y 515-518, respectivamente. Asclepiades (124-40 a. C.) es el médico de Prusa, defensor de las teorías atomistas, cuyas ideas influyeron en la escuela metódica. Oribasio recoge muchos de

tipo de dolencias. Tanto en la configuración de la teoría que explica sus beneficios como en las particularidades de su puesta en práctica, las mujeres, como casos clínicos⁴, cobran especial relevancia. En las siguientes líneas, me centraré en el análisis de la presencia de las mujeres en los tres tratados específicos de Galeno sobre la flebotomía –*Sobre la flebotomía contra Erasístrato* [11. 147-186 K], *Sobre la flebotomía contra los erasistrateos en Roma* [11. 187-249 K] y *Sobre la curación mediante la flebotomía* [11. 250–316 K]– para discutir si la fundamentación que hace el autor de esta práctica a partir de la fisiología femenina⁵ constituye una verdadera justificación del tratamiento. Con este fin, expondré primero una breve revisión de la flebotomía en Hipócrates, a quien Galeno alude con frecuencia⁶ como voz de autoridad.

1. La flebotomía en Hipócrates

Galeno comienza su primer tratado apologético sobre la venesección afirmando que Hipócrates empleaba la sangría como remedio habitual para la plétora⁷. Se posiciona, así, como mero seguidor del médico de Cos y minimiza su responsabilidad en la promoción del tratamiento. Sin embargo, su papel en el incremento del uso del remedio fue crucial, según él mismo reconoce posteriormente en su segundo tratado, y el protagonismo de Hipócrates no fue, en realidad, tan relevante.

A grandes rasgos, las referencias a la venesección en el *Corpus Hippocraticum* pueden clasificarse en tres tipos según su finalidad:

los contenidos de las obras galénicas. Vid. BUSSEMAKER-DAREM-BERG (1854) 1-56; 324-325 (= Orib. 7. 1-14; 21). Las abreviaturas se citan de acuerdo con el DGE, a no ser que se indique lo contrario.

⁴ Sobre la función de los casos en Galeno, vid. MATTERN (2008) 40-43.

⁵ La medicina antigua se fundamenta en la fisiología o funcionamiento de la *phýsis* y los médicos eran *physikoi*. DIEPGEN (1937) 138-171 hace una síntesis completa de la fisiología femenina (*Die Physiologie des Weibes*) en la medicina griega atendiendo a las principales etapas de la vida de la mujer. Para la relación de la medicina fisiológica con la configuración de lo masculino y lo femenino, vid. BONNARD (2013) 23-32.

⁶ El nombre de Hipócrates aparece un total de 36 veces en el conjunto de los tres tratados: 25 menciones en el primero; 5 en el segundo y 6 en el tercero.

⁷ Galeno dedica un tratado completo a la plétora, *De plenitudine*, cuya edición crítica, traducción y comentario puede encontrarse en OTTE (2001).

1. Definir para qué clase de dolencias es adecuada la flebotomía (1a)⁸.
2. Especificar la forma y condiciones en que debe practicarse: qué vena debe abrirse (1b)⁹, en qué época del año o en qué momento es mejor hacerlo (1c)¹⁰, consideraciones sobre la cantidad de sangre que debe eliminarse (1d)¹¹ o condición del paciente (1e).
3. Advertir de los casos en los que puede resultar perjudicial (1f) o inútil (1g).

(1) a. *Aph.* 6, 22

Cuantas distensiones¹² van de la espalda a los codos, una flebotomía las soluciona¹³.

b. *Aph.* 6, 36

Una disuria la soluciona una flebotomía, pero hay que cortar las venas internas¹⁴.

c. *Aph.* 6, 47

Para cuantos es adecuada una flebotomía o un medicamento purgante, a esos conviene practicarles la flebotomía o purgarlos en primavera.

⁸ Vid. también *Aph.* 6, 31; 6, 36; 7, 48; *Prorrh.* I 145 (=Coac. 330, 2); Coac. 288, 3; 340, 2; 388, 3; *Acut.* (Sp.) 4 y 5; *Epid.* II 5, 5; 6, 12; 6, 20; *Epid.* V 1, 80; 1, 83 (=Epid VII 1, 88); *Epid.* VII 1, 45; 1, 85. Se citan las obras de Hipócrates según Anastassiou-Irmer (1999).

⁹ Vid. también *Aph.* 7, 48; *Acut.* (Sp.) 6 y 9; *Nat. Hom.* 11 (=Oss. 9).

¹⁰ Vid. también *Acut.* (Sp.) 7.

¹¹ Vid. también *Epid.* II 3, 14.

¹² Traduzco ῥήγματα, literalmente “rupturas”, por “distensiones”, ya que una distensión es una lesión dolorosa que se produce en el músculo al romperse este por un estiramiento excesivo. Vid. <https://dicciomed.usal.es/palabra/distension>. De hecho, Galeno en *Comentario a los Aforismos de Hipócrates* [18a. 34.6 K] (=4. 568.9-10 L.) señala, a propósito de este pasaje, que algunos preferían leer aquí ἀλγήματα, “dolores”, detalle que SAVINO (2020) 117 y 214, aun considerando la lectura ῥήγματα de los códices P M S como superior, intenta recoger en su traducción *lacerazioni*. LITTRÉ (1844) 569, n. 9 también sugiere que se trata del dolor que se transmite a los codos cuando algo se rompe en la espalda. Vid. JONES (1959) 185, n. 4. Una edición más reciente que la de Littré es la de MAGDELAINE (1995).

¹³ Todas las traducciones son mías, basadas, salvo indicación expresa, en las ediciones recogidas en el TLG.

¹⁴ Galeno en *Comentario a los Aforismos de Hipócrates* [18a. 57.7 K] (=4. 572.2 L.) piensa que hay un error de transmisión en este texto al que debería añadirse una partícula καί, “también”, para matizar que la flebotomía cura las disurias causadas por inflamación y plétora. Vid. SAVINO (2020) 142 y 223.

d. *Acut. (Sp.)* 6¹⁵

Si una afonía se produce de repente [...] es preciso practicar la flebotomía en la vena interna del brazo derecho y eliminar sangre según la constitución y la edad del paciente.

e. *Acut. (Sp.)* 3

En las afecciones agudas, practicarás una flebotomía si la enfermedad aparece con fuerza y los que la tienen están en la flor de la edad y del vigor.

f. *Coac.* 481

En los dolores de costado que emergen débilmente entre fiebres sin ningún signo, una flebotomía daña, y también si el enfermo está desganado y si tiene el hipocondrio hinchado. También en un estado frío la eliminación de sangre daña a los que sufren de estupor¹⁶ no sin fiebre. Y aun cuando parece que están mejor, estos pacientes mueren¹⁷.

g. *Epid.VI* 7, 1

A estos (los que padecían tos de Perinto) ni siquiera estando apremiados por la evacuación, no les ayudaba nada digno de mención, ni la purificación del vientre, ni la flebotomía, lo cual probé [...]¹⁸

En sintonía con sus propias palabras, hay que practicar la flebotomía “no sin reflexión”¹⁹ (*Epid.VI* 2, 1). Pese a que Hipócrates no elabora una amplia teoría sobre la venesección, las obras del *Corpus Hippocraticum* dejan entrever que es precisa cuando hay repleción (2a). Así se deduce claramente que la necesidad de “vaciar” el cuerpo, en cualquiera de sus modalidades, surge de un estado de excesiva plenitud que llega a ser nociva para el paciente.

(2) a. *Hp. Prog.* 15

Cuantos dolores de estas partes no se reprimen ni mediante la evacuación de esputos, ni mediante la deposición, ni mediante las flebotomías y dietas, es necesario saber que supurarán²⁰.

¹⁵ Para *Acut. (Sp.)* sigo la edición de JOLY (1972) 68-128.

¹⁶ Se trata de un estado de insensibilidad en el que el paciente no reacciona a estímulos externos. Vid. <https://dicciomed.usal.es/palabra/estupor>.

¹⁷ Cf. POTTER (2010).

¹⁸ La edición de LITTRÉ contiene οὐδέ... οὐτε... οὐτε. Para otras interpretaciones del pasaje, vid. MANETTI-ROSELLI (1982) 151; ESTEBAN-GARCÍA NOVO-CABELLOS (1989) 240 y SMITH (1994) 273.

¹⁹ Vid. también *Acut. (Sp.)* 3, 11: *La flebotomía después de un medicamento purgante requiere seguridad y moderación.*

²⁰ Sigo la edición de JOUANNA-ANASTASSIOU-MAGDELAINE (2013) 41.

b. Gal. 11. 160.12-160.14 K

Pues la naturaleza quiere entonces repeler lo que causa aflicción, pero, cuando no puede poner fin al trabajo a causa de la debilidad, hace falta nuestra ayuda.

c. Gal. 11. 158.4-158.6 K

O ¿por qué, viendo a menudo que la naturaleza cura muchas enfermedades con la evacuación de sangre, no la has practicado nunca, ni siquiera una sola vez?

Esta idea le sirve de punto de partida a Galeno para explicar que la naturaleza²¹ tiende en tales casos a restablecer el equilibrio, pero que cualquier desarreglo en su dinámica habitual provoca la urgencia de emular su acción mediante la flebotomía (2b). Es precisamente esta la base que sustenta el argumento con el que Galeno ataca a Erasístrato: que la evacuación de sangre es un remedio que suple la acción de la naturaleza cuando esta, por sí misma, no es capaz de cumplir su función, pero Erasístrato hace caso omiso (2c).

2. Galeno y los tratados de la flebotomía

Los tres tratados galénicos sobre la flebotomía se han considerado tradicionalmente²² como una unidad debido a su temática común. Sin embargo, se trata en realidad de tres obras escritas en distintos momentos de la vida de su autor, de suerte que se aprecia en ellas una evolución de pensamiento con respecto a lo que debe ser la práctica del remedio, correspondiente a las tres décadas que median entre la primera y la última. En *Sobre la flebotomía contra Erasístrato*, Galeno defiende la flebotomía por encima de cualquier otro remedio, pero, ante el éxito de su razonamiento, se ve en la tesitura de tener que escribir un nuevo tratado, el segundo, para matizar en qué casos la venesección constituye una verdadera panacea. Así, en los tratados segundo y tercero, Galeno perfila cada vez con mayor detalle los aspectos que influyen en el éxito de la terapia y aporta consideraciones relevantes para el médico que desee usarla. Como resultado, se crea un sistema complejo basado fundamen-

²¹ Para una interesante revisión del modelo teleológico de *phýsis*, “naturaleza”, en Galeno, vid. JOUANNA (2012) 287-311.

²² Vid. LAMOREAUX (2016) 80-83. La edición de KÜHN (1826) presenta las tres obras seguidas: Gal. 11. 147-186 K, 11. 187-249 K y 11. 250-316 K; y también las traducciones a lenguas modernas publicadas hasta el momento: BRAIN (1986) y DURÁN MAÑAS (2020), a excepción de la de RUIZ MORENO (1970), que es, en realidad, una traducción que parte de la versión latina de Tectandro. Vid. DURÁN MAÑAS (2021).

talmente en la cantidad de sangre que debe extraerse en función de la edad del paciente, su constitución, la estación del año, el clima y el lugar, así como en la parte del cuerpo que debe sangrarse según la afección padecida, distinguiendo principalmente entre flebotomía ipsilateral y contralateral²³.

3. Fisiología femenina y flebotomía: estudio de casos

Galeno emplea cuatro denominaciones diferentes para referirse a las mujeres en los tratados sobre la flebotomía: γυνή, γυναικός, ή (28x); παιδίσκη, -ης, ή (6x); γύναιον, -ου, τό (2x), y ἄνθρωπος, -ου, ή (1x)²⁴. Sin embargo, como se observa en la Tabla 1, la mayor parte de ellas (62%) se concentran en *Sobre la flebotomía contra los erasistrateos en Roma*, es decir, en el tratado en el que el autor introduce importantes precisiones sobre cómo debe llevarse a cabo la práctica de la sangría.

	[11. 147-186 K.]	[11. 187-249 K.]	[11. 250-316 K.]
γυνή, γυναικός, ή	8	15	5
γύναιον, -ου, τό	1	1	—
παιδίσκη, -ης, ή	—	6	—
ἄνθρωπος, -ου, ή	—	1	—

Tabla 1. Referencias a las mujeres en los tratados sobre la flebotomía de Galeno.

Como se ha comentado, Hipócrates se dio cuenta de que la pérdida de sangre era un medio con el que la naturaleza regulaba determinados estados de repleción insalubres y Galeno aprovecha esta circunstancia para citar varios pasajes del *Corpus Hippocraticum* que refuerzan su postura a favor de la flebotomía (3a, 3b y 3c).

(3) a. Gal. 11. 158.8-158.9 K (=Hp. *Aph.* 5, 32)²⁵

La solución para la mujer que vomita sangre está en hacer salir la menstruación.

²³ Vid. Gal. 11. 296 K.

²⁴ Puede decirse que Galeno prefiere el término γυνή, dado que παιδίσκη es, en realidad, la denominación que utiliza Erasítrato para designar a su paciente, la muchacha de Quíos [11. 193.2; 194.3; 200.1; 205.8; 205.17; 210.6 K], y las referencias tanto a γύναιον como a ἄνθρωπος son irrelevantes al aparecer solo una vez cada una de ellas, γύναιον referida a una sirvienta tratada por Hipócrates [11. 162.7 K] y ἄνθρωπος a una joven anónima de 21 años [11. 187.4 K]. Sobre la forma de Galeno de nombrar a las mujeres, vid. MATTERN (2008) 112.

²⁵ Vid. también Hp. *Morb.* I 7.

b. Gal. 11. 158.9-158.10 K (=Hp. *Epid.VI* 5, 15)

Las hemorroides son igualmente remedio de la bilis negra.

c. Gal. 11. 158.10 K (=Hp. *Epid.II* 1, 7)

Las hemorragias fuertes arrancan la mayor parte de las veces de la nariz.

Con todo, el autor de estas obras no se limita a describir la regulación de fluidos a través de la pérdida que sufren las mujeres con la menstruación, sino que, junto a esta estrategia de la naturaleza, menciona otras como las hemorroides o la hemorragia nasal²⁶. El de Pérgamo, empero, hace girar su argumentación sobre los beneficios de la flebotomía principalmente en torno a los menstros²⁷, cuya ausencia desencadena la enfermedad. Según él, en particular en el caso de las mujeres, debido a su modo de vida²⁸, era necesario que la naturaleza dispusiera de un mecanismo de evacuación mensual para derramar el exceso de sangre (4a).

(4) a. Gal. 11. 164.4-164.7 K

Pues convenía, creo, que el género femenino que pasa la vida en casa sin grandes esfuerzos y no está en contacto con el sol puro —circunstancias ambas que alimentan la plétora— tuviera la evacuación de la plétora como remedio natural.

b. Gal. 11. 164.8-164.12 K

Y otra, la purgación después del parto [...] incluso el propio embarazo era una evacuación. Pues el feto se alimenta de la sangre de la matriz. Y la producción de leche en los pechos después del embarazo es en sí misma una no pequeña evacuación para la plétora.

c. Gal. 11. 164.14-164.18 K

Por esto, cuantas por edad ya no tienen la menstruación, a estas tampoco se les acumula leche en los pechos. Y cuantas están en edad de purgarse, pero están amamantando, no se purgan. Y si a una mujer lactante se le precipita la sangre por el útero, se le acaba la leche.

²⁶ DEAN-JONES (1994) 142 llega a afirmar que la flebotomía es un remedio para el cuerpo masculino. Vid. KING (1998) 269, n. 30.

²⁷ El trabajo de DEAN-JONES (1994) se fundamenta precisamente en la idea de que la menstruación era un elemento de capital importancia en la concepción médica del cuerpo femenino. La sangre no solo es indicio del estado de salud de las mujeres, sino que, como ha mostrado BODIOLU (2000), su vida social se ve también condicionada por su presencia o ausencia.

²⁸ Galeno se refiere a la vida doméstica —de las mujeres ricas— como un factor de riesgo para la plétora. Hipócrates, al contrario, menciona este mismo detalle como factor protector de la tos. Vid. Hp. *Epid.VI* 7, 1; Gal. 1. 606. 13-15 K.

Pero la menstruación no es el único instrumento con que la naturaleza protege la salud de la mujer. También cuenta con la purgación loquial, el propio embarazo y la lactancia, que consumen recursos de su cuerpo y, por tanto, lo “vacían” de todo excedente (4b). Para justificar esta afirmación, el pergamino explica que la menstruación y la leche están compuestas de la misma sustancia²⁹ y que ambos fluidos comparten las venas como conductos (4c). Esto explica que su presencia o ausencia vayan a la par (vid. Argumentos, Tabla 2).

TIPO DE PURGACIÓN	ARGUMENTOS	EVIDENCIAS
Menstruación	Si ya no tiene menstruación, tampoco tiene leche	Una mujer bien purgada no es alcanzada por la podagra ni por la artritis ni por la pleuritis ni por la pulmonía . Y tampoco se vuelve en ningún momento epiléptica , ni apopléjica ni se queda sin respiración ni afónica . Pero ¿cuándo ha sucumbido a la frenitis , letargos , espasmos , temblores o tétanos mientras tenía la menstruación? ¿La has visto alguna vez de mal humor , fuera de sí , expectorando o vomitando sangre del estómago, con cefalea o dolor de garganta o soportando alguna de las afecciones graves e impetuosas?
Purgación loquial	—	
Embarazo	—	
Lactancia	Las que amamantan no tienen menstruación; si tiene menstruación, se acaba la leche	

Tabla 2. Tipos de purgación, argumentos y evidencias según Gal. 11. 164.14-164.18 K.

La consecuencia de este razonamiento es que una mujer bien purgada está libre de todo tipo de dolencias³⁰ (vid. Evidencias, Tabla 2). Pero, cuando las purgaciones se detienen, afirma Galeno, *de nuevo está expuesta a todo mal*³¹, por lo que el único remedio es la evacuación. Si esta no se produce de manera natural, será necesario ayudar a la naturaleza mediante la flebotomía. Como colofón argumentativo de su primera obra, Galeno advierte de que no practicar la venesección no solo constituye un desafío a las recomendaciones de Hipócrates y de los médicos empíricos, sino que es un atentado contra la vida de las personas³²,

²⁹ Esta idea aparece también en Arist. GA 4, 8, según quien la leche es sangre que ha sufrido un proceso de cocción, de suerte que, si la mujer lactante concibe, se le seca la leche, dado que la leche tiene la misma sustancia que el fluido menstrual. Vid. BRAIN (1986) 26, n. 35.

³⁰ Nuevamente Galeno introduce esta afirmación con la autoridad de Hp. Aph. 6,29: “La mujer no padece de podagra, si no le abandona su menstruación”, Gal. 11. 165.6-165.7 K.

³¹ Gal. 11. 166.2 K.

³² Gal. 11. 167.3 K.

tesis que desarrollará en el tratado siguiente. Así pues, en estos dos primeros escritos, su razonamiento discurre a lo largo de la exposición de cuatro³³ casos de mujeres³⁴ reales con cuadros clínicos diferentes, aunque con la amenorrea como factor común: uno presente en *Sobre la flebotomía contra Erasítrato* y tres en *Sobre la flebotomía contra los erasistrateos en Roma*. Con ellos, Galeno trata de ejemplificar que el papel de la fisionomía femenina es clave porque representa el mecanismo por el que la naturaleza regula los fluidos en el cuerpo. Su disfunción provoca otras afecciones, lo cual justifica la aplicación de la flebotomía como coadyuvante de la naturaleza, para devolver la salud a las enfermas. Paralelamente, en el caso de los hombres que no disponen de este mecanismo natural será necesario, con mayor motivo, practicarles la flebotomía.

Caso 1

Galeno introduce el caso de una paciente del *Corpus Hippocraticum*³⁵, la sirvienta de Estimarges³⁶, sobre el que va comentando las que él considera las causas, de acuerdo con sus propias convicciones (5a). En efecto, que la retención y la desviación de la matriz son indicios de la urgencia de evacuar y del lugar por donde hacerlo, respectivamente, son detalles en los que el autor de *Epidemias* no entra, pero que Galeno añade, fruto de su interpretación. Ahora bien, para darle mayor consistencia a su discurso, Galeno refuerza sus comentarios con una cita textual del *Corpus Hippocraticum* como autoridad (5b) y concluye parafraseándolo —*como él mismo dice, la causa anterior a la afección*—, pero añadiendo su conclusión personal —*que era la plétora de sangre*— (5c). Así pues, de acuerdo con su descripción, la mujer, que presentaba un útero desplazado, se vio afectada por un exceso de sangre por no habersele practicado la purgación de rigor tras el parto.

³³ En la tercera obra aparece, como se verá, un quinto caso en el que Galeno ya no describe los síntomas de la mujer porque no trata de justificar el uso de la flebotomía, sino todo lo contrario, advertir de sus peligros. De estos cinco casos, dos son pacientes de Hipócrates y Erasítrato, a los que Galeno no conoció personalmente.

³⁴ Solamente se describe pormenorizadamente el caso de un hombre, Critón, paciente de Erasítrato mencionado por este a la vez que la muchacha de Quíos. Critón padecía de dolor de garganta y plétora en el pulmón. Vid. Gal. 11. 206.5-209.16 K.

³⁵ Vid. Hp. *Epid.* II 4, 5.

³⁶ Galeno recuerda este caso también en 7. 602.18-603.3 K.

(5) a. Gal. 11. 162.11-162.13 K

[...] como la retención le indicaba que era necesaria la evacuación y la inclinación hacia la matriz el lugar por el que era necesario evacuar, cortó la vena junto al tobillo.

b. Gal. 11. 161.9-161.12 K (=Hp. *EpidII* 4, 5)

“De la sirvienta de Estimarges ni siquiera fluyó sangre cuando dio a luz a su hija, la boca se había girado hacia el isquion y pierna [...] y ciertamente los temblores se apoderaron completamente de su cuerpo”.

c. Gal. 11. 161.18-162.8 K

[...] no vaciló en seccionar la vena, [...] por haber considerado, como él mismo dice, la causa anterior a la afección: que era la plétora de sangre. Pues la mujer no fue purgada con la llamada purgación loquial.

Caso 2

Comienza el segundo tratado con una descripción de un caso real de una mujer que, según Galeno, murió por evitar practicarle la sangría. El autor dice haber sido testigo de su enfermedad y evolución durante su primera estancia en Roma, por lo que la descripción se remonta al periodo en que escribió el tratado anterior, obra que ahora se dispone a matizar. Así, su arranque, de fuerte carga retórica, sirve de justificación al tono impetuosamente apolo-gético del primer tratado, a la vez que de prelude de las novedades que va a introducir en este.

Señala en primer lugar que, en aquel momento, los médicos en Roma evitaban emplear la flebotomía, lo cual traía graves consecuencias. Para ejemplificarlo, trae a colación la historia de una joven que murió por negligencia de los médicos. La mujer de 21 años había padecido amenorrea durante cuatro meses y presentaba signos de plétora como eran el enrojecimiento del rostro por la acumulación de sangre, tos y disnea (6a).

(6) a. Gal. 11. 187.4- 188.1

Y a una mujer de casi veintiún años, que tenía la cara roja por la supresión de la menstruación, tosía un poco y ya respiraba con dificultad, le ataron levemente los miembros con ataduras de lana y le mandaron ayunar, pero ellos mismos no practicaban la flebotomía y nos prohibían a nosotros practicarla.

b. Gal. 11. 188.3- 188.15

[...] les pregunté si no me prohibirían provocar que fluyera la sangre hacia la matriz con los medicamentos capaces de hacer esto [...] intenté persuadirlos de que recurrieran a la flebotomía. Pero no quisieron [...]

c. Gal. 11. 189.16- 190.1

[...] ni siquiera entonces lo permitieron y, en cambio, decidieron apretar con más vehemencia las ataduras de los miembros y provocar la irritación a través de la matriz y perseverar con los ayunos.

d. Gal. 11. 189.13- 189.14

Y ya incluso no pocos particulares censuraban a los que prohibían que se le practicara la flebotomía a la mujer.

e. Gal. 11. 189.2- 189.5

Y al decir ellos que el exceso de sangre podía evacuarse solo con el ayuno, sin aplicar tal remedio, guardé silencio y me alejé, sin esperar nada útil para la mujer a causa de la tos y la disnea.

f. Gal. 11. 190.3- 190.5

La mujer murió no mucho tiempo después afligida por una incurable disnea.

Tras varios intentos de influir sobre el tratamiento (6b) y no lograr ninguna reacción por parte de los médicos (6c), que ya eran criticados incluso por los legos (6d), Galeno desistió en su empeño (6e) y finalmente la joven murió (6f). En suma, ante la gravedad de la situación, Galeno acusa a los médicos: 1. De no practicar la flebotomía. 2. De no hacer caso de sus advertencias y recomendaciones. 3. De no escuchar a otras personas que los criticaban. 4. De haber persistido con ahínco en un tratamiento ineficaz. 5. De haber dejado morir a la paciente.

Caso 3

Galeno menciona muy de pasada que algunos hombres murieron y describe someramente el caso de uno³⁷. Pero los que verdaderamente le interesan y en los que se detiene es en los de las mujeres. Así, con el fin de demostrar la eficacia de la evacuación de sangre como remedio natural, Galeno presenta el cuadro de otra paciente que presencié también durante su primer viaje a Roma. Se trata nuevamente de una mujer que padecía una larga supresión de la menstruación (7a). Tenía, además, fiebre continua y en este caso tampoco el tratamiento que recibió por parte de los erasistrateos fue eficaz, dado que la enferma presentó síntomas de falsa recuperación (7b).

³⁷ Gal. 11. 151.14-16; 190. 5-12 K.

(7) a. Gal. 11. 190.12- 190.14

Conducían a la muerte a una cuarta mujer a la que le había cesado durante no poco tiempo la menstruación [...]

b. Gal. 11. 190.18- 191.2

[...] saltaba delirando, corría fuera atravesando las puertas a voz en grito y los que estaban presentes apenas podían contenerla.

c. Gal. 11. 191.2- 191.7

Pero a esta la naturaleza la salvó al derramar muchísima sangre por las fosas nasales. Y era digno de admirar y al mismo tiempo de enseñar cuánta fuerza tiene para la curación de tales afecciones la extracción de sangre. Pues la mujer enseguida se libró de todos los síntomas [...].

d. Gal. 11. 191.9- 191.12

Pero habiéndole parecido claramente a todos que la mujer se había salvado gracias a la evacuación de sangre, les recordé los que habían muerto, en la idea de que, si alguien les hubiera practicado también a ellos la flebotomía, quizás se habrían salvado.

Galeno no ahorra en dramatismo: los médicos la “conducían” a la muerte de la misma manera que a la anterior con sus ayunos, pero una hemorragia nasal³⁸ — es decir, la acción de la naturaleza — la salvó³⁹ (7c). El de Pérgamo explica así que el hecho de haber visto a esta mujer sanar gracias a una hemorragia nasal espontánea, le hace cambiar su anterior actitud pasiva y entregarse por entero a difundir los beneficios de la flebotomía. Según él, la experiencia de esta paciente le sirve, por una parte, para constatar la eficacia del remedio, y, por otra, para justificar el ímpetu de su tratado anterior⁴⁰. Galeno la presenta, así, como un punto de inflexión — *antes había temido discutir con los médicos*⁴¹ — a partir del cual se ve impelido a “enseñar” con ahínco los beneficios de la flebotomía. Su conclusión es clara: la flebotomía podría haber salvado la vida de muchos otros pacientes (7d).

³⁸ Ya Hp. Aph. 5, 33 señaló los beneficios de la hemorragia nasal en casos de amenorrea.

³⁹ Galeno presenta en Gal. 11. 227.9-13 K un caso similar en el que un hombre que sufrió un fuerte golpe en la palestra empezó a toser sangre hasta que se le practicó la flebotomía y se curó.

⁴⁰ Ha de tenerse en cuenta, además, como se deduce también de su anterior comentario (*yo me aparté sin esperar conseguir nada por la edad de los hombres y su reputación*, Gal. 11. 190.2-190.3 K), que Galeno era un joven médico poseído aún por el entusiasmo y, tal vez por ello, objeto de escasa atención por parte de los médicos más experimentados.

⁴¹ Gal. 11. 191.7-8 K.

Caso 4

Tras haber mostrado con el ejemplo anterior cómo la flebotomía es el remedio apropiado para el cuadro de plétora, Galeno contrapone ahora, con una fuerte carga retórica, dos casos, el de una mujer y el de un hombre, en los que no aplicarla fue funesto (8a). Se trata de dos pacientes de Erasístrato —y que, por tanto, vivieron en el siglo III a. C.— que presentaban una sintomatología compatible con la plétora.

El caso de la muchacha de Quíos es descrito con todo detalle, de suerte que se reproducen los síntomas que presenta en los distintos estadios de su enfermedad. Esta prolijidad de datos contrasta con su denominación, pues se trata de un personaje anónimo⁴², de modo que el foco de interés se desplaza enteramente hacia su afección. El hecho de que Galeno se detenga en esta paciente no es casual, pues es precisamente el funcionamiento de su fisiología lo que le interesa para justificar su tesis. Con este contraejemplo pone en evidencia la mala praxis de Erasístrato y apoya su argumentación, al igual que antes ha hecho con Hipócrates, en palabras textuales del propio médico helenístico (8b y 8c).

(8) a. Gal. 11. 193.17- 194.4

Al día siguiente, [Teutras] llevó los libros de Erasístrato Sobre las divisiones⁴³ y los leyó a todos los filósofos, para mostrar que por culpa de Erasístrato murieron la muchacha de Quíos y Critón e invitar al mismo tiempo a los médicos mayores al diálogo.

b. Gal. 11. 200.1- 200.11 (=Fr. 285 Garofalo)

A la muchacha de Quíos lo primero que le ocurrió fue la supresión de la menstruación durante mucho tiempo. Y luego apareció la tos y la afluencia de flema. Y pasando el

⁴² Por el contrario, Galeno afirma que este mismo Teutras recordó con su nombre propio, además de Critón, a otros muchos pacientes de los erasistrateos que también murieron: “Y los enumeró a todos uno tras otro por su nombre, así como con las disposiciones que tenían”, Gal. 11. 193.13-193.15 K. El término παιδίσκη no aporta mucha información sobre la joven, dado que puede referirse a una joven, una virgen, una esclava e incluso una prostituta (vid. LSJ). En cualquier caso, el empleo de este término no debe atribuirse a Galeno, sino a su fuente, Erasístrato.

⁴³ Teutras lleva los libros de *Sobre las divisiones* para mostrarles a los erasistrateos que se equivocaban al mencionar los casos de Critón y de la muchacha de Quíos como ejemplos de buenas prácticas. A juzgar por los fragmentos conservados, *Sobre las divisiones* era un tratado que recogía tanto casos clínicos como apuntes sobre la anatomía del cerebro. Cf. GAROFALO (1988) 57 y 166-171.

tiempo llegó la afluencia de sangre, también esta le acompañaba durante el periodo de las menstruaciones [...] Y en estos días también acompañaba fiebre. Luego cesó.

c. Gal. 11. 200.12- 201.9 (=Fr. 285 Garofalo)

Al principio ella intentó curarse con pociones, fomentos para el útero y pesarios y con una dieta diferente adecuada a estas cosas. Pues había también una dureza no severa cerca de la boca del útero, pero no respondía en absoluto a la terapia, sino que durante un cierto periodo apareció pesadez en la zona lumbar y sin ninguna humedad, y las fiebres que se originaban en el cuerpecito eran incluso más continuas y la tos seguía siendo convulsa. Así pues, nos abstuvimos de la terapia para el útero, entendiendo que sería arduo provocar la menstruación mientras permaneciera la fiebre. Pero utilizamos las restantes terapias, ya que estamos acostumbrados a tales cosas y a otras, y para ayudar a la terapia durante el periodo de la menstruación retiramos los alimentos y la afluencia de sangre no se produjo sino una sola vez brevemente.

El primer indicio que apareció de enfermedad fue una menstruación irregular que luego se suprimió del todo y produjo una precipitación de la plétora al pulmón, además de tos, flema y fiebre⁴⁴. Los remedios aplicados en esta primera fase resultaron ineficaces y la paciente empeoró, de suerte que se le alteró la terapia, pero sin éxito, hasta que finalmente murió. Erasítrato, al menos en las citas que aporta Galeno, no dice que la mujer estuviera afectada de plétora —este diagnóstico es fruto de la reflexión del propio autor— ni tampoco que muriera ahogada por ella⁴⁵. Sin embargo, Galeno, al igual que antes, combina palabras textuales con reflexiones propias para dar visos de consistencia a sus argumentos. Se recoge la evolución de la paciente en la Tabla 3.

	SÍNTOMAS	DIAGNÓSTICO	TRATAMIENTO	RESULTADO
FASE 1	Amenorrea Tos con flema Afluencia de sangre Fiebre	Afección ginecológica (había una dureza no severa cerca de la boca del útero)	Pociones, fomentos para el útero y pesarios Régimen adecuado	No respondía a la terapia
FASE 2	Pesadez en la zona lumbar sin humedad, fiebres más continuas y tos convulsa	Plétora	Se suspendió la terapia para el útero Se retiraron los alimentos	Escupió algo de sangre Murió con disnea completamente ahogada por la plétora

Tabla 3. Cuadro clínico de la muchacha de Quíos.

⁴⁴ Vid. Gal. 11. 200.1-11 K (=Fr. 285 Garofalo).

⁴⁵ Las opiniones de Galeno que no pertenecen a Erasítrato aparecen en negrita en la Tabla 3.

Dado que la joven padecía de plétora (9a), Galeno denuncia que el ayuno era un remedio ineficaz y dañino (9b), habida cuenta de que mediante la flebotomía era muy fácil y rápido evacuar la sangre excedente (9c).

(9) a. Gal. 11. 204.2- 204.6

Pues, cuando en el periodo de la menstruación el exceso llegaba al tórax y había peligro de que la mujer escupiera algo de sangre, Erasítrato queriendo disminuir la plétora, llegó al ayuno, que era claramente vano [...]

b. Gal. 11. 203.15- 204.1

Pues si a la mujer entera se le practicó la flebotomía, el ayuno se adoptó en vano. Es más, si es necesario decir la verdad, no solo en vano, sino incluso para perjuicio.

c. Gal. 11. 204.6- 204.8

[...] la flebotomía, mediante la cual en poco tiempo era facilísimo evacuar el exceso de sangre.

Con el fin de apoyar esta afirmación, Galeno hace referencia a los médicos de Roma cuya experiencia les indicaba que era beneficioso para las mujeres sangrarlas cuando la menstruación no se producía y añade detalles sobre el momento, la cantidad de sangre y la parte del cuerpo que era necesario sangrar, además de otros elementos complementarios referentes a la dieta y la higiene (10a). Frente a esta buena práctica se opone la de Erasítrato, quien, con el ayuno, solo lograba hacer que la sangre fluyera con mayor dificultad, favoreciendo la amenorrea en vez de solucionarla (10b).

Finalmente, para reforzar su razonamiento, Galeno se refiere a las mujeres que se trataban la amenorrea con el remedio del “beber frío”⁴⁶ y asegura que, también a estas, solo la flebotomía les devolvía la salud (10c). De este modo, el lector puede extraer sus propias conclusiones: la sangría es el remedio más rápido y eficaz para sanar la amenorrea, especialmente cuando se practica en la parte baja de la pierna cercana al tobillo, y cualquier otro tratamiento de acción más lenta puede resultar incluso nocivo.

(10) a. Gal. 11. 204.8- 204.16

Ciertamente los que curaban a las mujeres en Roma estaban persuadidos, sobre todo por la propia experiencia de lo que suele suceder al acudir a la flebotomía durante aquel tiempo en el que el flujo menstrual aparecía, de que no había que mandar reposo ni ayuno, sino permitir que se diera melicrato y también alimento hidratante en abun-

⁴⁶ Este remedio, ya presente en Hipócrates, tuvo luego amplia difusión —y fue objeto de controversia— en Europa. Vid. RAMOS MALDONADO (en prensa).

dancia y recurrir a los baños, tras los cuales acostumbraban a esto mismo; cuando eliminaban moderadamente la sangre, la menstruación aparecía y, sobre todo, cuando se practicaba la flebotomía en la pierna junto al tobillo.

b. Gal. 11. 204.16- 205.3

De manera que, si uno mandase ayunar tras haber practicado la flebotomía, no sólo suprimiría lo de los meses anteriores, sino también suprimiría las menstruaciones que ahora estaban siendo evacuadas irreprochablemente. Pues la sangre se seca en los ayunos y se vuelve más espesa, y por esto fluye con dificultad.

c. Gal. 11. 205.11- 205.16

Pero la flebotomía se mostró como la mayor comprobación durante nuestros tiempos en Roma para la mayoría de las mujeres que bebían agua frigidísima de la nieve y no se purgaban nada en absoluto o mínimamente. Sin embargo, los médicos que les practican la flebotomía las conservan sanas, de modo que ni escupen sangre ni padecen pleuresía ni pulmonía ni anginas.

Caso 5

El tercer tratado tiene como finalidad regular la práctica de la flebotomía y, para ello, el autor establece criterios que permitan usar correctamente el remedio. Por este motivo, no se detiene en describir ningún cuadro por extenso, sino que menciona brevemente el caso de una mujer y un hombre que murieron por una flebotomía excesiva (11a), solo para poner de relieve los peligros de una mala praxis⁴⁷. Esto le sirve para recordar que no es necesario sangrar mucho a la paciente que sufre de retención de los menstruos y que, en ocasiones, con escarificarla es suficiente (11b). Asimismo, introduce matices sobre cómo practicar la flebotomía (11c) y advierte de que no se ha de llevar a cabo siempre de la misma manera, sino que es importante tener en cuenta el tipo de mujer: si es blanca, es preferible la escarificación en los tobillos, porque las blancas tienen las venas pequeñas, especialmente si son rellenas; si es morena, es mejor sangrar porque las morenas tienen las venas más grandes y la sangre más espesa y melancólica, especialmente si son delgadas (11d). También la parte del cuerpo que debe sangrarse varía: las evacuaciones por el codo detienen las menstruaciones al arrastrar la sangre

⁴⁷ De hecho, ni siquiera describe los síntomas de la mujer, a excepción de la fiebre, lo cual invita a pensar que le aplicaron el remedio irreflexivamente, sin tener en consideración el cuadro que presentaba. En cualquier caso, Galeno recomienda *prestar atención a la reducción de los pulsos, tomándolos mientras la sangre aún está fluyendo* (Gal. 11. 288.14-288.15 K) para evitar provocar la muerte del paciente en lugar de la lipotimia.

hacia las partes superiores del cuerpo; las evacuaciones por las piernas, en cambio, arrastran y estimulan las menstruaciones (11e). Y el procedimiento aparece ahora descrito con instrucciones bien claras: 3 o 4 días antes de la menstruación, hay que seccionar la vena o escarificar los tobillos de una de las piernas y evacuar poca cantidad, de modo que cada día se evacue un poco de una pierna y al día siguiente de la otra, todo ello combinado con un régimen adelgazante⁴⁸ (11f).

(11) a. Gal. 11. 289.1-289.4 K

[Un médico] le practicó la flebotomía a una mujer con fiebre y cada uno de los otros [dos médicos] a un hombre hasta una lipotimia tal que ya no se repusieron. Y por esto es mejor evitar las evacuaciones abundantes, si no lo requiere una gran necesidad.

b. Gal. 11. 283.4-283.8 K

[...] sobre las mujeres que tienen retenida la purgación mensual. [...] No es obligatorio abrir una vena, pues las escarificaciones de los tobillos son suficientes para evacuar lo sobrante [...]

c. Gal. 11. 283.10-283.12 K

Por tanto, harás evacuar siempre desde las piernas a las mujeres que sufren de detención de la menstruación, ya sea necesario seccionar una vena ya escarificar.

d. Gal. 11. 283.16-284.3 K

[...] a las bastantes negras cúralas seccionando las venas, pues acumulan sangre más espesa y más melancólica, sobre todo si parecen tener las venas grandes. [...] Pero las rellenas y blancas tienen las venas pequeñas y en ellas es mejor escarificar los tobillos que seccionar la vena.

e. Gal. 11. 303.7-303.11 K

[...] a las evacuaciones por el codo se añade otro inconveniente, ya que las purgaciones detienen las menstruaciones al arrastrar la sangre hacia las partes superiores del cuerpo. Pero con las evacuaciones por las piernas no solo es posible arrastrar, sino también estimular las menstruaciones.

f. Gal. 11. 303.11-303.17 K

Cuando quieras hacer esto, durante el tiempo acostumbrado del periodo para la mujer, tras adelantarte unos tres o cuatro días seccionando la vena o escarificando los tobillos de una de las piernas, evacua un poco. Luego, al día siguiente, de la misma

⁴⁸ Galeno señala que, incluso sin tal régimen, las menstruaciones pueden estimularse suficientemente con menta y poleo, para cuyo uso ofrece instrucciones sobre la preparación y el momento, además de otras precisiones farmacológicas. A la dieta adelgazante le dedicó el pergameno el tratado *De victu attenuante* editado por KALBFLEISCH (1923) 431-451.

manera, de la otra pierna y de nuevo evacua de la misma forma al mismo tiempo que planificas un régimen adelgazante [...].

Estas precisiones responden a un cambio de perspectiva según el cual la flebotomía, por una parte, deja de ser para Galeno la única respuesta para el síndrome pletórico y, por otra, debe aplicarse como método preventivo si existe sospecha de enfermedad. Su foco se centra ahora en el enfermo y en los detalles que aportan información sobre su padecimiento como son los que se describen en (12a).

(12) a. Gal. 11. 267.12-268.2 K

La cantidad de plétora, su cualidad, la fuerza del vigor o su debilidad, la complejión natural de todo el cuerpo, la estación del año, la región y la vida que ha llevado, si ha tomado, de modo acostumbrado o contra su costumbre, abundancia de comida o bebida, sobre todo, muy nutritiva, qué ejercicio hacía, qué secreciones tenía, o si estuvo retenido contra lo acostumbrado, y además de todo esto si se ha vuelto más delgado o más gordo.

En este momento al autor ya no le interesa defender el remedio, sino regular su empleo, por lo que no necesita de la fisiología femenina para sus explicaciones. Con este fin, puntualiza las ideas de Hipócrates sobre la edad y se detiene en consideraciones sobre su aplicación, especialmente en niños y ancianos, siguiendo el mismo razonamiento que ha ofrecido antes sobre las mujeres en lo que se refiere a su constitución⁴⁹.

4. Resultados y discusión

A tenor de los casos revisados (Tabla 4), se observa que Galeno presenta preferentemente mujeres que padecen amenorrea acompañada de otros síntomas. Solo en uno de ellos, el de la mujer que he denominado “caso 5”, Galeno no dice expresamente que sufriera de amenorrea y anota tan solo que tenía fiebre. Sin embargo, esta imprecisión responde bien a la finalidad del pasaje en el que el autor desea poner de relieve las consecuencias de una flebotomía excesiva antes que destacar la necesidad de venesección debida a la plétora. Además, dado que las restantes mujeres que describe con fiebre tienen todas amenorrea, no es descartable que también esta última sufriera de la misma afección.

⁴⁹ Vid. Gal. 11. 278.16-280.15; 11. 290.5-291.14; 11. 293.13-294.8 K.

	CASO	ÉPOCA	REMEDIO	RESULTADO
I	Sirvienta de Estimarges	s. V a. C.	Flebotomía	Positivo
II	Mujer de 21 años	s. II d. C.	Otros	Negativo
	Mujer con amenorrea	s. II d. C.	Hemorragia nasal	Positivo
	Muchacha de Quíos	s. III a. C.	Otros	Negativo
III	Mujer con fiebre	s. II d. C.	Flebotomía	Negativo

Tabla 4. Cuadro-resumen de casos, época, remedios y resultados.

En cualquier caso, la relación entre la ausencia de menstruación y la necesidad de practicar la flebotomía no es original de Galeno. Ya Hipócrates reconoce que el cuerpo necesita evacuar determinadas sustancias y que su acumulación provoca la enfermedad. Por este motivo, para el de Cos no sirve de nada —y resulta incluso nociva— en afecciones sin inflamación. Galeno acepta este supuesto que sigue una lógica clara: si una parte del cuerpo se hincha por repleción, será conveniente reducir la inflamación evacuando lo que la produce. La pregunta que surge aquí es por qué Galeno insiste en vaciar sangre y no cualquier otra sustancia del cuerpo, dado que para Hipócrates es válido cualquier tipo de expulsión: de esputos, evacuación de tripas, sangrías, purgas, tratamientos dietéticos, hemorroides, hemorragia nasal, etc. Es más, el pergameno se escuda en Hipócrates para defender la flebotomía y atacar a Erasístrato por preferir el ayuno, pero omite que este era también uno de los remedios propuestos por el de Cos. De este modo, Galeno selecciona únicamente los aspectos que le interesan y silencia aquellos otros que no encajan con su razonamiento. La cuestión nuevamente es por qué para él es preferible la evacuación mediante la sangría y qué justifica su empleo frente a otras vías.

La clave se encuentra en uno de los argumentos principales que esgrime: cuando hay repleción, la naturaleza tiende a restablecer el equilibrio, pero cuando no tiene fuerza suficiente para hacerlo, hay que ayudarla. Si se tiene en cuenta que el método experimental de que disponía era la observación —directa o indirecta, a través de los testimonios escritos de otros autores— se comprende que el de Pérgamo viera reflejado con claridad en la mujer el funcionamiento de la naturaleza, que la evacua cada mes y la mantiene así sana. Para él, prueba de ello es que cuando la menstruación se detiene, la mujer enferma. Sin embargo, esta correlación posee, desde un punto

de vista experimental, una validez limitada, dado que es fruto de la observación y solo indica que esas dos circunstancias —amenorrea y enfermedad— se producen a la vez en el mismo sujeto, sin añadir datos sobre su relación de causalidad. De hecho, es claro que Galeno no se plantea el razonamiento inverso, es decir, que primero la mujer enferma y sus menstruos se detienen después a causa de la enfermedad, que es lo que probablemente ocurre⁵⁰.

De este modo, Galeno atribuye sin demostración científica la enfermedad a la amenorrea y considera que la repleción que provoca es la verdadera causa del padecimiento. Para él, la conclusión es clara: hay que sangrar a la mujer para liberarla porque, de lo contrario, comienza la escalada de síntomas: tos, disnea, flema, vómitos de sangre, etc. La solución es, como sugiere Hipócrates, hacer “salir la menstruación”. Con todo, aunque Galeno manipula la información en beneficio de su argumento, aporta una razón de peso para decantarse por la flebotomía en lugar del ayuno y es que este último es mucho más lento y tedioso para lograr la curación.

Pero a Galeno no se le escapa que, en determinados momentos de su vida, a la mujer le cesan las menstruaciones, sin enfermar. Por este motivo, se ve en la tesitura de tener que explicar el motivo: durante el embarazo el feto se encarga de consumir el material normalmente evacuado mediante la menstruación y, después del parto, la purgación loquial y la lactancia toman el relevo. Y para aclarar qué vínculo tiene la leche blanca con la sangre, Galeno explica, en consonancia con el pensamiento de Aristóteles, que en realidad ambas sustancias están compuestas de la misma materia. Galeno omite, en cambio, qué sucede con la menopausia —más allá de razonar que las mujeres no tienen leche ni menstruación— y no se pronuncia sobre si hay que seguir sangrando a estas mujeres que, por lo demás, continúan sin salir mucho de casa.

Así pues, es obvio que Galeno selecciona cuidadosamente casos de mujeres que le sirven de justificación del remedio, habida cuenta del paralelismo que puede establecerse entre menstruación como remedio natural y flebotomía como solución artificial. Sin embargo, no se dejan del todo de lado los hombres⁵¹. De hecho, a excepción de los que son apenas mencionados de

⁵⁰ Vid. BONNET-CADILHAC (2002) 576-581.

⁵¹ También presenta Galeno el caso de un paciente, Diodoro el gramático, que sanó sin flebotomía; de un hombre rico que se estaba quedando ciego que se curó gracias a ella;

pasada, Galeno se detiene prolijamente en el caso de Critón, paciente también de Erasístrato que sirve de paralelo masculino al caso de la muchacha de Quíos. Por su parte, los hombres no necesitan de un mecanismo de regulación como las mujeres porque ellos pasan el día fuera de casa realizando esfuerzos y en constante contacto con el sol y esto les sirve de regulación, idea que también Galeno toma de Hipócrates. Aun así, si por alguna razón enferman y la naturaleza no cumple su función, se hace necesaria la flebotomía. Galeno da por supuesto que, después de haber aportado tantas evidencias, se comprende bien que Critón también se hubiera salvado si se le hubiera practicado el remedio.

Ahora bien, de entre los casos que Galeno selecciona es claro que solo dos de las cinco pacientes se salvaron, pero, de estas dos, solo a una se le practicó la flebotomía. En el caso de la mujer que sana tras una hemorragia nasal no puede demostrarse una relación de causa efecto, sino solo una coincidencia que en nada prueba que la sangría sea beneficiosa para recuperar la salud. Por tanto, la única mujer a la que se le aplicó la venesección y que se salvó es, en realidad, una paciente de Hipócrates. Sin embargo, por una parte, se trata de un testimonio indirecto, ya que Galeno toma la información de la obra que escribió el propio Hipócrates, —en siete siglos anterior a él— y, por otra, no se conocen todas las circunstancias del caso y, en lo conocido, nada indica que exista una relación de causalidad flebotomía-curación más allá de la mera correlación. Además, Galeno silencia un detalle importante que Hipócrates añade sobre la joven y es que su salud mejoró, pero que posteriormente se vio afectada por temblores. Por consiguiente, en última instancia tampoco este caso evidencia que la flebotomía funcionara.

Por último, para más detalles sobre la efectividad del remedio, de las tres mujeres que murieron, Galeno afirma que una falleció, no de su enfermedad, sino precisamente a causa de la propia flebotomía. Y, por lo que respecta a las otras dos, no se les practicó la venesección, por lo que tampoco se demuestra objetivamente que, si se les hubiera aplicado el remedio, habrían sobrevivido. Según estos datos, al menos en términos absolutos, no parece que esta terapia ofreciera demasiadas garantías.

y de un adorador de Asclepio que se libró de un dolor en la pleura gracias a una arteriotomía. Vid. Gal. 11. 242.1-8 K; Gal. 11. 299.10-302.7 y 315.7-10 K.

Conclusión

En las líneas precedentes se ha expuesto por qué aparecen más casos clínicos femeninos que masculinos en los tratados sobre la flebotomía. La respuesta es que Galeno intenta justificar la práctica de la flebotomía como sustituta de la menstruación, es decir, de la acción de la naturaleza cuando esta no tiene fuerza suficiente para llevar a cabo su actividad. Así, la fisiología femenina es, en opinión del médico de Pérgamo, un punto de referencia esencial no solo para explicar la conveniencia de aplicar la venesección, sino también para establecer los límites del remedio. Pero, en realidad, ninguno de los casos de mujeres que ofrece como ejemplo corresponde a pacientes que con seguridad se salvaran gracias al remedio, sino que su discurso se muestra más retórico que científico. En consecuencia, la fundamentación que hace el autor de la flebotomía a partir de la fisiología femenina no constituye una verdadera justificación del tratamiento hasta el punto de que en el último de sus tratados da un giro radical a su argumentación y alerta de que una excesiva flebotomía puede acabar con la vida del paciente.

Referencias bibliográficas

- ANASTASSIOU, A.-IRMER, D. (1999), *Index Hippocraticus. Supplement*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.
- BODIOU, L. (2000), *Histoires du sang des femmes grecques: filles, femmes, mères à l'époque classique d'après les écrits médicaux et biologiques*. Tesis doctoral, Rennes 2.
- BONNARD, J.-B. (2013), "Corps masculin et corps féminin chez les médecins grecs": *Clio: Femmes, Genre, Histoire* 37 (2013) 21-39.
- BONNET-CADILHAC, C. (2002), "Les aménorrhées dans le corpus hippocratique: la vision du médecin actuel": A. THIVEL-A. ZUCKER (eds.), *Le normal et le pathologique dans la Collection hippocratique*. Nice, Publications de la Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines de Nice-Sophia Antipolis, 575-589.
- BRAIN, P. (1986), *Galen on Bloodletting: A Study of the Origins, Development and Validity of his Opinions, with a Translation of the Three Works [De venae sectione adversus Erasistratum; De venae sectione adversus Erasistrateos Romae degentes; De curandi ratione per venae sectionem.]*. Cambridge, Cambridge University Press.

- BUSSEMAKER, U.C.-DAREMBERG, CH. (1851-1876), *Oeuvres d'Oribase, texte grec, en grande partie inédit, collationné sur les manuscrits, traduit pour la première fois en français; avec une introduction, des notes, des tables et des planches, par les Docteurs -*, 6 vols. Paris, Imprimerie Impériale.
- DEAN-JONES, L. (1994), *Women's bodies in classical Greek science*. Oxford, Clarendon Press.
- Diepgen, P. (1937). *Die Frauenheilkunde der Alten Welt. Handbuch der Frauenheilkunde*, publicado por W. Stoeckel, vol. 12, parte 1: Geschichte der Frauenheilkunde I. München, Bergmann.
- DURÁN MAÑAS, M. (2018), "El vocabulario de la sección de las venas en los tratados sobre la flebotomía de Galeno": *Panacea* 48 (2018) 232-239.
- DURÁN MAÑAS, M. (2020), *Galeno. Sobre la flebotomía contra Erasístrato. Sobre la flebotomía contra los erasistrateos en Roma. Sobre la curación mediante la flebotomía*, introducción, traducción, notas e índices de -. Madrid, Ediciones Clásicas.
- DURÁN MAÑAS, M. (2021), "Las traducciones argentinas de Galeno: el caso de *La sangría*": *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia* 73.1 (2021) 362-375.
- ESTEBAN, A.-GARCÍA NOVO, E.-CABELLOS, B. (1989), *Tratados hipocráticos V. Epidemias*. Madrid, Gredos.
- GAROFALO, I. (1988), *Erasistrati fragmenta*. Pisa, Giardini.
- Joly, R. (1972), *Hippocrate*, vol. 6, 2. Paris, Les Belles Lettres.
- Jones, W.H.S. (1959), *Hippocrates, with an English translation by -*, vol. 4. London, Heinemann; Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.
- JOUANNA, J. (2012), *Greek medicine from Hippocrates to Galen*. Leiden-Boston, Brill.
- JOUANNA, J. ANASTASSIOU, A.-MAGDELAINE, C. (2013), *Hippocrates. Pronostic*. Paris, Les Belles Lettres.
- KALBFLEISCH, K. (1923), *Galen De victu attenuante*, CMG V 4,2, Berlin, 431-451.
- KING, H. (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. London-New York, Routledge.
- KÜHN, C. G. (1821-1830), *Claudii Galeni Opera Omnia*, 20 vols. Leipzig.
- KÜHN, J. H.-FLEISCHER, U. *et alii* (1986-1989). *Index Hippocraticus*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.

- Lamoreaux, J.C. (2016), *Hunayn ibn Ishāq on His Galen Translations, A parallel English-Arabic text, with an appendix by Grigory Kessel*. Utah, Brigham Young University Press.
- Littré, É. (1840-1861), *Oeuvres complètes d'Hippocrate*, vols. 2-6 y 9. Paris, Baillière.
- LIDDELL, H.G.-SCOTT, R.-JONES, W.H.S. (1966⁹), *A Greek-English Lexicon*. Oxford Clarendon Press (=LSJ).
- Magdelaine, C. (1994), *Histoire du texte et édition critique, traduite et commentée, des Aphorismes d'Hippocrate* [tesis doctoral]. Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses.
- Mattern, S.P. (2008), *Galen and the Rethoric of Healing*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press.
- OTTE, CH. (2001), *Galen, De plenitudine, Kritische Edition, Übersetzung und Erläuterungen von Ch. Otte*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert.
- POTTER, P. (2010), *Hippocrates*, vol 9. Cambridge, Massachusetts-London, Harvard University Press.
- RAMOS MALDONADO, S. (en prensa), "La sal y su uso como agente refrigerante en la Literatura Renacentista": A. PLATA MONTERO (ed.), *Proceedings of Third International Congress on the Anthropology of Salt, Gesaltza Añana-Salinas de Añana, 12-15th September 2018*. Vitoria-Gasteiz, Imprenta de la Diputación Foral de Alava.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, F.-RODRÍGUEZ SOMOLINOS, J. (dir.), *Diccionario Griego-Español en línea*. <<http://dge.cchs.csic.es>> [consulta: 22.10.2020] (=DGE).
- ROSELLI, A.-MANETTI, D. (1982), *Ippocrate. Epidemie: libro sesto*. Firenze: La nuova Italia.
- SAVINO, C. (2020), *Galenī In Hippocratis Aphorismorum librum VI commentarium edidit, in linguam Italicam vertit, commentata est Christina Savino*, CMG V 12,6. Berlin-Boston, De Gruyter.
- RUIZ MORENO, A. (1970), "La sangría": F. Vera (1970), *Científicos griegos*, vol. 2., recopilación, estudio preliminar, preámbulos y notas por -. Madrid, Aguilar, 887-906.
- SMITH, W.T. (1994), *Hippocrates*, vol. 7. Cambridge, Massachusetts-London, Harvard University Press.
- THESAURUS LINGVAE GRAECAE® Digital Library. Ed. Maria C. Pantelia. University of California, Irvine.
- VON STADEN, H. (1989), *Herophilus. The Art of Medicine in Early Alexandria*. Cambridge, Cambridge University Press.

Resumo: A flebotomia está bem comprovada desde Hipócrates, mas é a partir de Galeno que o seu uso se estende a todos os tipos de doenças. Tanto na configuração da teoria que explica os seus benefícios, como nas particularidades da sua *praxis*, as mulheres, como casos clínicos, assumem especial relevância. Neste artigo, estudar-se-á a presença das mulheres nos tratados específicos de Galeno sobre a flebotomia para discutir se a fundamentação feita pelo autor dessa prática a partir da fisiologia feminina constitui uma verdadeira justificação para o tratamento.

Palavras-chave: Galeno; flebotomia; fisiologia; pletora; mulher; Hipócrates.

Resumen: La flebotomía se halla bien atestiguada desde Hipócrates, pero es a partir de Galeno quando su uso se extiende a todo tipo de dolencias. Tanto en la configuración de la teoría que explica sus beneficios como en las particularidades de su *praxis*, las mujeres, como casos clínicos, cobran especial relevancia. En las siguientes líneas se estudiará la presencia de las mujeres en los tratados específicos de Galeno sobre la flebotomía para discutir si la fundamentación que hace el autor de esta práctica a partir de la fisiología femenina constituye una verdadera justificación del tratamiento.

Palabras clave: Galeno; flebotomía; fisiología; plétora; mujer; Hipócrates.

Résumé : La pratique de la phlébotomie a fait ses preuves depuis Hippocrate, mais c'est à partir de Galien que son utilisation s'étend à tous les types de maladies. Tant dans la configuration de la théorie qui explique ses bienfaits, que dans les particularités de sa *praxis*, les femmes, en tant que cas cliniques, revêtent une pertinence particulière. Dans cet article, nous étudierons la présence des femmes dans les traités spécifiques de Galien sur la phlébotomie afin de discuter si le raisonnement de l'auteur, concernant cette pratique, constitue une justification qui puisse être valable pour le traitement.

Mots-clés : Galien ; phlébotomie ; physiologie ; pléthore ; femme ; Hippocrate.

From the Womb to the Page: Gynaecology and History in John of Lydia

Do útero para a página: ginecologia e história em John Lydus

RAF PRAET¹ (*University of Groningen — the Netherlands and Ghent University — Belgium*)

Abstract: This paper aims to contribute to the cultural history of late antique embryology and gynaecology, by focusing on the historian John Lydus (ca. AD 490 – ca. 565). In an overview of his numerous passages on gynaecology, we show that he had a coherent view on these sciences. We shall contextualise the interest of John of Lydia in a subject matter which is ostensibly far removed from his historical interests, by taking into consideration three factors: 1) the legal context of imperial policy, 2) the function of gynaecology in John's historical thinking, and 3) the personal concerns of the author.

Keywords: John Lydus; sixth-century historiography; number symbolism; Justinian's laws; study of origins; Julius Caesar.

This paper aims to contribute to the cultural history of embryology and gynaecology in late antiquity, a history which until now has largely remained uncharted². For this contribution we shall focus on an unlikely character: the teacher of Latin, civil servant and polymath John of Lydia (ca. AD 490 – ca. 565)³. We shall give an overview of the numerous passages which John of Lydia devoted in his works to gynaecology and embryology, showing that they form a coherent system of thought. Finally, we shall ascertain some elements which can be used to explain and contextualise the interest of John of Lydia in a subject matter which is ostensibly far removed from his historical and antiquarian interests.

Text received on 11/01/2021 and accepted on 01/03/2021.

¹ rafpraet@gmail.com. Jan-Willem Drijvers, Renaat Meesters, Peter Van Nuffelen and Ruben Verwaal have my gratitude for reading drafts of this paper and furnishing me with useful remarks and suggestions.

² Regrettably, the cultural history of late antique conceptualisations of the foetus in terms of physiology, symbolism and theology remains a desideratum. MISTRY (2014) 264. For a concise *status quaestionis* with bibliography, see PANIDIS (2013) 221, n.1.

³ For introductions to the life and works of John Lydus see MOMIGLIANO (1966) 187, CARNEY (1971) 3-19, BANDY (1983) ix-xxxviii, BANDY (2013) 1-29, MAAS (1992) 28-37, KELLY (2004) 11-17, SCHAMP (2006a) xiii-lxxvi, TREADGOLD (2007) 258-264, TURFA (2012) 8-11, BJRONLIE (2013) 113-117.

1. John of Lydia, an Unlikely Late Antique Source of Gynaecology and Embryology

John of Lydia, hereafter also called John Lydus, or Lydus, was born around 490 and left in 511 his hometown of Philadelphia in Lydia to test his luck at the city of Constantinople, where he secured a posting in the praetorian prefecture of the east. During his long career in this department, he rose to the prestigious high office of *cornicularius*. His learnedness attracted the attention of no less than emperor Justinian himself, who invited him around 532 (after 530, or after 542) to deliver an encomium and who commissioned a history of his Persian wars (527 – 532)⁴.

John's encomium impressed Justinian and resulted in a promotion in the field of academia⁵. Around 543, Lydus was appointed to a chair of Latin language and literature at the 'university' of Constantinople⁶. During his early teaching⁷, he composed two of his erudite treatises, *On the Months* (*De mensibus*) and *On Celestial Signs* (*De ostentis*)⁸.

⁴ *Magistr.* III.26. CHAP 248. VAN NUFFELEN - VAN HOOFF (2020) xxxi, 255.

⁵ *Magistr.* III.28-29. SCHAMP (2006b) 78-79.

⁶ In Constantinople, there existed an "institution of higher education," the precise nature of which remains unclear. KAZHDAN (1991) 2143. We therefore use the term university as a conventional term. *Magistr.* III.26.1-III.30.10. See CHASTAGNOL (1960) 65, n. 58, CAIMI (1984) 79-81, MAAS (1992) 35-36, KELLY (2004) 13, SCHAMP (2006a) xliii-xlv, DOMENICI (2007) 9, BJORNLI (2013) 114. TREADGOLD (2007) 261 proposed the earlier date of around 533 for Lydus' professorship.

⁷ CARNEY (1971) 11, CAIMI (1984) 66-68, 286, MAAS (1992) 10, KALDELLIS (2003) 313, SCHAMP (2006a) xvi-xvii, DOMENICI (2007) 9, TREADGOLD (2007) 261. Internal evidence points to the *De mensibus* being composed before the *De ostentis*, CARNEY (1971) 65, CAIMI (1984) 66-68, SCHAMP (2006a) lxxx-lxxxiii, although Lydus might have worked on them simultaneously, CAIMI (1984) 66-68.

⁸ The oeuvre of John Lydus has endured the most problematic textual transmission. Especially the textual transmission of Lydus' *De mensibus*, SCHAMP (2006a) lxxxiv-xcix, ZINGG (2019) 558, and, to a lesser extent, *De ostentis*, SCHAMP (2006a) xcix-cxv, is notoriously difficult. In anticipation of the new edition of the *De mensibus*, which is being prepared by E. ZINGG, I revert to the edition of WUENSCH, published in 1898, which remains, if flawed, the best option currently available, SCHAMP (2006a) xciii. E. Zingg was very kind in providing me with remarks on the textual transmission of *De mensibus* and the passages which I discuss in this paper. I am very indebted to his contribution. For the

De mensibus expounds in four books on Roman chronology⁹. The first Book gives, among a flourish of “antiquarian”¹⁰ and mythological information, a history of the genesis of the Roman calendar, with a focus on Rome’s mythological kings Romulus and Numa Pompilius. The second Book, with the title *Περὶ ἡμέρας*, or, *On the Day*, starts with a definition of the day before giving an overview of the different days of the week. Under this guise, the Book becomes, in fact, a numerological compendium, treating in detail the symbolic, philosophical and historical meanings of the different numbers of the days. As such, John of Lydia does not only give an extensive treatment of the numbers of the days in a week (1-7). Also the numbers 8, 9, and 10 are given lavish attention¹¹. *Περὶ μηνός*, or, *On the Month*, is the title of the third Book, which digresses on the month and the different cycles of time within the year. The fourth Book takes up the majority of the work, with an outlay of the Roman calendar and its religious feasts. Also this last Book is interspersed with diffuse antiquarian, mythological and historical digressions.

De ostentis is a compilation on various portents, in which Lydus elaborately defends the validity of omens for the prediction of the future¹². After his retirement from the prefecture in 551-552¹³, Lydus embarked on an

Greek text of *De ostentis*, I use the second edition of WACHSMUTH (1897). See SCHAMP (2006a) ci. All translations are, unless indicated in the footnotes, my own.

⁹ CHAP 251. VAN NUFFELEN - VAN HOOF (2020) 256-257. On *De Mensibus* see CAIMI (1984) 68-71, SCHAMP (2006a) lxxxiv-xcix.

¹⁰ The concept of antiquarianism within late antique historiography is problematic at best, VAN NUFFELEN - VAN HOOF (2020) xviii, xxiv, xxxix-xli. However, in accordance with previous research on John of Lydia, we shall designate the writings of John of Lydia, and especially his *De mensibus*, as a form of antiquarian writing. On the relation of *De mensibus* to the antiquarian tradition, see MAAS (1992) 53-66.

¹¹ The numbers 8-10 are treated in sections which Wünsch placed, in his edition, either in the first or in the fourth Book. I am, however, inclined to follow the ordering of Bandy (2013), who placed these sections in the second Book of *De mensibus*. On number 8, see *Mens.* IV.162, Bandy II.27, on number 9, see *Mens.* IV.122, Bandy II.28, and, on number 10, see *Mens.* I.15, III.4, Bandy II.20-21.

¹² CHAP 250. VAN NUFFELEN - VAN HOOF (2020) 256. On *De ostentis* see CAIMI (1984) 71-79, MAAS (1992) 107, SCHAMP (2006a) xcix-cxv.

¹³ On Lydus’ retirement see CARNEY (1971) 11, CAIMI (1984) 81-83, SCHAMP (2006a) xlv-xlix. The treatise was written after his retirement, CAIMI (1984) 81-83, and internal evidence points to the *De magistratibus* having been written after the *De ostentis* SCHAMP

ambitious enterprise with the composition of his last treatise, *De magistratibus*, or, *On the Magistracies of the Roman State*, in which he described the different military and civil institutions of the Romans, from their mythological origins up to the present¹⁴. He probably also continued his teaching after his retirement from his office in the prefecture, and died between 557 and 561¹⁵.

In his works, John of Lydia exhibits a keen interest in the history and origins of Rome and different aspects of Greco-Roman civilisation. From a modern point of view, these interests are far away from the science of medicine in general, and gynaecology or embryology specifically. Contrary to all expectations, however, John of Lydia has a lively interest in gynaecology and embryology in his antiquarian works.

2. A Coherent Outlook on Gynaecology and Embryology

Throughout his works, and predominantly in his *De mensibus*, we find a wide array of passages on gynaecology and embryology, which are noteworthy for their detail and technicality. Indeed, Lydus appears to have devoted in his treatises more time and space to the science of gynaecology than to any other aspect of the medicinal sciences¹⁶. In these passages furthermore, he exhibits an impressive knowledge of a wide array of written sources. An overview of these passages with their sources can be found in the appendix to this paper. These passages are characterised by a proclivity for number symbolism and a very practical concern for the wellbeing of newborn infants.

(2006a) lxxxiii. CARNEY (1971) 1, dated the *De magistratibus* to the 550's, with Books I and II written before, and Book III after Lydus' retirement, CARNEY (1971) 11. SCHAMP (2006a) xxxi, placed the composition of the *De magistratibus* after 545. In an elaborate analysis, which also treated the hypothesis of Lydus writing under Justin II, Caimi concluded that the *De magistratibus* was concluded not long after 552, probably in December 554, CAIMI (1984) 111-124.

¹⁴ CHAP 252. VAN NUFFELEN - VAN HOOFF (2020) 257-258. We use the edition of M. Debuissou and J. Schamp (2006). On *De magistratibus* see SCHAMP (2006a) cxix-cxxxiii.

¹⁵ MAAS (1992) 11, SCHAMP (2006a) xlvi.

¹⁶ Apart from gynaecology, Lydus only mentions from time to time in Book Four of *De mensibus* the dietary prescriptions which were followed by the Romans during a specific period of time.

Number symbolism¹⁷ structured Lydus' view on both the ideal time for a child to be born and the process of the generation and growth of a foetus in the womb. As mentioned above, the second Book of *De mensibus* is an overview of the week which is supplied with a conspicuous amount of musings on the number symbolism of the seven days of the week. In a section devoted to the seventh day of the week and the perfection of the number seven (*Mens.* II.7). Lydus claims that the seventh month is the best month to be born:

*Thence also infants born in seven months are naturally disposed to be born perfectly formed, as Hippocrates says. For the power of this number for the generation of the soul renders those born in seven months perfect, as they are embraced by a perfect and cosmic number of a perfectly spherical cycle, a number which grasps and generates the soul. Also in the Timaeus, in fact, the soul is composed of seven numbers.*¹⁸

Alternatively, the number eight, on account of its imperfection and indefiniteness, renders the eighth month of the pregnancy an inauspicious moment for birth (*Mens.* IV.162):

*The number eight is female, indefinite and imperfect. Hence also Nicomachus calls the eighth month a month of ill-timed birth, as the period of eight months does not stand in any relation to the harmonic principles. Therefore, eight-month foetuses are not born fully developed. Standing between the numbers which bear developed infants, the number eight itself is imperfect. Sharing in every material force, the number takes on powers associated with matter.*¹⁹

¹⁷ Late antique embryologies were no medical embryologies but numerical and allegorical readings of foetal development, MISTRY (2014) 15. On embryology with numerical symbolism in the *Laterculus Malalianus* (7th century), see MISTRY (2014) 148-151. On the same in Isidore of Seville (ca. 560 – 636) and Rabanus Maurus (ca. 780 – 856), see MISTRY (2014) 293. On numerology in John Lydus, see MAAS (1992) 58-60.

¹⁸ ἔνθεν καὶ τὰ ἐπτάμηνα βρέφη τελειογονεῖσθαι πέφυκεν, ὡς Ἱπποκράτης λέγει· ἡ γὰρ τοῦ ἀριθμοῦ ψυχογονικὴ δύναμις τὰ ἐπτάμηνα τέλεια ἀποφαίνει, διότι τελείας περιόδου σφαιρικῆς ἀριθμῶ τελείῳ καὶ κοσμικῶ, τῷ ψυχοκρατητικῶ καὶ ψυχογονικῶ περιέχεται· καὶ γὰρ τὴν ψυχὴν ὁ Τίμαιος ἐξ ἐπτὰ ἀριθμῶν συνέστησε. *Mens.* II.12, WUENSCH (1898) 35.

¹⁹ Ὅτι ὁ τῆς ὀγδοάδος ἀριθμὸς θήλυς καὶ ἄπειρος καὶ ἀτελής· ὅθεν καὶ παρὰ τῷ Νικομάχῳ ἡλιτόμηρος καλεῖται· ὁ γὰρ ὀκτάμηρος χρόνος πρὸς οὐδένα τῶν ἀρμονικῶν ἔχων φαίνεται λόγον. Ὅθεν οὐ τελεσφορεῖται τὰ ὀκταμηναῖα· μέσος γὰρ ὢν τῶν τελεσφόρων ἀριθμῶν αὐτὸς ἀτελής εὐρίσκεται. πάσης γὰρ ὑλικῆς δυνάμεως μετέχων τὰς περὶ τὴν ὕλην εἴληφε δυνάμεις. *Mens.* IV.162, WUENSCH (1898) 177. The viability of the foetus in the seventh month and the unfavourable quality of the eight month was

As well as the ideal time of birth, the process of the foetus' development in the womb is conditioned by number symbolism. In *Mens.* IV.89 we have a description of the festival of Hera which was held during the Kalends of June. During the festival, the Romans drank cold water against different diseases, such as gout, and against the occurrence of twin births or monstrous births. This section continues by giving the reason for the introduction of such custom:

Such a custom was introduced during the reign of Hadrian because an Egyptian woman had been introduced to him who related that she had given birth to four infants at an irregular interval in four days, and that, after forty days, she had given birth to her fifth infant. This fact is in accordance with Aristotle, who says that in four child-births twenty had been conceived. Heraclides says that this occurs when ejaculation twice or thrice after continence aims well down into the opening or also when the womb has been opened up after previous coagulation in such a way that the delivery would become multiple.²⁰

In the anecdote of the prolific woman under Hadrian mentioned above, the woman gives birth to four children in four days and to a fifth infant after forty days.

The same number forty returns in an elaborate symbolic description of the process of generation in the fourth Book, where three numbers, namely

widely accepted in the Greco-Roman world, in Hippocratic writings, Aristotle, Soranus and in Jewish literature, CILLIERS (2004) 362-363. Also Vindicianus mentions the seventh, ninth and tenth month and avoids the ominous eighth month in his treatise, CILLIERS (2004) 362. The numerological symbolism behind the important number seven guided many of the medicinal writers in their assessments, CILLIERS (2004) 362-363.

²⁰ ἡ δὲ τοιαύτη συνήθεια ἐπὶ Ἀδριανοῦ εἰσενήνεται, πεμφθείσης γυναικὸς ὡς αὐτὸν Αἰγυπτίας, ἡ ἀφηγεῖτο τέσσαρσιν ἡμέραις κατὰ διάστημα ἄνισον τέσσαρα τεκεῖν, μετὰ δὲ τεσσαράκοντα ἡμέρας τὸ πέμπτον, κατὰ τὸν Ἀριστοτέλην, ὃς φησιν ἐν τέσσαρσι τοκετοῖς εἴκοσι κηθῆναι· τοῦτο δὲ φησιν ὁ Ἡρακλείδης συμβαίνειν, ὅταν ἐξακοντισμὸς δις ἢ τρίς ἀπὸ ἐγκρατείας κατ' ἀναστομώσεως εὐστοχήσῃ ἢ καὶ τῆς μήτρας ἐπα- νοιχθείσης μετὰ τὴν προτέραν πῆξιν κατὰ τοσοῦτον καθ' ὅσον ὁ τοκετὸς ἀριθμοῖτο. *Mens.* IV.89, WUENSCH (1898) 137. A similar account can be found in Aulus Gellius, *Noctes Atticae*, X.2, which relates of Aristotle's testimony of one birth of five children in Egypt, and a similar birth of five under the reign of Augustus. In reverse, one of the causes of infertility as the inability of the male to project semen well into the uterus is listed by Hippocrates (*Aphorismi* V.63) and Diocles of Carystus, HANSON (2004) 299-302.

three, nine and forty, are essential (*Mens.* IV.26)²¹. First, the generation of the foetus in forty days is described; in three days blood and heart are formed, in nine days the flesh, and in forty days the whole of the human being²². Second, the numbers of the months are described; in the third month the baby moves in the womb²³, girls are born in the ninth, and boys in the tenth month²⁴. Lydus next elaborates on how a foetus develops its sex: warm sperm results in a swift formation of a male foetus, whereas colder semen engenders a more slowly formed female foetus²⁵. This elaboration prompts Lydus to make a personal assertion of his written sources:

²¹ On this passage, see NARDI (1971) 622. This numerically conditioned process of foetal development is also repeated *in nuce* in *Mens.* III.9, where Lydus describes the generation process of birds in their eggs.

²² On the development of the fruit in Greek medical writers see CILLIERS (2004) 353-360, STOL (2009) 142. The development of the foetus in 40 days was espoused by many ancient theorists, among them Aristotle and Vindicianus, CILLIERS (2004) 353-355, STOL (2009) 145-146. Aristotle, and most possibly Vindicianus, state also that the heart is the first organ to be formed, CILLIERS (2004) 357. Later on, also Isidore of Seville and Rabanus Maurus expound on this symbolic development of the foetus; the heart is formed first and the whole of the body develops in 40 days, MISTRY (2014) 293.

²³ Vindicianus also stated that the foetus starts to move in the third month, CILLIERS (2004) 357.

²⁴ Aristotle discerned sharply between a pregnancy of a male and a pregnancy of a female baby, STOL (2009) 145-146. The idea of a ten-month pregnancy originated in classical and ancient Near Eastern sources, CILLIERS (2004) 361, STOL (2009) 148-149. Also Vindicianus stated that a female foetus is born in the ninth month, and a male foetus in the tenth, CILLIERS (2004) 359, 361.

²⁵ The theory that the temperature of the uterus, which was in turn determined by the phase in the menstrual cycle, determines the sex of the child is common in Greco-Roman medicine, CILLIERS (2004) 351. Aristotle stated, more closely to Lydus, that females are engendered through a lack of vital heat, CILLIERS (2004) 352. Galen connected this theory of heat determining the sex of the foetus to its position in the uterus. Males were generated in the right side of the uterus, which was better blooded and therefore warmer, CILLIERS (2004) 352. Lydus' warmth based theory deviates from the two-seed theory, articulated in the Bible and several Greco-Roman authors. The two-seed theory, which stated that also females produced seed, and that the dominant seed in the mixture of female seed and male semen decided the gender of the foetus, was espoused by several Pre-Socratics, Hippocrates and the Jewish and Babylonian traditions. Aristotle and, most possibly, Vindicianus espoused the one-seed theory, which Lydus here also implicitly follows, CILLIERS (2004) 347-350, 351, STOL (2009) 138-141.

*The statement is true. Male fetuses prolapse formed, even if they miscarry within forty days. But female fetuses prolapse both fleshy and unformed, even if they miscarry after the period of forty days.*²⁶

After this personal gloss, Lydus returns to his symbolic account, with a description of the first days of the infant: in three days the child loses its swaddling clothes, in nine days it gains strength and in forty days it can smile and recognise its mother.

The account closes with a description of the process of human disintegration, which follows a reverse pattern; in three days a corpse loses its character traits, in nine days the body decays and the heart — the first organ to be formed — endures until the fortieth day. Also further on in the treatise, John Lydus connects the origins of human life to its ending in a comparison between the dead who do not require libations and fetuses who do not require external food in the womb (*Mens.* IV.31):

*Just as an infant does not need any other nourishment when it is in the womb, but is nourished by pure blood, likewise they did not pour libations for the dead, as we were saying, after one year, because they were concealed by nature, just as in a womb.*²⁷

Lydus' numerological musings on the ideal timing for a human being to be born and on the development of the foetus are coupled to a real and practical concern for the wellbeing of a newborn child. Throughout the *De mensibus*, indeed, — next to information on newborn children²⁸ — Lydus provides us both with tips for the fostering of a newborn infant and passages

²⁶ ὅτι δὲ ἀληθὴς ὁ λόγος, τὰ μὲν ἄρρενα καὶ τῶν τεσσαράκοντα ἡμερῶν ἐντὸς ἐκτιτρωσκόμενα μεμορφωμένα προπίπτει, τὰ δὲ θήλεα καὶ μετὰ τὰς τεσσαράκοντα ἡμέρας σαρκώδη τε καὶ ἀδιατύπωτα. *Mens.* IV.26, WUENSCH (1898) 85. Significantly, Lydus does not mention any sources for this theory, whereas many authorities in Greco-Roman medicine, such as Hippocrates, Aristotle and Galen all state that the female foetus develops slower because of lack of warmth, CILLIERS (2004) 354.

²⁷ Καθάπερ ἐν τῇ μήτρᾳ τυγχάνον τὸ βρέφος οὐ δεῖται ἐτέρας τροφῆς, ἀλλ' ἐξ αἵματος εἰλικρινοῦς τρέφεται, οὕτως οὐδὲ τοῖς τελευτήσασιν κατὰ τὸ πρότερον, ὥς ἐλέγομεν, ἐνιαυτὸν ἐπεχάζον, ὥσπερ ἐν μήτρᾳ παρὰ τῇ φύσει λανθάνουσιν. *Mens.* IV.31, WUENSCH (1898) 90. Another connection between the earliest origins and the end of human life can be found in *Mens.* IV.40, where Lydus stated the Stoic doctrine of rebirth after a conflagration. The Stoics left their teeth on the funeral pyre in anticipation of their rebirth, considering that a foetus equally has no teeth in the womb.

²⁸ In *Mens.* IV.80 we read how an infant walks before it talks.

which reveal a concern for women during the various stages of pregnancy. In *Mens.* IV.65 we read that myrtle strengthens the body of the newly born child. In *Mens.* IV.84 Lydus refers to the opinions of Plato and Empedocles on the causes of monstrous births. As already mentioned, *Mens.* IV.89 gives us a description of the precautions taken during the festival of Hera against such births. In *Mens.* IV.148, we find information on the protective goddesses in childbirth:

*Ilithyia is the protector of women who give birth, as Plutarch says, and it is said that in pain, Artemis, too, acts in the same way for those who give birth. According to the numerological explanation, Artemis is the one who gives birth to the generation which reaches the even number and which hastens to arrive at that point.*²⁹

The fate of pregnant women also receives extensive treatment in the works of Lydus. He treats every aspect of the pregnancy of a woman. In *Mens.* IV.106 we find the advice to women to abstain from sexual activity in the month of July, in order to preserve their health. In *Mens.* IV.66 we yet again find a very technical passage on the causes of female (in)fertility:

*The natural philosophers say that women with the opening of their uterus in a straight line are prolific, but that those having it in a crooked line are barren.*³⁰

Lydus' concern for women in labour is not limited to the *De mensibus*. When Lydus reports on the remarkable effect of the thunderbolt *Lampros* in *De ostentis*³¹, his concern for the wellbeing of the pregnant woman is apparent:

As regards this matter, one can marvel at nature and its phenomena. For not all thunderbolts, although they are all created from air and from a collision of clouds, act in

²⁹ Εἰλειθυία [δέ ἐστὶν ἡ τ]ῶν τικτουςῶν ἔφορος .]πω[. . . .]ν, ὥς φησιν Πλούτ[αρχος . . .]οίως ἐαυτὴν δ[. . . .]σειεν [τοιαύτην δὲ ἐν τῷ πάθῃ καὶ τ]ὴν Ἀρτεμιν ταῖς κυ[ού]σαις εἶναι φασιν. Ἀρτεμὶς δὲ κατ[ὰ τὸ]ν ἀριθμητικὸν λόγον ἐστὶν ἡ τὴν εἰς τὸ ἄρτιον ἰούσαν γένεσ[ιν] καὶ εἰς τοῦτο προβ[ι]ῆναι σπεύδουσαν ἐκβαλλομένη. *Mens.* IV.148, ZINGG (2021) 62..

³⁰ Ὅτι οἱ φυσικοὶ φασὶ τὰς θηλείας τὰς κατ' ἐνθὺ τὴν ἀναστόμωσιν τῶν ἀγγείων ἐχούσας τοκάδας εἶναι, τὰς δὲ ἐκ πλαγίου στείρας. *Mens.* IV.66, WUENSCH (1898) 120.

³¹ Although *De ostentis* is for the most part composed of translated treatises, the passage at hand is part of Lydus' own commentary. Other passages on pregnancy and childbirth in *De ostentis* are part of the *Brontosopic Calendar* of Nigidius Figulus (ca. 98 – 45 BC), which was translated by Lydus and included in his treatise: *Ost.* 27 second of June, *Ost.* 35 eleventh and fourteenth of February, TURFA (2012) 119.

the same way. The one which among thunderbolts takes the name Arges, and which the ancients in particular call Lampros, often fell upon a jar or simply a vessel either of wine or of water. It left the container undamaged but it made its content to vanish. Not in the least, this happened when it had fallen on gold or silver coffers and when, in like manner, it melted their contents but preserved the containers intact. And, most remarkably, the great Apuleius says that this occurred also to a pregnant woman, and not an unknown woman, but the famed Marcia, who had lived in wedlock with Cato the Younger. For the aforementioned thunderbolt Arges or Lampros fell upon her, and preserved her completely unharmed, but dissipated the fetus in her so imperceptibly that she was not even conscious of what became of it in her, even if it was on the verge of being delivered. Such exceptional activity, indeed, has been allotted to the nature of the Arges.³²

The emphatic wording in this passage is revealing. Lydus' emphasis on the marvel and exceptionality of this natural phenomenon is, indeed, exceptional for the otherwise detached Lydus. For example, he used in this passage twice words with the stem *θαυμα-*, 'wonder,' namely *θαυμάσαι* and the superlative *θαυμασιώτατον*, whereas words with this stem only appear six times throughout the whole of the *De ostentis*, otherwise a work on natural 'wonders'. More significantly, the phrase *κατ'ἐξαιρετόν*, 'specially,' which Lydus used to describe the exceptional activity of the *Lampros*, only appears four times in the whole of Lydus' oeuvre³³. Lydus emphatically marvels at the survival and the lack of pain of the woman in this case, yet his comparing

³² Ἔστι δὲ θαυμάσαι καὶ τούτῳ τὴν φύσιν καὶ τὸ ἄβατον τῶν ἐν αὐτῇ θεωρημάτων. οὐδὲ γὰρ πάντες (καίτοι πάντες ἐξ ἀέρος καὶ συστροφῆς νεφῶν φερόμενοι) τὰ αὐτὰ ἀλλήλοις δρῶσιν. ὁ γὰρ ἐν αὐτοῖς λεγόμενος ἀργῆς, ὃν καὶ λαμπρὸν ἐξαιρετόως καλοῦσιν οἱ ἀρχαῖοι, πολλάκις ἐμπεσὼν ἐπὶ πίθον ἢ ἄγγος ἀπλῶς ἢ οἶνον ἢ ὕδατος, τὸ μὲν περιέχον ἀπήμαντον τὸ δὲ ἐμπεριεχόμενον ἄφαντον ἐποίησεν. οὐχ ἥκιστα δὲ καὶ ἐν σκεύεσι χρυσίον ἢ ἀργύριον φέρουσιν ἐμπεσὼν τῷ ἴσῳ τρόπῳ τὰ μὲν ἔνδον ἔτηξε, τὰ δὲ ἔξωθεν ἔσωσε. καὶ τὸ δὴ πάντων θαυμασιώτατον ἐπὶ γυναικὸς ἐγκύμονος συμβῆναι φησιν ὁ μέγας Ἀπουλήιος, καὶ γυναικὸς οὐκ ἡγνοημένης, Μαρκίας δὴ ἐκείνης τῆς Κάτωνι τῷ τελευταίῳ συνοικησάσης. ἐμπεσὼν γὰρ αὐτῇ κεραυνὸς ὁ λεγόμενος ἀργῆς ἦτοι λαμπρὸς αὐτὴν μὲν παντελῶς ἐφύλαξεν ἀβλαβῆ, τὸ δὲ ἐν αὐτῇ διεφόρησεν οὕτως ἀνεπαίσθητως, ὥς μηδὲ αὐτὴν συνιδεῖν ὅ τι γέγονε τὸ ἐν αὐτῇ, καίτοι πρὸς ἔξοδον ἔχον. τοιαύτην μὲν κατ' ἐξαιρετόν ἐνέργειαν ἢ τοῦ ἀργήτος εἴληχε φύσις. *Ost.* 44, WACHSMUTH (1897) 97-98.

³³ *Θαυμ-* *Ost.* 3, 7, 9, 16a and 44 (twice). *κατ' ἐξαιρετόν* *Ost.* 44, *Mens.* IV.19, IV.37, and IV.47.

the unborn child to gold or silver in a coffer reveals at the same time a sensitivity towards the child, such as he exhibited throughout *De mensibus*³⁴.

3. A Historian's Interest in Gynaecology and Embryology

In the previous section we have given an overview of the manifold passages which John of Lydia devoted to the science of gynaecology and embryology, most predominantly in his work *De mensibus*. These passages show a coherent outlook of John Lydus on gynaecology, with a focus on numerical explanations of the processes of generation of the foetus and the birth of the infant on the one hand, and an interest in the wellbeing of mother and child on the other hand.

In the following section we shall try to give some reasons as to the interest of John of Lydia in gynaecology, a science which, at first sight, seems unrelated to John's main historical interests. For the purpose of this analysis, three possible factors shall be taken into consideration: 1) the legal context of sixth-century imperial policy, 2) the function of gynaecology in John's historical thinking, and 3) the personal concerns of the author. The main attention shall be given to the second factor, the analysis of the function of gynaecology and embryology in John's idiosyncratic thinking on the historical explanation of human action.

3.1. The Legal Context: Lydus, Justinian, and the Care for Women and Children

A first factor for explaining John of Lydia's interest in embryology and gynaecology can be found in the bureaucratic and legal context in which he functioned. In sixth-century Constantinople, a dense network of intellectuals with a position in one of the departments of the Roman administration

³⁴ It has to be said that both the comparison with precious metals and the stress on the wonder of the phenomenon are already present in Pliny, *Nat. Hist.* II.137, of which the passage in Lydus seems to be a translation. However, Lydus seems to value the unborn child slightly more than Pliny, as the former speaks only of gold and silver, whereas the latter speaks of gold, silver and bronze: *aurum et aes et argentum liquatur intus, sacculis ipsis nullo modo ambustis ac ne confuso quidem signo cerae*, RACKHAM (1944) 274.

interacted with this government throughout their literary output, which gave them the opportunity for straightforward praises or covert criticisms³⁵.

In this context, we can remark a parallel between John Lydus' concerns for pregnant women and newborn children on the one hand, and an increased awareness in imperial circles of the legal position of these groups on the other hand. Indeed, throughout his all-encompassing project of legal reform, emperor Justinian systematically improved on the position of women and children. We can see this tendency both in Justinian's monumental codification of Roman law, the *Codex Iustinianus*, (first edition published on 07/04/529, second edition published on 16/11/534) as in his handbook on Roman law, the *Institutiones* (compiled between 530 and 533)³⁶. More significantly, Justinian issued numerous new laws (*Novellae*, published between 535 and 539), which sought to ameliorate the position of women and children³⁷. Perhaps

³⁵ Profound research has been conducted on the theme of the commonality of erudite and political networks and related subjects in sixth-century Constantinople. For a useful *status quaestionis* with bibliography, see VAN HOOFF - VAN NUFFELEN (2017) 16. Different scholars have already made a considerable case for the existence of this common intellectual culture on the level of political thought and historiographical culture, CARNEY (1971) 47, 77, 100, BJORNLI (2013) 82-123, more specifically 82-85, GREATREX (2016). For the existence of "pagan networks" in the sixth century, see KALDELLIS (2003; 2005; 2013). On the affinities between Lydus and Procopius, see KALDELLIS (2003; 2004; 2005), between Lydus and Simplicius, see KALDELLIS (2004, 2005), and between Lydus and Zosimus, see KALDELLIS (2003). For the common tradition of literary and intellectual expertise in bureaucracy, see MAAS (1992) 29. The works of J. CAIMI (1984), T.F. CARNEY (1971) and C. KELLY (2004) have proved groundbreaking for the study of the sixth-century bureaucratic culture, with special attention to the oeuvre of John Lydus and Cassiodorus. For an assessment of the former, the study of MAAS (1992) is invaluable. For an overview of patterns of patronage in the literary culture of sixth-century Constantinople, see RAPP (2005).

³⁶ *There is a strong trend in Justinian's legislation (in the Codex as well as in the Institutes and the Novellae, especially) to improve the woman's and especially the mother's position taking into consideration her natural love, the "female weakness," her labour in child-birth, and the danger often of death.* TSIRPANLIS (1995) 63.

³⁷ 36 of Justinian's 168 *Novellae* (approximately 21%) deal with women, children, and their protection in marriage and inheritances. See *Nov.* 1, 12, 14, 18, 19, 22, 39, 51, 61, 68, 74, 78, 84, 89, 91, 92, 94, 97, 98, 100, 107, 109, 115, 117, 118, 119, 127, 134, 139, 140, 143, 143, 150, 153, 154, 155, and 164.

we can interpret John's interest in gynaecology and embryology as a conscious or unconscious echo of similar imperial policy interests.

3.2. Gynaecology, Embryology and History: Caesar, a Born Ruler

The legal context can, however, only partially contextualise the interest of John of Lydia in gynaecology and embryology. Protecting pregnant women and their children was merely a minor aspect of Justinian's comprehensive programme of legal reform. In case John of Lydia would have liked to curry imperial favour by focusing on the emperor's policies, he would have chosen a more pronounced aspect of them. Furthermore, a comparison between imperial policy concerns and John's historical works clearly shows that he does not straightforwardly echo official policy. For instance, Justinian's interest in the doctrinal aspects of Christianity and his concern for maintaining the union of the Church are clearly not shared by John of Lydia, who barely touches upon the subjects of Christianity, Christian antiquarianism and Church history³⁸.

In order to explain John's interests in gynaecology and embryology more thoroughly therefore, we have to take a different approach, by looking at the function of these disciplines in their own right within the historical thinking of John of Lydia. At first glance, indeed, John's gynaecological interests seem at odds with his historiographic interests. On closer inspection, however, these interests are coherent with his historical thinking.

In his antiquarian writing, John explains or interprets a certain cultural or historical phenomenon by analysing its origins. The underlying reasoning behind these explanations is the naturalistic idea that the origins of a being or a phenomenon determine its further development and, eventually, its ending. By using this principle in his historical explanation of events, John harks back to an idea which was congenial to historical and antiquarian thinking in antiquity³⁹.

³⁸ On the disinterest of John of Lydia in Christianity, and on how this need not reflect his personal stance (as a pagan or a Christian), see MAAS (1992) 3-4.

³⁹ HONORÉ (1978) 246-247, RAWSON (1985) 233, STEVENSON (2004) 118-119, DRIJVERS *et alii* (2018) 6.

However, John of Lydia takes this reasoning one step further, by applying it to the genesis, development and ultimately the demise of human beings. This reasoning explains John's interest in gynaecology and embryology: in order to fully understand the significance of a historical character, one has also to take into account an analysis of its origins. We can see this reasoning at work in John's account of one of the mayor influential historical characters in Roman history, namely Julius Caesar.

Julius Caesar (100 – 44 BC) is a character of special significance throughout the entire oeuvre of John of Lydia. As one of the pivotal figures in the transformation of the Roman republic into a monarchical empire, he figures prominently in John's history of the Roman political institutions, the *De magistratibus*⁴⁰. Of special interest for John of Lydia, in this context, is Caesar's adoption of Octavian (63 BC – AD 14), who became the first Roman emperor⁴¹. This interest comes as no surprise, since Octavian created the praetorian prefecture, the department of state for which John of Lydia worked, and which receives ample attention in his *De magistratibus*.

The presence of Julius Caesar is, however, not limited to John's account of the history of the Roman state. Also in *De mensibus* Caesar figures prominently, this time on account of his reforms of the Roman calendar. Caesar reduced the amount of festivals in the Roman calendar, changing the lunar calendar previously used into a solar calendar. Moreover, the month of *Quin-*

⁴⁰ In *Magistr.* I.38, Caesar is the sole ruler in the war with Pompey. In *Magistr.* I.45, we read that the consuls are responsible for wars, and that the civil magistrates are responsible for other matters down to Caesar. In *Magistr.* I.51, Caesar abolished all magistracies and usurped their power. This passage also has an account of his assassination and succession by Augustus, which begins of the rule of the emperors or *Caesares*. *Magistr.* II.1 gives an overview of the different tyrannical rulers of Rome, from Marius and Sulla up to Caesar. Caesar is first in favour of Pompey, then in favour of Marius. Caesar's daughter Iulia, Pompey's wife, dies. Caesar and Pompey become heirs to the tyrants, resulting in a conflict between Caesar in the west and Pompey in the east. *Magistr.* II.2 has the anecdote on Caesar's symbolic refusal of the title of king, with his rejection of the crown when he was going from the Capitole Hill to the senate. This anecdote is followed by a digression in the titles and the attire of emperors in triumphal processions. In *Magistr.* II.3, Octavian is adopted by Caesar.

⁴¹ *Magistr.* I.51, *Magistr.* II.3, see also *Mens.* IV.111.

tilis was renamed in his honour, resulting in the name we still use today for the seventh month of the year, *Iulius*, or, July⁴².

As can be seen from the paragraphs above, Julius Caesar is a character of profound influence for many of the historical aspects of Roman culture which concern John of Lydia. It comes therefore not as a surprise that John of Lydia tries to give an explanation for the prodigy of this influential character. And in agreement with his explanation of phenomena through an analysis of their origins, John tries to find an explanation for the phenomenon of Julius Caesar in its origins, namely in the special circumstances of his foetal development and his birth.

As mentioned in the analysis above, John Lydus considered the seventh month a favourable time for birth. This part of his numerological analysis acquires specific historical meaning later on in the treatise. In *Mens.* IV.105, for example, where we read the following:

*Many of the historians state that Caesar had been born in seven months and that he changed for this reason the seventh month of the sacerdotal year into his own name. No one else was as brave as he was.*⁴³

Lydus partially explains the historical element of Caesar's prowess through his analysis of the ideal time for birth. Furthermore, John of Lydia uses in the same passage Caesar's time of birth to explain an important feature in his history of the Roman calendar, namely the change in name of the seventh month of the year, *Quintilis*, into *Iulius*. This explanation can be found in full at the beginning of John's analysis of the calendar of the month of July, where he digresses on the different names of the month, introducing the reforms of Julius Caesar (*Mens.* IV.102):

One would consider the month of July to be the fifth month of the civil year, but the seventh month of the sacerdotal year. It is the fifth month counting from the month of March, which was placed at the beginning of the civil year by Romulus. Hence it was previously named Quintilis. Counting from the month of January, however, it is

⁴² Reform of the calendar: *Mens.* III.5-6, reform of the lunar calendar into a solar calendar: *Mens.* III.10, reduction of festivals: *Mens.* IV.102. Change of the month *Quintilis* into *Iulius*: *Mens.* IV.103, IV.105, *Ost.* 45.

⁴³ Ὅτι οἱ πολλοὶ τῶν ἱστορικῶν φασὶ τὸν Καίσαρα ἐπτάμηνον τεχθῆναι, καὶ διὰ τοῦτο τὸν ἑβδομον μῆνα τοῦ ἱερατικοῦ ἐνιαυτοῦ εἰς τὴν οἰκείαν μεταβαλεῖν προσηγορίαν. οὐδεὶς δὲ ἄλλος ἠνδραγάθισεν ὥς οὗτος. *Mens.* IV.105, WUENSCH (1898) 143-144.

*the seventh month. According to Numa, this was a sacerdotal month. (...) When he (Julius Caesar) had encountered the month Quintilis, he changed its name, not only because of the perfection of the number but also because he himself had been born on the fourth day before the Ides of this month (12/07/100).*⁴⁴

For the purpose of connecting the seventh month of the year to Caesar's time of birth (both his birth in seven months as his birth in the seventh month of the year), Lydus idiosyncratically selected from his sources in order to fit his explanation. For, indeed, the majority of the historical sources on Julius Caesar do not mention his birth in the seventh month of the pregnancy at all⁴⁵. We can find a more commonly accepted account of the birth of Julius Caesar in, for instance, the *Chronicle* of John Malalas (ca. 490 – ca. 570), a contemporary of John of Lydia:

*He (Julius Caesar) was not born normally but, after his mother had died in the ninth month, they cut her open and delivered the baby. So he was called Caesar, for in the Roman language Caesar means "dissection".*⁴⁶

John Malalas presents the dominant historical tradition which traces the etymology of the cesarian section erroneously to the birth of Julius Caesar and the demise of his mother in the final stages of the pregnancy⁴⁷. Not only does this tradition mention another time of birth for Caesar. It also implicitly disproves the analysis of John of Lydia, as a cesarian section is only performed as a last resort effort to give birth to the baby in a final stage of the pre-

⁴⁴ Τὸν Ἰούλιον μῆνα πέμπτον μὲν ἂν τις ἀπὸ τοῦ πολιτικοῦ, ἑβδομον δὲ ἀπὸ ἱερατικοῦ λάβοι ἐνιαυτοῦ· ἀπὸ γὰρ τοῦ Μαρτίου — ἐκεῖνος δὲ ἦν ὁ παρὰ Ρωμύλου τεθεὶς εἰς ἀρχὴν τοῦ πολιτικοῦ ἐνιαυτοῦ — πέμπτος ἐστίν, ὅθεν καὶ Κυντίλιος τὸ πρὶν ὠνομάζετο· ἑβδομος δὲ ἀπὸ τοῦ Ἰανουαρίου· ἱερατικὸς δὲ οὗτος κατὰ τὸν Νουμᾶν. ὁ τοίνυν Καῖσαρ (...) εὐρών τὸν Κυντίλιον μῆνα τὴν προσηγορίαν μετέβαλεν, οὐ διὰ τὴν τοῦ ἀριθμοῦ μόνον τελειότητα, ἀλλὰ καὶ διὰ τὸ αὐτὸν ἐκεῖνον κατὰ τὴν πρὸ τεσσάρων Εἰδῶν τοῦ μηνὸς τούτου τεχθῆναι. *Mens.* IV.102, WUENSCH (1898) 141-142.

⁴⁵ Suetonius, *Vita divi Iuli* 76, and Appian, *Hist. Rom.* II.106 shortly mention that a month was named after Caesar in his honour. Cassius Dio, *Hist. Rom.* XLIV.4, specified that the month of his birth received his name in his honour.

⁴⁶ CHAP 421. VAN NUFFLEN - VAN HOOFF (2020) 244-246. ὁς οὐκ ἐγεννήθη, ἀλλὰ τῆς αὐτοῦ μητρὸς τελευτησάσης τῷ ἐνάτῳ μηνὶ ἀνέκειραν αὐτὴν καὶ ἐξέβαλαν αὐτὸν βρέφος· διὸ Καῖσαρ ἐλέγετο· καῖσαρ <γὰρ> λέγεται ῥωμαῖστί ἡ ἀνατομή. *Chron.* IX.1, THURN (2000) 161, trans. JEFFREYS (1986) 113.

⁴⁷ VAN DONGEN (2009) 62-63, BARROSO (2013) 79-80.

gnancy. If Caesar was born too early, in the seventh month of the pregnancy, there would have been no reason to perform a cesarian section. It is therefore not surprising that John Lydus, also in *Mens.* IV.102, explicitly denounces the etymological connection between Caesar and the cesarian section⁴⁸, in order to maintain his theory of the early birth of Caesar in the seventh month of the pregnancy:

*He was named Caesar, but not, as the ancients say, from the fact that he had been taken by the dissection of the belly of his mother Aurelia, who was cut open when she was dying in pregnancy.*⁴⁹

The example of Julius Caesar shows how John of Lydia takes into account the origins of a human being in the womb, its further development, and its birth, in order to explain its historical significance. This technique explains the numerous appearances of elements from embryology and gynaecology throughout his historical works, and explains why these passages are neatly intertwined in his historical narrative. Gynaecology and embryology form an integral part of John's historical thinking on the origins, the development and, ultimately, the demise of both cultural phenomena as human beings. In applying this reasoning to both cultures and human beings alike, Lydus is thinking through, and innovating on an idea which was congenial to historical thinking in antiquity, namely that a phenomenon can be explained through its origins.

We might even hypothesise that John's views on the historical function of embryology and gynaecology can account for the rationale behind his treatise on portents, the *De ostentis*. As the genesis and birth of a human being can account for its historical significance later on in life, knowledge of these origins can be used as a means to *predict* the future of a human being. This makes John's work on embryology and gynaecology tie in nicely with his *De*

⁴⁸ Significantly, in similar discussions, John of Lydia presents different explanations and etymologies, refraining from indicating which hypothesis carries his favour. This neutral way of presenting different hypotheses is one of the characteristics of antiquarian writing in antiquity, STEVENSON (2004) 139-141.

⁴⁹ Καῖσαρ δὲ ὠνομάσθη, οὐ καθὼς φασιν οἱ παλαιοί, ἐκ τῆς ἀνατομῆς τῆς γαστρὸς Αὐρηλίας τῆς μητρὸς αὐτοῦ, ἧς δῆθεν ἀποβιούσης ἐγκύμονος αὐτὸν ἀνατμηθείσης ἐκείνης λεφθῆναι· *Mens.* IV.102, WUENSCH (1898) 142.

ostentis, which formed, next to a compendium of ways to predict the future, also an elaborate defence of the validity of omens. Past, present and future, origins, development and decline, are, through embryology and gynaecology, equally present in John's integral view on history.

3.3 Epilogue: A Personal Concern?

Apart from the legal context of imperial legislation, and apart from the function of embryology and gynaecology within John's historical thinking, we can perhaps also discern a shimmering of a personal concern for newborns and their mothers which influenced John's interest in embryology. Such a personal concern can be glanced from a rather emotional gloss which is tucked away in his otherwise detached historical narrative (*Mens.* IV.89):

The month of June is unsuitable for marriages, as is indicated in the books of the Roman priests. Their statement is true and it is inevitable to lose a marriage made at this point of time at a rather young age. Also I experienced this outcome, with the rapid loss of my wife, who was most dear to me. For three days women were not permitted either to cut their hair or to pare their nails.⁵⁰

Lydus' emphasis on the fate of both women and children during pregnancy, coupled to his emotional declaration about his wife, could seem to suggest that there is also a personal concern guiding John Lydus in his antiquarian research. Was he a young father? Did his wife die in childbirth? Did his child(ren) die? For a want of conclusive biographical evidence, however, any statements on the life of Lydus explaining these emphases must of necessity remain in the field of speculation.

4. Conclusion

In this paper, we have presented an unlikely source of late antique gynaecology and embryology, the sixth-century historian and intellectual John

⁵⁰ ὅτι ὁ Ἰούνιος μὴν ἀνεπιτήδειος πρὸς γάμους, ὡς τὰ βιβλία τῶν παρὰ Ῥωμαίους ἱερέων λέγει· ἀληθὲς δὲ ὁ λόγος καὶ ἀνάγκη πᾶσα, κατὰ τὸδε καιροῦ γινόμενον συνοικέσιον τὸν νεώτερον ἀποβαλεῖν, καὶ ταύτης ἐγὼ τῆς ἐκβάσεως ἐμπειρὸς εἰμι, τὴν ἐμοὶ φιλτάτην γυναῖκα ὡς τάχος ἀποβαλὼν. ἐπὶ δὲ τρεῖς ἡμέρας οὐκ ἐξῆν γυναιξὶν ἢ καρῆναι ἢ ὀνυχίσασθαι. *Mens.* IV.89, WUENSCH (1898) 137. On this passage see CAIMI (1984) 14, SCHAMP (2006a) xxix. DOMENICI (2007) 11, sees in this passage an affirmation of Lydus' superstitious belief in the veracity of the pagan omens and predictions he described.

Lydus. Lydus' idiosyncratic approach to these disciplines could be explained partially through the legal context of his age and, perhaps, through the existence of a personal concern, the causes of which are inevitably shrouded in mystery due to a lack of biographical data.

However, we found a more rounded explanation of Lydus' use of these disciplines in the function he attached to them within his original approach to history. In Lydus' historical thinking, gynaecology and embryology are valid tools for the study of the past, as the study of the origins of phenomena serves to explain their development and, ultimately, their demise. This naturalistic reasoning was an idea congenial to historical thinking in antiquity. But John Lydus innovated on this idea by applying it equally to the analysis of significant historical characters, such as Julius Caesar. From the womb to the page, Lydus' innovative take on historiography allowed for a place for gynaecology and embryology within the toolbox of the historian.

5. Appendix: Table of passages with sources

Passage	Sources Mentioned	Parallels
<i>Mens.</i> II.12	Hippocrates, <i>Περὶ Ἑπταμήνων</i> , Kühn, <i>Medicorum Graecorum Opera</i> , I.444 = <i>Doxographi Graeci</i> 428a16b Plato, <i>Timaeus</i> 36D	
<i>Mens.</i> IV.26	"Those of the Romans who write treatises on natural history"	- Possible sources: Aristotle, Diocles of Carystus, Empedocles (Nardi 1971: 622). - Development of the foetus in 40 days; many ancient theorists, Aristotle, Vindicianus (Cilliers 2004: 353-355), (Stol 2009: 145-146). - The heart is the first organ to be formed: Aristotle, most possibly Vindicianus (Cilliers 2004: 357). - Distinction between a pregnancy of a male and a pregnancy of a female baby: Aristotle (Stol 2009: 145-146). - Ten-month pregnancy: classical and ancient Near Eastern sources (Cilliers 2004: 361), (Stol 2009: 148-149).

		- The sex of the child determined by the temperature of the uterus: Greco-Roman medicine (Cilliers 2004: 351). - The sex of the child determined by the temperature of the uterus and the position in the uterus: Galen (Cilliers 2004: 352). - Generation of females through a lack of vital heat: Aristotle (Cilliers 2004: 352). - Slower development of the female foetus due to lack of warmth: Hippocrates, Aristotle, Galen (Cilliers 2004: 354).
Mens. IV.31		
Mens. IV.40	Stoics <i>Doxographi Graeci</i> 486a8 sqq.	
Mens. IV.65		
Mens. IV.66	"The natural philosophers"	
Mens. IV.80	Numenius	
Mens. IV.84	Plato (Strato) <i>Doxographi Graeci</i> 421a1 Empedocles <i>Doxographi Graeci</i> 420a20	
Mens. IV.89	Aristotle, <i>Historia Animalium</i> VII.4 Heraclides	- Wondrous birth of five: Aulus Gellius, <i>Noctes Atticae</i>, X.2. - Inability of the male to project semen well into the uterus as a cause of infertility: Hippocrates, <i>Aphorismi</i>, V.63, Dioscorides of Carystus (Hanson 2004: 299-302).
Mens. IV.102	"The ancients" "The historians" Valens <i>Hist. Rom. Fragm.</i> (ed. H. Peter 378)	

Mens. IV.105	"Many of the historians"	
Mens. IV.106		
Mens. IV.148	Plutarch	
Mens. IV.162	Ps.-Nicomachus, <i>Theologumena Arithm.</i> p. 55,25 Ast.	- Number symbolism number seven: Greco-Roman medicine (Cilliers 2004: 362-363). - Viability of the foetus in the seventh month, the eight-month unfavourable for birth: Greco-Roman medicine, Hippocratic writings, Aristotle, Soranus, Jewish literature (Cilliers 2004: 362-363).
Ost. 44	Apuleius	- Arrian ap. Stobaeum ecl. phys. I.29, 237, Pliny, <i>Nat. Hist.</i> II.137 (Rackham 1944: 274).

6. Bibliography

- BANDY, A. C. (1983), *Ioannes Lydus On Powers or The Magistracies of the Roman State* (The American Philosophical Society: Memoirs Series, 149). Philadelphia, Edwin Mellen Press.
- BANDY, A. C. (2013), (ed.) *Ioannes Lydus On the Months (De Mensibus)*. Lewiston, Edwin Mellen Press.
- BARROSO, M. D. S. (2013), "Post-mortem Cesarean Section and Embryotomy: Myth, Medicine, and Gender in Greco-Roman Culture": *Acta medico-historica Adriatica* 1.1 (2013) 75-88.
- BEKE, W. (1945), *La spiritualité chez les démocrates-chrétiens de l'Orient médiéval*. Leopoldsburg, Brepols.
- BJORNLIE, M.S. (2013), *Politics and Tradition between Rome, Ravenna and Constantinople: A Study of Cassiodorus and the Variae* (Cambridge Studies in Medieval Life and Thought Fourth Series, 89). Cambridge, Cambridge University Press.
- CAIMI, J. (1984), *Burocrazia e diritto nel De Magistratibus di Giovanni Lido* (Università di Genova Fondazione Nobile Agostino Poggi, 16). Milan, Dott. A. Giuffrè Editore.

- CARNEY, T. F. (1971), *Bureaucracy in Traditional Society: Romano-Byzantine Bureaucracies Viewed from Within. Book Two: Byzantine Bureaucracy from Within*. Lawrence (Ks.), Coronado press.
- CHASTAGNOL, A. (1960), *La prefecture urbaine à Rome sous le bas-empire*. Paris, Presses Univ. de France.
- CILLIERS, L. (2004), "Vindicianus' *Gynaecia* and Theories on Generation and Embryology from the Babylonians up to Graeco-Roman Times": H. F. J. HORSTMANSHOFF - S. STOL (eds.) (2004), *Magic and Rationality in Ancient Near Eastern and Graeco-Roman Medicine* (Studies in Ancient Medicine, 27). Leiden, Brill, 343-369.
- DOMENICI, I. (2007), "Introduzione": I. Domenici - E. Maderna (eds.) (2007), *Giovanni Lido: Sui Segni celesti* (Collana Le Porpore, 29). Milano, Medusa, 7-43.
- DRIJVERS, J.-W. et alii (2018), "Introduction": J.-W. DRIJVERS et alii (eds.) (2018), *Mapping Antiquarianism in Late Antiquity*, (Revue belge de philologie et d'histoire Fasc. 3. Antiquité, 96). Bruxelles, Société pour le progrès des études philologiques et historiques, 1-13.
- GREATREX, G. (2016), "Malalas and Procopius": M. MEIER - C. RADTKI - F. SCHULZ (eds.), *Die Weltchronik des Johannes Malalas: Autor - Werk - Überlieferung* (Malalas Studien: Schriften zur Chronik des Johannes Malalas, 1). Stuttgart, F. Steiner, 169-185.
- HANSON, A.E. (2004), "Aphorismi 5.28-63 and the Gynaecological Texts of the *Corpus Hippocraticum*": H. F. J. HORSTMANSHOFF - S. STOL (eds.), *Magic and Rationality in Ancient Near Eastern and Graeco-Roman Medicine* (Studies in Ancient Medicine, 27). Leiden, Brill, 277-304.
- HONORÉ, T. (1978), *Tribonian*. London, Duckworth.
- JEFFREYS, E. - JEFFREYS, M. - SCOTT, R. (1986), *The Chronicle of John Malalas: A Translation* (Byzantina Australiensia, 4). Melbourne, Australian Association for Byzantine Studies.
- KALDELLIS, A. (2003), "The Religion of Ioannes Lydos": *Phoenix* 3/4 (2003) 300-316.
- KALDELLIS, A. (2004), "Identifying Dissident Circles in Sixth-Century Byzantium: The Friendship of Prokopios and Ioannes Lydos": *Florilegium* 21 (2004) 1-17.
- KALDELLIS, A. (2005), "Republican theory and political dissidence in Ioannes Lydos": *Byzantine and Modern Greek Studies* 29.1 (2005) 1-16.

- KALDELLIS, A. (2013), "The Making of Hagia Sophia and the Last Pagans of New Rome": *Journal of Late Antiquity* 6/2 (2013) 347-366.
- KAZHDAN, A. (1991), "University of Constantinople": A. Kazhdan (ed.), *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford, Oxford University Press, 2143.
- KELLY, C. (2004), *Ruling the Later Roman Empire* (Revealing Antiquity, 15). Cambridge, Belknap Press of Harvard University Press.
- MAAS, M. (1992), *John Lydus and the Roman past: Antiquarianism and politics in the age of Justinian*. London, Routledge.
- MISTRY, Z. (2015), *Abortion in the Early Middle Ages c. 500-900*. Cornwall, York Medieval Press.
- MOMIGLIANO, A. (1966), "Cassiodorus and the Italian Culture of his Time": A. Momigliano (ed.), *Studies in Historiography*. London, Weidenfeld and Nicolson 181-210.
- NARDI, E. (1971), *Procurato aborto nel mondo Greco Romano*. Milan, Dott. A. Giuffrè Editore.
- PANIDIS, Y. (2013), "Avortement: La φθορά (phthora) provoquée de l'embryon dans les textes médicaux de l'antiquité": *Philosophia* 43 (2013) 221-240.
- RACKHAM, H. (1961), *Cicero De natura deorum, Academica* (The Loeb Classical Library). London, Harvard University Press.
- RAPP, C. (2005), "Literary Culture under Justinian": M. MAAS (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge, Cambridge University Press, 376-399.
- RAWSON, E. (1985), "Antiquarianism": E. RAWSON (ed.), *Intellectual Life in the Late Roman Republic*. London, Duckworth, 233-249.
- SCHAMP, J. (2006a), *Jean le Lydien : Des magistratures de l'état Romain Tome I 1ère partie Introduction générale texte établi, traduit et commenté par Jacques Schamp* (Collection des universités de France publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé). Paris, Les Belles Lettres.
- SCHAMP, J. (2006b), *Jean le Lydien : Des magistratures de l'état Romain Tome II Livres II et III texte établi, traduit et commenté par Jacques Schamp* (Collection des universités de France publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé). Paris, Les Belles Lettres.
- STEVENSON, A.J. (2004), "Gellius and The Roman Antiquarian Tradition": L. HOLFORD-STREVEENS (ed.), *The Worlds of Aulus Gellius*. Oxford, Oxford University Press, 118-155.
- STOL, M. (2009), "Embryology in Babylonia and the Bible": V. R. SASSON - J. M. LAW (eds.), *Imagining the Fetus: The Unborn in Myth, Religion and Culture*

- (American Academy of Religion Cultural Criticism Series). Oxford, Oxford University Press, 137-155.
- THURN, H. (2000), *Ioannis Malalae Chronographia* (Corpus fontium historiae Byzantinae. Series Berolinensis, 35). Berlin, de Gruyter.
- TREADGOLD, W. (2007), *The Early Byzantine Historians*. London, Palgrave Macmillan.
- TSIRPANLIS, C. N. (1995), "Marriage, family values and 'ecumenical vision' in the legislation of Justinian the Great (527-565)": *Patristic and Byzantine Review* 14 (1995) 59-69.
- TURFA, J. M. (2012), *Divining the Etruscan World: The Brontoscopic Calendar and Religious Practice*. Cambridge, Cambridge University Press.
- VAN DONGEN, P. W. J. (2009), "Caesarean section - etymology and early history": *South African Journal of Obstetrics and Gynaecology* 15.2 (2009) 62-66.
- VAN HOOFF, L. - VAN NUFFELEN, P. (2017) "The Historiography of Crisis: Jordanes, Cassiodorus and Justinian in mid-sixth-century Constantinople": *The Journal of Roman Studies* 107 (2017) 1-26.
- VAN NUFFELEN, P. - VAN HOOFF, L. (2020) (ed.) *Clavis Historicorum Antiquitatis Posterioris: An Inventory of Late Antique Historiography (A.D. 300-800)* (Corpus Christianorum Claves Subsidia, 5). Turnhout, Brepols.
- WACHSMUTH, C. (1897), *Ioannis Laurentiis Lydi liber de ostentis et calendaria Graeca omnia* (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana), Teubner Verlag.
- WÜNSCH, R. (1898), *Ioannis Laurentiis Lydi liber de mensibus* (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana), Teubner Verlag.
- ZINGG, E. (2019), "Rund um den Anonymus Treu (Par. suppl. gr. 607A): Eine verwirrende Ecke im Stemma von Iohannes Lydos, Peri mēnōn": *Byzantion: Revue Internationale Des Études Byzantines* 89 (2019) 513-559.
- ZINGG, E. (2021), "Les fragments de Jean le Lydien, Sur les mois IV, 147-150 ; 154-156 dans le Par. suppl. gr. 257": *L'Antiquité Classique* 90 (2021) 47-106.

* * * * *

Resumo: Este artigo visa contribuir para a história cultural da embriologia e ginecologia da antiguidade tardia, focalizando o historiador John Lydus (ca. 490 DC - ca. 565). Numa visão geral de suas numerosas passagens sobre ginecologia, mostramos que ele tinha uma visão coerente dessas ciências. Iremos contextualizar o interesse de João da Lídia por um assunto que está ostensivamente distante de seus interesses históricos, levando em consideração três fatores: 1) o contexto legal da política imperial, 2) a função da ginecologia no pensamento histórico de João, e 3) as preocupações pessoais do autor.

Palavras-chave: John Lydus; historiografia do séc. XVI; simbolismo dos números; leis de Justiniano; estudo das origens; Júlio César.

Resumen: Este artículo pretende contribuir a la historia cultural de la embriología y ginecología tardoantigua, centrándose en el historiador Juan Lido (ca. 490 – ca. 565 d.C.). Mediante una panorámica general de sus numerosos pasajes sobre ginecología, mostraremos que tenía una visión coherente de estas ciencias. Contextualizaremos el interés de Juan Lido por un asunto que está aparentemente alejado de sus intereses históricos, tomando en consideración tres factores: 1) el contexto legal de la política imperial, 2) la función de la ginecología en su pensamiento histórico, y 3) las preocupaciones personales del autor.

Palabras clave: Juan Lido; historiografía del siglo XVI; simbolismo numérico; leyes de Justiniano; estudio de los orígenes; Julio César.

Résumé : Cet article vise à contribuer à l'histoire culturelle de l'embryologie et de la gynécologie de la fin de l'Antiquité, en se concentrant sur l'historien Jean le Lydien (vers 490 - vers 565 après J.-C.). Dans un tour d'horizon de ses nombreux passages sur la gynécologie, nous montrons qu'il avait une vision cohérente de ces sciences. Nous mettrons en contexte l'intérêt de Jean le Lydien pour un sujet qui est apparemment éloigné de ses intérêts historiques, en prenant en considération trois facteurs : 1) le contexte juridique de la politique impériale, 2) la fonction de la gynécologie dans la pensée historique de Jean, et 3) les préoccupations personnelles de l'auteur.

Mots clés : Jean le Lydien ; historiographie du VI^{ème} siècle ; symbolisme des nombres ; les lois de Justinien ; étude des origines ; Jules César.

“An mola sine viri congressu concipi possit?” The Uterine Mole in Medical and Philosophical Texts between the Middle Ages and the Early Modern Period

“An mola sine viri congressu concipi possit?” A mola uterina nos textos médicos e filosóficos entre a Idade Média e o início da Época Moderna

ALESSANDRA FOSCATI¹ (University of Lisbon — Portugal)

Abstract: The uterine mole was the subject of various interpretations regarding its aetiology. In the Middle Ages it was considered produced by women through nocturnal emission of their ‘seed’. The idea of the *mola* as a product of a blend of male and female seed became dominant in 16th century thanks to the re-discovered of a Galenic text. This contribution aims to highlight the different ways of interpreting the *mola* in the period between the Middle Ages and the 16th century, showing how the different interpretations were significant for judging women in ethical terms.

Keywords: uterine mole; *mola*; generation theories; female sexual behaviour; superfetation; monstrous births.

1. Physicians and philosophers of nature have shown interest in the uterine mole and its genesis since antiquity. To mention just a few examples, the first reference can be found in the *Corpus Hippocraticum*, in which it is described by the author of the treatise *Diseases of Women* as a fleshy mass (μύλη) in a woman’s womb produced through a combination of heavy menses and a scant sickly seed². There are references to the mole in Aristotle’s *De generatione animalium*, in which the philosopher describes the case of a woman who thought she was pregnant after sexual relations with her husband as she had an enlarged abdomen and other signs of pregnancy. Nothing happened when the birth was due, however, and her belly remained swollen for another three or four years. Finally, after a heavy case of dysentery, she is said to have given birth to a fleshy mass, a μύλην. Aristotle explains that the pheno-

Text received on 11/01/2021 and accepted on 02/03/2021.

¹ alessandra.foscati@gmail.com. My sincerest thanks go to Stefania Fortuna and Ana Isabel Martín Ferreira for reading this text and for their precious suggestions.

² Hipp. *Mul.* I 71 (LITTRÉ, VIII, 148-151). For Hippocratic (and Aristotelian) references to the mole, see GAZZANIGA (2013) 665-666. On the origins of the Greek term in the agricultural world and its metaphorical use in medicine, see SKODA 1988, 297-300.

menon was due to the inability of the womb to produce sufficient heat for the normal development of the embryo. The mole could remain in a woman's womb at length, even until old age, sometimes becoming so hard that it was difficult to cut into two even with an "iron edge"³.

Differently, in Soranus's *Gynaikeia*, the most important gynaecological work of antiquity, the mole is not described as the product of a failed conception but as the result of an ulcer due to the inflammation of the uterus⁴.

Instead, in *Naturalis Historia*, Pliny describes the phenomenon (*mola*) as deriving from conception by a woman on her own without the contribution of the male seed, which explains why the mole only has a vegetative life:

*Molas... gigni putant, ubi mulier non ex mare, verum ex semet ipsa tantum conceperit. Ideo nec animari, quia non sit ex duobus, altricemque habere per se vitam illam quae satis.*⁵

³ ARIST. *GA*, IV, 7, 775b 24-776a 8. On the difference between Hippocratic and Aristotelian thought regarding the mole, Valentina Gazzaniga writes: "La mola è in qualche modo il parallelo e il completamento estremo del concetto di *teras* aristotelico; pensare il deforme come il prodotto dell'allontanamento della possibilità di replicare il padre è concetto fortemente affermato in *Generazione degli animali* quanto assente nei testi ippocratici" (GAZZANIGA [2013] 666). Part of the passage of *GA* is reproduced in *Historia animalium* X, in which the mole is compared to a windy egg (*ὕπηνέμιος*) — an infertile egg produced by birds without the male seed. The mole is said to result from heat in the uterus and the poor mixing of male and female seed (*HA*, X, 7, 638a 10-25). The work is considered spurious by the majority of scholars, above all because «the author describes a woman as contributing seed to conception in the same way a men does» (DEAN-JONES [2012] 181). Aristotle's embryological doctrine, expressed in the *GA*, in some books of the *Historia animalium* and the *De partibus animalium*, identified the male seed as the active contributor to conception. Being without seed, the woman was said to contribute passively by providing her menstrual blood. The *Historia animalium* X was accepted as genuine by medieval Islamic scholars, especially Avicenna. See O'NEILL (1974) 224. Differently from Aristotle, the Hippocratic authors and then above all Galen postulated the existence of a female seed alongside the male one, both of which were necessary for the formation of a foetus. For an overview of embryological theories, see MARTORELLI VICO (2002) 13-16; ZUCCOLIN (2017) 77-83.

⁴ SOR. *Gyn.* III 36-37. See GOUREVITCH (1996) 2109-2110. Soranos of Ephesus was active in the second century AD.

⁵ PLIN. *Nat.* 10.184. There is also a description of the mole in *Nat.* 7.63. The term mole is also related to the agricultural world in Latin literature. On this matter and for a reflection on the metaphorical use of the expression, see BRACONI (2008) 42-43 and in particular 46, note 70.

The mole is described as a fleshy mass in the majority of sources, with symptoms similar to those for pregnancy such as a break in menstruation, a swollen belly, and sometimes the perception of a weight, if not movement, in the abdomen by the woman. Unlike the normal product of conception, however, it could remain in the uterus at length, if not throughout the woman's lifetime; it often had serious repercussions for her health and became her eventual cause of death.

In the Middle Ages, the most important reference texts for theories on the genesis of the mole were Avicenna's works, which were translated into Latin from Arabic in the twelfth century: the subject is addressed in both the *Liber Canonis* and the *De animalibus*⁶. Above all in the latter work, as we shall see, the author acknowledged that the mole could form in the absence of male sperm.

Given the indeterminate nature of the genesis of the phenomenon, medical theories borrowed from reference authorities were accompanied by descriptions of teratological wonders. These were frequently supported by fanciful legends and 'popular' beliefs, as a result of which the mole was interpreted on a par with animals, often assuming imaginative forms, or was in any case associated with them. The connection between the mole and anomalous animate forms continued through the Renaissance, while some of the theories on its genesis were revisited in the second half of the sixteenth century following the rediscovery of texts from antiquity that were almost unknown in the Middle Ages, above all book XIV of Galen's *Περὶ χρείας μορίων*⁷.

Given these premises, and without claiming to be exhaustive, this article will present some of the most widespread theories about the origin and formation of the mole in the Middle Ages and the early modern period by analysing several representative medical and philosophical texts. In this way, it will underline that generation theories on the matter were strongly associated with female sexual behaviour in various ways, thereby influencing the way in which the women who gave birth to moles were morally judged.

⁶ Avicenna attempted to reconcile Aristotle's theories with those of Hippocrates and Galen regarding the theory of the two seeds. See MARTORELLI VICO (2002) 17-19.

⁷ It was translated in 1317 by NICCOLÒ DA REGGIO but it had limited distribution. On the Latin translation of the Galenic Corpus, see FORTUNA (2012) 391-412.

2. Medieval theories on generation and embryology were widely influenced by the Latin translation of two works by Avicenna, the *Liber Canonis* and the *De animalibus*. In Book X of the latter, the Persian physician posits the theory that the uterine mole is a product generated solely by female sperm secreted during a nocturnal emission (*pollutio*) triggered by an erotic dream. He acknowledges that a mole could also form during sexual relations with a man, although male sperm plays no role due to the prior blockage of the uterus:

*Et quando mulier somniat coitum tunc clauditur eius matrix, et apparent in ea sinthomata impregnationis. Et quando clauditur matrix super illud sperma, et accidit mola matricis. Et dico ego quod hec mola accidit secundum istam viam in spermate mulierum, aut quando coit mas, et intrat sperma femine in matricem et non intrat sperma maris.*⁸

The *Liber Canonis* provides a far more technical and detailed explanation of the entity, but it is still described as the result of a surfeit of female matter in the presence of heat, or indeed coitus characterised by a *defectus virtutis masculinitatis*⁹.

There are frequent references to the subject of nocturnal emission in works such as the *Quaestiones super De animalibus*, a thirteenth-century work by the theologian and philosopher of nature Albertus Magnus¹⁰. For him, the failure of the two seeds to commingle impedes the formation of a foetus, the normal and natural product of coitus. The production of a mass of amorphous flesh instead of a foetus is said to derive from female nocturnal emission, attributed to the imagination, when the woman dreams of intercourse with a man, and the warm womb attracts female sperm¹¹. For Albertus, this

⁸ AVICENNA (1508) 44va. He associates the mole with *ova venti* a concept dating back to Aristotle.

⁹ AVICENNA (1556), *Lib. III, fen XXI, Tract. II, cap. XVIII*, 721.

¹⁰ Albertus was one of the most important commentators on Aristotle's *libri naturales*. He also acquired information from Arabic, Greek, and Latin authorities, and influenced generations of authors of medical texts. He used many different medical sources, including most notably Avicenna's works. See SIRAISI (1980) 379-404.

¹¹ ALBERTUS MAGNUS (1955), X, Q. 5, 218: *Unde mola, ut dictum est, generatur ex spermate per pollutionem emissio ad os vulvae et iterum ad fundum retracto et inviscato cum immunditiis matricis augetur*. As Martorelli Vico highlighted (MARTORELLI VICO [2002] 29), Albertus was one of the first to read the 1232 translation of Avicenna's *De animalibus*. With

is nature's way of adapting¹², creating what Maaïke van der Lugt defines as the product of a "parthénogenèse incomplete"¹³.

The idea that the male seed played a dominant role in mole formation was therefore generally ruled out, overridden by the notion — expressed by various natural philosophers during this period — that it could also depend exclusively on the woman¹⁴.

It is curious that Albertus makes a point of specifying that female nocturnal emission can also occur without an accompanying erotic dream, such as in the case of nuns¹⁵. This explanation implicitly demonstrates that the delivery of a mole could lead to a negative moral judgement on the woman in question, as the fantasies and erotic dreams that prompted the emission of seed could be a source of reproach, especially for a theologian.

Medical texts addressing the phenomenon of the mole tend to suggest that it had its own form and above all its own life. Even Giovanni Matteo da Grado, a fifteenth-century physician who worked in Pavia, states that on more than one occasion he has personally observed *frustum aliquatenus figuratum, quod movebatur, et ita vixit per horas*¹⁶ in his commentary on Book IX of the *Liber ad Almansorem*, expanding the passage of the Latin translation of Rhazes's text¹⁷.

regard to mole produced through nocturnal emission, see also Peter of Spain in the thirteenth century, who writes in a passage of Book IX of his *Questiones super libro De animalibus Aristotelis*, 280: *Et queritur quare ex polutione in mulieribus mola, in avibus ova venti, in aliis autem animalibus generatur nihil ex polutione* (PETRUS HISPANUS [2015] 280).

¹² ALBERTUS MAGNUS (1955) 217: *non intendit natura producere molam, cum retrahit semen, sed fetum, et ideo emittit semen mulier ad collum matricis, ut obviet spermatis maris, putans se in somnio coire cum viro. Sed deficiente isto spermate virili natura frustratur... et melius est facere molam, carnem talem scilicet, quam nihil.*

¹³ VAN DER LUGT (2004) 126.

¹⁴ See Luciano Cova's commentary (COVA [1991] 195) on the work of Jean Vath, a thirteenth-century Parisian philosopher and commentator on Aristotle who, like Albertus Magnus, relied on Avicenna for the description of the genesis of the mole.

¹⁵ ALBERTUS MAGNUS (1955), 217: *Sed in vigilia saepe accidit pollutio absque imaginatione, ut compertum est in monialibus.* On nocturnal emission in the work of Albertus Magnus, see JACQUART-THOMASSET (1985) 94-95.

¹⁶ IOHANNES MATTHEUS DE GRADI (1560) 394rb.

¹⁷ Rhazes limits himself to describing the mole and the state of health of the woman who delivered it. *Mola* is described as «*frustum carnis informe*»; RHAZES (1497) IX, 88, 50va.

The idea that the mole could assume a shape, especially taking the form of an animal, is also expressed by Albertus Magnus. In Book X of the *De animalibus*, he writes that women called the *mola a caput ovis vel vituli*¹⁸, but above all in the *Quaestiones* he specifies that a *bufo* is delivered by women in some regions: an animal generated because of the particularly suitable constituent material of the accompanying mole¹⁹.

The association of the mole with certain animal forms or imaginary beings is well expressed in the *Lilium medicine* by Bernard de Gordon († 1320?), a physician and professor at the University of Montpellier. He explains that the mole was also described as an *arpia* or *frater lombardorum* and was largely the result of corrupted female seed (*ex semine mulieris corrupto*), the absence of male sperm (*ex carentia spermatis viri*), and unnatural heat. The mole is said to be generated mainly by the women of Lombardy, as they work a lot, or as a result of poor nutrition, as in the case of the women of Puglia²⁰.

An association between nutrition and the abundance of women's seed is found in the commentary on the *Liber ad Almansorem* by Jean de Tournemire (1329-1396), another physician in Montpellier. He states that the mole sometimes took the form of a monstrous animal commonly referred to as an *arpa*²¹, whose name derives from its claws and mouse-like pointed snout (*layci appellat arpa quia habet arpas et rostrum acutum sicut mus*), while in Italy it was also known as a *frater lombardorum*²². The texts of both French physicians feature

¹⁸ ALBERTUS MAGNUS (1916), X, II, 2, 750-751.

¹⁹ ALBERTUS MAGNUS (1955) 218: *Sed in quibusdam regionibus, ut dicitur et audiui, semper cum mola producit bufo, quia ista materia est aptissima ad generationem bufonis.*

²⁰ BERNARDUS DE GORDONIO (1496) 219rb: *Et frequentius ut dicitur generatur in mulieribus lombardie aut quia magis laborant quia magis sunt subiecte aut propter corruptionem nutrimenti sicut in Apulia quia dicitur communiter quod italice pessime vivunt sicut ex fructibus et herbis sed bene induuntur.*

²¹ See also PETRUS HISPANUS (2015) 280: *Et quare mola non habet animam cum alteri ex superfluo concepti generetur animal sicut in mulieribus salernitanis generatur in utero bufo qui vocatur harpem.* About *arpa* in Salernitan medicine, see AUSÉCACHE (2007) 7. The sources report different ways of indicating this entity: *arpia*; *arpa*; *arpo*. See for example the passage in *Salernitanes questiones* (ante 1200) quoted in the *Dilage* (2018), 64: *Esta autem arpo vermis quedam ad modum bufonis, et generatur ex spermate in matrice, et nascitur cum fetu.*

²² IOHANNES DE TORNAMIRA (1490) 136vb.

references to the *frater lombardorum*, an alternative term to the *frater salernitanus* mentioned by some authors at the Medical School of Salerno: Platearius (*Practica*)²³ and above all Gilles de Corbeil (a French physician who worked in Salerno in the twelfth century)²⁴. Both the *frater salernitanus* and the *frater lombardorum* are said to have been generated by women in Salerno; the different definitions stem from the fact that the area was under Lombard rule until the arrival of the Normans in the eleventh century. In Gilles de Corbeil's work, *frater salernitanus* is the name given to a small monstrous animal delivered by a woman shortly before giving birth to a live foetus. The author explains that it was instantly clubbed to death by the women assisting the delivery as it was believed to be a potential cause of death of the mother if it managed to touch the ground after leaving the womb²⁵. It is easy to think that the French physician was conveying a 'popular' legend mainly transmitted by women, who were the only people allowed to attend childbirth at the time. In any case, the *frater* is never described using the term *mola* in texts by Salernitan authors. Furthermore, although never explicitly specified, it seems to have been viewed as the result of superfetation, namely an additional conception by the woman after her first impregnation, one of the theories behind the generation of twins²⁶. Indeed, Gilles de Corbeil refers to previous misdeeds committed by women who delivered the two beings (baby and animal), including allowing themselves to be seduced by strangers²⁷. As the theory of superfetation established that two conceptions could also occur with sperm from different men, it inevitably led to a negative assessment of female sexual behaviour.

In the fifteenth century, an association between the *mola* and a monstrous product of superfetation can be found in two works by Michele Savonarola: the *Practica maior* (1440-1446) and the *De regimine praegnantium* (1460 c.) (despite its Latin title, the treatise is written in the vernacular of Ferrara)²⁸.

²³ PLATEARIUS (2016) 734. *Terminus post quem* of Platearius' work: mid-twelfth century.

²⁴ AEGIDIUS CORBOLIENSIS (2017), IV, vv. 666-699, 311-312.

²⁵ About the entity called *frater Salernitanus*, see AUSÉCACHE (2007) 5-23.

²⁶ See ZUCCOLIN (2019) 34-39 and *passim*.

²⁷ See AUSÉCACHE (2007) 12-13.

²⁸ SAVONAROLA (1547), VI, XXI, 27, 276v; SAVONAROLA (1952) 143. See ZUCCOLIN (2019) 51-53.

Although the physician suggests that the mole can be generated by female nocturnal emission and the absence of male seed, he mentions that a *fera* was born together with a foetus in some regions. The form of the *fera* supposedly corresponded to the type of coitus engaged in by the woman that resulted in superfetation. If it looked like a noble animal such as a sparrow hawk, it meant that the woman had given herself to a noble man after having been impregnated. Instead, if she gave birth to an owl, lizard, or similar animal, the second intercourse had been with a peasant²⁹. Savonarola does not clarify whether the *mola* and the *fera* are manifestations of the same phenomenon, but a close association is drawn as they are described in the same chapter. In a similar way, the physician Alessandro Benedetti (1450-1512) compares the *mola*, said to be conceived by the woman alone through her lustful imagination, to living animal and monstrous forms generated together with a normal foetus — therefore through superfetation — by women in certain parts of the Italian peninsula (Puglia and the Pisa area)³⁰.

3. Gynaecological and obstetrical treatises were distributed widely from the sixteenth century onwards. This was not only as a result of increased interest in anatomy studies, and thus in the female body, but also because of the rediscovery of many gynaecology texts by ancient authors, most notably the relevant works by Hippocrates, partly following the publication of the complete Corpus in Latin in 1525³¹. The phenomenon of the uterine mole received more extensive coverage in these works, in the section specifically dealing with issues related to generation, and was also examined in *Curationes* and *Observationes*, texts which combined clinical case descriptions of patients,

²⁹ SAVONAROLA 1547), VI, XXI, 27, 276v: *et asserunt illae mulieres quod quando cum illo foetu oritur bestia, seu fera nobilis, ut ancipiter et huiusmodi quod tunc foetus ille ex nobili viro conceptus fuit quando si fera fuerit rustica, ut bubo, lacerta, et huiusmodi, ex rustico et vili homine factus est.*

³⁰ ALEXANDER BENEDICTUS (1549), XXV, 36, 482: *Id vitium Apuliam infestat, ac ora maritima Italiae circa Pisanum agrum, plures enim molas simul parere visuntur. Nam quibusdam in locis superfoetant, bubonis similitudinem et animal dirum pariter cum partu humano aedunt interdum harpiae (ut dicunt) forma vivere subinde eas dicunt.* Benedetti's work was published for the first time in Venice in 1493.

³¹ See POMATA (2013) 313-341; KING (2007) 1-64; GREEN (2008) 276-283.

often treated by the authors themselves, with theoretical sections of varying complexity³².

As in the Middle Ages, in various medical texts from the first half of the century the origin of the uterine mole is still attributed to the failure of the two seeds to commingle and the increased presence of female sperm combined with abundant menstruation³³. Nevertheless, the theory of generation through the female seed alone is still posited, for example by the French physician Nicholas de la Roche, who borrows his definition in the *De morbis mulierum curandis* (1542) from Pliny's *Naturalis Historia*:

*Molas gigni putant, ubi mulier non ex mare, verum ex semetipsa tantum conceperit, ideo nec animari, quia non sit ex duobus: altricemque habere per se vitam illam, quae satis arboribusque contingat. Fit a seminis [sic] muliebris, et plurimi sanguinis menstrui in utero retentione et affluxu, quem calor immodicus cogit, ac in carnis formam transmutat.*³⁴

The Dutch physician Levinus Lemnius attributes women's ability to give birth to animate flesh on their own specifically to a strong libido in his *Occulta naturae miracula* (1559), a work that describes various wondrous phenomena³⁵. In this case, Lemnius describes the phenomenon as *partus lunaris* because the woman falls pregnant in the fourth moon, when she has more abundant menses. The lack of male seed is thus the "formal cause" which determines why the product of the birth is devoid of human form³⁶.

From the second half of the sixteenth century onwards, the cause of mole generation is classified differently from medieval theories. This is due to the reading of ancient treatises that became available again as reference

³² On this type of treatise, see POMATA (2010) 193-236.

³³ For example in Jacok Rueff's work (first edition, 1554) we read: *Quod si autem hoc [male sperm], paucius, mulieris vero copiosius fuerit, tunc menstruis aucta molam generare solent;* RUEFF (1580) V, 1, 37.

³⁴ ROCHE (1542) 81v-82r.

³⁵ LEMNIUS (1559) 22v: *Perficitur autem spurius hic conceptus nonnunquam citra virilem operam ex imaginaria Venere in iis quae admodum pruriunt, impenseque sunt salaces ac lascivae, sic ut ex crebro virorum contuitu contactuque muliebrae semen cum sanguine menstruo conglobari contingat ac coalescere.*

³⁶ *Ibid.*: *Verum quum desit causa formalis, nempe viri semen opificis rationem obtinens, materia quam mulier suppeditat, alienam, absurdamque formam asciscit.*

sources during this period. Of particular significance is the long chapter on the subject in the gynaecological-obstetrical work by Girolamo Mercuriale, a physician and erudite humanist, first published in 1586. He underlines certain incongruences between previous sources in a wholly original way, questioning the theories of influential figures in medicine and natural philosophy in antiquity and the Middle Ages. He targets Albertus Magnus, among others, for criticism, but focuses above all on Avicenna:

*Avicenna 10 de Animalibus [...] scribit fieri molam quando in uterum mulieris ingreditur semen mulieris et non semen viri, tunc enim inquit, si temperatura uteri fuerit optima [...] Verum haec sententia Auicennae, etiam aliquas difficultates subire videtur. Primo quia ut colligere est Galeno 14 de Usu partium 17 fieri non potest, ut conceptus fiat in animalibus viviparis, absque concursu et foeminae et masculi. Dico in animalibus viviparis, ut excludam ovipara, quae concipiunt absque concursu maris, ut sunt, ova subventanea [...] Altera, quia si sententia Avicennae vera esset, posset fieri (ut dicit ipse) ut virgines etiam non utentes coitu concipiant molam, quia potest ex pollutione nocturna, ingredi semen muliebre in uterum atque confirmari in molam. Quod quidem experientia falsum esse constat, nam solae mulieres molam concipere possunt, quae cum viro consuetudinem habent.*³⁷

For Mercuriale, therefore, the mole cannot be generated by female seed alone, as in the case of infertile eggs laid by birds. Its origin can only be traced back to an anomaly resulting from regular coitus, an affirmation substantiated by Galen in book XIV of the *De usu partium*. This implicitly suggests a change in judging the morality of women giving birth to a *mola*, especially in the case of presumed virgins or women who were supposed to maintain their virginity like nuns, who Albertus Magnus also focused on. One stigma against impure thoughts leading to nocturnal emission could thus be replaced by another regarding possible secret relations with a man. This is why the Portuguese physician Amatus Lusitanus raises the issue of expressing a correct diagnosis without damaging the patient's reputation in *curatio* 36, in the fourth *Centuria* (*curatio* 4, 36) of his *Centuriae Curationum*, written between 1551 and 1566. This *curatio* was subjected to religious censorship in Spain,

³⁷ MERCURIALE (1597) 220. He also questions the author of the *De morbis mulierum* in the Hippocratic *Corpus*, which states that the *mola* originates from a sick seed. He claims that a seed of this kind could only generate an abnormal foetus. However, as the latter has a form, it is not a *mola*, which is shapeless flesh.

which is why the text is no longer included in most editions of the Portuguese physician's work³⁸. He explains that he examined a cloistered nun who was deemed to be showing all the symptoms of a *mola* by the other nuns, a diagnosis with which he duly agreed. He also refers to Galen's passage in the *De usu partium* as the basis of the definition of the origin of the mole, agreeing with the fact that it could not be produced without sexual relations with a man:

*Caeterum molam et huismodi caetera absque viri commercio gigni non posse tradit summus Galenus libro decimoquarto De usu partium, dicens: Mulierem nemo unquam vidit sine viro, vel molam, vel eiusmodi quippiam, concepisse.*³⁹

As this explanation clearly could have questioned the nun's virginity and thus also her reputation, Amatus advises her fellow sisters to hide the event or indicate another kind of complaint⁴⁰, and mentions that there were at least two past accounts of conceptions occurring without full coitus. The first of these is an anecdote reported by Averroes in the *Colliget*, telling of a woman — one of the author's neighbours — who falls pregnant after using a public baths where some *mali homines* ejaculated into the water⁴¹. The second decidedly original account is probably the reason why Amatus's *curatio* was censored. It concerns the birth of Ben Sira (*Benzyra* in Amatus's work), son and grand-son of the prophet Jeremiah, as recounted in the *Alphabet of Ben Sira*, a much debated work of Hebrew literature written between the eighth and tenth century in Iraq⁴². In the text of the *Alphabet*, after Jeremiah is forced

³⁸ About this subject, see FRONT (2001) 290-296 and MARTÍN FERREIRA-DE LA ROSA CUBO (2019) 108-111.

³⁹ The quotation is from the 1557 edition, which contains four *Centuriae*, in a book in which the text of the *Curatio* can still be read: AMATUS LUSITANUS (1557) 562.

⁴⁰ Ibid., 562: *proinde aut rem occultarent, aut alterius morbi genus asseverarent, consului.*

⁴¹ AVERROES (1562), II, 10, 22vb: *Et vicina quaedam mea de cuius sacramento confidere multum bene poteramus, iuravit in anima sua quod impraegnata fuerat subito in balneo lavelli aquae calidae, in quo spermatizaverunt mali homines, com essent balneati in illo balneo.* As explained by Maaike van der Lugt (VAN DER LUGT [2004] 101), the tale was quoted by Averroes in order to demonstrate Aristotle's thesis that a woman's pleasure, and therefore her seed, was not necessary for conception.

⁴² The *Alphabet* is a collection of stories about Ben Sira, the ancient sage and author of the *Book of Ben Sira*, also known as *Sirach* or *Ecclesiasticus*. For a discussion of the work, along with a transcription and translation of the account of the birth of the protagonist,

by some men to ejaculate in a public baths, his daughter conceives a son by her own father after bathing in the same water, as in Averroes's version.

These two conceptions are instrumental to Amatus's defence of the nun's morality. However, the author shows that he really believes that a woman could also conceive without coupling directly with a man, as evidenced in *curatio* 7, 18, which features an account of copulation between two females, a widow and a married woman. As the latter has had sexual relations with her husband before the Sapphic encounter, his sperm is transferred into the womb of the widow, who thus falls pregnant. Amatus again refers to Averroes to authenticate the story, highlighting once more the detail of the birth of Ben Sira⁴³.

Leaving aside the originality of these tales, and the reliance placed on Averroes and Hebrew literature, it should be noted that in *curatio* 4, 36 Amatus preceded Mercuriale in ignoring the medieval theory of the uterine mole generated exclusively from female seed. This theory would have made it easier to defend the nun's moral integrity⁴⁴, but Amatus placed total trust in Galen, referring to book XIV of the *De usu partium*.

This book cannot have been familiar to medieval authors though; when the Galenic treatise in question, the *Περὶ χρείας μορίων*, was translated into Latin, entitled *De iuvamentis membrorum* and distributed from the thirteenth century onwards, it was a compendium taken from an Arabic text and included only the first twelve books of the original Greek treatise⁴⁵. The complete translation of the Greek version became available at the beginning of the fourteenth century through the work of Niccolò da Reggio, but only achieved widespread distribution through printed editions of Galen's *opera omnia* from 1502 and entitled *De utilitate particularum*. The title *De usu partium corporis*

see STERN (2004) 423-447. On the reception of Ben Sira's birth tale by Christian theologians, in particular Peter the Venerable (12th century), see VAN DER LUGT (2004) 99-100.

⁴³ *Curatio* 7, 18: *Annectenda historia haec est Averrois historiae, de matrona pudica vicina sua in balneo praegnante, veluti alteri Abenscirae, quas superioribus libris attigi.*

⁴⁴ In the 1620 edition of Amatus's work (Bordeaux: Ex Typographia Gilberti Ver-
not), *Curatio* 4, 36 features no references to the story of Ben Sira, but above all, the pro-
tagonist is no longer a nun but an anonymous *puella*.

⁴⁵ "Il s'agit d'un compendium en neuf ou dix livres effectué à partir du texte arabe
qui comportait des erreurs et des lacunes"; BERLIER (2013) 960.

humani, cited by Amatus and Mercuriale in abbreviated form, was first attributed to the work in the Paris edition of 1528, in which the text was revised and rendered in a style better suited to Renaissance tastes⁴⁶.

In the passage referred to by the two physicians, Galen denies that the female seed plays a formative role, expressly stating that a woman has never been seen to conceive a uterine mole or anything else without the participation of a man. He concludes by referring to physicians who have written about the *mola*:

*Si igitur eousque volunt procedere sperma foeminae primum quidem quod parum praebent ei artificiosae actionis (quod utique fortasse et soli menstruo inherit) manifestum est omnibus. Secundo autem quod neque veritatem dicunt de historia eorum quae fiunt. Non enim sicut gallinae absque masculis pariunt ova: sic visa est mulier unquam absque viro gravis reddita.*⁴⁷

The reception of Galen's text and the prestige of the author therefore influenced the way in which early modern authors understood the formation of the mole: it was no longer seen as the product of a woman's nocturnal emission but of coitus, and therefore a combination of male and female seeds.

Superfetation is also taken into consideration by sixteenth century authors. This is said to have been corroborated by Hippocrates, as seen once again in the work by Girolamo Mercuriale:

*Nam fieri etiam molam ex superfetatione videtur colligi posse ex Historia quinta lib. Epidem. narrata illius uxoris Gorgiae, quae post menses quatuor annis suppressos, concepit et peperit foemellam illam, deinde post quadraginta dies carnem superfetatam.*⁴⁸

The episode featuring Gorgia's wife, which as Mercuriale correctly states can be found in Book V of the *Epidemics* of the Hippocratic *Corpus*⁴⁹, and cannot have been considered in the Middle Ages, as in the case of Galen's text. Indeed,

⁴⁶ This version was maintained, along with its title, in subsequent editions. See BERLIER (2013) 962.

⁴⁷ GALENUS (1528) 412. More specifically, the following can be read in the edition Venetiis, Apud Iuntas 1565, 206: *non enim, sicut gallinae, sine maribus ova pariunt, ita mulierem aliquando viderunt sine viro vel molam vel eiusmodi quippiam aliud concepisse.* My emphasis.

⁴⁸ MERCURIALE (1597), 221.

⁴⁹ HIP. *Epid.*, 5. 11, (LITTRÉ, V, 210-213).

as Pearl Kibre's studies highlight, the book only became available in the West at the start of the sixteenth century⁵⁰. The same applies to Book II of the *Epideemics*, from which Renaissance authors took a passage that was sometimes used to compare the mole to an anomalous foetus with a human semblance. The excerpt in question provides an account of the child-birth experience of a woman who is said to have delivered a baby that was four fingers long with no bones⁵¹. Significantly, the Hippocratic account is quoted in a 1584 work by Pietro Salio Diversi, a physician from Faenza, in reply to a question about whether or not the mole could assume human form (*Mola an possit esse cum humana forma*), transcribed in the margin of the page featuring the relevant text⁵². The account does not satisfy the physician, who wonders whether it would be more appropriate to include the product of the birth in the category of monsters. Nevertheless, the episode later features among the examples of monstrous births provided by various authors, such as the Portuguese physician Rodrigo de Castro in the chapter *De monstroso conceptu* of his gynaecology treatise *De universa mulierum medicina*, first published in 1603⁵³.

4. Although Renaissance physicians trusted the passage in the rediscovered work by Galen, the reason for the formation of a mole continued to raise questions.

An mola sine viri congressu et sine virili semini generari possit? is the question later posed by the German physician Daniel Sennert in Book IV of his *Practica medicina* (1632), specifying that

*non parvi momenti haec est quaestio, et in qua interdum cardo pudicitiae et impudicitiae foeminarum versatur.*⁵⁴

⁵⁰ KIBRE (1985) 138-139.

⁵¹ The translation of the Hippocratic text is cited in the following way in Cornarius's 1546 edition (II, 413): *Antigenis uxor habitabat iuxta Nichomacum, peperit puerum carnosum quidem, verum qui haberet maximas partes discretas, magnitudine vero esset quatuor digitorum, et sine ossibus, deinde crassus ac rotundus.*

⁵² SALIO DIVERSI (1584) 513-14.

⁵³ CASTRO (1617), *pars secunda sive praxis*, III, 2, VI, 399. See also *infra*, notes 57 and 58.

⁵⁴ SENNERT (1632) 345-347. Sennert describes the uterine mole in a long chapter, in which he cites many Renaissance and some medieval authors. His description of the mole became an important point of reference for seventeenth-century physicians. See CONFORTI

Sennert notes two opposing factions of physicians: those who claim that the mole has to be generated by a combination of the two seeds, including cases of superfetation, as it is often found together with a normal foetus; and those who instead still acknowledge that it can form without the addition of the male seed⁵⁵. Among the members of the latter group, Sennert mentions some physicians from the second half of the sixteenth century (Julius Caesar Scaliger, Marcellus Donatus, and Rembertus Dodoaneus), who are said to have provided examples in their works of *molae* generated by noblewomen of proven moral integrity.

Sennert expresses his personal opinion at the end of the chapter, excluding the possibility of mole generation exclusively from female seed in the case of young virgins ('presumed' virgins), while mooting a remote possibility for widows that have already borne children, although he explains that these would be non-viable moles in any case. Ultimately, he concludes

*mola vitalis sine virili semine in virgine vel vidua generetur, vix possibile esse puto, et propterea earum pudicitiam merito suspectam esse, quae vitales, quam quae non vitales molas edunt.*⁵⁶

This assertion by the German physician confirms that the delivery of a mole could influence the way in which a woman's morality was judged. As we have seen, this happened in various ways according to the relevant medical, and philosophical theoretical framework. At the same time, the medieval interpretation that explained the phenomenon as a 'teratological wonder' was never abandoned in the early modern period, and the *mola* continued to be associated with animate forms of life resembling animals, imaginary or otherwise. Significant in this respect is the example of *curatio* I, 27 of the work by Amatus Lusitanus, which describes various cases of women who gave birth to one or more little frog-like animals either in place of or together with a foetus. The physician explains that they should be included in the category of the uterine mole. Subsequently, Rodrigo de Castro includes these animal forms among the examples of monstrous conceptions, together with those

(2009) 134-136. On mole in texts of the early modern period, see also MCCLIVE-KING (2007) 223-238; MC CLIVE (2002) 219-223.

⁵⁵ SENNERT (1632) 345-346.

⁵⁶ Ibid., 347.

written about by Alessandro Benedetti⁵⁷ and the *fera* described by Michele Savonarola⁵⁸.

It can therefore be said that aside from the generation theories with definitions of the mole, this complex and elusive entity tends to cross over into the category of monstrous births, in which there is increasing interest in the early modern period⁵⁹. This takes shape in medical treatises, which still also sometimes attribute responsibility for the occurrence to female behaviour⁶⁰.

As an “extremely long-term notion in the history of medical knowledge”⁶¹, the uterine mole has always been an object of interest and can still be found today as a specific entity in medical manuals and specialized studies⁶².

⁵⁷ CASTRO (1617), *pars secunda sive praxis*, III, pars II, VI, 397: *Quintum eorum est corporum, quae bruti alicujus ex toto, vel mixtim plurium speciem ac figuram repraesentant, ut ranae, vel lacertae, qualia ea de quibus Lusitanus [...] seu bufonis, de quibus Alexander Benedictus et Guainerius, talia monstra, ferae sive belvae communiter dicuntur*. The work by Guainerius, who is referenced, makes further mention of the women of Puglia, who generate a *bufo* or similar animal along with a foetus. Sometimes it kills the foetus at birth with a venomous bite: *Frequentius tamen cum fetu ipso nascitur simul in cuius exitu ipsum momordet interdum ex quo venenoso morsu infelix fetus moritur statim*” (ANTONIUS GUAINERIUS [1517] 77ra). See RODNITE LEMAY (1985) 327. Guainerius' s text was written before 1440.

⁵⁸ CASTRO (1617) 399: *Porro si bestia haec seu fera nobilis est ut accipiter, refert Savonarola ex mente muliercularum; foetum ex nobili viro fuisse conceptum; si vero rustica, ut bubo aut lacerta, ex rustico*.

⁵⁹ There is a huge bibliography on the subject of monsters; suffice it here to mention the now classic volume by Lorraine Daston and Katherine Park (DASTON-PARK [1998]). See the information collected throughout the volume by Gabriella Zuccolin (ZUCCOLIN [2019]), as well as its updated bibliography. See also FONTES DA COSTA (2005).

⁶⁰ See NICCOLI (1980) 402-428. The scholar outlines the way in which the generation of a monster was associated with sexual relations with a menstrual woman.

⁶¹ CONFORTI (2009) 129: «la *mola* [...] è una nozione di lunghissimo periodo nella storia del sapere medico».

⁶² The hydatidiform mole is now classed as a gestational trophoblastic disease resulting from the abnormal fertilization of an oocyte. It can coexist in woman's uterus with a live foetus. There are numerous studies on the subject: see, for example, MAKARY *et alii* (2010) 30-32.

References

- AEGIDIUS CORBOLIENSIS (2017), *Liber de virtutibus et laudibus compositorum medicaminum*, ed. by M. AUSÉCHACHE. Florence, SISMEL.
- ALBERTUS MAGNUS (1916), *De animalibus*, ed. by H. STADLER. Münster, Aschendorff (books I-XII).
- ALBERTUS MAGNUS (1955), *Quaestiones super De animalibus*, ed. by E. FILTHAUT. Münster, Aschendorff.
- ALEXANDER BENEDICTUS (1549), *De re medica opus insigne (...)*. Basileae, per Henrichum Petri.
- AMATUS LUSITANUS (1557), *Curationum Medicinalium Centuriae Quatuor Venetiis*, Apud Balthesarem Constantinum.
- ANTONIUS GUAINERIUS (1517), *De egritudinibus matricis*, in *Practica... et omnia opera*. Venetiis, ex expensis... Luceantonii de Giunta florentini.
- AUSÉCHACHE, M. (2007), "Une naissance monstrueuse au Moyen Âge: le "frère de Salerne": *Gesnerus* 64 (2007) 5-23.
- AVERROES (1562), *Colliget*, in *Opera Omnia*. Venetiis, Iunctas.
- AVICENNA (1508), *De animalibus*, in *Avicenne perhypatetici philosophi ac medicorum facile primi opera in lucem redacta, ac nuper quantum ars niti potuit per canonicos emendata*. Venetiis, per Bonetum Locatellum mandato Octaviani Scoti.
- AVICENNA (1556), *Liber Canonis*. Basileae, per Ioannes Hervagios.
- BERLIER, S. (2013), "Niccolò da Reggio traduttore du *De Usu partium* de Galien. Place de la traduction latine dans l'histoire du texte": *Medicina nei secoli. Arte e scienza* 25.3 (2013) 957-977.
- BERNARDUS DE GORDONIO (1496), *Practica seu Lilium medicine*. Venetiis, per Johannem et Gregorium de Gregoriis fratres.
- BRACONI, P. (2008), "Fornacalia, Sementivae e la semina primaverile del farro": S. Angiolillo et alii (eds.) (2008), *Le perle e il filo. A Mario Torelli per i suoi settanta anni*. Venosa, Osanna Edizioni, 33-48.
- CASTRO, Roderico de (1617), *De universa mulierum medicina*. Hamburg: ex Bibliopolio Frobeniano.
- CONFORTI, M. (2009), "«Affirmare quid intus sit divinare est»: mole, mostri e vermi in un caso di falsa gravidanza di fine Seicento": *Quaderni storici* 130.1 (2009) 125-151.
- COVA, L. (1991), "Le questionni di Giovanni Vath sul *De generatione animalium*": *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge* 66 (1991) 174-287.
- DASTON, L. J.-PARK, K. (1998), *Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*. New York, Zone Book.

- DEAN-JONES, L. (2012), "Clinical Gynecology and Aristotle's Biology: The Composition of HA X": *apeiron* 45.2 (2012) 180-199.
- DILAGE (2018) = *Dictionarium Latinum Andrologiae, Gynecologiae et Embryologiae. Ab antiquitate usque ad XVI saeculum*, eds. E. MONTERO CARTELLE, M. A. GONZÁLEZ MANJARRÉS et alii. Barcelona-Rome, FIDEM.
- FONTES DA COSTA, P. (ed.) (2005), *O corpo insólito. Dissertações sobre monstros no Portugal do século XVIII*. Porto, Porto Editora.
- FORTUNA, S. (2012), "The Latin Editions of Galen's *Opera Omnia* (1490-1625) and Their Prefaces": *Early Sciences and Medicine* 17 (2012), 391-412.
- FRONT, D. (2001), "The Expurgation of Medical Books in Sixteenth-Century Spain": *Bulletin of the History of Medicine* 75.2 (2001) 290-296.
- GALENUS, Claudius (1528), *De usu partium corporis humani*. Parisiis, ex officina Simonis Colinaei.
- GAZZANIGA, V. (2013), "Era o della partenogenesi", L. Guidi, M. R. Pelizzari (eds.) (2013), *Nuove frontiere per la storia di genere*, III. Salerno, Università di Salerno-Libreria universitaria, 663-669.
- GOUREVITCH, D. (1996), "La gynécologie et l'obstétrique": *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II, 37.3 (1996) 2083-2146.
- GREEN, M. H. (2008), *Making Women's Medicine Masculine. The Rise of Male Authority in Pre-Modern Gynaecology*. Oxford, OUP.
- HIPPOCRATES (1546), *De morbis popularibus liber Secundus*, in *Opera quae ad nos extant omnia*. Basileae, Froben, 410-421.
- IOHANNES DE TORNAMIRA (1490), *Clarificatorium super nono Almansoris cum textu Rhasis*. Lugduni, Johannes Trechsel.
- IOHANNES MATTHEUS DE GRADI (1560), *Practica seu Commentaria in nonum Rasis ad Almansorem*. Venetiis, Iuntas.
- JACQUART, D. – THOMASSET, C. (1985), *Sexualité et savoir médical au Moyen Âge*. Paris, Presses Universitaires de France.
- KIBRE, P. (1985), *Hippocrates Latinus. Repertorium of Hippocratic Writings in the Latin Middle Ages*. New York, Fordham University Press.
- KING, H. (2007), *Midwifery, Obstetrics and the Rise of Gynecology. The Uses of a Sixteenth-Century Compendium*. Aldershot, Ashgate.
- LEMNIUS, Levinus (1559), *Occulta naturae miracula*. Antverpiae, apud Guilielmum Simonem.
- LITTRÉ = *Œuvres complètes d'Hippocrate* (...), ed. and French transl. by E. LITTRÉ. Paris, chez J.-B. Baillière, 1839-1861, 10 vols.

- MAKARY, R. *et alii* (2010), "Twin gestation with complete hydatidiform mole and a coexisting live fetus: case report and brief review of literature": *Obstet. Med.* 3.1 (2010) 30-32.
- MARTÍN FERREIRA, A. I. – DE LA ROSA CUBO, C. (2019), "Historias de Amato en la obra médico-legal del cirujano Juan Fragoso": *ehumanista/Conversos* 7 (2019) 97-114.
- MARTORELLI VICO, R. (2002), *Medicina e filosofia. Per una storia dell'embriologia medievale nel XIII e XIV secolo*. Milano, Edizioni Angelo Guerrini.
- MCCLIVE (2002), "The Hidden Truths of the Belly: The Uncertainties of Pregnancy in Early Modern Europe Society": *Social History of Medicine* 15.2 (2002) 209-227.
- McClive, C.–KING, H. (2007), "When Is a Foetus Not a Foetus? Diagnosing False Conceptions in Early Modern France": V. DASEN (ed.) (2007), *L'embryon humain à travers l'histoire. Images, savoirs et rites*. Fribourg, Infolio, 223-238.
- MERCURIALE, Girolamo (1597), *De morbis muliebribus*, in *Gynaeciorum sive De mulierum (...) affectibus et morbis Libri*, ed. by Isreaelis SPACHII. Argentinae, Sumptibus Lazari Zetzneri.
- NICCOLI, O. (1980) "«Menstruum quasi monstruum»: parti mostruosi e tabù mestruale nel '500": *Quaderni storici* 44 (1980) 402-428.
- O'NEILL, Y.V. (1974), "Michele Savonarola and the Fera or Blighted Twin Phenomenon": *Medical History* 18 (1974) 222-239.
- PETRUS HISPANUS (2015), *Questiones super libro 'De animalibus' Aristotelis*. Critical Edition with Introduction, by F. NAVARRO SÁNCHEZ. London-New York, Routledge.
- PLATEARIUS (2016), *La Practica de Plateario*. Edición crítica, traducción y estudio de V. RECIO MUÑOZ. Florence, SISMEL.
- POMATA, G. (2010), "Sharing Cases: The Observaciones in Early Modern Medicine": *Early Science and Medicine* 15 (2010) 193-236.
- POMATA, G. (2013), "Was There a *Querelle des Femmes* in Early Modern Medicine?": *ARENAL* 20.2 (2013) 313-341.
- RHAZES (1497), *Liber ad Almansorem*. Venetiis, per Bonetum Locatellum.
- ROCHE, Nicholas de la (1542), *De morbis mulierum curandis*. Parisiis, apud Dyonisium Ianotium.
- RODNITE LEMAY, H. (1985), "Antonius Guainerius and Medieval Gynecology, J. KIRSHNER, S. F. WEMPLE (eds.) (1985), *Women of the Medieval World. Essays in Honor of John H. Mundy*. Basil Blackwell, Oxford-New York, 317-336.

- RUEFF, Jacob (1580), *De conceptu et generatione hominis*. Francofurti ad Moenum, apud Georgium Coruinum.
- SALIO DIVERSI, Pietro (1584), *De Febre pestilenti Tractatus et Curationes quorundam particularium morborum*. Bononiae, apud Ioannem Rossium.
- SAVONAROLA, Michele (1952), *Il trattato ginecologico-pediatrico in volgare Ad Mulieres ferrarienses de regimine pregnantium di Michele Savonarola*, ed. by L. BELLONI. XLII Congresso della Società Italiana di Ostetricia e Ginecologia. Milan, Stucchi.
- SAVONAROLA, Michele (1547), *Practica maior*. Venetiis, Iuntas.
- SENNERT, Daniel (1632), *Practicae Medicinae Liber Quartus*. Wittenberg, Zaccaria Scureri.
- SIRAISI, N. G. (1980), "The Medical Learning of Albertus Magnus": J. A. WEISHEIPL (ed.) (1980), *Albertus Magnus and the Science*. Toronto, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 379-404.
- SKODA, F. (1988), *Médecine ancienne et métaphore. Le vocabulaire de l'anatomie et de la pathologie en grec ancien*. Louvain-Paris, Peeters-Selaf.
- STERN, D. (2004), "The Alphabet of Ben Sira and the Early History of Parody in Jewish Literature": H. NAJMAN, J. H. NEWMAN (eds.) (2004), *The idea of Biblical Interpretation. Essay in Honor of James L. Kugel*. Leiden-Boston, BRILL, 423-447.
- VAN DER LUGT, M. (2004), *Le ver, le démon et la vierge: les théories médiévales de la génération extraordinaire: une étude sur les rapports entre théologie, philosophie naturelle et médecine*. Paris, Les Belles Lettres.
- ZUCCOLIN, G. (2017), "«E cussì se fanno homicidiale di proprii fioli»: i parti gemellari tra teorie mediche e implicazioni morali dall'antichità al tardo Medioevo": A. FOSCATI – C. DOPFEL – A. PARMEGGIANI (eds.) (2017), *Nascere. Il parto dalla tarda antichità all'età moderna*. Bologna, il Mulino, 77-93.
- ZUCCOLIN, G. (2019), *I gemelli nel Medioevo. Questioni filosofiche, mediche e teologiche*. Como-Pavia, Ibis.

* * * * *

Resumo: A mola uterina foi objeto de várias interpretações, no que diz respeito à sua etiologia. Na Idade Média, considerava-se que era produzida pelas mulheres por meio da emissão noturna de sua 'semente'. A ideia da *mola* como produto da mistura das sementes masculina e feminina tornou-se dominante no século XVI, graças à redescoberta de um texto de Galeno. Esta contribuição coloca em evidência as diferentes formas de interpretar a *mola*, no período entre a Idade Média e o século XVI, mostrando como estas tiveram significativa importância no julgamento ético das mulheres.

Palavras-chave: mola uterina; *mola*; teorias de geração; comportamento sexual feminino; superfetação; nascimentos monstruosos.

Resumen: La mola uterina fue objeto de diversas interpretaciones con respecto a su etiología. En la Edad Media se pensaba que las mujeres la producían por medio de una emisión nocturna de su "semilla". La idea de *mola* como producto de la mezcla de las semillas masculina y femenina se convirtió en dominante en el s. XVI, gracias al redescubrimiento de un texto galénico. Esta contribución pretende destacar las formas diferentes de interpretación de la *mola* en el período entre la Edad Media y el s. XVI, mostrando la relevancia que tuvieron las diferentes interpretaciones para juzgar a las mujeres en términos éticos.

Palabras clave mola uterina; *mola*; teorías de la generación; comportamiento sexual femenino; superfetación; nacimientos monstruosos.

Résumé : La môle utérine fit l'objet de plusieurs interprétations, en ce qui concerne son étiologie. Au Moyen Âge, on estimait qu'elle était produite par les femmes grâce à l'émission nocturne de leur 'graine'. L'idée de *mola*, en tant que produit du mélange des graines masculine et féminine domina tout le XVI^{ème} siècle, grâce à la redécouverte d'un texte de Galien. Cette contribution permet de saisir les différentes façons d'interpréter la *mola*, entre le Moyen Âge et le XVI^{ème} siècle, et de montrer à quel point elles ont été importantes lors du jugement éthique des femmes.

Mots-clés : môle utérine ; *mola* ; théories des générations ; comportement sexuel féminin ; superfétation ; naissances monstrueuses.

***De morbis (Practica) puerorum* atribuido a Gordonio
(siglo XV): análisis comparativo entre *Vaticanus Latinus*
10213, fol. 541^{r(a-b)} y *Ms. Sloane* 71, fols. 81^r-83^v**

***De morbis (Practica) puerorum* attributed to Gordon (15th century): a
comparative analysis between *Vaticanus Latinus* 10213, fol. 541^{r(a-b)} and
Ms. Sloane 71, fols. 81^r-83^v**

M. VICTORIA DOMÍNGUEZ-RODRÍGUEZ & GREGORIO RODRÍGUEZ HERRERA¹ (*Instituto
Universitario de Análisis y Aplicaciones Textuales; Universidad de
Las Palmas de Gran Canaria — España*)

Abstract: This paper presents an analysis and comparative study between the Latin version of *De morbis (Practica) puerorum* (*Vaticanus Latinus* 10213) and one of its Middle English translations (*Ms. Sloane* 71). It aims at establishing the extent to which both texts depend on each other, considering that, even though attributing them to his authorship could be a strategy to achieve *auctoritas*, there is also some evident interference from other works by Gordon. We also include a transcription of the Middle English translation, since it has so far gone unnoticed for scholars of this medieval doctor.

Keywords: Gordon; Pediatric texts; History of Medicine; Middle English; Classical tradition.

1. Introducción

En este trabajo ofrecemos un estudio comparativo, desde un punto de vista macro- y microestructural, entre dos manuscritos médicos breves del siglo XV conocidos como *De morbis (Practica) puerorum*². Se trata de *Vaticanus Latinus* 10213, fol. 541^{r(a-b)} (abreviado como *Vat. lat.* 10213), una versión latina, y British Library *Ms. Sloane* 71, fols. 81^v-83^r (que denominaremos *Slo71*), en Inglés Medio (IMed). Ambos están atribuidos explícitamente a Bernardo de Gordonio (*ca.* 1280-1330), un erudito francés destacado e influyente en el panorama médico de la Europa medieval.

Texto recibido el 11.01.2021 y aceptado para publicación el 08.03.2021.

¹ victoria.dominguez@ulpgc.es - <https://orcid.org/0000-0002-6098-369X>;
gregorio.rodriguez@ulpgc.es - <https://orcid.org/0000-0002-9856-8897>.

² Hemos optado por el título genérico *De morbis (Practica) puerorum* porque es el que suele figurar en los diferentes repertorios y anexos bibliográficos; también existen otras denominaciones similares, aunque aparecen con menor frecuencia. Seguimos el mismo criterio en el caso de *Vat. lat.* 10213.

Los escritos médicos pediátricos de la Edad Media se caracterizan por adoptar dos enfoques: uno materno-infantil, relacionado con la práctica de la tocoginecología, y otro estrictamente pediátrico, centrado en las afecciones infantiles y su tratamiento³, ambos con origen en la tradición medica clásica. Así, dentro de la línea materno-infantil, la obra más antigua corresponde a Sorano de Éfeso (ca. 98-131)⁴, médico procedente de Asia Menor que ejerció en Roma durante los mandatos de Trajano (98-117) y Adriano (117-138). La *Ginecología* de Sorano es un tratado de carácter gineco-obstétrico dirigido a un tipo de público concreto, es decir, profesionales de la medicina, matronas y otros ejercientes⁵, e inauguró una larga tradición de literatura materno-infantil que tuvo continuidad y vigencia hasta el Renacimiento⁶. La obra contiene una sección titulada “Sobre el cuidado del recién nacido”⁷ que aparece tras cinco capítulos dedicados a la práctica obstétrica. En ella, Sorano aborda cuestiones neonatológicas e higiénicas (II, VI-XXI), así como algunas afecciones asociadas a la lactancia y a la edad temprana (II, XXI-XXVIII), con información que llegará a sentar las bases de esta disciplina durante varios siglos⁸. Sin embargo, el segundo enfoque, denominado pediátrico puro, es más tardío y gira en torno a

³ LÓPEZ-PIÑERO - BUJOSA (1982); LÓPEZ-PIÑERO - BRIONES (2009).

⁴ La obra de Sorano de Éfeso contiene textos que pueden clasificarse en tres grandes grupos: a) filosóficos [*Sobre el alma*]; b) literarios y filológicos [*Vidas de médicos ilustres: escuelas y tratados, Comentarios sobre Hipócrates, Comentarios sobre Aforismos de Hipócrates, Comentarios acerca de Sobre la Naturaleza del niño de Hipócrates, Etimologías del cuerpo del hombre*]; y c) médicos [*Ginecología, Semilla, Generación, Enfermedades agudas, Enfermedades crónicas, Causas de las enfermedades, Fiebres, Higiene, Remedios, Philiatros, Medicamentos I-V, Manual de fármacos, El ojo, Cirugía, Vendajes, Problemas y Enemas*]. Cf. HANSON - GREEN (1994) 1005-1042.

⁵ RAWSON (2003) 120. Además, no será hasta el siglo XIX cuando se descubran dos textos originales y completos de la *Ginecología* de Sorano; uno en la Real Biblioteca de París y otro en la Biblioteca del Vaticano. Cf. BERTINI (1991) 141. Por tanto, las matronas y expertos en ginecología y obstetricia estuvieron utilizando traducciones latinas del original como *Gynecia* de Celio Aureliano, cf. GREEN (2000) 8-9; VAN DER EIJK (2005) 299-327, o reelaboraciones como *Gynaecia* de Muscio, cf. GREEN (2001) 16; BARKAI (1989) 96-119, durante más de 1500 años.

⁶ CABALLERO NAVAS (2003) 135-162; MARTÍN FERREIRA (2015) 187-216.

⁷ BALAGUER PERIGÜEL y BALLESTER AÑÓN (2003) 33 la denominan “anexo pediátrico” dado que tiene un carácter “complementario” dentro de *Ginecología*.

⁸ HANSON - GREEN (1994); TEMKIN *et alii* (1991).

las enfermedades infantiles en exclusiva. El primer autor que presentó un texto monográfico sobre esta temática fue Rufo de Éfeso (ca. 70-¿?), cuya obra original apenas se conserva y se conoce principalmente a través de Oribasio de Pérgamo⁹ (ca. 325-405), quién destacó en el contexto de la medicina bizantina por su faceta compiladora¹⁰. La obra objeto de nuestro estudio, como veremos en las páginas siguientes, responde a la realidad del medievo.

2. Bernardo de Gordonio y su influencia en la medicina medieval

Aunque fue una de las figuras más influyentes en la medicina europea durante casi tres siglos¹¹, apenas hay detalles biográficos sobre Bernardo de Gordonio. De hecho, la mayoría se ha extraído de notas y comentarios dispersos en sus obras. Sabemos que nació hacia 1270-1272 en algún lugar del sureste de Francia y cerca de Montpellier, probablemente en Gordon¹² (Provenza), una villa que entonces formaba parte de un importante núcleo de recolección y preparación de hierbas medicinales y perfumes¹³. Tampoco existe consenso en cuanto a la fecha de su muerte, pero la evidencia apunta a que falleció en Perpiñán en 1330¹⁴.

Hijo del señor feudal Fountanier II de Gourdon, que gobernó en la región de Quercy aproximadamente hasta 1260¹⁵, Gordonio tuvo la oportunidad de estudiar en dos prestigiosas instituciones académicas medievales: la floreciente Scuola Medica Salernitana, en la costa sudeste italiana, y la Universidad de Montpellier, situada en la región occitana¹⁶. En la Scuola Medica Salernitana, Gordonio recibió una educación superior formal por parte de notables maestros y se versó en los preceptos de la medicina clásica griega,

⁹ PRIORESCHI (2001) 513-15; LASCARATOS - POULAKOU - REBELAKOU (2003) 186.

¹⁰ DAREMBERG y RUELLE (1879) XXXIII-XXXIX enumeraron las obras perdidas de Rufo de Éfeso. Junto a ellas, incluyen entre paréntesis el nombre(s) de l(os) autor(es) que copiaron parte o la totalidad de su contenido. Oribasio de Pérgamo, en concreto, reprodujo la información que aparecía en *Sobre la leche* y en *Sobre el régimen de los infantes*.

¹¹ PEARN (2013) 8.

¹² DEMAIRE (1980) 3-11; TALBOT (1967) 104.

¹³ PEARN (2013) 9.

¹⁴ BAYLE - THILLAYE (1855) 127-128; PEARN (2013) 8.

¹⁵ BAYLE - THILLAYE (1855) 127; DEMAIRE (2005) 84.

¹⁶ CANTARELLA (1966) 3-17; DEMAIRE (2005) 84-85; PEARN (2013) 8-11

incluyendo el pensamiento y obras de Hipócrates de Cos (ca. 460-370 a.C.) y la escuela hipocrática, así como en la doctrina de Galeno de Pérgamo (ca. 129-201/216) o de los médicos persas Al-Razi (ca. 865-925) y Avicena (ca. 980-1037). Sin embargo, será en la Universidad de Montpellier donde Gordonio termine de afianzar su conocimiento médico teórico y ejerza de reputado consultor y profesor¹⁷ a partir de 1290¹⁸.

Con el tiempo, este médico francés se convirtió en un erudito de la medicina medieval, con unos principios firmes y una amplia experiencia práctica. Mostró un gran compromiso con su profesión y con la salud humana, hasta llegar a criticar abiertamente los altos honorarios de sus colegas, así como sus estrechas relaciones con la aristocracia francesa, ya que, para Gordonio, esta circunstancia implicaba cierto grado de dejadez e irresponsabilidad en el ejercicio profesional¹⁹. Pese a que estas ideas le restaron popularidad entre el gremio médico contemporáneo, sus amplios conocimientos le otorgaron autoridad académica y reconocimiento público durante sus últimos años de vida, incluso en otros territorios del continente.

Debido a su sólida formación académica y al saber adquirido mediante la lectura de numerosos documentos originales y traducciones de textos médicos, Gordonio estuvo en posición de realizar una importante contribución a la medicina medieval en términos teóricos y didácticos²⁰. Su extensa producción escrita incluye tratados, monografías y compilaciones que generalmente adoptan un enfoque práctico, tales como: *Compendium regiminis acutorum* (1294), *Tractatus de reduccione geomancie ad orbem* (1295), *De decem ingeniis*

¹⁷ BULLOUGH (1981) 677; CHALMERS (1814) 105.

¹⁸ Gordonio trabajó en la Universidad de Montpellier durante la denominada Edad de Oro (1250-1350), formando parte de un grupo de médicos eminentes en el panorama medieval. Entre ellos se encuentran los especialistas Ramon Llull (1232-1315), Arnau de Villanova (1238-1310), Henri de Mondeville (1260-1320), Guillaume de Nogaret (1260-1313) o Guy de Chauliac (1300-1368). Cf. BULLOUGH (1981) 677. Para información más precisa sobre su actividad docente en esta universidad, así como sobre el currículo médico oficial de la época, cf. DEMAIRE (1975) 103-123; DULIEU (1975).

¹⁹ DALES (1983) 663.

²⁰ LINDBERG (2007) 321-356; SIRAISSI (1990).

curandorum morborum (1299), *De prognosticis* (1295), *Tractatus de gradibus* (1302) o *Tractatus de conservatione vitae humanae* (1303)²¹.

Gordonio concluyó el *Lilium medicinae* en febrero de 1305, su *opus magnus*²². Como si de una obra enciclopédica se tratase, el autor epitomiza, en siete volúmenes, la medicina griega e islámica con una finalidad didáctica y educativa. A menudo elogiada por su prosa, claridad expositiva, sutileza escolástica y presentación sistemática y coherente de la enfermedad, el *Lilium medicinae* continuó siendo uno de los manuales más reconocidos para enseñar y aprender medicina en contextos formales hasta el siglo XVI²³. No en vano, hay evidencia escrita de que el *Lilium medicinae* aún se utilizaba en la Universidad de Florencia en 1450²⁴, en la Universidad de Viena en 1520 y en la Universidad de Padua en 1586²⁵.

Por otro lado, Demaitre opina que *an overall indicator of Gordon's place in history is the number of copies in manuscript and print, citations from medical authors from the fourteenth to the seventeenth century, and references by modern historians*²⁶. De hecho, la demanda de copias manuscritas e impresas para uso académico fue aumentando en proporción a la relevancia que iba adqui-

²¹ Para una extensa lista de obras escritas o atribuidas a Gordonio en formato manuscrito e impreso cf. ALONSO GUARDO (2002); (2011), así como el *Apéndice* en DEMAIRE (1980) 171-197, que aporta, entre otros datos, el autor y la fecha de publicación, el incipit del manuscrito o el título de la obra.

²² Esta obra se imprimió, por primera vez, en el siglo XVI, con el título *Opus lilium medicinae inscriptum de morborum prope omnium curatione, septem partibus distributis* (París, 1542).

²³ CAMPBELL (1926) 163; JIMÉNEZ-COLLADO - GRACIA-GUILLÉN (2002) 81-82. Además, conviene destacar que su reputación académica y profesional incluso tuvo eco fuera del ámbito médico, ya que Geoffrey Chaucer (ca. 1343-1400) coloca su nombre junto al de otras figuras destacadas en sus célebres *Cuentos de Canterbury*; de hecho, en el prólogo general, Gordonio aparece como uno de los grandes referentes de la medicina medieval junto a Esculapio, Rufo de Éfeso, Hipócrates de Cos, Haly-Abbas, Galeno de Pérgamo, Avicena, Gilbertus Anglicus y Juan de Gaddesden. Cf. BENSON (1987) 29-30.

²⁴ PARK (2014) 194-195.

²⁵ DEMAIRE (2005) 85. Incluso en el siglo XIX encontramos referencias a la destacada contribución de Gordonio a la medicina europea. En concreto, sobre el *Lilium medicinae*, CORDONIÚ - DE LA RUBIA (1841) 86 afirman que *esta obra ha sido muy apreciada: se encuentra en ella la composición de un colirio capaz, según el autor, de hacer que un viejo pueda leer los caracteres más pequeños sin el auxilio de los anteojos*.

²⁶ DEMAIRE (2005) 85.

riendo el *Lilium medicinae* para la medicina europea medieval y renacentista. Además, el aumento del número de copias en circulación permitió preservar mejor el legado médico griego y árabe sobre el que se fundamenta esta obra de Gordonio²⁷. El extenso apéndice que recopiló Demaitre²⁸ atestigua este interés, ya que incluye referencias bibliográficas que permiten identificar numerosos manuscritos, traducciones del latín a diversas lenguas vernáculas²⁹, compendios, impresiones y reimpressiones del *Lilium medicinae* que datan hasta finales del siglo XVII³⁰.

3. De morbis (Practica) puerorum: pervivencia y autoría

Demaitre, en su libro dedicado a la vida y obra de Gordonio, adjuntó un exhaustivo apéndice³¹ que recoge una lista bibliográfica de los manuscritos, impresiones y reimpressiones de sus obras, tanto originales como atribuidas, real o falsamente, a esta figura. En la entrada número 50, el autor indica que solo existe una copia de *De morbis (Practica) puerorum*, que data del siglo XV y se halla en *Vat. lat.* 10213; de hecho, en este manuscrito latino la autoría de Gordonio queda explícita³². No obstante, cabe destacar que, incluso sin esta autoría expresa, el contenido de *Vat. lat.* 10213 es semejante al de otros manuscritos latinos anteriores como *Vat. lat.* 2416 (s. XIII) u *Oxford Merton College Ms.* 230 (s. XIII), además de guardar cierta similitud con algunos capí-

²⁷ MAGNER (2002) 35-66.

²⁸ DEMAIRE (1980) 171-197.

²⁹ En la época medieval y, sobre todo, durante el Renacimiento, un número considerable de sus obras latinas se tradujo al hebreo, francés, irlandés, provenzal, español o alemán. Cf. DEMAIRE (1980) 171-197.

³⁰ Algunos ejemplares que demuestran la actividad de copia, traducción e impresión desarrollada son los siguientes: Bethesda NLM 497 (fols. 1-151, ca. 1349) [compendio manuscrito en latín]; Vienna Lat. [sic.] 2864 (fols. 44^v-66^r, siglo XIV) [compendio manuscrito traducido al alemán]; *Lilium medicinae* (Ferrara, 1486) [obra abreviada impresa en latín]; *La pratique qui sapelle fleur de lys en medecine* (Lyon, 1495) [obra completa traducida al francés]; *Opus Lilium medicinae* (Lyon, 1574) [obra completa impresa en latín]; *Lilio de medicina* (Toledo, 1515) [obra completa traducida al español]; *Obras de Bernardo de Gordonio, insigne maestro y doctor de Medicina* (Madrid, 1697) [obra abreviada traducida al español]. Para más detalles, cf. DEMAIRE (1980) 171-197.

³¹ DEMAIRE (1980) 171-197.

³² DEMAIRE (1980) 184.

tulos del segundo libro de la *Ginecología* de Sorano. Por tanto, podemos establecer dos hipótesis: que el autor del manuscrito *De morbis (Practica) puerorum*, fuese Gordonio o no, pudo haber estudiado la obra de Sorano y reproducirla parcialmente en su propio texto pediátrico, o bien que la atribución a Gordonio en *Vat. lat.* 10213 resulte de buscar cierta *auctoritas* para una obra menor, sin que ambas hipótesis sean mutuamente excluyentes.

La amplia lista recopilada por Demaitre³³ abarca tanto las obras originales de Gordonio como aquellas atribuidas, en formato manuscrito o impreso; en su conjunto, se denominan *Gordoniana*. Este autor las presenta en orden alfabético y numeradas consecutivamente para facilitar el uso y localización de las referencias cruzadas. No obstante, aclara que obtuvo sus datos consultando un número limitado de fuentes disponibles, de modo que el apéndice no puede considerarse *the product of systematic bibliographical and paleographical research* y, por tanto, *as a preliminary tally sheet, it is neither final nor complete*³⁴. Así pues, añade que no tuvo la ocasión de visitar algunas bibliotecas relevantes para comprobar *in situ*, o bien en los catálogos en papel, si poseen otros ejemplares no citados en la literatura, el material de consulta y las referencias bibliográficas revisadas.

3.1. Manuscritos latinos: siglos XII-XV

En la versión de *De morbis (Practica) puerorum* que encontramos en *Vat. lat.* 10213, el *incipit* adelanta la temática de la obra, diciendo: *Pasiones: puerorum adhuc in cunabulis [...]*, mientras que el *explicit* deja patente el título y el nombre de su supuesto autor: *Finis tractatus de egribus (sic) puerorum per vernardum de gordonio*.

Demaitre establece una relación de similitud, o de transmisión subyacente, al señalar que el contenido del *De morbis (Practica) puerorum* de *Vat. lat.* 10213 es prácticamente idéntico al que se halla en otro manuscrito de la misma colección, anónimo y datado entre los siglos XII y XIII; esto es, *Vat. lat.* 2416 (fols. 47^{vb}-47^{Ava}). Sin embargo, mientras que *Vat. lat.* 10213 atribuye la autoría del texto a Gordonio, como ya hemos indicado, *Vat. lat.* 2416 es anónimo y, además, no podríamos atribuirlo a este médico francés por una lógica

³³ DEMAITRE (1980) 171-197.

³⁴ DEMAITRE (1980) 171.

cuestión temporal; recordemos que la evidencia apunta a que nació entre 1280 y 1285. Así pues, este es un primer argumento, aunque no definitivo, para dudar de la autoría real de Gordonio.

Por otro lado, y como suele ocurrir con varios de los textos pediátricos anónimos de los siglos XII-XV, el contenido de *Vat. lat. 2416* es, en esencia, una colección de remedios terapéuticos extraídos de diferentes fuentes clásicas empobrecidas hasta quedar reducidas a la sola mención del nombre de una docena de afecciones seguidas, cada una, de recetas muy breves³⁵.

Aparte de los textos pediátricos latinos incluidos en *Vat. lat. 10213* y en *Vat. lat. 2416*, se han localizado otros manuscritos que también atienden al título genérico de *De morbis (Practica) puerorum*, algunos de ellos editados sin aparato crítico ni *marginalia* por el historiador alemán Karl Sudhoff (1925)³⁶. Además, la base de datos electrónica *Voigts-Kurtz Search Program Online* (2019)³⁷ ofrece información bibliográfica de seis manuscritos que contienen esta misma obra medieval sobre enfermedades infantiles³⁸.

3.2. Autoría

Conforme a lo expuesto, existen ocho copias similares del texto latino denominado *De morbis (Practica) puerorum*, las cuales comparten planteamiento y contenido, y están fechadas entre los siglos XII y XV; pero solo *Vat. lat. 10213*

³⁵ LOPEZ-PIÑERO - BUJOSA (1982) 17.

³⁶ En 1925 el *Vat. lat. 2416* (fols. 47^{vb}-47^{Ava}) fue editado por Karl Sudhoff (1853-1938), activo promotor de la Historia de la Medicina como disciplina científica en Alemania. La edición de Sudhoff incorpora información extraída de otros textos similares, aumentando la extensión del original, pero no presenta un aparato crítico ni notas relativas a aspectos lingüísticos o componentes paratextuales, como pueden ser los títulos de las secciones y las anotaciones al margen que podrían arrojar luz sobre la posible transmisión de la obra. Cf. *Bayerische Akademie der Wissenschaften*: <https://ptolemaeus.badw.de/jordanus/ms/10051> [último acceso: 14 de octubre de 2020]].

³⁷ *Voigts-Kurtz Search Program Online* (University of Missouri – Kansas City; U.S. National Library of Medicine): <https://cctr1.umkc.edu/search> [último acceso: 14 de octubre de 2020].

³⁸ *Cambridge Gonville and Caius College Ms. 379* (fols. 17^r-18^r); *Reims Bibliothèque Municipale Ms. 1004* (fol. 161^{v(a-b)}); *Chartres Bibliothèque Ms. 393* (fol. 1); *Oxford Merton College Ms. 230* (fols. 20^r-20^v); *París Bibliothèque Sainte-Geneviève Ms. 3102* (fols. 20^r-23^v); y *Biblioteca Apostólica Vaticana Palatinus Latinus 1229* (fols. 50^{r(a)}-53^{r(a)}).

atribuye esta obra a Gordonio en el *explicit* claramente. No obstante, que exista similitud entre los textos anónimos y el atribuido a Gordonio no implica, necesariamente, que *Vat. lat.* 10213 sea una falsa atribución, sino que puede revelar una tradición médica clásica y árabe común subyacente. Recordemos que la medicina medieval europea se caracteriza por ser esencialmente derivativa, muy arraigada en el conocimiento de los grandes pensadores y profesionales ejercientes en la antigua Grecia, el Imperio Romano y el mundo islámico, cuyas ideas se reproducían sin tener en cuenta su vigencia y aplicabilidad. Durante la Edad Media, la erudición de estos pensadores alcanzó tal autoridad que se aceptaba sin someterla a ninguna crítica científica; además, se citaban de manera tan generalizada e, incluso, sin la necesaria referencia que resulta poco menos que imposible establecer si lo expuesto en un texto medieval es de cosecha del autor o producto de estos usos³⁹.

En cuanto al motivo para esta atribución tardía, quizá obedece a un principio de *auctoritas*, esto es, una técnica argumentativa literaria muy frecuente en la Edad Media mediante la que el copista o el traductor del texto busca un respaldo académico o experimentado para validar una obra menor. Troncarelli explica que la *auctoritas* tiene la función de [...] *affermare che un testo è stato scritto da un'autorità illustre, mentre è chiaramente opera d'altri; ma per gli uomini del Medioevo poteva essere un procedimento addirittura legittimo in determinate occasioni*⁴⁰. Y esta necesidad de legitimación es comprensible en un periodo histórico donde las necesidades sanitarias de la población infantil comenzaron a adquirir mayor relevancia. De hecho, entre los siglos XII y XV, el número de obras relacionados con el cuidado de los niños y la infancia fue en aumento; en el ámbito de la medicina, en particular, también se prestó mayor atención a la descripción y tratamiento de las enfermedades infantiles⁴¹.

No obstante, el texto atribuido también podría ser una copia literal del original (si existiera), o bien una compilación de capítulos o información extraída de distintas obras, una amalgama hecha en una prestigiosa institución académica, esto es, [...] *un lavoro collettivo e 'di scuola', perseguito (o rielaborato) nell'osservanza rigida delle regole dettate da un maestro, viene attribuito globalmente*

³⁹ DEMAIRE (2013) 6.

⁴⁰ TRONCARELLI (1992) 374.

⁴¹ YORK (2019) 76.

*al maestro stesso, pur essendo materialmente opera di diverse persone*⁴². En este caso, no podemos descartar que la versión de *De morbis (Practica) puerorum* disponible en *Vat. lat. 10213* pudiera haberse realizado en la Universidad de Montpellier, donde Gordonio tuvo un papel destacado en los siglos XII-XIII.

Sustentamos esta afirmación en el hecho de que, *grosso modo*, podemos identificar algunos capítulos de *De morbis (Practica) puerorum* con otros del *Lilium medicinae* (1303)⁴³ y el *Tractatus de conservatione vitae humanae*⁴⁴. Aunque un análisis comparativo y profundo entre *Vat. lat. 10213* y estas dos obras queda fuera del propósito de nuestro trabajo, sin embargo, y para ilustrar esta relación mínimamente, presentamos un fragmento de *Vat. lat. 10213* junto a otro tomado del *Tractatus de conservatione vitae humanae*; en concreto, del capítulo titulado “De aegritudinibus quae eueniunt pueris nouiter genitis”, que se refieren ambos a las fisuras labiales del lactante, pero que son muy diferentes informativa y terapéuticamente hablando:

De fissuris labiorum puerorum⁴⁵. *Si puer fissuram labiorum patiaturs propter calorem uel nimiam duritiem mammillarum, cura talis erit: accipe lanam bene carpinatam et pone in succo plantaginis lanceolatæ et aliquantulo butiro vel axungia gallinæ recentis et ex illo liquefacto et ex ipsis succis labia cum pluma inunge. (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)})*⁴⁶

De fissuris labiorum et linguæ. *Recipe gummi dragacanthi, arab. infusorum in aqua rosarum, & cerussæ lotæ & lithargyri optime puluerisati, & addatur lactis mulieris alicuius vel lac caprarum, & cum pluma instincta cissuræ vel fissuræ vbicumque fuerint, liniantur*⁴⁷. (*Tractatus de conservatione vitae humanae*, ed. 1540; I.III,19-20).

⁴² TRONCARELLI (1992) 377.

⁴³ Cf. *Lilium medicinae* (París, 1542) disponible a texto completo en Google Books: <http://tinyurl.com/6t5rrnl> [último acceso: 9 de octubre de 2020].

⁴⁴ Cf. *Tractatus de conservatione vitae humanae* (Bratislava, 1570). En concreto, consúltese la *Prima Aetas*, Cap. III. *De aegritudinibus quae eueniunt pueris nouiter genites* (pp. 17-25).

⁴⁵ La negrita de los títulos es nuestra.

⁴⁶ Para reproducir la ortografía del texto, nuestra transcripción de *Vat. lat. 10213* mantiene la variante gráfemica -æ del diptongo, la variación -i/-y, y la presencia o ausencia de <h>. En los ejemplos, incorporamos los títulos, que están colocados *in margine* en negrita, con fines comparativos. Las abreviaturas del texto original se han expandido y la puntuación es nuestra (editorial).

⁴⁷ En el texto del *Tractatus de conservatione vitae humanae* que ofrecemos reproducimos el *usus scribendi* del editor.

4. El texto *De morbis (Practica) puerorum* en el siglo XV: análisis comparativo

4.1. Contextualización

El manuscrito *Slo71*, que data del siglo XV y es anónimo⁴⁸, consiste en un compendio incompleto de textos médicos y farmacéuticos⁴⁹. Sólo se conservan 109 folios del volumen original y éstos comprenden un tratado de 124 capítulos sobre aspectos de medicina general, de corte teórico-práctico (fols. 2^v-81^r); un opúsculo de 19 capítulos sobre enfermedades infantiles, que recoge 35 recetas médicas (fols. 81^r-83^v) y está atribuido a Gordonio; una colección de 16 recetas médicas pediátricas adicionales e incompletas, por fragmentos y sin atribución de autoría (fols. 84^r-85^v); y parte de una traducción al inglés del *Circa instans*, un tratado botánico-farmacéutico de referencia en la Edad Media que explica las propiedades terapéuticas de 290 hierbas y plantas (fols. 86^r-105^v)⁵⁰.

Hemos seleccionado la traducción al IMed del *De morbis (Practica) puerorum* incluida en *Slo71* para nuestro análisis por dos razones: primero, porque es un texto que no está recogido en el apéndice de Demaitre⁵¹ y, que sepamos, no ha sido editado ni transcrito hasta el momento; y, segundo, porque, al igual que *Vat. lat.* 10213, *Slo71* data del siglo XV y está explícitamente

⁴⁸ Dado que las cuatro grandes secciones de *Slo71* versan sobre distintos aspectos de la medicina, es de suponer que el traductor del texto poseería algún tipo de conocimiento sobre la disciplina, por lo menos en lo concerniente a la praxis ya que el manuscrito tiene una orientación principalmente práctica. Esta teoría queda respaldada, quizá, por la siguiente afirmación: *Now wol j · sowe yn · summe medycyns · þat j haue proued in · chylderne or þis tyme [...] (fol. 84^r: 19-20) [I will now include some medicines that I have tested in children or this time]* (nuestra traducción). Asimismo, traducir un texto médico del latín a la lengua vernácula apunta a cierto grado de alfabetización, fluidez lingüística y educación formal por parte del autor.

⁴⁹ A diferencia de otros manuscritos en la Colección Sloane de la Biblioteca Británica, *Slo71* no puede considerarse una miscelánea, ya que gira en torno a una temática: medicina y sus disciplinas auxiliares en la Edad Media. Cf. VOIGTS - KURTZ (2000). Asimismo, sobre el contenido tan variado e inconexo recopilado en el manuscrito *Sloane* 2275; cf. HANNA (2015).

⁵⁰ Para más detalles sobre esta influyente obra para la práctica médica y farmacéutica medieval, cf. GARRIDO ANES (2005) o VENTURA (2009).

⁵¹ DEMAIRE (1980) 184.

atribuido a Gordonio, lo cual invita a realizar el estudio comparativo. Una lectura detallada de *Slo71* (fols. 81^r-83^v) revela que el texto pediátrico sigue un formato específico, donde cada título corto identifica una enfermedad, afección o parte anatómica y las instrucciones siguientes explican cómo elaborar una o varias recetas médicas artesanalmente. Se trata de un planteamiento equivalente al que observamos en *Vat. lat.* 10213, de modo que *Slo71* pudo haberse traducido a partir de este manuscrito, o bien de una copia idéntica disponible e igualmente atribuida a Gordonio.

De hecho, el incipit de *Slo71* (*Help · for chylderne in cradul or opere* [fol. 81^r: lín. 20]) es una traducción libre del inicio de *Vat. lat.* 10213: *Pasiones: puerorum adhuc in cunabulis [...]*, siendo el *explicit* de cada texto el que vincula las dos versiones de manera más clara: *Finis tractatus de egribus puerorum vernardum de gordonio* (*Vat. lat.* 10213, fol. 541^{r(b)}), en comparación con: // *Explicit* // *Here endep þe practyk for childerne ymaad of Mayster · Bernard of gordonye þat made lylye in physik* (*Slo71*, fol. 83^v: líns. 21-23). En la traducción inglesa se presenta a Gordonio como el *mayster* (*magister*)⁵² autor del *lylye in physik* (*Lilium medicinae*), una puntualización que sirve para avalar la fiabilidad y la utilidad del texto; una muestra de la *auctoritas* del médico medieval.

La similitud entre ambos es evidente también en lo expresado en las primeras líneas, con una clara tendencia a la concisión, síntesis y omisión de detalles en el caso de *Slo71*. De hecho, nótese el uso de una referencia cruzada (*loke in þe chapitre of phisik* 58) en vez de la lista de hierbas y elementos naturales en *Vat. lat.* 10213 para que la nodriza pueda aumentar su producción de leche:

Passiones puerorum adhuc in cunabulis iacentium sub breui placuit michi tractare compendio et de singulis infirmitatibus remedia assignare. [Conditus boni lactis] Primo itaque consideretur lac, de quo nutritur puer, si sit bonum, quoddam sic cognoscitur. Oportet etiam quod sit bonum odoriferum et continuum, hoc autem sic cognoscimus; ponatur lac supra petram uel gladium politum uel supra speculum, si stet ad modum

⁵² Cabe destacar que, a partir del siglo XIII, las nacientes universidades medievales comenzaron a sentar las bases de una estructura académica y pedagógica conforme a la filosofía de las artes liberales; las facultades de medicina, en particular, se sirvieron de ella para diseñar su estructura administrativa y académica, de modo que incluso *the faculty members underscored their academic standing by appropriating the title of “master” (magister) from the schools of liberal arts and even, eventually, of “teacher” (doctor) from the preeminent law and theology*. Cf. DEMAIRE (2013) 3-4.

cristalli, bonum est, si uero ad modum aquæ, non est bonum neque oportet quod nutrix renes concutiat. [Revocata lactis] Si uero nutrix lac non habeat, comedat semen feniculi, lactucas, cominum, zinziber, piper longum et album, sed nota quod quæcunque augmentant lac, augmentant sperma et contra (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)}).

Help · for chylderne in cradul or opere first loke þe norse melk be good & 3yf [hit] stonde a drole on a bryzt swerd as cristal · sad & þylke hit ys good · but and hit flowe as water hit ys nazt so /// ffor a norse þat lakkeþ mylk · loke in þe chapitre of phisik 58 · /// And to haue plente of mylk · lat þe norse ete maratrum letuse / comyn / gyngyuer / longe peper / and whyt peper (Slo71, fols. 81^r-81^v)⁵³.

4.2. Nivel macroestructural

En *Vat. lat. 10213* los títulos de cada capítulo figuran al margen, mientras que en *Slo71* están incorporados al texto principal, una práctica habitual en la tradición escolástica y, más adelante, impresora⁵⁴. En ambos casos, se opta por breves etiquetas con información básica: nombre de la enfermedad infantil, o de la parte anatómica afectada, en ocasiones acompañada por un adjetivo o restringida en su significado por otro sustantivo o un sintagma preposicional. Son, en realidad, auténticos *accessus* al contenido médico⁵⁵. Los capítulos no siempre aparecen en idéntico orden, ni abordan la misma enfermedad, y, además, *Vat. lat. 10213* contiene 18 frente a los 19 de *Slo71*, como se expone a continuación:

Núm.	<i>Vat. lat. 10213</i> Títulos: <i>in margine</i>	Núm.	<i>Slo71</i> Títulos: cuerpo del texto
	[Conditus boni lactis]	1	first loke þe norse melk be good
	[Revocata lactis]	2	ffor a norse þat lakkeþ mylk
	[De fixuris labiorum puerorum]	3	ffor lyppes
	[De insompietate]	4	ffor lakke of slepe

⁵³ Realizamos una transcripción semidiplomática de *Slo71*, reproduciendo la ortografía del copista y las letras rúnicas como la *thorn* <þ> y la *yogh* <ȝ>, así como características del texto en cuanto a mayúsculas, puntuación (e.g. punto, guiones, vírgulas...), letras voladas, subrayado o división de párrafos. También se han expandido las abreviaturas, sin marcas indicativas, e insertado las letras omitidas o ilegibles, pero plausibles, en cursiva. Puede leerse la transcripción completa en el anexo final de este trabajo.

⁵⁴ PABLO-NÚÑEZ (2013) 104-106.

⁵⁵ El *accessus* es un tipo de recurso muy habitual en la literatura medieval de la más variada tipología (fábulas, florilegios, lírica...).

	[De uomitu]	5	ffor castyng*
	[De procuracione uomiti]	6	To make caste
	[De solutione uentris]	7	ffor þe fluxum
	[De constipata uentris]	8	ffor constipacion
	[De febre]	9	<u>ffor an acces</u>
10	[De <...> puerorum] ⁵⁶	10	ffor leenesse
11	[De ustione urine]	11	<u>ffor raw skynnyng</u>
12	[De lumbrici]	12	ffor a cankere
13	[De inflatione]	13	ffor wormes
14	[De dolore dentibus]	14	ffor swellynge
15	[De debilitate uisus]	15	ffor sore gummess
16	[De cancro in ore puerorum]	16	for epilensye in hem
17	[De epilectia puerorum]	17	<u>ffor þe cowhe in chylderne</u>
18	[De calculo puerorum]	18	ffor castynge of chylderne*
		19	ffor feuers in chylderne

Tabla 1. Orden de aparición y títulos de *Vat. lat.* 10213 y *Slo71*⁵⁷

En la Tabla 1 vemos que *Vat. lat.* 10213 y *Slo71* tienen en común quince capítulos. Son exclusivos del primer manuscrito *De ustione urine* (núm. 11), *De debilitate uisus* (núm. 15) y *De calculo puerorum* (núm. 18); mientras que en el segundo hallamos *ffor an acess* (núm. 9, “acceso”), *for raw skynnyng* (núm. 11, “descamación de la piel”) y *ffor þe cowhe in chylderne* (núm. 17, “tos de pecho”). La diferencia en el número total de capítulos se debe a que *Slo71* incluye dos relativos al vómito infantil: *ffor castyng* (núm. 5) y *ffor castynge of chylderne* (núm. 18).

Respecto al contenido, cabe mencionar que *Vat. lat.* 10213 cuenta con algunas glosas de carácter médico que complementan al texto principal. Un ejemplo es *oportet etiam quod sit bonum odoriferum et continuum*, una aclaración que no aparece en *Slo71*, pero que puede relacionarse con el *Tractatus de conseruatione vitae humanae* de Gordonio. En el primer libro, capítulo dos (*De eli-*

⁵⁶ Este capítulo habla de la debilidad (*debilitas*) del niño (*Slo71*: *leenesse*), pero hay una mancha en el manuscrito que impide leer el texto correctamente.

⁵⁷ Para facilitar la comparación, los títulos que son diferentes en ambos manuscritos están subrayados; los que figuran en un orden distinto, en cursiva.

genda nutrice), el autor explica que, para determinar si la leche de la nodriza es óptima, hay que tener en cuenta aspectos como el buen olor que desprende y que fluya de manera continuada.

VIII. *Quod lac non sit mali aut alicuius grauis odoris, aut inepti saporis, nec sit nimis grossum, nec nimis subtile, & si proijciatur super vnguem, quod non nimis fluat, nec nimis stet, Idem si proijciatur in aquam.* (*Tractatus de conservatione vitae humanae*, ed. 1570; I.II,13).

Por tanto, podríamos asumir que esta glosa es una referencia cruzada a otro tratado escrito por el propio Gordonio y nos reafirma en la hipótesis ya señalada de que en la redacción de *De morbis (Practica) puerorum* se tuvieran presente varias obras del médico medieval⁵⁸.

4.3. Nivel microestructural

Como se ha indicado, la versión inglesa de *De morbis (Practica) puerorum* tiende a abreviar el contenido del texto latino. Es decir, *Slo71* puede definirse como una traducción reduccionista, que suele omitir información y detalles recogidos en *Vat. lat.* 10213 y, además, ofrecer un menor número de remedios medicinales en cada capítulo. No obstante, en algunos casos observamos lo contrario, es decir, la diferencia entre *Vat. lat.* 10213 y *Slo71* estriba en la presencia de información recogida en otras obras de Gordonio como *Lilium medicinae* y *Tractatus de conservatione vitae humanae*.

En primer lugar, podemos establecer una conexión sólida entre ambos manuscritos ya que muchas de las recetas médicas y recomendaciones terapéuticas del texto latino se traducen al inglés *ad verbum*. Para ejemplificar esta forma de trasvasar el contenido de una lengua a otra, los siguientes fragmentos muestran una traducción casi literal, aunque el orden de los sintagmas varía y la receta medicinal va seguida de una expresión de eficacia (*efficacy statement* o *phrase*), la cual tiene una función enfática al incidir en la validez y efectividad de un remedio medicinal⁵⁹:

⁵⁸ Tampoco puede obviarse la posible influencia de otros médicos insignes, como Sorano de Éfeso, Galeno de Pérgamo y Avicena, que había escrito secciones y capítulos completos sobre las características de la nodriza más adecuada y las propiedades de su leche. Cf. GAVITT (2006) 93-94.

⁵⁹ HUNT (1990); JONES (1998); MÄKINEN (2011).

[*De cancro in ore puerorum*] Si uero cancrum patiat in ore, recipe puluerem cornu cerui adusti et puluerem corticis mali granati et superpone (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)}).

ffor a canker // 3yf a chyld haue a canker in hys mouþ Tak powder of þe hertys horn or of þe rynde of a pome garnet and powne and ley þer · on þer as hyt nedep and hit schal be hole (Slo71, fol. 82^v).

En otros casos, observamos un núcleo de información compartido y formulado en IMed conforme a la destreza lingüística y capacidad discursiva del traductor, como ocurre en los capítulos relativos a la provocación del vómito y la epilepsia:

[*De procuratione uomiti*] Si uis prouocare uomitum, imprime linguam pueri cum digito moderate tamen, ne ledas eum, uel plumam galline oleo intinctam usque ad bucam in guttur pone (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)}).

To make caste / putte ynward þe chyldes tonge a lytel · ful esyly & softe for harmynge / or ellys put a feþer in hys mouþ toward his þrote swolwe and that ful · esyly and fayre /// (Slo71, fol. 81^v).

[*De epilectia puerorum*] Si uero sit epilecticus da ei bibere coagulum leporis et etiam da ei in potu peoniam cum lacte mulieris. Etiam suspende collo eius peoniam cum radice etsi non haberes peoniam suspende sucum aste regie (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)}).

for epilensye in hem // 3yf a chyld falle and vomy · Tak hym to drynk pyonye / and honge pyonye a boutte hys nekke · and let hym drynk hyt wyth womman mylk / · and þe juys of hasta regia · 3yf þow uast no · pyonye / and þe herbe yhonged at hys nekke (Slo71, fol. 83^r).

Asimismo, es posible que la traducción solo presente una parte del texto latino. De hecho, Slo71 muestra una preferencia por abreviar u omitir el contenido de Vat. lat. 10213. En el manuscrito inglés no se suelen describir las causas (etiología) ni los signos y síntomas (sintomatología) identificativos de la enfermedad o trastorno infantil, sino que el texto centra su atención en los remedios medicinales; esto es, no parece estar pensado para un uso académico o didáctico, sino con una finalidad práctica:

[*De fixuris labiorum puerorum*] Si uero puer fixuram labiorum patiat propter calorem uel nimiam duriem mammillarum, cura talis est: recipe lanam bene carpinatam et pone in suco plantaginis, lanceolate, butiro vel axungia galline recentis et ex illo calefacto et ex illis sucis labia cum pluma inunge. (Vat. Lat. 10213, fol. 521^{r(a)})

ffor lyppes · Tak juys of planteyne & melt boter · & henne grece & mak an · oynement & wyþ a · feþer ley in þe chappes esyly /// (Slo71, fol. 81^v)

La reducción con respecto al texto latino también puede afectar a la información preliminar, de modo que el capítulo en *Slo71* empieza directamente en las instrucciones para elaborar una receta médica, así como a determinados ingredientes, quizá omitidos por una cuestión conceptual (e.g. dificultad de traducirlos al inglés) o geográfica⁶⁰ (no siendo parte de la flora endémica de la región y, por tanto, de difícil adquisición):

[De *insompi etate*] *Si uero patiaturs insompietate fiant fomentationes herbarum malue plantaginis lanceolate inungatur populeon oleo rosato uiolatu simul mixtis et suco mandragore portulace lactuce et in his omnibus intingatur pannus et fronti et temporibus superponatur. Item oleum uiolatum misceatur cum lacte mulieris uel cum oleo rosae et ungatur frons et tempora* (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)}).

ffor lakke of slepe Tak juys [of] planteyne and of letuse and of Mandrake / or of purslane and womman mylke and weet a clout and ley to þe temples // or tak oyle of rosene and of violet and a litel popyllion · and womman mylk and ley to þe temples and to þe forehed also / or summe of peper · /// (*Slo71*, fol. 81^v).

Asimismo, *Slo71* a veces suprime un remedio medicinal al completo, como ocurre en el capítulo relativo a la diarrea infantil:

[De *solutione uentris*] *Si uero laboret uentris solutione, epithimata fiant uentris constrictiua ex farina ordeï cum suco arnoglossae uel pullicarie cum modico aceto uel centummodie et albumine ouorum, distemperentur adito puluere rosarum, masticis, thuris, boli armenici, sanguinis draconis, absinthii, balaustie et similibus. Ad ultimum coquantur rose in aqua et in illa sedeat. Fomentationes fiant in tibiis et pedibus. Item recipe duas partes consolide maioris et aliam plantaginis uel laureolate et in sucis harum herbarum distempera argillam et fiat in modum emplastri malaxando inter manus et pone super umbilicum.* (Vat. lat. 10213, fol. 521^{r(a)})

ffor þe fluxum Tak and mak emplastre of barly mele with juys of planteyn and a lytel · eysel · and whyt of an eye / and do þerto poudre of roses of mastyk / of encense / of bole / of sang dragum / and ley to but esyly and lytil and also lityl tyme for þynnes of þe child /// *Also tak* ij · partys of conferye and on of planteyne or of letuse and wyth þe juys of hem clay and mak a plastere and lay vpon þe nauele /// (*Slo71*, fols. 81^v-82^r)

En segundo lugar, algunos capítulos de *Slo71* ofrecen información que no aparece en *Vat. lat. 10213*, pero sí en otras *Gordoniana*. Esta diferencia puede ser una manera de compensar la abreviación y reducción del contenido, o bien obedecer a la necesidad de refrendar la conexión del texto médico con Gordonio. Así, por ejemplo, hemos visto que el segundo capítulo de *Slo71*

⁶⁰ VOIGTS (1979).

consiste en la mínima expresión, es decir, el título seguido de una referencia cruzada: *ffor a norse þat lakkeþ mylk · loke in þe chapitre of phisik* 58 (fol. 81^v). Debido a la sinonimia parcial entre los términos *medicine* y *physic* en la Edad Media⁶¹, asumimos que el traductor dirige al lector al *Lilium medicinae*, sobre todo considerando que esta obra se denomina *lylye in physick* en el *explicit* de Slo71. La copia del *Lilium medicinae* consultada para este trabajo, impresa en 1542, no contiene un capítulo 58 (numerado así); no obstante, el capítulo trece del cuarto libro, titulado *De minoratione lactis*, describe con detalle la etiología (*Causae*), los signos y síntomas (*Signa*), el tratamiento (*Cura*) y medidas adicionales para aumentar la producción de leche materna (*Lactis multiplicantia*)⁶².

Por último, también observamos que Slo71 contiene algunos remedios medicinales que no se hallan en *Vat. lat.* 10213, pero similares a los propuestos en el *Tractatus de conservatione vitae humanae*, como ocurre en el capítulo sobre el estreñimiento infantil:

[De constipata uentris] Si uero patiatur nimiam constipationem uentris fiat ei suppositorium de melle et sale. Item porrus uel radix in septem partes findatur et super quamlibet partem tria grana salis. Item recipe intestina gacti et super ventrem calidissima pone. (*Vat. lat.* 10213, fol. 521^{r(a)})

ffor constipacion · // Tak and lay a lytel note schale ful of botter vppon his nauele and bynd þer so þa' þe wombe be anoynted /// *Or make hit suppositorijs of hony and salt* /// *Or a glisterye* mollytif ful smal and esy /// *Or ley vppon his wombe þe guttes* al hoot of a catt / or of a sowe and y trowe a lytel laxatif vnement wold do ynow3 /// (Slo71, fol. 82^r).

De constipatione ventris. Accipiatur mel crudum in panno lineo gracili, & fiat suppositorium, vel accipe dolsam nucis & acuatur et applanetur, & inuoluatur in melle & supponatur, prætera impleatur testa nucis butyro, & ligetur super umbilicum [vel ex felle bouis & ponatur super umbilicum] & cum hoc inungatur totus venter (*Tractatus de conservatione vitae humanae* (1570) I.III. 23).

⁶¹ Cf. *Oxford English Dictionary Online* (www.oed.com) and *Middle English Dictionary Online* (<http://quod.lib.umich.edu/m/med/>) [último acceso: 17 de octubre de 2020].

⁶² Cf. *Lilium medicinae* (1542) IV.XIII. Rúbrica i; pág. 215. Asimismo, el segundo capítulo del primer libro del *Tractatus de conservatione vitae humanae* (1570) I.II;16 también describe algunos remedios para aumentar la producción de leche, en términos similares a la obra anterior.

5. Conclusión

El estudio sobre el opúsculo *De morbis (Practica) puerorum*, que circuló de manera anónima entre los siglos XII y XIV, y que se encuentra explícitamente atribuido a Gordonio en el siglo XV, muestra un proceso de transmisión difícil de rastrear con exactitud, especialmente debido a la falta de referencias específicas y a la temática, habitual en las obras médicas de autores griegos y árabes notables. Gordonio adquirió un profundo conocimiento de la disciplina, en cuanto a la teoría y práctica de la profesión, tal y como demuestran tanto su ingente producción escrita, vigente en el entorno académico durante más de tres siglos, como los textos coetáneos y posteriores ya sean sobre el autor o sobre sus obras médicas. La atribución tardía de *De morbis (Practica) puerorum* a Gordonio pudo deberse a la necesidad de avalar la calidad y utilidad práctica de la obra, esto es, a un principio de *auctoritas* para prestigiar el texto y convencer al lector de sus bondades.

El análisis comparativo preliminar entre *Vat. lat.* 10213 y *Slo71*, en el plano macro- y microestructural, revela coincidencias en cuanto a la presentación y organización del manuscrito, así como de contenido, de modo que la traducción inglesa pudo haberse realizado a partir de un texto latino igual o similar al que incluye *Vat. lat.* 10213. Sin embargo, existen diferencias significativas entre ambos manuscritos, que no solo obedecen a razones lingüísticas y léxicas, sino también a decisiones relativas al contenido del texto.

Con respecto al primer punto, las razones lingüísticas subyacentes, es probable que el traductor del texto hallara dificultades a la hora de trasladar el contenido del manuscrito latino al inglés, entre ellas de carácter expresivo (porque el latín había sido la lengua de las artes y las ciencias durante varios siglos y, por tanto, había desarrollado una gran capacidad para verbalizar el conocimiento técnico) y léxico (debido a la no correspondencia o falta de equivalentes exactos en lengua inglesa). Es decir, la exactitud del contenido textual y del saber médico-terapéutico que presenta *Slo71* depende, en gran medida, de la competencia lingüística y discursiva del traductor del texto en los dos idiomas de trabajo, aparte de la formación y experiencia médica real que pudiera tener. Asumimos, sin embargo, que el traductor de la versión de *De morbis (Practica) puerorum* que recoge *Slo71* estaba capacitado para realizar esta traducción adecuadamente, sabiendo que ejerció la medicina profesionalmente

(como reza en el propio manuscrito)⁶³. Pudo, por tanto, trasladar el contenido del texto latino original a lengua inglesa, si bien también impuso su criterio personal y médico, para modificar y complementar el texto resultante con coherencia y ofrecer a su potencial usuario una obra práctica para el tratamiento de las enfermedades infantiles.

Por lo general, el autor/traductor de *Slo71* tiende a abreviar la cantidad de información incluida en los capítulos en comparación con *Vat. lat.* 10213, eliminando fragmentos parcial o completamente y adoptando un enfoque más práctico y centrado en el tratamiento de las enfermedades infantiles. Al mismo tiempo, *Slo71* intercala o añade fragmentos enteros de otras obras, de manera casi literal; algunos proceden de las propias obras de Gordonio, como *Lilium medicinae* y *Tractatus de conservatione vitae humanae*, y son un ejemplo de la relación del opúsculo con otras obras del médico medieval. En cuanto al origen de otras fuentes, será necesario rastrear y localizar su posible origen en la amplísima literatura médica de la Europa medieval para lo que se requerirá, por tanto, un análisis comparativo de mayor envergadura que pueda arrojar luz al intrincado proceso de transmisión que se vislumbra en este caso.

6. Referencias bibliográficas

6.1. Fuentes primarias

GORDONIO (1542), *Lilium medicinae*. París <<http://tinyurl.com/6t5rrnl>> consulta: 09/10/2020.

GORDONIO (1570), *Tractatus de conservatione vitae humanae*. Bratislava <<https://tinyurl.com/yyq32gea>> consulta: 09/10/2020.

PSEUDOGORDONIO, *De morbis (Practica) puerorum* (*Vat. lat.* 10213, fol. 541^{r(a-b)}).

PSEUDOGORDONIO, *incipit: Help for chylderne in cradul* (*Sloane* 71, fols. 81^r-83^v).

6.2. Estudios

ALONSO GUARDO, A. (2002), "El *Lilium medicine* y el *Tractatus de crisi et de diebus creticis* de Bernardo de Gordonio: estudio comparativo", *Noua et uetera. Nuevos horizontes de la Filología Latina*. Madrid, Atenea, 1, 435-443.

ALONSO GUARDO, A. (2011), *Bernardi de Gordonii Tractatus de crisi et de diebus creticis*. Valladolid, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Valladolid.

⁶³ Cf. nota 49.

- BALAGUER PERIGÜELL, E. - BALLESTER AÑÓN, R. (2003), *En el nombre de los niños. Real expedición filantrópica de la vacuna 1803-1806*. Madrid, Asociación Española de Pediatría – Wyeth.
- BARKAI, R. (1989), “A Medieval Hebrew Treatise on Obstetrics”: *Medical History* 33 (1989) 96-119.
- Bayerische AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN <<https://ptolemaeus.badw.de/jordanus/ms/10051>> consulta: 14/10/2020.
- BENSON, L. D., ed. (1987), *Canterbury Tales*. Oxford, University Press.
- BERTINI, F. et alii (1985=1991). *La mujer medieval*. Madrid, Alianza Editorial.
- BULLOUGH, V. L. (1985), “Doctor Bernard of Gordon: Professor and Practitioner”: *Isis* 72/4 (1985) 264.
- CABALLERO NAVAS, C. (2003), “Un capítulo sobre mujeres. Transmisión y recepción de nociones sobre salud femenina en la producción textual hebrea durante la Edad Media”: *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos* 52 (2003) 135-162.
- CAMPBELL, D. (2002=1926), *Arabian medicine and its influence on the Middle Ages*. (Vol. 1). London, Routledge, 163.
- CANTARELLA, R. (1966), *El peso de Roma en la cultura europea*. Madrid, Akal.
- CHALMERS, A. (1814), *The general biographical dictionary: Containing an historical and critical account of the lives and writings of the most eminent persons in every nation [...]*, vol XIV. London, Alexander Chalmers, 105.
- DALES, R. C. (1983), “Doctor Bernard of Gordon: Professor & Practitioner”: *The American Historical Review* 88/3 (1983) 663.
- DAREMBERG, C. - RUELLE, É. C., eds. (1879), *Ouvres de Ruphus D’Éphèse*. París, Imprimerie Nationale.
- DEMAITRE, L. E. (1975), “Theory and Practice in Medical Education at the University of Montpellier in the Thirteenth and Fourteenth Centuries”: *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 30/2 (1975) 103-123.
- DEMAITRE, L. E. (1977), “The Idea of Childhood and Child Care in Medical Writings of the Middle Ages”: *The Journal of Psychohistory* 4/4 (1977) 461-490.
- DEMAITRE, L. E. (1980), *Doctor Bernard de Gordon: Professor and Practitioner*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies.
- DEMAITRE, L. E. (2005), “Bernard of Gordon”: TH. GLICK – S. J. LIVESEY - F. WILLIS (eds.) *Medieval Science, Technology, and Medicine. An Encyclopedia*. Oxford / New York, Routledge, 84-85.
- DEMAITRE, L. E. (2013), *Medieval Medicine. The Art of Healing, from Head to Toe*. Santa Barbara (CA), Praeger.

- DULIEU, L. (1975), *La médecine à Montpellier: I. Le Moyen Âge*. Avignon, Les presses universelles.
- GARRIDO ANES, E. (2005), "Addenda al listado de manuscritos del *Circa Instans* preservados en bibliotecas británicas": *Cronos* 8 (2005) 139-146.
- GAVITT, P. (2006), "Breastfeeding and Wet-nursing": M. SCHAUS (ed.) *Women and Gender in Medieval Europe: An Encyclopedia*. New York / London, Routledge/Taylor & Francis Group, 93-94.
- GREEN, M. (2000), "From 'Diseases of Women' to 'Secrets of Women': The transformation of gynaecological literature in the later Middle Ages": *Journal of Medieval and Early Modern Studies* 30/1 (2000) 5-39.
- GREEN, M. (2001), *The Trotula. A Medieval Compendium of Women's Medicine [The Middle Ages Series]*. Filadelfia, PA, University of Pennsylvania Press.
- HANNA, R. (2015), "Making Miscellaneous Manuscripts in Fifteenth-Century England: The Case of Sloane 2275": *Journal of the Early Book Society for the Study of Manuscripts and Printing History* 18 (2015) 1-28, 322.
- HANSON, A. E. - GREEN, M. H. (1994), "Soranus of Ephesus: *Methodicorum princeps*": W. HAASE - H. TEMPORINI (eds.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt. Part II; Vol. 37.2*. Berlín, Walter de Gruyter, 968-1075.
- HUNT, T. (1990), *Popular Medicine in Thirteenth Century England*. Cambridge, D. S. Brewer.
- JIMÉNEZ-COLLADO, J. - GRACIA-GUILLÉN, D. (eds.) (2002), *Joyas de la Biblioteca [Vol. II]*. Madrid: Real Academia Nacional de Medicina, 81-82.
- JONES, C. (1998), "Formula and formulation. 'Efficacy phrases' in medieval English medical manuscripts": *Neuphilologische mitteilungen* 99/2 (1998) 199-209.
- LASCARATOS, J. - POULAKOU-REBELAKOU, E. (2003), "Oribasius (fourth century) and early Byzantine perinatal nutrition": *Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition* 36 (2003) 186-189.
- LINDBERG D. C. (2007), *The beginnings of Western science: The European scientific tradition in philosophical, religious and institutional context*. Chicago, University Press.
- LÓPEZ PIÑERO, J. M. - BRIONES SOLANES, J. (2009), *Historia de la pediatría*. Valencia, Albatros.
- LÓPEZ PIÑERO, J. M. - BUJOSA, F. (1982), *Los tratados de enfermedades infantiles en la España del Renacimiento [Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia XXIV. Serie B: Textos Clásicos]*. Valencia, Universidad de Valencia.

- LÓPEZ PIÑERO, J. M. (2008), *La medicina en la historia*. Madrid, La esfera de los libros.
- MAGNER, L. C. (2002), *A History of the Life Sciences, Revised and Expanded* [3rd edition]. New York / Basel, Marcel Dekker.
- MÄKINEN, M. (2011), "Efficacy phrases in Early Modern English Medical Recipes": I. TAAVITSAINEN – P. PAHTA (eds.) *Medical Writing in Early Modern English*. Cambridge, University Press.
- MARTÍN FERREIRA, A. I. (2015), "Transmisión e innovación del saber en la pediatría moderna: El tratado *De morbis puerorum* de Girolamo Mercuriale (Venecia 1583)". *Studia Philologica Valentina* 17, n.s. 14 (2015) 187-216.
- PABLO-NÚÑEZ, L. (2013), "Pasado y presente de la anotación de textos: breves notas sobre la historia de las notas". L. PABLO-NÚÑEZ (ed.) *Escritorios electrónicos para las literaturas. Nuevas herramientas digitales para la anotación colaborativa*. Madrid, Universidad Complutense, 99-114.
- PARK, K. (2014), *Doctors and medicine in early Renaissance Florence*. Princeton (NJ), University Press.
- PRIORESCHI, P. (2001), *A History of Medicine: Roman Medicine. Vol. III*. Omaha (NE), Horatius Press.
- RAWSON, B. (2003), *Children and Childhood in Roman Italy*. Oxford, University Press.
- SIRAI, N. (1990), *Medieval and early Renaissance medicine: An introduction to knowledge and practice*. Chicago, University Press.
- SUDHOFF, K. (ed.) (1925), *Erstlinge der pädiatrischen Literatur*. Munich, ***, XLI-XLII (+ Plates XX-XXI).
- TEMKIN, O. et alii (1991=1956), *Soranus' Gynecology*. Baltimore (MA) /Londres, The Johns Hopkins University Press.
- TRONCARELLI, F. (1992), "L'attribuzione, il plagio, il falso", *Lo spazio letterario del Medioevo. I. Il Medioevo latino*. Roma, Salerno Editrice.
- VAN DER EIJK, P. J. (2005), *Medicine and Philosophy in Classical Antiquity: Doctors and Philosophers on Nature, Soul, Health and Disease*. Cambridge, University Press.
- VENTURA, I. (2009), "Une oeuvre et ses lecteurs: La diffusion du Circa Instans Salernitain": *Florilegium mediaevale: Études offertes à Jaqueline Hamesse*. Louvain-la-Neuve, Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 585-604.
- VOIGTS, L. E. (1979), "Anglo-Saxon Plant Remedies and the Anglo-Saxons Author(s)": *Isis* 70/2 (1979) 250-268.

- VOIGTS, L.E. - KURTZ, P. D. (2000), *Scientific and medical writings in Old and Middle English*. Voigts-Kurtz Search Program Online 2019 (University of Missouri – Kansas City): <https://ctr1.umkc.edu/search>. Consulta: 14.10-2020.
- YORK, W. H. (2019), “Antiquity through the Middle Ages”: R. CLIFFORD ENGS (ed.) *Health and Medicine Through History: From Ancient Practices to 21st-century Innovations* [Vol. I: *Antiquity through the 18th century*]. Santa Barbara / Denver, Greenwood, 3-191.

ANEXO

En este anexo ofrecemos una transcripción semidiplomática del *Slo*71, en la que reproducimos la ortografía y la puntuación de los escribas, esto es: letras superíndice y rúnicas (la 'thorn' <þ>, y la 'yogh' <ȝ>), el subrayado, la expunción y los signos de puntuación (guiones, calderones, puntos dobles y vírgulas).

Sin embargo, las interlineaciones marcadas por linetas funcionales (es decir, omisión o error) se recogen entre paréntesis de “medio cuadrado” (⌈ ... ⌋) y se insertan en la línea correspondiente. Las abreviaturas y los símbolos especiales se han ampliado sin marcar para mayor claridad y las grafías suprimidas en el manuscrito se ponen en cursiva. Finalmente, la ubicación y el contenido de los *marginalia* se señalan en notas a pie de página.

London, British Library Ms. Sloane 71 (fols. 81^r-83^v)fol. 81^r

Help · for chylderne in cradul or opere first loke þe norse melk be good & ȝyf [hit]⁶⁴ stonde a drope on a bryȝt swerd as cristal · sad & þylke hit ys good · but and

fol. 81^v

hit flowe as water hit ys naȝt so /// ffor a norse þat lakkeþ mylk · loke in þe chapitre of phisik 58 · /// And to haue plente of mylk · lat þe norse ete maratrum letuse / comyn / gyngyuer / longe peper / and whyt peper /// ffor lyppes · Tak juys of planteyne & melt boter · & herne grece & mak an · oynement & wyþ a · feþer ley in þe chappes esyly /// ffor lakke of slepe Tak juys [of]⁶⁵ planteyne and of letuse and of Mandrake / or of purslane and womman mylke and weet a clout and ley to þe temples // or tak oyle of rosene and of violet and a litel popylion · and womman mylk and ley to þe temples and to þe forehed also / or summe of peper · /// ffor castyng /// Mak a plaster of bred & vynegre a lytel and ȝolkes of eyrene yrosted & mastyk / & gumme arabyk melt þese wyþ þe juys of myntes and ley to þe mouþe of þe stomak · and toste a cruste of breed and spryng a lytil of vynegre þer on · and aplye hit to his nose · /// To make caste / Putte ynward þe chyldes tonge a lytel · ful

⁶⁴ [hit]: *om. add. in marg. sin.* La posición exacta está marcada por la lineta infralineal.

⁶⁵ [of]: *om. add. in marg. sin.* La posición exacta está marcada por la lineta infralineal.

esyly & softe for harmynge / or ellys put a feþer in hys mouþ toward his þrote
swolwe and that ful · esyly and fayre /// ffor þe fluxum / Tak and mak
emplastre of barly mele

fol. 82^r

with juys of planteyn and a lytel · eysel · and whyt of an eye / and do
þerto poudere of roses of mastyk / of encense / of bole / of sang dragum / and
ley to but esyly and lytil and also lityl tyme for þynnes of þe child /// Also tak
ij · partys of conferye and on of planteyne or of letuse and wyth þe juys of
hem clay and mak a plastere and lay vpon þe nauele /// ffor constipacion ·
// Tak and lay a lytel note schale ful of botter vpon his nauele and bynd þer
so þat þe wombe be anoynted /// Or make hit suppositorijs of hony and salt
/// Or a glisterye mollytif ful smal and esy /// Or ley vpon his wombe þe
guttis al hoot of a catt / or of a sowe and y trowe a lytel laxatif vnement wold
do ynow3 /// ffor an acces · Tak barly ymad clene of þe bark or hooles and y
grounde wyþ a stoon and distempere þulke mele wyth þe juys of warmot
and of hokkes and of penywort · and mak emplastre and ley vpon his
stomak ¶ ffor leenesse⁶⁶ /// 3yf a child haþ but fel · and bon · and is so feble /
mak hym such a bath Tak þe hed · and þe feet of rammes · seþe ham in water
til · þe flesshe departe fro þe bones · and in þat water þe chyld schal ben y
bathed⁶⁷ ·

fol. 82^v

and whanne he goþ out of þe bath · Tak botter and oyle of rosene or of
vyolet / or comyne oyle an^a · 3 · iiij · and euery day at þe out goynge of hys
baþ anoynte al hys body for hit fatteþ moche · ¶ Anoþer oynenent Tak botter⁶⁸
wex newe weþeres talw3 rawe oyle and aysel melt to geders and anoynte
hym wel fro þe sole of þe foot to þe top of þe hed after þe forseyd baþ euery
day by alle a wyke for hyt fatteþ wel ¶ ffor raw skynnyng ¶ ffor raw skyn þat
ys fore tendernes⁶⁹ or saltnesse þat smerteþ sore · Mak a poudere of roses
and of smal barly mele & of dragagantum and · spreng hit þer · wyth and

⁶⁶ *alium: in marg. dext.*

⁶⁷ *chyld: in marg. sin.*

⁶⁸ *alium: in marg. dext.*

⁶⁹ *+: in marg. dext.*

hit schal be al hoole ¶ ffor a cankere // 3yf a chyld haue a canker in hys mouþ
Tak pouder of þe hertys horn or of þe rynde of a pomegarnet and powne and
ley þer · on þer as hyt nedeþ and hit schal be hoole ¶ ffor wormes // Tak
wormot and þe pulp of colaquyntide and þe galle of a bole and lay vppon þe
wombe as hoot as [hit] he may suffre⁷⁰ fayre ¶ ffor swellynge: And wheþer
hit be in al þe body or in a party of þe body Tak þe croppes of ellerne & of
lypewort and

fol. 83^r

sethe in whyt wyn · & a cloþ yweet in þat licour wrappe a bowte þe
chyldes body or abowte þat partye þat ys swollen ¶ ffor sore gumes /// ffor
sore gumes of teep oþer for tendirnesse / oþer for rawnesse of skyn / or for
loosenesse of growynge of teep · Tak [juys of]⁷¹ planteyne and þe rynde of
molleberye / and put þe juys in hys mouth of þese þyngys /// for epilensye in
hem // 3yf a chyld falle and vomy · Tak hym to drynk pyonye / and honge
pyonye a boutte hys nekke · and let hym drynk hyt wyth womman mylk / ·
and þe juys of hasta regia · 3yf þow uast no · pyonye / and þe herbe yhonged
at hys nekke · and note wel þat oon bereþ azolew floure · and þulke ys for
manles and þat oþer þat bereth almunde & jacynct color in floure and he
longeþ to fenels /// Also ruwe yleyd vnder hys pule in þe cradul cureþ hym
as Auicenne seyth // Also viscous quercium þat ys mistelto · of an · ook
yhonged · at hys nekke doþ þe same /// ffor þe cowhe in chylderne /// for
cowhe · melt bottere and anoynte þer wyth þe holew of þe breste a noon to⁷²
þe þrote / þan tak ysope & sange & ley on

fol. 83^v

þe breste / oon aftur anoþer in poudere and let þe nurse abstayne hyr
fro salt þynges & fram sowre þynges · ffor by hem may the chyld cowhe ///
ffor castynge of chylderne /// ffor castynge y preued // Tak encense and
mastyk · 3 · ij · and poudere of ~~reed~~ roses ½ β and rose water ½ j · bred ytosted
and mele of barly an^a ½ β mak a plastere and ley on þe chyldes wombe ///

⁷⁰ [hit]: *in marg. dext.* La posición exacta está marcada por la lineta infralínea.

⁷¹ [juys of]: *om. add. in marg. dext.* La posición exacta está marcada por la lineta infralínea.

⁷² anon: *in marg. dext.*

And hyt ys good for all castynge bothe oolde men and zonge childerne · but
 in · oold folk · do þer to · quarter j · of aysel · and mak þe plastere forseyd ///
 Also for vomyt mak þis emplastere Tak mastyk bole armoniak and
 distempere hem wyþ aysel · and anoynte þe breste /// ffor ffeuers in chylderne
 /// ffor feuers in chylderne Tak þe juys of malues and gomes of bred and
 barly mele & roses · and mak emplastere and dyete þe norse as hyt scholde
 and hit were of age // Explicit // Here endeþ þe practyk for childerne⁷³ ymaad
 of Mayster · Bernard of gordonye⁷⁴ þat made lylve in physik

⁷³ ffor chyl-: *in marg. sin.*

⁷⁴ dyrynte: *in marg. sin.*

Resumo: Este artigo, baseado na análise e estudo comparativo entre a versão latina de *De morbis (Practica) puerorum* (Vaticano Latinus 10213) e uma tradução para o Inglês Médio (Ms. Sloane 71) estabelece o grau de dependência entre ambos os textos, a autoria de Gordónio como estratégia para dotar o texto de *auctoritas*, bem como a interferência de outras obras de Gordónio na tradução. Também oferece uma transcrição da tradução, dado que, até agora, ela tem passado despercebida aos estudiosos deste médico medieval.

Palavras-Chave: Gordónio; Textos pediátricos; História da Medicina; Inglês Médio; Tradição Clássica.

Resumen: En este trabajo, elaborado a partir del análisis comparado entre la versión latina de *De morbis (Practica) puerorum* (Vaticanus Latinus 10213) y una traducción al Inglés Medio (Ms. Sloane 71), se estudia el grado de dependencia entre ambos manuscritos, la autoría de Gordonio como una estrategia para dotar de *auctoritas* al texto, así como la interferencia de otras obras este mismo autor en la traducción. Asimismo, ofrece una transcripción de la traducción dado que, hasta el momento, ha pasado desapercibida para los estudiosos de este médico medieval.

Palabras clave: Gordonio; Textos pediátricos; Historia de la medicina; Inglés Medio; Tradición Clásica.

Résumé : Cet article présente une analyse et une étude comparative entre la version latine du *De morbis (Practica) puerorum* (Vaticanus Latinus 10213) et une de ses traductions en anglais moyen (Ms Sloane 71). Il vise à établir dans quelle mesure les deux textes dépendent l'un de l'autre, considérant que, même si les attribuer à l'auteur de Gordon pourrait être une stratégie pour atteindre l'*auctoritas*, il y a aussi une interférence évidente d'autres travaux de Gordon dans la traduction. Nous incluons également une transcription de la traduction en anglais moyen, car elle est passée jusqu'à présent inaperçue pour les érudits de ce médecin médiéval.

Mots-clés : Gordon ; textes pédiatriques ; histoire de la Médecine ; anglais moyen ; tradition classique.

La satiriasis femenina en Amato Lusitano (a propósito de la *curatio* 6.97)

Female satyriasis in Amato Lusitano (on *curatio* 6.97)

ANA I. MARTÍN FERREIRA-VICTORIA RECIO MUÑOZ-CRISTINA DE LA ROSA CUBO¹
(Grupo *Speculum medicinae*. Universidad de Valladolid — España)

Abstract: The aim of this paper is to analyze the *curatio* 97 of the 6th *Centuria* written by the physician Amatus Lusitanus (1511-1568). The patient is a prioress of a convent who suffers from “satyriasis” or “uterinus furor”, a delirium caused by sexual abstinence. The author examines her symptoms and applies palliative treatment, referring to the classical sources on the topic. Nevertheless, as pointed out, Amatus distinguishes between this disease and the *suffocatio matricis*, a female condition caused by absence of sex with a well-established tradition in medieval medical literature.

Keywords: Gynaecology; satyriasis; uterinus furor; Amatus Lusitanus.

1. Amato en Ragusa. El contexto geográfico y social de las centurias 6 y 7

Amato Lusitano escribe su sexta *Centuria* en Ragusa², la actual Dubrovnik, una pequeña república bajo protectorado de sultanes otomanos y una de las mayores entradas al Imperio Turco gracias al poder económico y marítimo que alcanzó en el siglo XVI. En esta ciudad-estado, imitadora de Venecia³ y refugio de una importante comunidad judía, convivían además prestigiosos médicos europeos, especialmente italianos, pero también griegos y españoles. En 1547, mientras Amato vivía aún en Ancona, el senado de Ragusa lo invitó a acudir a la ciudad como médico estatal, pero las negociaciones se dilataron y la invitación no prosperó; solo se trasladó allí años después, cuando en 1555 el papa Pablo IV comenzó a perseguir a los judíos residentes en los Estados Pontificios. Ante tal peligro, Amato logró huir a Pésaro

Texto recibido el 22.11.2021 y aceptado para publicación el 08.03.2021. Este trabajo se ha realizado en el marco del proyecto de investigación subvencionado por el Gobierno de España (MINECO) (referencia FFI2017-82381-P) y por la Junta de Castilla y León (referencia VA222P20).

¹ anabel@fyl.uva.es / victoria.recio@uva.es / cristina@fyl.uva.es.

² Sobre la presencia de Amato Lusitano en Ragusa cf. GLESINGER (1968 y 1971), DÜRRIGL-FATOVIC-FERENCIC (2002) y LUPIS (2015).

³ Al comienzo de la sexta centuria, en su *Ragusii civitatis brevis descriptio*, la denomina *Venetiarum simia*.

en agosto de ese mismo año donde recibe la noticia de que sus bienes habían sido confiscados, entre ellos la quinta *Centuria*⁴. Desde Pesaro partió a Ragusa en 1556 donde permaneció hasta 1558. Allí ejerció como médico particular hasta que uno de los cirujanos estatales, Gianbattista Vanucci, personaje principal de la última *curatio* de su sexta *Centuria*, solicitó retirarse unos meses a Italia tras haber sufrido una agresión. Amato pidió entonces ocupar su puesto, pero, aunque contó con el beneplácito de una buena parte del senado, se le denegó ya que no había obtenido el permiso oficial del arzobispo de Ragusa, Ludovico Beccadelli (1501-1572)⁵.

Durante su estancia en Ragusa, una ciudad con mal vino “por no hablar de lo demás”⁶, atendió a numerosos pacientes nobles y de la alta burguesía⁷, miembros de familias relevantes como los *Darsae* (Držić), *Gradi* (Gradić), *Gondulani* (Gundulić) o *Sorgii* (Sorkočević), figuras políticas de relieve como el embajador de la República en la corte francesa y turca, Šimun di Mato Beneša (ca. 1525-1596) o el Abad de Lacroma⁸, personajes de la cultura de la ciudad como el poeta Sabo Bobaljević Mišetić (1530-1585), Nikola Gučetić (1549-1610), autor de obras filosóficas y literarias, y a su primo poeta y acompañante en sus destierros, Diogo Pires, a quien califica de *vir Graece et Latine peritissimus et magni nominis poeta*⁹. Su fama llegó hasta el imperio Otomano, pues también trató a varios enfermos procedentes de allí, entre ellos el hijo del sultán Soleimán el Magnífico (1494-1566). No obstante, como en el resto de sus *Centurias*, también asistió a enfermos de condición más humilde: un barquero, un cambista, una sirvienta, un soldado, un orfebre, un músico, etc. También encontramos en ella un caso de medicina forense, pues Amato ejerció como perito en un juicio contra una prostituta a la que se acusaba de haber dejado sordo a un joven me-

⁴ No obstante, consiguió recuperarla. Cf. ANDRADE-CRESPO (2012).

⁵ Cf. LUPIS (2015) 485-488.

⁶ En cent. 6.93 asegura nuestro autor que nunca ha visto tantos enfermos de cálculos en la vejiga y los riñones como en esta ciudad, “*forte ob quotidianam vini insalubris varietatem, ut caetera taceam...*”; en la mencionada descripción también insistía en que Ragusa *vina potentia sed insalubria fert*.

⁷ Sobre la identificación de los personajes cf. LUPIS (2015) 491-500.

⁸ El Abad murió de muerte repentina, quizás ataque al corazón. Cf. LEIBOWITZ (1960).

⁹ Sobre Diogo Pires (Didacus Pyrrhus) y su relación con Amato cf. TUCKER (1998) y ANDRADE (2014).

diente hechizos y en el que demuestra con argumentos médicos que la sordera había sido provocada por el morbo gálico¹⁰. La *Centuria*, que se abre con la descripción de la ciudad, se cierra de manera singular con un extenso diálogo sobre las heridas de la cabeza, todo un manual de cirugía vulneraria, y un juramento al estilo hipocrático¹¹.

En 1558 termina la redacción de la *Centuria* y la revisa en 1559, ya en Salónica, ciudad a la que partió por razones aún no esclarecidas, pues además del recelo que despertaba en ciertos sectores de la ciudad, como hemos visto, hay que añadirle el descrédito que sufrió por las acusaciones de plagio —además de apostasía y judaísmo—, que recibió del sienés Pietro Andrea Mattioli (1501-1577) en su *Apologia adversus Amathum Lusitanum* publicada en 1558, obra del también comentarista de Dioscórides, en la que responde duramente a las críticas que había recibido del portugués en sus *Enarrationes in Dioscoridis Anazarbei De medica materia libros quinque* (1553)¹².

Ya en Salónica, donde abraza abiertamente el judaísmo, publica en edición conjunta la quinta y la sexta *Centuria* que data por primera vez de forma mixta (año 1559 y 5319 de la creación del mundo). En esta primera edición, impresa en Venecia por Valgrisi, incluye una epístola a José Naci, sobrino de Gracia Naci “la Senhora”, pero se sustituye por un prefacio del editor científico de la obra, Giovanni Marinelli, dedicado a Henrique Nunes¹³. La epístola de José Naci se incluirá en la edición de Roville de Lyon de 1564, aunque algunos ejemplares tampoco se libraron de la censura, pues o bien la eliminaron o la tacharon¹⁴.

Pero, pese a las labores posteriores de expurgo, lo que podemos leer indica que algunos de los temas tratados por Amato en esta sexta *Centuria* y en la siguiente remiten a un autor más libre de atavismos, lejos de la Penín-

¹⁰ Cf. ACOSTA (2017).

¹¹ En las ediciones en las que se publican la sexta y la séptima *Centuria* el juramento aparece después de la séptima. Sobre este juramento cf. PÉREZ (1999) y RASTEIRO (2010).

¹² Para las acusaciones de Mattioli contra Amato cf. VALDERAS (2000 y 2003) y PINTO (2013).

¹³ En la edición de Valgrisi de 1566 se vuelve a añadir el prefacio de Giovanni Marinelli.

¹⁴ La carta ha sido expurgada también de algún ejemplar de la edición de Burdeos de 1620 y definitivamente eliminada en la edición de Barcelona de 1628.

sula Itálica; los cambios que se perciben en la escritura del médico portugués en esta última etapa de su trayectoria apuntan al incremento de su tendencia anticlerical y el aumento de sus preocupaciones sociales, como veremos de soslayo en el caso ginecológico que nos ocupa.

2. Sexualidad y ginecología en las *Centurias*

Como apuntó en su Tesis Doctoral Isilda Rodrigues Teixeira, un número considerable de casos de las *Centurias* se refiere a la sexualidad (TEIXEIRA 2005, 153-54); según sus datos nada menos que 120 de los 700 casos narrados (es decir un 17,2%). La mayoría de ellos se centran en problemas femeninos como la esterilidad¹⁵, la fecundación, la gestación, el parto, los abortos, los derivados de la menstruación, las mamas, etc., afecciones ginecológicas similares a las que podemos encontrar en otros autores renacentistas como Bonacioli, Akakia, Mercurial y, más tarde, entre el siglo XVI y el XVII, Mercado y Rodrigo de Castro, a modo de ejemplo. Sin embargo, como ya hemos dicho en otro lugar (ROSA-MARTÍN 2016, 197ss), lo que hace a Amato diferente en este terreno es el hecho de “poner nombre y contexto al paciente, de narrar las circunstancias con el detalle preciso y deslizar datos observados de primera mano, además de cierta implicación y preocupación que deja traslucir la parte emocional inherente a tan delicada materia”. Fruto de la práctica y de su fina capacidad de observación, lo mismo se ocupa de la sífilis, incluso cuando afecta a pacientes de condición religiosa (4.69), que de asuntos más controvertidos, como el más que posible embarazo (¿o mola?) de una monja (4.36), de las secuelas de la prostitución de muchachos y mujeres en Roma (2.87), o de las hemorragias que pueden derivarse del sexo anal (5.3); tampoco duda a la hora de contar el caso de dos vecinas turcas lesbianas (7.18) o uno relativo a la transexualidad (2.39). Sensible a todos estos problemas, la medida de su atención y perspicacia la ofrece cuando escribe también el primer caso moderno documentado (7.44), que sepamos, en el cual se demuestra a través del examen de un médico la existencia y el sufrimiento de violencia en el ámbito doméstico por parte de una mujer de veintisiete años; la infortunada se quedó ciega, sorda y final-

¹⁵ Lo cual no quiere decir que la esterilidad no afecte a varones; cf. el caso de impotencia reflejado en cent. 2.18.

mente perdió la razón. Otro problema femenino, aún sin erradicar por desgracia, que Amato somete a la reflexión del lector¹⁶.

En esta línea de actuación, en cent. 6.97 Amato presenta un caso de “satiriasis” o “furor uterino” que afectaba a la madre superiora o abadesa de un convento y que seguramente pudo conocer dada su función de médico *ex conducto*, es decir, de visitador contratado por estas instituciones religiosas, como cuenta en numerosas ocasiones¹⁷. Puede decirse que tenía experiencia en el funcionamiento de los cenobios, donde las enfermedades a veces eran consecuencia de los encierros de sus internos, unos encierros de por vida y a menudo involuntarios; en esta situación, privados del sexo y de las relaciones amorosas en la flor de la vida, no era infrecuente que salieran a la luz los pecados contra el sexto mandamiento, bien en forma de enfermedades venéreas (fundamentalmente en pacientes masculinos como el del caso 4.69¹⁸), de embarazos no declarados (posiblemente el de cent. 4.36) o de amores imposibles que llevaban al suicidio (5.84)¹⁹.

3. El caso 6.97²⁰

Esta curación, de cuyo éxito o fracaso no se hace mención alguna, presenta una estructura tripartita habitual en el autor, a ella se añaden unos es-

¹⁶ Cent. 7.44: *agitur iam annus quod mulier haec, nata annos viginti septem, malum et infortunium hoc patitur, cuius causas intimas cum curatione ad praesens subticemus. Tu vero, docte lector, considera...*

¹⁷ Por ejemplo en cent. 2.34, cuando trata a un monje afectado de elefantiasis y describe cómo los residentes en el convento acudían a su consulta en “fila” de dos en dos.

¹⁸ El caso ha sido objeto de estudio del Trabajo Fin de Máster de Miguel CALLEJA NIETO, “Amato Lusitano, una sífilis repentina y el *ars medica* (*Centurias medicinales*, 4.69), Máster en Textos de la Antigüedad Clásica y su Pervivencia, (MUTAC), Universidad de Valladolid, curso 19-20. Directora: Ana I. Martín Ferreira.

¹⁹ De este caso nos ocupamos en la ponencia titulada “El arte de narrar lo inefable: *de amore insano* en las *Centurias* de Amato Lusitano”, presentada por Ana Isabel Martín Ferreira y Cristina de la Rosa Cubo en el “VI Seminario Internacional de Investigación Textos Médicos Grecolatinos: *El patrimonio textual de la ciencia europea: identidad científica a través de lenguas y doctrinas*”, Albacete, 6-7 de junio de 2019.

²⁰ Presentamos el texto y su versión española tal y como la hemos fijado en la edición crítica y traducción del corpus que estamos acometiendo en el seno del proyecto de referencia citado en la primera nota de este trabajo. Hemos tenido en cuenta las siguientes ediciones de la sexta *Centuria*: *Curationum medicinalium centuriae duae, quinta videlicet et sexta*,

colios cuyo contenido analizaremos más adelante. Comienza la historia dando noticia de la condición de la enferma y su sintomatología hasta emitir el diagnóstico; después hace un pequeño excursus acerca de la enfermedad diagnosticada, y añade otro ejemplo de similares características y etiología, para terminar con el tratamiento aplicado a la paciente:

Monacha ex iis quae castitatem profitentur et religiose vivunt et forte primum locum eo in coenobio tenebat, quam primariam sive prioressam vocant, male habebat. Ad quam accitus ipse eam temperatura sanguineam, optimi habitus, natam annum trigesimum quintum, sed per intervalla delirantem comperio. Coeperat nanque delirium rabidum antea sex vel octo dies, quod et alias, ut aliae attestabantur monachae, passa fuerat; sed nunc, hoc cum delirio eius calent membra, sed pulsus a temperamento parum distant, ut ipsa febriciens non dicatur. Sed quando delirio apprehenditur, quod per intervalla, ut pote per consensum, fit, garrula evadit, ad haec inquieta et iracunda, praecipue contra parentes, qui eam in carcerem illum coniicerant; insuper tam multa de habendo marito inculcabat, ut assistentes omnes admirarentur, quoniam nihil loquebatur aut effutiebat, quod non ad concubitum aut venerem faceret, ex quibus ego hanc uterinum furorem pati deprehendi et eo magis, quia saepe dextram ad pudibunda inferebat.

Solent nanque mulieres satyriasi et forte valentiori et frequentiori quam viri morbo tentari, ut Soranus Ephesius, singularis doctrinae vir, docet et experientia ipsa confirmat; quem pudendorum ingentem pruritum et coeundi ardens desiderium ingens uteri et locorum circa assistentium ardor praecedat, qui ardor et uteri incensio, cerebro et toti corpori communicata rabidi furoris dicti est in causa. Ob quem morbum divus Paulus, ut puto, dixit “melius est nubere quam uri”. Noverat nanque ille opus naturae concubitum esse atque inde paucis datum esse castitatem servare, ut quae intolerabilis veneris desiderio tabescunt, ut monachae divae Clarae ad fontem superioribus diebus evenit, quae ob similem morbum in matricis abscessum lapsa est, iuvenis me hercle viginti nata annos, pulchra si qua alia, sed omnino exusta et moesta, ex nobilibus Racusinis. Sed de iis satis et curationem habitam in monacha a nobis tractata citemus.

Venecia, V. Valgrisi, 1560; *Curationum medicinalium centuriae duae, quinta et sexta*, Lyon, G. Roville, 1564; *Curationum medicinalium tomus secundus, continens centurias tres, quintam videlicet, sextam ac septimam non antea impressam*, Venecia, V. Valgrisi, 1566; *Curationum medicinalium centuriae duae, quinta et sexta*, Lyon, G. Roville, 1576 (= Lyon, G. Roville, 1580); *Curationum medicinalium centuriae septem*, Burdeos, G. Vernoy, 1620; *Curationum medicinalium centuriae septem*, Barcelona, S. Matevad y J. Matevad, 1628. Cf. DIAS (2011) 98. La puntuación es nuestra y hemos regularizado las grafías, que fluctúan en las ediciones, conforme a criterios clásicos, asimismo se distingue u / v como en las lenguas modernas para facilitar la tarea al lector. Salvo indicación expresa, todos los textos de las *Centurias* que citamos en este artículo siguen el mismo criterio y, por lo tanto, nuestra edición.

Primo autem vena pedis saphena dicta secta fuit, ex qua sanguinis libra extracta fuit, dein vero purgato corpore ei victum parcum constituimus et ex cibariis iis quae flatu prorsus ac vi excitandae veneris carent. Postea vero ad cucurbitulas scapulis fixas, cute primo secta devenimus, tandem membra inferiora refrigeranda curavimus, variis cum fomentis, tum unguentis et linimentis, constantibus ruta, castoreo, solano, sedo, papavere, rosa, mandragora, vitice, aceto, portulaca, hyoscyamo, lactuca, cerusa, argenti spuma, cerato rosaceo, populeo et similibus, quae ad praesens recensere non decet.

[Una monja de las que se comprometen a cumplir voto de castidad y viven dedicadas a la religión, y que casualmente ocupaba el puesto de superiora en el convento, el que llaman de priora o priora, se encontraba mal. Cuando me llamaron para verla, compruebo que es de temperamento sanguíneo, de constitución óptima, de treinta y cinco años de edad, pero que a intervalos deliraba. Efectivamente seis u ocho días antes había iniciado un delirio rabioso, que también había sufrido otras veces, tal y como atestiguaban las otras monjas; pero ahora con este delirio estaban calientes los miembros, y poco distaba su pulso del de una complexión que no pudiera considerarse como la propia del estado febril. Mas cuando era presa del delirio, cosa que sucedía a intervalos, como es posible por consenso, se volvía charlatana, y además inquieta e iracunda, sobre todo contra sus padres, que la habían metido²¹ en aquella cárcel; encima repetía machaconamente tantas cosas acerca de tener un marido, que todos los presentes se sorprendían, puesto que no hablaba ni parloteaba de nada que no tuviera que ver con el coito o el sexo, de lo cual yo deduje que padecía de furor uterino y más teniendo en cuenta que con frecuencia se llevaba la diestra a las partes pudendas.

En efecto, las mujeres suelen sufrir ataques de satiriasis, y a veces con más virulencia y frecuencia que los hombres, como nos enseña Sorano de Éfeso, un hombre de doctrina singular, y la propia experiencia lo confirma; precede a este intenso prurito de las partes pudendas y al deseo ardiente de copular un ardor inmenso del útero y de las zonas cercanas, y la causa de ese furor rabioso es el ardor y la quemazón del útero, que se comunica al cerebro y al cuerpo entero. Y por esta enfermedad, según creo, san Pablo dijo que “es mejor casarse que abrasarse”. Efectivamente sabía el santo que el coito es obra de la naturaleza y que por ello a pocos les es dado mantener la castidad, como a las que se consumen de insoportable deseo sexual, tal como le sucedió días atrás a una monja de Santa Clara, el convento junto a la fuente²², que por una

²¹ Literalmente Amato dice que “la habían arrojado” (*coniicerant*), lo cual incide en el matiz peyorativo de la expresión.

²² El convento de Santa Clara está detrás de la fuente grande de Onofrio en la ciudad de Dubrovnik; se llamaba así por su arquitecto, el napolitano Onofrio della Cava, que la construyó en 1438, adornada con 16 máscaras por cuyas bocas manaba agua. Tuvo que ser

enfermedad similar cayó con un absceso en la matriz, una joven de veinte años ¡por Hércules!, hermosa como ninguna, pero completamente abrasada y profundamente afligida, hija de unos nobles de Ragusa. Pero basta ya de esto y pasemos a la cura aplicada en el caso de la monja que fue tratada por mí.

En primer lugar se le abrió la vena del pie llamada safena, de la cual se le extrajo una libra de sangre, a continuación tras purgar el cuerpo le recetamos una dieta pobre y basada en alimentos que directamente carecen de flatulencias y de capacidad para excitar el deseo sexual. Después pasamos a ponerle ventosas en la espalda, con escarificación previa, finalmente procuramos refrigerar sus miembros inferiores con diferentes fomentos, ungüentos y linimentos, con ingredientes como la ruda, el castóreo, el solano, la siempreviva, la amapola, la rosa, la mandrágora, el agnocasto, el vinagre, la verdolaga, el beleño, la lechuga, el albayalde, la espuma de plata, cerato de rosas, ungüento popúleo y similares, que ahora no vienen a cuento.]

3.1. Una mujer de temperamento sanguíneo

Se trata de una monja sujeta al voto de castidad, pues la condición de la enferma es lo primero que salta a la vista del lector, y es un dato al que se suma otro solo en apariencia “casual, circunstancial” (*forte*) para la intención del autor, ya que es además la priora del convento. Pero, dejando aparte su consagración religiosa, noticia destacada en cuantos estudios se han ocupado siquiera tangencialmente esta *curatio*, y motivo principal de la censura posterior, lo más relevante es que se trata de una mujer “de temperamento sanguíneo”, una característica que llama la atención, puesto que suele ser propia de varones en las descripciones de Amato (por ejemplo en 2.48; 4.5; 4.14; 4.43, etc.) y en general suele ir unido a la buena salud. Efectivamente el Lusitano sigue como en tantos otros aspectos el pensamiento galénico en lo que se refiere a la interpretación de la fisiología individual; Galeno, que escribió en multitud de páginas acerca de los distintos temperamentos²³, pensaba que las diferencias en la naturaleza de cada individuo se debían a las distintas combi-

reconstruida, como gran parte de otros monumentos, tras el terremoto de 1667. Se alimentaba por un acueducto subterráneo, que antes se abastecía de un manantial cercano. Allí, junto a la fuente, el de Santa Clara fue el más famoso de los 8 conventos en Dubrovnik, al que contribuyeron la mayoría de las familias nobles. Se construyó entre los siglos XIII y XIV con especial preocupación por la vida virtuosa de las monjas, ¡curiosamente!

²³ A ellos dedicó su obra *De temperamentis* (KÜHN I, 509-694) y el opúsculo titulado *Quod animi mores corporis temperamenta sequantur* (KÜHN IV, 767-822). Citamos los títulos latinos de esta edición de referencia obligada.

naciones de los cuatro elementos básicos del cuerpo humano (los humores: sangre, flema, cólera o bilis amarilla y humor melancólico o bilis negra) y de sus cualidades (calor, frío, humedad y sequedad). Así, el predominio de una de estas cualidades y humores sobre otras daba lugar a un tipo fisiológico distinto: colérico, sanguíneo, melancólico o flemático²⁴. El equilibrio, el *temperamentum eucratum* (Galeno, KÜHN XVIIIB 565) aparece como un ideal humano en el plano teórico, mientras que del predominio de una de las cualidades y humores se derivan las diferencias entre los sexos, las edades, etc., estableciéndose unos biotipos que se entienden no solo a nivel corporal sino también mental, actitudinal, etc.²⁵

De acuerdo con esta tradición fisiológica, el sistema descrito sirve para hacer distinciones entre los individuos en general, pero también entre las distintas edades del hombre, por ejemplo, y, de manera especial, entre los dos sexos²⁶: a grandes rasgos, y en diferentes grados, las mujeres son frías y húmedas, a diferencia de los hombres, que son cálidos y secos, razón por la que los dos sexos se atraen y también *condicio sine qua non* para la reproducción; en su formulación renacentista, heredera de una larga tradición, el médico espa-

²⁴ En general, como señala BARONA (1993) 203, la idea de temperamento servía para explicar el estado de salud equilibrado y al mismo tiempo para explicar la idea de la “variabilidad individual”, teniendo en cuenta que, además del temperamento equilibrado, idílico, podían encontrarse ocho más, de acuerdo con las cuatro posibles combinaciones binarias de ellos: húmedo, seco, cálido, frío, húmedo y frío, seco y frío, húmedo y caliente, seco y caliente.

²⁵ Esta sistematización de la tradición galénica, hecha a imagen del aristotelismo imperante, dará lugar en el Renacimiento al determinismo fisiológico que sustenta Huarte de San Juan en su famoso *Examen de ingenios para las ciencias* (Baeza 1575) y que, llevado a su extremo, pone en duda el éxito en la aplicación de la medicina adecuada para modificar el temperamento. No obstante, hay que tener en cuenta que estos biotipos tuvieron sus primeras formulaciones en el *Corpus Hippocraticum*. Cf. LAÍN (1970) 158-162.

²⁶ Recordemos que, en la medicina premoderna, la diferencia entre los sexos no radicaba exclusivamente en los órganos de reproducción, ya que se entendía, desde el pensamiento galénico y especialmente desde el Medievo, que la diferencia fundamental entre los genitales de ambos consistía en la posición (hacia dentro o hacia fuera, en función del temperamento predominantemente cálido de la complejión masculina) y no tanto en las partes en sí, ya que entre ellas había una correspondencia exacta. Cf. MONTERO-CONDE (2001) 376-378 y KING (2013). Hoy esta interpretación tradicional está siendo objeto de revisión; cf. por ejemplo el prefacio a la obra de KING (2013), donde se resume el estado de la cuestión.

ñol Cristóbal de Vega, coetáneo de Amato y exponente del galenismo humanista del siglo XVI, lo explicaba así en su compendio *Liber de arte medendi*²⁷:

Que los machos son más calientes que las hembras lo dijo (Galeno) en el libro 2º del libro De temperamentis y en el libro 2º del De semine y, según su propia doctrina, en el capítulo precedente demostramos que la generación del macho y de la hembra no se produce por otra razón más que por la abundancia o la falta de calor. Pues el calor más eficaz es el que es capaz de echar hacia fuera los genitales, cual es el de los varones (...) Pero la razón por la cual la naturaleza hizo más calientes a los hombres y menos a las mujeres la escribió Galeno por partida doble en el libro 14º del De usu partium. La primera de las razones se deriva de su imperfección: la imperfección procede del frío, así pues, la hembra es imperfecta, y lo imperfecto cuenta con instrumentos imperfectos, así como lo perfecto los tiene perfectos (...) Del mismo modo también al macho, como ser más perfecto, la naturaleza le concedió sobre todo calor, en mayor abundancia que a la hembra.

Pero ello no quiere decir que no haya variantes en las proporciones, diferencias de grado, de tal manera que hombres y mujeres puedan tener un temperamento distinto al que por naturaleza y *a priori* se les supone; esto justifica que haya mujeres en las que predomina el calor más de lo habitual y por lo tanto, además de presentar determinadas características físicas, algunas estén mejor dotadas que la mayoría de sus congéneres para las artes y habilidades en las que destacan los varones²⁸.

En estas circunstancias el temperamento sanguíneo es una suerte de mezcla, puesto que los cuerpos sanguíneos presentan cualidades de ambos sexos, son calientes, como los hombres, y húmedos, como las mujeres, bien dispuestos en lo que a la curación de sus enfermedades se refiere y especialmente dotados para la acción, “alegres camaradas, graciosos y divertidos”²⁹. Dicho esto, es por tanto el temperamento de la paciente religiosa la causa primera de la “pasión” que la devoraba, en el doble sentido del término.

En contraste con este caso en la misma *Centuria* sexta (6.40) Amato describe el temperamento contrario, origen de los males sufridos por la esposa

²⁷ Esta monumental obra, organizada en tres libros, y que se terminó de redactar en 1557, conoció varias ediciones. Cf. MARTÍN (1996) 54-55. Citamos por la que se publicó con sus obras completas. Cf. VEGA (1587) 52b. La traducción es nuestra y se ofrece al lector dada la extensión del texto.

²⁸ Huarte de San Juan señala en su obra los casos de Leoncia, la mujer de Teofrasto o de las bíblicas Judit y Débora; cf. HUARTE DE SAN JUAN (1989) 615-616.

²⁹ Cf. VEGA (1587) 236a.

de un noble ragusino, Natalis Proculeus (Božidar Proculić)³⁰, aquejada de un flujo uterino pituitoso, complicado con una fiebre pituitosa continua, por tratarse de una “mujer de temperamento frío y húmedo”. De acuerdo con esta complexión la joven tenía el útero frío, así como el estómago y el corazón, y esta cualidad explica que fuera una mujer obesa, de color pálido, pulso débil, a pesar de sus veinticinco años de edad, y que, además, según testimonio del marido, obtuviera poco placer en el coito y apenas tuviera vello en las partes pudendas³¹. Es fácil de suponer que, aunque Amato no lo diga, sucedía todo lo contrario al caso de la monja³².

Por otra parte, como el temperamento se trasmite de unos miembros a otros, a estas teorías de largo recorrido en la medicina medieval y renacentista, hay que sumar otra: que es precisamente el temperamento del útero el que más afecta al resto del cuerpo³³, y que por consenso del útero el cerebro sufre determinadas afecciones, como señaló Galeno en el libro VI de sus comentarios a las *Epidemias* de Hipócrates³⁴.

³⁰ Cf. BAČIĆ et al. (2002) 183-184.

³¹ Cent. 6.40: *Uxor Natalis Proculei, patritii Ragusini, uteri fluore pituitoso, febris pituitosae continuuae complicato, iam diu est, laborat. Est autem mulier haec frigidae et humidae temperaturae, uterum frigidum, veluti ventriculum et cor, habens. Obesa autem mulier haec est, coloris albi, annos nata vigintiquinque, quae arterias et venas parvas nec adeo pulsantes habet, unde cor frigidum esse arguitur, uterum quoque frigidum eam habere, vel ex hoc indicatur, quia in coitu parum (ut maritus ait) delectatur, et pudenda paucissimis pilis illi decorantur (...).*

³² Ello se compadece con las teorías de Huarte de San Juan para averiguar en qué condición se encuentra una mujer en cuanto al grado de frialdad y humedad y sus contrarios, siguiendo al pie de la letra las teorías de Galeno: (...) *las muchas carnes en la mujer es argumento de mucha frialdad y humedad (...)* *Ser la mujer muy blanca, dice Galeno* [En el margen: De sanguinis missionibus, opera I, 175], *que es indicio de mucha frialdad y humedad (...)* *La que está en el segundo grado de frialdad y humedad tiene un poco de vello, pero rubio y dorado*, HUARTE DE SAN JUAN (1989) 616-617.

³³ En la versión latina del comentario de Galeno a los *Aforismos* de Hipócrates (V, 62 en KÜHN XVIIIB, 863: καὶ γὰρ καὶ τὸ σύμπαν σῶμα τοῦτίπαιαν ὁμοίον ἐστὶ ταῖς μήτραις) leemos: *quarum* (sc. *mulieres*) *certe universum corpus fere est utero simile* (y en la versión renacentista editada por A. RICCI (1544), vol. 7.1, 1027: *siquidem et corpus totum omnino est uteris simile*). A falta de datos concluyentes (en los que estamos trabajando aún), es posible que Amato utilizara esta edición, puesto que hemos encontrado coincidencias llamativas en el curso de nuestras investigaciones.

³⁴ Véase KÜHN XVIII A 802, 803 y 806.

3.2. Un delirio rabioso y un deseo insatisfecho

Así las cosas, Amato, después de señalar el temperamento de la monja, asegura que se encontraba en una excelente forma física general, y en cuanto a la edad, nos informa de que es una paciente de treinta y cinco años de edad, sana en líneas generales, “pero que a intervalos deliraba”. El proceso no era nuevo en la enferma, pero el episodio actual había comenzado una semana antes de la visita del médico y el médico hace hincapié en el hecho, hasta tal punto que aparece el término hasta cuatro veces en el párrafo *per intervalla delirantem comperio. Coeperat nanque delirium rabidum antea sex vel octo dies, ...; sed nunc, hoc cum delirio eius calent membra, ... quando delirio apprehenditur, ... garrula evadit*. Este delirio a intervalos Amato manifiesta que es posible cuando se trata de una enfermedad que se produce “por consenso”, concretamente del útero; es decir, Amato deja claro que no se trata de una enfermedad mental, sino de una enajenación que hoy llamaríamos “transitoria”, derivada de la enfermedad en sí, el furor uterino, que afectaba de manera secundaria al cerebro. No se trata por lo tanto de un *delirium* entendido como sinónimo de otras enfermedades mentales como la *phrenitis* o frenesí, la *mania*, *insania*, etc.³⁵

Esta idea no es novedosa, puesto que el portugués la toma casi al pie de la letra de Aecio, quien a su vez se había inspirado en Sorano, autor al que cita en el cuerpo de la *curatio* mientras reserva la mención expresa de Aecio para los escolios, como veremos. Dice así el texto del amideno³⁶:

Furor uterinus est uteri intemperies ad affectionis consensum cerebrum trahens, ad quam rabiosum delirium consequitur (...) Aegrotae ... garrulae, iracundae ac inquietae fiunt ... Harum enim amentia tota in venere versatur, et nihil aliud imaginantur aut loquuntur quam de coitu pruriensque pudendum habent eiusque attactu mirum in modum delectantur. Accidit haec affectio temperatura calidis, aetate vigen-

³⁵ El *Lexicon medicum graeco-latinum* de Bartolomeo Castelli es muy claro al respecto, pues define así el delirio: *Delirium ... est generale nomen denotans alienationem mentis, h.e., depravatam imaginationem et ratiocinationem, uno verbo, insaniam, dementia, desipientiam, sine et cum febre, comprehenditque varias species: phrenitidem, lethargum, maniam, melancholiam, stupiditatem, etc.* (citamos por la edición, corregida y ampliada, de Núremberg de 1682).

³⁶ AECIO DE AMIDA (1542) 4,4,82, p. 903. Es muy probable que Amato utilizara esta edición, con la traducción de Jano Cornario, por las coincidencias textuales que se observan, pero, aunque estamos trabajando en ello, este artículo no es el lugar para ofrecer conclusiones definitivas al respecto.

tibus virginibusque ac castitate servantibus, et quae optimis eduliis vescuntur et in deliciis ac animi voluptate versantur, praecipue si alias libidini ac veneri adsuetae fuerint. Nihil enim aliud est haec affectio quam ardor et fervor uteri, ad cerebrum et totum corpus distributus.

La coincidencia con la paciente de Amato es total, puesto que describe tal cual el estado de la monja: “cuando era presa del delirio, cosa que sucedía a intervalos, como es posible por consenso, se volvía charlatana, y además inquieta e iracunda, ... no hablaba ni parloteaba de nada que no tuviera que ver con el coito o el sexo, de lo cual yo deduje que padecía de furor uterino y más teniendo en cuenta que con frecuencia se llevaba la diestra a las partes pudendas”. Una elegante manera de aludir al onanismo de la religiosa y prueba concluyente para el diagnóstico emitido. La descripción del caso se adecua a la fuente al cien por cien, pues, como hemos visto, prosigue Amato: “En efecto, las mujeres suelen sufrir ataques de satiriasis, y a veces con más virulencia y frecuencia que los hombres, como nos enseña Sorano de Éfeso, un hombre de doctrina singular, y la propia experiencia lo confirma; precede a este intenso prurito de las partes pudendas y al deseo ardiente de copular un ardor inmenso del útero y de las zonas cercanas, y este ardor y quemazón del útero está en el origen del furor rabioso que se comunica al cerebro y al cuerpo entero.”

El adjetivo *rabidus* que aparece junto a *delirium* y *furor*, no hace sino incidir en el ardor o deseo furioso, incontrolado e insatisfecho, que también nos lleva a un caso peculiar, narrado en cent. 7.41 donde Amato se ocupa de una paciente que sufre un acceso de satiriasis y un deseo inmoderado de copular como consecuencia de la mordedura de un perro rabioso: *tremebat autem et angustiabatur et quod magis mirari est, satyriasi et ingenti coeundi desiderio premebatur.*

Es la segunda vez en el corpus que el portugués menciona la satiriasis femenina que, como puede comprobarse, es sinónimo de furor uterino.

3.3. El furor uterino o satiriasis. Diferencias con la *suffocatio matricis*

Amato sigue la tónica habitual para nombrar esta enfermedad y renuncia a otros términos empleados al efecto como *insania* o *metromania*, instaladas

en la lengua técnica latina con Teodoro Prisciano y Casio Félix³⁷, pero que no tuvieron mucho recorrido frente a “satiriasis”, vocablo de uso frecuente en la terminología médica como equivalente del sintagma latino *uterinus furor*³⁸. El empleo preferente de este último, sobre todo en los textos médicos del siglo XVI, se explica acaso por el deseo de evitar confusiones, ya que suele identificarse la satiriasis con una enfermedad preponderantemente masculina (en algunos textos incluso se considera por equivocación sinónima de “priapismo”). A pesar de ello, todas las fuentes coinciden en reconocer que también existe una satiriasis femenina³⁹; en ambos sexos se trata de un deseo insaciable de copular⁴⁰.

Así las cosas, aunque Amato suele preferir el griego⁴¹, la concesión a *furor* venía impuesta probablemente por la tradición médica, pero también, y para todos los autores contemporáneos, por la tradición literaria. Efectivamente este furor, que hace mella en las mujeres por efecto de la pasión, no resultaba desconocido en la literatura clásica, puesto que Virgilio en el libro IV, el particular drama de la *infelix Dido*, aprendido de memoria durante siglos de estudio de las letras latinas, se sirve de idéntico léxico para describir el estado de la reina de Cartago: presa de un deseo no correspondido que la llevará a las últimas consecuencias la encontramos *accensa furore* (v. 697),

³⁷ Cf. DILAGE, s.v. *insania* (satiriasis femenina, furor uterino): CASS. FEL. 79,214,8 *Metromaniam Latino sermone matricis furores sive insaniam dicimus*; Ibid. s.v. *metromania*: PRISC. log. 130,13 *Satyriasis vero ex certa incommoditate, quae etiam mulieribus aliquando contingit, quam metromaniam (var. l. matr-) aliqui appellaverunt*. Solo Girolamo Mercuriale utiliza en el mismo sentido que Casio Félix *insania*, mientras para el anatómico Gabrielle Zerbi es sinónimo de “excitación sexual”.

³⁸ Cf. DILAGE s.v. *furor*. El furor uterino es la satiriasis femenina y así lo considera Amato.

³⁹ Para Teodoro Prisciano (PRISC. log. 130,11) *Satyriasis ... etiam aliquando mulieribus aliquando contingit, quam metromaniam aliqui appellaverunt, et desiderium insatiabile et tensionem particulae cum assidua patratione avidissimam facit... Hanc passionem priapismum aliqui appellaverunt*.

⁴⁰ Con el término “satiriasis”, la medicina actual (Cf. DRAE [Diccionario de la Real Academia Española, s.v.]) se refiere a la “apetencia sexual insaciable en el varón”. Mientras la misma apetencia en la mujer hoy recibe el nombre de “ninfomanía”.

⁴¹ Sobre Amato, sus preferencias y preocupaciones terminológicas, cf. MONTERO (2019).

ardiendo de deseo (*ardet amans Dido traxitque per ossa furorem*, v. 101); pidiendo reposo y tregua para su mal (*tempus inane peto, requiem spatiumque furorem*, v. 433) y sin importarle su fama (*nec fama obstare furori*, v. 91).

En esta misma línea nuestro autor médico, para describir la sintomatología de esta pasión, también emplea vocablos presentes en la literatura universal acerca del amor y del deseo: *ardens desiderium*, *ardor* e *incensio*, junto al más técnico *pruritus*⁴².

Hecha la descripción y el diagnóstico, y aplicado el tratamiento, es en los escolios donde Amato habla ya sin ambages de la satiriasis femenina, y dedica sus comentarios a exponer las diferencias entre satiriasis y priapismo, con ayuda de Galeno⁴³:

SCHOLIA. Solet plerunque uterinum hunc furorem consequi febris, ex uteri ipsius inflammatione oborta, sed in monacha hac, cum inflammatio sive phlegmone non esset, febris vice caliditas excedens erat, per consensum igitur uteri hic furor fit, unde uterinus furor appellatur. Caeterum, satyriasis quantum a priapismo differat novistis ex Galeno omnes; est nanque satyriasis ingens pudendorum pruritus et venereorum intolerabile cum caliditate desiderium, quod desiderium in priapismo non reperitur, sed magis membri genitalis et forte virilis extuberatio tantum, ut suadet Galenus, in calce librorum de symptomatum causis et libro 6 de locis affectis, capite ultimo.

[ESCOLIOS. La mayoría de las veces a este furor uterino le acompaña la fiebre, surgida de la propia inflamación del útero, pero en el caso de esta monja, puesto que no se trataba de inflamación o hinchazón, en lugar de fiebre había un exceso de calor, pues este furor se produce por consenso del útero, por eso se llama furor uterino. Por lo demás, cuánto se diferencia la satiriasis del priapismo ya lo conocéis todos por Galeno; efectivamente la satiriasis es un prurito intenso de las partes pudendas y un insoportable deseo sexual con calor, y este deseo no se encuentra en el priapismo, sino más bien únicamente la protuberancia del miembro genital y si acaso masculino, como distingue Galeno, al final de sus libros *Sobre las causas de los síntomas* y en el libro sexto *Sobre la localización de las enfermedades*, en el último capítulo.]

⁴² Cf. DILAGE, s.v. *pruritus*.

⁴³ Se trata de la cita de estos dos pasajes: Galeno, Caus. Symp. (KÜHN VII, 266-267: *Sic autem et qui priapismus vocatur, tumescentia et inflatio involuntaria est marium pudendi, symptoma ab inflante spiritu natum*); también Loc. Aff. (KÜHN VIII, 450-451: *id [priapismus] accidit is, qui plurimo semine abundant, simulque praeter consuetudinem a coitu abstinent, cum laboribus et exercitationum multitudine sanguinis abundantiam non absumunt, atque ex iis praecipue, quicunque a libidinis quidem cogitatione liberi non evaserunt, etc.*).

Nuestro autor vuelve a insistir en la idea de que la satiriasis es más virulenta en las mujeres que en los hombres, la sufren “tanto las vírgenes como las que han probado el coito y han hecho voto de castidad, están lejos de sus maridos o se quedan viudas”:

Solent nanque satyriasi mulieres viris frequentius et gravius tentari, tam virgenes quam quae coitum gustarunt et castitatem profitentur, praecipue quae a maritis absentes sunt aut viduae manserunt. Porro, ut furor consequi solet uteri malam intemperiem calidam et eius ardorem caput obrepentem, ita et satyriasim plerunque, id quod mariti verum esse deprehendent, quando praecipue uxoribus apprime non satisfaciunt, garrulae nanque evadunt et rixose.

[Efectivamente las mujeres suelen sufrir ataques de satiriasis con más frecuencia y virulencia que los hombres, tanto las vírgenes como las que han probado el coito y han hecho voto de castidad, sobre todo las que están lejos de sus maridos o se quedan viudas. Y además, así como el furor suele seguir a un mal desequilibrio cálido del útero y al ardor de este que invade la cabeza, también a la satiriasis la mayoría de las veces, lo cual saben que es cierto los maridos, sobre todo cuando no satisfacen bien a sus mujeres, pues se vuelven charlatanas y rixosas]⁴⁴.

Solo en las tres últimas líneas de estos comentarios se refiere a las diferencias entre la satiriasis y una de las afecciones femeninas más estudiadas por la literatura médica medieval y renacentista, la “sofocación del útero o matriz” (*suffocatio uteri / matricis*⁴⁵):

Caeterum uteri mala haec qualitas, ex qua uterinus furor oritur, longe differt ab uteri suffocatione, in hac nanque uterus contrahitur et vasorum attractio fit. In illa vero immobilis permanet uterus, ut Aetius quoque ex Sorano memoriae commendavit.

[Además esta mala cualidad, de la que surge el furor uterino, se diferencia mucho de la sofocación del útero, pues en esta el útero se contrae y se produce la tracción de sus vasos. En aquella en cambio el útero permanece inmóvil, como dejó por escrito Aecio siguiendo a Sorano.]

⁴⁴ Recogemos el cultismo en su primera acepción del DRAE: “Pronto, dispuesto para reñir o contender”. Y no en la tercera (“Lujurioso, sensual”), puesto que aún hoy en día se dice en español de la mujer que presenta mal humor y carácter agrio, áspera de trato, despectivamente, y no sin ciertos tintes “machistas”, que está “mal follada”.

⁴⁵ Ambos son sinónimos. Cf. DILAGE, s.v. A pesar de lo que pudiera pensarse, en un principio, por el título de esta curación *de mulieri satyriasi simulque uterino furore*, Amato considera “a la vez” los dos términos médicos, como una sola enfermedad.

Para establecer esta distinción Amato vuelve a tener presente al pie de la letra el texto del Amideno:

*Differt (sc. furor uterinus) ab uteri strangulatione primum causa, neque enim hic uterus sursum tractus principalem aliquam partem ad affectionis consensum ducit aut compressione aut morsu aut vapore. Sed eodem loco permanens per medullam spinalem ... vitiosam qualitatem quamcunque tandem ad cerebrum mittit. Deinde etiam signis ab uteri strangulatione differt. Aegrotae enim minime in hac sicut in illa affectione mutae ac sine sensu decumbunt, sed potius garrulae, iracundae ac inquietae fiunt*⁴⁶.

En efecto la *suffocatio* o *prae-focatio*⁴⁷ (también llamada *strangulatio*⁴⁸) era una enfermedad que compartía muchos de los síntomas de la enfermedad que siglos después se llamará “hysteria”⁴⁹, aunque la denominación griega original no tuvo éxito en la tradición de la medicina latina del Medievo y el Renacimiento⁵⁰. El origen de esta afección se basaba en la existencia del doble semen, masculino y femenino, ambos necesarios para la fecundación; cuando este semen no se emplea para su función y por lo tanto se retiene, se vuelve nocivo para la salud, provocando, en el caso de las mujeres, que el útero se desplace hacia arriba comprimiendo los órganos de la respiración, de ahí que las pacientes sufrieran síncope y desmayos, con menoscabo del pulso y la respiración. Pero, a pesar de constituir una enfermedad omnipresente en todos los compendios y tratados de medicina medievales y renacentistas, es un mal que curiosamente en las historias clínicas de Amato no tiene eco; cabe preguntarse entonces: ¿no encontró pacientes que la sufrieran o, mejor dicho, que pudieran entrar en el marco de las descripciones tradicionales al respecto? ¿o sencillamente se separó el Lusitano de la tradición imperante en la

⁴⁶ AECIO DE AMIDA (1542) 4,4,82, p. 903.

⁴⁷ Cf. DILAGE, s.v. *suffocatio* y *prae-focatio*.

⁴⁸ Para este término, con primer testimonio en Plinio (Nat. 20,162), cf. DILAGE, s.v. *strangulatio*.

⁴⁹ Existe una abundantísima bibliografía sobre esta enfermedad, de la que también nos hemos ocupado en trabajos anteriores: cf. ROSA (2010), RECIO-MARTÍN (2019) con notas bibliográficas al respecto. Sobre su relación con la enfermedad llamada “histeria”, véase VEITH (1993).

⁵⁰ La *hysterica pnix* se menciona en Teodoro Prisciano (*quam passionem in graeco opere ystericum pniga appellamus*), pero solo el adjetivo *hystericus* conoce más usos en los textos médicos latinos. Cf. DILAGE, s.v. *hystericus*.

medicina hasta entonces? Puede que se dieran las dos circunstancias a la vez; por un lado describe dos casos ginecológicos en los que se presentan alteraciones psíquicas, pero que no se corresponden en absoluto con la “sofocación” tradicional, sino que el médico portugués considera una consecuencia directa de la falta de menstruación: en 6.28 la paciente piensa que está embarazada y empieza a ser presa de enajenación mental y angustia y a manifestar aversión hacia todo el mundo, incluidos sus hijos⁵¹. Y, a su vez, en la *curatio* 7.89 todo parece indicar que estamos ante una sintomatología derivada de la menopausia, en una mujer de cincuenta años, que, además de presentar diarreas, sufrió de catalepsia y rigidez, con pérdida del habla⁵². Tratada por nuestro autor, hubo no obstante quienes atribuyeron los síntomas a la posesión demoníaca, ante lo cual Amato puso tierra de por medio⁵³. Dos casos más de catalepsia femenina se describen en las *Centurias*, ambas en la *curatio* 4.23, pero nada hace pensar, ni de lejos, que tuvieran una causa o desencadenante relacionados con el sexo⁵⁴.

Y por otra parte, en respuesta a la segunda cuestión, Amato no parece asumir en ningún momento la teoría tradicional que consideraba al útero como

⁵¹ Dice de esta mujer, esposa del paciente tratado en el caso anterior: *Huius uxor, cum mensium respondentiam exactam non haberet, ita ut utero gerere firmiter crederet, mentis obtenebrationibus et cordis angustiis ita saepe detinebatur ut omnes, etiam sibi charissimos filios, odio haberet.*

⁵² Leemos: *Repente noctu ingenti metu apprehensa est, et catalepsi sive congelatione fere detenta, non loquebatur, nec quicquam gustabat...*

⁵³ Finaliza así: *Caeterum, cum non desint ubique demoniaci homines, ita hic non defuit qui mulierem hanc noctu tactam aut punctam forte a demone contenderet, quem ego illico in suos malos daemones et peiores nocturnas aves reieci fugavive.*

⁵⁴ Dice: *Sed cum haec scribo, memoriae occurrit olim apud Ferrarienses puellam quandam apoplexia detentam fuisse, quae ob omnibus medicis pro mortua habebatur. Caeterum, cum mater puellam summpere amaret, eam non ita facile sepeliri permisit, et eo magis quia ab aliis perceperat, qui subito et repente gravioribus iis morbis corripuntur, et pro mortuis habentur, non sic facile et repente clero sunt committendi. Demum mater puellam per triduum apud se, contra omnium opinionem detineri fecit, et tertio die, puella quasi ex inferis sublevata, revixit, et hodie adhuc, ut audio, pulcherrime vivit.* Y en los escolios añade: *Sed cum haec litteris mando, mulier quaedam Hebraea se offert, quae cum continuos quadraginta dies integros Hebraeorum more ieiunaret, inde debilis facta est. Caeterum, cum postea mali succi cibariis vesceretur, multum humorem pituitosum exaggeravit, ex quo cerebri cavitates oclusae sunt et obstructiones factae, ad quas privatio sensus et motus sequuta est.*

una especie de animal, dotado de movimiento propio, con capacidad de desplazarse hacia las partes superiores de la anatomía femenina provocando ahogos y desmayos, pérdida de pulso y respiración, como se pensó durante siglos a partir del corpus hipocrático⁵⁵. Lejos de esta visión, el portugués se refiere en dos ocasiones a la posición del útero (5.88 y 6.50), “entre el cuello de la vejiga y el intestino recto” sin entrar en más detalles: *uterus sive matrix inter collum vesicae urinariae et intestinum rectum sedet* (6.50), aunque, como asegura en otro lugar, a algunos médicos menos avisados en materia anatómica les cueste descubrirlo cuando es de pequeño tamaño, sobre todo en mujeres estériles o que no han parido: *huius mulieris uterus, ita intra intestinum rectum et vesicam contractus locabatur ut altera vesica ab imperitis et parum in anatomia exercitatis crederetur. Solet autem huiusmodi uterus in nonnullis mulieribus non raro conspici, praecipue sterilibus et quae nunquam pepererunt* (5.88).

Amato se basa en la inspección anatómica, pero el corpus de Galeno también confirmaba los asertos del portugués, pues el médico de Pérgamo afirmó tajantemente, aun en contra del mismísimo Platón, que el útero no era como un animal ni vagaba por el cuerpo: *hoc sciendum est, ut alibi demonstravimus, uterum neque animal esse neque per corpus vagari* (en sus comentarios al *liber de humoribus* de Hipócrates: KÜHN XVI, 179)⁵⁶. Si bien, en distintos pasajes de su monumental obra, es cierto que se ocupó de la *suffocatio*⁵⁷ en los términos que después se repiten en todos los compendios de literatura médica latina en el Medievo.

⁵⁵ En el tratado *Sobre las enfermedades de las mujeres*, leemos: “Si se presentan sofocos de repente, ello ocurre sobre todo en el caso de las que no tienen relaciones sexuales y de las mujeres ya maduras, más que en el de las jóvenes. La causa es que la matriz ... se desplaza, pues está vacía y más suelta... Cuando la matriz se ha desplazado, se proyecta hacia el hígado”, etc. (Mul. 1,7). Cf. HIPÓCRATES (1988) 59.

⁵⁶ También incide en lo mismo en libro II *De locis affectis*, donde relata algunos casos de “hysteria” tratados por él y cuya causa establece en la retención del menstuo y sobre todo la del semen. Cf. KÜHN VIII, 414 y ss.

⁵⁷ En las páginas aludidas en la nota anterior; también en el libro de *Definiciones médicas* la número trescientos se refiere a este mal: *Uteri suffocatio est affectus qui fit per uteri adscensum vel descensum vocisque defectum affert; quare manifesta iis respiratio fit et attolluntur hypochondria, pulsum quoque obscurum ac tardum habent* (KÜHN XIX, 428).

3.4. Métodos paliativos para un mal sin cura

Efectivamente la medicina medieval dedicó numerosas páginas a las terapias indicadas para devolver al útero a su sitio mediante determinados procedimientos, unos basados en los olores y otros en la manipulación genital propia o de una comadrona, hasta lograr la expulsión del semen retenido. Pero con el tiempo, entre las causas de la sofocación de la matriz, fue ganando terreno definitivamente la falta de evacuación del esperma como principal motivo de la enfermedad, por encima de la retención del menstruado. El propio Galeno había señalado que era más grave aquella retención que esta⁵⁸, lo que sitúa de facto a la satiriasis y a la *suffocatio* en el mismo rango de enfermedades ginecológicas, al derivarse las dos de la abstinencia sexual. La diferencia, clara para Amato, es que en caso de satiriasis no se produce contracción del útero, ni por lo tanto dolor alguno en la paciente, sino solo el deseo sexual desenfrenado.

En estas circunstancias, la masturbación en la religiosa no era un modo de terapia puntual (aunque a ella le obrara su efecto) sino un indicio de su padecimiento. Además ni como método curativo podía ser admitida esta práctica por la Iglesia. La solución definitiva pasaba por un casamiento que, dada su situación, nunca iba a llegar. El método infalible de san Pablo, “mejor casarse que abrasarse” habría sido el remedio natural, puesto que el sexo forma parte de la naturaleza y no es fácil mantener la castidad, como sucede a las mujeres que enferman por una libido desatada. Eso lo sabía el Santo, nuestro médico y cuantos tratados médicos se habían ocupado antes de higiene sexual. Galeno también había abogado por esta necesidad natural en *De locis affectis*, puesto que, cuando apremia la necesidad de expulsar el semen, cuenta que hasta el hombre más contenido, Diógenes el Cínico, tuvo que recurrir a su mano para celebrar el particular “himeneo”, incapaz de esperar, porque la meretriz contratada al efecto tardaba en llegar⁵⁹.

⁵⁸ Cf. Loc. Aff., KÜHN VIII, 418: *Haec ergo consideranti mihi apud me visa est longe maior ex retento semine quam menstruis corporis noxa evenire posse*. En lo mismo insiste más abajo, p. 420. Sobre la masturbación terapéutica en la antigüedad, cf. KING (2011).

⁵⁹ Ibid., KÜHN VIII, 419.

No era raro pues que se diera esta casuística en los conventos, tanto de hombres como de mujeres, y que la solución, no tanto conforme a natura como a la religión, se basara en debilitar el cuerpo de los pacientes con purgas y sangrías (no olvidemos además el temperamento sanguíneo de la monja) y en prescribir una dieta pobre y alimentos que inhibieran la producción de semen y flatulencias⁶⁰, junto a unciones y linimentos capaces de refrigerar. En definitiva, había que lograr a toda costa un enfriamiento general del cuerpo por todos los medios posibles. Que esto no era nada nuevo en pacientes sanos obligados a la abstinencia sexual impuesta por el voto de castidad ya lo indicaba el autor anónimo de un compendio falsamente atribuido a Arnaldo de Vilanova, el conocido como *Breviarum practicae*⁶¹, perfecto resumen de los usos medievales empleados al efecto, y que parecía conocer de primera mano la situación del monacato⁶². El cotejo con esta fuente del siglo XIII nos indica que el tratamiento recomendado por el Lusitano para disminuir la libido de la religiosa era de sobra conocido, contaba con una larga tradición:

Nota igitur quod coitus multis modis removetur. Primo per aliqua quae remouent intensionem vel acumen caloris et sic removetur per res frigidas, sicut per infusionem testiculorum in aceto vel succo herbarum frigidarum et per assumptionem rerum frigidarum ... Item phlebotomia de vena saphena pedum ... Item appositio ventosarum ... cum scarificatione multum valet.

El procedimiento es el seguido por Amato, casi al pie de la letra, *mutatis mutandis*, incluso hemos de pensar que la refrigeración con remedios tópicos dirigida a los “miembros inferiores” de la monja, con los mismos ingredientes refrigerantes que se recomiendan para los testículos en el varón, apunta a una

⁶⁰ Los alimentos flatulentos, como las legumbres, sobre todo los garbanzos, se pensaba que favorecían el aire o ventosidad necesario para la erección del pene en los varones y la hinchazón de los genitales femeninos cuando tienen urgencia de copular. Cf. DILAGE, s.v. *ventositas*.

⁶¹ Se editó con los *Opera omnia* de Arnaldo en Basilea en 1585 (edición que seguimos). Al parecer fue obra de un autor napolitano contemporáneo de Arnaldo. Cf. la ficha descriptiva de los mss. de la obra hecha por S. Giràlt en: <https://www.sciencia.cat/db/presentacio.htm?obra=4544>. Y para más datos acerca de sus contenidos, el trabajo de MONTERO (2011) 467, nota 2, con bibliografía al respecto.

⁶² Sobre la satiriasis masculina dice: *Multi in diversis monasteriis et religiosis locis reperiuntur qui uoverunt castitatem deo, qui ... miro modo coire appetunt et virgam tendunt, unde haec passio dicitur satyriasis, et fit ex calida ventositate et multa.* (cap. XL, col. 1282 ss.).

dirección bien concreta. Tal vez por pudor el autor no dice claramente dónde debía aplicarse el producto, como tampoco cree que sea preciso enumerar más plantas al efecto. Realmente ya lo había hecho en otro lugar y de manera muy explícita, tal y como nos tiene acostumbrados; no es descabellado pensar que tuviera en mente sus comentarios al Dioscórides, concretamente el dedicado al “cohombro”, una variedad del pepino, del que dice:

*Caeterum est cucumer natura frigidus et humidus, appetentiam concumbendi minuens, unde sicys a Graecis dictus est. Hinc de cucumere (quia textrices magna ex parte impudicae sunt) adagium ortum est: texens pallium mulier, cucumerem devoret*⁶³.

No habría sido correcto ni elegante comparar a la religiosa con las “impúdicas tejedoras”, a las que había que darles pepino para comer antes de ponerlas a la tarea, puesto que tenían fama de ser muy dadas al sexo (*opportunae Veneri*), según un proverbio griego que a todas luces Amato toma prestado de Leonhart Fuchs⁶⁴.

4. La censura

Esta *curatio* fue lógicamente censurada y, comparando la edición de 1560 (*Centurias* 5 y 6, Venecia, *ex officina Valgrisiana*), sin censurar, con el ejemplar español de la edición bordelesa de 1620 (*Centurias* 1-7, Burdeos, *ex Typographia Gilberti Vernoy*), expurgado a mano, comprobamos que se han suprimido todas las referencias a la condición de la religiosa, que para más señas era la madre superiora del convento: sobre el expurgo, el censor ha escrito a mano *Mulier quaedam innupta* sintagma nuevo incorporado ya a la edición barcelonesa de 1628. Más adelante vuelve a tacharse la palabra *monachae*⁶⁵,

⁶³ AMATO LUSITANO (1553), lib. II, p. 251.

⁶⁴ Dice el médico alemán: *Sicyn vero Graeci ex adverso ἀπὸ τοῦ σέειν καὶ κύειν, quod scilicet appetentiam concumbendi minime stimulet, nominasse videntur. Hinc celebratum Graecis proverbium est, ut ex Athenaeo annotavit Hermolaus: ‘Texens pallium mulier cucumerem devoret’, quod textrices magna ex parte, si Aristoteli credimus, impudicae sint et opportunae Veneri. Ut ergo iis impetus infrenetur et elanguescat, adagium edendos cucumeres textricibus consulebat, FUCHS (1542) 702.*

⁶⁵ El texto ha sido expurgado, primero conforme al índice de libros prohibidos de 1632 y luego conforme al de 1640, como se lee en la portada; este ejemplar pertenece a la Facultad de Medicina de la antigua Universidad Central de Madrid (hoy Complutense); en cambio están sin censurar otro que hemos consultado y pertenece al Museo Británico y

pero más interesante resulta el borrón de tinta para eliminar el comentario de Amato al hecho de que la monja se mostraba “inquieta e iracunda, sobre todo contra sus padres, que la habían metido en aquella cárcel” (*praecipue contra parentes, qui eam in carcerem illum coniicerant*). En 1628, en la edición Barcelonesa se ha eliminado definitivamente de la edición. A renglón seguido, cuando Amato, claramente contrario a esta castidad impuesta, cita a san Pablo y rememora un caso reciente, acaecido a otra novicia del convento de santa Clara, vuelve a expurgarse todo el párrafo en el texto de Burdeos. Recordemos que se aludía a una hermosa joven de veinte años de edad, una novicia víctima de una enfermedad en la matriz sobrevenida por una causa similar a la de la priora, consumida y abatida en su retiro monacal, hija de unos nobles de la ciudad de Ragusa. Los datos personales que detalla nuestro autor eran perfectamente reconocibles y relativamente fáciles de identificar en su momento. El párrafo no aparece ya en la edición barcelonesa de 1628.

5. Algunas conclusiones

El caso 6.97 viene a sumarse a las *curationes* relacionadas con pasiones no satisfechas, amores no correspondidos y otros efectos no deseados y derivados de la práctica del sexo, que tienen como denominador común la condición religiosa de los pacientes. Con los pormenores de esta historia clínica Amato abre la puerta a la censura, mientras con la experiencia y las referencias a Sorano, a través de Aecio de Amida, y a Galeno, demuestra que las mujeres también padecen de satiriasis y a veces con mayor virulencia que los hombres y que, a fin de cuentas, la enfermedad es producto de la normalidad contrariada, toda vez que el sexo formaba parte de las *res non naturales*, de cuyo equilibrio pende la salud.

La juventud, el encierro involuntario en un convento, un buen estado de salud general, y posiblemente haber conocido antes las pasiones carnales, componen los ingredientes de dicha ‘normalidad contrariada’ que desembocan en el furor uterino, diagnóstico que Amato desvincula de la tradicional

un tercero, procedente de la Biblioteca Alessandrina de Roma. Sobre esta y otras censuras similares, de las que fueron objeto, sobre todo los ejemplares de Amato localizados en suelo hispano, cf. el trabajo de FRONT (2001); especialmente en 529-530 se refiere al caso de esta *curatio*. El índice de libros prohibidos indicaba expressamente las líneas del texto de la edición de 1620 que debían tacharse y así se ha procedido con ellas.

suffocatio matricis que tantos capítulos había ocupado en los textos medievales. Nuestro autor parece desmarcarse de una tradición que, poniendo el acento en los síntomas y las curaciones, a fin de cuentas, enmascaraba el origen de padecimientos que eran producto de la abstinencia sexual en personas jóvenes y sanas, punto hacia el que dirige el Lusitano el caso, en femenino y en plural, pues de paso introduce el ejemplo de la novicia del convento de santa Clara.

La curación realmente es lo de menos, a juzgar por lo visto en las líneas anteriores, pues el médico ni siquiera considera necesario enumerar todos los remedios posibles, unos métodos tradicionales que conocía de sobra, para intentar aplacar a una mujer a la que le “hervía la sangre”, metáfora que aun hoy sigue funcionando en sentido figurado como sinónimo de “acalorarse, apasionarse” y de “tener el vigor y la lozanía de la juventud”⁶⁶.

Bibliografía

- ACOSTA, E. (2017), *Medicina forense y racionalismo médico: edición, traducción y comentario de la curatio 6.87 de Amato Lusitano*. TFM. Valladolid, Universidad de Valladolid.
- AECIO DE AMIDA (1542), *Tetrabiblos*. Basilea, Froben.
- AMATO LUSITANO (1553), *In Dioscoridis Anazarbei De medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctori Amati Lusitani medici*. Venecia, G. Scoto.
- ANDRADE, A. M. Lopes - CRESPO, H. M. (2012), “Os inventarios dos bens de Amato Lusitano, Francisco Barbosa e Joseph Molcho, em Ancona na fuga à Inquisição (1555)”: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1, 45-90.
- ANDRADE, A. M. Lopes (2014), *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do século XVI*. Lisboa, Imprensa nacional - Casa da Moeda.
- ARNALDO DE VILANOVA (1585), *Opera omnia*. Basilea, ex officina Pernea.
- BAČIĆ, J. - VILOVIĆ, K. - BAČIĆ BARONICA, K. (2002), “The gynaecological-obstetrical practice of the renaissance physician Amatus Lusitanus (Dubrovnik, 1555–1557)”: *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology* 104.2, 180-185.

⁶⁶ Locución coloquial del español recogida en el DRAE, s.v. sangre.

- BARONA, J. L. (1993), *Sobre medicina y filosofía natural en el Renacimiento*. Valencia, Seminari d'estudis sobre la ciència.
- CALLEJA, M. (2020), *Amato Lusitano, una sífilis repentina y el ars medica* (*Centurias medicinales*, 4.69). TFM. Valladolid, Universidad de Valladolid.
- CASTELLI, B. (1682), *Lexicon medicum graeco-latinum*. Nuremberg, sumptibus Johan Danielis Tauberi.
- DIAS, J. J. Alves (2011), *Amato Lusitano e a sua obra. Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal – Centro Editor Livreiro da Ordem dos Medicos – Centro de Estudos Históricos – Univ. Nova.
- DILAGE (2018), E. MONTERO, M. Á. GONZÁLEZ et al., *Dictionarium Latinum andrologiae, gynecologiae et embryologiae*. Barcelona-Roma, Brepols.
- DÜRRIGL, M. A - FATOVIC-FERENCIC, S. (2002), “The medical practice of Amatus Lusitanus in Dubrovnik (1556-1558): a short reminder on the 445th anniversary of his arrival”: *Acta medica portuguesa* 15, 37-40.
- FRONT, D. (2001), “The Expurgation of Medical Books in Sixteenth-Century Spain”: *Bulletin of the History of Medicine* 75.2, 290-296.
- FUCHS, L. (1542), *De historia stirpium*. Basilea, In officina Isingriniana.
- GALENO (1541-1545), *Operum omnium sectiones prima-octava*, A. RICCI (ed.). Venecia, Farri et fratres.
- GALENO (1821-1833), *Claudii Galeni opera omnia*, K.G. KÜHN (ed.), 20 vol. Leipzig, Cnobloch (repr. Hildesheim, Olms, 1964-1965).
- GLESINGER, L. (1971), “Dubrovački liječnik Amatus Lusitanus. Amatus Lusitanus, a physician of Dubrovnik”: *Zbornik 1: Studije i građa o Jevrejima Dubrovnika, Jevrejski istorijski muzej - Beograd* 1, 291-312.
- GLESINGER, L. (1968), “Amatus Lusitanus à Raguse”: M. CORREIA et alii, *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco -Amato Lusitano-*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 111-131.
- HIPÓCRATES (1988), *Tratados hipocráticos IV*: L. SANZ (trad.). Madrid, Gredos.
- HUARTE DE SAN JUAN, J. (1989), *Examen de ingenios para las ciencias*. G. DE SERÉS (ed.). Madrid, Cátedra.
- KING, H. (2011), “Galen and the widow. Towards a history of therapeutic masturbation in ancient gynaecology”: *EuGeStA. Journal on Gender Studies in Antiquity* 1, 205-235.
- KING, H. (2013), *The One-Sex Body on Trial: The Classical and Early Modern Evidence*. Farnham, Ashgate.
- LAÍN, P. (1970), *La medicina hipocrática*. Madrid, Alianza Editorial.

- LEIBOWITZ, J. O. (1960), "Amatus Lusitanus on Sudden Death Due to 'Obstruction in the Heart' (1560)": *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 15.4, 364-371.
- LUPIS, V. B. (2015), "Amatus Lusitanus e Didaco Pirro: due ebrei portoghesi e cerchia umanistica di Dubrovnik": A. M. Lopes ANDRADE, C. DE MIGUEL MORA, J. M. Nunes TORRÃO (eds.), *Humanismo e ciência. Antiguidade e Renascimento*. Aveiro - Coimbra - São Paulo, UA Editora - Universidade de Aveiro - Imprensa da Universidade de Coimbra - Annablume, 481-512.
- MARTÍN, A. I. (1996), *El humanismo médico en la Universidad de Alcalá (siglo XVI)*. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá.
- MONTERO, E.-CONDE, P. (2001), "Sobre nombres y funciones (testes, semen): de la andrología a la ginecología": *Medicina nei secoli* 13.2, 373-399.
- MONTERO, E. (2011), "Coitus multis modis removetur. Medicina medieval y abstinencia sexual": J. MARTÍNEZ GÁZQUEZ, O. DE LA CRUZ PALMA, C. FERRERO HERNÁNDEZ (eds.), *Estudios de Latín Medieval Hispánico. Actas del V Congreso Internacional de Latín Medieval Hispánico*. Firenze, SISMEL-Edizioni del Galluzzo, 467-481.
- MONTERO, E. (2019), "Utinam Cornarius [...] nominibus uteretur Graecis (cent.1.9). Las preferencias léxicas de Amato Lusitano": M. Á. GONZÁLEZ MANJARRÉS (ed.), *Praxi theoremata coniungamus. Amato Lusitano y la medicina de su tiempo*. Madrid, Guillermo Escolar Editor, 243-253.
- PÉREZ, M. J. (1999), "El juramento médico de Amato Lusitano": A. M. ALDAMA et al. (eds.), *La Filología Latina hoy. Actualización y perspectivas*. Madrid, SELat, vol. 2, 1205-1215.
- PINTO, A. Guimarães (2013), "Ciência e preconceito: o ataque de Pietro Andrea Mattioli a Amato Lusitano": *Humanitas* 65, 161-186.
- RASTEIRO, A. (2010), "O juramento do doutor Amado e o compromisso dos essénios": *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao século XXI. Cadernos de Cultura* 24, 10-15.
- RECIO, V. - MARTÍN, A. I. (2019), "La transmisión de los 'Secretos de mujeres': de Salerno al siglo XIV": *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 21, 199-222.
- ROSA, C. (2010), "Mujeres y sexualidad: vírgenes, viudas, monjas y prostitutas": A. I. MARTÍN (ed.), *Medicina y filología. Estudios de léxico médico latino en la Edad Media*. Porto, FIDEM, 219-243.
- ROSA, C. - MARTÍN, A. I. (2016), "La sexualidad ambigua: Un caso clínico heterodoxo en la obra de Amato Lusitano": *eHumanista/Conversos* 4, 194-211.

- TEIXEIRA, I. Rodrigues (2005), *Amato Lusitano e as perturbações sexuais. Algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das 'Centúrias de Curas Medicinais'*. Tesis doctoral. Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- TUCKER, G. H. (1998), "To Louvain and Antwerp, and beyond: The contrasting itineraries of Diogo Pires (Didacus Phyrus Lusitanus, 1517-1599) and João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus, 1511-1568)": L. DEQUEKER-W. VERBEKE (eds.), *The Expulsion of the Jews and their Emigration to the Southern Low Countries (15th – 16th C.)*. *Medievalia Lovaniensia* 26, 83-113.
- VALDERAS, J. M. (2000), "La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano": *Collectanea Botanica* 25, 255-304.
- VALDERAS, J. M. (2003), "Mattioli contra Lusitano II. Las "censuras" y la interpretación de Dioscórides": *Collectanea Botanica* 26, 181-225.
- VEGA, C. (1587), *Opera omnia*. Lyon, Roville.
- VEITH, I. (1993), *Hysteria: the history of a disease*. Chicago, The University of Chicago Press.

* * * * *

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a *curatio* 97 da sexta *Centúria* escrita pelo médico Amato Lusitano (1511-1568). A paciente é a madre superiora de um convento que sofre de ‘satíriase’ ou ‘furor uterino’, um delírio causado pela abstinência sexual. O autor examina os sintomas que a mulher apresenta e aplica-lhe um tratamento paliativo para o que recorre às fontes clássicas sobre o tema. Amato assinala diferenças entre esta doença e a *suffocatio matricis*, uma afeção feminina causada pela ausência de sexo e com uma longa tradição na literatura médica medieval.

Palavras-chave: Ginecologia; satíriase; furor uterino; Amato Lusitano.

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar la *curatio* 97 de la sexta *Centuria* compuesta por el médico Amato Lusitano (1511-1568). La paciente es la madre superiora de un convento aquejada de “satiriasis” o “furor uterino”, un delirio provocado por abstinencia sexual. El autor examina la sintomatología que presenta la mujer y le aplica un tratamiento paliativo, para lo que acude a las fuentes clásicas sobre el tema. Amato marca diferencias entre esta enfermedad y la *suffocatio matricis*, afección femenina causada por la ausencia de sexo y de larga tradición en la literatura médica medieval.

Palabras clave: Ginecología; satiriasis; furor uterino; Amato Lusitano.

Résumé : L’objectif de ce travail est d’analyser la *curatio* 97 de la sixième *Centúria* écrite par le médecin Amato Lusitano (1511-1568). La malade est la mère supérieure d’un couvent qui souffre de ‘satyriase’ ou de ‘fureur utérine’, un délire causé par l’abstinence sexuelle. L’auteur examine les symptômes présente que la femme et lui applique un traitement palliatif, allant boire aux sources classiques qui ont abordé le sujet. Amato souligne qu’il existe des différences entre cette maladie et la *suffocatio matricis*, une affection féminine causée par l’absence de sexe, ayant une longue tradition dans la littérature médicale médiévale.

Mots-clés : gynécologie; satyriase; fureur utérine; Amato Lusitano.

El tratamiento de los “monstrous births” en tratados obstétricos ingleses del siglo XVII: entre el relato de prodigios y el texto científico

The treatment of “monstrous births” in 17th-century English obstetrical treatises: between the prodigy narrative and the scientific text

ALICIA RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ¹ (*Instituto Universitario de Análisis y Aplicaciones Textuales,
Universidad de las Palmas de Gran Canaria — España*)

Abstract: This paper analyses the treatment of the so-called “monstrous births” in English obstetrical treatises written during the 17th century. The study we carry out suggests that we can distinguish a first group of treatises which include detailed descriptions accompanied by illustrations, typical of ballads and pamphlets of a popular nature and with marked sensationalistic purposes, and a second group of treatises in which a genuine interest in this type of malformations reveals the scientific intent of the medical literature of the time.

Keywords: monstrous births; obstetrics; 17th-century; books of prodigies; ballads, broadsheets.

1. Introducción

Aunque a finales del siglo XIV *Los viajes de Sir John Mandeville* presentaron a los lectores ingleses y europeos en general una imagen de Oriente que pobló la imaginación de sus contemporáneos con enanos o cíclopes, estas narraciones no hacen más que anticipar los seres fantásticos de los relatos renacentistas del Nuevo Mundo (MANUEL CUENCA 1986; BEARDEN 2019: 110). Con el Renacimiento, se inicia una nueva etapa en la historia del conocimiento del hombre. El descubrimiento de nuevos territorios desvela una naturaleza exótica poblada de seres extraños que se describen en narraciones que van más allá de la realidad al incluir en su universo amazonas, sirenas, hombres sin cabeza o animales prodigiosos y feroces (DASTON & PARK 1998: 146-149). Pero si bien estas narraciones, e incluso la cartografía premoderna y renacentista, localizan a estos monstruos muy lejos de las fronteras del viejo continente (BARNES 2012: 87; BEARDEN 2019: 109), otros relatos, surgidos en

Texto recibido el 20.01.2021 y aceptado para publicación el 09.03.2021.

¹ alicia.rodriguez@ulpgc.es.

este contexto del gusto por lo fantástico y maravilloso, atestiguan el nacimiento de seres prodigiosos en ciudades y poblaciones europeas.

Efectivamente, durante los siglos XVI y XVII, los panfletos y las baladas sobre niños que habían nacido con deformidades gozaron de una enorme popularidad tanto en Europa como en Inglaterra (BATES 2005a: 11). Estos casos eran conocidos en la época como “monstrous births” y Paré los define de este modo:

Wee call Monsters, what things soever are brought forth contrary to the common decree and order of nature. So wee terme that infant monstrous, which is borne with one arme alone, or whith two heads [...] Of the first sort [monsters] are thought all those, in which any of those things; which ought, and are accustomed to bee, according to nature, is wanting, or doth abound, is changed, worne, covered or defended, hurt, or not put in his right place: for somtimes some are born with more fingers than they should, othersome but with one finger : some with those parts devided which should be joyned, others with those parts joyned which should bee devided : some are borne with the privities of both sexes, male and female. (PARÉ 1634: 961)

Aunque se conservan más de cien panfletos y baladas populares inglesas que tenían como tema estas anomalías congénitas, probablemente el número de obras fuera mayor ya que este tipo de literatura efímera, que en ocasiones se publicaba en pliegos sueltos ilustrados con algún grabado, no solía perdurar (BATES 2000). Estos textos, que daban cuenta de la aparición de seres deformes nacidos en Inglaterra y en Europa, se narraban tanto en prosa como o en verso, y, en este último caso, a veces se indicaba que el poema podía cantarse siguiendo la melodía de alguna tonadilla conocida, como se señala en la introducción de la balada “A monstrous shape or a shapelesse monster” de la Figura 1, donde se señala que se debe cantar “To the tune of the Spanish Pavin”.

Como la principal preocupación de sus autores era imprimir credibilidad a la narración del acontecimiento (BATES 2005a: 7), entre las principales características de estas obras de carácter popular (principalmente las contenidas en panfletos en prosa, que disponían de una mayor extensión), destacan (PARK & DASTON 1981: 28):

- la inclusión de ilustraciones del ser monstruoso, que mostrasen con claridad los rasgos anómalos del recién nacido, que en estas ilustraciones normalmente tenía la apariencia de un adulto



Figura 1. Indicación de la melodía que se debe seguir cuando se cante la balada

“A monstrous shape or a shapeless monster” (Price 1639)²

— la introducción de datos de carácter objetivo tales como la fecha del suceso, el lugar donde ocurrió, el nombre de los padres, e incluso una lista de testigos oculares, entre los que solía haber un sacerdote, para garantizar la veracidad del mismo. En algunas ocasiones, el propio autor aseguraba haber visto a la criatura

— una descripción detallada de las malformaciones de la criatura.

² Reproducido con permiso de *Broadside Ballads Online* (Bodleian Libraries).
<<http://ballads.bodleian.ox.ac.uk/view/illustration/3647>> [última consulta enero 2021].

Además, al final de estas narraciones el autor solía proporcionar causas explicativas de estas anomalías congénitas e interpretaba cada uno de los rasgos monstruosos. De hecho, Bates defiende que el interés de estas narraciones sobrepasaba la mera curiosidad por lo prodigioso o maravilloso y que su significado último era lo que realmente preocupaba a sus autores y lectores (BATES 2005a: 11, 45).

En este sentido, las causas que se barajaban para explicar la aparición de estos seres eran muy diferentes, porque también eran diferentes las causas que impulsaban a escribir a los autores de estos textos. El autor de una balada concebida como una obra de evasión no tendría las mismas motivaciones que un pastor luterano en un tiempo de disputas religiosas, pero unos y otros especulaban sobre el sentido de estos nacimientos monstruosos. En todo caso, las razones esgrimidas se remontan a los autores de la antigüedad y han continuado a lo largo de la Edad Media hasta llegar a estos textos del XVII (GLENISTER 1964: 16). Parece claro, por tanto, que existe un alto grado de consistencia en la identificación de los factores causantes de estos nacimientos en la historia del discurso teratológico (BRAIDOTTI 1999: 292).

Así, muchos señalan a **Dios** como el artífice de estos nacimientos que se interpretan o bien como un castigo divino por el comportamiento pecaminoso de los progenitores, a modo de aviso ejemplar para el resto de los hombres, también pecadores (BATES 2005a: 50); como un presagio divino de terribles acontecimientos futuros (ASMA 2009: 141) o, más habitualmente, como una señal de acontecimientos que habían sucedido en el momento de su aparición (como una catástrofe o movimientos de agitación social o religiosa), de ahí la profusión de detalles con respecto a la fecha, lugar, testigos, etc. (BATES 2005a: 22). Pero también durante la Edad Media se culpó al **demonio** y a otros seres con poderes malignos de estas malformaciones (GLENISTER 1964: 17-18). Además, una determinada **configuración astral** en el momento de su concepción podía determinar la fisiología monstruosa del futuro niño, aunque estas deformidades también podían deberse al poder de la **imaginación de la madre**, que, impresionada por la visión de algún animal o persona en el momento de la concepción o durante la gestación, transferiría sus rasgos al bebé. Y, finalmente, tampoco se descartaban **causas naturales** tales como la calidad o la cantidad

del semen masculino, o el tamaño del útero, entre otras circunstancias que podían condicionar anomalías en el desarrollo de la criatura.

Estas narraciones de nacimientos monstruosos publicadas en forma de baladas y panfletos sirvieron de fuente a los populares libros de prodigios, que también se tradujeron al inglés a finales del siglo XVI. Entre estos destacan el de Konrad Lykosthenes, traducido y ampliado al inglés por BATMAN (1581), el de Pierre Boaistuau, traducido al inglés en 1569, y el de Ambroise Paré, publicado en inglés en 1634³. Este último, sin embargo, se encuentra a caballo entre la literatura de prodigios y la literatura pre-científica, pues, si bien se muestra imbuido por las supersticiones imperantes en el momento al considerar que estas deformidades congénitas podían ser una señal del pecado de los padres (BRAIDOTTI 1999: 291) o resultado de la imaginación de la madre, su obra también supuso un avance hacia el espíritu empiricista que se impondría más adelante (ASMA 2009: 144). De este modo, Paré, que contaba con una amplia experiencia como médico militar y se había mostrado muy innovador en la aplicación de nuevos tratamientos, asume el papel de científico racional y propone una clasificación de estas anomalías y enfermedades congénitas (HODGEN 1964: 128; BATES 2005a: 74, 2005b: 146-147; PIPKIN 2017).

Pero quizá donde apreciamos una postura más alejada del tratamiento que estos fenómenos recibían en estas obras efímeras y libros de prodigios en Inglaterra es en los textos del filósofo inglés Francis Bacon y en las actas de la Royal Society, que prestaron mucho interés a estos nacimientos monstruosos (PARK & DASTON 1981: 20; DASTON & PARK 1998: 203-204, 215-254; DUROSELLE-MELISH 2001: 44-46 2005: 11; DAVIES 2013: 60). Estos textos, ya de carácter pre-científico (como denominó SAINT-HILAIRE 1832), recopilaban casos de nacimientos monstruosos haciendo un riguroso análisis de las fuentes de información (PARK & DASTON 1981: 45) y rechazando argumentos explicativos de carácter teológico; sin embargo, sus disquisiciones no iban más allá

³ Los nombres de los autores mencionados en el artículo se reproducen tal y como se recogen en el ESTC (*English Short Title Catalogue*). Las obras en cuestión son las siguientes: Konrad LYKOSTHENES (1581), *The dome warning all men to the iudgement: wherein are contayned for the most parte all the straunge prodigies hapned in the worlde*; Pierre BOAISTUAU (1569), *Certaine secrete wonders of nature*; Ambroise PARÉ (1634), *The workes of that famous chirurgion Ambrose Parey*.

de unas descripciones minuciosas que no entraban en cuestiones médicas especializadas como la anatomía o la embriología. De este modo, los nacimientos monstruosos pasaron de ser fenómenos sobrenaturales a manifestaciones naturales, aunque continuaron formando parte de un heterogéneo conjunto que trataba los casos de hermafroditismo al mismo nivel que la aparición de un cometa o el estallido de un terremoto.

Con el objeto de sistematizar el tratamiento de los nacimientos monstruosos, podríamos decir que el contexto que se ha presentado hasta ahora gira en torno a dos ejes: por un lado, los panfletos, baladas populares y libros de prodigios y seres sobrenaturales, que gozaron de una extraordinaria salud a lo largo de los siglos XVI y XVII, como lo demuestran las nuevas ediciones y reimpresiones; y, por otro lado, una literatura precientífica, precursora de la era científica, que incluye, entre otros, los textos de Bacon y la Royal Society. A medio camino quedaban obras como la de Paré, que fue traducida al inglés en 1634 y tuvo una gran difusión en toda Europa.

¿Pero qué tenían que decir al respecto los médicos ingleses que tenían a su cargo el cuidado de las madres gestantes y de los recién nacidos? Pues bien, la popularidad de esta literatura de prodigios coincidió con la publicación en Inglaterra de una gran cantidad de tratados de ginecología y obstetricia a lo largo del siglo XVII, como resultado de un creciente interés por las enfermedades femeninas y los problemas producidos durante el parto que se remonta a una extensa tradición manuscrita vernácula (GREEN 2008a, 2008b.). Estos textos médicos también se hicieron eco del interés que estos nacimientos monstruosos despertaron en la época, pero la cuestión que intenta dilucidar este trabajo es si estos tratados recogían casos similares a los narrados en estas baladas y panfletos, adoptando la misma línea populista en el tratamiento de las deformidades, o si, por el contrario, abrazaban el nuevo espíritu precientífico que inspiró a Bacon o las actas de la Royal Society.

Partiendo por tanto del análisis de un conjunto de tratados ginecológicos y obstétricos ingleses publicados a lo largo del siglo XVII, este estudio se ha marcado los siguientes objetivos:

- En primer lugar, verificar si los casos de deformidades y anomalías congénitas que entraron a formar parte de los contenidos de los tratados ginecológicos son los mismos nacimientos monstruosos que habían sido tratados

ya en panfletos, baladas y libros de prodigios, o si, por el contrario, los autores presentan nuevos casos de naturaleza menos fantástica

— En segundo lugar, determinar si la forma de abordar estos casos en los tratados ginecológicos se asemeja al que encontramos en la literatura de prodigios, para lo cual tendremos en cuenta las características que presentan estas narraciones en este tipo de literatura, o si, por el contrario, se aprecia un cambio derivado de la naturaleza médica de los textos

— Y, finalmente, establecer si aquellos tratados que presentan un tratamiento más científico de estos nacimientos monstruosos hacen también uso de una terminología científica para describir y referirse a estos casos.

2. *Corpus de estudio*

Para llevar a cabo este estudio, se ha compilado un corpus a partir del motor de búsqueda de la colección digital *EEBO* (*Early English Books Online*), que, tras la aplicación de distintos filtros que se recogen a continuación para restringir el tema, el tipo de texto, la lengua y el rango de fechas, dio como resultado 248 títulos.

TEMA:

Women – diseases – Early works to 1800

Midwives – midwifery

Obstetrics

TIPO DE TEXTO: textos médicos

LENGUA: inglés

RANGO DE FECHAS: entre 1600 y 1700

De este total, se descartaron aquellas obras que no fueran tratados obstétricos o ginecológicos y así se llegó a un grupo de 22 tratados de obstetricia. De estos 22, se seleccionaron los ocho que contienen un capítulo sobre anomalías y deformidades congénitas en sus primeras ediciones. A ellos se le sumaron una tercera edición, que es la primera que se conserva de uno de los tratados, y una segunda edición que incorpora cambios. Por razones de espacio y, dado que en los mismos tratados los casos de hermafroditismo y de ambigüedad sexual reciben un tratamiento distinto, se han descartado estos capítulos del presente estudio. Atendiendo a estos parámetros, los 10 títulos

que componen el corpus de estudio se recogen en la Tabla 1 ordenados cronológicamente:

AÑO	AUTOR	TÍTULO DEL CAPÍTULO SOBRE ANOMALÍAS CONGÉNITAS
1612	Guillemeau, Jacques (trad. del francés, 1609)	Of the greatnesse and swelling of the head which happens to little Children (pp. 30-35) Other imperfections , that accompanie the Child, when he is borne: as excrescences of flesh, the roofo of the mouth cleft, a hare lip, and supernumerarie fingers (pp. 35-38)
1636	Sadler, John	Of the generation of monsters (pp. 133-142)
1637	Rüff, James (trad. del latín, 1554)	Of unperfect children, also of monsterous Births (pp. 151-161)
1651	Culpeper, Nicholas	Of Imperfect Children (pp. 139-141), Of Children born with an Hare Lip (p. 159)
1657	Massaria, Alessandro (trad. del latín, 1600)	Of monstrous and unnatural Conceptions (pp. 137-139)
1662	Culpeper, Nicholas (2ª parte)	Of the ill formation of the Child (145-146), Of monsters (pp. 151-153)
1671	Sharp, Jane	Of the causes of Monstrous Conceptions (116-120)
1672	Mauriceau, François (trad. del francés, 1668)	How to deliver a Woman when the Child is Hydropical, or Monstrous (pp. 262-265)
1684	Anon. <i>Aristoteles Master-Piece</i>	Of Monsters and monstrous Births , and the reason thereof, according to the Opinions of sundry learned Men, with serious considerations, whether Monsters are endued with reasonable Souls (47-59); Pictures of several Monsterous Births drawn to the life [como se lee en la portada] (n.p.)
1694	MacMath, James	Of the Delivery, when a Child is Hydropical, or Monstruous (pp. 220-221)

Tabla 1. Corpus de estudio con indicación del título dedicado a los nacimientos monstruosos

3. Las malformaciones congénitas en los tratados de obstetricia de la Inglaterra del siglo XVII

La configuración del corpus ha confirmado que era frecuente incluir capítulos dedicados a malformaciones congénitas en los tratados ingleses de ginecología y obstetricia del siglo XVII, pues la mitad de los 22 tratados revisados contiene un capítulo de este tipo. Sin embargo, la lectura y análisis de estos capítulos han revelado que el tratamiento que recibían estos casos varía mucho de unos tratados a otros, diferencias que responden a un momento de transición en la historia de la medicina en Inglaterra en el que el método científico se iba conformando al tiempo que se mantenían creencias tradicionales.

En este sentido, se pueden distinguir dos grupos de tratados bien diferenciados. Un primer grupo se caracteriza, como se verá en el apartado 3.1, por reproducir los mismos casos de niños monstruosos narrados en las baladas, panfletos y libros de prodigios, así como por presentar características propias de estos relatos: descripciones detalladas, ilustraciones e interpretaciones heredadas de la tradición. Por otra parte, un segundo grupo de tratados se distingue por presentar casos diferentes de los narrados en la literatura de prodigios, y, sobre todo, por abordarlos de una forma muy alejada del sensacionalismo y con rasgos propios de los textos científicos⁴.

A continuación, se analizarán estas diferencias con más profundidad.

3.1. Tratados seguidores de la literatura de prodigios: Sadler, Rüff, Culpeper, Sharp y el anónimo *Aristoteles Master-Piece*

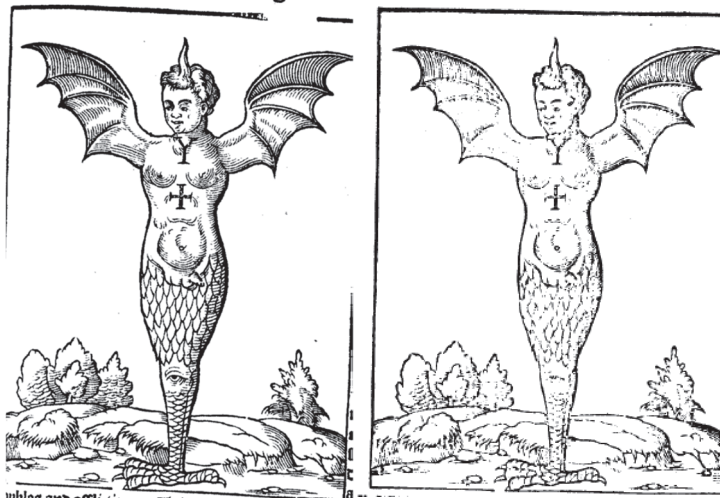
Como se acaba de señalar, muchos de los casos de nacimientos monstruosos que se recogen en algunos tratados obstétricos del corpus habían sido narrados en la literatura de prodigios, bien en baladas y panfletos o en libros sobre fenómenos maravillosos. La mayoría de ellos da cuenta de hechos acaecidos en el siglo XVI y van acompañados de ilustraciones muy similares a las que hallamos en los libros de prodigios.

⁴ Si bien podría pensarse que el público receptor de los tratados podría ser un factor condicionante en el tratamiento de los nacimientos monstruosos, la realidad es que todos ellos se dirigen, como indican en sus prefacios, a un heterogéneo conjunto de lectores (DOMÍNGUEZ-RODRÍGUEZ Y RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ 2020), lo que nos hace descartar esta hipótesis.

Las ilustraciones de baladas, panfletos y narraciones fantásticas, como se indicó en el apartado 1, responden principalmente a la voluntad de imprimir veracidad a los relatos, de ahí que fueran profusos en detalles, pues la descripción de las distintas deformidades se debía reproducir en el grabado a modo de acta notarial (DASTON & PARK 1998: 285), de tal forma que los lectores se convierten casi en testigos oculares a través de la contemplación de la imagen (ZIKA 2007: 2). De hecho, en algunos textos se menciona la contratación de un artista para que deje constancia gráfica del suceso (DASTON & PARK 1998: 182). Pero, además, se han barajado otros motivos que justifican la inclusión de estas imágenes. Por un lado, Daston y Park (1998: 159) han sugerido motivos comerciales, pues es indudable que la presencia de estos grabados en un mercado que ya ofrecía volúmenes ricamente ilustrados suponía un gran reclamo para un público ávido de novedades en la era de los descubrimientos: su imaginación se avivaba ante seres tan maravillosos. Por otro lado, se ha señalado que, en aquellos textos que interpretan cada una de las deformidades del recién nacido como el reflejo de un pecado, el propio grabado se convierte en un texto visual que reproduce cada acto inmoral y de depravación (DASTON & PARK 1998: 181-182), de ahí el cuidado al detalle en los grabados. Por último, también se ha apuntado la posibilidad de que estas imágenes servían de apoyo visual a estos textos que en ocasiones se leían en voz alta, no solo las baladas y panfletos (FISCHER 2003: 245-246; JANSSENS 2020) sino incluso los propios tratados de obstetricia (RICHARDS 2015).

Las ilustraciones que acompañan los textos del primer grupo de tratados no difieren de los que encontramos en los panfletos y libros de prodigios, pues, como Cecconi (2020: 154) apunta, en este tipo de textos era bastante habitual “re-using and re-cycling images” hasta tal punto que Bearden denomina a esta repetición de imágenes con ligeras variaciones *monstrous memes* (2019: 211). Así, el famoso monstruo de Rávena (1512) que se describe en los tratados ginecológicos de Sadler (1636: 134), Rüff (1637: 158) y en el anónimo *Aristoteles Master-Piece* (1684: s.p.), ya se había recogido en los libros de Prodigios de Boaistuau (1569: 138v-139r), Lykosthenes (1581: 294-295) y

Paré (1634: 962), acompañados por ilustraciones muy similares, como se muestra en las Figuras 2, 3, 4 y 5⁵.



Figuras 2 y 3. Monstruo de Rávena: Lykosthenes (1581: 295) y Boaistuau (1569: 139)



Figuras 4 y 5. Monstruo de Rávena: Rüff (1637: 158) y Aristoteles Master-Piece (1684: s.p.)

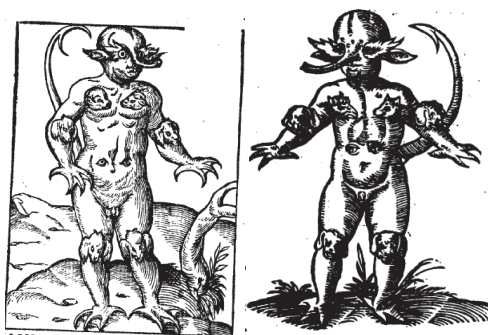
⁵ Agradecemos los permisos de reproducción concedidos para las ilustraciones extraídas de Lykosthenes (1581) y de Boaistuau (1569) a la Huntington Library (San Marino, California), para las ilustraciones de Rüff a © The British Library Board y para aquellas extraídas del anónimo *Aristoteles Master-Piece* (1684) a la Medical History Library, Harvey Cushing/John Hay Whitney Medical Library, Yale University.

De igual modo, el caso de la niña cubierta de pelo nacida en Pisa, incluido en Culpeper (1651: 140), Sharp (1671: 118) y en el anónimo *Aristoteles Master-Piece* (1684: n.p.), se había mencionado en Boaistuau (1569: 13r-13v), Crooke (1615: 300) y Paré (1634: 978) entre otros, algunos de los cuales muestran prácticamente las mismas ilustraciones, como se muestra especialmente en las Figuras 7 y 8.



Figuras 6, 7 y 8. Niña cubierta de pelo: Boaistuau (1569: 12r), Paré (1634: 978) y *Aristoteles Master-Piece* (1684: n.p.)⁶

El monstruo de Cracovia (1512), mencionado por Sadler (1636: 140) y Rüff (1637: 157), también formó parte del libro de Boaistuau (1569: 14r-v⁷), que, a su vez, incluye una ilustración muy similar a la que contiene Rüff, como se aprecia en las Figuras 9 y 10.

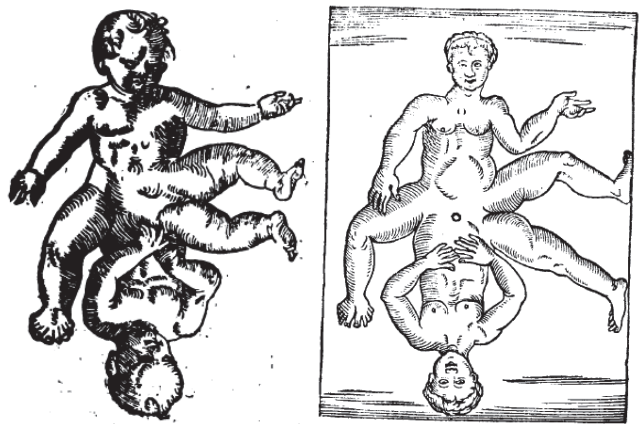


Figuras 9 y 10. El monstruo de Cracovia: Boaistuau (1569: 14v) y Rüff (1637: 157)

⁶ Agradecemos los permisos de reproducción concedidos para las ilustraciones extraídas de Paré (1634) a © The British Library Board.

⁷ La paginación que recoge el volumen es incorrecta; en realidad, la narración se recoge en 16r-v.

Y por dar un último ejemplo de los muchos casos narrados en la literatura popular que se reproducen en los tratados, el nacimiento de los gemelos siameses que registra Rüff (1637: 152-153) cerca de Oxford, ya se había descrito en una balada de 1552 (ANON. 1552), el mismo año de su nacimiento, y se recoge también en el libro de prodigios de Boaistuau (1569: 141) con parecidas ilustraciones (Figuras 11 y 12).



Figuras 11 y 12. Siameses nacidos en Middleton Stoney: Rüff (1637: 152) y Boaistuau (1569: 141)

Este último caso, el de los niños siameses, nos será útil para mostrar cómo las similitudes van más allá de la selección de casos y la inclusión de grabados y se extiende a la propia disposición de la información. Así, por ejemplo, los relatos de nacimientos monstruosos en la literatura popular y en muchos de los tratados de obstetricia de este primer grupo comienzan con la contextualización del acontecimiento aportando datos tales como la fecha y el lugar de nacimiento, e incluso el nombre de los padres, para continuar con una descripción detallada de la criatura y finalizar con las posibles causas, como se ilustra en la comparación esquemática de textos que recoge la Tabla 2, donde se ha marcado en negrita esta información:

	ANON. 1552	RÜFF (1637: 152-153)	BOAISTUAU (1569: 141r)
FECHA Y LUGAR DE NACIMIENTO. NOMBRE DE LOS PADRES	[...] the thyrd daye of August last past Anno.M.CCCCC.Lii. betwene the houres of .x. and a xi. at after noone in a towne	In the year 1552 in England not far from Oxford a certaine deformed birth was borne; [...]	In the year . 1552. was borne in <i>England</i> a childe [...]

	called Myddleton stonye .viii. miles from the Uniuersite of Oxforde at the In, called the sygne of the Egle, There the good wyfe of the same, was deliuered of thys double Chylde, begotten of her late housbande John Kenner whyche is dysceased.		
DESCRIPCIÓN	[...] hauing .ii. heades, ii. bodyes .iiii. armes .iiii. hands of good and parfit shape & fashion, welfauoured and faire of visages lyke vnto other children, but with one onely belly, one navel and one only fundment, at which they voide both vryne & ordure. Then haue they .ii. legges wyth the feete on one syde of good reasonable forme and shape, & on the other syde but one legge wyth .ii. feete hauing but .ix. toes, monstrous both legge and feete, as ye may perceiue by the Pycure [...]	[...] with two heads, foure armes, with so many hands, with one belly having the secret parts of a woman, and one fundament. On the one side, there were two feete over-thwart: on the other, one onely stretched out right of forme of two feet, having tenne toes. [...]	... whiche had two bodies, two heades and foure hands, and yet had but one belly, and one nauell : On one side of the bodye came two perfect leggs, and on the other, but one, the same hauing one foote made like two, tyed the one gainst the other with ten toes.
CAUSAS	Such as we be, such is this age/ Behold and you shal se./ So far in vice, do men outrage/ That monsters they may be./ Our bodies growe, al out of kinde/ Our shape is straunge to syght/	But if it be demanded of the cause of such conceptions and birthes, we must know before all things that they come not to passe without the providence of the Almighty and Omipotent God; but also that they are permitted oftenti-	

So Satan hath drawen mans monstrous mynd/ From God, from truth and right./ Wonder no more, make straight your waies/ Stand fast and feare to fall,/	mes by his just judgement for to punish and admo- nish men for their sinnes. Likewise we allege the im- moderate de sire of lust to be a cau- se, whereby it commeth to passe, that the seeds of men and women are caused to be very feeble and imperfect , where- by of ne cessity a feeble and imper- fect Feature must ensue. For the de- fect of seede going before, the conse- quence is, that a defect of the Fea- ture doth follow; and contrariwise, if the seed shall be superfluous, it is easily collected and concluded, that superfluous things are ingen- dred of a super- fluous matter.
---	---

Tabla 2. Esquema comparativo de un mismo caso tratado en una balada, un tratado de obstetricia y un texto sobre prodigios

Aunque en este caso particular la narración del acontecimiento va seguida de las causas que pudieron haberlo provocado, es muy frecuente encontrar explicaciones genéricas aplicables a todos los casos de nacimientos monstruosos al comienzo del capítulo, como introducción a todos los casos, o al final, a modo de conclusión. Esto hace que, en algunos tratados de este primer grupo, como en el anónimo *Aristoteles Master-Piece* (1684), los casos de nacimientos monstruosos se sucedan uno detrás de otro, sin ninguna interpretación de sus causas (Figura 13), adoptando la misma forma que los relatos que se encuentran en los libros de prodigios (Figura 14) o en las narraciones populares contenidas en baladas y panfletos (Figuras 15 y 16).

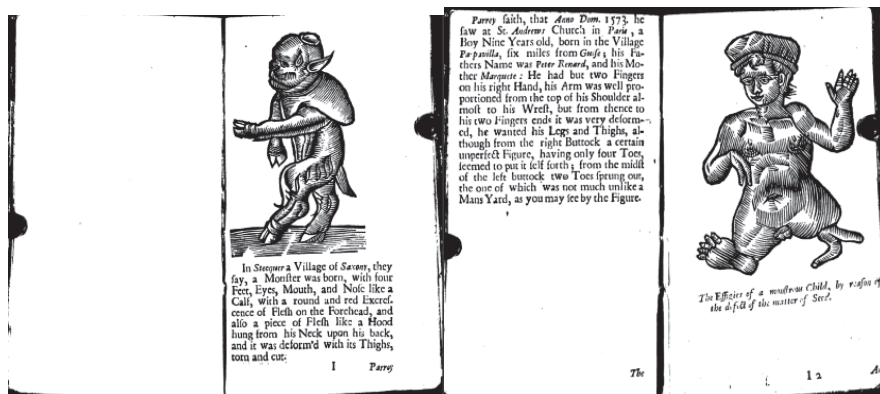


Figura 13. Últimas páginas de Aristoteles Master-Piece (1684) con narraciones e ilustraciones a modo de panfletos

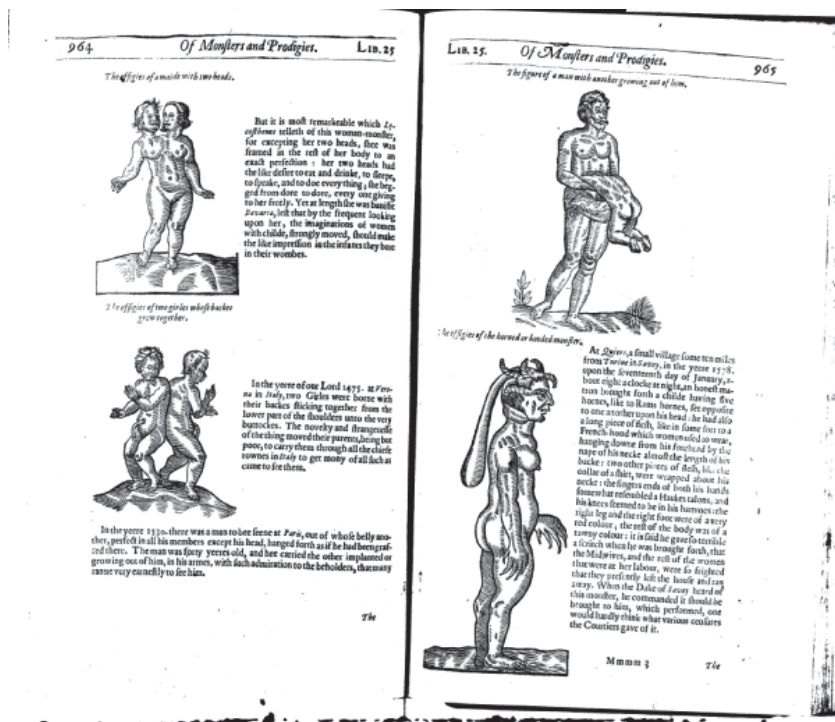


Figura 14. Casos prodigiosos en Paré (1634: 964-965)

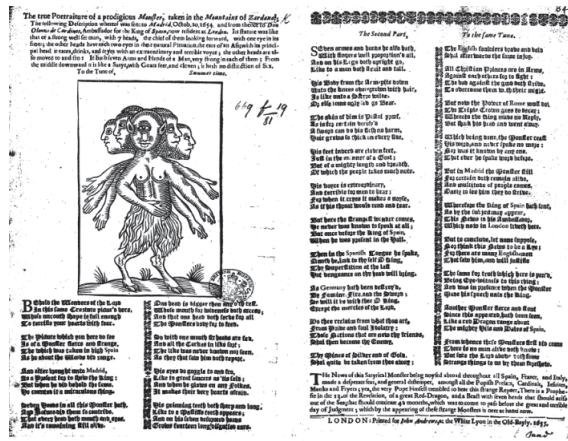


Figura 15. Balada en un pliego: *The true portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana* (Anon. 1655)⁸

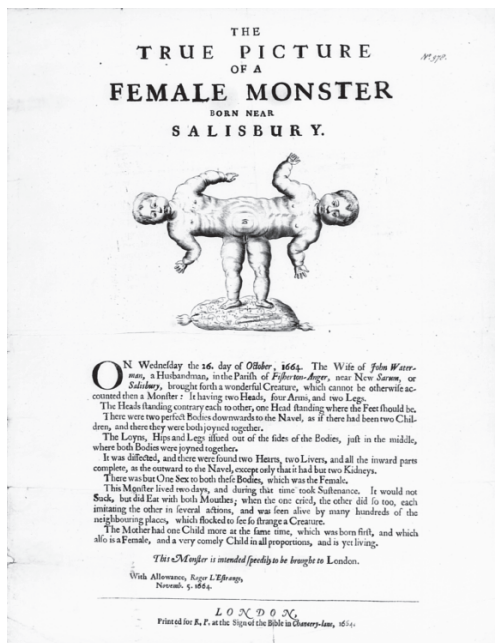


Figura 16. Panfleto: *The true picture of a female monster born near Salisbury* (Anon. 1664)⁹

⁸ Agradecemos los permisos de reproducción concedidos para la Figura 15 a © The British Library Board.

⁹ Agradecemos los permisos de reproducción concedidos para la Figura 16 a la Chetham's Library.

Si bien no todos los tratados de este primer grupo más próximo a la literatura efímera presentan esta disposición de la información, sí que coinciden en reproducir las mismas causas que se han venido repitiendo desde la Antigüedad pasando por la Edad Media hasta llegar a la literatura de panfletos, baladas y prodigios, sin ser capaces de decantarse por un tipo de causas. Así, para un mismo suceso, un autor puede plantear varias posibles razones de muy distinta naturaleza, tal y como se había hecho en los textos antiguos (BRAMMALL 1996: 23-68).

De este modo, Jakob Rüff responsabiliza a Dios o baraja el pecado como causa del nacimiento del monstruo de Cracovia: “The cause of this mishapen Monster, wee ascribe to God alone; yet not withstanding through the insight of our reason, we may perceive also the detestable sinne of Sodomie in this Monster” (RÜFF 1637: 157-158). Pero también señala que la aparición de estos seres coincide con un acontecimiento social reprochable, en este caso, la invasión de Italia por parte del Rey Luis: “These things came to pase, *Ludovicus King of France*, under *Iulius* the eleventh Bishop, wasting and spoiling *Italy*” (RÜFF 1637: 159).

Igualmente, autores de este grupo de tratados repasan las distintas teorías que señalan a Dios, a las estrellas, a la imaginación materna, la lascivia, la calidad o cantidad del semen, el tamaño del útero, como posibles factores que inciden en la forma monstruosa de la criatura:

The Divine refers it to the Judgment of God alone, which if true, without the help of Nature, then, is every Monster a miracle.

Astrologers they refer it to the Stars, and the Position of the Moon in deficient degrees at the time of Conception.

[...] Some hold the imagination of the woman be a great cause, by beholding either such Monsters, or such Pictures [...]

But the greatest cause of womans bringing forth Children imperfect, or mutilated, or crook-backt, or with Issues or Leprosie, &c. I take it to be, because the act of Copulation was done at what time when the woman had her Menstruis upon her.

(CULPEPER 1651: 139-141)

Astrologers they seek the cause in the stars, but Ministers refer it to the just judgments of God [...] But the efficient cause of Monsters, is either from the forming faculty in the Seed, or else the strength of imagination joyned with it; add to these the menstruous blood and the disposition of the Matrix [...] (SHARP 1671: 116-118)

Y las mismas dudas se repiten en otros autores de este primer grupo de tratados que, como Culpeper y Sharp, señalan la falta de consenso entre los distintos estudiosos sobre las causas de estos nacimientos:

Authors differ as much in the Cause. (CULPEPER 1651: 139)

What should be the causes of Monstrous Conceptions hath troubled many great Learned men. (SHARP 1671: 116)

No obstante, a pesar de este espíritu continuista de la mayoría de los tratados de este primer grupo, que se manifiesta, por un lado, en la presentación de estas narraciones a modo de antologías de prodigios y, por otro lado, en la repetición de causas que se remontan a la antigüedad, también se aprecian algunas tendencias divergentes.

John Sadler, por ejemplo, da por supuesto que los lectores conocen estos casos tan populares y, en lugar de reproducirlos al detalle, los menciona brevemente para ilustrar su propuesta de taxonomía que clasifica estas malformaciones atendiendo a cuatro parámetros: su figura, su tamaño, su situación y su número (1636: 133-135). Aunque carece de originalidad, ya que encontramos la misma propuesta en Crooke (1615: 299), e incluso de forma esquemática en Aristóteles, su clasificación supone un intento de poner orden a este sinfín de casos anómalos y de alejarse de la mera anécdota morbosa y conclusiones moralistas (ASMA 2009: 143-144).

En general, podríamos decir que la intención de los relatos en este primer grupo de tratados es la de documentar, describir e interpretar unos hechos fantásticos, tal y como se había hecho en las baladas y en los libros de prodigios que les precedieron, pero no la de proponer soluciones médicas, es decir, posibles medidas preventivas o tratamientos e intervenciones quirúrgicas para mejorar o salvar las vidas de los niños o de sus madres.

3.2. Un acercamiento más científico a las anomalías congénitas: Massaria, Guillemeau, Mauriceu y MacMath

Frente a este tratamiento de los nacimientos monstruosos del primer grupo de tratados, que los acerca a los relatos sobre seres extraordinarios, tenemos un segundo grupo que no contiene casos narrados en panfletos o libros de prodigios, bien porque discuten aspectos generales sobre las deformidades y sus causas, como el volumen de Alessandro Massaria (1657), o

bien porque relatan casos o intervenciones quirúrgicas que ellos mismos han realizado y, por tanto, no se encuentran en ninguna recopilación de hechos prodigiosos, como ocurre en los textos de Guilleméau (1612), Mauriceau (1672), y MacMath (1694).

Llama la atención el hecho de que tres de estos cuatro tratados son traducciones completas o parciales de autores franceses —Jacques Guilleméau, Louise Bourgeois y François Mauriceau—, autores que pertenecen a lo que Danforth (1942) llama la escuela francesa de obstetricia, que jugó un papel fundamental en el desarrollo de esta disciplina en los siglos XVI, XVII y XVIII. Además, todos trabajaron en el Hôtel Dieu de París durante unos años —el hospital más antiguo de la capital parisina—, y tuvieron una relación directa o indirecta con Ambroise Paré, siguiendo sus enseñanzas (DUNN 2004: F185; RUHRÄH 1931: 1172; NURSE 2015; HIBBARD 2000: 22).

A diferencia de los textos del primer grupo, estos tratados no incluyen ilustraciones de seres monstruosos y discuten estos casos de malformación congénita de un modo aséptico. Por un lado, se describe la malformación y el problema que conlleva para la salud del bebé y, por otro, se presentan posibles intervenciones, normalmente llevadas a cabo personalmente por el médico con la supervisión de otros colegas de reconocido prestigio (es el caso de Guilleméau). En estos tratados se habla desde la experiencia y se ofrece la visión de un médico que trabaja en colaboración con otros en la supervisión de los casos, esto explica la inclusión de reflexiones serias y sin tintes sensacionalistas.

Guilleméau (1612: 36), por ejemplo, identifica y denomina una de estas malformaciones en el margen de su tratado como “The rooffe of the mouth cleft”¹⁰. Después de describir la malformación —“I haue seen three little children newly borne [...] all these three children had the rooffe of their mouth cleft and diuided, euen to the bottome of the Nose”—, indica el riesgo que esta malformación conlleva para la salud e incluso la vida del niño que puede llegar a morir porque, como el conducto nasal no está cerrado, cuando succiona, la leche sale por los orificios de la nariz y el niño no se puede alimentar:

¹⁰ Sobre el uso de términos y expresiones científicas para identificar estas malformaciones, véase el apartado 4.

...by meanes whereof they could not sucke: because it is necessarie for one that will sucke well, to haue the aire closed in the mouth, and not to be dissipated and lost: which a child that hath a cleft pallet, cannot do: because the aire doth spread ir selfe abroad, and gets out by the pallet of the mouth and the nose. (GUILLEMEAU 1612: 36)

De ahí que describa una intervención que él mismo practicó con buenos resultados:

Neuertheless, I would counsaile the Chirurgion to make one [pallet], and to fit it with a Little sponge tyed to it, which shall be put handsomely into the said cleft with the pallet: and it must be put in when the child would sucke, and then taken out againe when he hath done. And this haue I practized with good successe. (GUILLEMEAU 1612: 36)

4. El tratamiento de la terminología para referirse a los casos monstruosos

El estudio de los términos utilizados por los autores del corpus para referirse a estos niños nacidos con malformaciones es igualmente revelador de las distintas formas de abordar estos casos en los tratados obstétricos, de ahí la conveniencia de conocer el significado que se atribuye a los términos seleccionados en estos siglos. Su conocimiento ayuda a entender los sentimientos e imágenes que estas palabras pueden evocar en los lectores y las actitudes que despiertan en ellos.

En este sentido, sin embargo, si nos atenemos a los términos utilizados en el título de los capítulos dedicados a las deformidades congénitas, no podemos hacer una distinción entre los autores de uno u otro grupo ya que se observa un uso abrumador del término *monster* o sus derivados en todos ellos, además de un uso, aunque más escaso, de la palabra *imperfection*, como se indica en la Tabla 1. Así, Rüff y Culpeper, a los que hemos clasificado en el primer grupo, hablan de *imperfect children*, pero también Guillemeau, que presenta una orientación más científica, usa el término *imperfections* para referirse a las malformaciones: “Other **imperfections**, that accompanie the Child, when he is borne: as excrescences of flesh, the rooffe of the mouth cleft, a hare lip, and supernumerarie fingers” (mi énfasis). Pero ¿qué evocaba la palabra *imperfection* a un lector inglés del renacimiento?

Para contestar esta pregunta, hemos consultado diccionarios coetáneos a los textos del corpus e incluso alguno posterior. El diccionario matemático de Joseph Moxon (1679), por ejemplo, utiliza este término para referirse a la ceguera o a la cojera que pueden sufrir los niños al nacer:

Azimene Gr. [*Lame, or Weak.*] Certain degrees in the Zodiack are called so by Astrologers; because Persons born when any of them Ascend, are generally lame, blind, or have some other incurable **Imperfection**. (mi énfasis)

Cotgrave (1611), a su vez, en su diccionario bilingüe *A Dictionary of the French and English Tongues*, utiliza como sinónimos de *imperfection* palabras tales como *lamenesse*, *weaknesse*, que hacen referencia a una condición física falta de compleción o de fortaleza. Mientras que Bailey, en su *Universal Etymological English Dictionary* (1737) de principios del XVIII, se refiere a la carencia de algo que es necesario en la naturaleza de las cosas:

IMPERFECTNESS, want of perfection, unperfectness, defect; the want of something that is requisite or suitable to the nature of the thing, F. of L.

En ningún caso, el uso de este término nos traslada a un mundo fantástico poblado de criaturas prodigiosas, sino a un estado físico que se aleja de la naturaleza “normal” de las cosas.

Además de la palabra *imperfection* y otras de la misma familia, en el título de los capítulos que tratan estos casos, los autores del corpus utilizan preferentemente términos que hacen referencia a la monstruosidad de estos nacimientos y que son más propios de la literatura popular de prodigios tan exitosa en la época. Las palabras *monster* y *monstrous* están cargadas de alusiones fantásticas, como se recoge en las definiciones de los diccionarios publicados en Inglaterra durante los siglos XVI y XVII. John Kersey (1702) define así el término *monster* en *A New English Dictionary*:

A Monster, prodigy, or living Creature shap'd, contrary to nature.

Además de *prodigy*, palabras tales como *wonder* o *beast* aparecen junto al término *monster* en diccionarios monolingües y bilingües de los siglos XVI y XVII para explicar el significado de criaturas fantásticas y mitológicas. Además, la idea de seres salvajes y terribles también se asocia a estos términos:

vng monstré, a monstre/ a **wonderfull** thyng or forshapen. (PALSGRAVE 1530)

Belua, a **wilde beast** or **dreadfull** monster. (FLORIO 1611)

Monocerôte, a strange monster that hath the bodie of a Horse, the feete of an Elephant, the taile of an Hog, the head of a Stag and one onely long shining horne in his forehead, taken for an vnicorne. (FLORIO 1611)

Sphinx, gis, or Sphingos, foem. gen. A monster which had the head and hands of a maiden, the body of a dogge, wings like a byrde, nayles like a Lion, a tayle like a Dragon, the voyce of a man, which proposed to men subtile questions [...] (COOPER 1578)

Monstrōsus, & monstrosissimus, a, um. Monstrous, *wonderous*, *straunge*, *past credit or beliefe*. Monstrosus foetus, Lucan. A monster, an vnnaturall birth. (THOMAS 1587)

Monstrum, stri, n.g. A monster or mishapen thing: that exceedeth, lacketh, or is disordered in naturall forme: anie thing done against the course of nature: a monstrous thing & *uncredible*, a *marvelous* signe, a *straunge* sight, a token or shewing, a thing that signifieth: it is also taken for Documentum, Virg. (THOMAS 1587)

Podríamos afirmar, por tanto, que el uso del término *monster* para referirse a estos niños nos traslada a un mundo de fenómenos sobrenaturales y no a casos reales; de hecho, John Wilkins, en *An Essay towards a Real Character and a Philosophical Language* (1668), yuxtapone el concepto ‘sobrenatural’ a la palabra *monster*:

Monster, [*Beside-natural (thing)*]

Por otro lado, si bien es cierto que la palabra *monster* y sus derivados se usan de forma indiscriminada en los títulos de los autores de ambos grupos, la cuestión cambia si nos adentramos en el texto de los capítulos de los autores que se alejan del tono popular de las baladas. De hecho, el propio Massaria, que había utilizado el término *monster* en el título de su capítulo, desea aclarar que “Of Monsters, there is much written, either historically, fabulously, or philosophically; but that appertains not to our present intent or purpose” (1657: 38), dando a entender que su acercamiento a estos casos es puramente médico.

En el apartado 3.2 ya habíamos señalado que Guilleméau introducía un caso médico tras su identificación con el nombre “The rooffe of the mouth cleft”, pues bien, el mero hecho de dar nombre a una malformación implica un espíritu racional y científico llevado por el ánimo de tratar los casos de deformidades no como hechos aislados sino como casos representativos de una deformidad genérica que debe, por tanto, denominarse y clasificarse para su correcta identificación por la comunidad científica (BATES 2005a: 69).

Siguiendo con Guilleméau, este autor se refiere a a las distintas malformaciones con términos médicos “called of the Greekes” (1612: 30), tales como *macrocephalos*, *microcephalos*, *hydrocephalos*, y *phisocephalos* (1612: 30-32) o con denominaciones inglesas como *the hare lip* (lo que hoy se denomina labio le-

porino) y *extraordinary number of fingers* (conocido hoy como polidactilia). Además, estos nombres se sitúan al margen de las páginas para facilitar al lector la consulta de los casos y sus posibles tratamientos e intervenciones. De igual manera, en otros autores del segundo grupo se encuentran términos tales como *hydrocephale* (MAURICEAU 1672: 262) *hydropick* (MAURICEAU 1672: 264) e *hyhdropical* (MACMATH 1694: 220) en su descripción de las deformidades, un rasgo que está ausente en los tratados del primer grupo, más próximos a los panfletos populares y a la literatura de prodigios.

4. Conclusión

Los nacimientos de niños con malformaciones alimentaron la literatura popular inglesa durante los siglos XVI y XVII. Estos textos, que se presentaban en baladas, en panfletos o como parte de los libros de prodigios junto a otros fenómenos naturales, narraban estos nacimientos monstruosos con gran riqueza de detalles con el objeto de dar credibilidad al relato.

Los casos de anomalías congénitas no solo se incluyeron en narraciones de hechos maravillosos, también pasaron a la literatura médica y formaron parte de los primeros tratados de obstetricia publicados en Inglaterra a lo largo del siglo XVII. Sin embargo, la naturaleza médica de estos textos no condicionó la forma de abordar estos nacimientos monstruosos de igual modo. Así, un grupo de tratados presenta unos relatos que se asemejan en muchos sentidos a los que hallamos en la literatura de prodigios. En primer lugar, los casos que recogen estos tratados son los mismos que encontramos en las narraciones sobre monstruos; por otro lado, los textos se acompañan con ilustraciones que son prácticamente idénticas a las que se incluyen en las baladas y libros de prodigios; además, la profusión de datos (fechas, lugares, testigos, etc.) presente en panfletos y relatos de prodigios es otra característica de las descripciones de estos tratados y, por último, la variedad de causas esgrimidas para explicar la aparición de estos niños monstruosos, que van desde la promiscuidad de la madre a motivos religiosos, se ha transmitido desde los relatos de prodigios a estos volúmenes médicos.

Frente a este grupo de tratados, tenemos otro grupo que muestra una orientación más científica ante estos casos y se aleja de los textos populares sobre seres monstruosos. De este modo, en contraste con los tratados del pri-

mer grupo, estos textos presentan casos reales que han sido estudiados por los propios autores y, por tanto, no se recogen en baladas ni en libros de prodigios; no incluyen ilustraciones sensacionalistas y no entran a barajar las posibles y variadas causas de las deformidades sino a proponer tratamientos e intervenciones quirúrgicas para mejorar el bienestar de los niños y sus madres.

A pesar de estas diferencias en la forma de tratar los casos de malformaciones congénitas, los autores de ambos grupos coinciden en utilizar en el título de los capítulos que describen estas anomalías los mismos términos, *monster* e *imperfections*, haciendo alusión a las carencias en la condición física de estos niños y a su aspecto casi sobrenatural. No obstante, los tratados del segundo grupo de nuevo presentan un rasgo definitorio de los textos científicos: el uso de denominaciones científicas que identifican y clasifican los distintos casos para un mejor uso de sus colegas médicos. Parece claro pues, que, aunque en los primeros tratados de obstetricia aún persisten rasgos propios de la tradición literaria sobre hechos prodigiosos, se abre camino una nueva forma más científica de abordar estos casos que parece desprenderse de todo atisbo sensacionalista y se arma de una nueva terminología y un aparato de experiencias médicas que pretenden contribuir al desarrollo de la ciencia médica.

El tratamiento de los llamados *imperfect children* o *monstrous births* en los tratados de obstetricia ingleses redactados a lo largo del siglo XVII es una muestra, por un lado, de la fascinación que estas criaturas prodigiosas despertaban en la época y, por otro, del “increasing medical and scientific interest in monsters” (BATES 2005a: 142). Efectivamente, tal y como indican DASTON y PARK (1998), con referencia al tratamiento de los niños monstruosos en los primeros textos de la Royal Society, las *Philosophical Transactions*, la progresiva adopción de una postura más científica hacia estos fenómenos no conllevó el abandono de la consideración de estas criaturas como seres fantásticos e incluso como resultado de la voluntad divina. De hecho, en línea con las conclusiones alcanzadas por Daston y Park, este estudio ha demostrado que, junto a descripciones detalladas acompañadas de ilustraciones, más propias de las narraciones de prodigios, estos textos revelan la voluntad científica de la literatura médica del momento.

Referencias bibliográficas¹¹

- ANON. (1552), *Thou shalte understande, Chrysten Reader, that the thyrd daye of August last past, Anno. M.CCCCCLII . . . in a towne called Myddleton stonye . . . at the In, called the Sygne of the Egle, there the good wyfe of the same, was deliuered of thys double Chylde, begotten of her late housbande John Kenner*. London.
- ANON. (1655), *The True Portraiture of a Prodigious Monster, Taken in the Mountains of Zardana*. London, printed for Iohn Andrews.
- ANON. (1664), *The True Picture of a Female Monster Born near Salisbury*. London, printed for R. P.
- ANON. (1684), *Aristoteles Master-Piece, or The Secrets of Generation Displayed in All the Parts Thereof*. London, printed for J. How.
- ASMA, S. (2009), *On Monsters. An Unnatural History of Our Worst Fears*. Oxford, Oxford University Press.
- BAILEY, N. (1737), *An Universal Etymological English Dictionary*. London, printed for D. Midwinter.
- BARNES, G. (2012), "Traditions of the monstrous in William Dampier's *New Holland*": J. A. HAYDEN (ed.) (2012), *Travel Narratives, the New Science, and Literary Discourse, 1569-1750*. Surrey, Ashgate, 87-101.
- BATES, A. W. (2000), "Birth defects described in Elizabethan ballads": *Journal of the Royal Society of Medicine* 93 (2000) 202-207.
- BATES, A. W. (2005a), *Emblematic Monsters. Unnatural Conceptions and Deformed Births in Early Modern Europe*. London, The Wellcome Series in the History of Medicine.
- BATES, A. W. (2005b), "Good, common, regular, and orderly: early modern classification of monstrous births": *Social History of Medicine* 18 (2) (2005) 141-158.
- BEARDEN, E. B. (2019), *Monstrous Kinds. Body, Space, and Narrative in Renaissance Representations of Disability*. Ann Arbor, University of Michigan Press.
- BOAISTUAU, P. (1569), *Certaine Secrete Wonders of Nature*. Imprinted at London: by Henry Bynneman.
- BRAIDOTTI, R. (1999), "Signs of wonder and traces of doubt: on teratology and embodied differences": J. PRICE & M. SHILDRICK (eds.) (1999), *Feminist Theory and the Body. A Reader*. New York, Routledge, 290- 301.

¹¹ Dada su extensión, los títulos de las obras de los siglos XVI, XVII y XVIII se registran aquí en su forma corta. Los títulos completos se pueden consultar en la página del *English Short Title Catalogue* <http://estc.bl.uk/F/?func=file&file_name=login-bl-estc>.

- BRAMMALL, K. M. (1996), *Discussions of Abnormality and Deformity in Early Modern England, with Particular Reference to the Notion of Monstrosity*. Tesis doctoral inédita, Dalhousie University, Halifax, Nova Scotia.
- CECCONI, E. (2020), “Paratext and ideology in 17th-century news genres. A comparative discourse analysis of paratextual elements in news broadside ballads and occasional news pamphlets”: M. PEIKOLA & B. BÖS (eds.) (2020), *The Dynamics of Text and Framing Phenomena. Historical approaches to paratext and meta-discourse in English*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 137-185.
- COOPER, TH. (1578), *Thesaurus linguæ Romanæ Britannicæ*. Impressum Londini.
- COTGRAVE, R. (1611), *A Dictionarie of the French and English Tongues*. London, printed by Adam Islip.
- CROOKE, H. (1615), *Mikrokosmographia: A Description of the Body of Man*. London, printed by William Iaggard.
- CULPEPER, N. (1651), *A Directory for Midwives: Or, A Guide for Women, in their Conception, Bearing, and Suckling their Children*. London, printed by Peter Cole.
- CULPEPER, N. (1662), *Culpeper's Directory for Midwives: or, a Guide for Women. The Second Part*. London, printed by Peter Cole.
- DANFORTH, W. C. (1942), “The influence of the French School in the sixteenth, seventeenth, and eighteenth centuries upon the development of gynecology and obstetrics”: *American Journal of Obstetrics and Gynecology* 44 (5) (1942) 743-761.
- DASTON, L. & PARK, K. (1998), *Wonders and the Order of Nature 1150-1750*. New York, Zone Books.
- DAVIES, S. (2013), “The unlucky, the bad and the ugly: categories of monstrosity from the Renaissance to the Enlightenment”: A. S. MITTMAN & P. J. DENDLE (eds.) (2013), *The Ashgate Research Companion to Monsters and the Monstrous*. Surrey, England, Ashgate, 49-75.
- DOMÍNGUEZ-RODRÍGUEZ, M. V. & RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ, A. (2020), “‘All which I offer with my own experience’. An approach to persuasive advertising strategies in the prefatory matter of 17th-century English midwifery treatises”: M. PEIKOLA & B. BÖS (eds.) (2020), *The Dynamics of Text and Framing Phenomena. Historical approaches to paratext and metadiscourse in English*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 163-185.
- DUNN, P. M. (2004), “Louise Bourgeois (1563-1636): royal midwife of France”: *Archives of Disease in Childhood – Fetal and Neonatal Edition* 89 (2004) F185-F187.

- DUROSELLE-MELISH, C. (2001), "A telling of wonders: teratology in Western medicine": *The Watermark. Newsletter of the Archivists and Librarians in the History of the Health Sciences* 24 (4) 41-47.
- EEBO = *Early English Books Online*. ProQuest. Ann Arbor, Michigan <<https://www.proquest.com/eebo>> [última consulta enero 2021].
- ESTC = *English Short Title Catalogue*. British Library. <http://estc.bl.uk/F/?func=file&file_name=login-bl-estc> [última consulta enero 2021].
- FISCHER, S. R. (2003), *A History of Reading*. London, Reaktion Books.
- FLORIO, J. (1611), *Queen Anna's new world of words, or dictionarie of the Italian and English tongues*. London, printed by Melch. Bradwood.
- GLENISTER, T. W. (1964), "Fantasies, facts and foetuses. The interplay of fancy and reason in teratology": *Medical History* 8 (1964) 15-30.
- GREEN, M. H. (2008a), *Making Women's Medicine Masculine*. Oxford, Oxford University Press.
- GREEN, M. H. (2008b), "Gendering the history of women's healthcare": *Gender & History* 20 (3) (2008) 487-518.
- GUILLEMEAU, J. (1612), *Child-birth or, The Happy deliuerie of Women*. London, printed by A. Hatfield.
- HIBBARD, B. (2000), *The Obstetrician's Armamentarium. Historical Obstetric Instruments and Their Inventors*. San Anselmo, California, Norman Publishing.
- HODGEN, M. T. (1964), *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- JANSSENS, E. L. E. (2020), "Louder than words: Broadsheets as agents in a multimedial society": *Forum for Modern Language Studies* 57 (1) (2020) 114-137.
- KERSEY, J. (1702), *A new English dictionary*. London, printed for Henry Bonwicke.
- LYKOSTHENES, K. (1581), *The Doome Warning all Men to the iudgement*. London: imprinted by Ralphe Nubery.
- MASSARIA, A. (1657), *De Morbis Fæmineis, The Womans Counsellour: or, The Feminine Physitian*. London, printed for John Streater.
- MAURICEAU, F. (1672), *The Diseases of Women with Child, and in Child-Bed*. London, printed by John Darby.
- MACMATH, J. (1694), *The Expert Mid-Wife*. Edinburgh, printed by George Mosman.
- MANUEL CUENCA, C. (1986), "Elementos fantásticos en *Los viajes* de Juan de Mandeville": *Atlantis* 8 (1-2) (1986) 21-35.
- MOXON, J. (1679), *Mathematicks Made Easie: Or, a Mathematical Dictionary*. London, printed for Joseph Moxon.

- NURSE, J. (2015), “The scholarly midwife”: Blog de la Wellcome Library, <<http://blog.wellcomelibrary.org/2015/10/the-scholarly-midwife/>> [última consulta febrero 2020].
- PALSGRAVE, J. (1530), *Lesclarciment de la langue francoyse*. [London?], the im-
printtyng fynysshed by Iohan Haukyns.
- PARÉ, A. (1634), *The Workes of that Famous Chirurgion Ambrose Parey translated
out of Latine*. London, printed by Th: Cotes and R. Young.
- PARK, K. Y DASTON, L. J. (1981), “Unnatural conceptions: the study of mons-
ters in sixteenth- and seventeenth-century France and England”: *Past &
Present* 92 (1981) 20-54.
- PIPKIN, S. (2017), “Ambroise Paré’s medical monsters”: Blog de la Wellcome
Library, <[http://blog.wellcomelibrary.org/2017/07/ambroise-pares-
medical-monsters/](http://blog.wellcomelibrary.org/2017/07/ambroise-pares-medical-monsters/)> [última consulta enero 2021].
- PRICE, L. (1639), *A Monstrous Shape, or a Shapelesse Monster*. [London] printed
by M. F.
- RICHARDS, J. (2015), “Reading and hearing *The Womans Booke* in early modern
England”: *Bulletin of the History of Medicine* 89 (2015) 434-462.
- RÜFF, J. (1637), *The Expert Midwife, or An Excellent and Most Neccesary Treatise
of the Generation and Birth of Man*. London, printed by E. G.
- RUHRÄH, J. (1931), “Jacques Guillemeau 1550-1612”: *American Journal of
Diseases of Children* 41 (5) (1931) 1172-1178.
- SADLER, J. (1636), *The Sicke Womans Private Looking-Glasse*. London, printed by
Anne Griffin.
- SAINT-HILAIRE, G. DE (1832), *Histoire Générale et Particulière des Anomalies de
l’Organization Chez l’Homme et les Animaux*. Paris, J.B. Ballière.
- SHARP, J. (1671), *The Midwives Book. Or the Whole Art of Midwifry Discovered*.
London, printed for Simon Miller.
- THOMAS, TH. (1587), *Dictionarium Linguae Latinæ et Anglicanæ*. Cantebrigiæ, Ex
officina Thomæ Thomasii.
- WILKINS, J. (1568), *An Essay towards a Real Character, and a Philosophical
Language*. London, Printed for Sa. Gellibrand, and for John Martyn.
- ZIKA, CH. (2007), *The Appearance of Witchcraft. Print and Visual Culture in
Sixteenth-Century Europe*. London / New York, Routledge.

Resumo: Este texto analisa o tratamento dos chamados “monstrous births” nos tratados de obstetrícia ingleses refogados ao longo do século XVII. O estudo irá demonstrar que se pode distinguir um primeiro grupo de tratados com descrições detalhadas acompanhadas de ilustrações, próprias de baladas e de panfletos de carácter popular e com uma acentuada intenção sensacionalista, e um segundo grupo de tratados com interesse genuíno por este tipo de malformações que revelam a vontade científica de literatura médica da altura.

Palavras-Chave: nascimentos monstruosos; obstetrícia; séc. XVII; livros de prodígios; baladas; panfletos.

Resumen: El presente trabajo analiza el tratamiento de los llamados “monstrous births” en los tratados de obstetricia ingleses redactados a lo largo del siglo XVII. El estudio que proponemos demostrará que se puede distinguir un primer grupo de tratados con descripciones detalladas acompañadas de ilustraciones, propias de baladas y panfletos de carácter popular y con una marcada intención sensacionalista, y un segundo grupo de tratados con un interés genuino por este tipo de malformaciones que revelan la voluntad científica de la literatura médica del momento.

Palabras clave: nacimientos monstruosos, obstetricia, siglo XVII, libros de prodigios, baladas, panfletos.

Résumé : Cet article est une analyse de la façon dont les “naissances monstrueuses” ont été traitées dans les traités anglais d'obstétrique écrits au cours du XVIIe siècle. L'étude proposée montre qu'il est possible de distinguer un premier groupe de traités, qui comprend des descriptions détaillées accompagnées d'illustrations, typiques des ballades et des pamphlets à caractère populaire, et avec une intention sensationnaliste marquée, d'un second groupe d'ouvrages présentant un réel intérêt pour ce type de malformations, qui révèle une finalité scientifique typique de la littérature médicale de cette période historique.

Mots-clés : naissances monstrueuses ; obstétrique ; XVII^e siècle ; livres de merveilles ; ballades ; pamphlets.

“La vida de la preñada, es vida privilegiada.” Olhares em torno da gravidez e do género feminino na literatura ibérica (séculos XVI-XVII)

“La vida de la preñada, es vida privilegiada.” Views on pregnancy and the female gender in Iberian literature (16th-17th centuries)

PAULA ALMEIDA MENDES¹ (CITCEM – Universidade do Porto – Portugal)

Abstract: This article analyses the ways in which issues relating to pregnancy and childbirth were dealt with in *Libro intitulado del parto humano* (1580) by Francisco Nuñez and *Diez Privilegios para mugeres preñadas* (1606) by Juan Alonso de los Ruyces de Fontecha, drawing attention to the construction of a discourse that tends to praise the female gender. We will also try to highlight the dedications of these books, especially emphasizing the defense of marriage and reproduction in the context of post-Tridentine times, and the importance of safeguarding the continuity of the family line.

Keywords: Pregnancy; Childbirth; Literature; Modern Period; Iberian Peninsula.

1. Como uma ampla bibliografia já realçou², a figura feminina — e, muito especialmente, o seu corpo — foi, desde a Antiguidade, equacionada sob várias dimensões (biológicas, religiosas, culturais), devido, em boa medida, à complexidade e difícil compreensão de que se revestia, pois, como é sabido, a mulher era considerada um ser diverso do homem, não apenas física, como também psicologicamente. Desta moldura nos dão conta vários textos gregos e romanos que se inscrevem no filão da literatura relacionada com a medicina ou com a biologia, em que pontificaram autores como Hipócrates, Aristóteles, Herófilo, Sorano ou Galeno, que apreciaram várias problemáticas polarizadas em torno do corpo e da saúde das mulheres, declinando teorias biológicas que vão configurando o campo da “ginecologia”, na medida em que privilegiam dimensões como as patologias, a concepção, a gravidez, o parto, o aborto e até mesmo a contraceção, no sentido de compreender a anatomia e a fisiologia femininas.

Como é sabido, na tradição científica greco-latina, Aristóteles foi o autor que exerceu uma maior influência na construção de uma concepção misó-

Texto recebido em 22.11.2020 e aceite para publicação em 08.03.2021.

¹ paula_almeida@sapo.pt; pmendes@letras.up.pt.

² ROUSELLE (1980); KING (1998); PINHEIRO (2013).

gina da mulher: neste sentido, lembremos que, na sua *História dos Animais*, a considera um macho incompleto e mutilado (II, 3, 737^a), ainda que reconheça, em *Os Económicos*, as suas qualidades para a gestão doméstica. A doutrina aristotélica sobre a inferioridade da mulher conheceria, efectivamente, uma larga fortuna³: disso são exemplo diversos tratados de medicina medieval⁴, mas também outros textos de natureza religiosa, escorados na autoridade de S. Paulo e dos Padres da Igreja, como Tertuliano⁵, ou de juristas que realçavam, cada um a seu modo, a inferioridade feminina, tanto a nível fisiológico, como intelectual, espiritual e moral, considerando a mulher um ser preso à *imbecillitas* da sua natureza corrompida⁶. Em todo o caso, importará realçar que Plutarco, no seu tratado *Mulierum virtutes*, incluído nos *Moralia*, defendeu a pertinência e a necessidade de exaltar ambos os géneros: nesse sentido, apresentou vinte e sete narrativas sobre mulheres gregas e bárbaras, acentuando o papel desempenhado por estas em circunstâncias, cujo controlo deveria ser assegurado pelos homens, tentando, assim, mostrar como as virtudes femininas não eram de menor importância, se comparadas com aquelas comumente conotadas com o género masculino.

Pese embora o facto de, ao longo da Idade Média, se ter vindo a cristalizar uma visão misógina da figura feminina, haverá que sublinhar que outras vozes se foram fazendo ouvir, tais como a de Hildegarda de Bingen, que conjugou esforços no sentido da afirmação de uma doutrina de complementaridade entre os sexos, assim como a “Querelle des Femmes”, despoletada a partir do *Roman de la Rose*, estimulou um controverso debate — que, como realçou Gisela Bock, se vai configurando como uma “querela dos sexos”⁷ —

³ MACLEAN (1985).

⁴ JACQUART (2014) 25-44.

⁵ Lembremos, a título de exemplo, a obra *De Cultu Feminarum*.

⁶ Em todo o caso, importará sublinhar que, sobretudo a partir de finais da Idade Média, a própria Igreja oscilou entre duas tendências contrárias, ambas de matriz bíblica: por um lado, a condenação do género feminino, na medida em que se cria ser, por natureza, lascivo e propenso ao pecado e, por outro, uma relativa valorização da dignidade feminina, na medida em que a mulher foi criada à imagem e semelhança de Deus. MACHADO (1991) 111-115; SEGURA GRAÍÑO (coord.) (2001).

⁷ BOCK (2008).

em que se foram demarcando dois pólos de natureza distinta: um, em defesa das mulheres, o outro, revestido de marca conservadora e misógina⁸.

De resto, a obra *De claris mulieribus* de Giovanni Boccaccio revestir-se-á de uma importância fundamental no sentido da afirmação de um veio literário que se escora na exaltação do género feminino, através de vários exemplos “corporizados” por “claras mulheres”⁹, sustentado por tratados, catálogos ou galerias de “mulheres ilustres”, que, funcionam, de certo modo, como “réplica” ao *De Viris illustribus*, de Petrarca¹⁰. A principal “novidade” que este veio literário comporta reside, justamente, nos moldes que determinam a valorização da figura feminina e da sua *virtus*, que passam a contemplar outras dimensões, como o exercício das letras, das artes, o conhecimento das ciências exactas ou naturais ou das armas ou o acesso ao saber. De um modo geral os autores de obras que se escoravam em uma exaltação do género feminino recorreram ao passado histórico ou mítico para comprovar as qualidades e competências das mulheres, sublinhando, em muitos casos, os seus atributos de coragem, valentia, prudência ou sagacidade militar, opondo-se, claramente, a uma concepção que defendia a diferença entre os sexos, reservando aos homens a força e a razão e atribuindo às mulheres uma maior debilidade e sensibilidade. Nesta moldura, não nos deve causar estranheza que os casos das rainhas Zenóbia, Pentesileia e Semiramis sejam largamente evocados em obras de finais do século XV e da primeira metade do século XVI¹¹, como exemplos que “corporizam” a capacidade política feminina, na medida em que governaram reinos e dirigiram exércitos, ainda que pareçam ter “usurpado” um papel que não era o seu, porque o poder soberano é, tradicionalmente, um poder masculino.

O eco deste enquadramento escorado na exaltação do género feminino declina-se em Portugal, quando, em 1557, o jurista Rui Gonçalves faz editar uma obra intitulada *Dos privilegios & praerogativas que o genero feminino tem por direito comũ & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*, dedicada a

⁸ KELLY (1982) 4–28; ZIMMERMANN (2001) 17–29; WINN (ed.) (2002); VIENNOT (2012).

⁹ BOCCACE (2013).

¹⁰ KOHL (1974) 132–144; JOOST-GAUGIER (1982) 97–115; MENDES (2018).

¹¹ SAMUEL (1975); CASSAGNES-BROUQUET (2004) 169–179; VIENNOT (2008) 131–140.

D. Catarina de Áustria¹². No “Prólogo”, o autor realça, claramente, o propósito que pesou, sobremaneira, na sua decisão de escrever este “tratadinho”: mostrar quão errados estavam os que escreviam contra as mulheres. Neste sentido, Rui Gonçalves exalta, na primeira parte da obra, um conjunto de nove virtudes, nas quais as mulheres são iguais ou superiores aos homens, convocando, assim, os exemplos de mais de cinquenta mulheres, não só coevas, como também antigas¹³.

A defesa da dignidade do sexo feminino é também espelhada em outros textos, tais como o *De nobilitate & praecellentia foeminei sexus, ejusdemque supra virilem eminentia libellus* (1529) de Heinrich Cornelius Agrippa. Logo no início da obra, as palavras de Agrippa permitem perceber as coordenadas principais do seu discurso:

*Dieu très bon très grand, Père et créateur de tous les biens, qui possède à lui seul la fécondité des deux sexes, a créé l'homme à son image et l'a créé mâle et femelle: distinction de sexe qui ne consiste qu'en la situation diferente des parties pour lesquelles la procréation exigeait une diversité. Mais il a attribué à l'homme et à la femme une âme identique et de forme absolument semblable, où la différence des sexes ne se manifeste nullement. [...] Ainsi, en raison de l'essence de l'âme, il n'existe entre l'homme et la femme aucune prééminence de noblesse d'un sexe sur l'autre, et, de naissance, ils ont égales dignité et liberté l'un et l'autre*¹⁴.

Recorrendo a argumentos que visam a exaltação das mulheres, o autor não deixa de valorizar a natureza feminina, sobretudo a capacidade reprodutiva e a menstruação:

*La femme est, en outre, apte plus tôt que l'homme au devoir sacré de la procréation, cela est connu de tous; car à dix ans, et même moins, elle est nubile; l'homme, lui, ne peut engendrer que plus tard. De plus personne n'ignore que, seule des vivipares, la femme est apte à se remettre à l'oeuvre dont nous avons parlé dès qu'elle est enceinte et que commence sa grossesse, ainsi que peu après avoir été délivrée par l'accouchement: et son organe en forme de vase, appelée matrice, est si bien adapté à la Conception que la femme (peut-on lire) a parfois conçu sans s'unir avec un homme*¹⁵.

¹² GONÇALVES (1992).

¹³ FERNANDES (2000) 403-418; LOPES (2019) 19-34.

¹⁴ AGRIPPA (1990) 96.

¹⁵ AGRIPPA (1990) 104.

Agrippa recorre, não raras vezes, aos exemplos “corporizados” por “claras mulheres”, no sentido da afirmação e defesa da dignidade do género feminino. Neste sentido, não nos deve causar estranheza que a figura da Virgem Maria seja valorizada por aquele autor que sublinha, entre as várias facetas que compõem o seu retrato paradigmático, do ponto de vista religioso e moral, a sua maternidade divina¹⁶, claramente ligada à virtude da castidade, que se revestia de uma importância central no contexto da santidade feminina e que vinha sendo exaltada, em larga medida, nas epístolas de São Paulo e em vários textos dos Padres da Igreja.

Com efeito, Nadia Maria Filippini chamou já a atenção para os moldes em que, após o advento do Cristianismo, se foram equacionando questões relacionadas com a concepção e o nascimento. Deste modo, a autora realça que

*il mistero dell'incarnazione ha posto al centro della rappresentazione sacra la nascita (del tutto marginale nel mondo antico) e ha esaltato la figura della Vergine Maria, ma a questo si è intrecciata una costruzione teologica volta a epurare dalla sua figura le tracce della maternità corporea, esonerandola dai dolori del parto, dal sangue e dalle sofferenze, riservate invece a Eva e alle sue discendenti*¹⁷.

Em todo o caso, como realçou Jean-Louis Flandrin, autores como Santo Agostinho desempenhariam, do ponto de vista doutrinário, um papel fundamental, no sentido da defesa de uma limitação da família no ocidente cristão. Os teólogos medievais retomarão a doutrina agostiniana, elogiando, especialmente, a abstinência sexual dos casados, desde que fosse aceite por ambos, na medida em que esta se poderia configurar como uma via para a santificação¹⁸.

¹⁶ “Et l’on raconte qu’il y a des îles où les femmes conçoivent sous l’effet du soufflé du vent, affirmation dont nous nions cependant l’exactitude. Car seule la Vierge Marie, elle seule, dis-je, conçut le Christ sans s’unir à un homme, et enfanta un fils de sa propre substance et de la fécondité de sa nature. Aussi, la bienheureuse Vierge Marie est la mère véritable du Christ selon la nature; et le Christ lui-même est le véritable fils de Vierge selon la nature; je dis “selon la nature” parce qu’il est homme et de plus fils de la Vierge selon la nature, dans la mesure où cette Vierge elle-même ne fut pas assujettie à la corruption de la nature. En conséquence, elle n’enfanta point dans la douleur, ne fut point soumise à la puissance d’un homme, et sa fécondité fut si grande du fait de la bénédiction du Dieu qui a pris les devants, qu’elle n’eut pas besoin pour concevoir du concours de l’homme” (AGRIPPA (1990) 104-105).

¹⁷ FILIPPINI (2017) 16.

¹⁸ FLANDRIN (1970) 68-69.

Obviamente, não podemos esquecer que, ao longo da Idade Média, se foi divulgando um filão literário constituído por obras que se polarizavam em torno de problemáticas relacionadas com a concepção, a gravidez e o parto, assim como com as “doenças femininas”, declinando, assim, uma tradição que remontava à Antiguidade clássica: disso são exemplo os divulgadíssimos “livros de segredos”, como o *De secretis mulierum* do Pseudo Alberto Magno¹⁹ ou os textos de Trótula²⁰. De resto, é importante não perder de vista que, no contexto medieval, se foi acentuando uma tendência, sobretudo no seio da nobreza, escorada, em boa medida, em razões de natureza linhagística, de sustentação do poder senhorial e de transmissão de património, que vinha “exigindo” à mulher o exercício de funções fundamentais, no sentido da continuidade da família. Como acentuaram Ana Rodrigues Oliveira e António Resende de Oliveira

*o casamento, como forma de criação ou de conservação das estruturas de poder e de propriedade teria aqui uma importância primordial, e a principal obrigação da mulher seria a procriação, sendo mesmo a suposta infertilidade feminina causa suficiente para o repúdio da esposa*²¹.

2. Pese embora o facto de, na moldura médica e científica, as teorias biológicas aristotélicas terem vindo a “pontificar” desde a Antiguidade, importará não perder de vista que, a partir do Renascimento, a medicina, enquanto ramo do saber, sofre um processo evolutivo marcado por um novo “compasso”, para o qual muito contribuiu não apenas o desenvolvimento da anatomia experimental, como também a revalorização e a redescoberta, graças ao labor de muitos humanistas, concretizado através do estudo, tradução e comentário, dos textos de Aristóteles, Hipócrates²² ou Galeno, a partir do século XVI.

De resto, é bem sabido como o aparecimento da imprensa de caracteres móveis, graças ao importantíssimo contributo de Johannes Gutenberg, provocou alterações profundas no âmbito da produção do livro — que, paulatinamente, vai mostrando uma crescente autonomização em relação aos pa-

¹⁹ BARRAGÁN NIETO (2012); RECIO MUÑOZ, MARTÍN FERREIRA (2019) 199-222.

²⁰ GREEN (2000) 5-39; GREEN (2008) 197-245.; GREEN (a cura di) (2009).

²¹ OLIVEIRA; OLIVEIRA (2011), p. 309.

²² HIPÓCRATES (2018).

drões gráficos característicos do códice medieval —, promovendo uma múltipla difusão de textos de tipologia diversa e contribuindo, em larga medida, para que se operasse uma evolução cultural na Europa ocidental. Deste modo, a circulação e a divulgação do saber médico amplificam-se, a partir do século XVI, graças às potencialidades oferecidas pelo formato impresso²³: neste enquadramento, as obras sobre ginecologia irão conhecer, naturalmente, uma atenção por parte dos prelos, motivada por razões de natureza prática e didáctica. Com efeito, Monica H. Green²⁴ defende, no seu estudo *Making Women's medicine masculine: the rise of male authority in pre-modern gynaecology* (2008) que a ginecologia, enquanto ciência leccionada nas universidades — e, portanto, apenas acessível a um público estudantil masculino — nasce na primeira metade do século XVI. De acordo com a mesma autora, essa circunstância dever-se-á, em boa medida, à redescoberta do “manual ginecológico” de Hipócrates, cuja tradução latina, da responsabilidade de Marco Fabio Calvi, foi editada, em 1525, em Roma, assim como à edição de *Gynaeciorum libri* (Basileia, 1566)²⁵. A multiplicação das edições de obras sobre ginecologia entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, escritas por autores masculinos e dirigidas para um público também masculino, reflecte, assim, uma tendência que se vinha fazendo sentir desde o século V a. C.: com efeito, como realçou Nancy Demand, a partir dessa época, os autores de tratados daquela natureza estimulam e legitimam um papel mais activo dos homens e, muito especialmente, dos médicos, no domínio da gravidez e do parto exercendo uma função de controlo, “as they created a Hippocratic gynecology”²⁶.

Em todo o caso, equacionar a moldura configurada pela reprodução feminina, nomeadamente no que diz respeito ao parto, implicará, naturalmente, considerar a importância que várias práticas, imbuídas de significados religiosos e espirituais, conheceram nesse enquadramento. Disso é exemplo a devoção a determinados santos, especialmente invocados para si-

²³ MARLAND (ed.) (1993); MONTERO CARTELLE (2010); CARNEIRO (2008), 93-142.

²⁴ GREEN (2008).

²⁵ PINHEIRO (2013) 82-97.

²⁶ DEMAND (1992) 285-287. Sobre a problemática em torno do parto e do recém-nascido, cf. LAGET (1982); GÉLIS (1984). Cf. também BAUDRY (2011) 111-135.

tuações, não raras vezes complicadas, relacionadas com o parto, configurando uma prática que se declinava na oração ou no recurso a relíquias. Entre os variadíssimos exemplos que poderíamos evocar, conta-se o de São Ramon Nonato, cuja devoção se poderá considerar amplificada sobretudo após a edição da sua vida, dedicada a D. Catalina de Aragón Folch Cardona y Cordova, duquesa de Segorbe²⁷. Por sua vez, Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano*, conta-nos que as cadeias de São Geraldo, arcebispo de Braga, que este “usava de dia, trazendoas cingidas, & apertadas ao carão da carne, & de noite, açoutandose, & debrandose asperrimamête cõ ellas”, foram colocadas, no século XV, na capela de D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, “em dous càxilhos com suas grades, para que pudessem ser tocadas, & não limadas dos muitos romeiros, que per todo o discurso do anno em suas necessidades alli concorrem, obrando a poderosa mão divina por ellas continuas, & raras marauilhas, specialmente em mulheres de parto, que valendo-se deste presentaneo remedio os conseguem felices”²⁸.

Deste modo, os exemplos evocados apresentam uma moldura em que a medicina e as práticas terapêuticas da época são relegadas para uma posição secundária, na medida em que estas não conseguem responder com eficácia aos problemas da população — que, de resto, na maioria dos casos, não dispunha de meios económicos que lhe permitisse consultar profissionais da saúde. Sobretudo a hagiografia e a biografia devota, mas também as crónicas religiosas, permitem-nos hoje aceder a um universo enformado por necessidades de natureza terapêutica, em que os santos e as suas relíquias são emulados como um auxílio imediato e sempre útil e seguro...

3. No conjunto de obras sobre a gravidez e o parto, editadas na Península Ibérica, na Época Moderna, gostaríamos de chamar a atenção para o *Libro intitulado del parto humano, en el qual se contienen remedios muy utiles y vsuales para el parto dificultoso delas mugeres, con otros muchos secretos a ello pertenecientes* (Alcalá de Henares, 1580) do doutor Francisco Nuñez e *Diez Previlégios para mugeres preñadas* (Alcalá de Henares, 1606) do doutor Juan Alonso de los Ruices de Fontecha, não apenas pelas temáticas que equacionam, mas sobre-

²⁷ COLOMBO (1676).

²⁸ CARDOSO (1657) 392.

tudo pelo facto de serem dedicadas a duas senhoras — D. Isabel de Avelaneda e D. Juana de Velasco y Aragón, respectivamente —, o que, efetivamente, não constituía uma prática comum — se exceptuarmos, talvez, a obra *Observations diverses sur la stérilité, perte de fruits, fécondité, accouchements et maladies des femmes et enfants nouveau-nés* (1609) de Louise Bourgeois, dedicada à rainha Maria de Médicis —, pois as obras desta natureza eram, em regra geral, dirigidas a um público masculino.

Em todo o caso, importará realçar que vários estudos têm chamado a atenção para a muito significativa emergência de um conjunto de senhoras — “presumíveis” leitoras —, nomeadamente da realeza e da alta nobreza, na transição da Idade Média para o Renascimento²⁹, ao qual vinha sendo direcionado um certo tipo de literatura em vulgar, na linha dos escritos de São Jerónimo a Paula e Eustóquio. Esta tendência aumenta durante os séculos XV e XVI, declinando, em boa medida, os esforços da nobreza no âmbito das estratégias de comunicação da época, potenciando a emergência de meios que a tornam possível e que contribuem para o fortalecimento do seu prestígio familiar e do seu poder simbólico. Ainda que as dedicatórias dirigidas a senhoras se possam ter vindo a tornar tópicos, baseadas no seu poder simbólico ou económico, na fama das suas virtudes ou na exemplaridade do seu comportamento moral, estas declinam a construção de um retrato que se coagula como a da “leitora ideal” e que, nesse sentido, poderia levar outras senhoras a lerem a obra³⁰. Como realça Nieves Baranda

la dedicataria es por principio una lectora ideal del libro a través de la cual el autor puede sugerir a quién lo destina o a quien podría interesar su obra. Es una correspondencia bidireccional, porque el estatus por lo general privilegiado de esas mujeres sirve también para ennoblecer el producto y estimular su lectura por posible identificación”³¹.

Ainda que nem todos os dados valham o que parecem (até porque, como é sabido, a dedicatória de uma obra a uma determinada figura ou a existência de uma obra numa biblioteca não significa que a obra tenha sido lida ou sequer manuseada, obrigando-nos, assim, a lê-las com uma cuidada reserva), parece-nos que os exemplos recolhidos poderão permitir-nos aus-

²⁹ PLEBANI (1996) 23-44.

³⁰ CÁTEDRA (2003) 13-27; TIPPELSKIRCH (2011).

³¹ BARANDA LETURIO (2017) 189.

cultar laços de solidariedade e amizade entre autores e dedicatárias, assim como possíveis gostos de leitura, enformando um processo que se escora, em boa medida, em laços que, socialmente, se “fundem” no processo de circulação livreira e de divulgação da comunicação literária na Península Ibérica de Quinhentos e das primeiras décadas de Seiscentos.

Neste sentido, valerá a pena lembrar alguns dados biográficos sobre o autor do *Libro intitulado del parto humano*. Francisco Nuñez de Coria doutorou-se em Medicina pela Universidade de Alcalá de Henares, seguindo uma tradição familiar³². Em 1580, publicou, em Alcalá de Henares, a *editio princeps* do *Libro intitulado del parto humano*, dedicado a D. Isabel de Avelaneda, mulher de D. Iñigo de Cardenas, membro do Conselho Real de Filipe II. D. Isabel de Avelaneda era filha de D. Juan Gonzalez de Avelaneda, V senhor de Valverde, e de D. Francisca de Leyva, filha esta de D. Sancho Martinez de Leyva de D. Francisca de Guevara, senhores da Casa e vila de Leyva. Casou com D. Iñigo de Cardenas Zapata, comendador de Corral de Almaguer da Ordem de Santiago e senhor da vila de Loeches; deste matrimónio, nasceram cinco filhos — D. Iñigo de Cardenas Zapata e D. Rodrigo Zapata de Cardenas (que sucederam na Casa), D. Juan de Cardenas Zapata, D. Pedro de Cardenas Zapata e D. Garcia de Cardenas Zapata (que faleceram sem geração) — e cinco filhas — D. Isabel, D. Constança, D. Maria, D. Juana e D. Francisca (que faleceram sem geração)³³. Deste modo, a fecundidade de D. Isabel de Avelaneda, traduzida no nascimento de dez filhos, justifica plenamente a dedicatória de uma obra desta natureza, declinando, efectivamente, o peso de perspectivas doutrinárias sobre o papel da mulher na família, divulgado através da literatura religiosa e moral. Por outro lado, importa sublinhar o panegírico que Francisco Nuñez tece à linhagem de que procedia esta senhora, mostrando-se, deste modo, tributário de uma convicção, herdada da tradição clássica, segundo a qual nobreza de nascimento e nobreza de carácter estariam ligadas, e que se foi cristalizando ao longo da Idade Média, na moldura das estratégias de afirmação e legitimação da aristocracia. Neste sentido, lembremos as palavras do autor, na “dedicatória”:

³² MARTÍN RODRÍGUEZ; SANTA HENRÍQUEZ (2006) 99.

³³ PELLICER DE OSSAU Y TOVAR (1667) 13-14.

Del proposito y fin dela obra, porque como el fin della sea socorrer al nacimiento del genero humano, por quien Dios crio el cielo y tierra, y se hizo hombre, y v. m. haya en este particular alcançado de Dios este gran don, couiene a saber, ser foecunda en aumentar tan Illustre sangre como dela que descendey, y la del muy Illustre señor don Iñigo de Cardenas vuestro marido descendência muy Illustre de los çapatos y Cardenas: para eneste particular tuue no por pequeño motiuo en dedicar esta obra a v. m. porque este don de proliferar ser cõcedido particularmente de Dios.

No processo de redacção da obra, Francisco Nuñez socorre-se de várias fontes gregas, entre as quais se incluem *De Natura Pueri* e *De Octimestri Partu* de Hipócrates, *Historia Animalium* de Aristóteles, *De Semine* de Galeno, *Naturalis Historia* de Plínio, e textos de Solano e de Avicena. O interesse em conhecer e em explicar o “universo” configurado pela ginecologia declina-se, ao longo de trinta e cinco capítulos, no equacionamento de questões relacionadas com o parto natural, o parto fácil ou difícil, sublinhando sinais para preveni-los e práticas para auxiliar o parto perigoso — não deixando de resgatar exemplos de mulheres que deram à luz seres monstruosos³⁴ —, propondo remédios para ajudar no momento do parto (entre os quais umas “píldoras” para provocar o parto, feitas com canela e erva “sabina”, mirra ou sumo), equacionando a cura de acidentes antes e depois do parto, tal como o da “matriz salida”, e questões relacionadas com o aborto. Pese embora o facto de se tratar de uma obra sobre ginecologia, não deixa de ser sintomático notar que Francisco Nuñez inclui um capítulo, intitulado “de los remedios para contra las bruxas, y contra todo género de sauandijas que offenden los niños”³⁵.

Por sua vez, o doutor Juan Alonso de los Ruices de Fontecha, catedrático na Faculdade de Medicina da Universidade de Alcalá de Henares, dá à estampa, em 1606, a obra *Diez Privilegios para mugeres preñadas*³⁶, dirigindo-a a D. Juana de Velasco y Aragón, duquesa de Gandia, e a seu filho D. Gaspar de Borja. Esta senhora era filha de D. Iñigo Fernandez de Velasco, IV duque de Frias e condestável de Castela, e D. Ana de Aragón e casou com D. Francisco de Borja, VI duque de Gandia³⁷; deste matrimónio, nasceram sete filhos. Na dedicatória que acompanha o aparato paratextual, o autor realça e exalta,

³⁴ Veja-se, a propósito, DELCOURT (1938).

³⁵ NUÑEZ (1580) f. 159 v.

³⁶ Impressa em Alcalá de Henares, por Luys Martynes.

³⁷ SALAZAR Y CASTRO (1795) 50.

compreensivelmente, a fertilidade de D. Juana de Velasco y Aragón, que constitui um corolário do seu matrimónio e uma espécie de “consequência”, originada pela alta e ilustre estirpe de que descendia a duquesa de Gandia:

Considerando la larga mano, con que la magestad de Dios nuestro Señor ha fertilizado las muy illustres, y generosas entrañas de vuestra excelência, con los dichosos preñados, y felices partos, (aunque como de cuerpo de tan delicado temperamento) de los ínclitos, y insignes, señores, y señoras, el Duque dō Carlos de Borxa, el Maestre de Campo don Diego, el Maestre en sancta Theologia, don Gaspar Canonigo de la sancta Yglesia de Toledo, don Baltasar Arcediano de Iatiua, don Iuan, don Melchor, doña Magdalena; y doña Catalina de Borxa, y teniendo delante los ojos el perpetuo agradecimiento, que vuestra excelência tiene siempre a Dios nuestro Señor, por los beneficios recebidos de bendita mano, y la verdad de aquel prouerbio Español que dize: no ay mas piadoso cirujano, que el que fue bien acuchilado: me parecio sin duda, que nadie en el mundo ternia la humanidad, piedad, y misericordia, de las congojosas preñadas, afligidas paridas, y tiernas criaturas, que vuestra excelência, y passando adelante a buscar grandeza, y poder [...] propagado en vuestra excelência, le hallè de insignes varones, y Príncipes, que han professado esto por muchos siglos, y por tantos, que ay historias autenticas, y muy verdadeiras, que del año de nouezientos a esta parte, que va ya para ochocientos años, no há faltado de la antiquíssima, y excelentíssima casa de Velasco varon insigne, que no lo aya professado, ni faltado a las cosas de importância del seruicio de Dios nuestro Señor y de la Real corona, de lo que es buena prueua, auerle dado el Rey a don Pedro de Velasco, titulo de Redemptor deste Reyno, y de Conde Estable, para el, y para sus descendientes.

Mostrando-se também, tal como Francisco Nuñez, fiel à convicção de que nobreza de nascimento e a de carácter estariam ligadas³⁸, Juan Alonso de los Ruices de Fontecha declina, na “dedicatória” da obra, uma reflexão polarizada em torno do “ilustre sangue” e da “virtude”, escorando-a em uma lógica familiar e linhagística. De resto, não deixará de ser curioso notar que a D. Ana de Velasco, sobrinha de D. Juana, Manuel Alvarez de los Reys dirigiu o *Libro de las alabanzas de la gloriosa santa Ana y san Ioachin, y su carta executória, y letras en loor de otros santos* (Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1604), escorando a justificação desta dedicatória, justamente, em aspectos de natureza semelhante, realçando dimensões relacionadas a faceta espiritual e mora e a vida familiar e doméstica de D. Ana. Neste sentido, talvez não seja “violento” afirmar que Manuel Álva-

³⁸ Sobre a tratadística nobiliária, na Época Moderna, e a influência que autores clássicos, como Aristóteles e Cícero, exerceram ao nível da formulação do conceito de nobreza, veja-se GUILLÉN BERRENDERO (2011) 111-142.

rez de los Reyes pretendeu aproximar a figura desta duquesa à de Santa Ana, cuja iconografia e cujo culto, ao longo dos séculos XV a XVII, foi acompanhada por uma evolução da imagem da mãe na sociedade cristã, contribuindo para associar a maternidade cristã à imagem da mãe educadora³⁹.

A obra de Ruices de Fontecha declina um elogio do género feminino, revestindo o discurso de uma tónica moral e espiritual tributária de outros textos que, sobretudo nos tempos pós-Trento, foram investindo na valorização da capacidade reprodutiva da mulher, associada ao sacramento do matrimónio e ao seu papel social, enquanto responsável pela perpetuação da linhagem e da família.

4. Por tudo isto, parece-nos que valerá a pena tecer algumas reflexões. Ainda que se trate de obras de natureza médica, não deixa de ser curioso o facto de os seus autores as dedicarem a senhoras e não a um público constituído por profissionais da saúde. Será, efectivamente, legítimo questionar se D. Isabel de Avellaneda e D. Juana de Velasco y Aragón seriam leitoras de textos desta natureza — ou, pelo menos, se a ginecologia seria uma temática sobre a qual tivessem algum interesse... Em todo o caso, parece-nos que será, justamente, importante destacar a crescente “presença” de senhoras na moldura da circulação de livros, na medida em que estas se configuram como agentes nas estratégias de comunicação durante a Contra-Reforma.

Por outro lado, importará não perder de vista que as dedicatórias se configuram como espaços de divulgação de pautas comportamentais e morais femininas, na linha de outros textos, que se inscreviam na literatura doutrinária e moral, que, sobretudo nos tempos pós-Trento, foram privilegiando a valorização do sacramento do matrimónio, o modelo dos “bem casados” (para utilizarmos a feliz designação proposta por Maria de Lurdes Correia Fernandes)⁴⁰ e a centralidade de que se revestia a educação dos filhos. Neste sentido, estes textos traduzem a progressiva valorização do estado de casada e da sua faceta activa, no âmbito da capacidade de gestão da vida doméstica, e, sobretudo, de educação cristã dos filhos⁴¹, reflectindo, por sua vez,

³⁹ LUNA (1991) 53-64; RUIZ-CALVEZ (1992) 123-155.

⁴⁰ FERNANDES (1995).

⁴¹ FERNANDES (1995) 163-198 e 339-402; GARFAGNINI (1996) 237-251; LEUZZI (1996) 253-267.

a valorização do papel desempenhado pela mulher no seio da família moderna, e, deste modo, preparando a via que culminará com a exaltação da figura da “mãe de família”, a partir do século XIX⁴².

De resto, a tónica que marca a construção destas dedicatórias parece ser também tributária do peso de que se revestiam outras obras que se inscreviam na moldura da Contra-Reforma, em que se assistiu a uma revalorização, na esteira das directrizes tridentinas, da figura da Virgem Maria, emulada como modelo de santidade feminina. Deste modo, a exaltação da faceta de maternidade divina da Virgem Maria talvez permita justificar as dedicatórias dirigidas a estas senhoras, emuladas como modelos de virtude, na medida em que escoravam o seu comportamento no exercício das virtudes e práticas espirituais e devotas, almejando atingir a perfeição cristã.

Do mesmo modo, Francisco Nuñez e Juan Alonso de los Ruices de la Fontecha sublinham, nas dedicatórias das obras, a importância de que se revestia a linhagem, equacionando um conceito de nobreza que se escora no ilustre sangue e na excelência do carácter. Neste sentido, estes paratextos revelam-se tributários de uma cultura genealógica que se declinou em um amplo veio literário, que parece ter sido influenciado por motivos práticos e específicos, que se prendem com a concepção de uma continuidade do poder e da existência de uma relação “especial” entre nobreza e “virtude”. Como realçou António Manuel Hespanha, “a imagem da família e do mundo doméstico — como grupo humano e como universo da afectividade — está presente por todo o lado no discurso social e político da sociedade do antigo regime”⁴³. Por isso mesmo, a valorização do género feminino e das suas características intrínsecas e específicas continuará a suscitar reflexões e debates, potenciando releituras da tradição clássica reactualizada à luz da modernidade que poderão, talvez, tornar-se menos opacas, se confrontadas com a análise de outras fontes inéditas ou pouco conhecidas, de molde a lançar uma nova luz sobre as temáticas em torno de “dar à luz”.

⁴² FLANDRIN (1992), p. 187-218.

⁴³ HESPANHA, 1993: 951. Sobre esta temática, veja-se também: CLAVERO, 1994: 7-141; CUNHA & MONTEIRO, 2010: 47-75.

Bibliografia

- AGRIPPA, H. C. (1990), *De Nobilitate et praecllementi foeminei sexus*. Tradução de O. SAUVAGE. Genève, Librairie Droz.
- ARISTÓTELES (2004). *Os Económicos*. Introdução, notas e tradução do original grego e latino de D. F. Leão. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ARISTÓTELES (2008), *História dos Animais*. Tradução de M. de F. S. e SILVA. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2 vols.
- BARANDA LETURIO, N. (2017), “Por persona interpuesta: agencia cultural femenina en la temprana modernidad española”: en H. GALLEGU FRANCO, M. C. GARCÍA HERRERO (eds.) (2017), *Autoridad, poder e influencia. Mujeres que hacen Historia*. Barcelona, Icaria Editorial, 185-206.
- BARRAGÁN NIETO, J. P. (2012), *El De secretis mulierum atribuido a Alberto Magno* (estudio, edición crítica y traducción). Porto, Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales.
- BAUDRY, H. (2011), “Approches iconographiques du corps féminin dans le livre medical (XVI^e-XVII^e s.). Essai d'iconogynie historique”: P. F. da COSTA, A. CARDOSO (org.), *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*. Lisboa, Edições Colibri.
- BOCCACE (2013), *Les Femmes Illustres. De Mulieribus Claris*. Texte établi par Vittorio ZACCARIA; traduction, introduction et notes de Jean-Yves BORIAUD. Paris, Les Belles Lettres.
- BOCK, G. (2008), *Le donne nelle storia europea*. Roma, Laterza.
- CARDOSO, J. (1657), *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres (...)*. Tomo II. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira.
- CARNEIRO, M. (2008), *Ajudar a Nascer. Parteiras, saberes obstétricos e modelos de formação (século XV-1974)*. Porto, Editora da Universidade do Porto.
- CASSAGNES-BROUQUET, S. (2004), “Penthésilée, reine des Amazones et Preuse, une image de la femme à la fin du Moyen Âge”: *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, n° 20 (2004) 169-179.
- CÁTÉDRA, P. M. (2003), “‘Bibliotecas’ y libros ‘de mujeres’ en el siglo XVI”: *Península. Revista de Estudos Ibéricos* n° 0 (2003), 13-27.
- CLAVERO, B. (1994), “*Beati Dictum: derecho de linaje, economia de familia y cultura de orden*”: *Quaderni Storici* 86 (1994), 7-141.

- COLOMBO, Fr. F. (1676), *Vida del glorioso Cardenal San Ramon Nonnat, taumaturgo segundo en sus continuados milagres. Protector de las mugeres preñadas en el riesgo se sus partos*. Madrid, Antonio González de Reyes.
- CUNHA, M. S. da; MONTEIRO, N. G. (2010), "Aristocracia, poder e família em Portugal, séculos XV-XVIII": *Sociedade, Família e Poder na Península Ibérica. Elementos para uma História Comparativa/Sociedad, Familia y Poder en la Península Ibérica. Elementos para una Historia Comparada*. Lisboa, Edições Colibri/CIDEHUS – Universidade de Évora / Universidad de Murcia, 47-75.
- DELCOURT, M. (1938), *Stérilités mystérieuses et naissances maléfiques dans l'Antiquité classique*. Liège, Presses Universitaires de Liège.
- DEMAND, N. (1992), "Monuments, midwives and gynaecology": Ph. J. van der Eijk, H. F. HORSTMANSHOFF, P. H. SCHRIJVERS (eds.), *Ancient medicine in its socio-cultural context*. Amsterdam, Rodopi, 275-290.
- FERNANDES, M. de L. C. (1995), *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa/ Faculdade de Letras do Porto.
- FERNANDES, M. de L. C. (2000), "Literatura moral e discursos jurídicos. Em torno dos "privilégios" femininos no século XVI em Portugal": *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literatura*, vol. XVII (2000), 403-418.
- FILIPPINI, N. M. (2017), *Generare, partorire, nascere. Una storia dall'antichità alla provetta*. Roma, Viella.
- FLANDRIN, J.-L. (1970), *L'Église et le contrôle des naissances*. Paris, Flammarion.
- FLANDRIN, J.-L. (1992). *Famílias. Parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga* (trad. M. F. Gonçalves de Azevedo). Lisboa, Editorial Estampa.
- GARFAGNINI, M. D. (1996), "Autorità maschili e ruoli femminili: le fonti classiche degli "economici""": G. ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 237-251.
- GELIS, J. (1984), *L'arbre et le fruit. La naissance dans l'Occident moderne (XVI-XIX^e siècle)*. Paris, Fayard.
- GONÇALVES, R. (1992), *Dos privilegios & praerogativas que o genero feminino tem por direito comũ & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*. Apresentação de Elisa Maria Lopes da Cunha. Lisboa, Biblioteca Nacional.
- GREEN, M. H. (2000), "From 'Diseases of Women' to 'Secrets of Women': The Transformation of Gynecological Literature in the Later Middle Ages": *Journal of Medieval and Early Modern Studies* 30 (2000), 5-39.

- GREEN, M. H. (2008), *Making Women's medicine masculine: the rise of male authority in pre-modern gynaecology*. Oxford, Oxford UP.
- GREEN, M. H. (a cura di) (2009), *Trotula. Un compendio medieval di medicina delle donne*. Firenze, Sismel – Edizioni del Galluzzo.
- GUILLÉN BERRENDERO J. A. (2011), "Interpretaciones del héroe clásico: La genealogía de la idea de noble/honrado y su desarrollo en la tratadística nobiliaria luso-castellana (1556-1640). Algunos ejemplos": *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 13 (2011), 111-142.
- HESPANHA, A. M. (1993), "Carne de uma só carne: para uma compreensão dos fundamentos histórico-antropológicos da família na época moderna": *Análise Social*, vol. XVIII (123-124), 951-973.
- HIPÓCRATES (2018), *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia* (coord. A. A. A. de SOUSA). Coimbra/São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume.
- JACQUART, D. (2014). "La morphologie du corps féminin selon les Médecins de la fin du Moyen Âge". In *Recherches médiévales sur la nature humaine. Essais sur la réflexion médicale (XII^e-XV^e s.)*. Firenze. Sismel/Edizioni del Galluzzo, 25-44.
- JOOST-GAUGIER, C. L. (1982), "The early beginnings of the notion of *Uomini Famosi* and the *De Viris Illustribus* in Greco-Roman literary tradition": *Artibus et Historiae*, 6 (1982), 97-115.
- KELLY, J. (1982), "Early Feminist Theory and the Querelle des femmes, 1400–1789": *Signs. Journal of Women in Culture and Society*, 8.1 (Autumn 1982), 4-28.
- KING, H. (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. London & New York, Routledge.
- KOHL, B. (1974), "Petrarch's prefaces to *De viris illustribus*": *History and Theory*, 13 (1974), 132-144.
- LAGET, M. (1982), *Naissances. L'accouchement avant l'âge de la clinique*. Paris, Éditions du Seuil.
- LEUZZI, M. F. (1996), "Vita coniugale e vita familiare nei trattati italiani fra XVI e XVII secolo": G. ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 253-267.
- LOPES, M. A. (2019), "Um jurista em busca da protecção das mulheres nos meandros da lei quinhentista": D. PIRES, F. A. MACHADO, J. E. FRANCO, M. SEIXAS, M. A, LOPES, P. de ASSUNÇÃO, P. CALAFATE, R. VENTURA, S. ALVES-

- JESUS (coord.), *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. Primeiros Textos sobre Igualdade e dignidade humanas*. Lisboa, Círculo de Leitores, 19-34.
- LUNA, L. (1991), "Santa Ana, modelo cultural del Siglo de Oro": *Cuadernos Hispanoamericanos*, 498, 53-64.
- MACHADO, A. M. e S. (1991), "A mulher e a representação do mal na hagiografia medieval portuguesa": *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, vol. II. Lisboa, Cosmos, 111-115.
- MACLEAN, I. (1985), *The Renaissance notion of Woman. A study in the fortunes of scholasticism and medieval science in European intellectual life*. Cambridge University Press.
- MARLAND, H. (ed.) (1993), *The Art of Midwifery. Early Modern Midwives in Europe*. London and New York, Routledge.
- MARTÍN RODRÍGUEZ, A. M.; SANTA HENRÍQUEZ, G. (2006), *El Humanismo español, su proyección en América y Canarias en la época del Humanismo*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.
- MENDES, P. A. (2018), "Galleries de papier: les catalogues et les recueils d'hommes et de femmes illustres au Portugal (XVI-XVIII siècles)": *Les Grandes Figures Historiques dans les Lettres et les Arts*, n° 7 (2018).
- MONTERO CARTELLE, E. (2010), *Tipologia de la literatura médica latina. Antigüedad, Edad Media, Renacimiento*. Porto, Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales.
- NUÑEZ, F. (1580), *Libro intitulado del parto humano, en el qual se contienen remedios muy utiles y vsuales para el parto dificultoso delas mugeres, con otros muchos secretos a ello pertenescientes*. Alcalá de Henares.
- OLIVEIRA, A. R.; OLIVEIRA, A. R de (2011), "A Mulher": B. V. e SOUSA (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*. Lisboa, Temas & Debates/Círculo de Leitores.
- PELLICER DE OSSAU Y TOVAR, J. (1667), *Genealogia de la Casa de Avellaneda, procedida de los señores de Vizcaya, copiada del Teatro Genalogico*. Madrid.
- PINHEIRO, C. S. (2013), "Corpos em construção: natureza e condições do corpo feminino na Antiguidade greco-romana": *Cadmo – Revista de História Antiga* 20 (2013) 479-497.
- PINHEIRO, C. S. (2013), "Os Gynaikeia de Sorano de Éfeso e a reflexão sobre a condição feminina na medicina antiga": C. PINHEIRO, A. M. EMONTS, M. G. FRANCO, M. J. BEJA (coord.), *Mulheres: Feminino, Plural*. Funchal, Nova Delphi, 82-97.

- PLEBANI, T. (1996), "Nascita e caratteristiche del pubblico di lettrici tra medioevo e prima età moderna": G. ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 23-44.
- RECIO MUÑOZ, V.; MARTÍN FERREIRA, A. I. (2019), "La transmisión de los "Secretos de mujeres": de Salerno al siglo XIV": *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 21 (2019), 199-222.
- ROUSSELLE, A. (1980), "Observation feminine et idéologie masculine: le corps de la femme d'après les Médecins grecs": *Annales (Économies, Sociétés, Civilisations)* 35-5 (1980) 1089-115.
- RUICES DE FONTECHA, J. A. de los (1606), *Diez Privilegios para mugeres preñadas*. Alcalá de Henares.
- RUIZ-CALVEZ, E. (1992), "Religion de la Mère, religion des mères. Sainte Anne éducatrice: les images de la mère selon l'iconographie de S. Anne": J. DELUMEAU (dir.), *La religion de ma mère. Le rôle des femmes dans la transmission de la foi*. Paris, Éditions du Cerf, 123-155.
- SALAZAR Y CASTRO, L. (1795), *Arboles de Costados de gran parte de las primeras casas de estos reynos*. Madrid, en la Imprenta de D. Antonio Cruzado.
- SAMUEL, P. (1975), *Amazones, guerrières et gaillardes. Mythes de la masculinité de la femme*, Bruxelles.
- SEGURA GRAÍÑO, C. (coord.) (2001). *Feminismo y misoginia en la literatura española. Fuentes literarias para la Historia de las Mujeres*. Madrid, Narcea.
- TIPPELSKIRCH, X. von (2011), *Sotto controllo. Letture femminili in Italia nella prima età moderna*. Roma, Viella.
- VIENNOT, E. (2008), "Les Amazones dans le débat sur la participation des femmes au pouvoir à la Renaissance": G. LEDUC (dir.), *Réalité et représentations des Amazones*. Paris, L'Harmattan, 131-140.
- VIENNOT, E. (2012), *Revisiter la 'querelle des femmes': discours sur l'égalité / inégalité des sexes, de 1750 aux lendemains de la Révolution*. Saint-Étienne, Publications de L'Université de Saint-Étienne.
- WINN, C. H. (ed.) (2002), *Protestations et revendications féminines. Textes oubliés et inédits sur l'éducation féminine (XVI^e -XVII^e siècle)* (édition établie, présentée et annotée par Colette H. WINN. Paris, Honoré Champion.
- ZIMMERMANN, M. (2001), "The Querelle des Femmes as Cultural Studies Paradigm": A. J. SCHUTTE (ed.), *Time, Space and Women's Lives in Early Modern Europe*. Kirksville, Truman State University Press, 17-29.

* * * * *

Resumo: Este artigo analisa os moldes em que se processou o tratamento de questões relacionadas com a gravidez e o parto nas obras *Libro intitulado del parto humano* (1580) de Francisco Nuñez e *Diez Privilegios para mugeres preñadas* (1606) de Juan Alonso de los Ruyces de Fontecha, chamando a atenção para a construção de um discurso que tende a exaltar o género feminino. Procurar-se-á também realçar as dedicatórias destas obras, sobretudo no que diz respeito à valorização do matrimónio e da reprodução nos tempos pós-Trento e da importância de salvaguardar a continuidade da linhagem familiar.

Palavras-chave: Gravidez; Parto; Literatura; Época Moderna; Península Ibérica.

Resumen: Este artículo analiza las formas en que se abordaron las cuestiones relacionadas con el embarazo y el parto en las obras *Libro intitulado del parto humano* (1580) de Francisco Núñez y *Diez Privilegios para mugeres preñadas* (1606) de Juan Alonso de los Ruyces de Fontecha, llamando la atención sobre la construcción de un discurso que tiende a exaltar el género femenino. También trataremos de destacar las dedicatorias de estas obras, especialmente en lo que respecta a la valorización del matrimonio y la reproducción en el contexto de la época posttridentina y la importancia de salvaguardar la continuidad de la línea familiar.

Palabras clave: Embarazo; Parto; Literatura; Edad Moderna; Península Ibérica.

Résumé: Cet article analyse la manière dont les questions liées à la grossesse et à l'accouchement ont été traitées dans les ouvrages *Libro intitulado del parto humano* (1580) de Francisco Nuñez et *Diez Privilegios para mugeres preñadas* (1606) de Juan Alonso de los Ruyces de Fontecha, attirant l'attention sur la construction d'un discours qui tend à exalter le genre féminin. On met aussi en évidence les dédicaces de ces livres, notamment en ce qui concerne la valorisation du mariage et de la reproduction dans le contexte des temps après le Concile de Trente et l'importance de sauvegarder la continuité de la lignée familiale.

Mots clés: Grossesse ; Accouchement ; Littérature ; Époque moderne ; Péninsule Ibérique.

Alguns olhares sobre a menstruação

Some views on menstruation

ALEXANDRA ESTEVES¹ (*Universidade Católica Portuguesa; Lab2PT-ICS-Universidade do Minho — Portugal*)

Abstract: Menstruation and menstrual blood have been the object of the most disparate theories and fabulations, some of which, though dating back to Antiquity, have long endured and been followed in subsequent historical periods. In this paper we will seek to outline the views set forth by some doctors on such matters, especially as they have been expressed in academic studies carried out in the 19th century and the beginning of the 20th. Concomitantly, we will examine the reasons underlying the subaltern status and subordination of women to men, since menstruation is often evoked as one of the arguments supporting it.

Keywords: woman; menstruation; medicine.

A história da menstruação permaneceu silenciada durante muito tempo, sendo até considerada um assunto menor, de pouca relevância. No entanto, confunde-se com a história da mulher, em particular da sua subalternização e inferiorização, em que a menstruação foi usada como argumento². É também uma história de medo, seja da menstruação seja do sangue menstrual, que se deve, essencialmente, ao desconhecimento sobre estas matérias, que perdurou praticamente até ao século XX, e aos mitos que sobre elas se foram construindo.

Em diferentes épocas, o sangue menstrual foi encarado de modo diverso, nem sempre com sentido negativo, como mostra a multiplicidade de designações que foi tomando. Também a menstruação e a forma como foi perspectivada passaram por variações contextuais, ditadas por fatores culturais, religiosos, entre outros, alguns dos quais ainda subsistem. A este propósito, atente-se, por exemplo, nas restrições vigentes no seio do Judaísmo e do Islamismo ou na proibição, que vigorava até há pouco tempo, de mulheres hindus com idade para serem menstruadas entrarem no Templo Sabarimala, um dos

Texto recebido em 12.03.2021 e aceite para publicação em 17.03.2021.

¹ estevesalexandra@gmail.com.

² CRAWFORD (1991) 47-73.

locais de peregrinação mais sagrados do hinduísmo, ou ainda nos mitos que permanecem no imaginário popular³.

Muitas ideias sobre a menstruação resistiram à erosão do tempo, designadamente as defendidas por Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Plínio. Este último contribuiu para a conceção poluente e conseqüente perigosidade do sangue menstrual, que se manteve nos tempos medievos, pela mão de, entre outros, Isidoro de Sevilha, que acreditava que a sexualidade era produto do pecado original, focando-se na menstruação como forma de promover o celibato e desencorajar o desejo sexual, mesmo dentro do casamento⁴. Aliás, ainda nos inícios do século XX, Plínio era citado na argumentação médica a propósito da menstruação.

A nossa análise centra-se em clínicos que se interessaram pelo mênstruo, no século XIX e nos inícios do século XX, dando particular relevo às dissertações que sobre este assunto e matérias afins foram apresentadas à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Trata-se de trabalhos académicos que serviam para fechar um ciclo formativo e obter o título de médico-cirurgião, pois, até 1911, o título de médico era concedido apenas pela Universidade de Coimbra. Alguns dos futuros profissionais descreviam ou utilizavam como objeto de estudo casos que tinham acompanhado durante o estágio.

Apesar das limitações de natureza variada, consideramos relevante a divulgação do pensamento médico sobre o tema, dada a influência que os clínicos exerceram sobre a interpretação popular da menstruação, que implicava a posição da mulher na sociedade⁵. Por outro lado, é de salientar a elevada produção, sobretudo nos anos 40 e 50 de oitocentos, de estudos nas áreas da ginecologia e obstetrícia, por parte da Escola Médico-Cirúrgica do Porto⁶. Tratava-se, porém, de homens a falar sobre assuntos femininos, o que pode suscitar reservas quanto à objetividade da sua análise, e, por outro lado, os casos estudados e apresentados nas suas obras excluía, por norma, as mulheres de baixa condição social.

³ HIDSON (2009) 88-114; WHALEN (1975) 106-108.

⁴ KOREN (2009) 41.

⁵ CRAWFORD (1991) 48.

⁶ COSTA; CERQUEIRA (2012) 258.

Antes de considerarmos o olhar do médico sobre a menstruação, convirá enquadrar a sua posição acerca da mulher no século XIX. Nesta centúria, por imposição do conservadorismo burguês, acentua-se a ideia de que a mulher devia respeitar certos valores, ter determinados comportamentos e materializar um conjunto de expectativas. O determinismo sexual, que sustentava a diferenciação entre os géneros, manifestava-se não apenas a nível económico e social, mas igualmente no direito, na medicina, na arte, na literatura, bem como na forma como a mulher era apresentada. Mas, à medida que se caminha para o fim do século, a contestação feminina aumenta, traduzida em movimentos de reivindicação do direito à instrução, ao trabalho e à intervenção política.

No âmbito da construção da diferenciação de géneros, há que destacar o papel da medicina. Em oitocentos, os médicos empenham-se no sentido de encontrar diferenças incontestáveis entre homens e mulheres, procurando mostrar que estas são inferiores intelectual e anatomicamente, o que justificaria que lhes fosse atribuído um papel menor na esfera económica e social e que fossem remetidas para o recato do lar. Características mentais e psicológicas de homens e mulheres resultariam da sua anatomia, em particular dos seus órgãos sexuais, e não havia nada a fazer para contrariar esse determinismo, a não ser aceitar a assunção de funções sociais distintas. No discurso médico, a mulher está predestinada, essencialmente, a uma função para a qual o seu corpo está moldado e preparado: a maternidade⁷. Intrometer-se em domínios tipicamente masculinos poderia desgastá-la e torná-la incapaz nas áreas que lhe eram próprias ou comprometer a sua estabilidade emocional e até provocar a esterilidade.

Portugal não divergiu desta linha de pensamento. Várias teses apresentadas à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, entre 1837 e os inícios do século XX, versaram, de forma direta ou indireta, sobre a construção das diferenças de género e, inevitavelmente, sobre a inferioridade feminina. Algumas defendiam, por exemplo, que o crânio da mulher era mais leve, para justificar o seu atraso a nível do sistema nervoso; outras sustentavam que a sua laringe era menos desenvolvida, emitia sons mais agudos, que a impediam de exercer

⁷ LOPES (2017) 27-44.

funções que requerem liderança; em geral, coincidiam na ideia de que, fisicamente, a maternidade era a atividade para a qual a mulher estava realmente vocacionada.

Manuel Barrigas, na sua tese sobre a instrução feminina, declarava que a mulher é rica em capacidades afetivas, provenientes, precisamente, da sua função maternal, mas “não deixa de ser inferior em atributos adquiridos, em poder de racionalização e em tenacidade intelectual”. Atribui-lhe, ainda, uma inconstância “nervosa, um erectismo organico facilmente desequilibrável”⁸. Em suma, confere à mulher uma certa instabilidade mental, resultante da sua própria anatomia, que a condiciona. Por conseguinte, considera que não deve ser sobrecarregada com tarefas que vão além das suas capacidades e que são próprias do sexo masculino, que o trabalho intelectual a esgota, sendo necessário atender às limitações das suas faculdades mentais. O médico vai ainda mais longe e declara: “Nem me parece que haja pae ou mae que prefira a vaidade idiota de ter na família uma filha doutora, à satisfação de crear uma mulher robusta e vigorosa”⁹. Achava que em Portugal, felizmente, poucas mulheres conseguiam ingressar em cursos superiores e que o exemplo alemão de fechar as universidades ao sexo feminino devia ser seguido.

Domingos José dos Santos Guerreiro, também médico, na sua tese sobre a histeria, argumentava que a sexualidade feminina consistia numa suspensão de desenvolvimento, que teria impacto sobre o resto do organismo, nomeadamente sobre o crânio e o seu conteúdo. Logo, esta inferioridade anatómica levaria à inferioridade funcional e intelectual. Declarava que “O nível intelectual feminino é evidentemente pouco elevado”¹⁰. E lança a pergunta: “Qual é o nome feminino celebre nas sciencias, ou nas artes, na musica, na pintura ou nas letras?”¹¹.

Desde a Antiguidade, foram muitas as conceções formuladas acerca da menstruação, refletindo a posição que era atribuída à mulher, de notória misoginia até à contemporaneidade, e baseada na depreciação física e intelectual, que levou à sua subalternização e a uma relação de dependência face ao ho-

⁸ BARRIGAS (1888) 37.

⁹ BARRIGAS (1888) 45.

¹⁰ GUERREIRO (1897) 38.

¹¹ GUERREIRO (1897) 39.

mem. Este, por seu lado, devia protegê-la, mas, simultaneamente, acautelar-se, evitando que ela o arrastasse para o pecado. O ponto de partida e a justificação assentava no pecado original e na expulsão do paraíso por culpa de Eva. As suas descendentes carregariam a mácula do pecado, o peso do sofrimento e até a malignidade. A culpabilidade feminina era lembrada pelas dores do parto, pelas dores menstruais e pela sua própria sexualidade. Pela sua impureza, perfídia e natureza pecaminosa, a mulher devia ser controlada, fechada e arredada da esfera pública. A casa, o recolhimento, o convento seriam os seus espaços de controlo e, simultaneamente, de contenção dos olhares e gestos femininos.

Entendida por alguns como uma função cultural e não natural, a menstruação não existiria nos primórdios da Humanidade¹². Para outros, o sangue do mês-truo era nocivo, devendo ser punidos aqueles que coabitassem durante o período menstrual. E durante vários séculos foi apontado como elemento originador ou proporcionador de enfermidades tipicamente femininas, algumas do foro mental, como a histeria. A menstruação repercutia-se em todo o organismo, em resultado das ligações que o aparelho genital feminino tem com outras partes do corpo. A mulher procurava contrariar essa tendência, mas as alterações comportamentais denunciavam o processo que estava a ter lugar no seu corpo. Aliás, a maior parte das patologias tipicamente femininas tinham a sua sede no aparelho reprodutor, *grosso modo* no útero¹³. Hipócrates defendia esta teoria, que o médico João Curvo Semedo partilhava, pois a madre teria comunicação com o resto do corpo, incluindo o cérebro, através dos nervos e “membranas da espinal medulla”. Assim, se explicariam enfermidades que atingem as mulheres, como dores de cabeça e estômago, palpitações, sufocações e espasmos, tumores e caquexias¹⁴.

Os hebreus impunham o recolhimento das mulheres durante as regras, dado o efeito destrutivo que poderiam ter nessa altura. No Levítico, estão patentes leis que impediam a aproximação sexual durante a menstruação, proibindo que se tocasse em objetos que estivessem em contacto com mulheres menstruadas. Tal interdição advinha da perspectiva de que a mulher, durante

¹² MAIA (1872) 37.

¹³ MAIA (1872) 37.

¹⁴ SEMEDO (1707) 473-474.

esse período, se libertava de elementos prejudiciais¹⁵. Note-se que os perigos do contágio não se colocavam sob o ponto de vista higiénico, mas sim religioso, não se procurando explicar a natureza do fenómeno menstrual.

Ao sangue menstrual eram atribuídas características similares às do sangue de um animal morto recentemente. Para Hipócrates, tinha uma função purificadora, livrando o corpo feminino de impurezas. Por sua vez, Aristóteles e Galeno eram defensores da teoria da pletora, considerando que a menstruação atuaria como um agente regulador do organismo, que expelia os produtos mórbidos. A mulher era tida como naturalmente pletórica. Em caso de concepção, o sangue que saía do organismo em excesso seria canalizado para alimentar o feto. Assim, nesta ótica, a menstruação seria a evacuação do sangue que serviria de alimento ao embrião durante a gravidez.

No período medievo, seguindo uma interpretação bíblica, a impureza atribuída à mulher, bem como a menstruação e as dores conotadas com ela e com o parto eram encaradas como castigo por ter consumido o fruto proibido no Jardim do Éden. A manutenção da visão hipocrática, que entendia o sangue menstrual como a forma de o organismo expelir fluidos prejudiciais, concorria, igualmente, para a ideia de sujidade e impureza, que implicava o afastamento das mulheres de certos lugares e a interdição de relações sexuais durante as regras. As religiões monoteístas tenderão a classificar a mulher como impura durante a menstruação, apartando-a dos rituais religiosos e impondo a abstinência sexual. Acreditava-se que, se a mulher engravidasse durante o período menstrual, o sangue atuaria como um veneno sobre o feto, podendo causar-lhe deformidades ou doenças temidas na época, como era o caso da lepra ou da varíola¹⁶.

Ao sangue menstrual eram, também, atribuídas propriedades deletérias, mortíferas ou milagrosas. Tratava-se de um recurso usado por feiticeiras, bruxas e curandeiras¹⁷. Aliás, mulheres menstruadas, velhas e solitárias eram consideradas perigosas, pelo mal de inveja que podiam lançar e pelas consequências daí decorrentes¹⁸. Também se estabelecia uma relação

¹⁵ KOREN (2009) 34.

¹⁶ MACLEAN (1995) 39.

¹⁷ BARREIROS (2014) 44.

¹⁸ BARREIROS (2014) 46.

com a sua vida sexual, atribuindo-lhe a sinalização da entrada da mulher num novo estágio, que lhe permitia engravidar. As dores menstruais resultavam do carácter venenoso do sangue, explicando-se assim o sofrimento que podia causar.

Na Idade Moderna foram retomadas várias teorias já defendidas na Antiguidade. Uma delas foi a teoria catártica, segundo a qual a menstruação serve para libertar a mulher de substâncias impuras que se acumulam no seu corpo. Acreditava-se que o carácter venenoso do sangue menstrual seria suficiente para matar plantas, estragar vinho e provocar infertilidade. Além desta visão patológica da menstruação, que alguns historiadores entendem que era minoritária a partir do século XVI, coexistia o modelo da pletora, que negava qualquer efeito nefasto do sangue menstrual sobre os homens, os animais ou as plantas. Pelo contrário, enfatizava a ideia de que era como qualquer outro que circulava pelo corpo. A partir de finais desta centúria, este modelo será rejeitado pelos iatroquímicos, que avançam com a ideia de um fermento menstrual, considerando que o fim da menstruação seria libertar o corpo de impurezas, sendo uma espécie de interpretação mais moderna da pletora. No entanto, esta versão de fermento menstrual cai por terra no século XVIII, ao mesmo tempo que a teoria da pletora ganha força¹⁹. Nesta época, o útero continua a ser encarado como órgão dominante no corpo feminino, surgindo a ideia de que a menstruação era uma secreção uterina.

Só no século XVII se estabeleceu a relação entre a menstruação e a função reprodutora, mas foi necessário aguardar por 1827, quando Karl Baer descobriu o óvulo humano. Na obra intitulada *História do Desenvolvimento dos Animais* provou a existência dos óvulos nos ovários e não nos folículos, como antes se julgava.

As diferentes posições sobre a menstruação remetiam para a procriação: os médicos temiam as consequências do sangue menstrual sobre o

¹⁹ No século XVIII, Raphael Bluteau, na sua obra *Vocabulário Portuguez & Latino*, escreve o seguinte acerca da mulher menstruada: “A que tem a purgação mensal e, seguindo Plínio, refere “Convem muito as menstruadas evitar as paixões d’alma”. A propósito do mênstruo, escreve: “Evacuação menstrua, própria do sexo feminino. He o sangue superfluo, & a parte excrementícia do ultimo alimento das partes carnosas, que todos os meses naturalmente se evacua, quando a natureza não o gasta em nutrir o feto”. BLUTEAU (1712 – 1728) 425.

feto no momento da concepção; os religiosos abominavam a menstruação, dado que as relações sexuais durante esse período visavam o prazer e não a procriação²⁰. Considerava-se, por exemplo, que o sangue menstrual provocaria doenças, como o sarampo, quando o sangue era muito fino, e a varíola, vulgarmente conhecida como bexigas, quando era demasiado grosso²¹.

Assim, a partir do século XIX, com a centralidade conferida ao útero e depois aos ovários, a menstruação continuou a ser um fator de distinção sexual. Avança-se no conhecimento sobre a menstruação, mas vai-se ao corpo da mulher para justificar o determinismo sexual que se irá acentuar neste período. O século XIX é também um tempo do disciplinamento do corpo e da sexualidade da mulher e de exaltação do matrimónio e da maternidade. É precisamente neste contexto que se insere o discurso médico: o corpo do homem e da mulher são campos de exploração para justificar a diferenciação sexual. Se a natureza determinou essa distinção, a sociedade devia pugnar pela sua conservação e não pelo seu esbatimento. Cada sexo tem uma natureza diversa, mas complementar. Por conseguinte, não pode existir sobreposição, sob pena de anular um sistema socialmente harmonioso.

Simultaneamente, assiste-se à maior divulgação do pensamento médico e à sua crescente influência entre os decisores políticos. Estes, por sua vez, pretendem mais intervenção do Estado em matéria de saúde pública e no combate a problemas sociais que, no seu entendimento, concorriam para a degenerescência da raça, sendo motivo de especial preocupação as doenças sexualmente transmissíveis, a prostituição, o alcoolismo e a tuberculose. Em 1893, em *Breves considerações a respeito das principaes causas e degenerescencia physica, moral e intellectual do povo portuguez*, o médico Tibúrcio Ferraz declarava que homens e mulheres desempenham papéis distintos na sociedade, considerando que a mulher, dada a sua fragilidade e afetividade, deveria ocupar-se apenas das lides domésticas e da educação dos filhos. No entanto, em Portugal de finais de oitocentos, a mulher trabalhava no campo, ao lado do homem, e empregava-se na indústria. Julgava aquele clínico que essa circunstância conduziria à decadência da raça portuguesa: “Todas estas deixação

²⁰ MCCLIVE (2015).

²¹ REINHIPO (1683).

de ser mulheres para parecerem homens: degeneração do tipo de beleza, perdem os atrativos e, frequentemente, desmoralizam-se pelo abandono completo da torrente de libertinagem e de uma vida de penúria (...)”²².

Assiste-se à medicalização do corpo feminino e a ideia de que a mulher é um homem incompleto é resgatada pelos médicos. O teólogo dá lugar ao médico e a mulher, de maligna, passa a histérica e, de perigosa, passa a frágil e doente²³. Apesar da mudança de protagonistas e de discurso, as intenções permanecem: confinar, controlar e subalternizar. Anatomicamente diferentes, homens e mulheres seriam também diferentes sob o ponto de vista comportamental. O centro do seu corpo, o centro da sua atividade e também dos seus males seria o útero: “o qual desde a época da puberdade, até que a menstruação cessa, se pode ter pelo arbitro de tudo quanto em geral se passa na sua organização”²⁴. A menstruação entra neste discurso oitocentista de busca no corpo feminino das causas da sua fragilidade. O casamento impunha-se, então, como uma salvaguarda da sanidade da mulher e devia ter lugar dois anos após a menstruação, quando o seu corpo já estava normalizado e preparado para o parto.

Os avanços no conhecimento do corpo feminino não impediram que alguns médicos defendessem que durante o período menstrual as relações sexuais deviam ser suspensas. Nesta fase, a mulher era como uma convalescente que não podia ser perturbada. A cópula durante este período poderia provocar-lhe uma série de enfermidades, designadamente, metrite, dismenorreia, entre outras. Mesmo qualquer manifestação de afeto devia ser evitada²⁵. Atente-se na posição tomada, a este propósito, pelo médico José Augusto Vilas Boas, em 1895:

É no período menstrual que todas as relações genésicas devem ser suspensas, pois que a transgressão d’este preceito, é constantemente imposta uma grave penalidade pathologica. Para todos os efeitos se considera a mulher n’este estado como uma convalescente; e facilmente se anteveem os motins pathologicos levantados, se a convalescenia fôr perturbada por uma discussão genésica. De facto não só a copula n’estas condições pode deixar apoz si uma metrite, dismenorrhia, ou lesões doutra ordem; mas as simples, e aparentemente innocentes, excitações lubricas, são prejudiciais pelo

²² FERRAZ (1893) 116.

²³ LOPES (2017) 27-44.

²⁴ FRANCO (1819).

²⁵ BOAS (1895) 45.

*maior escoamento de sangue que provocam, e pelas dôres de que acompanham. Evitem mesmo o beijo, aqueles que só o dão como prefacioso annuncio de mais longo capitulo amoroso: elle não pode causar, de per si, um grande damno, mas rompe, como insólito convite, o tranquilo somno da voluptuosidade*²⁶.

Na sua argumentação, o autor invocou os tempos antigos e a suposição de que os filhos gerados durante o mêsruo teriam uma existência difícil, talvez porque, na sua ótica,

*(...) o ovulo fecundado n'um tal momento adquirirá, desde logo, propriedades maternas mórbidas, que nunca se revelam na mulher com mais abundancia que no período menstrual*²⁷.

Nos inícios de oitocentos, Francisco de Melo Franco declarava que a menstruação durava em média três dias, embora pudesse estender-se até seis a oito dias, e que podia desordenar-se, suprimir-se, tornar-se excessiva ou “desviar-se do seu caminho ordinário”²⁸. Entendia que, à data, não se conhecia a sua origem, mas que o sangue menstrual é igual ao restante que circula no corpo. Por volta dos 40 ou 50 anos de idade desaparecia, sendo um período crítico para as mulheres, dado que acabava a atividade uterina. Todavia, segundo alguns clínicos, o sangue menstrual era igual ao “normal”, mas com outras características; outros achavam que não era sangue; havia ainda os que julgavam que não era igual ao sangue “normal” porque não coagulava. Estas diferenças deviam-se à sua composição, atribuindo-lhe qualidades físicas especiais, uma cor distinta e um cheiro característico²⁹.

Foi no século XIX que se desmitificaram algumas ideias sobre a menstruação e a sua origem. Mesmo assim, persistiram alguns mitos. Ainda se admitia que a menstruação era mais tardia nas mulheres que viviam em climas frios e mais precoce nas que habitavam nas regiões mais quentes. Outros fatores concorriam para a sua variação, no que respeita à quantidade e à qualidade, nomeadamente, o temperamento da mulher, as características da raça respetiva, o desenvolvimento das capacidades morais, os hábitos e ocupações. Júlio de Matos era um dos defensores desta teoria, advogando que o cli-

²⁶ BOAS (1895) 46.

²⁷ BOAS (1895) 48.

²⁸ FRANCO (1819) 307.

²⁹ MIRANDA (1900) 38.

ma e o temperamento da mulher influenciavam este processo³⁰. Outros alegavam ainda a influência da hereditariedade e da raça, da alimentação e das vivências na cidade ou no campo. Ainda nos inícios da nova centúria, o médico Álvaro de Melo Cardoso entendia que, além das condicionantes elencadas, também a higiene, o regime alimentar e as “excitações sexuais” contribuíam para o início do mêsruo, que, em Portugal, segundo ele, acontecia entre os 13 e os 15 anos de idade³¹. Em 1898, Belarmino Fernandes Antunes Braga, por sua vez, considerava que a menstruação começava aos 15 anos de idade, com a puberdade, e terminava pelos 45, com a menopausa. Todavia, admitia a possibilidade de, embora raramente, as regras aparecerem somente na faixa etária dos 20 anos ou então em idades muito precoces, incluindo em crianças de apenas 8 anos³².

Além da natureza e da origem, mais dois aspetos da menstruação despertaram a atenção dos médicos: a sua duração e a quantidade de sangue menstrual. Qual seria a duração e a quantidade “normal”? As respostas divergiram. Admitindo que a quantidade de sangue variasse de acordo com as modificações anatómicas da mucosa uterina, alguns situavam a normalidade entre os 250 e os 500 gramas³³. Todavia, outros apontavam para entre 100 a 200 gramas de quantidade média de sangue expelido. A duração devia oscilar entre os três e os cinco dias. Variações excessivas apontavam para cenários patológicos. Os clínicos preocuparam-se ainda com a sua composição, continuando a insistir na sua toxidade³⁴. No entanto, Elisário Monteiro rejeitava esta perspectiva, declarando que nada tinha de nocivo³⁵.

A menstruação representava, no caso das mulheres, a entrada na puberdade, que acontecia, em média, pelos 14 anos de idade³⁶. Os médicos do

³⁰ MATOS (n.d.) 92-93.

³¹ CARDOSO (1901) 23.

³² BRAGA (1898).

³³ SILVA (1894) 39.

³⁴ Álvaro Augusto da Costa Cabral, na tese apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1900, refere o seguinte: “ (...) a menstruação, prepara antes de tudo o enxerto ovular, e expurga também a economia de verdadeiros venenos”. CABRAL (1900) 31.

³⁵ MONTEIRO (1902) 34.

³⁶ SOARES (1876).

século XIX entendiam que a sua chegada implicava uma transformação profunda no organismo: o desenvolvimento das glândulas mamárias, dos ovários e do instinto sexual. A partir daqui, a jovem deveria ser controlada e vigiada, porquanto a sexualidade da mulher só podia ser perspetivada sob o prisma da reprodução. Por outro lado, a puberdade era um período propício à ocorrência de várias enfermidades, resultantes da própria fragilidade feminina. Esta circunstância requeria uma especial atenção materna, particularmente em matéria de higiene, e um conhecimento rigoroso dos valores da menstruação (fluxo, quantidades, composição e duração). Por outro lado, era admitida a existência de fatores que podiam aumentar o risco de contração de doenças, como o sedentarismo, a compleição física frágil, a má alimentação, além doutros que tinham a ver, por exemplo, com a habitação, o vestuário ou o próprio temperamento.

Uma das doenças que mais atacava as mulheres jovens era a clorose, que o médico João da Maia Romão considerava a anemia das raparigas³⁷:

*(...) uma doença específica, essencial, caracterizada pela sua aparição espontânea (fóra de toda a causa conhecida) e por se encontrar no sexo feminino e no período da puberdade e pelos sintomas bem característicos que a acompanham, como a côr pálida da pele e das mucosas, a nutrição em geral conservada e sobretudo a constituição do sangue*³⁸.

Tratava-se de uma patologia há muito identificada. Já Hipócrates a teria descrito e foi recebendo, ao longo do tempo, diferentes designações. Attingia as jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 24 anos, particularmente as descendentes de doentes de tuberculose, gota, raquitismo e sífilis, sendo reconhecida, portanto, uma predisposição hereditária. Os seus sintomas incluíam fadiga excessiva, falta de apetite, perturbações dispépticas, palpitações e maior irritabilidade. Os sinais mais visíveis seriam, porém, a descoloração da pele e das mucosas, a tonalidade pálida e esverdeada da pele da rapariga. Contudo, a clorose podia apresentar outros sintomas, nomeadamente perturbações cardiovasculares, respiratórias, digestivas, genitais e nervosas³⁹.

³⁷ ROHDEN (2001) 129.

³⁸ ROMÃO (1916) 37-38.

³⁹ ROMÃO (1916) 42.

Com o propósito de explicar a origem da doença, surgiram várias teorias: a teoria nervosa, que colocava a tónica no sistema nervoso; a teoria digestiva, que culpava a alimentação deficiente em ferro; a teoria vascular, desenvolvida por Virchow a partir do estudo de cadáveres de mulheres que morreram de clorose; a teoria hemática, defendida por Gilbert e continuada por Hayem; a teoria evolutiva, que julgava que a enfermidade resultava de uma interrupção na constituição da pessoa; a teoria infecciosa, sustentada na ideia do aparecimento da febre; a teoria genital, apresentada por Hipócrates e retomada por Pinel, Ambroise Paré, entre outros, que considerava que a clorose seria uma intoxicação do sangue provocada pelos “productos deletérios” que não eram eliminados durante a menstruação⁴⁰. Havia ainda quem aceitasse a diversidade de causas e admitisse, portanto, a combinação de diferentes teorias⁴¹. A doença seria tratável. Para o efeito, recomendava-se descanso, devendo a mulher reduzir o trabalho físico e intelectual. A hidroterapia, os bons ares da montanha ou do mar, uma alimentação rica em proteínas poderiam facilitar a recuperação.

Ainda em oitocentos, invocava-se a fragilidade da constituição física da mulher e a desigualdade, sob o ponto de vista físico e mental, em relação ao homem para justificar o desequilíbrio de direitos entre os dois sexos. Por outro lado, o corpo feminino adquire uma dimensão pública pela sua associação à reprodução e às crescentes preocupações ráticas e populistas, além de se verificar o desenvolvimento de especialidades médicas orientadas para o corpo da mulher, particularmente a obstetrícia e a ginecologia. Seguem-se a crescente “histerização” do seu comportamento, a patologização e consequente medicalização do seu corpo⁴².

O sexo dominava a mulher, estando a sua organização física e psicológica submetida ao útero⁴³. A sua sexualidade prendia-se com a função para a qual estava naturalmente predisposta e socialmente desenhada: a procriação. No entanto, durante a menstruação, a mulher estava numa espécie de limbo entre o normal e o patológico, por conseguinte, mais suscetível a contrair en-

⁴⁰ CABRAL (1900) 40.

⁴¹ CABRAL (1900).

⁴² ROHDEN (2001) 109-172. GIFFIN (1999) 468.

⁴³ BARRIGAS (1888).

fermidades. Além do mais, ficava desestabilizada sob o ponto de vista comportamental, pela ligação do seu aparelho reprodutor à mente. Nesta fase, podia ter acessos de loucura, desejo sexual descontrolado, práticas de masturbação, ou seja, comportamentos que não se coadunavam com a sua natureza. A loucura menstrual podia ter consequências mais graves e, portanto, a mulher devia ser comedida nos seus afazeres e evitar práticas que contrariassem a sua fragilidade ou que requeressem esforço intelectual⁴⁴.

Alguns alienistas defendiam que a demência, tanto nos homens como nas mulheres, era precedida de sinais físicos, sendo a supressão da menstruação um deles. Noutros casos, a menstruação irregular e a metrorragia estavam ligadas à melancolia feminina⁴⁵. Defendia-se que a histeria tem a sua origem no aparelho genital feminino e que as afeções do sistema nervoso tendiam a agravar-se com o início da menstruação⁴⁶.

Num contexto de forte anticlericalismo, que se verificava em Portugal nos inícios do século XX, o pensamento médico defendia que a vida em mosteiros e conventos tolhia as mulheres e prejudicava a sua saúde. A este propósito, Manuel Tibúrcio Ferraz escrevia o seguinte:

(...) basta notar que toas essas flores mundanas cheias de seiva, de viço e frescura, cheias de alegria e saúde, mal chegam ahi, pendem a fronte bella, murchão, amarelecem, tornão-se anemicas, soffrem perturbações da menstruação e, por ultimo, vem a tuberculose coroar o seu martyrio inútil⁴⁷.

Os médicos invocavam estudos que apontavam os efeitos nocivos que a clausura provocava na mulher e na menstruação, levando ao seu definhamento, referindo que, para esse efeito, concorria a falta de estímulos, a alimentação deficitária e até a higiene pouco cuidada⁴⁸.

Dentre as patologias relacionadas com a menstruação, os médicos do século XIX e dos inícios do século XX interessaram-se particularmente pela amenorreia, a supressão do corrimento menstrual (temporária ou persistente, total ou parcial); a menorragia, corrimento sanguíneo abundante; a metrorragia, que

⁴⁴ ROHDEN (2001) 133.

⁴⁵ PATINHA (1926) 29.

⁴⁶ MAIA (1872).

⁴⁷ FERRAZ (1893) 121.

⁴⁸ MONTEIRO (1902) 69.

definiam como hemorragia proveniente do útero; e a dismenorreia, ou seja, menstruação dolorosa. Quanto a esta última, distinguiam entre dismenorreia genital e nervosa. Outros ainda faziam a distinção entre menstruação mecânica e congestiva⁴⁹.

Nem todos os médicos alinharam no discurso determinista e de subjugação da mulher à sua anatomia. Na tese apresentada à Escola-Médico Cirúrgica do Porto, intitulada *Rápidas divagações a respeito da mulher e do casamento visto à luz da sociologia e da hygiene*, publicada em 1888, António Augusto Correia de Campos acusa o Cristianismo de ser um dos responsáveis pela humilhação da mulher: “Depois de Jesus, todos os doutores da Igreja a humilham diante do homem; todos a amaldiçoaram e declararam impudica e diabólica”⁵⁰. Este clínico, apesar de se apresentar como um defensor da mulher e da sua educação, advogava uma instrução que lhe desse conhecimentos “que lhe sirvam nas suas funções organo-sociaes”⁵¹. Quais eram essas funções? A maternidade, a educação física, moral e intelectual dos filhos, bem como a gestão da economia doméstica. Por conseguinte, apesar do discurso de aparente abertura, alinhava pelo ideário comum na época: a mulher remetida para a esfera do lar e para a função de mãe. Era dispensada da aprendizagem de línguas, medicina ou direito, mas devia, acima de tudo, ser boa dona de casa. Este médico assumia-se ainda como apologista do casamento, instituição que considerava ser a base do progresso moral e material de uma sociedade⁵².

A relação entre o casamento e a menstruação também foi tratada pelos médicos. Álvaro Augusto da Costa Cabral, na dissertação denominada *Regularização da Menstruação pelo casamento*, publicada em 1900, defendia a ideia, antiga, de que o casamento e a gravidez ajudavam a regularizar a menstruação e funcionavam como uma espécie de terapêutica no combate a doenças, como a clorose. O casamento atuaria sobre o sistema nervoso, afastando as ideias e os sentimentos nocivos que se repercutiam no funcionamento do corpo feminino. Dividia a menstruação em três fases: a primeira chamada de

⁴⁹ MONTEIRO (1902) 58.

⁵⁰ CAMPOS (1888) 50.

⁵¹ CAMPOS (1888) 67.

⁵² CAMPOS (1888) 76.

invasão; a segunda de *estado*, período de maior intensidade hemorrágica; e a terceira e última denominada de *cessação*.

Nos inícios do século XX, os médicos reconheciam que os medos e os silêncios que recaiam sobre a menstruação a tornavam motivo de vergonha, fazendo com que algumas jovens evitassem comentar este assunto com as mães e adotassem comportamentos e práticas que podiam prejudicar a sua saúde. Os clínicos não esqueciam a situação das jovens institucionalizadas, que podia ser ainda mais preocupante, devido à falta de informação e de acompanhamento. Assim, considerava-se que a menstruação requeria cautelas diversas, designadamente com a alimentação e o vestuário, sendo recomendado o uso de roupas de lã, que estimulariam a pele e a transpiração, bem como cuidados ambientais, exaltando-se, a este propósito, as vantagens do ar campestre. A mulher devia evitar resfriados, dado que o frio podia provocar uma “flegmasia dos órgãos genitais internos, útero, vagina, trompas, ovários e tecidos peri-uterinos”⁵³. O contacto com a água fria e os banhos frios também eram desaconselhados, mas eram recomendadas abluções em água tépida. Os médicos também se pronunciaram sobre os passeios. Quando não podiam ser feitos a pé, devia ser usado o comboio, sendo de evitar o automóvel por causa da trepidação, que podia perturbar o escoamento sanguíneo.

Elisário Monteiro, em 1902, colocava de lado as propriedades nocivas atribuídas ao sangue menstrual, mas admitia que a flora vaginal “é muito aumentada” durante a menstruação, pelo que se exigiam mais cuidados de higiene. Este médico contraindicava as relações sexuais com uma mulher menstruada, por motivos higiénicos e pelas lesões que podia causar no aparelho genital feminino. No entanto, fora deste período, aconselhava-as para a regularização da menstruação. Daí a importância que concedia ao casamento para tratar as perturbações menstruais⁵⁴.

A finalizar, e em jeito de síntese, importa referir que a menstruação, assunto ainda envolto num certo secretismo, tem sido, desde a Antiguidade, objeto de muitas e variadas leituras e interpretações, muitas delas destituídas de qualquer base racional, porque assentes em preconceitos ou em pressu-

⁵³ MONTEIRO (1902) 72.

⁵⁴ MONTEIRO (1902) 74-75.

postos efabulados, alguns dos quais ainda persistem no tempo presente, apesar dos avanços do conhecimento, competindo com os estudos a cargo da ciência, incluindo, naturalmente, da medicina.

Em textos que tivemos oportunidade de analisar, designadamente dissertações que versam sobre a menstruação e o sangue menstrual, apresentadas à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, no século XIX e nos inícios do século XX, encontramos uma imagem nada favorável da mulher, além de argumentos aproveitados para justificar não só a discriminação a que tem sido sujeita, bem patente na distribuição desigual de direitos, mas também a sua colocação numa posição de inferioridade e de subalternidade em relação ao homem. O seu lugar seria a casa e a sua função primeira seria procriar e educar os filhos; devia levar uma vida recatada e submissa e abster-se de se intrometer em domínios reservados ao homem, sob pena de colocar em causa a saúde física e mental. É de referir que, na atualidade, sobretudo nos meios rurais, ainda se encontram alguns resquícios desta visão acerca da mulher, particularmente no atinente à função e à posição que lhe estariam predeterminadas na sociedade.

O período menstrual implicava, na opinião de alguns médicos, a abstinência sexual, sob pena de ocorrerem diversas enfermidades, bem como o cumprimento de uma série de recomendações, desde os cuidados com a higiene até ao vestuário a usar na ocasião. Entre outras questões, a origem e a natureza da menstruação, a sua duração e significado, bem como a quantidade de sangue menstrual mereceram, igualmente, a atenção da medicina. Sobre estas matérias foram também expressos pontos de vista variados, alguns dos quais se afiguram estranhos à luz do estado atual do conhecimento, mas que devem ser considerados tendo presente o contexto em que foram produzidos.

Bibliografia

- BARREIROS, B. (2014), *Concepções do Corpo no Portugal do século XVIII: Sensibilidade, Higiene e Saúde Pública*. Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Nova de Lisboa, Tese de doutoramento.
- BARRIGAS, M. (1888), *Um capítulo de Higiene Social. A instrução superior da mulher*. Porto, Typographia Occidental.

- BLUTEAU, R. (1712-1728), *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, vol. 5.
- BOAS, J. (1895), *Breve Estudo sobre alguns assumptos de higiene social. Dissertação Inaugural apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Porto, Typographia de José da Silva Mendonça.
- BRAGA, B. (1898), *Breve Estudo sobre Causas da Esterilidade na Mulher. Dissertação Inaugural apresentada à Escola Médico-cirúrgica do Porto*. Porto, Tip. de Alexandre da Fonseca Vasconcelos.
- CABRAL, Á. (1900), *Regularização da Menstruação pelo Casamento. Dissertação Inaugural apresentada à Escola Médico-cirúrgica do Porto*. Porto, Imprensa Nacional.
- CAMPOS, A. (1888). *Rapidas divagações a respeito da mulher e do casamento visto à luz da sociologia e da hygiene*. Porto, Imprensa Civilização.
- CARDOSO, Á. (1901), *Evolução precoce: (breve estudo)*. Porto, Typographia Universal.
- COSTA, R.; CERQUEIRA, I. (2012), “O trabalho académico como fonte histórica: as teses inaugurais da escola médico-cirúrgica do Porto (1827-1910)”: *CEM. Cultura, Espaço e Memória*, nº 3 (2012) 251-260.
- CRAWFORD, P. (1991), “Attitudes to menstruation in Seventeenth-Century England”: *Past&Present* 91 (1991) 47-73.
- FERRAZ, M. (1893), *Breves considerações a respeito das principaes causas e degenerescencia physica, moral e intellectual do povo portuguez*. Porto, Escola Médico-Cirúrgica do Porto.
- FRANCO, F. (1819), *Elementos de hygiene, ou dictames theoreticos, e praticos para conservar a saude, e prolongar a vida*. Lisboa, Typografia da Academia.
- GIFFIN, K., and COSTA, S. H. (orgs.) (1999). *Questões da saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- GUERREIRO, D. (1897), *Breves considerações sobre o estado mental das hystericas*. Porto, Typographia da Real Officina de S. José.
- HIDSON, B. (2009), “Attitudes towards menstruation and menstrual blood in Elizabethan England”: *Journal of Social History* 43, 1, (2009) 88-114.
- KOREN, S. (2009), “The Menstruant as ‘Other’ in Medieval Judaism and Christianity”: *Nashim: A Journal of Jewish Women’s Studies & Gender Issues* 17 (2009) 33-59.
- LOPES, M. A. (2017), “Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”: M. A. ROSSI (a cura di) (2017), *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*. Viterbo, Sette Città, 27-44.

- MACLEAN, I. (1995), *The Renaissance Notion of Woman. A study in the fortunes of scholasticism and medical science in European intellectual life*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MAIA, A. (1872), *Algumas palavras sobre a menstruação nas suas relações com a pathologia e therapeutica*. Porto, Imprensa popular Mattos Carvalho e Vieira Paiva.
- MATOS, J. *História Natural Ilustrada*, Primeiro Volume. Porto, Livraria Universal.
- MCCLIVE, C. (2015), *Menstruation and Procreation in Early Modern France*. Farnham, Surrey, Ashgate.
- MIRANDA, A. (1900), *A puberdade na Mulher*. Porto, Abílio Miranda.
- MONTEIRO, E. (1902), *Hygiene da Menstruação. Dissertação inaugural apresentada à escola Medico-Cirurgica do Porto*. Porto, Typ. A. F. Vasconcellos.
- PATINHA, A. (1926). *O crime nos melancólicos. (Leves considerações acerca de um caso de infanticídio)*. Porto, Typ. da Enciclopedia Portuguesa.
- REINHIPO, R. (1683), *Trattado unico das bexigas, e sarampo: offerecido a D. João de Sousa*. Lisboa, Officina de João Galvão.
- ROHDEN, F. (2001), *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- ROMÃO, J. (1916), *O ferro no clorose*. Porto, Imprensa Nacional.
- SEMEDO, J. C. (1701), *Observações medicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da pátria e das nações estranhas escreve em lingua portugueza e latina*. Lisboa.
- SILVA, A. (1894), *Algumas palavras sobre as perturbações da menstruação*. Porto, Typographia Gutenberg.
- SOARES, A. (1876), *Da Identidade em Medicina Legal. Dissertação inaugural apresentada à Eschola Medico-Cirurgica do Porto*. Porto, Typographia de Antonio José da Silva.
- WHALEN, Elizabeth M. (1975), "Attitudes toward Menstruation": *Studies in family Planning* 6, 4 (1975) 106-108.

* * * * *

Resumo: A menstruação e o sangue menstrual têm sido objeto das mais variadas teorias e efabulações, algumas das quais, apesar de remontarem à Antiguidade, perduraram e foram seguidas em épocas subsequentes. Com o presente trabalho pretendemos expor a perspectiva de alguns médicos sobre aquelas matérias, designadamente a expressa em estudos académicos, no século XIX e nos inícios do século XX. Simultaneamente, serão mencionadas razões invocadas para justificar a inferiorização e a subalternização da mulher em relação ao homem, até porque a menstruação integra o rol de argumentos usados para esse efeito.

Palavras-chave: mulher; menstruação; medicina.

Resumen: La menstruación y la sangre menstrual han sido objeto de las más diversas teorías y fabulaciones, algunas de las cuales, pese a remontarse a la Antigüedad, fueron mantenidas y seguidas en épocas siguientes. Con este trabajo pretendemos exponer la perspectiva de algunos médicos sobre estas materias, en especial la expuesta en estudios académicos en el s. XIX y principios del XX. Al mismo tiempo, se mencionarán las razones invocadas para justificar el papel inferior y subalterno atribuido a la mujer en relación al hombre, entre otras cosas porque la menstruación integra el abanico de argumentos usados para ello.

Palabras clave: mujer; menstruación; medicina.

Résumé : La menstruation et le sang menstruel ont fait des théories et affabulations les plus variées, dont certaines, bien que remontant à l'Antiquité, ont perduré et ont continué à être suivies par la suite. Avec ce travail, nous prétendons exposer le point de vue de certains médecins, à savoir celui qui est exprimée dans des études académiques du XIX^{ème} siècle et du début du XX^{ème} siècle. Par la même occasion, les raisons invoquées pour justifier l'infériorité et la subordination des femmes par rapport à l'homme seront évoquées, notamment parce que la menstruation fait partie de la liste des arguments utilisés à cet effet.

Mots-clés : femme ; menstruation ; médecine.



Segunda secção

Deontologia médica e condição jurídico-moral da mulher em Rodrigo de Castro

Medical deontology and legal-moral status of women in Rodrigo de Castro

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA¹ (*Centro de Estudos Humanísticos, Universidade
do Minho — Portugal*)

Abstract: This paper intends to provide a reading of some chapters of *De morbis mulierum* (1603) and of *Medicus Politicus* (1604) devoted by Rodrigo de Castro to the moral and legal issue of women's chastity and fidelity. Both aiming to protect marital harmony and condemn the attitude of female matchmakers who drove young and older women to licentiousness, Castro sought to encourage them to regain their physical and moral integrity. In order to contextualize Rodrigo de Castro's position, a brief comparison of the work of jurist Rui Gonçalves and doctor Luís de Mercado will be carried out.

Keywords: marital harmony, virginity, sexuality, matchmaker woman, Rui Gonçalves, Luís de Mercado.

O médico ideal

A obra de Rodrigo de Castro (c. 1546 - c.1629) é atravessada por uma preocupação genuína com questões de deontologia médica e com a feição pedagógica do seu ofício. Este médico, de família judaica e radicado em Hamburgo, depois de ter feito a sua formação em Salamanca, encontrou em terra estrangeira terreno propício ao seu desenvolvimento humanístico em artes e medicina, aí escrevendo duas obras que dão a conhecer o seu pensamento e a sua acção como médico: os livros sobre os problemas de saúde da mulher e os livros sobre os deveres do médico político. Nos quatro livros que estruturam o tratado *Medicus Politicus*², editado em 1614, o autor discorre sobre os mais diversos aspectos a que o médico deve prestar atenção, sob pena de não cumprir com o que é essencial à sua profissão. Assim, no livro III, que tem por núcleo

Texto recebido a 13.01.2021 e aceite para publicação a 20.03.2021. Trabalho financiado pela FCT, no âmbito do projecto “*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia (PTDC / FER-HFC / 31187 / 2017)”.

¹ virginia@ilch.uminho.pt.

² CASTRO (2011). Todas as traduções de passos do *Medicus Politicus* apresentadas neste artigo são da autoria de Domingos Lucas Dias, constantes desta edição de 2011.

temático *Quae potissimum uitia medico declinanda sint*, cap. 1, elenca uma série de vícios que o médico deve evitar, como sejam a desonestidade e a ambição da riqueza, e, no cap. 10 do mesmo livro, condena a uromancia ou inspecção das urinas e a charlatanice que lhe anda associada, dado sugerirem a ideia de que a medicina se aparenta com a arte da adivinhação, o que é contrário à sua essência de base científica. Especifica depois que, pelas suas virtudes, o médico deve ser um exemplo para os outros, quer vivendo com a sua esposa na mais perfeita harmonia (*Cum coniuge in maxima uiuat concordia, hoc enim ad dignitatem et bonum nomen plurimum facit*), quer na forma discreta e elegante como se apresenta, quer nos cuidados de higiene que não pode deixar de observar, quer na sua postura de seriedade, que o aconselha a não falar demasiado e a não perturbar o doente com chistes fora de propósito ou que o enfermo não entende; a tais predicados acrescem ainda o seu sentido cívico e o decoro adequado à idade, ao sexo e à personalidade do doente. A enunciação destas e de outras qualidades que devem ser apanágio do médico, no cap. 3 do mesmo livro III, é bem elucidativa:

Et ut summatim dicam, requiritur in medico prudentia, circumspectio, prouidentia, cautio, perspicacia, deinde etiam continentia, sobrietas, mansuetudo, modestia siue moderatio, decens ornatus, (...); adhaec taciturnitas, ueracitas, grauitas, magnanimitas, liberalitas et honestas, ac insuper amicitia erga notos, erga ignotos affabilitas, ciuilitas et decorum secundum aetates, sexus ac personas.

E, para dizer sucintamente, num médico requer-se prudência, circunspecção, providência, cautela, perspicácia; depois ainda contenção, sobriedade, mansidão, modéstia ou moderação, decência no vestir, (...); além disso, discrição, sinceridade, dignidade, magnanimidade, liberalidade e honestidade. E acima de tudo amizade para com os seus conhecidos, afabilidade para com estranhos, civilidade e decoro em função da idade, do sexo e das pessoas.

Entre os “vícios contrários” são referidos todos os excessos “quer da vontade, quer do desejo, seja irascível, seja concupiscível” e é aconselhada a consulta dos escritores moralistas, sobretudo Platão e Aristóteles, Plutarco e Séneca, a que acrescenta a leitura dos Livros Sagrados, que propiciam ao médico “pensamentos divinos”. Em suma, e como afirma pouco depois, é necessário que o médico “seja não só perfeito na arte, mas também excelente nos costumes”, nisto seguindo Sorano, com base em Erasístrato:

Denique cum artis perfectione conueniat probitas morum, ut enim ex Erasistrato Soranus refert, felicissimum quidem est, ut et in arte sit perfectus medicus et moribus optimus.

Por fim, é sem dúvida sumamente desejável que a honestidade dos costumes se harmonize com a prática da arte, como de Erasístrato refere Sorano, para que o médico seja não só perfeito na arte, mas também excelente nos costumes³.

Assim se compreende que, nas palavras introdutórias de Diego Gracia à tradução do *Medicus Politicus*, esta seja vista essencialmente como obra de “apologética da medicina” e também como “obra de denúncia de procedimentos inaceitáveis”, quer por parte dos médicos, quer por parte dos doentes.

É, pois, neste âmbito e sob esta perspectiva que se deverá analisar a manifesta atenção que Rodrigo de Castro presta ao comportamento casto das jovens e das mulheres casadas e viúvas, quer dizer, da sexualidade socialmente aceite e apreciada, ao mesmo tempo que condena o comportamento desregrado de algumas mulheres, que se entregam a vidas imorais. A propósito, consagra um capítulo do *Medicus Politicus* (4.12) a questões relacionadas com a actividade de velhas alcoviteiras, que não só se dispõem a propiciar encontros ilícitos, como auxiliam raparigas a restabelecer a sua imagem de jovens honestas facultando-lhes meios para restaurarem a virgindade perdida. Regressava ao tema já tratado, cerca de dez anos antes, no livro *De uniuersa mulierum medicina*⁴, quando, preocupado com a harmonia do casal, apresenta receitas para auxiliar a mulher casada e honesta a recuperar a forma física, abalada com o parto, e a tornar-se de novo atraente para o marido. Mas a disponibilidade de Rodrigo de Castro para receitar o medicamento adequado a esse efeito fica por aqui, pois não deixa de advertir que tais remédios não deverão ser dispensados a mulheres de vida desregrada, jovens e menos jovens. Segundo o autor, o assunto é delicado e os médicos devem ter cautelas especiais e manter em segredo certas receitas; é o que acontece quando se trata de aconselhar remédios algo adstringentes que contribuam para o bom

³ Para alcançar a perfeição na arte, R.C. considera da maior importância que o médico tenha um profundo conhecimento do grego e do latim, para poder manusear um vasto conjunto de obras da especialidade, como vem expresso no conhecido e imprescindível livro II, cap. 9 (“Que autores se devem compulsar e qual deve ser a biblioteca do médico”). Sobre esta “biblioteca”, vd. CARDOSO (2012).

⁴ Esta obra está estruturada em duas partes, a primeira, de natureza teórica, intitulada *De natura mulierum*, e a outra, de teor prático, intitulada *De morbis mulierum*.

desempenho sexual na relação, na medida em que favorecem a constrição e auxiliam no funcionamento de órgãos que a gravidez tornou lassos⁵. Pensava, sem dúvida, em comadres e alcoviteiras, cujas actividades Rodrigo de Castro condena por atentado à moral e aos costumes.

A alcoviteira

As alterações sociais ocorridas no séc. XVI, decorrentes da mobilidade social motivada pelos descobrimentos, provocaram alguma licenciosidade de costumes, como muito bem documenta o *Auto da Índia*, de Gil Vicente, ainda que em registo cómico. Nas sociedades fechadas de outrora, a mulher estava confinada ao espaço doméstico⁶ e tudo era feito para controlar a sua sexualidade, fosse ela jovem solteira, mulher casada ou viúva, e castigar os desvios à moral sexual, social, religiosa. Isto acabava por potenciar o papel de velhas casamenteiras e de alcoviteiras que tinham a missão de facilitar a aproximação entre moças e moços e, em caso de perda da virgindade, propiciar soluções que pudessem evitar a vergonha individual e familiar, porquanto, de acordo com os padrões morais em vigor na sociedade, castidade e virgindade eram virtudes essenciais e uma simples suspeita destruiria a honra da donzela e da família. Ora é neste sentido que Rodrigo de Castro censura o papel da alcoviteira, que facilita, de um modo geral, condutas moralmente condenáveis dos jovens em geral e das mulheres em particular⁷. Como se sabe, o recurso aos préstimos desta medianeira era recorrente no século XVI, a avaliar pelo que dizem não só algumas das farsas de Gil Vicente, por exemplo, ou alguns folhetos de Baltazar Dias, importante sucessor do Mestre Gil, bem como certas leis em vigor nesse século, como se verá⁸.

⁵ Veja-se *De morbis mulierum*, 4.21 (parte final) e 22.

⁶ A seclusão da mulher e a supervigilância a que estava sujeita eram um facto nas sociedades da Grécia e Roma antigas, mas não impediam, antes fomentavam a banalização das experiências sexuais pré-matrimoniais, como escreve OLIVEIRA (2008) 72.

⁷ Esta censura vinha já de trás. No *Espelho de casados*, publicado em 1540, quando ainda o casamento religioso não tinha sido regulamentado pelo Concílio de Trento, o Dr. João de Barros menciona o papel da alcoviteira como prejudicial à relação conjugal. Vd. LOPES (2019).

⁸ A figura da alcoviteira desde sempre suscitou interesse, por um lado, e desaprovação moral, por outro. É conhecido o passo de Ovídio (*Ars amandi*, I, 351-352) que afirma

A fim de surpreender as origens próximas destas medianeiras, lembre-se que a mais famosa alcoviteira da nossa tradição hispânica é Celestina, uma criação do século XV atribuída a Fernando de Rojas na obra intitulada *Comedia de Calisto y Melibea*, mais conhecida por *La Celestina*, tal o êxito alcançado pela personagem central. Os seus dotes são descritos por uma das personagens da seguinte forma: “Ella tenía seys officios, conviene a saber: labrandeira, perfumera, maestra en hazer afeytes y de hazer virgos, alcahueta y un poquito hechicera.”⁹ E é assim, como “maestra de hazer virgos” e “hechicera”, que vamos encontrá-la em Gil Vicente, o autor que em Portugal, na primeira metade do século XVI, mais desenvoltamente lhe dá vida. Efectivamente, entre as suas alcoviteiras destacam-se Branca Gil¹⁰, Genebra Pereira¹¹, Ana Dias¹², e Brízida Vaz, que contribuem, no seu todo, para uma brilhante

que para conquistar a mulher será necessário recorrer a um intermediário, a escrava: *Sed prius ancillam captandae nosse puellae / Cura sit; accessus molliet illa tuos*. Muito mais tarde, passado o longo período medieval, encontram-se, além de Gil Vicente, muitos autores populares nos quais a figura da alcoviteira é satiricamente alvejada. Já no Cancioneiro de Garcia de Resende se encontram críticas à vida desregrada de Lisboa, como vemos em Álvaro de Brito Pestana, que critica o adultério e afirma: “Alcoviteiras e beatas falsas perdem muitas mulheres”. Veja-se, a este respeito, GOMES (1983) 114-119 sobre Baltasar Dias, o poeta cego insular que, nas suas trovas *Conselho para bem casar* e *Malícia das mulheres*, satiriza as mulheres, por serem gastadoras e darem mau viver aos maridos, e avisa que é melhor “casar com pobreza / porque assaz tem riqueza / a mulher que é virtuosa.” (ibid. p. 141). Nesta mesma obra, 47v, aconselha-se: “Guardaivos de alcuvitairas, / porque nunca são leais, / por mais bem que lhe façais, / sô tão falsas, & pregoeiras, / que sempre vos pedem mais (...) E depois por derradeiro, / se dellas vos confiais, / digo que se vós vos achais / sem dano, & sem dinheiro, / isto he o que alcançais.” (cit. de FERNANDES (2004) 180).

⁹ Vd. CASTRO (1993) 107.

¹⁰ A alcoviteira Branca Gil, de *O velho da horta*, de 1512, depois de explorar o velho prometendo-lhe uma jovem pela qual se apaixonou, é levada para a cadeia por um alcaide e quatro beleguins. Inspirada no seu modelo, Branca Gil pratica as artes mágicas (“faço hua conjuraçam / cum dente de negra morta”) e não esconde a sua avidez, que vai sempre em crescendo, como nota A. L. CASTRO (1993) 109.

¹¹ No *Auto das Fadas*, de c. 1511, é a própria “feiteiceira” que se apresenta como Genebra Pereira. Os seus feitiços destinam-se a aproximar namorados e a maridar os mal-casados, ou a ajudar um frade nos seus amores, entre outros.

¹² Em Almeirim, em 1525, na presença de D. João III, foi representado *O juiz da Beira*. Vai haver audiência e apresenta-se Ana Dias, a queixar-se de que a filha foi violada e que está prenhe. Pero Marques, o juiz, manda chamar a moça, interroga-a e considera que se ela

ca-racterização desse tipo social¹³. No entanto, a criação vicentina que mais se aproxima da velha Celestina, mediadora de amores ilícitos, e que mais se ajusta aos comentários de Rodrigo de Castro é, sem dúvida, a famosa Brízida Vaz, no *Auto da Barca do Inferno* (datado de 1517), cuja fala caracteriza e exprime soberbamente o seu tipo de actuação. Apesar de sumamente conhecidas, vale a pena recordar aqui algumas das intervenções dessa Brízida Vaz, que se apresenta em cena carregada de objectos relacionados com o seu ofício de alcoviteira. E à pergunta do diabo:

Que he o que haveis d'embarcar?

ela responde, de imediato:

*Seiscentos virgos postiços,
E três arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.”
(...)
“Enfim, casa movediça,
Hum estrado de cortiça,
Com dez cochins d'embair.
A mor carrega que he,
essas moças que vendia.*

Ciente da utilidade social da sua arte, queixa-se ainda dos castigos a que tem sido sujeita por parte das autoridades responsáveis pela morigeração dos costumes:

*Eu sou uma mártel tal,
Açoutes tenho eu levados,*

não gritou é porque gostou. Entra um sapateiro cristão-novo, que acusa Ana Dias de ser alcoviteira e de lhe ter desencaminhado a filha, enquanto ele ia à missa. Pero Marques diz que não se lembra do que é alcovitar e o sapateiro explica. Mas o juiz entende que ela devia ser recompensada (e não castigada) por exercer um ofício tão útil, além de não ter feito mais do que satisfazer as tendências espontâneas da rapariga. Vem um escudeiro e queixa-se também dela, por lhe ter extorquido dinheiro prometendo que lhe resolveria o seu problema de amores. O juiz decide que o escudeiro não receba nada do que gastou por amores.

¹³ Note-se que Gil Vicente nunca se coíbiu de referir abertamente a actividade das alcoviteiras. E a imagem que delas dá não é totalmente negativa, como há quem afirme. Todavia, segundo observou Paul TEYSSIER (1982) 34, “a obra, no seu conjunto, caracteriza o Portugal anterior à Inquisição, pois termina precisamente em 1536, quando esta foi introduzida no país.”

*E tormentos suportados,
Que ninguém me foi igual.*

Os “virgos postiços”, “essas moças que vendia”, “eu sou uma mártel tal”, definem bem os préstimos da alcoviteira, que vendia raparigas como se fossem ainda virgens e que muitas vezes era levada à justiça e castigada com açoites (‘martelada’, isto é, martirizada), por induzir, no espírito das jovens, comportamentos moralmente inaceitáveis, como vimos no caso das alcoviteiras Branca Gil e Ana Dias. E são evidentes as semelhanças com a referida Celestina. Tudo indica que Gil Vicente conheceu esta criação literária de Rojas, segundo documento A. López Castro no estudo que fez sobre os dois dramaturgos¹⁴.

Ainda a respeito da alcoviteira Celestina, registre-se que esta mulher famosíssima foi lembrada por Amato Lusitano, nos seus Comentários a Dioscórides (*Enarr.* 3. 99), a propósito de uma cola (*glutinum*). O passo em causa reza assim:

*Glutinum quod ex bubulo fit corio, notum est. Rhodium Dioscorides laudat, at nos Hispanum Salmanticense, apud pontem paratum non procul a domo Celestinae mulieris famosissimae, et de qua legitur in comoedia Calisti et Melibee, ceteris anteponimus.*¹⁵

É conhecida a cola feita de couro de boi. Dioscórides elogia a de Rodes, mas nós preferimos às outras a cola espanhola de Salamanca, que é fabricada junto à ponte, não longe da casa da Celestina, uma mulher de grande fama, e de que se fala na comédia de Calisto e Melibeia.

A associação entre a cola de Salamanca e a casa da Celestina, nome da alcoviteira que terá inspirado Fernando de Rojas quando a transformou em personagem de uma comédia, ou tragicomédia, é deveras significativa¹⁶.

¹⁴ CASTRO (1993) 105-119.

¹⁵ Neste seu Comentário, Amato acrescenta que Galeno apenas fez menção da cola feita de farinha e *garum*, utilizada na confecção de livros: *Ceterum huius Galenus quod sciam, in suis libris Simplicium, nullam fecit mentionem; illius tamen, quod ex farina paratur, pro libris aglutinandis meminit, libro septimo sic ad istum modum dicens: Gluten quod ad libros praeparant ex similagine et garo, emplasticae concoctoriaeque facultatis existit.*

¹⁶ Ricardo Jorge assinala (JORGE (s.d.) 130) a “exacta concordância” entre passos do romance (Calisto e Melibeia) e a referência de Amato (*En.* 3.99) acima transcrita. Quem chamou a atenção para o testemunho de Amato foi o mesmo Ricardo Jorge, que lembra, sustentado num passo da obra de Rojas, que a casa ficava junto das “tenerías” (fábrica de

Quanto a Rodrigo de Castro, que também fez os seus estudos em Salamanca, não refere nunca esta alcoviteira literariamente famosa, nem a “cola” de Salamanca, provavelmente por considerar que seria dar publicidade a um uso moralmente condenável dessa cola. Mas alude a “insignes meretrizes” que conhecem muito bem as formas de propiciar ou alcançar “uma experiência fácil”, como se pode ler no seguinte texto:

et nos a doctissimo Roderico de Sorea uiro optimo ac honestissimo, et in Salmanticensi Academia Professore primario, nunc totius Hispaniae archiatro, pleraque accepimus, quae apud insignes meretrices celebra ibi sunt et usitata, ideoque fidedigna, et quae experimentum facile promittunt, sed leuioribus ingeniis omnino celanda, ne minus constantes aut prece aut pretio eis abutantur.

e também nós próprios recebemos ensinamentos da parte do doutíssimo Rodrigo de Sória, um homem extraordinário e extremamente honesto, que foi professor de Prima na Universidade de Salamanca e é presentemente médico-mor de toda a Hispânia;¹⁷ dele mesmo recebemos muitos ensinamentos que são conhecidos e estão em franco uso entre meretrizes famosas, e por isso são confiáveis e passíveis de prometerem uma fácil experiência; em todo o caso, devem ser totalmente ocultados a mentes um tanto fracas, para evitar que gente de pouca ponderação abuse delas quer por insistência, quer por dinheiro.¹⁸

Ora é com base nesses conhecimentos práticos que, segundo Rodrigo de Castro, as alcoviteiras sabem ajudar as jovens que tiveram relações antes do casamento, ou as mulheres que, depois do parto, ficam menos atraentes para os maridos. Elas sabem que determinado medicamento

illaesis uisceribus, uentrem planum ac firmum reddit, mammas efficit duras, compactas, et minores illaeso pectore, pudendum arctius citra uteri noxam.

torna o ventre liso e firme, sem causar dano às entranhas, faz com que as mamas fiquem duras, densas e mais pequenas, sem causar dano ao peito, e ajuda a que as partes pudendas fiquem mais apertadas, sem dano do útero.

curtumes) do Tormes, aproveitando-se os rebotalhos das peles para preparar excelente cola (JORGE (s.d.) 131).

¹⁷ Rodrigo de Castro formou-se em Medicina na Universidade salmantina e sempre manifestou muito apreço pelos seus mestres. Rodrigo de Sória, professor de Anatomia, foi um deles. Outros são Andrés Alcázar (ou Valcácer) e Juan Bravo de Piedrahita, como se pode ver na obra de PÉREZ IBAÑEZ (1997). Agradeço esta informação a Cristina Pinheiro, autora e mentora do projecto *Gynecia*.

¹⁸ *De morbis mulierum* 4.22.

E é por isso que o médico acrescenta de imediato, com evidente preocupação: *idque pro maximo in hisce rebus secreto habendum est*, isto é: “quanto a isto, há que manter o máximo segredo nestas matérias”¹⁹.

Da harmonia conjugal

Como foi dito, Rodrigo de Castro, em atenção ao bem-estar e à harmonia do casal, procura contribuir para a solução de problemas vários relacionados com a honestidade moral e a fidelidade na relação conjugal, no intuito de responder às dúvidas que muitos homens levantam acerca da virgindade da jovem com quem pretendem casar. E quando trata abertamente esta questão, fá-lo enumerando um conjunto de processos (todos falíveis, no seu entender cientificamente alicerçado) utilizados para comprovar (ou não) a virgindade da moça. O assunto, afirma Rodrigo de Castro (*Med. Pol.* 1614, 4.12), é da alçada das parteiras, a quem recorrem os próprios jurisconsultos quando têm de dirimir contendas e dúvidas suscitadas pelos maridos zelosos ou por outros. Além do primeiro indício, relacionado com a presença do hímen ou *eugion*, as parteiras “buscam o segundo indício na conformidade das partes e no apertado dos lugares”, quer dizer, na configuração das partes e na estreiteza do colo da vagina. Ora o médico considera que nenhum destes indícios é seguro, “porque com uma ou duas cópulas não se dilata a esse ponto o colo das partes pudendas” (1614, 4.12, 286). Além disso, continua, “com medicamentos altamente adstringentes, mulheres espertas e versadas em lenocínio, mesmo aquelas que tiveram uniões frequentes, contraem de tal forma que voltam a parecer virgens e intocadas, recorrendo também, como refere Fragoso, à bexiga do peixe cheia de sangue, para que não falem aqueles despojos, celebrados por alguns, de sinal irrefutável de virgindade.” O Autor menciona e condena, a propósito, o “mau uso dos habitantes do reino de Fez e também de outras nações orientais”, que consiste em mostrar o lençol manchado de sangue no dia das bodas nupciais, sujeitando assim a mulher à humilhação da prova visível da sua integridade física no dia de casamento, e rejeitando-a e devolvendo-a com vexame à família no caso de a jovem já ter sido desflorada. Mas o médico assinala também, com alguma ironia, a

¹⁹ *De morbis mulierum* 4.20.

existência de estratégias utilizados para iludir a ingenuidade do marido, como o citado recurso a uma bexiga de peixe raiada de sangue.

Dada a importância então atribuída à castidade feminina, Rodrigo de Castro regista ainda outras formas de verificar a virgindade de uma jovem, como observar a cor da urina ou medir o pescoço da jovem desposada antes e depois da primeira noite, ou o indício da mudança de voz “de aguda em grave” (1614, 288). Mas nenhum destes indícios (e de outros, também referidos) é por ele considerado cabalmente válido, isto é, garantido ou suficiente para comprovar ou não a eventual virgindade da jovem casadoira, daí podendo decorrer uma avaliação injusta da conduta da moça. Eis o que afirma no *De morbis mulierum*:

Ideoque media tantummodo, quibus fucata uirginitasprehendatur, scire oportebit, inter quae illud primum locum indicium tenet: collum mensura filo circumdato; postero die iterum mensura, si latius quam ut filo comprehendatur inuenitur, tunc primum uitiata fuisse certum erit; si uero nihil maius euasit, antea defloratam fuisse indicium est; aut certe si adhuc integra erat, integra permansit, cuius rei causam et pleraque alia huius rei signa uide in nostro Medico Politico²⁰.

Por isso, o importante será conhecer apenas os meios que permitam reconhecer uma falsa virgindade. Entre eles, tem a primazia o indício que se segue: ponha-se à volta do pescoço um fio, para o medir; no dia seguinte, volte-se a medi-lo; se se descobrir que o pescoço está mais grosso do que o fio pode abarcar, então será certo que foi desflorada na noite anterior; mas se não estiver nada maior, é sinal de que ela (a rapariga) já fora anteriormente desflorada, ou então é certo que, se ainda estava virgem, virgem permaneceu. Veja-se a causa disto e muitos outros sinais relativos a esta situação no nosso Médico Político.²¹

O texto de Rodrigo de Castro continua com a apresentação de receitas que poderão ajudar marido e mulher a reencontrar o prazer sexual. Todavia, consciente da responsabilidade social do médico e atento à forma como disponibiliza aos outros o seu saber, apresenta, no final, a seguinte advertência dirigida aos médicos para se precaverem contra as enganadoras *mulierculae*:²²

²⁰ *De morbis mulierum* 4. 22.

²¹ Como é especificado no cap. 12 do livro 4 (1614, 288), a seguir referido, os jurisconsultos consultam os médicos quer para saberem a quem deve ser atribuída a herança, seja para “punir actos criminosos nesta matéria, ou livrar de acusação mulheres honestas”.

²² Sobre o sentido do termo *mulierculae*, vd. C. PINHEIRO (2017) 515, n. 51: “In *De uni-versa mulierum medicina*, *mulierculae* is often used to designate an old woman who acts as a

Caueant tamen iterum ac saepius medici, ne ea suspectis consulant mulierculis, et iis, quae fucata uenditant uirginitatem, et uaga utuntur uenere, sed honestis ac probis matronis in eos, quos iam retulimus, honestos usus.

Mas os médicos devem ter redobradas cautelas, para não receitarem estes unguentos a mulherzinhas suspeitas e àquelas que vendem e tornam a vender uma virgindade falsa e se entregam a amores inconstantes; receitem-nas, sim, a mulheres casadas honestas e fiéis, para os usos honestos que já referimos.²³

E, de seguida:

Proditis igitur dumtaxat lenarum artibus maleficis, idque in genere, tacitis mediis, ac magistratibus, quibus earum puniendarum cura propria esse debet, relictis, ad institutum rependemus, ac quibus mediis laxitas uteri emendetur, et reparetur uirginalis adstrictio, iis feminis, quae pacis domesticae, et amoris coniugalis sunt sollicitae, praescribamus, non iis, quae uaga uita delectantur.

Portanto, desvendadas pelo menos as malas artes das alcoviteiras e deixados em silêncio, de forma geral, os processos e os magistrados, a quem propriamente competia puni-las, voltemos às instruções e digamos por que meios se há-de corrigir a flacidez do útero e reparar a adstringência virginal, prescrevendo-o às mulheres que estão preocupadas com a paz doméstica e o amor conjugal, e não para aquelas que se entregam com deleite a uma vida airada.²⁴

Idêntica preocupação, ainda que sem a componente de crítica moral, vamos encontrá-la em Luís de Mercado, que compôs uma obra de temática afim e que terá servido de guia para o médico português. Trata-se do *De mulierum affectionibus libri quatuor*, vindo a lume em 1579 e que foi objecto de inúmeras edições, dada a exaustividade e a competência com que são abordadas as questões referentes à mulher²⁵.

procurer to younger girls. Usually, *mulierculae* are associated with ignorance and superstition. [...] Castro calls them sorceresses (*veneficae*) and “plagues that wander freely through the entire universe” (*pestes per uniuersum orbem liberrime vagantes*).

²³ *De morbis mulierum*, 4. 22; cf. CASTRO (2011) 288-289. Vd. 3.2: *caueat tamen [medicus] ne decipiatur, quia uti diximus, hac in re multae fraudes saepissime committuntur*.

²⁴ *De morbis mulierum*, 4. 22; cf. CASTRO (2011) 288-289.

²⁵ GRANJEL (1980) 35 escreve sobre Luís de Mercado: “La obra escrita de Luis Mercado, que inicia en 1572, abarca prácticamente la totalidad de los conocimientos médicos y incluye aportaciones de valor a saberes especializados como la ginecología, la pediatría y la traumatología”. Luis de Mercado (c. 1525-1611), professor de medicina na Universidade de Valladolid, foi médico de Filipe II de Espanha, I de Portugal.

Nesta obra, organizada em quatro livros, o primeiro é dedicado a todos os problemas de que as mulheres padecem, o segundo trata das doenças de virgens e viúvas, o terceiro discorre sobre a esterilidade e a gravidez e o quarto aborda questões em torno de puérperas e amas²⁶.

Referindo-se a esta obra, Rodrigo de Castro, no Prefácio ao Livro I, elega-a como a que mais próxima está da perfeição, apesar do modo desordenado, diz, como expôs os ensinamentos:

At unus Ludouicus Mercatus uir sine controuersia doctus, et dignus, de quo longior sermo haberetur, mihi uisus, ad perfectionem huius Medicinae partis proprius accessisse, nisi promiscue et confuse scripserit, atque adeo prolixè, ut uix caput perlegas, quin prius terminetur morbus, quem curas, inter cuius etiam odoratissimos suauissimosque flores nonnulla senticosa, et dura delitescencia interdum offenduntur.

Mas Luís de Mercado, homem sem controvérsia douto e digno de ser discutido mais extensamente, é o único que me parece ter chegado mais perto da perfeição desta parte da medicina, não fosse o facto de ter escrito de forma desordenada e confusa e de tal forma prolixa que dificilmente se acabará de ler o capítulo antes que a doença que está a ser tratada chegue ao fim, e até entre as suas flores maravilhosamente aromáticas e encantadoras se encontram às vezes alguns espinhos e durezas escondidas.²⁷

Portanto, sem dúvida que Rodrigo de Castro conheceu, consultou, comentou e criticou esta obra, a avaliar por algumas semelhanças entre passos equivalentes de uma e outra e pelos comentários que Castro faz acerca de algumas posições de Mercado²⁸.

Assim, e para citar apenas dois casos evidentes — dado não ser propósito do presente estudo proceder ao confronto sistemático entre as duas obras —, o livro IV do *De morbis mulierum*, cap. 13, intitula-se *De rugis, quae*

²⁶ É o que vem exarado logo no título (edição de 1594): *Ludouici Mercati Medici (...) et in Vallesoletana Academia primariae cathedrae Professoris De Mulierum Affectio-nibus Libri Quatuor. Quorum primus de communibus mulierum passionibus disserit. Secundus virginum & viduarum morbos tractat. Tertius, sterilium & praegnantium. Quartus, puerperarum & nutricum accidentia ad unguem exequitur.*

²⁷ Tradução de Cristina Pinheiro, ainda não publicada, mas gentilmente cedida e a quem agradeço algumas sugestões nesta matéria.

²⁸ A semelhança temática de ambas as obras, a de Luís de Mercado e a de Rodrigo de Castro, é referenciada por este quando, em 4.9 do *Medicus Politicus*, ao elencar obras sobre doenças específicas da mulher, escreve: *Ludouici Mercati et nostrum de uniuersa mulierum medicina opus.*

post partum in ventre supersunt, e nele o autor apresenta algumas receitas para auxiliar a mulher no tratamento das rugas do ventre decorrentes da gravidez, entre as quais a conveniência de aplicar sobre a barriga, pelo menos a partir do quarto mês,

linteum oleo amygdalarum dulcium, aut sesamino inunctum (...). Sed a partu rugas comprimit et ad pristinum statum redigit unguentum ex succo radicis liliorum alborum cum melle et cera ad ignitum compositum. (Mercatus, 1594, p. 528)

um pano embebido em óleo de amêndoas doces ou de sésamo (...) Mas, a seguir ao parto, um unguento feito de suco de raiz de lírios brancos, misturado com mel e cera e aquecido, alisa as estrias e leva-as ao estado anterior.

Se compararmos com o passo equivalente de Rodrigo de Castro, verificam-se muitas semelhanças, sinal evidente de que este seguiu de perto a obra do médico espanhol. Uma das receitas reza assim:

*facilius tamen conficitur hoc aliud: R. succi radicis liliorum alborum, mellis, et cerae ana partes aequales ad ignem fiat unguentum; aut pinguedinis cuiusuis 3 i. cerae rubeae 3 β.*²⁹

mas é mais fácil preparar este outro unguento: RÉCIPE: ponha-se ao lume, em partes iguais, suco de raiz de lírios brancos, mel e cera, ou, de uma qualquer gordura, uma onça, e de cera avermelhada, meia onça.

O mesmo se passa no capítulo 14 desse livro IV de Mercado, onde se lê, a respeito do problema da lassidão dos órgãos que intervêm no processo da gravidez e do parto (Mercado, 1594, p. 529):

[...] praeterquam quod foeminae sic affectae propriis uiris ingratiore fiunt; ob id sane pauca quaedam studui huic malo afferre praesidia.

[...] além de que as mulheres nesta situação se tornam bastante pouco atraentes para os seus próprios maridos; é exactamente por isso que decidi apresentar uns tantos remédios para este mal.

Verifica-se neste passo a preocupação do médico em dar remédio e protecção à mulher que, depois do parto, se viu diminuída, perante o marido, nas suas capacidades físicas e menos atraente do ponto de vista sexual. Compare-se com o que lemos em Rodrigo de Castro (4.22):

A partu laxa manent muliebria, quod causa est ut sterilitatis, aut uteri procidentis, quorum etsi neutrum contingat, saltem feminae propriis uiris ingratiore sunt.

²⁹ R. C. *De mulierum morbis* 4.20 (fol. 514).

Depois do parto, as partes femininas ficam lassas, o que provoca quer esterilidade, quer o prolapso do útero; e ainda que não aconteça nenhuma destas situações, as mulheres tornam-se menos atraentes para os seus próprios maridos.

E, mais adiante, numa referência ao intuito com que se decidiu a enveredar pela medicina de auxílio à mulher:

[...] ad institutum rependemus, ac quibus mediis laxitas uteri emendetur, et reparetur uirginalis adstrictio, iis feminis, quae pacis domesticae, et amoris coniugalis sunt sollicitae, praescribamus, non iis, quae uaga uita delectantur.

[...] voltemos às instruções e digamos por que meios se há-de corrigir a flacidez do útero e reparar a constrição virginal, prescrevendo-o às mulheres que estão preocupadas com a paz doméstica e o amor conjugal, e não àquelas que se entregam com deleite a uma vida airada.

Em todo o caso, sobressai, neste breve, mas já significativo confronto, uma diferença essencial: a constante preocupação de Rodrigo de Castro com a moral conjugal. Bem diferente do que acontece com Luís de Mercado, apenas preocupado com a felicidade da relação do casal. Seja como for, as duas obras têm bem presente que a mulher estava sujeita, por atavismo e pela sua própria constituição, a inúmeros e dolorosos padecimentos. Competia ao médico dar-lhes conforto nos momentos difíceis. O Prefácio ao Leitor, de Rodrigo de Castro, a anteceder o livro 1, começa exactamente com a frase: *Subit omnino misereri foeminae sortis*, isto é, *Veio-me ao espírito apiedar-me em absoluto da sorte das mulheres*, especificando depois os trabalhos e sofrimentos que a atingem, como ser humano e sobretudo como mulher. Também Luís de Mercado, nas palavras que dirige ao leitor, a anteceder o começo da obra e a justificar o tema escolhido, refere que o que o levou a escrever o seu tratado sobre os padecimentos das mulheres foi verificar que a arte médica andava alheada e incompleta por lhe faltar a segunda parte, a que dizia respeito aos problemas de saúde da mulher. Foi nesse sentido que decidiu compor a obra, apiedado dos mil sofrimentos que são inerentes à condição feminina:

Quae sane omnia considerans, ac diu insequens artis arcana, compertum procul dubio habui, alteram nostrae artis partem, quam foeminis propriam & peculiarem esse

*existimaui, mutilam esse, & defectam, ac incultam ita, ut misere foeminas ipsas mille morbis premi conspiciamus, [...].*³⁰

Avaliando tudo isto e prosseguindo no estudo dos arcanos da arte [médica], acabei por descobrir, sem dúvida, que a segunda parte da nossa arte, que considerava ser própria e especialmente relativa às mulheres, estava incompleta e deficiente e não tratada, de tal ordem que vemos até que ponto as mulheres são oprimidas por mil doenças e dignas de piedade [...].

As implicações jurídicas do problema ou o direito familiar

Há, no entanto, outros aspectos da vida do casal a ter em conta por parte do médico, segundo Rodrigo de Castro. Um deles é o que está ligado à questão da castidade, honestidade e fidelidade da mulher, um problema que apresenta evidentes implicações jurídicas e que se manifesta quando a recém-casada tem um parto precoce ou quando a viúva tem uma gravidez que se completa dez ou onze meses depois da morte do marido. Escreve Rodrigo de Castro no *Medicus Politicus*³¹:

Nil autem frequentius iureconsulti a medicis interrogare consueuerunt, neque ulla in re magis inter se dissentiunt, quam in tempore quo naturalis partus contingere solet, et a quo, ac quomodo legitima computatio sit ineunda, tum ut noscant, cui assignanda haereditas sit, cui uero deneganda, si forte nuper nupta ante septimum post nuptias mensem, aut si viduae, decimo uel undecimo a viduitate mense pepererunt, tum etiam ut scelera hac in re punire, aut a crimine liberare honestas feminas possint.

Nada costumam os jurisconsultos perguntar mais frequentemente aos médicos e em nada estão mais em desacordo entre si do que no tempo em que costuma dar-se o parto natural, e a partir de que tempo e de que modo se deve começar a contagem, seja para saberem a quem deve a herança ser atribuída e a quem deve ser negada, se acaso a recentemente casada der à luz antes do sétimo mês após as núpcias, ou a viúva der à luz no décimo ou no décimo primeiro mês de viuvez, seja também para punirem actos criminosos nesta matéria, ou livrar de acusação mulheres honestas.

E, logo a seguir:

Quos omnes casus et uidimus et de iisdem fuit nostrum iudicium postulatam; et constantissime censemus septimo duntaxat, nono et decimo mense legitimum edi foetum; quicumque uero temporius aut serius a uiri absentiam in lucem ueniunt, suppositicios et ilegítimos esse, ut latius in praedicto opere continetur, ubi de iis exactis-

³⁰ No Prefácio *Ad Lectorem*, páginas não numeradas na edição consultada (MERCATUS 1594).

³¹ *O Médico Político* (2011) 4.12.

sime dissertauimus, ita ut nullus iam relinquatur iurisconsultis controuersiarum locus, si, quae ibi de hac re sunt elucidata, penitus legerint.

Todos estes casos não só os vimos, como foi também sobre eles solicitado o nosso parecer. E julgamos muito firmemente que o filho legítimo nasce pelo menos ao sétimo, ao nono e ao décimo mês, e quantos nascerem antes, ou depois da ausência do marido são supositícios ou ilegítimos, como mais abundantemente se regista na referida obra³², onde dissertámos com a maior precisão sobre estas coisas de tal maneira que se não deixou aos jurisconsultos espaço nenhum de controvérsia, se aprofundadamente lerem o que sobre esta matéria aí foi esclarecido (...).

Intimamente relacionado com as implicações jurídico-morais do surgimento de desconfianças no casamento é o problema, já referido, da determinação da virgindade da jovem. O assunto é objecto de tratamento na obra *Medicus Politicus*, 4.12, um capítulo intitulado “Como reconhecer a virgindade perdida e a esterilidade de cada um dos cônjuges” e que começa assim:

Ardua et perdifficilis saepe solet controuersia excitari, circa uirginitatem, aut quia maritus sponsam uirum antea expertam fuisse contendit, ut in iure Pontificio continetur, De Probationibus, capit. Proposui, aut quia monialem aliquam reliquae affirmant esse corruptam, aut odio aut zelo, ut non ita pridem accidisse nouimus. Ita solent iureconsulti hanc quaestionem obstetricibus extricandam committere.

Árdua e muitas vezes bem difícil controvérsia costuma levantar-se acerca da virgindade, ou porque o marido afirma que a esposa teve antes relações com outro homem, como consta do direito pontifício *De Probationibus*, capítulo *Proposui*, ou porque, por ódio ou zelo, afirmam as outras [monjas] que uma monja foi desflorada. Assim sendo, costumam os jurisconsultos entregar este assunto às parteiras, para esclarecimento.³³

São vários e diversificados os procedimentos de avaliação da possível virgindade referidos neste capítulo, mas a todos eles o médico contrapõe, como já foi referido, razões que rebatem e anulam a sua eficácia, ditadas pela sua própria experiência e pelo conhecimento haurido na leitura de autores de

³² Refere-se à obra *De morbis mulierum*. O assunto é tratado na Primeira Parte, 4. 2, 3 e 4.

³³ *O Médico Político* (2011) 285. O capítulo aqui mencionado apresenta o texto de uma carta do papa Gregório VIII, na qual vem exarada a opinião de que, perante depoimentos contrários, o da mulher e o do marido, deve ser dado mais crédito (*fides est potius adhibenda*) à jovem que jura ser virgem e que o atesta com o testemunho de sete mulheres, apesar do juramento em contrário do marido. Vd. *Decretalium Gregorii Papae IX compilationis Liber II, Titulus XIX, De probationibus, capitulum IV*, com a carta de Gregório VIII dirigida ao *Praepositus Sancti Cataldi*, e que começa *Proposui nobis*.

confiança, como os clássicos Hipócrates e Galeno, mas também modernos, como Avicena e outros.

Rodrigo de Castro informa, a seguir, que tratou o tema da virgindade no *De natura mulierum*. De facto, é nesta obra que ao assunto é dado maior desenvolvimento, sobretudo quando, no cap. 4.3, se distinguem, de modo muito pormenorizado, várias formas de contar os meses solares e lunares, as semanas e os dias, a fim de determinar com rigor o início da concepção e desse modo determinar, por exemplo, se a perda da virgindade foi anterior às núpcias ou se a criança póstuma pode ser considerada, ou não, legítima herdeira. Os jurisconsultos eram consultados a fim de decidirem do crime jurídico em causa (o da perda da virgindade antes do casamento ou o da fidelidade da mulher e da legitimidade dos filhos), mas a sua opinião nem sempre era concordante. Rodrigo de Castro, chamado também a dar o seu parecer em casos destes, defendeu a opinião de que a contagem da gravidez pode ser feita desde o sétimo mês até ao décimo. Deixava assim claros o escrúpulo e a seriedade com que o médico português avaliava certas situações aparentemente estranhas ou difíceis de compreender e justificar. Segundo ele mesmo anota, muitas vezes agiu em defesa da inocência de certas jovens, a quem tinham faltado as regras e que, por tal, já eram objecto de suspeitas por parte da família, por ser sinal de que teriam engravidado sem serem casadas. As explicações dadas por Rodrigo de Castro destinam-se a proteger a mulher, ao tornar evidente que a margem de manobra dos jurisconsultos é diminuta ou mesmo inexistente para decidir da honestidade, quer dizer, da fidelidade ou não da mulher recém-casada que dá à luz antes do tempo esperado ou da viúva que dá à luz decorridos mais de nove meses depois da morte do marido³⁴.

Todas estas questões estão correlacionadas com o estatuto jurídico da mulher e Rodrigo de Castro não foi alheio às tendências do tempo no sentido de olhar para a mulher de forma especial. De facto, vários foram os autores que, ao longo dos séculos XVI e XVII, prestaram atenção à condição social feminina, bem como ao seu enquadramento jurídico³⁵. Entre nós, o jurista Rui

³⁴ Em concreto, o que estava em causa, por parte dos maridos ou dos herdeiros, era averiguar se o filho era legítimo ou não, a fim de se decidir se tinha direito à herança.

³⁵ Acerca das inúmeras obras que, a favor ou contra as mulheres, foram produzidas na Espanha e noutros países, vd. FANTAZZI (1996) xxiv-xxvi.

Gonçalves publicou sobre este tema, em 1557, uma obra intitulada *Dos privilegios & praerogativas que ho genero feminino tem por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*, publicado em Lisboa na oficina de João de Barreira, e dedicou-a à rainha D. Catarina, viúva de D. João III e regente. Pode estranhar-se o título, que fala de privilégios e prerrogativas em favor da mulher, numa espécie de discriminação positiva, como alguém escreveu. Mas não é exactamente assim. A legislação compilada pelo jurista consagrava, de acordo com Maria de Lurdes Fernandes, “a formulação do ideal da ‘boa’ e dedicada esposa, e tinha em vista, “em primeiro lugar, as princesas e grandes senhoras” (FERNANDES, 2000, 413). Em rigor, e apesar de afirmar a sua oposição aos discursos misóginos, Rui Gonçalves não deixa de alinhar com a visão tradicional, ao dar da mulher uma imagem ideal, sem sombra de mácula, casta e obediente. Antes dele, o valenciano Juan-Luis VIVES, um dos mais influentes humanistas do século XVI, a par de Erasmo e Budé, publicara, em 1524, e reescrevera em 1538, o *De institutione feminae Christianae*. Neste tratado, considerado “a maior obra do séc. XVI sobre o tema da educação da mulher”, considera que as mulheres devem ser alertadas para não assumirem comportamentos impróprios, por forma a preservarem as duas virtudes essenciais, a honestidade e castidade³⁶. Tanto o jurista português como o humanista de Valência se mantêm na esteira da tradição, ao defenderem a necessidade de proteger as mulheres de uma exposição que poderia atentar contra a sua integridade física e moral. Daí o confinamento a que estavam sujeitas. Na verdade, o que estava em causa era o problema do adultério, condenado pelo direito e pela moral.

Anteriormente, em 1540 veio a lume, da autoria do Dr. João de Barros, o *Espelho de casados*, obra que foi, no dizer de LOPES (2019) 29, a primeira “sobre o tema do casamento, funções de marido e mulher e o seu relacionamento”. E ainda: “Foi o primeiro texto português que se insurgiu contra os detractores das mulheres, salientando que defeitos e qualidades dependem das personalidades e não do sexo.” Trata-se, no fundo, de uma defesa das mulheres, que têm os mesmos dotes e as mesmas fraquezas dos homens. Se não vão mais longe, isso deve-se a um problema de educação, afirma. E para

³⁶ Vd. SANTOS (2007) 21.

que os seus ensinamentos sejam acessíveis a todos, incluindo as próprias mulheres, o Dr. João de Barros decidiu escrever em português e não em latim. Acrescenta, contudo, que tem capacidade para tal, pelo que, acrescenta ainda, tenciona fazer uma edição recorrendo à língua dos humanistas e homens de ciência do Renascimento, o latim³⁷.

Ainda a respeito da questão da menorização da mulher ao longo dos tempos, em particular nos séculos XVI e XVII, importa lembrar que outros autores houve que condenaram abertamente a reclusão a que as mulheres estavam sujeitas, confinadas ao seu mundo doméstico. Foi o caso do magistrado português, político e escritor Tomé Pinheiro da Veiga, que cerca de 1608 compôs a obra *Fastigímia* (ou *Fastigínia*, como alguns defendem), de pendor crítico, na qual, observando e comparando os costumes castelhanos e portugueses, censura a condição da mulher no triste “Portugalete”. De acordo com M. M. CAEIRO (1995) 141, este magistrado “reprovou a desconfiança dos homens e o cativo servil das esposas e donzelas”, ‘obrigando-as com o muyto serrar das portas que se sayam pelas janelas e com as ferropneas dos pés que saltem pelos telhados’, nas palavras do próprio magistrado.

Em conclusão:

Do exposto, podemos concluir que a posição de Rodrigo de Castro sobre certos aspectos da natureza fisiológica e da condição social da mulher tem como fundamento três desígnios essenciais e claros: 1) o intuito de auxiliar a mulher em momentos menos bons da relação conjugal, em resultado de um parto recente; 2) a necessidade de zelar pelos bons costumes, ao aconselhar que certas receitas se destinem a casais honestos e não a jovens de comportamentos desregrados, auxiliados por alcoviteiras; 3) o cuidado posto na dilucidação de casos jurídicos que possam afectar a imagem moral da mulher.

Acima de tudo, observa-se da parte de Rodrigo de Castro a preocupação de auxiliar a mulher, nos seus três estados civis (solteira, casada, viúva),

³⁷ Veja-se, sobre a importância da divulgação das ciências em latim, LEITÃO *et alii* (2004). Para um conhecimento aprofundado das mil e uma questões que se levantam em torno da vida familiar e conjugal, bem como das obras norteadoras do estado de casado (espelhos, cartas e guias) que se compuseram nos séculos XV a XVII e da imensa bibliografia relativa a estas matérias, veja-se a tese de doutoramento de FERNANDES (1995).

quando estão em causa situações incompreendidas e por isso capazes de dar origem a acusações infundadas e moralmente injustas. Deste ponto de vista, Rodrigo de Castro distancia-se da opinião daqueles teólogos, médicos e juristas que viam no ser feminino um ser inferior, mutilado e tendencialmente corrupto, em resultado da proclamada *imbecillitas* feminina e da sua natureza corrompida³⁸. O que o nosso autor condena, na verdade, é a desonestidade e a entrega a amores fáceis, por parte de mulheres inconstantes, levianas e infiéis, e o mal que, juntamente com as alcoviteiras, causam à vida familiar. Em suma, não há sombra de misoginia nas considerações que o médico português, judeu radicado em Hamburgo, tece em torno da constituição fisiológica e da moral da mulher. Não foi o único, como pudemos ver. Eram já notórios os sinais de que o humanismo moral, o humanismo jurídico e, em particular, o humanismo médico, assente na ciência e na empatia, se ‘apiedou’ da mulher, procurando suavizar o seu sofrimento físico e interior.

Referências bibliográficas

- CAEIRO, M. M. (1995), “Estereótipos femininos quinhentistas: o testemunho de António Ribeiro Chiado”: (1995) *O rosto feminino da expansão portuguesa*. Actas. Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das mulheres, 137-143.
- CARDOSO, A. (2012), “A Biblioteca proposta por Rodrigo de Castro”: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012) 159-167.
- CASTRO, A. L. (1993), *Gil Vicente y “La Celestina”*: Incipit, 13 (1993) 105-119.
- CASTRO, R. (1603), *De uniuersa mulierum medicina, novo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum. Et studiosis omnibus utile, medicis vero pernecessarium*. Pars Prima Theorica. Coloniae. (1617) Pars Secunda Praxis. Hamburgi, Ex Bibliopolio Frobeniano.

³⁸ LOPES (2017) 4. Sobre a menorização da mulher devida à sua *imbecillitas*, que encontramos expressa em autores da Antiguidade, da Idade Média e tempos posteriores, vd. LOPES (2017) 29-35. Do ponto de vista médico, a teoria dos humores consagrou, desde Aristóteles, a ideia de que as mulheres eram frias e húmidas. Além disso, eram mais dadas à paixão e a um intenso apetite sexual, além de sedutoras e manipuladoras, como lembrou HESPAÑA (1994).

- CASTRO, R. (1614), *Roderici a Castro Lusitani Medicus-Politicus siue De officiis Medico. Politicis tractatus* (...). Hamburgi, Ex Bibliopolio Frobeniano.
- CASTRO, R. (2011), *O Médico Político ou tratado sobre os deveres médico-políticos*. Tradução de Domingos Lucas Dias. Lisboa, Edições Colibri.
- FANTAZZI, C. (1996) (Ed.) – vd. VIVES, J. L., *De institutione feminae Christianae*. Liber Primus. Introduction, Critical Edition, Translation and Notes. Edited by C. FANTAZZI and C. MATHEEUSSEN. Translated by C. FANTAZZI. Leiden – New York – Köln, 1996.
- FERNANDES, M. L. C. (2004), “Cartas de sátira e avisos em torno dos folhetos *Malícia das mulheres e Conselho para bem casar* de Baltazar Dias”: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 1, 161-181.
- FERNANDES, M. L. C. (2000), “Literatura Moral e Discursos Jurídicos. Em torno dos “privilégios” femininos no século XVI”: (2000) *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, 17. Porto, 403-418.
- FERNANDES, M. L. C. (1995), *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica, 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GOMES, A. F. (1983), *Poesia e dramaturgia populares no séc. XVI – Baltasar Dias*. Lisboa, Biblioteca Breve.
- GONÇALVES, R. *Dos privilegios & praerogativas que ho genero feminino tem por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*. Ed. Elisa Maria Lopes da COSTA. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992. (Livro III de Actos e Graus da Universidade de Coimbra. Arquivo da Universidade de Coimbra, fólio XXXI).
- GRANJEL, L. S. (1980), *La medicina española renascentista*. Salamanca.
- HESPANHA, A. (1994), “O estatuto jurídico da mulher na época da expansão”: *O rosto feminino da expansão portuguesa*. Congresso Internacional. Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 53-64.
- JORGE, R. (s.d.), *Amato Lusitano: comentos à sua vida, obra e época*. Lisboa.
- LEITÃO, H. et alii (2004), “O livro científico nos séculos XV e XVI”. Lisboa, Biblioteca Nacional (consultado on-line).
- LOPES, M. A. (2017), “Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”: Maria Antonietta ROSSI (a cura di) (2017), *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*. Viterbo, Sette Città, 27-44.
- LOPES, M. A. (2019), “O Espelho de casados (1540) do Dr. João de Barros: concepções sobre as mulheres, o casamento e a relação conjugal na obra e na

- época”: E. D. FLECK e M. DILLMANN (org.) (2019), *O universo letrado da Idade Moderna: escritoras e escritores portugueses e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX*. São Leopoldo, Oikos / Editora Unisinos, 29-62.
- MERCADO, L. (1594) Ludouici Mercati Medici a cubículo Philippi secundi Hispaniarum Indiarumque Regis potentissimi, atque eiusdem Prothomedici et in Vallesoletana Academia primariae cathedrae Professoris emeriti *De Mulierum Affectionibus Libri Quatuor. Quorum primus de communibus mulierum passionibus disserit. Secundus uirginum & uiduarum morbos tractat. Tertius, steriliū & praegnantium. Quartus, puerperarum & nutricum accidentia ad unguem exequitur*. Madriti, Apud Thomam Iuntam, Anno M.D.IC IIII.
- Ordenações Manuelinas* (1984). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- OLIVEIRA, Fr. (2008), “Misoginia clássica: Perspectivas de análise”: (2008), *Norma & Transgressão*. Coimbra, 65-91.
- PÉREZ IBAÑEZ, M. J. (1997), *El humanismo médico en el siglo XVI en la Universidad de Salamanca*. Universidad de Valladolid.
- PINHEIRO, C. (2017), “The ancient medical sources in the chapters about sterility of Rodrigo de Castro’s *De uniuersa mulierum medicina*”: G. DAVIS and T. LOUGHRAN, *A Handbook of Infertility in History*. London, Palgrave Macmillan, 291-310.
- TEYSSIER, P. (1982), *Gil Vicente, o autor e a obra*. Tradução de Álvaro Salema. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- SANTOS, G. A. S. (2007), *Direito e gênero: Rui Gonçalves e o estatuto jurídico das mulheres em Portugal no século XVI (1521-1603)*. [Tese de Mestrado]. Goiânia.
- VIVES, J. L., *De institutione feminae Christianae. Liber Primus*. Introduction, Critical Edition, Translation and Notes. Edited by C. FANTAZZI and C. MATHEEUSSEN. Translated by C. Fantazzi. Leiden – New York – Köln, 1996.

* * * * *

Resumo: Este artigo pretende apresentar uma leitura de alguns capítulos do *De uniuersa mulierum medicina* (de 1603) e do *Medicus Politicus* (de 1614) consagrados por Rodrigo de Castro à questão jurídico-moral da castidade e da fidelidade da mulher, com o intuito de proteger a harmonia do casal e ao mesmo tempo condenar as alcoviteiras que ajudam jovens e mulheres de comportamento devasso a restabelecer a sua integridade física e moral. A fim de contextualizar o pensamento de Rodrigo de Castro, far-se-á um breve confronto com a obra do jurista Rui Gonçalves e do médico Luís de Mercado.

Palavras-chave: harmonia conjugal; virgindade; sexualidade; alcoviteira; Rui Gonçalves; Luís de Mercado.

Resumen: Este artículo pretende porponer una lectura de algunos capítulos de *De uniuersa mulierum Medicina* (1603) y de *Medicus Politicus* (1614), dedicados por Rodrigo de Castro a la cuestión jurídico-moral de la castidad y fidelidad de la mujer, con el propósito de proteger la armonía de la pareja y al mismo tiempo condenar a las celestinas por ayudar a mujeres jóvenes y licenciosas a recuperar su integridad física y moral. Para contextualizar el pensamiento de Rodrigo de Castro, haremos un breve cotejo con las ideas del jurista Rui Gonçalves y las del médico Luis de Mercado.

Palabras clave: armonía conyugal; virginidad; sexualidad; alcahueta; Rui Gonçalves; Luis de Mercado.

Résumé : Cet article prétend commenter certains chapitres des œuvres *De uniuersa mulierum medicina* (1603) et *Medicus Politicus* (1614), consacrés par Rodrigo de Castro à la question juridico-morale de la chasteté et de la fidélité des femmes, afin de protéger l'harmonie du couple, et, en même temps, de condamner les entremetteuses qui aident les jeunes filles et les femmes impudiques à récupérer leur intégrité physique et morale. Afin de contextualiser la pensée de Rodrigo de Castro, nous procéderons à une brève confrontation entre l'œuvre du juriste Rui Gonçalves et celle du médecin Luis de Mercado.

Mots-clés : Harmonie conjugale ; virginité ; sexualité ; entremetteuse ; Rui Gonçalves ; Luís de Mercado.

**From Flesh to Text: The Chapters on the Uterus and Its Parts in
Rodrigo de Castro's *De uniursa mulierum medicina***

**Da Carne ao Texto: os capítulos sobre o útero e suas partes no
De uniursa mulierum medicina de Rodrigo de Castro**

CRISTINA SANTOS PINHEIRO¹ (*University of Madeira, Centre for Classical Studies of the School of Arts and Humanities, the University of Lisbon — Portugal*)

Abstract: The anatomy of the uterus and its constituent parts was an essential section in early modern medical treatises, both general texts and specialist texts in gynaecology and obstetrics. In this paper, I examine the section of Rodrigo de Castro's *De uniursa mulierum medicina* devoted to the subject (chapters 2 and 3 of Book 1, Part 1 "Theoria"), both as regards what he says about the anatomical characteristics of these parts and the controversies and questions of morality associated with the uterus.

Keywords: history of gynaecology; anatomy of the reproductive tract; Rodrigo de Castro Lusitano; *De uniursa mulierum medicina*.

1. Introduction

Rodrigo de Castro Lusitano was a Portuguese physician of Sephardic descent who dedicated his life to the practice of the medical profession in Portugal but also notably abroad. He settled in Hamburg at an unknown date, probably in the late 1580s or early 1590s, and there published three medical treatises: a small book on the plague that afflicted Hamburg in 1596; a treatise on women's diseases that went through several editions from 1603 to 1689; and another on medical ethics, published in 1614 and 1662². The frontispieces of the last two books describe Castro as *per Europam notissimum*. Nevertheless, Castro and his works are virtually unknown in Portugal, though there have been some

Text received on 05/04/2021 and accepted on 19/04/2021. This work was supported with national funding by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT) within the framework of the project "Gynecia: Rodericus a Castro Lusitanus and the Ancient Medical Tradition about Gynaecology and Embryology" (Ref. PTDC/FER-HFC/31187/2017)

¹ cristina.pinheiro@staff.uma.pt.

² On the possibility of Castro having lived in Antwerp before settling in Hamburg, cf. DIAS (1887-1889) and PINHEIRO (2021a). Some authors mention a fourth book, written in vernacular, *Tratado de herem*, now lost.

recent efforts to publicise and to study his contribution to the history of medicine in Portugal and in Europe³. The fact that he was labelled as Galenic, when this was understood as a synonym of conservatism and scientific backwardness, played against him and contributed to consign him and his medical work to oblivion.

If we consider the history of science in general and of medicine in particular to be a story of individual geniuses, then Castro probably has no place in it. But if we consider that it is a continuous and culturally conditioned movement towards innovation, where all efforts are important, then we must give Castro the place he deserves. He was obviously a man of his time and had a solid knowledge of medicine, both theoretical and practical, and his work bears witness to this. The references to the many patients he treated attest to his success, as do the privileges that were granted to him in Hamburg, despite his origins and the obstacles they may have posed, indicating that he achieved there an unprecedented social status⁴. He is credited by DIAS (1887) 52 as being the “father of gynaecology”, but, like so many others who left the country in the fifteenth and sixteenth century, escaping religious prosecutions and searching for more tolerant places, he is “a lost glory” of Portuguese culture⁵.

Castro earned his medical degree at the University of Salamanca in what has been considered the period of the establishment of Vesalian anatomy in Spain. The construction of the university’s permanent anatomical theatre — one of the first to be built in Europe — was finished in 1554,

³ The most significant efforts, in Portugal, are the ongoing Gynecia project and the project “Filosofia, Medicina e Sociedade” (2007-2011), coordinated by Adelino Cardoso.

⁴ As BRADEN (2001) 75, 178, 465, n. 250, and (2016) 240 notes, he was given permission to bury his wife in the Lutheran cemetery of the church of Saint Mary Magdalene, to have his sons enrolled in the Johanneum academy and to buy a property in the *Wallstraße*, when these were not usually rights granted to foreigners settled there. On Castro’s life, see DIAS (1887-1889), KAYSERLING (1902), LEMOS (1909) 230-233, STUEDEMUND-HALÉVY (2009), ARRIZABALAGA (2009), FRADE and SILVA (2011), PINHEIRO (2017) and PINHEIRO (2021a).

⁵ The expression is used by WILKE (2018) 197 and refers to Filipe Montalto and to Rodrigo de Castro.

probably a few years before Castro arrived in Salamanca⁶. His interest in anatomy is evident throughout his work and his chapters on the anatomy of the uterus prove his knowledge of Vesalius' *Fabrica*. It is the aim of this paper to explore how Castro uses certain previous texts on anatomy in his chapters on the uterus, and how his appropriation of these texts relates to the pedagogical frame of the *De uniuersa mulierum medicina* (*Complete Women's Medicine*). At the same time, I hope to show that this textual dependence provided Castro with a coherent system of medical terminology related to the female reproductive organs and that it enabled him to approach some important cultural, moral and social issues related to them.

2. The Chapters on the Anatomy of the Female Reproductive Organs

In the first part of his treatise on gynaecology, Rodrigo de Castro presents, as he himself asserts in his preface, the theory of the "natural history of women" (*naturalis mulieris historia*). In the four books that constitute this first part, entitled "On the nature of women", he explores, as he says, "all matters relating to the anatomy of the uterus and breasts, to the philosophy or history of the female sex, and those concerning semen, menstruation, sexual intercourse, conception, pregnancy, parturition and breastmilk"⁷. In the eleven chapters that constitute the first book, Castro analyses topics ranging from the difference between male and female, in chapter 1, to their similarities, in chapter 11. In the intervening chapters, he describes in detail the nature, arrangement and functioning of the female reproductive organs and the structures that support them, such as blood vessels, bones, membranes, etc. He also describes the breasts, the uterus during pregnancy and the physical structures that support foetal development.

⁶ Cf. on the Vesalian movement in Spain, and particularly in Salamanca: MONTES and GARCÍA (1994), PÉREZ IBÁÑEZ (1998) 46ff., MARTÍNEZ-VIDAL and PARDO-TOMÁS (2005), VÁZQUEZ, RIESCO and BLANCO (2015).

⁷ *omnia quae ad uteri et mammarum anatomen, philosophiam, uel feminei sexus historiam pertinent, quaeque ad semen, menstruum, congressum, conceptum, uteri gestationem, partum et lac spectant*. All translations, when not indicated otherwise, are my own. The transcription of all the Latin texts follows the rules of APENEL-Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos. The text is from the second edition of the *De uniuersa mulierum medicina* (1617). On the prefaces, see PINHEIRO (2021b).

But this series of chapters constitutes more than a description of what the author may have learned in his anatomy class in Salamanca or in his personal experience as a physician. As we can see in other parts of the treatise, it includes countless critical assessments of a considerable range of sources that Castro quotes from, comments on and evaluates. In the preface, he points out precisely this component of the work: “we shall expose ... the difficulties of the texts, the controversies, the problems and any matter that need further reflection”⁸. Castro’s treatise, and specifically the chapters concerning us here, has two distinct focuses: on the one hand, description of the female anatomical structures involved in reproduction and, on the other, scrutiny of the medical tradition, especially regarding controversial issues such as, for instance, the existence of the hymen (1.8) or of chambers in the uterus (1.6), the assessment of social practices like female genital mutilation (1.9) or of controversies like the possibility of women with an excessively large clitoris becoming men (1.11). It provides, therefore, a certain amount of information about the author’s ethical, social and cultural standpoints, but it also shows his position in relation to the medical knowledge of his time.

In this paper, I do not seek to understand if Castro was right or wrong in his anatomical descriptions (that goes far beyond what a philologist can do), but rather to analyse chapters 2 and 3 of Book 1, Part 1 “Theoria” as texts that evoke — and sometimes quote — other texts, creating a new textual construction and establishing more or less evident relations with the ancient and contemporary late sixteenth-/early seventeenth-century medical traditions⁹. The sources identified by Castro in this anatomical section are diverse. However, in this specific set of chapters, the most important authors are Galen and Vesalius. The former is frequently cited and referred to, and Castro sometimes even identifies with precision the relevant Galenic treatise, identifying in the margin of the page the excerpt that is being quoted or paraphrased in the body of the text. Vesalius’ name, however, is mentioned no more than four times in the entirety of book 1. In three of these four times, Castro censures

⁸ *textuum praeterea difficultates, controuersias, problemata et quaecumque longioris sunt speculationis, Deo bene iuuante, exponemus.*

⁹ Citations to Castro’s work are not to chapters but to Part 1 or Part 2, followed by the page number. Thus 1.8 means page number 8 of Part 1.

or refutes the anatomist's opinion, particularly where he is critical of Galen or Hippocrates, but the first time he mentions Vesalius' name, in the marginal title of the section on the hymen — *Vesalii et aliorum opinio de hymene* (1.8) — he criticises Vesalius for confessing never to have observed the hymen in dissection but nevertheless trying to establish its thickness¹⁰. This difference of treatment, which at first sight seems to indicate a tendency towards the Galenic doctrine to the detriment of Vesalius' anatomical work, leads us to compare Castro's description of the uterus and its parts with, on the one hand, those of two ancient authors, Soranus and Galen, which together constitute the ancient foundations of the subject, and, on the other, Vesalius' *Fabrica*.

Although Soranus' *Gynaikeia* was not available to Castro in its entirety, the section on the uterus and its constituent parts was included in Oribasius' *Collectiones medicae* 24.31. A Latin translation by Giovanni Battista Rasario was printed together with Theophilus Protospatarius' *De corporis humani fabrica* (1566). In addition, Castro surely had access to some of the adaptations of Soranus' treatise, as one of them, made by an otherwise un-known author named Mustio or Muscio, had circulated widely in the West, in Latin and in Greek, both autonomously and included in a huge compendium that was very well known to Castro, the *Gynaeciorum libri*¹¹.

Galen described the uterus in the treatise *On the Anatomy of the Uterus* and in his massive work *On the Utility of the Parts of the Body*. The first was written in his youth and, as he himself states in *On My Own Books* (19.16-17K), it is a short book (in fact, Galen calls it a μικρὸν βιβλίδιον, "a little small book", emphasising its brevity), dedicated to an unnamed midwife. PENNUTO (2013) has explored the transmission of this text, much criticised by Vesalius and widely disseminated from the end of the fifteenth century¹². Castro seems to

¹⁰ CASTRO (1617a) 1.8, 1.14, 1.21, 1.29.

¹¹ The *Gynaeciorum libri* was edited in 1566, 1586-1588 and 1597. On the compendium, see KING (2007). On Castro's use of this compendium, see PINHEIRO (2021b). Some of the manuscripts and printed editions of Mustio's text were accompanied by a diagram showing the uterus and its constituent parts and by a series of illustrations reproducing foetal positions *in utero*. See MARCHETTI (2010). On Soranus, see HANSON and GREEN (1994).

¹² See PENNUTO (2013). The Latin translation produced by Niccolò da Reggio in the fourteenth century circulated first in manuscripts then in printed editions. This translation was, however, replaced from around 1530 by other translations more in line with the new

have had a solid knowledge of the treatise, either directly or indirectly. As for *On the Utility of the Parts*, it was an extensive handbook, in seventeen books, that formed the basis of medical teaching for centuries. In books 14 and 15, Galen describes both the female and the male reproductive organs.

Despite the importance of the Hippocratic treatises on gynaecology and embryology — which, once translated into Latin in 1525, triggered a remarkable increase in publications on this subject, creating the image of Hippocrates as a specialist in gynaecology — they offer no systematic anatomical description of the reproductive organs. For this reason, and even though Galen is not recognised as an authority on gynaecology, the references to this author in Castro's first book exceed those made to the Hippocratic treatises. Galenic anatomy thus constitutes an essential basis for the anatomical description of the reproductive organs. The importance of Galen's works to Vesalius' *De humani corporis fabrica* is also indisputable¹³.

The main distinction established by Castro is between the uterus and its constituent parts on the one hand (chapter 2 and 3) and, on the other, the organs that are attached to the uterus, such as the ovaries and the seminal vessels (chapter 4), or the organs connected to it by *consensus*, like the breasts (chapter 7). The uterus was conceived as a continuum and as a single organic body, from its outwardly visible parts to the so-called "horns"¹⁴. Many of these parts are controversial and raise questions ranging from their very existence to their shape and function. Others are at the basis of ancient and more or less widespread social customs that Castro evaluates and criticises, resorting both to his own experience and to textual sources.

3. The Anatomy of the Uterus (Chapter 2)

Castro's chapter on the uterus is, almost in its entirety, a patchwork made up of extracts, notably from Vesalius' *Fabrica*. Its structure and its length,

humanistic philological precepts, such as that of Bernardo Feliciano (1533, in volume 6 of the *Giunti* edition of the Galenic *Opera omnia*) or that of Janus Cornarius (with *On Semen* and *On the Formation of the Foetus*, in 1536; in the *Opera* edition of 1549). In 1536, Guinther von Andernach also published a Latin translation of the treatise, in a single edition.

¹³ On this, see SIRAISSI (1997) and KING (2013) 52ff.

¹⁴ This interpretation is consistent with the representation of the uterus in Vesalius' *Fabrica*, on which see KING (2013) 57-60.

however, are very different from Vesalius' text. The structure of chapter 1 is rather conventional and repeats the topics as they were transmitted by the textual tradition, at least since Soranus: 1) the definition, accompanied by an elucidation of the words used to designate the uterus; 2) the uterus' position; 3) its shape; 4) its size and how it varies according to age and sexual status¹⁵.

¹⁵ This structure is very similar to Soranus' chapter 4, which begins with an explanation of the terms to designate the uterus (Ἡ μήτρα καὶ ὑστέρα λέγεται καὶ δελφύς, 1.4 = Ilb. 1.6: "The uterus (*metra*) is also termed *hystera* and *delphys*", trans. TEMKIN (1956) 8), its location (κεῖται δὲ ἐν τῇ τῶν ἰσχύων εὐρυχωρίᾳ [ἐντὸς τοῦ περιτοναίου] μεταξὺ κύστεως καὶ ἀπευθυσμένου ἐντέρου, τούτῳ μὲν ἐπικειμένη, τῇ κύστει δὲ ὑποκειμένη ποτὲ μὲν ὅλη, ποτὲ δὲ ἀπὸ μέρους διὰ τὸ κατὰ μέγεθος ἐξαλλάσσεσθαι, 1.4 = Ilb. 1.7: "The uterus is situated in the large space between the hips, between the bladder and the rectum, lying above the bladder and sometimes completely, sometimes partly, beneath the bladder, because of the variable size of the uterus", trans. TEMKIN (1956) 8), its size (ταῖς μὲν γὰρ νηπίαῖς μικροτέρα τῆς κύστεως ἐστὶν (διὸ καὶ ὅλη ταύτην ὑπελήλυθεν), ταῖς δὲ ἐν ἀκμῇ παρθένοις ἴση τῇ κύστει κατὰ τὰ ὑπερκείμενα, ταῖς δὲ προηλικεστέραις καὶ ἥδη διακεκορυσμέναις καὶ μᾶλλον <ταῖς> προκεκυηκυῖαις μείζων, 1.4 = Ilb. 1.7: "For in children the uterus is smaller than the bladder (and lies, therefore, wholly beneath it). But in virgins in their prime of puberty, it is equal to the size of the superimposed bladder, whereas in women who are older and have already been deflowered and even more in <those> who have already been pregnant", trans. TEMKIN (1956) 8), its shape (σχῆμα δὲ μήτρας· οὐχ ὡς ἐπὶ τῶν ἀλόγων ζώων ἐλικοειδής, ἱατρικὴ δὲ σικύα παραπλήσιος, 1.4 = Ilb. 1.9: "The shape of the uterus: it is not curved as in dumb animals, but similar to a cupping vessel", trans. TEMKIN (1956) 10); and then proceeds to a description of its parts. Galen's treatise on the uterus has a similar organization. It begins with the presentation of its subject: Περί μήτρας ὁ λόγος, θέσεώς τε καὶ μεγέθους καὶ σχήματος αὐτῆς, ὅθεν τε ἦρτηται καὶ ὅθεν τρέφεται καὶ ὅσοις συμφύεται καὶ εἰ τινων ψαύει, καὶ περὶ τῶν πλεκόντων αὐτήν, καὶ ὅσα κυούσης τῆς γυναικὸς ἐντὸς τῆς μήτρας φύεται, κατὰ τε τὸ χόριον ἢ τοὺς τὸ ἐμβρυον περιέχοντας ὕμένας (Gal. *Ut. Diss.* 2.887K: "This discussion is concerned with the position and size of the uterus, its shape, from what it is suspended, whence it grows, how it is attached to many structures, how it touches some, and what structures are interwoven with it", trans. GOSS (1962) 77). Then follows the position of the uterus (Κεῖται μὲν δὴ ἐντὸς τοῦ περιτοναίου, μεταξὺ κύστεως καὶ ἀπευθυσμένου, τούτῳ μὲν ἐπικειμένη σχεδὸν ὅλῳ, Gal. *Ut. Diss.* 2.887K: "The uterus lies inside the peritoneum, between bladder and rectum, resting on almost the whole of the former", trans. GOSS (1962) 78); its size (Μέγεθος δὲ οὐκ ἴση μὲν ἐπὶ πασῶν· παρὰ πολὺ γὰρ ἐλάττω<ν> μὲν ἢ τῆς <μη> κυούσης, μείζων δὲ ἢ τῆς ἐγκύου· καὶ ἥτις δὲ οὐδέποτε ἐκύησε, καὶ ταύτης μείων ἐστὶν· καὶ παρὰ τὰς ἡλικίας, αἷς μηδέπω τοῦ λαγνεύεσθαι ὥρα ἢ μηκέτι καὶ γὰρ καὶ ἄλλως ἐλάττων ἀεὶ ταῖς μὴ λαγνευομέναις. πειρατέον <δὲ> ὑπογράψαι τό γε μὴν τῆς συμμετρως ἐχούσης μέγεθος, Gal. *Ut. Diss.*

Castro's definition of the uterus reads as follows:

Vterum, qui Graecis μήτρα et ὑστέρα, Latinis matrix, quasi omnium mater, uulua, mulierum loci et utriculus nuncupatur, partem definimus organicam, in qua semen concipitur, fetus formatur, augetur et nutritur. Medici quicunque eius fabricam enarrarunt, oportune in fundum et collum siue ceruicem dissecant. (CASTRO (1617a) 1.4)

We define the uterus as that organic part which the Greeks call metra and hystera, the Latins matrix (as if it were the mother of all beings), uulua, mulierum loci and utriculus, where the seed is conceived and the foetus is formed, developed and nourished. All the doctors who have described its structure divide it conveniently into the fundus and the cervix.

This definition merges the terminological alternatives with the functions of the uterus and the basic Vesalian division between fundus and cervix. It is noteworthy that, in this and in the following chapters, unlike some of his predecessors, Castro does not refer to the uterus as the cause of all the diseases that are peculiar to women, a commonplace dating back to Hippocrates, *Places in Man* 47, nor does he mention here any of the unusual capabilities that the uterus was believed to possess. Castro's is a very objective and neutral description that begins with the definition and clarification of terms, much in tune with the pedagogical objectives of the *De universa mulierum medicina*. Probably the reason for this objectivity is to be found in the division between theory and practice that Castro establishes in the treatise. There is no place here to consider the pathological nature of the womb. This will be the subject of the second part¹⁶.

2.889K: "The size is not the same in all for that of the parous individual is less, of the pregnant greater. Also, whoever has never conceived, this also is smaller, both in the mature individual who has not as yet copulated at the right time or no longer does so, otherwise it is always smaller in those not having copulated. One must attempt to write down the greatness of a uterus of average size", trans. GOSS (1962) 78); its shape (Τὸ δὲ σχῆμα αὐτῆς τὸ μὲν ἄλλο πᾶν σῶμα καὶ μάλιστα ὁ πυθμὴν κύσκει ξοικεῖν, Gal. *Ut. Diss.* 2.889K: "The shape of its entire body and especially the fundus is like the bladder, but in as much as it has breast-like processes of the sides running toward the flanks, it is not like it", trans. GOSS (1962) 78); and then the parts to which it is attached.

¹⁶ In chapter 5, Castro offers a similar, but more concise, definition of the uterus, which he attributes to anatomy professors: *Idcirco anatomes professores merito uteri definiunt partem in qua semen concipitur, fetus formatur et augetur, nulla de menstruis aut aliis excre-*

Throughout the chapter, the wording is very similar to the text of Vesalius' *Fabrica*, with several textual sequences imported verbatim (see tables 1 to 3 and 5 to 7). The result is a very short chapter — when compared to the others in this section — that essentially constitutes an abridgement of Vesalius' text, with some additions from other authors, but fitting the material into what may be called a Soranic/Galenic framework. Castro's ancient and modern sources analyse the position of the uterus, either highlighting its convenience or associating it with the humble origins of human life, born of a place so near to the excretory parts. Castro has both: he cites Pliny the Elder's lament for mankind (*Heu dementiam ab his initiis aestimantium ad superbiam se genitos*, *Nat.* 7.3), expanding the commentary with the reference to its abject place of birth, and, quoting again from the *Fabrica*, he remarks how suitable is the uterus' position, far from the face and the head, allowing its expansion and an easier exit for the foetus (Table 3). The idea is not Vesalian, though, but Galenic. It appears in *On the Utility of the Parts* (4.145-146K) as a demonstration of Nature's ingenuity¹⁷. The emphasis on suitability, usefulness and convenience is evident in Galen's text and, from there, it became a topic present in most descriptions of the position of the uterus. In fact, as a proof that Nature does nothing in vain, the location of the uterus is described as the best possible. The adjectives in Galen's text attest to this: it is "the best" (ἀρίστην), "more suitable" (ἐπιτηδειότερον), "the most useful" place (χρησιμώτατον).

mentis facta mentione (CASTRO (1617a) 1.16: "That is the reason why anatomy professors have rightly defined the uterus as the part in which the seed is conceived and the foetus is formed and developed, without making any reference to menstruation or other excreta"). Castro's definitions follow closely Felix Platter's in *De corporis humani structura: Vterus, in quo semen concipitur, fetus formatur, augetur, et nutritur* (in SPACH (1597), n. pag.) "The uterus, where seed is conceived, the foetus is formed, developed, and nourished").

¹⁷ ἐν μὲν γὰρ τῷ θήλει γένει τὰς ὑστέρας ὑπέθηκε τῇ γαστρὶ χώραν ταύτην ἀρίστην ἐξευροῦσα πρὸς τε τὴν ἀφροδίσιον ὁμιλίαν καὶ πρὸς τὴν τοῦ σπέρματος ὑποδοχὴν καὶ προσέτι τὴν τε τοῦ κηήματος αὐξησιν καὶ πρὸς τὴν τοῦ τελεωθέντος ἀποκύησιν. οὐδὲ γὰρ ἂν εὖροις ἐπιτηδειότερον χωρίον ἐν ἅπαντι τοῦ ζώου τῷ σώματι πρὸς οὐδὲν τῶν εἰρημένων, ἀλλ' εἰς τε τὴν συνουσίαν ἀριστον τοῦτο πόρρω τῶν κατὰ τὸ πρόσωπον ὀργάνων ἀπωκισμένον καὶ πρὸς τὴν τοῦ κηήματος αὐξησιν ἐγκαιρώτατον ἐπὶ πλείστον ἀλύπως διαστέλλεσθαι πεφυκὸς εἰς τε τοὺς τόκους χρησιμώτατον, ὥς ἂν εἰς τὰ κάτω τε καὶ πρὸς τὰ σκέλη τῆς ἐξόδου τῷ κηθέντι ῥᾶον ἐσομένης.

In addition, in this position low in the body, the uterus is protected by bones “as if by the safest valleys”, writes Castro, repeating Realdo Colombo’s words in his *De re anatomica libri XV* (Table 4). Then follows the location of the uterus in the pregnant woman, imported from Vesalius: not exactly in the middle of the abdomen, but either situated a little to the left or to the right, a location which, according to ancient theories, determines the sex of the child (Table 5). This last idea is not fully endorsed, however, as Vesalius and Castro both add that it is not always the case, and Castro postpones further explanation¹⁸. The protection provided to the uterus, and especially to the pregnant uterus, by its specific location is also noted in Galen, *On the Utility of the Parts* 4.207-208K: being positioned between the bladder and the rectum, it can expand easily and without injury, and this is especially important because, during pregnancy, its surface becomes thinner and might otherwise be damaged by the bones around it.

The shape of the uterus is usually compared to that of the bladder: rounded, but elongated in the cervix, like a pear or a somewhat compressed cupping glass, according to Castro (1.4). Once again, his text follows previous works’ accounts of traditional topics very closely, reusing materials that can be found in many older works. The comparison to a cupping glass comes from Soranus; the comparison to a pear seems to have been very common in early modern medical treatises, appearing, for instance, in Jean Fernel’s *Physiologia*¹⁹.

Variation in size according to age and sexual status is also a topic present in all the texts under analysis. Soranus, Galen, Vesalius and Castro present the same considerations as to the different sizes of the uterus in juvenile, adult, and older women depending on whether they have experienced sexual intercourse and pregnancy or not²⁰:

¹⁸ The traditional sources for this right/left opposition, which seems to go back to the so-called Pythagorean table of opposites reproduced in Aristotle, *Metaphysics* 986a20-30 (on which, see GOLDIN 2015), are Hippocrates, *Aphorisms* 5.48; Aristotle, *History of Animals* 583a-584a; and Galen *On the Utility of the Parts* 4.174-175K.

¹⁹ See 1.4 = Ilb. 1.9, n. 14 above. See FERNEL (1567) 21: *Figura illi rotunda, nisi quod ad ceruicem paulo sit longior, piro maiusculo similis* (“Its shape is spherical, except that at the cervix it is slightly longer, like a biggish pear”, trans. FORRESTER (2003) 85).

²⁰ Soranus describes the size of the uterus in relation to its location and to the size of the bladder: ταῖς μὲν γὰρ νηπῖαις μικροτέρα τῆς κύστεώς ἐστιν (διὸ καὶ ὅλη ταύτην

Magnitudo eius non aequalis existit in omnibus: multo siquidem minor illius, quae peperit, quam praegnantis, eius uero quae nunquam peperit, multo minor, quemadmodum et adhuc minor earum, quae nondum Veneri indulgere. Aetatum etiam ratione non parum euariet, quippe iis, quae adhuc augentur, uesicae sunt matricibus maiores, perfectis matricibus uesicas superant. (CASTRO (1617a) 1.4-5)

Its size is not the same for all women: indeed, it is much smaller in the woman who has given birth than in the pregnant woman, but much smaller in the one who has never had children, and it is even smaller in those who have not yet given themselves to Venus. It varies greatly with age since, in women who are still growing, the bladder is larger than the matrix; in those who have completed their growth, the matrix is larger than the bladder.

In *On the Utility of the Parts* 4.155-156K, Galen associates the size of the uterus with age and with the surplus of nourishment, necessary for conception and gestation, and which can only be found in an adult. Once again, these variations prove, in Galen's teleology, the purpose of Nature's creations. Like all the other parts of the body, the organs of generation are fabricated by Nature according to a wise and purposeful plan, and their shape, their size, their position are the most appropriate for the functions they perform. Nature does nothing either in vain or randomly.

With regard to the size of the uterus, Castro reconciles the disagreements of authors he does not identify by describing the average size, as Galen had also done in *On the Dissection of the Uterus* (2.889K). The dimensions established in Castro's text come from Galen too: he states the same eleven finger-breaths for the distance between the uterus' position and the female

ὑπελήλυθεν), ταῖς δὲ ἐν ἀκμῇ παρθένοις ἴση τῇ κύστει κατὰ τὰ ὑπερκείμενα, ταῖς δὲ προηλικεστέραις καὶ ἥδη διακεκορευμέναις καὶ μᾶλλον <ταῖς> προκεκυηκυῖαις μείζων, ὥστε ταῖς πλείσταις ἐν λήξει τοῦ κόλου προσαναπαύεσθαι, μᾶλλον δὲ ἐν τῷ κυοφορεῖν (ὡς καὶ τῇ ὁράσει καταλαμβάνειν ἔστιν) (...) μετὰ δὲ τὴν ἀπότηξιν συστέλλεται μὲν, ἀλλ' ὥστε μείζων ἔχειν τὸ μέγεθος τοῦ πρὸ τῆς ἀποτέξεως. τότε γοῦν ἐστὶ μείζων τῆς κύστεως, οὐ κατ' ἴσον δὲ ὑπελήλυθεν αὐτήν (1.4 = Ilb. 1.7: "For in children the uterus is smaller than the bladder (and lies, therefore, wholly beneath it). But in virgins in their prime of puberty, it is equal to the size of the superimposed bladder, whereas in women who are older and have already been deflowered and even more in <those> who have already been pregnant, it is so much bigger that in most cases it rests upon the end of the colon. This is even more the case in pregnancy (as can also be perceived by the eye)", trans. TEMKIN (1956) 8).

pudendum, highlighting the unavoidable variations²¹. These measures were always under dispute, however. Vesalius offers the most extensive and detailed exposition, which is not surprising if we consider the different nature and aims of his work. Under the heading “The Size of the Woman’s Uterus”, in a section adapted by Castro, Vesalius starts by stating that the size of the uterus is as difficult to define as the size of the stomach, and then asserts that the changes endured by the fundus (its size varying according to conception history and the number of fetuses it holds) and the cervix (related either to intercourse or to pregnancy) make precise measurement impossible, as width and length vary according to the degree of distension of these organs (Table 7). This merits Castro’s expression of wonder: it is remarkable that the uterus, which during pregnancy expands until it reaches the flanks with its horns, cannot be stretched by hand and only yields to the forces of nature²².

Despite these final raptures, chapter 2 is extremely concise and comprehensible. Apart from Pliny’s quotation on the humility of mankind, it has no metaphors, no deviations from the main subject. If we compare it to André du Laurens’ description of the uterus, we detect almost instantly the sobriety and intelligibility of Castro’s text. For du Laurens, the uterus is “like a field and the most fertile garden, prepared to receive the male and the female seed”, and “the most noble and almost divine spark, from which the hidden

²¹ καὶ ἔστιν ἀπὸ τοῦ τόπου, εἰς ὃν ἐπιβάλλει, ἐπὶ τὸ πέρας τοῦ αἰδοίου τὸ ἔξω — οὐκ ἴσον μὲν ἐπὶ πασῶν, ὡς τὸ πολὺ δὲ σύμμετρον — διάστημα δακτύλων ἑνδεκά (Gal. *Ut. Diss.* 2.889K: “The upper end of it is at the pudendum of the female and from the place on which it rests to the outer end of the vagina is not equal in all, the interval usually is proportionate to 11 fingers”, trans. GOSS (1968) 78).

²² *Mirum dictu, cum receptaculum sit, in quo infans procreatur, quodque adeo, dum mulier uterum gerit, ampliatur, ut apicibus suis seu cornibus ad utraque ilia porrigatur; cum praesertim ipsius substantia, quantumcumque manibus et vi distendas, nec dilatetur, nec nisi naturae uiribus cedat, contra quam de ceruice dictum est, quae rugosa cum sit, leuissimo diducitur conatu* (CASTRO (1617) 1.5: “This is admirable to say [that is, that it varies in length and breadth], since it is the receptacle in which the foetus is created, and because, when the woman is pregnant, it dilates to such an extent that it reaches the hips with its tips or horns, though particularly because of its substance which, no matter how much one tries to stretch it with one’s hands and with force, neither dilates nor yields except to the forces of nature, unlike what is said about the neck, which, being wrinkled, opens at the slightest effort”.

treasures of nature are drawn”²³. This is not to say that Castro's style is plain or devoid of literary digressions, but that in his description of the uterus he aims, above all, at clarity and simplicity of exposition. In the next chapter, as we will see, he found more opportunities to digress to side issues.

4. The Parts of the Uterus (Chapter 3)

The main parts of the uterus, according to Castro, are the following, starting from the internal to the external:

- 1- the *cornua* (horns) of the uterus: the upper part of the uterus has two protuberances, one on each side, similar to the forehead of a calf when its horns first appear;
- 2- the left and the right *sinus*: the inner substance has two cavities separated by a kind of suture;
- 3- the *os uteri*: the inner opening of the uterus, where the fundus ends and the cervix begins; it means literally the “mouth of the uterus”;
- 4- the cervix or the *collum* of the uterus, meaning the “neck of the uterus”: its substance is different from the fundus, because it is the channel where the male seed passes inside the uterus and whence the full-term foetus exits;
- 5- the hymen: a thin membrane whose existence was controversial, located in the cervix of virgins and broken in the first sexual intercourse;
- 6- the *muliebri pudendum*: at the outer end of the cervix and a kind of cutaneous addition;
- 7- the *alae uteri*, that is, the “wings of the uterus”, or *nymphae*, literally “nymphs”, are two fleshy protuberances, one at each side of the *muliebri pudendum*, that protect the uterus from dust and other external elements;

²³ *Est autem uterus uelut campus et hortus feracissimus, excipiendo uirile et muliebri semini ad sobolis propagationem comparatus. Est matrix nobilissima ac propemodum diuina fauilla, ex qua naturae thesauri conditi depromuntur* (271). Cf. also, for instance, Jean Fernel: *Alterum instrumentum et tanquam nostrae procreationis hortus est uterus* (21: “The womb is the other instrument and, so to speak, the garden, of our procreation”, trans. FORRESTER (2003) 85).

8- the clitoris, also called *nympha*, “the nymph”, located where the *alae uteri* come together and considered the seat of female sexual pleasure²⁴.

In addition to the parts, Castro describes the outer and inner substance of the uterus itself, as well as its three kinds of fibre (1.5-6). He also includes in its description the *collum uesticae*, literally, “the neck of the bladder” (1.8). Whereas Vesalius’ *Fabrica* was the main source for the previous chapter, here Castro fuses that source with other texts, such as Fernel’s *Physiologia*, as can be seen in tables 8 to 14. This chapter has a more complex structure and in it Castro is as much concerned with providing anatomical information as he is with giving an answer to unsolved issues within the medical tradition. As he stated in the preface, exploring problems that need further examination is an important part of what he wants to accomplish in the treatise²⁵.

This striving for precision leads Castro to frequently add the most common names for the parts described. The accuracy of medical terminology is, in fact, an important tenet of Castro’s work and he very often adds synonyms or alternate designations, sometimes in Latin, Greek or Arabic, to the identification of an anatomical feature, or, especially in the second part of the treatise, to a disease or a remedy²⁶. He states that the *os uteri* is also called the *os matricis* or *fundi orificium*; the hymen is also known as *eugion* and the *muliebre pudendum* as *muliebre genitale*, *os genitale*, *os ceruicis uteri*, *facies* and *larua*. As the *De uniuersa mulierum medicina* was designed to be a user-friendly handbook, intended to help the medical student and to organize gynaecological know-

²⁴ On the parts of the uterus in ancient medical texts, see GOUREVITCH (1996).

²⁵ See above.

²⁶ See, for instance, what he writes about the suffocation of the uterus: *et inter hos quidem primus ac communissimus uteri suffocatio existit, quae etiam ablatio respirationis ex utero uocatur et uuluae strangulatus, rectius tamen dixeris strangulationem ex utero, uidetur enim in ea femina suffocari ex causa ab utero communicata* (CASTRO (1617b) 2.152: “And among these [i.e. diseases], the foremost and the most common is the suffocation of the uterus, also called the removal of respiration due to the uterus and strangulation of the vulva. More correctly, however, you would say strangulation due to the uterus, because it seems that the woman is suffocated due to a cause transmitted from the uterus”. Other examples are the clarification of terms related to the so-called white fever or virginal disease (CASTRO (1617b) 2.205) or the terms he uses to identify the condition known as *nymphaea*, that is, the excessive growth of the clitoris (CASTRO (1617b) 2.277).

ledge, which was scattered confusingly in other books, as stated in his preface, Castro tries constantly to maintain clarity of vocabulary and style. The existence of different names for the parts of the uterus does not seem to constitute, in itself, an obstacle to comprehension. On the contrary, it shows that Castro knows exactly which part is designated by each of these words and helps the reader to understand texts that use different terms²⁷.

Another strategy used for the sake of clarity and comprehensibility is Castro's comparison of the anatomical structures with normal everyday objects: the upper part of the uterus is, as we have seen above, similar to a calf's forehead when its horns first emerge (1.6); the *os uteri*, observed from the outside, is like the mouth of the fish known as the *tinca* (tench) or like the snout of a dog, and has a transverse fissure similar to the centre of the Greek letter Θ (1.7); the *alae uteri* form a longitudinal crack like a channel or the letter I (1.10); the clitoris is like a rabbit's penis (1.10). These correspondences were part of the medical tradition. The comparison between the superior part of the uterus and the emerging horns of a calf originates from Galen's *On the Dissection of the Uterus*, where it is attributed to Diocles of Carystus²⁸. The description of the fissure of the *os uteri* as resembling the letter Θ is drawn from Vesalius' *Fabrica*, while the comparison of the *os uteri* with the mouth of the tench or the snout of a dog seems to be frequent in medical books, at least since Realdo Colombo (Table 12)²⁹.

The Galenic correspondence between the female and the male parts serves the same purpose. Explaining the internal female parts, invisible to the naked eye, comparing them to the external male parts, adds clarity to the discourse. As such, the inner surface of the uterus is described as separated by a kind of suture, like the male scrotum (1.6); the *os uteri* is like the glans of the penis (1.7); the *uteri ceruix* corresponds to the penis (1.7); the *muliebre pudendum* is like the prepuce (1.9). This association is more than a mere allusion to

²⁷ This contradicts Laqueur's assertion about the inexistence of proper terminology to designate the reproductive organs prior to the eighteenth century; on which, see KING (2013) 58.

²⁸ See above.

²⁹ See also DU LAURENS (1593) 257: *Orificium hoc si exteriore parte inspicias, tinchae piscis uel canini oris nuper in lucem editi speciem prae se ferre uidebis*.

Galen's isomorphism, that is, the understanding that women have the same genital organs as men, but on the inside while they are on the outside in men. Here, and in Galen for that matter, male-female association is a mental aid to understand and visualize what cannot be seen³⁰.

For further clarification of a subject, Castro usually draws on the opinions of his predecessors, especially those related to controversial topics. He identifies dissensions in the medical tradition related to the existence of either one tunic or two in the uterus (1.5-6); the alleged division of the uterus into small chambers (1.6); the occlusion of the *os uteri* in pregnant women (1.7); or the thesis supported by Arab authors that the hymen is a *cento*, that is, an amalgamation of veins (1.8-9). He also expresses doubts about the idea that women with an excessively large clitoris can become men (1.10-11).

The hymen had, already in Castro's times, long been a subject of controversy: there was no consensus as to whether it existed or not³¹. Castro adduces the opinions of authors whom he does not identify, simply referring to them using vague, general terms like *plerique*, *nonnullos*, *ipsi* and ending with: "this is the opinion of many about the hymen". If, however, we analyse the text, it becomes obvious that its composition is a combination of passages taken from Fernel and Vesalius, as can be seen in tables 13 and 14. Castro's analysis of the hymen is extensive and uses much of Vesalius' text, including details on its location and his explanation of the fact that it is not seen in dissection: because in some countries midwives break it, in the same way they often insert their index finger into the mouth of a new-born baby or tear the "bridle of the tongue" or *frenulum* if they consider it larger than normal (Table 14).

Castro makes major alterations to the text of the *Fabrica*, however, omitting information, such as the reference to the Jewish practice of circumcision (not surprising for someone raised as a New Christian who, later in life, openly embraced the Jewish faith) and merging segments that are separate in Vesalius' text, resulting in a more concise explanation that, nevertheless, remains grounded in superstition and social or religious customs. Castro is very reluctant to accept certain practices. He considers infibulation

³⁰ On Galen's isomorphism and its interpretations, see KING (2013) 34ff.

³¹ Cf. SISSA (2013) on the hymen in Greek and Roman culture.

a *fatuitas*, a nonsense, that shows the diversity of opinions in the world (1.9). He is more elusive on the importance of the hymen as proof of virginity: he follows the opinion of those he calls more diligent authors who assert that, in virgins, the sides of the cervix are united as if *conglutinata*, that is as if “glued together”, and that for this reason the first sexual relation is “the most painful”, making a point of saying that this is the testimony of women themselves, with whom he agrees. The very existence of the hymen, even if not taken for granted by some authors, allows Castro to establish a comparison to the *frenum linguae*, showing how relevant it is that Nature has fabricated a physical restraint only in the tongue and in the cervix of the uterus, certainly to recommend continence in the use of these organs from which great harm might result.

When considering the clitoris, Castro also comments on the misunderstandings related to the designation of the organ as *nymphaea* and the disease known as *nymphotomia*, but also called *nymphaea*, and consisting of an excessively enlarged clitoris. Some authors considered it possible for a woman with this pathology to become a man. Castro, however, argues that the supposed cases of sex change are actually mostly cases of revealing the true sex and that women who have an oversized clitoris are a type of hermaphrodite, regardless of the examples found in medical books³².

As stated above, alongside the anatomical descriptions, Castro includes his opinions on some of the controversial practices of his time. Even if the source for most of these remarks is Vesalius' *Fabrica*, Castro frequently adds a personal note to them, such as the reference to the women he saw condemned for lesbianism in Lisbon, women with enlarged clitorises who, he claims, polluted themselves with the heinous crime of lesbianism, the same that Amatus Lusitanus identifies in two Turkish women from Thessalonica (1.10). Castro also makes use of some Vesalian comments on social or religious practices and shows his clear approval of the moralistic tone of Vesalius' text, as can be seen, for instance, in both men's commentary on the involuntary closure of the *os uteri*: if women could voluntarily control this occlusion, they would not be afraid to conceive and could easily deceive their

³² On this subject, see BEECHER (2005) and KING (2013).

fathers and husbands (Table 10). In the ancient medical tradition, this occlusion is mainly associated with pregnancy and superfetation, but in Vesalius' and Castro's texts it becomes the basis for moral considerations about women's inherent lewdness and the danger of their being able to control the reproductive process.

5. Conclusion

Rodrigo de Castro's selection and adaptation of excerpts fulfils, in my opinion, the aim of composing an easy-to-understand treatise that guides the reader through the confusion represented by other contemporary works. Vesalius' *Fabrica* is much more important in these chapters than Castro admits and this applies not only to the anatomical information, but also to Vesalius' moral considerations and attitudes, at least those shared by Castro. The importance of this point may go unnoticed by a modern reader, but it would certainly have been detected by Castro's contemporaries, who were also familiar with Vesalius' text for it was the basis of anatomical teaching at the time. A study covering the whole of book 1 of *De uniuersa mulierum medicina* will be necessary to gauge whether this conclusion holds for the chapters in which Castro examines the anatomy of the female reproductive organs, including the breasts, ovaries, spermatic ducts and also the constitution of the pregnant uterus. But Castro's use of Vesalius' work in the two chapters analysed here allows us to anticipate that the *Fabrica* is likely a crucial textual source for the other chapters that constitute this first book, which should be taken into account in the analysis of Castro's contribution to his field.

Appendix

Table 1

<i>Medici quicunque eius fabricam enarrant, oportune in fundum et collum siue ceruicem dissecant.</i>	<i>Cum uteri enarramus fabricam, illum opportune in fundum et ceruicem seu collum, non secus ac uesticam, distinguimus.</i>
CASTRO (1617a) 1.4	VESALIUS (1555) 651

Table 2

<i>Situs est supra os pubis, sic, ut ipsius ceruix a mulieris pudendo sursum, uersus posteriorem ipsius ossis et uesticae regionem ac secundum recti intestini anteriora in peritonei</i>	<i>Ceruix itaque uteri a mulieris pudendo sursum recta per posteriorem pubis ossium et uesticae regionem, ac secundum recti intestini anteriora, in peritonaei cauitatem tantisper</i>
---	--

<i>cauitatem ascendat; donec fere e directo sedis pertingat, qua rectorum abdominis musculorum initia a pubis ossibus exoriuntur: illic namque uteri ceruix in fundum desinit, qui in abdomine consistit, inter uesicam et rectum intestinum.</i> CASTRO (1617a) 1.4	<i>ascendit, donec fere e directo sedis pertingat, qua e pubis ossibus rectorum abdominis musculorum exoriuntur initia. Illic namque uteri ceruix in fundum aut fundus ipse in ceruicem desinit, adeo ut et hic humilior quoque fundi pars plurimum consistat.</i> VESALIUS (1555) 651
--	--

Table 3

<i>Hic tamen situs peroportunus fuit, utpote ualde amplius et a facie, nobilissima rationis arce, longe dissitus; deinde ibi ossa nulla, quo minus uterus distendi queat, atque ipsi parituro exitus ad inferiora et uersus crura facilis est.</i> CASTRO (1617a) 1.4	<i>Haec siquidem longe a facie et nobilissima rationis arce situatur: deinde ossa nulla, quo minus insigniter uterus distendi queat, inibi praepediunt: atque etiam ipsi parituro hinc ad inferiora, et uersus crura exitus facilis est.</i> VESALIUS (1555) 660-661
---	--

Table 4

<i>Tandemque uterus ibi anteriori parte ab osse pubis, posteriori ab osse sacro, a lateribus ab ossibus ilium, tanquam tutissimis uallis, circumdatur.</i> CASTRO (1617a) 1.4	<i>Vterus anteriore parte ab osse pubis, posteriore ab osse sacro, a lateribus ab ossibus ilium tanquam firmissimis ac tutissimis uallis circumdatur.</i> REALDO COLOMBO (1559) 241
---	---

Table 5

<i>Praegnantibus non exacte mediam partem occupat, sed in dextrum aut sinistrum uergit, quod etsi aliquando fetuum sexus ratione fiat, non tamen perpetuo est, ut infra constabit.</i> CASTRO (1617a) 1.4	<i>Quinetiam uterus his non adamussim (ut alias fere) mediam, quod ad dextrum et sinistrum attinet, sedem occupat; sed quasi elatiore apice in dextrum magis aut sinistrum uergit. Quod etsi subinde foetuum sexus ratione fiat, non tamen perpetuum est.</i> VESALIUS (1555) 652
---	---

Table 6

<i>uteri enim fundus ab angulis seu cornibus deorsum recta sensim arctior redditus, ad ipsius ceruicis originem fertur, ita ut ceruice instar meatus cuiusdam longa et tereti, totus interim fundus non multo fiat longior, quam est latus.</i> CASTRO (1617a) 1.4	<i>Ab his angulis, seu cornibus, uteri fundus senior arctior redditus, deorsum ad ipsius ceruicis originem fertur; ita tamen, ut totus fundus non multo fiat longior, quam est latus, ceruice interim instar meatus cuiusdam longa et tereti.</i> VESALIUS (1555) 652
--	---

Table 7

<i>hi uero de eodem cum ceruix complexa rugosaque conniuet, fundusque in se collapsus concidit. Breuiter non minus difficulter ceruicis uteri, quam penis (cuius instar uagina est) longitudo, latitudoue exacte describi potest; fundus uero pro contentae in illo geniturae, aut fetus quantitate euariat, atque ita quamuis in altitudine recti intestini et uesticae terminis (ut dixi) circumscribatur, mediocris tamen tenuia intestina nonnunquam pertingit; maximus, qualis praegnantium, etiam imum uentrem replet.</i> CASTRO (1617a) 1.5	<i>Fundi enim magnitudo pro contentae in illo geniturae aut fetus quantitate uariat, et ceruix quoque modo complexa rugosaque conniuet, modo in coitu ad penis, in partu uero ad fetus formam diducitur. Et quemadmodum distentionis ratione, non eadem ceruici adest latitudo, ita quoque neque par longitudo. Nam nobis uterum inter dissecandum attollentibus, in miram longitudinem ceruix porrigitur, adeo ut non minus ridiculum sit, uteri ceruicis quam penis (cui illa instar uaginae censetur) longitudinem latitudinemue describere.</i> VESALIUS (1555) 655
---	---

Table 8

<i>Porro uteri et praesertim fundi ipsius substantia neruea membranaeque est et crassa admodum, externa superficie leuis, madens et aequalis, non tamen adamussim candicans, sed carneum quid prae se ferens.</i> CASTRO (1617a) 1.5	<i>Non praegnantium itaque fundi substantia conspicitur neruea, membranaeque, sed interim admodum crassa et non adamussim, ut caetera quae generatim neruosa dicuntur, candicans, sed carneum quid colore et substantia prae se ferens et passim denique continua et duritie sibi aequalis, nisi forte ad fundi os paulo durior collectiorque aut densior euadat.</i> VESALIUS (1555) 656
--	---

Table 9

<i>Interna uero superficies, si in longum uterum diuidas, duos sinus promit, dextrum ac sinistrum, nullo septo discretos, sed sutura quadam, qualis uirili scroto inest, obscuriori tamen, ideo antiqui matrices, perinde ac si duae forent, appellauerunt et papillarum numero correspondere dixerunt; qui quidem sinus leues admodum sunt et angusti, adeo ut iis, quae uterum non gerunt, fabam maiusculam uix capiant.</i> CASTRO (1617a) 1.6	<i>Dissectus in longum uterus duos sinus promit, dextrum ac sinistrum, nullo septo discretos, inanes et admodum leues, angustos adeo ut fabam maiusculam uix capiant.</i> FERNEL (1567) 21-22
---	---

Table 10

<i>alioqui arctissime occluditur os illud, nec ex mulieris arbitrato, sicuti ceruicis orificium, aperiri potest, alias nullo conceptionis habito metu lasciuiae mulieres parentibus maritisque facile imponent.</i> CASTRO (1617a) 1.7	<i>quantaque licentia, nullo conceptionis habito metu, maritis parentibusque imponent, si modo fundi orificium ita ac ceruicis orificium ex mulieris arbitrato aperiri potuisset.</i> VESALIUS (1555) 655
--	---

Table 11

<i>Communis insuper est uia ab his sinibus in os uteri, qua non concepturae proprium semen deponunt, concepturae uirile excipiunt.</i> CASTRO (1617a) 1.6 <i>eique glandi similem, quae in extremo est masculi genitalis</i> CASTRO (1617a) 1.7	<i>Communis est ab iis uia in os uteri, quod est arctissimum, eique glandi simile, quae in extremo est masculi genitalis.</i> FERNEL (1567) 22
---	--

Table 12

<i>et, si extra spectes, tincae piscis uel canini oris imaginem tibi offeret, eique glandi similem, quae in extremo est masculi genitalis, ac scissura transuersa ueluti littera Θ centro simili donatur.</i> CASTRO (1617a) 1.7	<i>quod si extra spectes, tincae piscis, uel canini oris nuper editi imaginem tuis oculis offeret.</i> COLOMBO (1559) 241 <i>Communis est ab iis uia in os uteri, quod est arctissimum, eique glandi simile, quae in extremo est masculi genitalis.</i> FERNEL (1567) 22 <i>(...) ita quoque illud scissura transuersa et ueluti literae Θ centro simili, (at non perpetuo aequali) donatur.</i> VESALIUS (1555) 655
--	--

Table 13

<i>Vteri ceruicem medio circiter progressu a tergo eius partis, qua collum uesicae implanatur, plerique tradunt in uirginibus exili membrana uenulis conspersa dirimi, quae primo concubitu profuso sanguine dirumpatur. Hymen seu Eugion dicitur.</i> CASTRO (1617a) 1.8	<i>Vteri ceruicem medio circiter progressu plerique tradunt in uirginibus exili membrana dirimi uenulis conspersa, quae primo concubitu profuse sanguine dirumpi solet, unde ὑμὴν et ὑμέναιον Graecis appellatur.</i> FERNEL (1567) 21-22
---	---

Table 14

<i>Neque mirum (inquiunt) si in dissectionibus haec membrana non appareat, quia apud</i>	<i>Caeterum, ut uulgo (quamuis falso interim) ferunt, modo apud has, modo apud</i>
---	---

<i>aliquot nationes sedulae obstetrices illam quasi frustra mulieribus datam effringunt; sicuti solent puerorum recenter natorum ori indicem indere ac linguae uinculum, si forte plus iusto contractius sit, dilacerare.</i> CASTRO (1617a) 1.8	<i>illas nationes, nuper natis puellis, quo facilius aliquando pariant, pubis ossa, nescio quibus modis seiungi; ita quoque ab obstetricibus matronisque quibusdam interdum audiui, nonnullis morem esse, ut puellulis membranulam quandam, seu peliculam, perinde ac frustra mulieribus datam, ita effringant, ut Iudaeos uirilem glandem detegere, praeputiumque resecare adhuc hodie cernimus; utque etiam sedulas obstetrices puerorum iamiam in lucem editorum ori indicem indere, ac linguae uinculum, si forte plus iusto in anteriora pertingat, contractiusque sit, dilacerare nouimus.</i> VESALIUS (1555) 654
--	--

Bibliography

- ARRIZABALAGA, J. (2009), "Medical Ideals in the Sephardic Diaspora: Rodrigo de Castro's Portrait of the Perfect Physician in Early Seventeenth Century Hamburg": T. HUGUET TERMES, J. ARRIZABALAGA and H. J. COOK (eds.) (2009), *Health and Medicine in Hapsburg Spain: Agents, Practices, Representations*. London, The Wellcome Trust Centre for the History of Medicine at UCL, 107-124.
- BEECHER, D. (2005), "Concerning Sex Changes: The Cultural Significance of a Renaissance Medical Polemic": *The Sixteenth-Century Journal* 36 (2005) 991-1016.
- BRADEN, J. (2001), *Hamburger Judenpolitik im Zeitalter lutherischer Orthodoxie 1590-1710*. Hamburg, Hans Christian Verlag.
- BRADEN, J. (2016), *Konvertiten aus dem Judentum in Hamburg 1603-1760*. Göttingen, Wallstein Verlag.
- CASTRO, R. (1617a), *De uniuersa mulierum morborum medicina: Pars prima theórica*. Hamburg, ex bibliopolio Frobeniano.
- CASTRO, R. (1617b), *De uniuersa mulierum morborum medicina: Pars secunda, siue Praxis*. Hamburg, ex bibliopolio Frobeniano.
- COLOMBO, Realdo (1559), *De re anatomica libri XV*. Venice, ex Typographia Nicolai Bevilacuae.
- DIAS, P. A. (1887-1889), "Rodrigo de Castro: Apontamentos para a biographia do creador da Gynecologia": *Separata de Archivos de História da Medicina Portuguesa* 1 (1887): 49-53, 73-79; 2 (1888): 6-11, 40-44, 85-89, 97-102, 165-170; 3 (1889): 65-69, 106-111, 129-134, 161-167.

- FERNEL, J. (1567), *Vniuersa Medicina*. Paris, apud Andream Wechelum.
- FORRESTER, J. M. (2003), *The Physiologia of Jean Fernel* (translated and annotated by J. M. Forrester). Philadelphia, American Philosophical Society.
- FRADE, F. V. and SILVA, S. N. (2011), "Medicina e política em dois físicos judeus portugueses de Hamburgo: Rodrigo de Castro e o *Medicus Politicus* (1614) e Manuel Bocarro Rosales e o *Status Astrologicus* (1644)": *Sefarad* 71.1 (2011) 51-94.
- GOLDIN, O. (2015), "The Pythagorean Table of Opposites, Symbolic Classification, and Aristotle": *Science in Context* 28.2 (2015) 171-193.
- GOSS, Ch. M. (1962), "On the Anatomy of the Uterus": *The Anatomical Record* 144.2 (1962), 77-83.
- GOUREVITCH, D. (1996), "La gynécologie et l'obstétrique": *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II.37.3 (1996) 2083-2146.
- HANSON, A. E. and GREEN, M. H. (1994), "Soranus of Ephesus: *Methodicorum princeps*": *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II.37.2 (1994), 968-1075.
- KAYSERLING, M. (1902), s. v. "Rodrigo de Castro": I. SINGER (ed.) (1902), *The Jewish Encyclopedia*, vol. 3. New York, Funk and Wagnalls, 611-612.
- KING, H. (2013), *The One-Sex Model on Trial: The Classical and Early Modern Evidence*. Farnham, Ashgate.
- KUDLIEN, F. (1965), "The Seven Cells of the Uterus: The Doctrine and Its Roots": *Bulletin of the History of Medicine* 39.5 (1965) 415-423.
- LAURENS, André du (1593), *Opera anatomica in quinque libros diuisa*. Lyon, Sumptibus Ioannis Baptistae Bvysson.
- LEMOES, M. (1909), *Zacuto Lusitano, a sua vida e a sua obra*. Porto, Eduardo Tavares Martins.
- LÓPEZ PIÑERO, J. M. (1979), "The Vesalian Movement in Sixteenth-Century Spain": *Journal of the History of Biology* 12.1 (1979) 45-81.
- MARCHETTI, F. (2010), "Vt etiam imperite obstetrices facile intelligere possit: la fortuna della versione latina illustrata del trattato di ginecologia di Sorano di Efeso": A. PIRAS and P. DELAINI (eds.), *Conoscenze mediche sul corpo come tramite di cultura tra Oriente e Occidente*. Milan, Mimesis Edizione, 83-114.
- MARTÍNEZ-VIDAL, A. and PARDO-TOMÁS, J. (2005), "Anatomical Theatres and the Teaching of Anatomy in Early Modern Spain": *Medical History* 49 (2005) 251-280.
- MONTES, J. A. and GARCÍA, M. C. R. (1994), "Los estudios de la Facultad de Medicina en la Universidad de Salamanca de finales del siglo XVI": *Espacio, Tiempo y Forma* s. 4: *Historia Moderna* 7 (1994) 37-50.

- PENNUTO, C. (2013), *Il De uteri dissectione di Galeno e la sua fortuna nel Rinascimento*: *Medicina nei Secoli* 25.3 (2013) 1103-1142.
- PÉREZ IBAÑEZ, M. J. (1998), *El humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*. Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico-Universidad de Valladolid.
- PINHEIRO, C. S. (2017), "The Ancient Medical Texts in the Chapters about Infertility of Rodrigo de Castro's *De Vniuersa Mulierum Medicina*": G. DAVIS and T. LOUGHRAN (eds.), *The Palgrave Handbook of Infertility in History: Approaches, Contexts and Perspectives*. London, Palgrave Macmillan, 291-310.
- PINHEIRO, C. S. (2021a), "Entre cultura e *natura*: o saber médico e as crenças e os costumes relacionados com o parto na obra médica de Rodrigo de Castro Lusitano": A. I. MONIZ, J. PINHEIRO, A. SOUSA, L. COELHO and C. S. PINHEIRO (eds.) (2021), *Viagem e Cosmopolitismo: da Ilha ao Mundo*. Húmus, 111-131.
- PINHEIRO, C. S. (2021b), "Os prefácios do tratado de ginecologia de Rodrigo de Castro Lusitano": *Ágora: Estudos Clássicos em Debate* (2021) (forthcoming).
- SISSA, G. (2013), "The Hymen Is a Problem, still. Virginity, Imperforation, and Contraception, from Greece to Rome": *EuGeStA* 3 (2013) 67-123.
- SPACH, I. (1597), *Gynaeciorum siue de mulierum tum communibus tum grauidarum, parientium et puerperarum affectibus et morbis libri*. Strasbourg, sumptibus Lazari Zetzneri.
- STUDEMUND-HALÉVY, M. (2009), s. v. "Castro, Rodrigo de, aliás David Namias": L. L. MUCZNIK, J. A. R. da S. TAVIM, E. MUCZNIK and E. de A. MEA (eds.) (2009), *Dicionário do Judaísmo Português*. Lisbon, Presença, 149-150.
- TEMKIN, O. (1956), *Soranus' Gynecology* (translated by O. Temkin). Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- VÁZQUEZ, R., RIESCO, J. M. and BLANCO, E. J. (2015), "Contribution of the University of Salamanca to the Implantation of Vesalian Anatomy in Spain": *European Journal of Anatomy* 19.4 (2015) 401-416.
- VESALIUS, A. (1555), *De humani corporis fabrica libri septem*. Basel, per Ioannem Oporinum.
- WILKE, C. L. (2018), "O Segredo dos Doutores: Um Círculo de Académicos Criptojudéus em Lisboa, 1593-1614": A. BENTO (ed.) (2018), *Belmonte: Inquisição, Criptojudaísmo, Marranismo*. Covilhã, Editora LabCom, 189-211.

Resumo: A anatomia do útero e das suas partes constituintes era uma seção essencial nos primeiros tratados médicos modernos, tanto nos textos de índole geral, como nos textos especializados em ginecologia e obstetrícia. Neste artigo, analisa-se a seção de *De uniuersa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro dedicada ao assunto (capítulos 2 e 3 do Livro 1, Parte 1 “Theoria”), tanto no que diz respeito ao que aí se diz sobre as características anatómicas dessas partes, como às controvérsias e questões de moralidade associadas ao útero.

Palavras-chave: história da ginecologia; anatomia do trato reprodutivo; Rodrigo de Castro Lusitano; *De uniuersa mulierum medicina*.

Resumen: La anatomía del útero y de sus partes constituyentes era una sección esencial en los primeros tratados médicos modernos, tanto en los textos generalistas como en los especializados en ginecología y obstetricia. En este artículo se examina la sección del *De uniuersa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro dedicada a este asunto (capítulos 2 y 3 del Libro 1, Parte 1, “Theoria”), tanto en lo que se refiere a lo que dice sobre las características anatómicas de esas partes como a las controversias y cuestiones de moralidad asociadas al útero.

Palabras clave: historia de la ginecología; anatomía del tracto reproductivo; Rodrigo de Castro Lusitano; *De uniuersa mulierum medicina*.

Résumé : L’anatomie de l’utérus et de ses éléments constitutifs formaient une section essentielle des premiers traités médicaux modernes, tant dans les textes généraux que dans les textes spécialisés en gynécologie et obstétrique. Dans cet article, nous analyserons la section *De uniuersa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro consacrée à ce sujet (chapitres 2 et 3 du Livre, Partie 1 « Théorie »), à la fois en ce qui concerne ce qui est dit sur les caractéristiques anatomiques de ces parties, ainsi que les controverses et les questions de moralité associées à l’utérus.

Palavras-chave: história de la gynecologia ; anatomie de l’appareil reproducteur ; Rodrigo de Castro Lusitain ; *De uniuersa mulierum medicina*.

A perspectiva de Rodrigo de Castro sobre as características do sangue menstrual

Rodrigo de Castro's perspective on the characteristics of menstrual blood

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO (*Universidade Católica Portuguesa – CEFH*), JOSÉ SÍLVIO FERNANDES (*Universidade da Madeira*) E CRISTINA SANTOS PINHEIRO¹ (*Universidade da Madeira e Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*) — Portugal)

Abstract: The discussion on the characteristics of menstrual blood is a prominent topic in the gynaecological work by Rodrigo de Castro. In this paper, we aim to analyze the arguments set forth by the author and examine the key points of the reflection on menstruum signalling the construction of his opinion. Castro proves to be an attentive and critical reader of the tradition, summarizing the conventional views on the subject and providing a conceptual framework according to which menstrual blood is positively considered.

Keywords: Rodrigo de Castro; history of medicine; history of gynaecology; menstruation.

1. Introdução

O advento da puberdade feminina é acompanhado de profundas transformações físicas e emocionais. Ilustra-o bem a advertência da avó de Eliete, no romance epónimo de Dulce Maria Cardoso: — “Anda cá, Eliete, agora que já és uma mulherzinha, não podes andar assim nesses preparos”². E recorrendo a frase da avó, ela haveria de identificar essa mudança repentina: “que já nada era igual no meu corpo, que o sangue tinha começado a sair de dentro de mim, um sangue viscoso e escuro que me obrigava a usar pensos todos os meses”³. A menstruação era, então, um assunto de mulheres como os bordados e a lida da casa, falado em surdina, ligado a uma série de proibições:

Texto recebido em 04.04.2021 e aceite para publicação em 19.04.2021. Trabalho desenvolvido no âmbito do projecto «*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia» (PTDC/FER-HFC/31187/2017), projecto financiado por fundos nacionais através da FCT e no âmbito da UIDB/00683/2020, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) 2020-2023, ambos os projectos financiados por fundos nacionais através da FCT.

¹ antmelo@ucp.pt; jsfernandes@staff.uma.pt; cristinap@staff.uma.pt.

² CARDOSO (2018) 14.

³ CARDOSO (2018) 16-17.

“não se podia lavar a cabeça, andar descalça, entrar nos cemitérios, fazer exercício físico, ir à praia, já que a boca do corpo estava aberta e o sangue podia subir à cabeça ou nunca mais parar de correr”⁴.

O assunto da menstruação foi, desde a Antiguidade, um tópico recorrente nos tratados médicos sobre a natureza das mulheres. Insere-se nesta tradição o médico português, de origem sefardita, Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), que dedica a este tópico cinco capítulos (9 a 13) do livro segundo da primeira parte do seu tratado de ginecologia *De uniuersa mulierum medicina*⁵. Nos primeiros capítulos da segunda parte da obra, de natureza prática, Castro analisará também as doenças relacionadas com o fluxo menstrual. Era, de facto, um tema importante nos tratados médicos, que exploravam com atenção e pormenor tanto a condição natural do fluxo menstrual, como — e talvez principalmente — as patologias a ele associadas.

A menstruação, enquanto processo biológico exteriormente visível e associada ao ciclo da geração humana, suscitou desde sempre a necessidade de uma explicação de teor científico que, com frequência, se aliou a preconceitos de ordem religiosa e social. Nos tratados hipocráticos, salientava-se a importância do fluxo na saúde feminina e entendia-se como um factor essencial na capacidade reprodutiva das mulheres. A mulher saudável era a mulher que tinha uma menstruação regular. Sorano de Éfeso, no século I d. C., tinha um entendimento oposto: que o fluxo menstrual não tinha qualquer utilidade para o sexo feminino, além de permitir a procriação. Para Aristó-

⁴ CARDOSO (2018) 18.

⁵ CASTRO (1617) 1.75-99. Os títulos destes capítulos são: “O sangue menstrual”, “O sangue menstrual falha apenas por quantidade e a criança é por ele nutrida no útero”, “Através de que ductos o sangue menstrual é expurgado”, “O tempo, a quantidade, a duração e a substância dos mênstruos” e “O sangue menstrual, por sua natureza, não é mais quente do que o viril e por que razão a mulher pode conceber sem a presença da menstruação ou antes dela.”. Para a realização deste trabalho, seguimos a segunda edição (Hamburgo, 1617). Na identificação dos passos do tratado, usamos, além do ano da edição, a indicação da parte (1 ou 2, conforme seja um excerto da *Pars prima-Theorica* ou da *Pars secunda-Praxis*), seguido do número de página. Todas as traduções dos textos clássicos são da nossa autoria, salvo indicação em contrário. A tradução dos textos gregos é da autoria de C. S. PINHEIRO, a publicar numa antologia de textos de ginecologia antiga, no âmbito do projecto Gynecia.

teles, todavia, o sangue menstrual tinha funções seminais equivalentes ao sémen masculino, ainda que limitadas e deficientes por falta de calor. Para o Estagirita, a mulher era mais fria do que o homem e, por esta razão, era incapaz de transformar o sangue em semente, elaborando-o apenas até uma espécie de estágio intermédio que seria o mênstruo e que constituía a matéria da geração sobre a qual agiria a semente masculina⁶. Séculos mais tarde, Galeno, adaptando os princípios fundamentais da diferença sexual como propostos por Aristóteles, nega que o sangue menstrual seja uma substância seminal, atribuindo-lhe apenas a função específica de alimentar o feto no ventre materno, entendimento já presente nos tratados do Corpo Hipocrático.

Quando chegamos à época de Castro, estas visões permanecem dominantes, com algumas adaptações que são resultado de novos contextos culturais e religiosos. STOLBERG (2005) 91ss. agrupa em três modelos as explicações teóricas acerca da génese e da natureza do sangue menstrual no período moderno. No primeiro, dominava a ideia de que o processo menstrual tinha como propósito purificar o corpo das mulheres por meio da excreção de matéria mórbida e com propriedades venélicas. Estas propriedades implicariam a necessidade de uma expurgação regular, já que a acumulação do sangue menstrual no corpo causaria patologias graves. Nesta teoria, cujos antecedentes remontam aos textos da *História natural* de Plínio sobre o sangue menstrual (*Nat.* 7.64-66; 28.70; 28.77), atribuíam-se também ao mênstruo efeitos nocivos sobre a natureza. Este modelo, defendido já por uma minoria de autores no início do século XVII, foi substituído por um entendimento da menstruação como um processo necessário à reposição da quantidade certa de sangue menstrual. Com base na noção de abundância, isto é, de pletora, entendia-se o sangue menstrual como um excedente que tinha a função específica de nutrir o feto *in utero* e, transformado em leite materno, de alimentar o recém-nascido. Na mulher não grávida e não lactante, por não ter utilidade, teria de ser expelido regularmente. Tratava-se, contudo, de sangue normal, sem qualquer propriedade venenosa, pelo menos numa mulher saudável. Tornar-se-ia, porém, patológico, se o corpo não o libertasse na medida certa

⁶ Veja-se, a título de exemplo: “A mulher é, com efeito, como um homem mutilado, e o fluxo menstrual é uma semente, mas não pura. Falta-lhe apenas um elemento, o princípio da alma” (GA 737 a 27). LLOYD (1983) 96ss.

e no tempo devido. A partir de finais do século XVII ou início do século XVIII, esta teoria pletórica foi substituída, segundo o autor, por um modelo de teor iatroquímico, que se fundamentava na noção de que mensalmente uma espécie de “fermento” provocava uma comoção intensa do sangue e dos restantes humores que purificava o corpo de matéria excrementícia. Anterior ao modelo iatroquímico, Castro é claramente um defensor da origem pletórica do mês-truo, mas a teoria que postula a sua finalidade catártica e a sua natureza venenosa está ainda muito presente na doutrina médica e, por essa razão, o médico lusitano dedica grande parte desta sua secção a refutá-la.

Intentamos, no presente artigo, perceber a *forma mentis* de Rodrigo de Castro, no processo de correlacionar a observação da matéria em causa com aspetos dos conhecimentos da tradição médica sobre este tópico. Nesse sentido, será também dado relevo aos argumentos de Rodrigo de Castro contra a perspectiva de autores como Plínio e Jean Fernel, em particular na valorização do sangue menstrual.

2. O sangue menstrual

Para Castro, são dois os princípios da geração humana, a semente e o sangue menstrual⁷. Tendo tratado do primeiro destes princípios nos capítulos anteriores, dedica-se, nos capítulos em apreço, ao segundo princípio, procedendo ao estudo das seguintes questões:

(...) *quid illud sit; quae eius qualitas: quis generationis modus: quae fluendi ratio; cur feminis potius quam maribus insit: qualitate ne ac sola quantitate peccet; quo tempore incipiat, ac desinat; quamdiu duret: in qua mensura, et per quae loca expurgetur; sitne feminarum sanguis uirorum sanguine frigidior; et num mulier concipere possit menstruus suppressis, aut nondum fluentibus.*

CASTRO (1617) 1.75

(...) *do que ele é; de qual é a sua qualidade; de qual é o modo da sua geração; qual é a medida do fluxo; por que razão se encontra nas fêmeas de preferência aos machos; se é defeituoso em qualidade ou somente em quantidade; em que tempo começa e quando termina; quanto tempo dura; em que medida e por que lugares é expurgado; se o sangue das mulheres é mais frio do que o sangue dos homens; e se a mulher pode conceber estando suprimidos ou ainda não fluindo os mês-truos.*

⁷ CASTRO (1617) 1.36: *duo esse nostrae generationis principia, semen et menstruum.*

Uma vez configurado o âmbito temático, na introdução ao cap. 9, e apoiando-se na autoridade de Aristóteles e Galeno, procede à definição de sangue menstrual, como é, aliás, o método que segue em outros capítulos⁸:

*Est menstruum sanguis in muliere superfluus, crudus, sed tamen utilis ordinate et secundum naturam profluens, ut colligere est ex Aristotelis libro De generatione animalium et ex Galeno in opere De usu partium.*⁹

CASTRO (1617) 75

O mênstruo é, na mulher, sangue supérfluo, cru, mas, todavia, útil, que flui de forma ordenada e conforme à natureza, como se pode ler em Aristóteles, no livro A geração dos animais, e em Galeno, na sua obra O uso das partes.

Explica, de seguida, cada um dos termos utilizados: é sangue cru ao contrário da semente, que é sangue elaborado; é útil, porque difere de outros fluxos do útero, que não têm qualquer utilidade; flui “de forma ordenada”, porque há outros humores que saem do útero, mas sem ordem, isto é, sem regularidade; e é “conforme à natureza”, porque é o único fluxo de sangue que não é contrário à natureza. A regularidade dos *menses* está na base de alguns dos termos utilizados para descrever o processo menstrual. Ao longo do texto, a designação deste em latim faz-se com recurso a expressões relacionadas com a sua regularidade mensal (*menses*, *menstruum*, *menstrua*, *menstruus sanguinis*, *menstruae purgationes*), mas também com a ideia de purgação (*purgare*, *purgatio*) ou de fluxo (*profluuium*, *fluxus*, *fluor*). Castro acrescenta ainda um outro tipo de designações: as que são dadas a este processo pelas próprias mulheres, como “purgações menstruais” ou “lunares” (*menstruae purgationes siue lunares*), “meses” (*menses*), “tempos” (*tempora*), “costume” (*consuetudinem*), “má semana” (*malam septimanam*), “flores” (*flores*), por analogia com a flor que antecede o fruto, ou “cardeal” por causa da sua cor (*per translationem cardinalem*)¹⁰.

⁸ Cf. DILAGE s. u. “menstruum” e “menstruus”. A definição de conceitos e a explicação da terminologia utilizada são estratégias frequentes no tratado. Vejam-se, a título de exemplo, CASTRO (1617) 1.4 (designações do útero); 1.16 (designações das secundinas); 1.17 (designações do âmnio), etc.

⁹ ARIST. 726b30; GAL. 4.177K.

¹⁰ Quanto à cor do mênstruo, diz Castro, retomando uma comparação antiga, que convém que ele seja sangue como o que sai de uma vítima degolada recentemente. Cf. CASTRO (1617) 87 e 93. Esta ideia é retomada de Hipócrates (2.113) e de Aristóteles (HA

A exposição prossegue com a justificação do adjectivo “supérfluo” na definição do sangue menstrual. Em geral, as mulheres têm mais sangue do que os homens, o que se deve, segundo Castro e em conformidade com as teorias aristotélicas e galénicas, ao facto de serem mais frias e de terem uma vida mais sedentária e mais passiva do que os homens. Estes, por serem mais quentes e terem uma vida mais activa e com mais esforços físicos, dissipam mais facilmente o calor. Nas mulheres, o sangue menstrual resulta do sangue que não é utilizado como nutrimento e, por isso, é direccionado para o útero, que o acumula para, mais tarde, o expelir¹¹.

A causa da regularidade dos mênstruos deve-se à força da natureza, que rege todas as coisas com leis certas, ou aos sempiternos e imutáveis cursos da Lua. Segundo a tradição, da mesma maneira que mede o mês com a diversidade da sua luz, a Lua dirige e modera os humores de tudo, mas sobretudo os das mulheres. Escreve Castro:

Ita sapientiorum plures per singulas Lunae quadraturas purgari mulieres existimant, iuniores per primam, seniores per postremam; aetate medias per alias, ut in hoc uulgarissimo disticho continetur:

Luna uetus ueteres, iuuenes noua Luna repurgat.

CASTRO (1617) 1.76

Assim, um grande número de sábios pensa que as mulheres são purgadas por cada quadratura da lua: as jovens pela primeira, as mais velhas pela última, as de meia idade pelas outras, como se diz neste tão conhecido dístico:

“A Lua velha repurga as velhas, a lua nova as jovens.”¹²

Porém, Castro vai contrapor, a partir da sua observação, que tudo é incerto e pouco constante, e opor-se a Aristóteles, em *A geração dos animais*¹³, quando este diz que a menstruação se movimenta mais no quarto minguinte.

581b1-2). Sobre as designações do fluxo menstrual, cf. JACQUART & THOMASSET (1988) 71ss. e KING (1998) 29.

¹¹ Cf.: πρῶτον ἔργον ὑστέρως ἢ καθαρίσις (SOR. *Gyn.* 3.2 = Ilb. 3.6) *a primeira função do útero é a catarse* (i. e. a menstruação).

¹² Cf. *De luna in qua quis flebothomabitur. / Luna uetus ueteres, iuuenes noua luna requirit...* Este verso é uma citação adaptada a partir do poema médico medieval *Regimen sanitatis Salernitanum*, uma das obras mais difundidas da escola Médica de Salerno.

¹³ ARIST. GA 738a15.

À questão de saber por que razão a menstruação acontece de preferência nas mulheres e não nos homens, a resposta recupera a tradição¹⁴. A fêmea existe para a procriação dos filhos; logo, a maior quantidade de sangue nela gerado destina-se a alimentar e a conservar o próprio corpo, mas também — e principalmente — a nutrir o feto durante a gestação. Depois do parto, a criança recém-nascida será alimentada com o mesmo sangue transformado em leite materno¹⁵. No macho, uma vez que não gera em si próprio, mas em outrem, a menstruação é desnecessária porque não tem utilidade. Com efeito, porque é dotado de um calor mais intenso, o sangue dissipa-se nele devido aos muitos e vigorosos exercícios e a uma vida mais activa¹⁶.

Depois de falar na importância da norma e da regularidade menstrual, Rodrigo de Castro adapta o argumento galénico da “natureza sábia”: a existência de um Criador ou de um Artífice (*Opifex*) que zela por tudo com providência admirável. Assim se compreende que este Criador tenha transformado as tão numerosas imperfeições das mulheres numa vantagem para a humanidade, isto é, no alimento da semente e do feto.

As mulheres sem menstruação representam, todavia, um desafio a este tipo de argumentação pois, apesar desta condição, vivem saudáveis até à velhice, o que levanta a questão de se saber se o processo menstrual é benéfico ou nocivo para a saúde feminina. Castro indica duas razões para a falta de menstruação nestas mulheres: a primeira, comum a todo o corpo, é própria das mulheres do campo e das viragos que sofrem as consequências dos esforços e dos movimentos contínuos e, uma vez que despendem mais calor nesta vida activa, são estéreis, e, no advento da velhice, sofrem de doenças das articulações, paraplegias e outras afecções. A segunda razão é própria do útero, e, ao contrário do que acontece com as mulheres do campo e as viragos, é a causa de as mulheres que sofrem desta condição viverem doentes.

Esta exposição vincula Rodrigo de Castro ao pensamento dos hipocráticos, para quem os *menses* eram sinónimo de saúde e bem-estar, ao con-

¹⁴ Acerca da menstruação nos homens, cf. POMATA (2001) e CASTRO (1617) 1.88.

¹⁵ Cf. GAL. 4.177K.

¹⁶ CASTRO (1617) 1.77: neste passo, o médico lusitano fala ainda na vida ociosa e inerte das mulheres, e acrescenta que os animais consomem o excesso de sangue através dos pêlos, dos cornos, das unhas, das escamas, do couro e das penas.

trário do que pensava Aristóteles. Com efeito, na opinião do Estagirita, as *menstruae purgationes* podem provocar debilidade corporal. Neste contexto, o médico português, retomando a tradição médica antiga, afirma que a mulher menstruada é imune a outros fluxos sanguíneos, nomeadamente de hemorroidas e varizes, e de hemorragias nasais¹⁷. Porque se considerava que estes fluxos substituíam de forma natural o fluxo menstrual, as mulheres bem purgadas não eram vulneráveis a estas patologias. Na verdade, segundo esta concepção e como Castro afirma no cap. 12, as mulheres que têm uma purgação menstrual na quantidade devida são mais imunes às doenças em geral, são mais fecundas e têm uma vida mais devotada à castidade do que as mulheres que têm um fluxo em menor quantidade, que são mais frágeis, mais lascivas, e têm mais dificuldade em conceber¹⁸.

No que diz respeito ao início do processo menstrual, Rodrigo de Castro associa-o à puberdade:

Vt maribus sic etiam feminis, circa annos pubertatis ingens corporis accidit mutatio, pubes erumpit, semen generatur, ubera tumescunt, quod peculiari uocabulo Fratrare dicitur, corpus libidine accenditur, uox in grauiorem mutatur, maribus sanguinis narium profusiones, puellis menstruorum eruptiones contingunt, tum temporis enim illis uenae, quae ad nares pertingunt, his illae, quae ad uterum, et eius ceruicem sunt constitutae, facilius reserantur.

CASTRO (1617) 1.88

Como nos homens, assim também nas mulheres, por volta dos anos da puberdade, acontece uma ingente mudança do corpo: os pêlos irrompem, gera-se a semente, os

¹⁷ GA 727a10: ὥς γὰρ ἐπὶ τὸ πολὺ οὐθ' αἰμορροϊδὲς γίγνονται ταῖς γυναιξὶν οὐτ' ἐκ τῶν ῥινῶν ῥύσις αἵματος οὐτε τι ἄλλο μὴ τῶν καταμηνίων ἰσταμένων· ἐάν τε συμβῇ τι τούτων χεῖρους γίγνονται αἱ καθάρσεις ὥς μεθισταμένης εἰς ταῦτα τῆς ἀποκρίσεως. “Pois geralmente as mulheres não têm nem hemorróidas, nem hemorragias nasais, nem nenhuma outra coisa, se não se detiver a menstruação; e se acontecer alguma destas coisas, as catarses ficam menores como se a secreção se mudasse para esses mesmos lugares”. Cf. também ARIST. HA 521a25-30. Ideia semelhante em CELS. 2.8.16: *Quae menstruis non purgatur, si sanguinem ex naribus fudit, omni periculo uacat*. “A mulher que não é purgada pelos mênstruos, se derramar sangue do nariz, fica livre de qualquer perigo”. Celso repete o texto dos *Aforismos* 5.32 e 33: Γυναικὶ αἷμα ἐμεοῦση, τῶν καταμηνίων ῥαγέντων, λύσις. “Para uma mulher que vomita sangue, se a menstruação fluir, é a cura”. (HP. Aph. 5.32); Γυναικὶ, τῶν καταμηνίων ἐκλειπόντων, αἷμα ἐκ τῶν ῥινῶν ῥυῆναι, ἀγαθόν. “Para uma mulher, quando falta a menstruação, correr sangue do nariz é bom.” (HP. Aph. 5.33).

¹⁸ CASTRO (1617) 1.94.

seios intumescem, o que é designado pelo vocábulo específico “fratrare”¹⁹, o corpo é estimulado pela libido, a voz torna-se mais grave, nos homens acontecem efusões de sangue do nariz, nas meninas erupções dos mênstruos, pois, neles, abrem-se muito facilmente as veias da tēmpora que chegam ao nariz, nelas aquelas que chegam ao útero e que estão situadas na cerviz deste.

A equivalência entre o desenvolvimento masculino e o feminino estabelece-se também ao nível dos fluxos sanguíneos, uma vez que nos rapazes acontecem hemorragias nasais que parecem corresponder ao fluxo menstrual nas raparigas e que encontram explicação numa maior abertura das veias. Castro, porém, acrescenta que há uma grande incerteza na definição de uma data precisa para o início do fluxo:

Quo uero aetatis anno id fieri incipiat, non est ita certum definire, ac plerique existimarunt totam rem hoc uersiculo comprehendī:

*Adde decem ternis, mulierum menstrua cernis,
Ad quinquaginta durat purgatio tota.*

CASTRO (1617) 1.88

Em que ano de idade, porém, isto começa a acontecer não é tão certo de definir e a maioria considerou que todo o assunto está compreendido neste versículo²⁰:

*“Acrescenta a três dez, e os mênstruos das mulheres vês,
Até aos cinquenta dura a purgação toda.”*

Segundo Hipócrates, citado por Castro, “a idade difere da idade, a natureza da natureza”²¹, e o tempo é muito incerto, pois o que para um é a infância, para o outro parece ser a adolescência. Nas mulheres setentrionais, todavia, é raro a purgação menstrual iniciar-se antes do décimo quarto ano, mas

¹⁹ Este verbo significa literalmente “tornar irmão” e aplica-se ao crescimento das mulheres na puberdade, como se pode ler no cap. 3 do livro 3: cf. CASTRO (1617) 1.111. Com este significado, já ocorrera no cap. 13 do livro 2: nas partes escondidas naquelas que começam a *fratrare* (desenvolver-se) e desejar a união com o homem. Cf. CASTRO (1617) 1.97. Os vocábulos análogos “sororiare” e “fraterculare” aparecem num fragmento da comédia *Friulolaria* de Plauto (8) (*tunc papillae primulum/sororiabant; illud uolui dicere, / fraterculabant.*), citado por Festo (297).

²⁰ Sobre estes versos, publicados em algumas edições do *De secretis mulierum* de Alberto Magno, cf. THORNDIKE (1955) 188.

²¹ É citação de HP., *Fract.* 7, em que depois da afirmação de que a consolidação dos ossos do cotovelo se dá em trinta dias, se acrescenta a reserva: ἀτρεκέες δὲ οὐδέν· μάλα γὰρ καὶ φύσις φύσιος, καὶ ἡλικίῃ ἡλικίης διαφέρει. “Nada é preciso, pois a natureza difere muito da natureza e a idade da idade”.

frequentemente depois do décimo quinto e do décimo sexto. Nas regiões e temperaturas médias, a purgação irrompe geralmente por volta do décimo quarto ano de idade; em algumas mulheres, porém, ocorre no décimo segundo e no décimo primeiro ano²².

Por esta razão, diz Castro, repetindo o texto de Macróbio, que, de acordo com o direito público, se fixa a idade da puberdade no décimo segundo ano para as mulheres e no décimo quarto para os homens²³. Estas idades marcavam no direito romano a idade mínima para contrair matrimónio. Nas mulheres, contudo, esta condição era designada pelo adjectivo *uiripotens*, que designava a maturidade sexual das jovens. Segundo Plínio, no entanto, haveria notícia de povos na Índia em que as mulheres poderiam conceber aos cinco ou sete anos de idade²⁴. Mas o médico português logo atalha com a experiência adquirida pelos Portugueses nos Descobrimentos. Escreve:

Plinius refert apud quosdam populos in India quos Mandros et Calingas uocat, feminas quinquennes, septennesque concipere, sed illas octauum uitae annum, has quadragesimum non excedere;

Lusitanorum laus.

sed quia nostri Lusitani (qui forti praepotentique animo, et bellica uirtute totas illas regiones peragrarunt, et ad earum intima penetrarunt, quaeque rariora sibi uisa sunt, inclytis literarum monumentis sedulo consecrarunt) huiusce rei nullibi (quod sciam) meminerint, figmentum potius, et ad forum excogitatum uidetur, quippe cum in illa aetate angustiores uiae sint, quam ut per eas sanguis possit ad conceptum libere permeare.

CASTRO (1617) 1.89

Plínio refere que em alguns povos na Índia, que chama Mandros e Calingas, as mulheres concebem umas com cinco, as outras com sete anos, mas que umas não excedem o oitavo ano de vida, as outras o quadragésimo.

²² CASTRO (1617) 1.89.

²³ MACR. Sat. 7.1: *Nec hoc tacebo, quod, cum calor semper generationis causa sit, feminae ideo celerius quam pueri fiunt idoneae ad generandum, qui calent amplius. Nam et secundum iura publica duodecimus annus in femina et quartus decimus in puero definit pubertatis aetatem.* “Nem calarei o facto de, uma vez que o calor é sempre causa de geração, as mulheres se tornarem idóneas para gerar mais rapidamente do que os rapazes, que são mais quentes. É que também, de acordo com o direito público, o décimo segundo ano na mulher e o décimo quarto no rapaz definem a idade da puberdade.”

²⁴ Cf. PLIN. Nat. 7.2: refere alguns povos da Índia, que chama Mandros e Calingas, em que as mulheres concebem aos cinco e aos sete anos de idade, respectivamente, mas não sobrevivem as primeiras além dos oito, as segundas além dos quarenta anos de idade.

Louvor dos Lusitanos.

Mas porque os nossos Lusitanos (que com ânimo forte e prepotente e com bélia virtude percorreram todas aquelas regiões e penetraram nos locais remotos delas e que consagraram de forma cuidadosa em ínclitos monumentos das letras o que lhes pareceu mais raro) deste assunto em lado nenhum (que eu saiba) deixaram memória, parece antes imaginado e excogitado para o público, uma vez que naquela idade as vias são demasiado estreitas para que o sangue possa passar através delas, de forma livre, para o que foi concebido.

A articulação entre a experiência própria, a tradição literária e o orgulho nacional permitem a Castro estabelecer um nível de saber mais fidedigno, rejeitando que as jovens estejam fisicamente preparadas para a concepção numa idade tão precoce.

Da problemática relativa à fixação de uma data para o início da puberdade, Rodrigo de Castro transita para o tópico do termo do fluxo menstrual: por regra, termina aos quarenta e cinco anos, mas há casos em que pode chegar aos sessenta anos, ou até mais tarde, na última velhice, em mulheres octogenárias e nonagenárias. Estas variações são um tópico comum nos tratados médicos e aparecem já reconhecidas nos textos antigos²⁵.

No cap. 12, Castro trata das quatro condições para haver excreção natural dos mênstruos: que sejam expelidos com regularidade mensal; que durem o tempo certo; que tenham a quantidade devida, isto é, duas cótilas áticas, ou seja, dezoito onças²⁶; e ainda que apresentem a cor e a substância naturais do sangue e que não tenham odor²⁷.

²⁵ Sorano afirma que normalmente o fluxo termina entre os quarenta e os cinquenta anos, mas que por vezes se mantém até aos sessenta. (1.6 = Ilb. 1.20).

²⁶ Um pouco antes, neste mesmo capítulo, escreve: *Sed quaenam illa fuerit iusta huius sanguinis quantitas atque mensura? Hippocrates 1 De morbis mulierum affirmat, moderatos esse menses, prodeuntes in muliere sana, si, ad duas heminas Atticas quae libris nostris propemodum sunt aequales secedant, aut paulo plures, uel pauciores.* CASTRO (1617) 1.92 “Mas qual será aquela quantidade e medida conveniente deste sangue? Hipócrates no livro 1 de *As doenças das mulheres* afirma que é moderada a menstruação, que surge na mulher sã, se se retirarem até duas heminas áticas, que são praticamente iguais às nossas libras, ou um pouco mais ou menos”. A medida média do fluxo é definida nos tratados hipocráticos (*Mul.* 1.6) e na obra de Sorano (1.6 = Ilb. 1.20) como de duas cótilas áticas. Sobre esta medida, entendida como a capacidade máxima do útero, cf. DEAN-JONES (1994) 86ss. e KING (1998) 30.

²⁷ CASTRO (1617) 1.93.

2.1. A opinião de Plínio e de Fernel: o carácter nocivo do sangue menstrual

Logo no início do cap. 10²⁸, Rodrigo de Castro fala da controvérsia da qualidade nefasta do sangue menstrual, uma ideia pliniana de grande popularidade, segundo a qual este daria origem a afecções e debilidades graves nas mulheres. As propriedades insólitas, mas tanto benéficas, como nocivas do sangue menstrual, enumeradas por Plínio constituem uma base de análise coerente, que permitiram elaborações posteriores a autores como Isidoro de Sevilha²⁹, Tomás de Aquino³⁰ ou Jean Fernel³¹. O sangue menstrual suscita em Plínio uma mistura de admiração e de medo. Atribui-lhe efeitos medicinais e agrícolas positivos, mas descreve-o também como um veneno de poderes perniciosos³². Na tradição, perdura esta última característica, que dá origem, como referido, ao modelo catártico, que sustentava um entendimento do fluxo menstrual como um excedente do corpo que tornava necessária uma purificação regular. Com efeito, afirma Castro na apresentação que faz da opinião de Plínio, o sangue menstrual não pode fluir sem moléstia e sem erosão das vias e, durante o tempo em que flui, o corpo todo das mulheres não apenas se mostra com má cor, mas demasiadamente débil. Segue-se uma enumeração, muito próxima do texto de Plínio³³, dos malefícios que resultam deste sangue:

(...) *quod eo excidente si nouella uitis tangatur, in perpetuum laeditur, steriles fiunt tactu fruges, moriuntur insita, exuruntur hortorum germina, mustum acescit, aes quoque et ferrum rubigine corripuntur, praegnans mulier, si alterius menstrua supergrediatur, aut illis circumclinatur, abortit, ei uero, quae uterum non gerit, concipiendi spem adimit, menstruatae mulieris habitus speculi ac eboris nitorem obscurat, gustatus hic sanguis canem in rabiem agit, homines affligit miris cruciatibus, comitalem morbum, pilorum effluuium, aliaque elephantiorum uitia infert, et ut auctor est Conciliator, homines menstruus epotus obliuiosos, Lunaticos, ac ueluti praestigiatos, maleficiatosque reddit.*

CASTRO (1617) 1.78

²⁸ CASTRO (1617) 1.78-85.

²⁹ Isidoro de Sevilha (*Etimologias* 11.1.140-141) repete as propriedades nocivas que são atribuídas por Plínio ao sangue menstrual. CADDEN (1993) 175.

³⁰ Cf. JACQUART & THOMASET (1988) 76-77.

³¹ Vide infra.

³² Cf. RICHLIN (1997) 201ss.

³³ PLIN. *Nat.* 28.77 ss.

(...) porque, se, ao cair, tocar uma vide nova, esta é prejudicada para todo o sempre; as searas tornam-se estéreis ao serem tocadas; os enxertos morrem; a vegetação dos jardins queima-se; o mosto azeda; também o bronze e o ferro são tomados pela ferrugem; a mulher grávida, se passar por cima dos mênstruos de uma outra, ou se se ungir com eles, aborta, mas aquela que não está grávida, retira a esperança de conceber; o aspecto da mulher menstruada escurece o brilho do marfim e dos espelhos; provar este sangue leva o cão à raiva; aflige as pessoas com espantosos sofrimentos; causa a doença comicial, a queda dos pêlos e os outros vícios dos leprosos; e, como diz o Conciliador³⁴, beber o mênstruo torna as pessoas esquecidas, lunáticas, e como que enfeitiçadas e vítimas de malefício.

Depois de Plínio, Castro traz à colação o pensamento de Jean Fernel. No seu tratado, *Vniuersa medicina* (1554), que incluía três partes, *Physiologia*, *Pathologia* e *Therapeutice*, o médico gaulês afirma que os antigos terão admitido o sangue menstrual entre os venenos, atribuindo-lhe várias consequências nocivas. Lê-se em Castro:

His omnino suum addit calculum Fernellius, ac propterea a ueteribus inter uenena relatum fuisse putat, neque minorem perniciem inferre, quam potus sanguinis elephantici, ideoque dum in muliere supprimitur, neque statis temporibus emanat, ei etiam, cui proprius est, grauissima, quae indies uidemus, afferre mala, uiscerum obstructions, tabem, cancrum, morbum comitalem, uteri strangulatum, grauidis uero corporis grauitatem, foedum colorem, uarices, malaciam, ac tandem procliuitatem quandam ad omnes fere aegritudines.

CASTRO (1617) 1.78-79

Fernel concorda completamente com isto e por esta razão julga que [o sangue menstrual] foi incluído pelos antigos entre os venenos e que não causa uma pernície menor do que beber o sangue de um leproso e que, por este motivo, enquanto está suprimido na mulher e não flui em intervalos certos, causa até aquela de quem é males gravíssimos que vemos todos os dias: obstruções das vísceras, definhamento, cancro, doença comicial, estrangulamento do útero, mas às mulheres grávidas causa peso do corpo, má cor, varizes, falta de apetite, e, por fim, uma espécie de predisposição para quase todas as doenças.

Este texto segue de muito perto o do capítulo 7 do livro 7 da *Physiologia* de Fernel, o que parece demonstrar o desejo de deixar clara a opinião do médico gaulês para, de seguida, a refutar³⁵. Pode também justificar-se pelo

³⁴ O “Conciliador” (*Conciliator*) é Pietro d’Abano, que escreveu no início do século XIV a obra *Conciliator differentiarum phiosophorum et medicorum* (*O conciliador das diferenças entre filósofos e médicos*).

³⁵ FERNEL (1567) 163-164; edição e tradução inglesa em FORRESTER (2003) 558-563.

pendor didático do *De uniuersa mulierum medicina*: Castro apresenta a posição de outros autores para melhor argumentar acerca das suas incoerências e limitações. Fernel defendia que, dadas as propriedades nocivas do mênstruo, não podia ser este o mesmo sangue a servir de alimento ao feto no ventre materno, mas que este teria de ser alimentado por um sangue mais puro, com origem no corpo todo e não apenas no útero.

Castro refere ainda a opinião de vários autores antigos, afirmando que estão inteiramente enganados, pois o sangue menstrual não pode ser compreendido de duas maneiras: um, o que é expelido mensalmente; o outro, um resíduo mais puro que serve de alimento ao feto³⁶.

As referências na *Sagrada Escritura* a normas relacionadas com as restrições sociais associadas à impureza da mulher menstruada, nomeadamente a menção ao terceiro livro do Pentateuco, o *Levítico*, são provas utilizadas pelos autores que negam que o sangue menstrual seja alimento do feto³⁷. Há outros autores, porém, que atribuem também propriedades medicinais ao mênstruo e que o consideram eficaz no tratamento de algumas doenças³⁸.

³⁶ Castro escreve: *Subscribunt huic opinioni Aristoteles, Columella, Solinus, Aelianus, et Gentilis qui 39 Extrauagantium dupliciter accipit menstruum sanguinem; uno modo pro illo, qui singulis mensibus a corpore mulieris effluit: altero pro sanguine conuenienti fetus nutritioni, illum quantitate, et qualitate uitiosum esse: hunc sola quantitate, quem etiam sperma mulieris uocat, qua in re cum Aristotele, Auicenna, eorumque interpretibus multipliciter ludificatur. "Subscrevem esta opinião Aristóteles, Columela, Solino, Eliano e Gentile, o qual, em Extravagâncias 39 entende de duas maneiras o sangue menstrual: por uma delas, aquele sangue que flui do corpo da mulher todos os meses; pela outra, o sangue conveniente à nutrição do feto; um é defeituoso em quantidade e em qualidade; o outro, a que chama também esperma da mulher, apenas em quantidade; nesta matéria engana-se, de múltiplas formas juntamente com Aristóteles, com Avicena e os intérpretes deles".*

³⁷ Cf. CASTRO (1617) 1.79 e *Lev.* 15.19-28. Neste capítulo, descreve-se a impureza da mulher associada à menstruação.

³⁸ *Alii sunt, qui licet non negent, menstruum sanguinem aliquando esse perniciosum, nonnunquam tamen multorum morborum remedium esse affirmant; ita referunt podagram, strumas, parotidas, panos, sacros ignes, furunculos tactu menstruatae mulieris leniri; gestatione uero portiunculae uestis mulieris ita infectae tertianas quartanasque febres curari, illitu comitiales morbos, ac rabie percitos omnino sanari.* CASTRO (1617) 1.79 "Há outros que, ainda que não neguem que o sangue menstrual é por vezes pernicioso, afirmam, todavia, que outras vezes é remédio de muitas doenças. Assim referem que a podagra, as escrófulas, as parótidas, os inchaços, os fogos sacros, os furúnculos são aliviados pelo toque de uma mulher

2.2. A refutação da opinião de Plínio e de Fernel

Para Rodrigo de Castro, estas considerações, todavia, são pouco coerentes. Diz o médico lusitano, abrindo caminho para a sua opinião:

Haec tamen omnia parum firma sunt, si ita intelligantur, quasi Aristotelis, Plinius, Fernelius et huius opinionis assertores, sanguinem illum, quem natura ad uterum transmittit, ex propria conditione perniciosum, ac pestiferum esse arbitrentur, ideoque ex eo fetus in utero alimentum non capessere, neque eum sed alium ex corpore pro alimento allicere.

CASTRO (1617) 1.79-80

Todas estas informações, todavia, são pouco firmes, se forem entendidas como se Aristóteles, Plínio, Fernel e os defensores desta opinião considerassem que aquele sangue que a natureza transmite para o útero é, pela sua própria condição, pernicioso e pestífero, e que, por essa razão, o feto no útero não recebe dele alimento, nem atrai do corpo como alimento esse sangue, mas outro.

Assim, a crença na existência de dois sangues de natureza distinta carece de fundamento, uma vez que a natureza, que criou nas fêmeas uma maior abundância de sangue que lhes permitisse nutrir o feto, não teria fabricado para este fim uma substância defeituosa. O excedente de sangue que origina o mênstruo tem um propósito definido pela natureza que nada fez em vão:

Si enim non alia de causa nisi propter fetus nutritionem natura in feminis maiorem sanguinis ubertatem excogitavit, id quod exuperat, vitiosum esse non est credendum, cum pro alimento sit a natura institutum, et per easdem vias transmissum, per quas fetus alitur.

CASTRO (1617) 1.80

Pois se, por nenhuma outra causa que não a nutrição do feto, a natureza inventou nas mulheres uma maior abundância de sangue, não se deve acreditar que aquilo que sobra é vicioso, uma vez que foi instituído pela natureza como alimento e é transmitido pelas mesmas vias pelas quais o feto é alimentado.

Castro defende ainda que o leite materno e o mênstruo têm a mesma função, isto é, aquele alimenta a criança e este o feto. Este argumento, que tem origem nos textos médicos antigos, é frequente nos tratados de matéria

menstruada, mas as febres tercianas e quartanas são curadas se se trouxer consigo uma pequena parte da veste de uma mulher impregnada [em sangue menstrual]; em untura cura completamente a doença comicial e os que são atacados pela raiva”.

ginecológica. Luis Mercado, por exemplo, recorre a ele para, como o médico português — que, aliás, toma de empréstimo muitas das ideias e mesmo alguns segmentos textuais do capítulo “De menstrua purgatione” — negar que o mênstruo seja uma substância de natureza perniciosa³⁹. Esta ideia é, todavia, de origem hipocrática: em *Epidemias* 2.3.17, lê-se que o “leite é irmão do fluxo menstrual”⁴⁰. Além disso, o leite e o sangue menstrual excluem-se mutuamente: em *Aforismos* 5.39, afirma-se que uma mulher que não está grávida nem deu à luz, mas que tem leite, sofre de amenorreia⁴¹. De facto, parece ter sido corrente a crença numa origem comum destas substâncias ou mesmo na transformação do fluxo menstrual em leite. Por isso, em *A natureza da criança* 30, afirma-se que as mulheres que têm períodos menstruais escassos também não têm leite⁴². Trata-se, na verdade, de duas fases de desenvolvimento diferentes da mesma substância. Por isso, o sangue mensalmente expelido, isto é, o mênstruo propriamente dito, não é necessariamente defeituoso.

Afirma Castro, em terceiro lugar, que o sangue menstrual não pode ser venenoso, porque, se assim fosse, enquanto se acumula no seu corpo, as mulheres deveriam sentir sintomas graves, como sucede quando sofrem devido a uma pequena quantidade em excesso de outro humor⁴³. Adianta de ime-

³⁹ MERCADO (1597) 812.

⁴⁰ τὰ γάλακτα, ἀδελφὰ τῶν ἐπιμηνίων.

⁴¹ Ἦν γυνὴ μὴ κύουσα, μηδὲ τετοκυῖα, γάλα ἔχη, ταύτη τὰ καταμήνια ἐκλέλοιπεν. “Se uma mulher que não está grávida nem deu à luz tem leite, faltou-lhe a menstruação”. Veja-se a tradução latina de Celso (2.8.41): *Quae neque peperit neque grauida est, si lac habet, a menstruis defecta est..* “Se a mulher que nem deu à luz nem está grávida tem leite, faltou-lhe a menstruação”.

⁴² Outra teoria, porém, apresentada em alguns tratados hipocráticos associa o leite materno à parte mais doce dos alimentos consumidos pela gestante, que nos seios se transforma em leite (*Mul.* 1.73; *Gland.* 16). Veja-se, a este respeito, DEAN-JONES (1994) 215ss.

⁴³ (...) *adhaec si ueneficus esset, fieri profecto nullo modo posset, ut per id tempus, quo naturaliter aggregatur, non officiat, et illius auctione symptomata quoque terribilia augeantur; parua quidem copia alterius humoris praeter naturam, nauseam, uomitum, alui fluxiones, dolores, febres, uigilias, et similes calamitates solet excitare, cur igitur, si uenenosus hic humor est uehementiora non facit, qui maiori copia accumulatur, et diutius cohibetur?* CASTRO (1617) 1.80. “ (...) Além disso, se fosse venéfico, de modo nenhum poderia acontecer que, durante o tempo em que naturalmente se acumula, não causasse danos e, com o aumento dele, não

diato uma resposta possível: que, “por causa do hábito, esta pernície é tolerada mais facilmente pelas mulheres”. Mas logo acrescenta duas objecções: o caso das jovens que ainda não se habituaram à menstruação e o das mulheres grávidas em que o sangue é suprimido durante largos meses. Diz o médico lusitano que, segundo a experiência, a supressão do sangue menstrual, por si só, não traz mal algum ao feto (também ele não habituado ao sangue menstrual), nem ao leite materno⁴⁴. E de seguida atalha, para esclarecer estas alegações e combater a ideia de que o sangue menstrual é pernicioso:

(...) cuius tamen contrarium euentus docet. Iam uero si sanguis menstruus perniciosus esset, quanto in maiori copia aggregaretur, tanto acquireret efficaciorum corrumpendi uim, atque ita in ultimis mensibus, in quibus maior eiusdem copia accumulata est, femina deterius omnino se haberet, quod tamen contraria ratione contingere cernimus.

CASTRO (1617) 1. 80

(...) os acontecimentos, todavia, mostram o contrário disto. Se, contudo, o sangue menstrual fosse pernicioso, quanto maior fosse a abundância em que se acumulasse, tanto mais eficaz seria a sua força de corromper, e assim, nos últimos meses, nos quais foi acumulada uma maior abundância dele, a mulher sentir-se-ia muito pior, o que, todavia, vemos que acontece de forma contrária.

E emerge paulatinamente a opinião que o autor defende e que consiste na valorização do sangue menstrual, sangue normal, que é sustento do feto no seu desenvolvimento *in utero* e que, depois do parto, transformado em leite materno, continua a garantir-lhe alimento. A correspondência entre as duas substâncias é, de facto, o núcleo da argumentação do Lusitano⁴⁵, que,

au-mentassem sintomas também terríveis; na verdade, uma pequena quantidade de outro humor contra a natureza costuma causar a náusea, o vômito, os fluxos do ventre, as dores, as febres, as insónias e calamidades semelhantes; por que motivo, então, se este humor é venenoso, não causa coisas mais graves, ele que se acumula em maior abundância e é retido durante mais tempo?”

⁴⁴ (...) *contrarium, uero experientia comprobatur; uidemus enim toto gestationis, lactationisque tempore menses suppressi, neque tamen id fetui aut matri per se officere.* CASTRO (1617) 1.80. “(...) a experiência, contudo, prova o contrário, pois vemos que, ao longo de todo o tempo da gestação e da aleitação, a menstruação é suprimida e que isso, todavia, por si, não é prejudicial nem para o feto, nem para a mãe”.

⁴⁵ *Nam si dicas, ex eo lac generari, inde inferre licet, ergo alimentalis est materia, atque adeo benigna, laudabilis, salutifera, non ferox, perniciosa neque uenefica.* CASTRO (1617) 1.80. “Pois se disseses que o leite é gerado a partir dele, daqui é lícito inferir então que ele é matéria

para pôr termo à controvérsia, remata com o argumento de que o sangue é considerado redundante em dois sentidos, como comprova a experiência. Pelo primeiro, entende-se que este excedente se acumula a pouco e pouco e é recolhido nas veias do útero. Este sangue forma, na mulher não grávida nem lactante, o fluxo menstrual; na grávida, é nutrimento do feto e na mulher que amamenta, transformado em leite, é o alimento do recém-nascido⁴⁶. Conclui reiterando que este excedente, se adquire algum vício, é por condições que são comuns ao restante sangue, pois, afirma Castro, “não possui nada próprio e peculiar” e, do mesmo modo que a semente, assim também o mênstruo é “uma substância puríssima”⁴⁷.

O segundo modo de considerar o sangue menstrual implica, por necessidade biológica, a sua excreção regular. É este sangue que, quando não expelido correctamente, adquire uma qualidade muito diferente da que tem enquanto alimento, provocando sintomas graves e, com diz o autor, *males quase*

alimentícia e sobremaneira benigna, louvável, salutar, não feroz, nem perniciosa, nem venenosa”.

⁴⁶ (...) ita ut ex singula concoctione sanguis qui superest, non grauidis neque lactantibus, in uasis uteri reponatur, ut postea singulis mensibus erumpat, grauidis uero in fetus alimoniam cedat, lactantibus per ulteriorem elaborationem a propria mammillarum substantia in lac conuertatur, CASTRO (1617) 1.83-84. “(...) de modo a que o sangue que resta de cada concocção, nas mulheres que não estão grávidas e nas que não são lactantes, seja repostado nos vasos do útero, para que, depois, irrompa em cada mês, mas nas grávidas se torne alimento do feto, e nas lactantes, por ulterior elaboração, seja convertido em leite pela própria substância das mamas”.

⁴⁷ Ideoque cum sanguis iste superfluous aut excrementosus dicitur, non ad qualitatem manifestam uel occultam, sed ad quantitatem referendum est, nam si quod uitium illi inest, idem et reliquo toto sanguine commune existit, proprium uero et peculiare nullum possidet, hunc insuper asseueramus benignum esse fetus in utero alimentum, atque sincerum; infantis uero in lucem editi gratia a prouida natura in mammas deferri, ut ibi lac iucundissimum fiat alimentum; et quemadmodum semen alterum nostrae generationis principium purissima est substantia, ita menstruus sanguis. CASTRO (1617) 1.81. “Por isso, quando se diz que este sangue é supérfluo ou excrementoso, isto refere-se não à qualidade manifesta ou oculta, mas à quantidade, pois se existe nele algum vício, é o mesmo e é comum a todo o outro sangue, mas não possui nada próprio e peculiar, e ainda asseveramos que este é um alimento benigno e puro do feto no útero; mas que é levado para as mamas pela natureza providente por causa da criança dada à luz, para aí o leite se tornar no alimento mais agradável; e do mesmo modo que a semente, o segundo princípio da nossa geração, é uma substância puríssima, assim também o sangue menstrual”.

*sem conta*⁴⁸. Castro conclui, assim, que o vício do sangue menstrual existe só por acidente e não por natureza do sangue, pois, nas mulheres bem constituídas, ele é gerado sem qualquer vício. Torna-se, porém, vicioso naquelas mulheres em que se detém mais do que é costume, com as consequências nefastas já mencionadas, o que põe a descoberto o poder da regularidade e da lei eterna da natureza, pela qual é regulado durante o ciclo menstrual.

Recuperando a opinião de Avicena, considera que o sangue redundante pode ter três funções distintas: será alimento do feto, durante a gestação; transformar-se-á em leite materno ao aproximar-se o parto; e, na mulher grávida, acumula-se nas túnicas do útero, durante a gestação, contaminando-se aí pela inquinação e sendo expelido na forma de lóquios⁴⁹. A longa retenção do sangue menstrual nas grávidas, sem que daí advenha nenhuma consequência negativa, é um problema a que Castro faz questão de dar resposta: o sangue que sobra da alimentação fetal é depositado nas secundinas que o retêm durante a gravidez e por esta razão não causa dano nem à gestante, nem ao feto.

O argumento definitivo com que Castro encerra esta polémica é o de que o sangue menstrual faz parte das substâncias mais puras e mais perfeitas, a par da semente e do leite, e que estas são as mais susceptíveis à corrupção e à deterioração, como provam os grumos do sangue, a coagulação do leite e a retenção da semente. Estas substâncias formadas por partes diversas, per-

⁴⁸ *Secundo modo consideratur sanguis menstruus, qua ratione in mulieribus non lactantibus, nec uterum gerentibus congeritur, et in corpore praesertim circa uterum tanquam otiosus, ac nullius usus detinetur, ac circa uterum coaceruatur, ubi longa facta mora sensim etiam alienam acquirit qualitatem ab alimenti sinceritate longe distantem; quin etiam nisi consuetis temporibus expellatur, superius allata symptomata, ac innumera paene mala producere consuevit.* CASTRO (1617) 1.82. “O sangue menstrual é considerado de um segundo modo, na medida em que nas mulheres não lactantes, nem grávidas se acumula e se detém no corpo, principalmente em volta do útero, como se estivesse inactivo e não tivesse utilidade, e amontoa-se em volta do útero, onde, a pouco e pouco e devido a uma longa demora, adquire também uma qualidade alheia muito distante da pureza do alimento; e mais: se não for expelido no tempo habitual, costuma produzir os sintomas mencionados acima e um número de males quase sem conta”.

⁴⁹ CASTRO (1617) 1.83.

feitamente conjugadas, viciam-se até pelo contacto com o ar, como acontece com o cadáver humano, com o ovo putrescente e os frutos mais aromáticos⁵⁰.

Conclusão

A perspectiva de Rodrigo de Castro sobre o sangue menstrual recupera muitos elementos da tradição médica clássica, em especial os que entendem tratar-se de um excedente útil, criado por uma Natureza sábia e artificiosa que nada faz em vão, para nutrir o feto no ventre materno. Refutando a interpretação pliniana, seguida por Fernel, que atribui ao mênstruo qualidades nocivas, Castro apresenta uma argumentação clara, consistente e documentada que valoriza especialmente o papel da menstruação na saúde feminina e que nega a possibilidade de o sangue que alimenta o feto ser outro que não o sangue menstrual. A ideia de que possa existir alguma qualidade venenosa neste sangue é afastada peremptoriamente pelo médico lusitano, mas a importância que concede à refutação desta teoria parece demonstrar que ela era ainda relevante e que mantinha os seus seguidores.

Bibliografia

- ARISTÓTELES (2006), *História dos Animais* I. Trad. de M. F. Sousa e SILVA). Lisboa, INCM.
- ARISTOTELES (2013), *Aristote. De la Génération des animaux*. Texte ét. et trad. par P. LOUIS). Paris, Les Belles Lettres.
- CADDEN, J. (1993), *Meanings of Sex Difference in the Middle Ages: Medicine, Science, and Culture*. Cambridge University Press.
- CARDOSO, M. D. (2018), *Eliete – A vida normal*. Lisboa, Tinta-da-China.
- CASTRO, R. de (1596), *Tractatus brevis de natura, et causis pestis, quae hoc anno MDXCVI Hamburgensem ciuitatem affligit*. Hamburgo, Iacobus Lucius Junior.
- CASTRO, R. de (1617), *De uniuersa muliebrium morborum medicina nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absoltissimum; et studiosus omnibus utile, medicis uero pernecessarium (Pars prima Theorica)*. Hamburgo, Johann Froben.

⁵⁰ Castro apresenta a mesma argumentação e utiliza uma formulação textual idêntica no *Tratado sobre a peste de Hamburgo* (1596) D1.1.

- DEAN-JONES (1994), *Women's Bodies in Classical Greek Science*. Oxford University Press.
- DILAGE (2018), *Dictionarium Latinum Andrologiae, Gynecologiae et Embryologiae*. Barcelona-Roma, Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales.
- FERNEL, J. (1567), *De uniuersa medicina*. Lutetiae Parisiorum, apud Andream Wechelum.
- FORRESTER (2003), *The "Physiologia" of Jean Fernel (1567)* (Translated and annotated by John M. FORRESTER with an introduction by John HENRY and John M. FORRESTER). Philadelphia, American Philosophical Society.
- JACQUART, D. & THOMASET, C. (1988), *Sexuality and Medicine in the Middle Ages*. Polity Press.
- KING, H. (1998), *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. London & New York, Routledge.
- KING, H. (2013), *The One-Sex Body on trial: The Classical and Early Modern Evidence*. Farnham and Burlington, VT, Ashgate.
- LLOYD, G. E. R. (1983), *Science, Folklore and Ideology: Studies in the Life Sciences in Ancient Greece*. Cambridge University Press.
- MERCADO, L. (1597), *De mulierum affectionibus*: I. SPACH (1597), *Gynaeciorum siue de mulierum tum communibus, tum grauidarum, parientium et puerperarum affectibus et morbis libri*. Argentinae, sumptibus Lazari Zetzneri.
- PINHEIRO, C. S. (2012), *Orbae Matres. A dor da mãe pela perda de um filho na literatura latina*. Lisboa, FCT/FCG.
- PINHEIRO, C. S. (2016), "*Dulcissimum (...) Molissimum et (...) Vtilissimum* (Plin. Nat. 28.72): J. PINHEIRO & C. SOARES (coords.), *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar*. Coimbra/S. Paulo, IUC/Annablume, 371-383.
- PLÍNIO-O-VELHO (1962), *Pline l'Ancien. Histoire Naturelle* (introduction, traduction et commentaire par A. ERNOUT). Paris, Les Belles Lettres.
- POMATA, G. (2001), "Menstruating Men: Similarity and Difference of the Sexes in Early Modern Medicine": V. FINUCCI & BROWNLEE, K. (eds.). *Generation and Degeneration: Tropes of Reproduction in Literature and History from Antiquity to Early Modern Europe*. Durham and London, Duke University Press, 109-152.
- RICHLIN, A. (1997), "Pliny's brassière": J. P HALLETT & M. B. SKINNER (1997) (eds.), *Roman Sexualities*. Princeton, Princeton University Press.

- SORANO DE ÉFESO (2003), *Soranos d'Éphèse. Maladies des Femmes III* (texte établi, traduit et commenté par P. BURGUIERE, D. GOUREVITCH & Y. MALINAS). Paris, Les Belles Lettres.
- STOLBERG, Michael (2005), "Menstruation and Sexual Difference in Early Modern Medicine": SHALL, A. and HOWIE, Gillian, *Menstruation. A Cultural History*. New York, Palgrave Macmillan, 91-101.
- THORNDYKE, Lynn (1955), "Unde versus": *Traditio* 11 (1955) 163-193.

* * * * *

Resumo: A discussão sobre as características do sangue menstrual é um tópico de relevo na obra ginecológica de Rodrigo de Castro. É objectivo deste artigo analisar os argumentos aí apresentados e explorar os pontos fundamentais da reflexão sobre o mênstruo no processo de construção da opinião pessoal do médico lusitano, que se mostra um leitor atento e crítico da tradição, sintetizando as perspectivas convencionais sobre este tema, de modo a elaborar um quadro conceptual de valorização do sangue menstrual.

Palavras-chave: Rodrigo de Castro; história da medicina; história da ginecologia; menstruação.

Resumen: La discusión sobre las características de la sangre menstrual es un tópico relevante en la obra ginecológica de Rodrigo de Castro. El objetivo de este artículo es analizar los argumentos que se presentan allí y examinar los puntos fundamentales de la reflexión sobre el mênstruo en el proceso de la construcción de la opinión personal del médico lusitano, que se muestra como un lector atento y crítico de la tradición, sintetizando las perspectivas convencionales sobre este tema para elaborar un cuadro conceptual de valoración de la sangre menstrual.

Palabras clave: Rodrigo de Castro; historia de la medicina; historia de la ginecología; menstruación.

Résumé : La discussion sur les caractéristiques du sang menstruel est un sujet important dans l'œuvre gynécologique de Rodrigo de Castro. Le but de cet article est d'analyser les arguments qui y sont présentés et d'explorer les points fondamentaux de réflexion sur la menstruation dans le processus de construction de l'opinion personnelle du médecin lusitanien, qui se montre un lecteur attentif et critique de la tradition, tout en synthétisant les perspectives conventionnelles sur ce sujet, afin d'élaborer un cadre conceptuel de la valorisation du sang menstruel.

Mots-clés : Rodrigo de Castro ; histoire de la médecine ; histoire de la gynécologie ; menstruation.

Quae in ipso coitu observanda. Técnica compositiva en un capítulo de la *Universa muliebrium morborum medicīna* de Rodrigo de Castro

Quae in ipso coitu observanda. Compositional technique in a chapter of Rodrigo de Castro' *Universa muliebrium morborum medicīna*

MIGUEL ÁNGEL GONZÁLEZ MANJARRÉS¹ (*Universidad de Valladolid — España*)

Abstract: In this paper, we analyse Rodrigo de Castro's techniques of composition in a chapter taken from *De universa muliebrium morborum medicīna* (1.3.5). We seek to understand Castro's use of sources and examine his procedures for assembling his materials. Castro's technique is based on the reelaboration and relocation of data drawn from various sources (particularly the *Gynaeciōrum libri*), with the intent of providing a clear, well-ordered, manageable and useful text. A better knowledge of these compositional strategies will allow us to more justly appreciate the real contribution of this work on gynecology and obstetrics.

Keywords: Rodrigo de Castro; compositional technique; sources; gynecology; obstetrics; copulation.

Introducción

El médico judío portugués Rodrigo de Castro (ca. 1546-1627/29) publica en Hamburgo y Colonia en 1603 una manual sobre ginecología y obstetricia que titula *De universa mulierum medicīna*². La edición de una obra en latín

Texto recibido el 21.11.2021 y aceptado para publicación el 08.03.2021. Este trabajo se enmarca en los siguientes Proyectos de Investigación: “Estudios de medicina práctica en el Renacimiento: las *Centurias* de Amato Lusitano (II)”, subvencionado por el Gobierno de España (FFI2017-82381-P); “Amato Lusitano y su tiempo: literatura médica, pacientes y enfermedades en el siglo XVI”, subvencionado por la Junta de Castilla y León (VA222P20); “Gynecia. Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia”, subvencionado por la FCT de Portugal (PTDC/FER-HFC/31187/ 2017).

¹ miguelan@fyl.uva.es.

² Rodrigo de Castro estudió en Salamanca, volvió a Portugal y se estableció en Hamburgo en torno a 1596, donde permaneció hasta su muerte. Además de la obra médica aquí estudiada, publicó un breve tratado sobre la peste (Hamburgo 1596) (cf. FÖRG [2020]) y un texto deontológico, probablemente su obra más célebre, titulado *Tractātus Medicus-politicus* (Hamburgo 1614) (cf. GADEBUSCH BONDIO-FÖRG [2020]). Para datos sobre su vida y su obra pueden verse, entre otros, BELLINI (2003), PINHEIRO (2007), MACLEAN (2009) 382-390, ARRIZABALAGA (2009), FRADE-SILVA (2011). Una visión de la comunidad judía portuguesa en Hamburgo se ofrece en LEONE-SALOMON (2002).

sobre ese tema y en ese tiempo necesitaba una justificación. ¿Qué podía aportar un texto de tal naturaleza respecto a las tres ediciones de los *Gynaeciōrum libri* publicadas sucesivamente en 1566, 1586-88 y 1597, y que acabaron reuniendo los datos médicos más relevantes a tal propósito desde los tiempos antiguos? Como pedía el asunto, Rodrigo de Castro reserva el prefacio de la obra para dar esas explicaciones.

Es un prefacio, de hecho, de sumo interés. Reconoce primero y brevemente la necesidad de una medicina para mujeres, pues por su constitución, es decir, por su orden fisiológico sufren una serie de enfermedades distintas a las del sexo masculino, que requieren además tratamientos diferentes³. Pero enseguida pasa Castro al asunto literario. Ya desde Hipócrates —afirma— han sido muchos quienes han escrito sobre el tema, aunque de forma no del todo adecuada y precisa: Hipócrates por su proverbial oscuridad y los *recentiōres* o bien por escasez o bien por verborrea. Tan desatada es no pocas veces esa elocuencia de los *recentiōres* que los *tyrōnes*, destinatarios inmediatos del tratado, apenas pueden entender esos textos. Y no es extraño, porque son muchos los médicos preocupados más por el estilo que por el contenido. De hecho, son numerosos los que se dan por satisfechos con solo intercalar en sus textos latinos unas cuantas palabritas griegas. Y son esos mismos quienes critican las obras de los médicos árabes por su latín impuro y sin ornato, *quod praesens aetas piaculum existimat*, y que contrariamente a lo que pide su oficio *pluris verba faciunt quam ipsas res*. El propósito de Castro, en cambio, es escribir para ser comprendido, con un estilo ni demasiado conciso ni demasiado hinchado, sino *medio quodam stylo et facili et apto magis ad proficiendum quam ad suadendum*, puesto que no escribe un *opus eloquentiae, sed medicīnae*⁴.

³ Frente a LAQUEUR (1990), para quien la medicina siguió un modelo “unisexual” hasta el siglo XVIII, hoy día se tiende a reconocer una diferenciación sexual ya en el *Corpus Hippocraticum*: cf. CADDEN (1993); STOLBERG (2005); PARK (2010); KING (2013). Por otro lado, en autores como Castro se seguía justificando la necesidad de una medicina para mujeres que corriese a cargo de médicos doctos, que dejaban aún su tratamiento cotidiano en manos de sanadoras y parteras, tradicionalmente encargadas de la salud femenina. El asunto, con especial referencia a la Edad Media, se estudia en GREEN (2008), que dedica no obstante un capítulo al “nacimiento masculino de la ginecología” durante los siglos XIV-XVI (ibid. 246-287).

⁴ CASTRO (1617) b2v-b3v. La obra de Castro se reeditó varias veces a lo largo del siglo XVII: tras la *princeps* con doble tirada Colonia/Hamburgo de 1603, vinieron las

Precisa Castro a continuación quiénes son los autores de que se ha servido para elaborar su obra. Se trata —confiesa— de los que están incluidos en los *Gynaeciōrum libri* que en 1586-88 había editado Caspar Bauhin (1560-1624) en Basilea⁵. Hay en esas obras muchas cosas útiles, reconoce Castro, pero la edición es un despropósito por falta de coherencia, orden y claridad: unos autores son muy breves, otros oscuros, unos tratan solo de unas enfermedades, otros de otras, y la mayoría escribe farragosamente, de forma que apenas puede uno encontrar nada, se omiten muchas cosas, otras se repiten y lo que falta en uno tiene que suplirse con lo que dice otro⁶.

Los *recentiōres* allí incluidos, además, no parecen especialistas en la materia, sino que suelen exponerla de forma superficial⁷. Solo hay uno que para Castro se salva: el español Luis Mercado, con cuya obra confiesa haber aprendido y progresado en el conocimiento de la materia. Su texto está lleno de *odoratissimos suavissimosque flores*, aunque a veces se puedan detectar errores y confusiones. Pero lo peor de Mercado, y por lo que su obra tampoco cumple las expectativas de Castro, es de nuevo el estilo, pues escribe no pocas veces de forma confusa y con tendencia a la prolijidad.

ediciones de Hamburgo 1604, 1617, 1618, Venecia 1644, Hamburgo 1662 y Colonia 1689. La de 1617 es una segunda edición revisada por el autor, que hace cambios, añadidos, elisiones e incluso varía el título: *De universa muliebrium morborum medicina*. Todos los textos citados, salvo indicación contraria, proceden de esta edición, de ahí que hayamos incluido también su título en el epígrafe de este trabajo.

⁵ Se trata, como se ha indicado, de la segunda edición aumentada de esta colección de textos ginecológicos, cuya primera aparición tuvo lugar en Basilea en 1566 a cargo de Kaspar Wolf (1532-1601), aunque concebida por Conrad Gesner (1516-1564). Hay una tercera edición, a la que hace alusión más abajo el propio Castro, que vio la luz en un solo volumen en Estrasburgo en 1597 por iniciativa de Israel Spach (1560-1597). Para la descripción de las tres ediciones, véase KING (2007) 1-8, 30-42.

⁶ Estas críticas se comentan en MACLEAN (1995) 29 y KING (2007) 29-30.

⁷ Los autores y las obras van creciendo en cada edición. Los textos más antiguos son los incluidos por Wolf en la *Harmonia gynaeciōrum* (que incluyen a Musción [siglo VIⁱⁿ], la *Gynaecia* de Pseudo-Cleopatra [siglo VI^{ex}] o *De passionibus mulierum* A y B), Albucasis (936-1013) y Trótula (siglo XII). El resto son ya autores modernos, desde Luigi Bonacciolli (1475-1536) a Nicholas de la Roche (*floruit* ca. 1542), Martin Akakia (1500-1551), Jakob Ruf (1505-1558), Luis Mercado (1515-1611), Girolamo Mercuriale (1530-1606) o Felix Platter (1536-1614), por citar solo a algunos de los más representativos. Para las fechas de sus obras y su entrada sucesiva en los *Gynaeciōrum libri*, cf. KING (2007) 4-5 y 30-42.

En cualquier caso, y pese a las críticas, Castro reconoce que los *Gynaeciōrum libri* (que acababan de salir en Estrasburgo —avisa— en un solo volumen aún más monstruoso y deforme) son la base de su trabajo, y que ese trabajo ha consistido en disponerlo todo con orden y claridad, evitando repeticiones y resolviendo errores y contradicciones. Son estas sus palabras:

*Cuncta in ordinem facilem atque pellucidum digerere institui, ita ut quaecunque continentur in illis quatuor vastissimis tomis, qui Argentīnae, adjunctis denuo aliis autoribus, tanquam in unum corpus varium sane ac deformi monstri simile coacti colligatiq̃ue absque ordine sunt, exiguis hisce duōbus commentariis dilucide disposita reperias atque contracta, nulla bis legas nec in ullah inter legendum nugas impingas, quae te ab illa quam cupis lectiōne remorentur*⁸.

Pero, ¿cuál es la técnica que ha seguido Castro para realizar ese compendio? ¿Cuál es el orden (*antehac a nemine tentāto*, según se señala en la portada de la obra) con que ha dispuesto los contenidos? ¿Cómo usa realmente a todos esos autores? ¿Reelabora sus textos con palabras propias? ¿Con qué frecuencia reproduce fragmentos ‘transtextuales’? Y cuando los hay, ¿avisa al lector de su procedencia o prefiere dejarlos sin atribución expresa? ¿Cuánto hay realmente de propio y personal en este compendio, más allá de la estructura y la disposición de materiales? Es difícil responder a tales preguntas sin contar con una edición crítica fiable de la obra completa. Aun así, para este trabajo —y antes de centrar las indagaciones en el capítulo estudiado— hemos hecho unas cuantas calas y comprobaciones en la parte teórica⁹, a tenor

⁸ CASTRO (1617) cr. En la *princeps* se decía *qui anno superiōri Argentīnae...* (CASTRO [1603], prefacio sin paginar). Según esto, pues, estaría escribiendo el prefacio hacia 1598, fecha en la que ha de suponerse (si el prefacio es de lo último que escribió, como suele ser habitual) tendría ya la obra casi concluida. Por otro lado, obsérvese que, con el fin de facilitar la lectura de los textos, se escribe *j* para notar la *i* semivocal y *v* para la *u* semivocal. También se marcan las vocales largas cuando van en penúltima sílaba abierta, para que se haga recaer sobre ella el acento o *ictus* de la palabra.

⁹ Como es sabido, la obra se compone de dos partes: una teórica y otra práctica. La primera, titulada *De natūra mulierum*, se divide en cuatro libros: (1) anatomía de útero y pecho; (2) esperma y menstruación; (3) coito, concepción, embarazo; (4) parto y lactancia. La segunda, titulada *De morbis mulierum*, se compone de otros cuatro: (1) enfermedades comunes a todas las mujeres; (2) enfermedades propias de viudas y vírgenes; (3) enfermedades relacionadas con la generación y el embarazo; (4) enfermedades de las parturientas

de las cuales podemos obtener algunos datos generales, aunque por fuerza provisionales, sobre su método de trabajo.

(1) No hay apenas capítulo en que no se incluyan, con distintos grados de reelaboración y paráfrasis, fragmentos sin atribuir de autores incluidos en los *Gynaeciōrum libri*, sobre todo de los *recentiōres*. El primero, por extensión y literalidad, es Luis Mercado, que se reproduce a menudo en largas tiradas; pero se pueden leer fragmentos y párrafos tomados a la letra de Ambroise Paré (1510-1590), Nicholas de la Roche, Girolamo Mercuriale, François Rousset (1535-1590) o incluso Luigi Bonaccioli, a pesar de su latín más *pressus* y oscuro, de cierta influencia pliniana. Hay, además, no pocos usos tácitos de otros médicos coetáneos ajenos propiamente a la ginecología, como por ejemplo Jean Fernel (1497-1558), François Valleriola (1504-1580), Andrés Vesalio (1514-1564) o Realdo Colombo (ca. 1516-1559).

(2) Las citas expresas suelen ceñirse a autores antiguos, árabes y medievales, pero también reproduce a menudo a *recentiōres* para traer a colación experiencias prácticas, como hace por ejemplo con Antonio Musa Brasavola (1500-1554), Amato Lusitano (1511-1568) o Johannes Schenck von Grafenberg (1530-1598).

(3) Casi todas las citas expresas y reconocidas de esos autores *recentiōres* suelen ir acompañadas de críticas o correcciones, según hace especialmente con Mercado, pero también con otros muchos. Cuando los usa para seguir sus textos, en cambio, no suele mencionararlos.

(4) Fuera del ámbito estricto de la medicina, son también numerosas las fuentes a que recurre Castro para acarrear datos. A menudo incluso recoge segmentos textuales de autores antiguos o medievales a través de fuentes modernas intermedias. Como se verá más abajo, en el capítulo que nos ocupa se sirve de Giovanni Battista Pio (1460-1540) para tomar un par de pasajes de Alberto Magno (1193/1206-1280), unos versos de Lucrecio (ca. 99-ca. 55 a.C.) y una frase del *Económico III* de Pseudo Aristóteles.

(5) La redacción de párrafos y pasajes propios suele ceñirse a preámbulos, frases ilativas y conclusiones, así como a críticas, elaboración de *quaestiones* o resolución de contradicciones entre fuentes.

y las nodrizas. Se observa, pues, que el orden, la claridad y la simetría están en la base de la estructura misma de la obra.

El resultado de todo ello, en consecuencia, es un manual que trata de unificar una cantidad muy amplia de materiales previos y exponerlos de una forma ordenada y sistemática. Dada, pues, la naturaleza compendiosa de la obra, el estudioso ha de tratar de “de-construirla” y desmontar las piezas que la componen, para así aislar y conocer las fases por que Rodrigo de Castro fue pasando en su confección. Tal es, en última instancia, el mejor modo de conocer sus propósitos y aquilatar sus aportaciones reales a la disciplina médica. En tal sentido, lo que se pretende aquí es mostrar el método y la técnica compositiva de Castro en un capítulo concreto del libro tercero de la parte teórica de su obra ginecológica. Se ha elegido ese capítulo, en que se ofrece una serie de recomendaciones y advertencias sobre el coito, por dos motivos principales: (1) es de corta extensión, lo que permite un estudio pormenorizado para un trabajo de estas dimensiones; y (2) es idóneo para mostrar punto por punto el proceder de Castro, pues lo compone casi enteramente, como va a verse, mediante un ensamblaje de fuentes muy variadas y casi siempre ocultas. Por tanto, es solo una muestra menor y, según se ha dicho, de resultados provisionales, aunque resulte quizá significativa de lo que puede encontrarse en el resto del tratado y útil como modelo metodológico.

Técnica compositiva

El capítulo seleccionado es el quinto del libro tercero de la parte primera o teórica, titulado *Quae in ipso coitu observanda*. Es un capítulo breve y, por así decir, de transición. En este libro Castro se ha ocupado ya del coito y su naturaleza (capítulo 1), de su finalidad y de cómo solo la hembra humana tiene relaciones sexuales cuando está embarazada (capítulo 2), de algunas curiosidades sobre el coito (capítulo 3) y de en qué momento, y con qué edad y temperamento es bueno o malo practicarlo (capítulo 4). Pues bien, en este capítulo 5 Castro ofrece brevemente una serie de datos que conviene que la pareja tenga muy en cuenta para conseguir relaciones sexuales exitosas, es decir, productivas¹⁰. Se trataría, pues, de una particular pedagogía de la reproducción, con consejos dirigidos mayoritariamente al varón, aunque

¹⁰ El capítulo cierra el tratamiento del coito, pues sigue luego uno más extenso (capítulo 6) sobre las posibles relaciones sexuales entre distintas especies, para dar paso ya a sucesivos capítulos sobre la concepción y el feto.

también a la mujer. Esos consejos o advertencias se van estructurando y superponiendo en una serie de partes que se analizan individualmente.

Título

La confección misma de este capítulo aclaratorio no parece una idea original de Castro. De hecho, es muy posible que proceda, incluido el título mismo, de la obra *De hominis generatiōne* de Ambroise Paré. Escrita y editada originalmente en francés en 1573, fue traducida al latín por Jacques Guillemeau (1550-1613) en 1582 e incorporada por Bauhin en 1586 al volumen segundo de los *Gynaeciōrum libri*¹¹. La obra es clara, ordenada y va dividida en capítulos breves y muy manejables. Paré había hablado ya de por qué la naturaleza dotó de placer a las partes genitales (capítulo 1), de cómo son los espermas masculino y femenino (capítulo 2) y, al igual que Castro, de por qué a las hembras animales no les apetece el coito durante el embarazo y sí a las humanas (capítulo 3). Y es entonces en el capítulo 4, de breve factura, donde recoge algunas particularidades sobre el coito que ayudan a asegurar la descendencia. El parecido del título de Castro con el de Paré invita a establecer una relación inmediata:

Castro (1617) 117	Paré (Spach [1597] 405 ¹²)
Quae in ipso coitu observanda.	Quae in coitu ad generatiōnem observanda sint.

La única diferencia formal, como se ve, es esa locución *ad generatiōnem*, que Castro quizá suprimiera por considerarla redundante en tal contexto.

Explicación preliminar

O quizá mejor porque ya se encarga de aclararlo en una apostilla inicial: la finalidad de todo lo dicho hasta ese momento es que las personas públicas y los hombres honestos (*publicae persōnae ac probi viri*), si alguna vez se ven en la necesidad de consultar a un médico sobre el modo de practicar sexo de for-

¹¹ Para esta “internacionalización” latina de obras vernáculas, véase BURKE (2007). Sobre Paré, pueden consultarse POIRIER (2006), DELACOMPTÉE (2007), SHERPEREEL (2019).

¹² Las citas de los autores recogidos en los *Gynaeciōrum libri* se citan siempre, salvo indicación contraria, por SPACH (1597).

ma saludable y efectiva, puedan suplirlo con la consulta de su obra. Aunque se trata de la parte teórica, más enfocada a un uso profesional, este capítulo manifiesta ya una intención práctica, de uso privado, fácil e inmediato. No obstante, la elección del latín, que Castro no justifica, no dejaba ya de ser un serio inconveniente para un uso particular entre hombres y sobre todo mujeres que, en términos generales, dominaban con dificultad esa lengua¹³.

Excitación de la mujer

El párrafo inicial, tras esa aclaración propia, vuelve de nuevo a Paré. El texto se dirige al varón, que en el coito se supone debe llevar la iniciativa y excitar a la mujer, más lenta sexualmente por su frialdad fisiológica. De hecho, aclara Castro con palabras propias, como es frecuente que muchas relaciones sexuales sean improductivas, adjunta aquí unos consejos sobre cómo excitar a la mujer para que genere el semen necesario y se consiga la concepción. Los consejos son tradicionales ya desde antiguo: antes del coito debe haber unos preliminares que incluyan caricias, besos, tocamientos, masajes, lenguaje obsceno¹⁴. Es como se consigue que el útero arda en deseos de expulsar su propio semen y absorber el masculino, de forma que se produzca la mezcla espermática necesaria para asegurar la concepción¹⁵. Castro lo expresa siguiendo el texto de Paré:

¹³ En el siglo XV, por ejemplo, Michele Savonarola (1385-ca.1466) escribe un texto ginecológico en italiano que justifica precisamente porque de ese modo las mujeres, sanadoras y pacientes podrían leerlo y usarlo de verdad. Cf. ZUCCOLIN (2011). Y en 1513 publica Eucharius Rösslin (ca. 1470-ca. 1526) su célebre *Der Swangern Frauen und Hebammen Rosengarten*, con tres reediciones revisadas en alemán y múltiples traducciones a otras lenguas vernáculas (aunque también al latín en 1532); el texto, de hecho, era un compendio de ginecología y obstetricia basado en diferentes autores y dirigido, como se dice en el título, a embarazadas y parteras. Véase GREEN (2009).

¹⁴ Los preliminares del coito, que sirven para excitar a la mujer y prepararla para la concepción, se describen con detalle en la traducción latina que Gerardo de Cremona (ca. 1114-1187) hizo del *Canon* de AVICENA (980-1037) ([1527] 3.21.1.10, 288vb) y se repetirían desde entonces en la literatura médica hasta el Renacimiento: cf. JACQUART-THOMASSET (1985) 181-184.

¹⁵ Aristóteles negaba la existencia de un esperma femenino, pues en la concepción la mujer ejercería un papel pasivo mediante la sangre menstrual, sobre la que actuaba el semen masculino con su virtud formativa. En el *Corpus Hippocraticum* y luego en Sorano

Castro (1617) 117	Paré (Spach [1597] 405)
Quod quia frequenter usu venit, ne irritus congressus sit, observare oportet ut vir, cum in amplexum conjugis venerit, omni illam deliciarum, omni blandimentorum genere excipiat; molli etiam complexu fovebit, demulcebit, titillabit nec ex abrupto in agrum naturae irrumperet, sed sensim irrepere potius, lascivis —quantum conjugalis modestia tolerat— verbis lasciviora oscula commiscendo, genitalia et mammas contrectando, ut flammam ipsa accipiat et ad Venerem incendatur¹⁶. Sic enim demum proprii seminis excernendi et virilis una concipiendi desiderio fremit et ardet uterus. Haec si inflammandae mulieri non sufficiant, adhibeantur quae suo loco dicenda sunt. Fuerit tamen multo utilius si non imaginatione, visu aut lasciviis appetitus ad coitum generetur, sed urgente copia seminis ad Veneris usum impellamur.	Maritus cum in conjugis thalamum venerit, omni illam deliciarum, omni blandimentorum genere excipiet, at si paulo tardiorem aut frigidiorē senserit, molli complexu fovebit, demulcebit, titillabit, nec ex abrupto, tensis derepente nervis, in agrum naturae irrumperet, sed sensim irrepere potius, lascivis verbis oscula lasciviora miscendo, genitalia et mammas contrectando, ut flammam ipsa accipiat et ad venerem incendatur. Sic enim demum proprii seminis excernendi et virilis una concipiendi desiderio fremit et ardet uterus. Quod si talia inflammandae mulieri non sufficiunt, sunt enim fere mulieres viris ad seminis excretionem tardiores, juvabit ante vulvam fovisse decocto herbarum calidarum in vino malvatico aut aliqui generoso incoctarum, indidisse in uteri cervicem et osculum moschi aut zibethae tantillum.

Como puede observarse, la literalidad de Castro respecto a Paré es manifiesta. Pero también modifica: elimina al principio un par de frases breves

(98-138) o Galeno (129-ca. 201/216), por el contrario, se reconoce un esperma femenino —que debe fundirse con el masculino para que haya descendencia—, aunque de naturaleza más fría y, por tanto, menos activo que el masculino. La medicina árabe y latina de la Edad Media concilió ambas posturas asumiendo la existencia de los tres elementos (dos espermias y sangre menstrual). Por otro lado, el placer sexual femenino, el “placer uterino”, era el medio natural para que la mujer expulsase su esperma, se fundiese con el masculino y se consiguiera la concepción. Para todo el asunto, cf. JACQUART-THOMASSET (1985) 84-98, CADDEN (1993) 119-134, MARTORELLI VICO (2002), PARK (2006) 141-150, GADELRAH (2011) 66-68. Una monografía dedicada al semen femenino en la Antigüedad, en especial en Galeno, puede verse en LÓPEZ FÉREZ (2015). También LÓPEZ FÉREZ (2018) estudia la continuidad del debate médico a propósito del esperma femenino en varios autores y textos anónimos de época bizantina.

¹⁶ La *princeps* (CASTRO [1603] 70) dice, como el texto de Paré, *incendatur*, pero en la edición de 1617 se lee *intendatur*, lo que parece una errata tipográfica.

(*at si paulo... senserit y tensis... nervis*) y sustituye un párrafo final sobre cómo excitar a la mujer con medicinas, si falla la forma natural (*sunt enim... tantillum*), mediante una remisión a un capítulo de la parte práctica (2.3.4). Asimismo, es de destacar la preocupación moral de Castro cuando incluye, al recomendar el lenguaje obsceno, ese inciso *quantum conjugālis modestia tolerat*. Y cierra el párrafo con una declaración propia entre facultativa y moral: más útil que despertar el deseo sexual con la imaginación, la vista o las prácticas lascivas es tener sexo solo cuando nos veamos fisiológicamente forzados a ello por la excesiva acumulación de semen, ya que su retención se vuelve causa patológica para hombres y mujeres¹⁷.

Inciso fisiológico

Pero aquí corta Castro la narración de Paré y añade un inciso para explicar cómo se producen fisiológicamente el deseo sexual y la erección masculina. Este nuevo párrafo, introducido por una breve explicación propia, se toma directamente de Luis Mercado, cuyo *De mulierum affectionibus* se había publicado en 1579 y se había incorporado en 1588 a los *Gynaeciōrum libri* como tomo cuarto de su segunda edición¹⁸. Mercado titula el capítulo sexto del libro tercero *De conceptu* y, entre otras cosas, habla en un párrafo de los requisitos necesarios para que se produzca la generación, que divide en dos apartados: uno referente a las posturas coitales y la eyaculación; otro sobre los elementos

¹⁷ Los daños de la retención seminal se narran ya desde el *Corpus Hippocraticum*. En hombres causaba sobre todo satiriasis, gonorrea, polución; en mujeres, histeria, leucorrea, esterilidad, mola. Cf. JACQUART-THOMASSET (1985) 202-213, 236-242; KING (1998) 205-246. Y aunque Castro no lo menciona, el remedio recomendado, además de la práctica sexual, era también la masturbación: BOLLOUGH (2003), LAQUEUR (2003), KING (2011).

¹⁸ El texto de Mercado tuvo amplia difusión pues, además de formar parte de las ediciones segunda y tercera de los *Gynaeciōrum libri*, se reeditó en varias ocasiones como obra independiente y dentro de los monumentales *Opera omnia*, aparecidos en Valladolid y Madrid entre 1594 y 1613 (4 vol.) y reeditados en Venecia en 1609-1611 (3 vol.) y dos veces en Frankfurt, la primera en 1608-1614 (5 vol.) y la segunda en 1619-1620 (3 vol.). Al parecer, en la edición de Madrid de 1594, que se difundió también en tirada independiente y a la vez como tomo tercero de los *Opera omnia*, el autor hizo revisiones al texto de la *princeps*. Para Luis Mercado, cf. RIERA (1968), BLANCO PÉREZ (1999) 55-70, 120-132, 153-162, 183-188, 198-204; HERNÁNDEZ GONZÁLEZ (2017). Sobre el valor de Luis Mercado en la distinción médica de los dos sexos (*supra* n. 3), véase POMATA (2013).

fisiológicos que intervienen en el proceso. Castro, en cambio, da la vuelta a la redacción de Mercado: incluye primero su segunda parte y, como se verá, deja la primera para más adelante.

Castro (1617) 117	Mercado (Spach [1597] 999-1000)
Tu autem ex supra dictis jam facile colligere potuisti qua ratiōe ad coitum appetitus excitētur, et quatuor ad grande hoc opus requīri: imaginariam cupiditātem, affluentem succum, spirituālem substantiam et flatuōsam materiam. Quorum cupiditas ex deprehensio rei delectabilis et concupītae simulācro excitātur, qua quidem percepta in spongiositātem, quae in medio glandis colis appāret, cupidinis spiritus confestim subit. Ac 3 alia vis, quae huic obtemperat, genitālis seminis materiam a seminariis meatibus peculiāri titillatiōe concitātis movet, cuius portio a calōre agente in flatum vertitur, a quo, praeterquam quod ad ejaculatiōnem facit, genitalia extenduntur, virōrum nimīrum rigescunt intumescuntque, foeminārum fatiscunt, et tunc, si quod a parente semen prolificum excidat, uterus undique complectātur, et ita avide retineat atque adstringat, ut ne minimum seminis exīre permittat, conceptus dici merētur, de quo sequenti tractatiōe scrupulosius perscrutabimur.	Sed praeter haec omnia quae nuper et capitulo praecedenti dicta sunt ad concubitum esse necessaria ut conceptus fiat, alia insuper quatuor praerequirit grande hoc opus, imaginariam nimīrum cupiditātem, affluentē succum, spiritūalem substantiam et flatuōsam materiam. Quae omnia a cerebro, jecore, toto corpore cordeque proficisci aequum est. Quocirca voluptas ex deprehensio rei delectabilis et concupītae simulācro concitāta (quod inchoans primum est) protuberat vehementer, mox inānem spongiositātem, quae in medio glandis colis appāret, cupidinis spiritus confestim subit. Deinceps vero alia vis, quae huic obtemperat, genitālis seminis materiam discindens ad semināles meātus peculiāri titillatiōe excitātos expellit; quo cum tetenderit, humōris portio calorifica causa agente in flatum vertitur, quo genitalia extenduntur, virōrum nimīrum rigescunt intumescuntque, foeminārum vero fatiscunt atque extuberant. Quibus mediis quae in hoc opere necessaria existunt ab utrōque parente semen prolificum in uterum excidit, quod equidem si uterus undique complectātur ita avide, ut internum uteri os adeo astringātur, quod ne minimum quidem seminis aut sanguinis menstrui exīre permittat, conceptus eo tempore dici merētur.

Castro interviene ahora en el ‘hipotexto’ más que antes, aunque sigue reproduciendo una porción importante de texto literal. Cambia la primera frase del párrafo, si bien el contenido en ambos guarda cierto parecido;

suprime algunas partes de Mercado (*Quae omnia... aequum est; quod inchoans... vehementer; atque extuberant... existunt*); hace ligeras variantes sintácticas o léxicas (*spirituālem* por *spiritālem*, *cupiditas* por *voluptas*, *seminarii* por *semināles*); o introduce algún añadido propio, como ese *praterquam quod ad ejaculatiōnem facit*, que viene a resultar un tanto redundante. Los cambios pueden obedecer a varias causas: desde exigencias contextuales a preferencias léxicas y estilísticas, sin olvidar cierta voluntad de *variatio* con que oscurecer el trasvase textual¹⁹.

Es interesante, asimismo, la parte final del fragmento. Mercado señala que la concepción se produce en el momento en que el espermatozoides masculino y el femenino (*ab utrōque parente semen prolificum*) llegan al útero y este los encierra sin dejar que salga nada ni de semen ni de sangre menstrual (*ne minimum quidem seminis aut sanguinis menstrui exire permittat*). En Castro, en cambio, se elimina la alusión al menstrio (parte material de la concepción y luego alimento del feto), y la duplicidad espermática se reduce a un solo *a parente semen prolificum*²⁰: si no se trata de una mera omisión por error del *utrōque* original, podría entenderse *parente* como un uso de singular por plural, que abarcara entonces a ambos progenitores²¹.

Posturas en el coito

Tras el párrafo fisiológico procedente de Mercado, que Castro ha unido con destreza al previo de Paré, pasa ahora a tratar someramente otra consideración digna de tenerse en cuenta y que abunda en la reglamentación sexual: las posturas necesarias para un coito fructífero. Como en los casos anteriores, tras una frase propia de mera transición, el resto del párrafo procede de una tercera fuente, tampoco reconocida de forma expresa: el *De animalibus* del

¹⁹ Ese oscurecimiento está detrás de los delgados límites que separan la *imitatio*, la *aemulatio*, la rescritura y el hurto textual en la literatura renacentista. Para el asunto pueden verse, entre otros, QUONDAM (1998), CHERCHI (1998) y (1998b).

²⁰ Para la duplicidad espermática y la materia menstrual, véase *supra* n. 15.

²¹ Cabría pensar en la posibilidad de que *parente* se usara por *patre* y que entonces Castro solo contemplase, con Aristóteles, la condición agente y prolífica del semen masculino. Pero eso, en todo caso, entraría en contradicción con lo que se ha dicho antes y lo que volverá a decirse en párrafos siguientes.

médico y filósofo natural Alberto Magno²². Alberto recomienda, como era habitual ya en la literatura médica, la postura tenida por “natural” y más susceptible de ser prolífica, en que la mujer yace bocarriba con las piernas abiertas y la pelvis ligeramente elevada, mientras que se desaconsejan, por menos fiables para la generación, una postura lateral o de pie²³. Castro lo sigue casi a la letra:

Castro (1617) 117-118	Alberto Magno (1519) 10.2.1, 94va (Stadler [1916] 1, 748)
Qui tamen ut felicius procēdat, dum invicem congregiuntur, ponātur mulier in dorso, cruribus bene divaricātis et acclivibus, ut os vulvae elevētur ad illam, quae ibi est concavitas uteri, quia tunc directe in ipsum projicitur semen. Quando enim disponitur in latus, non fit conceptus, quia in colli matrīcis latus semen projicitur, neque etiam quando stat mulier, quia extenditur uterus et constringitur os ejus, sic ut non recipiat et, si recipit, effunditur propter extensiōnem.	Error autem est in situ mulieris in jacendo ad coitum, quoniam naturaliter ponētur in dorso cruribus bene divaricātis et fortiter elevātis, ut os vulvae fortiter elevētur ad illa, quia ibi concavitas matrīcis, et tunc directe in matrīcem projicitur semen. Quando autem in latere disponitur, vix contingit quin in latus gutturis semen projiciātur. Quando autem mulier virum supergreditur, matrix est revolūta, et ideo effunditur id quod est in ipsa. Quando autem stat mulier, extenditur matrix et constringitur os ejus, ut non recipiat, et si recipit, effunditur propter extensiōnem.

Castro reproduce el texto con bastante literalidad, aunque suprime un par de frases (*Error... naturaliter* —que sustituye por *Qui tamen... congregiuntur*— y *Quando autem mulier... in ipsa*) y hace algunos cambios estilísticos y léxicos (*uterus* por *matrix* en dos ocasiones, pero *collis matrīcis latus* por *latus gutturis*). Hay además una corrección de *ad illa* por *ad illam* muy curiosa, que luego Castro debe completar sustituyendo la conjunción causal *quia* por un relativo *quae* que queda sin demasiado sentido (*quae ibi est con-*

²² Una aproximación variada a la figura y la obra de Alberto Magno puede verse en el volumen colectivo editado por RESNICK (2013).

²³ Como indica CADDEN (1993) 245, Alberto Mango ofrece una jerarquía de las posturas coitales que se basa en razones mecánicas para facilitar la concepción, sin aparentes interferencias morales o religiosas. Sobre el asunto trataron ya JACQUART-THOMASSET (1985) 185-187, 190. Para la regulación eclesiástica de las posturas en el coito, cf. BRUNDAGE (1984).

cavitas). El error viene de una mala lectura del original de Alberto Magno. En la mayoría de ediciones renacentistas de la obra albertiana (incluida la de Escoto de 1519 que hemos manejado) se lee también *ad illa*, pero lo que el texto dice en realidad es *ad ylia*, como trae la edición crítica de Stadler (por el más clásico *ilia*). Por lo tanto, Alberto está recomendando a la mujer elevar la zona pélvica hacia los flancos o el vientre, porque es allí donde se encuentra la cavidad uterina. En cualquier caso, ¿ha leído Castro directamente a Alberto Magno? Es posible, pues se trataba de un texto muy difundido y conocido de naturalistas y médicos. No obstante, como se verá un poco más abajo, cabe pensar que su forma de llegar al autor alemán fuese a través de un texto intermedio y que en realidad citase de segunda mano.

Por lo demás, añade Castro una coda a este fragmento albertino para cerrar su párrafo sobre las posturas coitales. Es un par de frases para señalar primero que la mujer debe tener la cabeza un poco caída hasta la eyaculación del varón; y segundo, que esa eyaculación no se produce dentro del útero, como muchos opinan, sino delante de su boca u orificio interior. La aclaración tampoco parece original, sino que procedería nuevamente de Luis Mercado. Como se ha dicho, el modelo es la parte primera del pasaje de Mercado que Castro había usado antes para el párrafo fisiológico:

Castro (1617) 118	Mercado (Spach [1597] 999)
Caput vero paululum dimissum mulier habeat omniaque secundum natūram fiant, donec vir semen ante ostium vulvae emittat. Non enim intus, ut quidam opinantur, sed ante ostiolum magna ex parte utrorumque oblectamento excernitur, unde ab utero avidissime trahitur, si calidum et modice temperatum est.	Mas et foemina non utcunque concumbant oportet, sed foemina in concubitu capite parum demisso, coxendices clunesque altiusculas habeat, foeminibus late patentibus, donec vir tandem genitāle semen ante vulvae ostium emittat. Cui semini spirituōsa substantia, quam genitivum appellāmus spiritum, permiscētur atque confunditur; quae, inquam, sicut humiditas procul expellātur oportet, tanto seminis humiditātem pervincens quanto ocyus egeritur efferturque longius, nihil enim procul citra spirituum vehementiam projici potest. Caeterum virilis seminis profusio non intus, ut plerique censent, fit, nam os uteri angustum est, sed ante ostium, quo et foemina succum quandam

nihil ad conceptum conferentem secernit, **in quibus prorsus excretionibus pari ferme voluptate mas et foemina affici solent.** Viri autem profusum ibidem semen intus **ab utero avidissime rapitur, si calidus et modice temperatus,** si oris labra asperiuscula et haerentia; si etiam nunc tenuiōra sint, quandoquidem ad conceptum ita se commode habent.

Castro, como se aprecia, cercena ahora mucho el texto original y reproduce con variantes sintácticas y léxicas lo necesario para cerrar su explicación²⁴. De hecho, incluye esa crítica —que hace, por tanto, pasar por propia— a quienes pensaban erróneamente que la eyaculación se producía en el interior del útero. Las amplias explicaciones fisiológicas de Mercado, rasgo importante de su estilo, quedan aquí reducidas a un par de frases que recogen los datos esenciales. Y en la parte final se detecta una transposición errónea: Castro parece atribuir al semen masculino una condición cálida y moderadamente templada (*si calidum et modice temperatum est*), cuando en Mercado esa característica se atribuía al útero mismo y a su capacidad de absorber el esperma masculino (*si calidus et modice temperatus*). Se trata, en todo caso, de un buen ejemplo de la naturaleza compendiosa de la obra de Castro, y de cómo usa sus fuentes a voluntad según le interesa en cada momento. Para culminar su propia explicación le basta con estas pocas frases que, en lugar de redactar con palabras propias, prefiere recoger de Mercado e incorporar a un texto que va montando a modo de puzle literario.

Precauciones antes y después del coito

Vienen luego unas advertencias para asegurar o potenciar la generación. La primera es que el hombre y la mujer lleguen juntos a la emisión espermática. ¿Cómo lograrlo? Se recomienda que sea la mujer la que de algún modo se lo haga saber a su pareja para que, cuando esté ella a punto del clímax, haga también él todo lo posible para eyacular en ese instante. Luego,

²⁴ Dado el proceso de reelaboración y reducción llevado a cabo por Castro respecto al texto original de Mercado, se resaltan las partes usadas, aun cuando no haya literalidad exacta, para facilitar el cotejo.

una vez terminado el acto sexual, la pareja tiene que cumplir dos requisitos principales: primero, el hombre no debe retirarse nada más terminar, porque entonces el útero puede llenarse de aire y corromperse los espermas; segundo, cuando el hombre ya se haya quitado de encima, la mujer debe quedarse muy quieta, con las piernas juntas y ligeramente inclinadas hacia arriba para que el esperma no se salga; y asimismo, ha de estar un buen rato sin hablar, sin discutir, sin toser ni estornudar: lo mejor —concluye— es que se duerma un rato²⁵. Pues bien, este pasaje es la reproducción casi exacta del resto del capítulo de Paré con que Castro, como hemos visto, había iniciado el suyo propio. Dicen así ambos textos:

Castro (1617) 118	Paré (Spach [1597] 405)
Cum vero foemina instāre proprii seminis effluxum ex titillante voluptāte perceperit, virum ea de re admonēbit ut eōdem, si fieri possit, temporis articulo et ipse semen suum ejaculētur, et ex seminis concursu conceptus fiat foetusque tandem prodeat. Quod felicius ²⁶ adhuc succēdet, si non statim ab opere peracto sese a complexu muliebri vir separet, ne aēr in uterum adhuc hiantem subeat seminaque corrumpat, antequam plane commixta coierint. Quiēta, digresso viro, se continēbit mulier, cruribus decussātis et molliter in altum sublātis, ne motu declivīque situ semen prolabātur. Contineat se tum temporis a sermōne, praesertim contentiōso, tussi et sternutatiōne ac, si fieri possit, somno se tradat.	Cum instāre proprii seminis effluxum ex titillante voluptāte percipiet, virum ea de re admonēbit ut eōdem, si fieri possit, temporis articulo et ipse semen suum ejaculētur, ut ex seminum concursu conceptus fiat foetusque tandem prodeat. Id quod felicius succēdat, non statim se ex opere peracto a complexu muliebri divellet vir, ne aēr in uterum adhuc hiantem subeat seminaque appulsu suo corrumpat, antequam plane confūsa coierint. Quiēta, digresso viro, se continēbit mulier, cruribus decussātis et molliter in altum sublātis, ne motu declivīque situ semen excutiātur. Quae causa est cur sibi etiam tum a sermōne, praesertim contentiōso, tussi et sternutatiōne temperāre debeat, somno, si fieri possit, se tradere.

²⁵ Estas mismas indicaciones *de modo coeundi*, que promueven la fecundidad, pero que dan también pistas para su evitación, proceden en última instancia de la versión latina de AVICENA ([1527] 3.21.1.10, 288vb), se repiten en numerosos tratados medievales y, como se comprueba aquí, siguen vigentes sin cambios hasta el final del Renacimiento. Cf. JACQUART-THOMASSET (1985) 129-130, 180-181; CONDE PARRADO (1999) 87.

²⁶ La *princeps* lee *facilius*, pero la edición de 1617 lo corrige por *felicius*, que coincide con el original de Paré.

La operación de Castro, como puede observarse, ha sido esta vez más sencilla: un mero trasvase textual con mínimas variantes y la sola omisión de un sintagma (*appulsu suo*). Con ello, por tanto, queda incorporado por entero el capítulo de Paré, que Castro ha partido en dos segmentos para añadir entre ellos una acotación fisiológica de Mercado, dividida a su vez en dos partes dispuestas en orden inverso respecto al original y separadas por un fragmento sobre posturas coitales que remonta a Alberto Magno.

Refutación de Lucrecio

Pero antes de concluir añade Castro unos versos de Lucrecio con el fin de refutarlos. En ellos el poeta romano aconsejaba el coito *a tergo*, al modo de muchos cuadrúpedos, por ser más efectivo para asegurar descendencia. Ello se contradecía con lo dicho antes según el texto de Alberto Magno. Castro, de hecho, se extraña de que un autor como Girolamo Mercuriale no haya notado esa incongruencia, que observa también en el médico bizantino Pablo de Egina (625-690)²⁷. ¿Cómo podría reconstruirse el recorrido textual de Castro para escribir este párrafo? Los indicios apuntan a que pudo haber sigo el siguiente: en Mercuriale lee Castro la referencia a los versos de Lucrecio (que allí no se citan) y la alusión parafraseada a Pablo de Egina²⁸; Castro se muestra en desacuerdo, decide reproducir los versos y añadir la crítica al médico italiano. Pero ¿por dónde lee Castro a Lucrecio? Las breves explicaciones que

²⁷ El *De morbis muliebribus* de Mercuriale se componía en origen de una serie de lecciones universitarias que Bauhin, según él mismo señala, copió en Padua de un autógrafo del médico italiano, y decidió incorporarlas con ese título al tomo segundo (1586) de la segunda edición de los *Gynaeciōrum libri*. Las lecciones remontan a 1572-73, y la publicación de Bauhin se hizo sin conocimiento de Mercuriale, que no se lo tomó bien del todo. Al año siguiente, en 1587, Mercuriale dio permiso a su discípulo Michele Colombo para volver a publicar esas lecciones, ahora supervisadas por él mismo. Véase GRECO (1961); SIRAISSI (2008) 293-294 y (2013) 24-25. Para una visión amplia de la vida y la obra de Mercuriale pueden verse los trabajos recogidos en ARCANGELI-NUTTON (2008).

²⁸ Para la cita de Mercuriale, cf. SPACH (1597) 216: *Sed nolo praeterire quod scriptum est a Lucretio libro quarto De natūra, confirmātum ab Aeginēta libro tertio capite septuagesimo quarto, scilicet quod si coitus exerceātur more belvārum a tergo, magnopere confert ad concipiendum*. Los versos están en Lucr. 4.1264-1266. La referencia a Pablo de Egina puede verse en la versión latina de Johann Winter von Andernach (1505-1574): PABLO DE EGINA (1532) 3.74, 112: *Venus autem a tergo exercita ad concipiendum vidētur conducere*.

añade tras los versos apuntan a que la fuente habría sido el comentario a Lucrecio que en 1511 publicó el humanista Giovanni Battista Pio²⁹. Cuando comenta estos versos de Lucrecio en que recomienda el coito por atrás, incluye Pio una larga cita literal y expresa del *De animalibus* de Alberto Magno, justo del mismo lugar que había usado antes Rodrigo de Castro para tratar de las posturas del coito. Véanse los tres textos:

Castro (1617) 118	Pio (1511) 151r	Alberto Magno (1519) 10.2.1, 45 (Stadler [1916] 1, 748)
Ratiōni, experientiae ac pudicitiae penitus adversāur Lucretii sententia dicentis: “Nam more ferārum / quadrupedumque magis ritu plerumque putantur / concipere uxōres”. Quoniam mulier posterius inita, praeterquam quod indecens ac impudicum id esset, non recipit semen nisi inter labia vulvae, quia spissitūdo natium impedit membri ad os matrīcis porrectiōnem; ut mirārī satis non possim Mercuriālem, qui cum Paulo in eādē omnīno fuit sententia.	Posterius autem inita mulier non recipit semen nisi inter labia vulvae, quia spissitūdo natium impedit verētri usque ad os matrīcis porrectiōnem.	Posterius autem cognita mulier non recipit semen nisi inter labia vulvae, quia spissitūdo natium impedit verētri usque ad os matrīcis porrectiōnem.

Castro, por tanto, vuelve a usar tácitamente a Alberto Magno para la explicación de por qué esa postura no era apta para un coito generativo, pero posiblemente lo hiciera a través del comentario de Pio, pues reproduce la

²⁹ Discípulo de Filippo Beroaldo el Viejo (1453-1505), fue profesor en Bolonia y eminente filólogo. Ambos hicieron numerosas ediciones y comentarios de textos antiguos y practicaron un tipo de latín caracterizado como apuleyano o arcaizante: cf. D’AMICO (1984). El comentario a Lucrecio de Pio ha recibido mucha atención bibliográfica, pero respecto al asunto que más cerca toca aquí puede verse DEL NERO (1986).

variante *posterius inita* que en Alberto era *posterius cognita*. De hecho, y tal como se ha sugerido, para la cita anterior de Alberto pudo también Castro haber usado ese mismo comentario de Pio, donde venía también idéntico texto, aunque allí la falta de variantes coincidentes impide asegurarlo. En todo caso, el trasvase textual vuelve a ser muy fidedigno, con solo dos cambios reseñables: la inclusión de un nuevo inciso moralizante para desestimar ese tipo de postura más allá de cualquier consideración médica (*praeterquam quos indecens ac impudicum id esset*), y la sustitución del menos común *verētri* por el más neutro *membri* para designar el miembro viril³⁰.

Elogio de la mujer púdica

El capítulo, de hecho, se cierra con un comentario puramente moralizante, que vendría a poner un poco de sordina a temas tan escabrosos, aunque inevitables en una obra médica de esta naturaleza. Frente a los versos de Lucrecio, que Castro acaba de refutar, propone una cita expresa de los *Oeconomica*, por entonces atribuidos a Aristóteles. El texto en principio viene a coincidir con lo que trae la versión latina (1420-21) de Leonardo Bruni (1369-1444), donde se elogia a la mujer casta, sencilla y púdica³¹. Pero en realidad volvemos a observar que el fragmento está tomado del mismo pasaje

³⁰ Pueden verse las concurrencias de ambos términos en DILAGE s.v. *membrum* y *verētrum*. Para los usos antiguos del primero, cf. MONTERO CARTELLE (1991) 109-110; para los del segundo, cf. ANDRÉ (1991) 167-168.

³¹ Es un pasaje que pertenece a lo que hoy se tiene por libro tercero (donde se trata de la convivencia de los esposos), conservado solo en versiones latinas medievales: la llamada *Translatio vetus* de toda la obra (mediados del siglo XIII), y la *Translatio Durandi* (1295), debida a Durand d'Auvergne († 1295), de los libros 1 y 3. Como en la versión de Durand, Bruni tradujo el libro primero e hizo una adaptación latina humanística del tercero, que nombra respectivamente primero y segundo. Para todo el asunto, pueden verse SOUDEK (1958), GOLDBRUNNER (1968), LAURENTI (1968), ZONTA (2003). En 1540 Bernardino Donato (1483-1543) publicó una nueva versión latina de los dos libros griegos originales y parafraseó el segundo de Bruni para insertarlo como parte final del primero (capítulos 7-10). En esa edición, además, se añade al final el texto griego completo: como allí se avisa, se incluye una 'reversión' al griego del libro segundo, incorporada también al final del libro primero, a partir de la traducción latina de Bruni. En 1564, en fin, Joachim Camerarius (1500-1574) realizó una nueva versión latina de toda la obra, que a la postre sería la preferida en los *Opera omnia* de Aristóteles de los años siguientes (en la edición de Immanuel BEKKER [3, 689-695] se reproduce la versión latina de Camerarius, aunque sin el libro tercero).

anterior de Giovanni Battista Pio, que lo inserta también tras hablar de las posturas sexuales. Véanse los tres textos:

Castro (1617) 118-119	Pio (1511) 151r	Aristóteles (1548) 2.2, 183
Multo tamen aequius atque probius modestiam et utilitatem respiciens Aristoteles in <i>Oeconomicis</i> iubet uxōri appropinquandum esse cum magna modestia et temperantia. “Sit —inquit— pudor in verbis, in operibus vero fas atque honestas, nec partes quatiunt sine verecundia ac pudōre, haec enim meretrices ad moechos pati decet”.	Unde non modestiam magis quam utilitatem respiciens Aristoteles libro <i>Oeconomicorum</i> inquit: “Appropinquandum vero est uxori cum magna temperantia atque modestia. Sitque pudor in verbis, in operibus vero fas atque honestas, nec cunnum quatiat sine verecundia et pudōre, haec enim meretrices ad moechos pati decet”.	Appropinquandum vero est uxōri cum magna temperantia atque modestia. Sitque pudor in verbis, in operibus vero fas atque honestas; in conversatiōe, fides et moderatio; parva quidem peccāta, etsi voluntaria fuerint, ignoscendo; si quid vero per ignorantiam deliquerit, commonefaciendo. Nec metum incutiat sine verecundia et pudōre, haec enim meretrices ad moechos pati decet.

Ya la frase ilativa del comienzo sigue casi a la letra a Pio, aun cuando Castro incrusta luego la cita de Pseudo Aristóteles en dos partes, una primera en estilo indirecto (*iubet... temperantia*) y la otra de forma expresa (*Sit... decet*). En todo caso, y al igual que Pio, suprime un fragmento de la cita (*in conversatiōe... commonefaciendo*) en que se afirma que, si la esposa comete alguna falta, el marido debe perdonarla o amonestarla sin dureza. Y se añade luego en la versión de Bruni que en esos casos el marido no debe infundirle miedo sin respeto ni pudor, pues tal es el comportamiento propio de los clientes con las prostitutas³². Aquí es justo donde se observa la variante más destacable que incluye Pio respecto a Bruni y que Castro sigue con un ligero, pero signifi-

³² En la versión de Bruni falta, antes de esta última frase, una secuencia que se lee en las traducciones medievales. El pasaje entero es así: *et si quid autem per ignorantiam deliquerit, moneat, nec metum incutiat sine verecundia et pudōre. Nec etiam sit negligens nec sevērus. Talis quidem enim passio meretricis <ad> adulterum est* (Durand) | *Si vero quid per ignorantiam delicti fecerit, monentem nec timōrem incutientem sine verecundia et pudōre. Nec solūtam saevitiem nec voluptātem. Huiusmodi quidem enim passio meretricis est ad amasium* (Vetus): cf. SUSEMIHL (1887) 54-55. En las versiones medievales, por cierto, se encuentra este texto en el comienzo del capítulo tercero, mientras que Bruni lo ponía al final del segundo.

cativo cambio. En vez de *metum incutiat* opta Pio por un más directo y sexual *cunnum quatiant*, que Castro prefiere suavizar con ese *partes quatiant* de sonido menos abrupto y vulgar³³. De esta forma, lo que en el original era un consejo moral (en caso de falta, el marido debe reconvenir a la mujer, pero no infundirle temor) se convierte aquí en una máxima de contención sexual entre marido y mujer (y no sacuda el coño —en Castro sus partes— sin vergüenza ni pudor, pues ese comportamiento sexual no es propio de una esposa con su marido, sino de una prostituta con su amante)³⁴.

En cualquier caso, tras la cita concluye Castro el capítulo con una nueva justificación: el testimonio aristotélico pondría un broche de oro a esta parte, en la que se han tratado asuntos necesarios, aunque ciertamente poco gratos para oídos modestos y decentes. Cuanto se ha dicho, por tanto, debe entenderse aquí inserto no *ad lasciviam*, sino porque la misma materia y el orden de su exposición así lo exigían³⁵. Con ello, pues, termina Castro este capítulo, confeccionado mediante un hábil ensamblaje de textos procedentes de variados autores consultados de primera y segunda mano, que se acarrean a la callada con diferentes grados de intervención y conforman, al final, un relato nuevo y diferente.

³³ *Cunnum* era ya un término vulgar en tiempos antiguos, con pocos registros en la literatura médica: cf. DILAGE s.v. *cunnum*. Para la historia del término, cf. MONTERO CARTELLE (1991) 29-34 y (1994) 216; ANDRÉ (1991) 185-186.

³⁴ La variante de Pio, en cualquier caso, no está en ninguna traducción latina de la obra aristotélica, por lo que parece propia. La atenuación de Castro, en cambio, se repite en algunas obras de los siglos XVII y XVIII: la *Geneanthropeia* de Giovanni Benedetto SINIBALDI (1594-1658) (1642), 2.3.15, 286, texto que se considera uno de los primeros tratados de sexología; la *Philosophia libera* de Isaac CARDOSO (1604-1683) (1673) 6.6, 429a; o el *De morbis mulierum tractatus* de Carlo MUSITANO (1635-1714) (1709) 4, 117a (aquí se lee, posiblemente por error, *nec quatiant* en vez de *nec partes quatiant*).

³⁵ CASTRO (1617) 119: *Quae sententia digna profecto visa est, ut ea tractationi huic finem imponāmus, in qua, quoniam modestis auribus fortasse parum grata, quantumvis necessaria, fuerit, hactenus tentasse sit satis. Si quid tamen minus pudice dictum inesse videātur, haud minus tamen ob id seriae et pernecessariae tractationis vim retinere debet. Siquidem non ad lasciviam, sed utilissimae rei dilucidationem urgente necessitate et rerum serie dicta sunt.*

Conclusiones

Con este análisis hemos tratado de mostrar la técnica compositiva de Rodrigo de Castro. Se ciñe solo a un capítulo, por lo que los datos no son concluyentes. Aun así, indican que, en efecto, la obra es un compendio realizado sobre una serie de fuentes que Castro reproduce y maneja con métodos variados para darles un nuevo orden y situarlas en un nuevo contexto. Pese a que hoy una obra así probablemente no pasara el filtro de un programa antiplagio, en esa época la reproducción literal de textos sin comillas ni atribución directa era un método habitual de trabajo, pues lo que estaba bien dicho se usaba libremente, se mantenía y se disponía del modo que interesase en cada caso. Ese era el proceso compositivo y ese el resultado final: un manual claro, ordenado y fácil de manejar, que permitiese una rápida consulta tanto con fines teóricos como escolares, profesionales o incluso particulares. Como decía al principio el propio autor, su fin era compendiar y ordenar el caos de los *Gynaeciōrum libri* y corregir y subsanar al tiempo los errores que pudieran contener. Y parece que Castro no lo hizo tan mal, pues la obra conseguiría a la postre, como se ha señalado, un éxito destacado con ocho ediciones a lo largo del siglo XVII³⁶.

Por lo tanto, para comprender bien este tipo de obras, resulta tarea imprescindible mostrar todos los elementos que las componen y ver cómo el autor copia, une, quita, añade, resuelve o censura. No basta, pues, con localizar y valorar las fuentes reconocidas expresamente, sino que ha de irse siempre a detectar y comprender el manejo tácito de otras muchas obras que, en definitiva, componen la tramazón misma del nuevo tratado. El método de este artículo puede quizá servir de modelo para dicha tarea, que seguramente ha de ser larga e ingrata, pero necesaria. Se trata, en definitiva, de “de-construir” el texto actual y remontarse a los estadios iniciales de su redacción, de

³⁶ Y sin recibir críticas por tal práctica imitativa, que los lectores de entonces quizá no advirtieron o, si lo hicieron, lo admitieron como recurso literario habitual (véase *supra* n. 19). A tal respecto, y por contraste, puede recordarse aquí que en el siglo XVIII el médico John Burton (1710-1771) censuraba al también doctor William Smellie (1697-1763) por haber tomado las citas para su *A Treatise on the Theory and Practice of Midwifery* (1752) exclusivamente de la tercera edición de Spach de los *Gynaeciōrum libri* y no de las fuentes originales: KING (2007) 68.

forma que puedan revelarse los procedimientos compositivos de Castro y, una vez conocidas sus relaciones ‘trans-textuales’, valorar adecuadamente su alcance científico³⁷. Esta parte filológica, en consecuencia, resulta fundamental para hacer luego valoraciones históricas, doctrinales o literarias seguras sobre los autores estudiados. De ahí la importancia de contar con buenas ediciones críticas para los textos médicos del Renacimiento³⁸ y, en especial, con aparatos de fuentes completos y rigurosos que permitan conocer el método de trabajo de cada autor y la originalidad de sus aportaciones.

Bibliografía

- ALBERTO MAGNO (1519), *Divi Alberti Magni De animalibus libri viginti sex novissime impressi*. Venetiis, impensa heredum quondam nobilis viri domini Octaviāni Scoti.
- ANDRE, Jacques (1991), *Le vocabulaire latin de l'anatomie*. Paris, Les Belles Lettres.
- ARCANGELI, Alessandro-Vivian NUTTON (ed.) (2008), *Girolamo Mercuriale. Medicina e cultura nell'Europa del Cinquecento*. Firenze, Olscki.
- ARISTÓTELES (1548), *Operum Aristotelis tomus tertius, Morālem Philosophiam continens una cum Rhetoricis ac Poetica*. Basileae, ex officīna Ioannis Oporīni.
- ARRIZABALAGA, Jon (2009), “Medical Ideas in the Sephardic Diaspora: Rodrigo de Castro’s Portrait of the Perfect Physician in Early Seventeenth-Century Hamburg”: *Medical History* 29, 107-124.
- AVICENA (1527), *Avicenne Liber canonis medicīne. Cum castigationibus Andreae Bellunensis*. Venetiis, in aedibus Luce Antonii Juntae.
- BELLINI, Ligia (2003), “Concepções do corpo feminino no Renascimento: a propósito de *De universa mulierum medicīna*, de Rodrigo Castro (1603)”: Maria Izilda Santos MATOS-Rachel SOIHET (ed.), *O corpo feminino em debate*, São Paulo, UNESP, 14-29.
- BLANCO PÉREZ, José Ignacio (1999), *Humanistas médicos en el Renacimiento vallisoletano*. Burgos, Universidad de Burgos.

³⁷ Algo semejante se hizo ya con una *curatio* de Amato Lusitano: GONZÁLEZ MANJARRÉS (2017).

³⁸ En palabras de RÜTTEN (2011) 71, “Critical editions of medical texts produced or reworked during the early modern period will remain the backbone of future scholarship in this field”.

- BOLLOUGH, Vern L. (2003), "Masturbation: A Historical Overview": *Journal of Psychology and Human Sexuality* 14.2-3, 17-33.
- BRUNDAGE, James A. (1984), "Let Me Count The Ways: Canonists and Theologians Contemplate Coital Positions": *Journal of Medieval History* 10.2, 81-93.
- BURKE, Peter (2007), "Translations into Latin in Early Modern Europe": Peter BURKE-R. PO-CHIA HSIA, *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge, Cambridge University Press, 65-82.
- CADDEN, Joan (1993), *The Meanings of Sex Difference in the Middle Ages. Medicine, Science and Culture*. Cambridge-New York, Cambridge University Press.
- CARDOSO, Isaac (1673), *Philosophia libera in septem libros distributa. In quibus omnia quae ad philosophum naturalem spectat methodice colliguntur et accuratè disputantur*. Venetiis, Bertanōrum sumptibus.
- CASTRO, Rodrigo de (1603), *Roderici a Castro Lusitani... De universa mulierum medicina novo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum... Pars prima Theorica*. Hamburgi, in officina Frobeniana.
- CASTRO, Rodrigo de (1617), *Roderici a Castro Lusitani... De universa muliebrium morborum medicina novo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum... Pars prima Theorica*. Hamburgi, ex bibliopolio Frobeniano.
- CHERCHI, Paolo (1998), *Polimatia di riuso. Mezzo secolo di plagio (1539-1589)*. Roma, Bulzoni.
- CHERCHI, Paolo (1998b), "Plagio e/o riscrittura nel Secondo Cinquecento": Roberto GIGLIUCCI (ed.), *Furto e plagio nella letteratura del Classicismo*. Roma, Bulzoni, 53-68.
- CONDE PARRADO, Pedro (ed.) (1999), *Tractatus de conceptu*. Valladolid, Universidad de Valladolid.
- D'AMICO, John F. (1984), "The Progress of Renaissance Latin Prose: The Case of Apuleianism": *Renaissance Quarterly* 37, 351-392.
- DEL NERO, Valerio (1986), "La sessualità nel commento di Giovan Battista Pio a Lucrezio": *Rinascimento* 36, 277-295.
- DELACOMPTÉE, Jean-Michel (2007), *Ambroise Paré: La main savante*. Paris, Gallimard.
- FÖRG, Manuel (2020), "Die bedrohte Stadt. Rodrigo de Castro und die Hamburger Pestepidemie von 1596/97": Mariacarla GABEDUSCH BONDIO-Christian KAISER-Manuel FÖRG (ed.), *Menschennatur in Zeiten des Umbruchs. Das Ideal des politischen Arztes in der Frühen Neuzeit*. Berlin-Boston, De Gruyter, 47-82.

- FRADE, Florbela Veiga-Sandra Neves SILVA (2011), “Medicina e política em dois físicos judeus portugueses de Hamburgo: Rodrigo de Castro e o *Medicus politicus* (1614), e Manuel Bocarro Rosales e o *Status astrologicus* (1644)”: *Sefarad. Revista de Estudios Hebraicos y Sedardies* 71.1, 51-94.
- GADEBUSCH BONDIO, Mariacarla-Katharina-Louise FÖRG (2020), “As Artz politisch handeln. Rodrigo de Castros *Medicus-politicus* zwischen Anspruch, Ideal und Praxis”: Mariacarla GABEDUSCH BONDIO-Christian KAISER-Manuel FÖRG (ed.), *Menschennatur in Zeiten des Umbruchs. Das Ideal des politischen Arztes in der Frühen Neuzeit*. Berlin-Boston, De Gruyter, 83-114.
- GADELRAH, Sherry Sayed (2011), “Discourses on Sex Differences in Medieval Scholarly Islamic Thought”: *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 66.1, 40-81.
- GOLDBRUNNER, Herman (1968), “Durandus de Alvernia, Nicolaus von Oresme und Leonardo Bruni: Zu den Übersetzungen der pseudo-aristotelischen Ökonomik”: *Archiv für Kulturgeschichte* 50, 200-239.
- GONZÁLEZ MANJARRÉS, Miguel Ángel (2017), “En el taller de Amato. Un escolio sobre la fiebre y el vino”: *Euphrosyne. Revista de Filología Clásica* 25, 341-352.
- GRECO, E. (1961), “Il posto di Girolamo Mercuriale nella storia dell’ostetricia e ginecologia”: *Rivista italiana di ginecologia* 45, 148-168.
- GREEN, Monica H. (2008), *Making Women’s Medicine Masculine: The Rise of Male Authority in Pre-Modern Gynaecology*. Oxford, Oxford University Press.
- GREEN, Monica H. (2009), “The Sources of Eucharius Rösslin’s *Rosegarden for Pregnant Women and Midwives*”: *Medical History* 53.2, 167-192.
- HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Justo P. (2017), “Luis Mercado (1532-1611) y el paso pulmonar de la sangre: nuevas perspectivas”: *Minerva. Revista de estudios clásicos* 30, 265-280.
- JACQUART, Daniele-Claude THOMASSET (1985), *Sexualité et savoir médical au Moyen Âge*. Paris, Presses Universitaires de France.
- KING, Helen (1998), *Hippocrates’ Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. London-New York, Routledge.
- KING, Helen (2007), *Midwifery, Obstetrics and the Rise of Gynaecology: The Uses of a Sixteenth-Century Compendium*. Aldershot, Routledge.
- KING, Helen (2011), “Galen and the Widow: Towards a History of Therapeutic Masturbation in Ancient Gynaecology”: *Eugesta: Journal of Gender Studies in Antiquity* 1, 205-235.

- KING, Helen (2013), *The One-Sex Body on Trial: The Classical and Early Modern Evidence*. Aldershot, Routledge.
- LAQUEUR, Thomas (1990), *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge (MA), Harvard University Press.
- LAQUEUR, Thomas (2003), *Solitary Sex. A Cultural History of Masturbation*. New York, Zone Books.
- LAURENTI, Renato (1968), *Studi sull'Economico attribuito ad Aristotele*. Milano, Marzorati Editore.
- LEONI, Aaron di Leone-Herman Prins SALOMON (2002), "Nation Portugaise de Hamburg en 1617 d'après un document retrouvé": Henry MECHOU-LAN-Gérard NAHON (ed.), *Mémorial I.-S. Révah. Études sur le marranisme, l'hétérodoxie juive et Spinoza*. Paris-Louvain, Peeters, 263-293.
- LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio (2015), *Teorías de Galeno sobre el semen femenino*. México, UNAM.
- LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio (2018), "Teorías y referencias sobre el semen femenino en la literatura griega medieval": *Cuadernos del Cemyr* 26, 65-110.
- MACLEAN, Ian (1995), *The Renaissance Notion of a Woman: A Study in the Fortunes of Scholasticism and Medical Science in European Intellectual Life*. Cambridge-New York, Cambridge University Press (1ª ed. 1980).
- MACLEAN, Ian (2009), *Learning and the Market Place: Essays in the History of the Early Modern Books*. Leiden-Boston, Brill.
- MARTORELLI VICO, Romana (2002), *Medicina e filosofia. Per una storia dell'embriologia medievale nel XIII e XIV secolo*. Milano, Guerini e Associati.
- MONTERO CARTELLE, Enrique (1991), *El latín erótico. Aspectos léxicos y literarios*. Sevilla, Universidad de Sevilla.
- MONTERO CARTELLE, Enrique (1994), "Lengua médica y léxico sexual: la constitución de la lengua técnica": Manuel E. VÁZQUEZ BUJÁN (ed.), *Tradición e innovación de la medicina latina de la Antigüedad y de la alta Edad Media*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, 207-223.
- MUSITANO, Carlo (1709), *R. D. Caroli Musitāni... De morbis mulierum tractātus*. Coloniae Allobrogum, sumptibus Choüet, G. de Tournes, Cramer, Perachon, Ritter & S. de Tournes.
- PABLO DE EGINA (1532), *Pauli Aeginētae Opus de re medica nunc primum integrum Latinitate donatum per Ioannem Guinterium Andernāchum*. Parisiis, apud Simōnem Colinaeum.

- PARK, Katharine (2006), *Secrets of Women: Gender, Generation, and the Origins of Human Dissection*. New York, Zone Books-MIT.
- PARK, Katharine (2010), "Cadden, Laqueur, and the «One-Sex Body»": *Medieval Feminist Forum. A Journal of Gender and Sexuality* 46.1, 96-100.
- PINHEIRO, Cristina Santos (2007), "The Ancient Medical Sources in the Chapters about Sterility of Rodrigo de Castro's *De universa mulierum medicīna*": Gayle DAVIS-Tracey LOUGHRAN (ed.), *The Palgrave Handbook of Infertility in History: Approaches, Contexts and Perspectives*. London, Palgrave Macmillan, 291-309.
- PIO, Giovanni Battista (1511), *In Carum Lucretium poëtam Commentarii a Ioanne Baptista Pio editi*. Bononiae, typis excussoriis in ergasterio Hieronymi Baptistae de Benedictis.
- POIRIER, Jean-Pierre (2006), *Ambroise Paré*. Paris, Pygmalion.
- POMATA, Gianna (2013), "Was There a *Querelle de femmes* in Early Modern Medicine?": *Arenal* 20.2, 313-341.
- QUONDAM, Amedeo (1998), "Note su imitazione, furto e plagio nel Classicismo": Roberto GIGLIUCCI (ed.), *Furto e plagio nella letteratura del Classicismo*, Roma, Bulzoni, 373-400.
- RESNICK, Irven M. (ed.) (2013), *A Companion to Albert the Great. Theology, Philosophy, and the Sciences*. Leiden-Boston, Brill.
- RIERA, Juan (1968), *Vida y obra de Luis Mercado*. Salamanca, Universidad de Salamanca.
- RÜTTEN, Thomas (2011), "Early Modern Medicine": Mark JACKSON (ed.), *The Oxford Handbook of the History of Medicine*. Oxford, Oxford University Press, 60-81.
- SHERPEREEL, Philippe (2019), *André Vesale et Ambroise Paré: destins croissés d'un anatomiste et d'un chirurgien à la Renaissance*. Paris, Éditions l'Harmattan.
- SINIBALDI, Giovanni Benedetto (1642), *Io. Benedicti Sinibaldi... Geneanthropeiae sive De hominis generatiōe decateuchon*. Romae, ex typographia Francisci Caballi.
- SIRAISI, Nancy S. (2008), "Medicīna practica: Girolamo Mercuriale as Teacher and Text Book Author": Emidio CAMPI et alii (ed.), *Scholarly Knowledge: Textbooks in Early Modern Europe*. Genève, Droz, 287-306.
- SIRAISI, Nancy S. (2013), *Communities of Learned Experience: Epistolary Medicine in the Renaissance*. Baltimore, The John Hopkins University Press.

- SOUDEK, Josef (1958), "The Genesis and Tradition of Leonardo Bruni's Annotated Latin Version of the (Pseudo-) Aristotelian Economics": *Scriptorium* 12, 260-268.
- SPACH, Israel (1597), *Gynaeciōrum sive De mulierum tum communibus tum gravidarum, parientium et puerperarum affectibus et morbis libri... Opera et studio Israēlis Spachii*. Argentīnae, sumptibus Lazari Zetzneri.
- STADLER, Hermann (1916), *Albertus Magnus De animalibus libri XXVI. Nach der Cölner Urschrift... Ersten Band, Buch I-XII enthaltend*. Münster i. W., Aschen-dorffsche Verlagsbuchhandlung.
- STOLBERG, Michael (2005), "Menstruation and Sexual Difference in Early Modern Medicine": Andrew SHAIL-Gillian HOWIE (ed.), *Menstruation: A Cultural History*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 90-101.
- SUSEMIHL, Franz (1887), *Aristotelis Oeconomica. Edidit Fr. Susemihl*. Lipsiae, in aedibus B. G. Teubneri.
- ZONTA, Mauro (2003), "L'Economique": Richard GOULET *et alii* (ed.), *Dictionnaire des philosophes antiques. Supplement*. Paris, CNRS éditions, 547-553.
- ZUCCOLIN, Gabriela (2011), "Nascere in latino e in volgare tra la *Practica maior* e il *De regimine pregnantium*": Chiara CRISCIANI-Gabriella ZUCCOLIN (ed.), *Michele Savonarola. Medicina e cultura di corte*. Florencia, Sismel-Edizioni del Galluzzo, 137-209.

Resumo: Neste texto analisa-se a técnica de composição de Rodrigo de Castro num capítulo do *De universa muliebrium morborum medicina* (1.3.5). Pretende-se conhecer o modo como Castro maneja as suas fontes e que procedimentos utiliza para organizar os seus materiais. A técnica de Castro baseia-se na reelaboração e na realocação de dados retirados de várias fontes (especialmente dos *Gynaeciōrum libri*), com o objetivo de oferecer um texto claro, ordenado, manejável e útil. Conhecer este modo de composição permite avaliar melhor as reais contribuições deste trabalho em ginecologia e obstetrícia.

Palavras-chave: Rodrigo de Castro; técnica compositiva; fontes; ginecologia; obstetrícia; coito.

Resumen: Se analiza la técnica de composición de Rodrigo de Castro en un capítulo del *De universa muliebrium morborum medicina* (1.3.5). Se pretende conocer cómo Castro maneja sus fuentes y qué procedimientos usa para ensamblar sus materiales. La técnica de Castro se basa en la reelaboración y reubicación de datos tomados de fuentes variadas (en especial los *Gynaeciōrum libri*), con el fin de ofrecer un texto claro, ordenado, manejable y útil. Conocer ese modo de composición permite valorar mejor las aportaciones reales de esta obra sobre ginecología y obstetricia.

Palabras clave: Rodrigo de Castro; técnica compositiva; fuentes; ginecología; obstetricia; coito.

Résumé : Dans ce texte, on analyse la technique de composition de Rodrigo de Castro dans un chapitre de *De universa muliebrium morborum medicina* (1.3.5), dans l'objectif de connaître la façon dont Castro manipule les sources et quels procédés il utilise pour organiser ses matériaux. La technique de Castro s'appuie sur la réélaboration et la réaffectation de données qui ont été retirées de plusieurs sources (principalement des *Gynaeciōrum libri*), dans le but d'offrir un texte clair, ordonné, maniable et utile. Connaître ce mode de composition permet de mieux évaluer les réelles contributions de ce travail pour la gynécologie et l'obstétrique.

Mots-clés : Rodrigo de Castro ; technique compositive ; sources ; gynécologie ; obstétrique ; coït.

Hermaphrodites and the understanding of sexual difference in the early seventeenth century

Os hermafroditas e a compreensão da diferença sexual no início do século XVII

PALMIRA FONTES DA COSTA ¹ (*Universidade Nova de Lisboa, Centro Interuniversitário de História da Ciência e Tecnologia – Portugal*)

Abstract: In this paper, I compare the ways in which three seventeenth-century physicians, Rodrigo de Castro, Caspar Bauhin and Jean Riolan, dealt in their works with the anatomical and social problems posed by the hermaphroditic body. I show that early seventeenth-century medical discourses on hermaphrodites have recourse to a diverse synthesis of theories, sources and medical cases and that they are influenced by cultural anxieties over the disruptive power of sexual ambiguity.

Keywords: hermaphrodites; history of medicine; Rodrigo de Castro; Caspar Bauhin; Jean Riolan.

Introduction

In the sixteenth and seventeenth centuries, hermaphrodites were frequently exhibited in public and represented in books on monsters and prodigies². Their ambiguous sexual appearances attracted the attention of both popular and learned audiences. Similarly to other beings with physical deformities, they evoked curiosity and wonder.³ Hermaphrodites were also prone to raise horror and fear in a society that was neatly delineated according to the male-female dichotomy. In particular, sexual ambiguity could be associated with imposture and the transgression of gender roles and therefore be potentially disruptive of the legal and social order.

The hermaphroditic body challenged also interpretations for the generation of living beings. Moreover, it challenged the role of medical expertise in the understanding and ordering of sexual difference. Rodrigo de Castro was not indifferent to the subject and devoted one of the chapters of his

Text received on 11/01/2021 and accepted on 01/03/2021.

¹ pfc@fct.unl.pt.

² Books on monsters discussing also hermaphrodites include BOAISTUAU *et alii*. (1598), PARÉ [1573] (1971), LICETI (1616) and ALDROVANDI (1642).

³ For an history of monsters and wonder, see DASTON e PARK (1998).

treatise to hermaphrodites since they were “rarely mentioned in Hippocrates, Galen and in the *Gynaeciorum*”⁴. He provides a short account of them but considers the main topics approached in medical literature: causes of generation, classification, physical criteria of identification and a glimpse into the problematic status of hermaphrodites in society. Around the same year this chapter was first published, two works specifically concerned with hermaphrodites appeared: *De hermaphroditorum monstrosorumque partum natura* (Oppenheim, 1600, 2ed. 1614) by Caspar Bauhin, Professor of Anatomy and Botany at the University of Basel and *Discours sur les hermaphrodites* (Paris, 1614) by Jean Riolan, the Younger, Professor of Medicine at the University of Paris⁵. In this paper, I would like to address the importance of hermaphrodites in early seventeenth-century medicine and society by focusing on these three works⁶.

The generation of hermaphrodites

As Lorraine Daston and Katharine Park have pointed out, early modern writers on hermaphrodites were heirs to two distinct traditions concerning their generation, the Hippocratic and the Aristotelian⁷. On the one hand, in the Hippocratic tradition, sex existed along a continuum from extreme male to extreme female and hermaphrodites were considered beings with a truly intermediate sexual nature⁸. On the other hand, within the Aristotelian interpretation of sexual difference, male and female corresponded to polar opposites

⁴ CASTRO (1617) Parte 1, Liv. III, Cap. 12, 144: *Hermaphroditi (...) de quibus tamen exigua aut fere nulla et parum sufficiens in libris Hippocratis, Galeni, ac in ipsis gynaeciorum uoluminibus facta est mentio*. All translations into English are my own, made from the Portuguese translation by Dr. Cristina Pinheiro.

⁵ Other seventeenth-century works on hermaphrodites include DUVAL (1682) and VENETTE (1687).

⁶ For the understanding of hermaphrodites in Iberia during the early modern period, see CLEMISON & GARCIA eds (2013).

⁷ DASTON & PARK (1995) 420-423.

⁸ According to the Hippocratic model, the sex of the foetus was determined by the male and female ‘seeds’ and the place of conception in the left or right side of the womb. Depending on which seed and which parent was dominant and the position of the foetus in the womb, the offspring would occupy one of a number of possible points on a sexual spectrum ranging from unambiguous male to wholly female. On Hippocratic and Aristotelian conception theories, see BOYLAN (1984).

admitting no meaningful intermediate states and hermaphrodites were viewed as beings with doubled or redundant genitalia. According to this model, their sex was only apparently ambiguous. Therefore, only the Hippocratic model allowed for a spectrum of intermediate sexual possibilities and the formation of true hermaphrodites.

During the sixteenth century, there is a clear resurgence of interest in Hippocratic theories concerning generation and sexual difference, in great part as a result of new humanist translations and editions of this author. To what extent did early seventeenth-century medical literature on hermaphrodites reflect this interest? Both Castro, Bauhin and Riolan invoke an Hippocratic interpretation for the generation of hermaphrodites. Nevertheless, there are some noticeable differences. Castro simply states that Hippocrates considers that hermaphrodites are formed “when the two seeds, male and female, have the same strength and abundance”⁹. In turn, Bauhin provides a more complex model of sexual difference based on Hippocratic theories of generation. He considers the possibility of the formation of a range of sexes, from the very masculine male, through the more average male, then the hermaphrodite, to viragos and “bold strong” women and, finally, “soft and effeminate” female¹⁰. In what concerns Riolan, he asserts that according to Hippocrates, an hermaphrodite will be formed if the male and female seeds are equally abundant but one is stronger than the other. The hermaphrodite would look more like a male or a female according to the strength of the corresponding seed¹¹. Yet, in another part of his work, Riolan alludes also to the Aristotelian interpretation of hermaphrodites¹². Therefore, there were differences in the interpretation of the origin of hermaphrodites according to the Hippocratic model and sometimes an uneasy synthesis between this model and the Aristotelian.

Moreover, the medical literature on hermaphrodites shows that other explanations for their origin circulated in the period. Indeed, Castro’s first remark is precisely on the lack of agreement concerning their causes. After

⁹ CASTRO (1617) Parte 1, Liv. III, Cap. 12, 146: *quando duo semina, uirile ac femineum aequalia sunt uiribus et copia*.

¹⁰ LONG (2006) 51.

¹¹ RIOLAN (1614) 122-123.

¹² RIOLAN (1614) 62.

this, and similarly to Bauhin and Riolan, he mentions other “common opinions”. One is the view that according to the number of days after which there is intercourse and the woman had her first day of menstruation, hermaphrodites would be formed after the 12th day¹³. He is, however, quick to refute this by stating that the male and the female sex are not determined by the interval of days and if we accept this opinion there would be more hermaphrodites being born¹⁴. Riolan uses the same argument to contradict this view but uses the occasion to refute Castro’s assertion that Avicena had denied it. His words are also indicative of how quickly the treatise of the Portuguese physician had an impact on medical literature¹⁵.

Rodrigo de Castro alludes to a series of other opinions for the cause of hermaphrodites. These include astrological influence —a topic particularly developed by Bauhin and also mentioned by Riolan—, intercourse performed in an immoral way when the woman lies on top —also used by Bauhin—, when the seed is united in the middle of the uterus —a cause refuted by Bauhin— and finally, when some part of the seed has the virtue of forming the two sexes.

Unlike the Aristotelian model of sexual difference, all these theories considered hermaphrodites as beings truly intermediate in sex and therefore as challenging the male-female dichotomy and the social order based on that dichotomy. Moreover, the significant diversity of causes potentially increased the number of hermaphrodites likely to be born.

The Orders of Sexual Difference

The sexual ambiguity of hermaphrodites was socially disruptive and hence needed to be contained. Their medical categorization contributed to this. In Castro, as well as in Bauhin and previously in Ambroise Paré, they

¹³ CASTRO (1617), Parte 1, Liv. III, Cap. 12, 145: *In causa propter quam hermaphroditus generetur, uariatum est; nam aliqui scribunt, si mulier uiro congrediatur, a primo qua est menstruis purgata die, usque ad quintum, marem producit, a quinto ad octauum femellam, ab octauo ad duodecimum rursus masculum: post illum dierum numerum hermaphroditum.*

¹⁴ CASTRO (1617) Parte 1, Liv. III, Cap. 12, 146.

¹⁵ RIOLAN (1614) 117.

are divided into four classes according to what is thought to be their “predominant sex”:

- 1- Male hermaphrodite (the male sex is overall perfect and functional in generation);
- 2- Female hermaphrodites (the female sex is overall perfect and functional in generation);
- 3- They have characteristics of both sexes but they are incapable of forming seed and of being of any use in generation;
- 4- Male-female or perfect hermaphrodites (they have both sexes and the two are physically and functionally perfect).

In a society very much organized around the concept of reproduction, it is not surprising that the classification of hermaphrodites was primarily based on their capacity of generation and the degree of perfection of their genitals. That is not to say that all medical authors used the same guidelines in the identification of hermaphrodites. It is true that Riolan bluntly stated that “an observation of the genital parts is the most sure method of finding the nature of the hermaphrodite” (p. 125)¹⁶. However, Castro’s description of female hermaphrodites includes a detailed analysis of their genitals but also of other female traits: “it is a hermaphrodite of the female sex if the uterus/womb is complete in all respects and enables penetration by the virile member, if menstrual blood flows from it, if it lacks hairs, if the hairs are fine and delicate, if they are effeminate all over the body, if they have a weak and fearful nature, have a high voice, larger breasts and have no hair around the anus¹⁷. Other authors such as Paré and Bauhin followed this system. It should also be stressed that in Castro’s treatise on the medicine of women, the female hermaphrodite is precisely the one that is described in greatest detail.

The system of classification of hermaphrodites that Rodrigo de Castro published in his treatise was accepted by a majority of physicians of the sixteenth and seventeenth centuries. There was however one author who clearly

¹⁶ RIOLAN (1614) 125.

¹⁷ CASTRO (1617) Parte 1, Liv. III, Cap. 12, 145: (...) *si uulua omnibus suis dimensionibus exacta sit, et adeo peruia, ut uirile membrum admittere possit, si menses illac profluant, si glabri sint, si promissi sint tenues ac molles capilli, si toto corpore effeminati, animi fracti, timidi, uoce acuta, et mammis elatioribus et iuxta anum crines nulli.*

departed from him. For Jean Riolan, the category of “perfect hermaphrodites” could not be correct. There could never be a being capable of performing both the male and female role in procreation¹⁸. He supports his view on Aristotle and Avicene but even more so in his argument that the two sexes could not be lodged in the same place and remain functional because the seed would not be perfect and sexual intercourse would be uncomfortable. For him, the notion of “perfect hermaphrodites” is only the result of the misreading of appearances by those who do not understand sexual difference.

What was in practice the role of personal observation and, in particular, of dissection in challenging systems of classification? Castro does not comment on this point but Bauhin pays attention to it in one chapter of his dissertation. The overall conclusion is that some of the reported cases problematize the designation of the sex of the hermaphrodite as male or female. Correspondingly, in the following chapter, the author approaches historical examples of the difficulty of determining sex¹⁹. In turn, Riolan mentions some cases of dissections of hermaphrodites by Bauhin and Realdus Columbus²⁰. Although two of them are seen as hermaphrodites, two others are reinterpreted by the author as being just women. Thus, medical expertise did not necessarily lead to the same interpretation of sexual difference.

Hermaphrodites and the social order

One of the issues that Rodrigo de Castro approaches briefly is the law of the hermaphrodite:

*For hermaphrodites who have both female and male traits that can be seen. [i. e. perfect hermaphrodites], the law allows them to choose the sex they would like to live by. However, they will be punished with the death penalty if it is found that, if they had departed once from the sex they chose, so that they will not abuse promiscuously of both sexes.*²¹

¹⁸ RIOLAN (1614) 56-67.

¹⁹ LONG (2006), 66.

²⁰ RIOLAN (1614) 21-28.

²¹ CASTRO (1617) Parte 1, Liv. III, Cap. 12, 145: *Porro hermaphroditis, qui utraque genitalia notatu digna possident, leges sexus in quo manere ac uiuere uelint, optionem faciunt, poena tamen capitali imposita, si ab electo semel sexu discessisse comprehendantur, ne promiscue utroque abutantur.*

The existence of this law and its high penalty shows that “perfect hermaphrodites” raised considerable social concerns and moral anxieties. Their assumed ability to act sexually as both male and female related them to unstable gender roles and sexuality. This was socially disruptive since it called into question a clear distinction and hierarchical relation between male and female. It also fostered accusations of imposture and moral depravity. Hence, a legal restriction with heavy penalties on the potential alternation of the sex roles of “perfect hermaphrodite” was to be enforced. In turn, a sex for the hermaphrodite had to be established. But who was to decide this and based on what criteria?

In Castro’s presentation of the law, the power of decision is given to the hermaphrodite. This is also the case in previous literature such as Claude Tesserant’s *Histoires Prodigieuses* (1567). Tesserant remarks that hermaphrodites “can choose which sex they want to use, with prohibition upon pain of death of use of the other, because of the inconveniences that could result”²². In addition, he refers to St. Augustine who had already alerted readers to the moral debauchery involved in the interchange of sexual roles of the hermaphrodite.

By the end of the sixteenth century and the early seventeenth century, there is a move towards a greater role for medical expertise in deciding the sex of the hermaphrodite. In *Des monstres et des prodiges* (1573), Ambroise Paré states that “Doctors and Surgeons who are expert and informed can recognize whether hermaphrodites are more apt to have and use one or the other sex, or both, or neither”²³. Also, but in a more assertive way, Bauhin declares that the choice of the sex of the hermaphrodite should be made by medical and legal experts²⁴. But it is Riolan who consecrates the supreme authority of medical expertise in identifying the sex of hermaphrodites by claiming that it is the physician who can determine their sex and judge which sex suits

²² Quoted in LONG (2006) 40.

²³ PARE [1573] (1971) 25: Les Medicens et Chirurgiens bien experts et advisez peuvent cognoistre si les hermaphrodites sont plus aptes à tenir et user de l’un que de l’autre sexe, ou des deux, ou du tout rien.

²⁴ LONG (2006) 57.

them, without giving them the option to elect and choose the sex they would like²⁵.

The attribution of a sex to hermaphrodites had crucial legal implications. Lawyers could tolerate no middle ground between male and female since sex was a legal "condition". It fitted or unfitted a person for marriage, inheriting property, bearing witness and so forth, and was thus an essential determinant of legal identity. Once classified as male or female, according to most legal opinion, hermaphrodites were entitled, with a few exceptions, to all the prerogatives of that sex. One of the novelties of the late sixteenth-century and early seventeenth century legal practice lay in its increasing reliance on outside testimony to determine the hermaphrodite's predominant sex. In this respect, medical observation and the use of systems of classification of hermaphrodites played an important role in the attribution of legal sex.

The use of medical expertise in assessing the sex of the hermaphrodite was also aimed at preventing immoral sexual practices such as sodomy and lesbianism with which they were often associated. In fact, Daston and Park have remarked that the problematic status of hermaphrodites in Renaissance France was linked to the condemnation of male and female homosexual behavior²⁶. For Bauhin and Riolan it is the relation between hermaphrodites and lesbianism that is particularly significant²⁷. If the first author associates a few cases of tribades with the issue of hermaphroditism, for the latter the subject is almost an obsession. It is in this context that Riolan mentions Rodrigo de Castro for a second time when he refers to the fact that he "saw women burnt in Lisbon for conducting lascivious relationships with other women"²⁸. Indeed, for the French physician, many of the so-called female hermaphrodites were in fact just women with an elongated clitoris. Riolan considers this organ and, in particular, the extraordinary size that it can achieve in lustful women, as the evil source not only of false notions but also of women abusing it with each other: "The clitoris can grow like a finger in voluptuous and pas-

²⁵ RIOLAN (1614) 130.

²⁶ DASTON e PARK (1995).

²⁷ PARK (1996).

²⁸ RIOLAN (1614) 82: "Rodericus à Castro dit avoir vu bruler quelque femmes publiquement à Lisbonne pour umpudicité". See CASTRO (1617) Parte I, Liv. 1, cap. 3, 10.

sionate women and they can abuse it to give them pleasure when they live with each other"²⁹. Indeed, the author provides a significant number of cases of false hermaphrodites associated with tribades. Moreover, he even asserts that it is in the clitoris that the "hermaphroditic nature of women" resides³⁰.

Riolan's radical solution to the problem of deception of clitorises with a monstrous size and the perpetuation of immoral sexual practices between women lies in its excision. The performance of this operation had been mentioned occasionally by medical authors such as Ambroise Paré³¹. Bauhin refers to it as well but says that it is potentially lethal³². Instead, Riolan devotes a significant number of pages to the issue, mentioning other authors who agree with it, successful cases and how the excision should be carried out³³. The amount of attention dedicated to the topic suggests that it was not just the clarification of the understanding of hermaphrodites and the disempowerment of female sexuality that was at stake but also his negative views on women in general. Indeed, shortly after he asserts that women are closer to monsters and invokes Aristotle by saying that they are merely imperfect or defective men³⁴.

Conclusion

It is difficult to compare Castro's presentation on human hermaphrodites with that of Bauhin and Riolan since it is much shorter and offered in a different context. In any case, it seems to correspond to what the physicians and scholars of his intended audience would expect from a general introduction to the topic. It is Bauhin who presents the most learned and com-

²⁹ RIOLAN (1614) 79: [le clitoris] peut croître et grossir comme le doigt aux femmes voluptueuses et amoureuses, et en peuvent abuser pour se donner plaisir, en habitant les unes avec les autres.

³⁰ RIOLAN (1614) 84: Il se faut se arrêter au clitoris pour ce qui est de l' hermaphrodie des femmes.

³¹ PARÉ, Ambroise [1573] (1971) 27. On the excision of the clitoris as a supposed 'corrective surgery', see LAQUEUR (1990) e PARK (1996) 183-184.

³² LONG (2006) 69.

³³ RIOLAN (1614) 54, 77-80.

³⁴ RIOLAN (1614) 72: "la femme, selon l'opinion d'Aristote, est un masle imparfait, un erreur de nature desirant faire un masle".

prehensive view of hermaphrodites in the period by focusing on their place in history, medicine and culture. He also shows some acceptance towards them. His work was successful since it was already enjoying a second edition in 1614. Of the three authors, Riolan is certainly the most controversial, especially in his denying of “perfect hermaphrodites”. He is also the most vociferous in his treatment of the subject and in his generally negative portrayal of women.

This paper has pointed out that in the period a variety of causes were used to explain the generation of hermaphrodites and that they included Hippocratic interpretations but these differed in some respects from each other. In addition, in at least one case, a syncretic combination of Hippocratic and Aristotelian interpretations was used by Riolan. Following other studies, this paper has also shown the increasing importance of the medical profession in the establishment of the predominant sex of the hermaphrodite and their legal identity in society. However, medical attempts to clarify the nature of hermaphrodites and to diminish their challenges to the order of society were only partially successful. Not only were there disagreements between physicians in the categorization and identification of hermaphrodites but also some cases and observations after dissection testified to the extreme sexual ambiguity of the hermaphroditic body.

Finally, this paper illustrated the importance of the medical view that certain of the so-called hermaphrodites were in fact women with deformed genitals. This interpretation is presented as an attempt to denounce false hermaphrodites and to remove vulgar misconceptions. However, it is also related to anxieties about non-procreative and lustful sexuality between women. Moreover, it is linked to male concerns with female pretensions to masculine roles, status and prerogatives. In this, as well as in other issues, early seventeenth-century medical discourses on hermaphrodites were inextricably linked to social and cultural views of the period.

Acknowledgements

I would like to thank Dr. Cristina Pinheiro for her useful suggestions and translation from Latin of the original texts on hermaphrodites and monsters presented in Rodrigo de Castro’s *De universa mulierum medicina* (1617).

Bibliographical References

- ALDROVANDI, Ulisses (1642), *Monstrorum historia*. Bononia, N. Tebaldini.
- BAUHIN, Caspar [1600] (1614). *De hermaphroditorum monstrosorumque partuum natura ex theologorum, jureconsultorum medicorum, philosophorum et rabino- rum sententia libri duo*. Oppenheim, Galleri, De Bry.
- BOAISTUAU, Pierre, et alii. (1598), *Histoires prodigieuses...* Lyon, Jean Pillehotte.
- BOYLAN, Michael (1984) 'The Galenic and Hippocratic Challenges to Aristotle's Conception Theory': *Journal of the History of Biology* 17 (1984) 83-112.
- CASTRO, Rodrigo de (1617), *De universa mulierum medicina novo et ante hac a nemine tentato ordine opus absolutissimum...* Hamburgi: in officina Frobeniana: excudebatur typis Philippi de Ohr.
- CLEMISON, R. and VÁZQUEZ GARCÍA, F. (2013), *Sex, Identity and Hermaphrodites in Iberia, 1500-1800. The Body, Gender and Culture*. London, Pickering and Chatto Publishers.
- DASTON, Lorraine & PARK, Katharine (1998), *Wonders and the Order of Nature, 1150-1850*. Nova York, Zone Books.
- DASTON, Lorraine e PARK, Katherine (1995), "The Hermaphrodite and the Orders of Nature: Sexual Ambiguity in Early Modern France": *GLQ: A Journal of Lesbian & Gay Studies* 1 (1995) 419-438.
- DUVAL, Jacques (1682), *Des hermaphrodites, accouchements de femmes, et traitement qui est requis pour les relever en santé*. Rouen, Dacid Geuffroy.
- LAQUEUR, Thomas (1990), "Amor Veneris, vel Dulcedo Appeletur": M. FEHER e R. Naddaffand N. TAZI (coords.), *Fragments for a History of the Body*, New York, UrZone, 1990), 113-120.
- LICETI, Fortunio (1616), *De monstrorum natura, causis et differentiis libro duo*. Pádua, Paolo Frambotto.
- LONG, Kathleen (2006), *Hermaphrodites in Renaissance Europe*. Aldershot, Ashagte.
- PARE, Ambroise [1573] (1971), *Des monstres et des prodiges*, Genève, Librairie Droz.
- PARK, Katherine (1996). "The Rediscovery of the Clitoris: French Medicine and the Tribade. 1570-1620": C. MAZIO e D. HILLMAN (coord.) (1996), *The Body: Parts: Discourses and Anatomies in Early Modern Europe*. New York, Routledge, 171-193.
- RIOLAN, Jean (1614), *Discours sur les hermaphrodites, où il est démontré contre l'opinion commune, que il n'y a point de vray hermaphrodits*. Paris, Ramier.
- VENETTE, Nicholas (1687), *La Génération de l'homme ou Tableau de l'amour conjugal considéré dans l'état du mariage*. Parme, Franc d' Amour.

* * * * *

Resumo: Este artigo compara a visão de três médicos seiscentistas, Rodrigo de Castro, Caspar Bauhin e Jean Riolan, sobre os problemas anatómicos e sociais suscitados pelo corpo hermafrodita. Da análise apresentada, conclui-se que os discursos médicos sobre hermafroditas dos primórdios do século XVII são de natureza sincrética e influenciados por receios relacionados com o poder disruptivo da ambiguidade sexual na sociedade.

Palavras-chave: hermafroditas; história da medicina; Rodrigo de Castro; Caspar Bauhin; Jean Riolan.

Resumen: Este artículo compara la visión de tres médicos del seiscientos, Rodrigo de Castro, Caspar Bauhin y Jean Riolan, sobre los problemas anatómicos y sociales que suscita el cuerpo hermafrodita. A partir del análisis realizado se llega a la conclusión de que los discursos médicos sobre hermafroditas de inicios del s. XVII muestran una naturaleza sincrética y están influidos por miedos relacionados con el poder disruptivo de la ambigüedad sexual en la sociedad.

Palabras clave: hermafroditas; historia de la medicina; Rodrigo de Castro; Caspar Bauhin; Jean Riolan.

Résumé : Cet article compare la vision de trois médecins du XVII^{ème} siècle, Rodrigo de Castro, Caspar Bauhin et Jean Riolan, au sujet des problèmes anatomiques et sociaux posés par le corps hermaphrodite. L'analyse réalisée permet de soutenir que les discours médicaux sur les hermaphrodites du début du XVII^{ème} sont de nature syncrétique et sont influencés par des peurs liées au pouvoir disruptif de l'ambiguïté sexuelle existant dans la société.

Mots-clés : hermaphrodites ; histoire de la médecine ; Rodrigo de Castro ; Caspar Bauhin ; Jean Riolan.

A educatio de crianças e adolescentes no De uniuersa mulierum medicina de Rodrigo de Castro

The *educatio* of children and adolescents in Rodrigo de Castro's *De uniuersa mulierum medicina*

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA¹ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA),
Universidade de Aveiro — Portugal*)

Abstract: The discussion around the nutrition and physical, intellectual and moral education of children and adolescents has been pervasive throughout Antiquity, the Middle Ages and the Renaissance. Often tackled by authors of medical treatises and encyclopedias, the *educatio* of children and youngsters has triggered the interest of the Portuguese physician Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?) who dealt with it in the final section of the First Part of his treatise *De uniuersa mulierum medicina*. Drawing on the comparison between this text and the medical writings that preceded it, we will seek to outline the educational routine prescribed for children and adolescents in the course of the twenty centuries separating Mnesitheus of Athens (4th century B.C.) and Castro, as well as reflect on how the Portuguese author has incorporated elements drawn from ancient and medieval traditions in his own work.

Keywords: Rodrigo de Castro; *De uniuersa mulierum*; *educatio*.

As crianças desde sempre precisaram de cuidados especiais. Não obstante, os primeiros textos médicos dedicados à identificação, classificação e tratamento de doenças infantis (frequentemente intitulados *De morbis puerorum*) surgiram apenas no início do século XVI. Ao longo dos séculos seguintes, os mais novos viriam a ser perspetivados como merecedores de cuidados terapêuticos específicos, e o número de médicos dedicados a esse setor da população cresceria. Contudo, somente em meados do século XIX a comunidade médica e a sociedade em geral passariam a perspetivar a pediatria como uma especialidade da medicina².

Texto recebido em 21.02.2021 e aceite para publicação em 26.03.2021. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto “*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia (PTDC/FER-HFC/31187/2017)”, assim como da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

¹ emilia.oliveira@ua.pt.

² PANCINO (2017) §§ 34; 75; GARRISON (1965) 2.

Durante muito tempo, a infância foi vista como um período crítico da vida humana, marcado pela doença e por elevadas taxas de mortalidade. Em parte por essa razão, não gozava de grande consideração social³. O objeto do estudo médico e das intervenções terapêuticas na Idade Moderna era o adulto do sexo masculino. O estudo das doenças das mulheres era visto como uma derivação daquele, mas o das enfermidades infantis não fazia parte dessa esfera⁴. A natural *infirmas* das crianças e a sua incapacidade de expressarem verbalmente o que sentiam ou de explicarem o que lhes causava desconforto (por isso lhes chamavam *infantes*), aliadas quer à noção de que os tratamentos a aplicar teriam de ser diferentes dos destinados aos adultos quer ao desconhecimento dos próprios médicos, poderão explicar a atitude de certo modo indiferente destes profissionais para com as crianças⁵.

Os estreitos laços entre a mãe e a criança contribuíram para que a ginecologia e a obstetrícia permanecessem, durante muito tempo, indissociáveis daquilo que hoje conhecemos por pediatria⁶, não sendo, por isso, de estranhar que obras dedicadas às doenças das mulheres (incluindo as associadas ao parto), como o tratado *De uniuersa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro⁷, incluíssem observações e conselhos de puericultura. Escritos por médicos para médicos ou estudantes de medicina, esses textos alusivos aos primeiros cuidados a prestar às crianças, que muito provavelmente não tinham uma relação direta com a prática médica, respondiam a interrogações de parteiras (*obstetrices*) e inquietações de outras mulheres que, não exercendo a arte curativa, tratavam e cuidavam de crianças. Consistiam, muitas vezes, numa mescla de observações médicas e de conselhos sobre higiene infantil, mas tam-

³ PANCINO (2017) § 36.

⁴ Cf. *Idem, ibidem*, § 51; *idem* (2013) 581-588.

⁵ PANCINO (2017) § 3 chega mesmo a referir-se a esta indiferença como desdém.

⁶ *Ibidem*, § 74.

⁷ Este tratado sobre a natureza, as condições e as doenças das mulheres foi dado à estampa pela primeira vez em 1603, nas cidades de Hamburgo e Colónia, tendo conhecido várias reedições ao longo do século XVII. Compõem-no duas partes: a primeira incide sobre a anatomia, a fisiologia dos órgãos sexuais da mulher e a concepção; a segunda versa sobre as principais doenças femininas, incluindo as associadas ao parto. Para mais informações sobre o tratado médico, leia-se o estudo de PINHEIRO (2017). Sobre o autor e a obra, em particular o tratado *Medicus-Politicus* (Hamburgo, 1614), vide ARRIZABALAGA (2009).

bém de sugestões pedagógicas e, por vezes, de ordem moral aplicáveis quer a crianças de tenra idade quer a adolescentes.

Foi neste contexto que Rodrigo de Castro, depois de discutir as vantagens do aleitamento materno e os critérios pelos quais se deveria pautar a escolha de uma ama de leite caso a própria mãe não pudesse ou não quisesse amamentar⁸, decidiu fornecer um conjunto de indicações sobre o momento e o modo como se deveria processar a transição de uma alimentação exclusivamente baseada no leite da *nutrix*⁹ para o consumo de alimentos sólidos¹⁰.

Apoiado na autoridade do médico grego Paulo Egineta¹¹, Castro começou por referir que o aleitamento (pela mãe ou pela ama) deveria, idealmente, prolongar-se até aos dois anos de vida. Contudo, a partir do momento em que a amamentação exclusiva deixasse de satisfazer plenamente as necessidades do infante, a cuidadora poderia, e deveria, paulatinamente, introduzir na sua alimentação outro tipo de alimentos:

Caeterum Pauli decreto lacte pueruli ad biennium usque nutrirī debent, quod si id abunde non supererit ad nutritionem et incrementum, pulcūcula exhibeatur, ex tenuissima panis rasura, cum butyro et sacharo, aut etiam cum oleo et melle, cum puluere sesami aut anisi¹².

De resto, segundo Paulo [Egineta], as crianças pequenas devem ser alimentadas com leite até aos dois anos¹³, mas, se tal não for bastante para a [sua] nutrição e cresci-

⁸ *De uniuersa* 1.4.12-13, 219-226. Para mais informação sobre este assunto, leia-se OLIVEIRA (2020). Sobre a importância do leite e da amamentação na Antiguidade, vide PINHEIRO (2009).

⁹ O termo *nutrix*, ‘ama de leite’, etimologicamente relacionado com o verbo *nutrire*, ‘alimentar’, refere-se tanto à mãe biológica quanto à ama contratada para amamentar o filho de outra mulher (DANSEN (2010) 700).

¹⁰ Este tópico será retomado, embora em termos ligeiramente diferentes, na segunda parte da obra (cf. 2.4.29, 537-538: *Quam diu lactandus puer, et qua ratio paranda pulcūcula*).

¹¹ Natural de Egina, viveu no século VII. Ficou associado à medicina bizantina e foi autor do resumo das obras de Oribásio (*De re medica libri septem*).

¹² *De uniuersa* 1.4.13, 225. Para o estabelecimento do texto latino de Castro, adotámos os critérios estabelecidos no âmbito do projeto de investigação “*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia (PTDC/FER-HFC/31187/2017)”. Assim, seguimos a segunda edição do tratado (Hamburgo, 1617), introduzindo apenas alterações mínimas no que à grafia e à pontuação diz respeito.

¹³ *De re medica* 1.5, 7.

mento, deve oferecer-se uma papa de finíssima raladura de pão, com manteiga e açúcar, ou então com azeite e mel, com polvilhos de sésamo ou erva-doce¹⁴.

A ideia de que a criança, durante os primeiros meses de vida, deveria ser alimentada em exclusivo com o leite da *nutrix* não era original. Na verdade, antes mesmo de Paulo Egineta e Rodrigo de Castro, vários outros médicos a haviam veiculado nas suas obras. Veja-se o caso de Sorano de Éfeso¹⁵, que considerava que a criança deveria ser alimentada desse modo até que o seu corpo alcançasse a firmeza e a necessária preparação para processar alimentos sólidos (o que não deveria acontecer antes dos seis meses)¹⁶. Rufo de Éfeso¹⁷, por palavras não muito diferentes, recomendava a amamentação em exclusivo até que o lactente desse sinal de querer e ser capaz de digerir outros alimentos¹⁸. Já Galeno (sécs. II-III) defendia que o aleitamento se deveria prolongar até ao apa-

¹⁴ Na segunda parte do tratado (*De uniuersa* 2.4.3.29, 537), Castro voltaria a defender que a amamentação deveria ser prolongada, pelo menos, até aos dois anos. A necessidade de um reforço alimentício ditaria a introdução de uma papa com qualidades equivalente às do leite, isto é, que fosse de fácil digestão e absorção. Poderia ser preparada com farinha de cereais, mas, preferencialmente, com miolo de pão, água, azeite ou manteiga, polvilhos de erva doce e açúcar ou mel, dependendo da estação do ano, como era, aliás, usual em toda a Hispânia: *Lacte uescuntur infantes octodecim mensibus, alii uiginti, communiter autem abunde fuerit biennio lacte nutrir...* *Caeterum interim dum lactatur, pulticula concimetur, quae uiribus et consistentia lacti non sit dissimilis, nec coctu aut distributione difficilis...* *probatur tamen magis quae conficitur ex medulla albissimi panis tyrocneste probe scofinati, ac deinde aqua cocti superaddito oleo uel butyro, puluisculo anisi, et saccharo in aestate, melle in hyeme, quae coquitur ad aquae consumptionem. Sufficiens autem cocta esse, cognoscitur, cum oleum uel butyrum supernatare uidetur, atque haec per Hispaniam tota est in usus.* Diferente era a papa preparada pelas mulheres do norte da Europa, à base de cerveja levemente fervida com pedaços de pão, manteiga e açúcar. Esta *warm bier*, como lhe chamavam, era, segundo Castro, bastante mais nutritiva: *Septentrionales ceruissa utuntur, quae leuiter bullierit cum pannis frustulis, butyro et saccharo, uocant (Warm Bier) qua sane pulticula pueri bene nutriuntur, obesi euadunt et rubicundi (ibidem, 537-538)*

¹⁵ Considerado o fundador da ginecologia científica, é autor do tratado sobre as doenças das mulheres, *Gynaecia* (séc. II).

¹⁶ 2.17.

¹⁷ Considerado um dos melhores anatomistas anteriores a Galeno, viveu em Alexandria e Éfeso entre os séculos I e II, tendo escrito perto de uma centena de trabalhos sobre dietética, patologia, anatomia e semiologia.

¹⁸ *Apud Orib. Inc. 20 (DAR. 3, 157-158).*

recimento dos primeiros dentes¹⁹. Quatro séculos volvidos, Aécio de Amida²⁰, haveria de repetir Sorano e Rufo: o infante deveria ser amamentado até ser capaz de firmar os membros²¹. Avicena²², por sua vez, numa espécie de conciliação das diferentes opiniões, admitiria, mais tarde, que a cuidadora poderia começar a oferecer outros alimentos que não o leite a partir do momento em que a criança o reclamasse, mas, sobretudo, assim que surgissem os incisivos²³.

O nascimento dos primeiros dentes era, por conseguinte, perspectivado por vários autores médicos como decisivo para a inclusão de alimentos mais consistentes na dieta da criança. Segundo o próprio Rodrigo de Castro, era um sinal claro dado pela mãe natureza de que o corpo exigia alimentos de consistência superior à do leite e da própria papa:

*Tamdiu uero lactentur, quamdiu dentibus nondum instructi sunt; quorum praesentia solidius quoddam lacte et pulicula alimentum natura uidetur exposcere*²⁴.

*Na verdade, devem ser amamentadas enquanto não lhes tiverem nascido os dentes; na presença destes, a natureza parece reclamar um alimento mais sólido do que o leite e a papa*²⁵.

Neste processo de transição para uma alimentação sólida, havia, contudo, que respeitar o ritmo de crescimento do infante. Numa fase inicial, em que a sua capacidade de mastigar era ainda nula ou muito reduzida, os alimentos teriam ser oferecidos na forma de papa ou sopa, por serem mais fáceis de digerir. Afirmava, a propósito, Rodrigo de Castro:

¹⁹ *Apud Orib. Inc.* 17 (DAR. 3, 137-138).

²⁰ Médico da corte de Bizâncio, compilador do que de mais importante havia na medicina dos antigos. Viveu no século VI.

²¹ *Libri sexdecim* 4.29, 140. A amamentação nos primeiros meses de vida da criança foi acerrimamente defendida não apenas por autores médicos. O biógrafo Plutarco, por exemplo, refletiu sobre os benefícios do aleitamento materno no tratado *Da Educação das Crianças* (cf. *De lib. educ.* 5).

²² Médico e filósofo muçulmano que viveu entre os séculos X e XI, autor do *Canon medicinae*, obra que se tornaria conhecida através da tradução latina de Gerardo de Cremona (séc. XII).

²³ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 2, 166.

²⁴ *De uniuersa*, loc. cit.

²⁵ Cf. *De uniuersa* 2.4.3.29, 537: *inde ad cibos solidiores transgredi, tunc enim fere omnes dentibus instructi sunt, ac uidetur natura solidius alimentum expetere, ideoque tunc temporis cibo communiter delectantur infantes, oblatoque uescuntur auidius*.

Ante hoc tempus nutriendi haud sunt solidiori alimento, offis, aut intritis, quia inde ob exiguam adhuc concoquendi facultatem et imperfectam masticationem multi a cruditate morbi contrahuntur, exstinguitur enim calor a multis cibis. Cum his tamen septentrionales foeminae tamdiu lactare non solent, et pulticulam citius infantibus exhibent²⁶.

Antes dessa etapa, não devem ser nutridas com alimentos mais sólidos do que papas ou sopas, porque, em virtude da ainda reduzida capacidade de digestão e da imperfeita mastigação, contraem-se muitas doenças por indigestão; é que se perde o calor de muitos alimentos²⁷. Apesar disso, muitas mulheres setentrionais não costumam amamentar durante tanto tempo, oferecendo mais cedo papa aos infantes.

Por conseguinte, o momento de introduzir alimentos mais consistentes no regime da criança dependia também dos costumes e da vontade das lactantes. Na segunda parte do tratado, não obstante reiterar a ideia de que o aleitamento exclusivo seria vantajoso enquanto o leite da *nutrix* fosse abundante, Castro reconheceria a existência de usos diferentes no que ao momento de introduzir outros alimentos diz respeito. Segundo o médico, muitas mulheres não admitiam a introdução da papa antes de a criança ter completado três meses, enquanto outras decidiam oferecê-la, do mesmo modo que outros alimentos ainda mais consistentes, a partir dos seis meses. Ao que parece, as mulheres do norte da Europa tendiam a fazê-lo mais cedo do que outras cuidadoras. Aduzindo o exemplo das mulheres Belgas, o autor luso refere que tinham por hábito amamentar somente durante o primeiro ano, muitas, durante os primeiros nove meses²⁸.

²⁶ *De uniursa*, loc. cit..

²⁷ Nesta época, a digestão era vista como um processo de cozedura (cocção) dos alimentos, enquanto o estômago era perspectivado como uma panela natural. Se este não fosse capaz de processar os alimentos ingeridos, perder-se-ia muito do seu calor (vide GENTILCORE (2016) 39; cf. FLANDRIN (1996) 494-495). Segundo Castro, cada criança tinha o seu próprio ritmo, e havia que respeitá-lo. Não bastava o aparecimento dos dentes; também o estômago teria de estar suficientemente preparado para receber e processar alimentos mais sólidos. Cf. *De uniursa* 2.4.3.29, 537: *Exertorum igitur dentium terminus, oblationis initium esto, qui tamen omnibus idem non est, nam aliis tardius, aliis temporius exeruntur, non in alium finem nisi ad mandendum, antea uero si solidiori utantur infantes alimento, multis a cruditatibus morbis fiunt obnoxii, quia infirmus eorum adhuc uentriculus debita caret ciborum praeparatione, quae in ore fit, qua nec uiri citra noxam carere possunt.*

²⁸ *De uniursa* 2.4.3.29, 538: *Quam diu uero lac nutrici abundat, utilius fuerit eo solo infantem nutrire, imo multi uisuntur, qui lacte contenti pulticulam respuunt nec ante trimestre*

A recomendação de que os alimentos dados à criança nesta fase intermédia da alimentação fossem de consistência semissólida também já havia sido defendida por autores anteriores a Rodrigo de Castro. Divergiam, essencialmente, no tipo de alimentos e no modo como estes poderiam ser apresentados. Mnesiteu de Atenas²⁹, por exemplo, sugerira que a criança, após o seu primeiro ano de vida, ao invés de comer alimentos previamente mastigados pela sua cuidadora, ingerisse flor de farinha fervida, farinha de trigo tremês, ou milho-painço moído, todos bem cozidos³⁰.

Sorano, por sua vez, considerava que, a partir dos seis meses, assim que a criança alcançasse a necessária firmeza dos membros, além do leite, seria apropriada uma alimentação à base de cereais: pedacinhos de pão amolecidos em hidromel ou leite, em vinho doce ou temperado com mel; mais tarde, sopa de sêmola, puré de cereal muito líquido e um ovo que pudesse ser sorvido. No caso de a criança ter sede após a refeição, poderia beber água pura ou misturada com um pouco de vinho, por meio de uma tetina artificial, para não se engasgar. De tempos a tempos, poder-se-ia dar-lhe um bocado de pão amolecido em vinho diluído; oferecer pedaços de pão previamente mastigados seria perigoso, em virtude de estarem impregnados de fleuma³¹. Também se deveria evitar dar a comer pão de papoila, pão de sésamo e, em geral, qualquer pão com especiarias, por serem indigestos, mesmo para os adultos³².

admittunt. Et e converso alii, qui post semestre non pultibus solum, sed solidioribus etiam cibis uescuntur; imo Belgae mulieres communiter per annum dumtaxat lactant infantes, plures etiam per nouem menses. Como bem observa LEMOS (1909) 225; 230-233, as numerosas alusões aos costumes e às doenças das mulheres Belgas que, como esta, encontramos nas obras de Castro documentam a atividade profissional do médico português em Antuérpia, anteriormente à sua mudança para Hamburgo.

²⁹ Médico, provavelmente, do século IV a.C., mencionado por Galeno, Ateneu, Rufo de Éfeso, Sorano de Éfeso e Oribásio de Pérgamo, entre outros.

³⁰ *Apud Orib. Inc.* 19 (DAR. 3, 153).

³¹ Entendemos aqui por fleuma a saliva usada na mastigação do pão. De acordo com a teoria humoral desenvolvida pela Escola de Cós, a fleuma era um dos quatro humores produzidos pelo corpo humano. A prevalência ou excesso deste humor viscoso ou mucoso sobre os restantes (sangue, bílis amarela e bílis negra) perturbaria o desejável equilíbrio somático e estaria na origem do temperamento fleumático. Os indivíduos de complexão ou temperamento fleumático caracterizavam-se por uma certa apatia ou letargia.

³² 2.17.

Rufo era da opinião de que as crianças, a partir do momento em que dessem sinais de estarem preparadas para digerir plenamente outros alimentos, deveriam ingerir, como complemento do leite, pão embebido em vinho diluído. De evitar, a carne, por ser alimento de difícil digestão, a não ser que houvesse necessidade de maior nutrimento. Nesse caso, sugeria o autor que fosse dada carne (de fibra longa) de frango ou de porco jovem, porque o suco que as crianças dela conseguiam extrair lhes era aprazível. O mesmo autor desaconselhava, no entanto, os purés ou as papas, em virtude de os alimentos espessos não serem apropriados; de mais a mais, a sua natureza favorecia a produção de fleuma, já que eram viscosos, mucosos e húmidos³³.

Galeno, que defendia a preparação do infante para a ingestão de alimentos mais consistentes a partir do momento em que lhe nascessem os incisivos, considerava benéfico, ao contrário de Mnesiteu, que a cuidadora os mastigasse previamente; primeiro, um pouco de pão, mais tarde, grãos de leguminosas, carne ou algo parecido³⁴.

Já Aécio, do mesmo modo que Sorano, uma vez atingida a plena robustez dos membros, sugeria que fossem oferecidos à criança pedacinhos de pão embebidos em água ou em vinho temperado com mel, vinho doce ou leite; depois, para evitar a acumulação de saliva na boca do infante (que ainda não tinha a faculdade de mastigar os alimentos), que lhe fossem dados ovos que pudessem ser sorvidos; como bebida, vinho diluído³⁵.

Quanto a Avicena, advertia para a conveniência de não se oferecer à criança alimentos demasiado duros no início da transição do leite para os sólidos. Ao invés de Sorano, advogava que a *nutrix* deveria dar à criança pão previamente mastigado, depois, amolecido em hidromel, ou em vinho diluído em água, ou em leite. Para beber, um pouco de água³⁶.

Ultrapassada a exigente fase do desmame, as crianças deveriam ser estimuladas a ingerirem alimentos mais inteiros³⁷, mas também a tornarem-se fisi-

³³ *Apud Orib. Inc.* 20 (DAR. 3, 157-158).

³⁴ *Apud Orib. Inc.* 17 (DAR. 3, 137-138).

³⁵ *Libri sexdecim* 4.29, 140.

³⁶ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 2, 166.

³⁷ A mudança definitiva de regime dependeria da própria criança, do seu apetite por outros alimentos que não o leite. Segundo Rodrigo de Castro, mesmo que tivesse atin-

camente mais independentes. Para que tal acontecesse, defendia Rodrigo de Castro, era conveniente que lhes fosse permitido brincarem e jogarem, já que as atividades lúdicas muito contribuiriam para a sua robustez física:

*Caeterum ubi iam ablactati infantes fuerint, sensim ad pleniora cibaria traduci debent, tuncque liberiori modo uiuere sinendi sunt, et suo ingenio, hilaritate, relaxato animi fraeno, exercitia ludicra et lusus illis permittendus. Nam animorum securitas, relaxatioque haud parum ad uegetam corporis educationem momenti affert*³⁸.

De resto, depois de os infantes já terem sido desmamados, gradualmente, devem ser levados a consumir alimentos mais inteiros, e, nessa altura, deve-lhes ser permitido viverem de um modo mais independente; além disso, pela sua destreza, alegria e liberdade de espírito, devem ser-lhes permitidas atividades recreativas e jogos. Com efeito, a despreocupação e a liberdade de espírito contribuem sempre para uma revigorante alimentação do corpo.

A crer no testemunho de outros autores médicos, o desmame deveria ocorrer no decurso do segundo ano de vida e, inevitavelmente, daria origem a novos hábitos. De acordo com Sorano, assim que a criança se revelasse plenamente capaz de absorver alimentos à base de cereais e o desenvolvimento da sua dentição assegurasse o corte e a mastigação de sólidos (o que aconteceria entre o terceiro e o quarto semestres), a cuidadora, de modo suave e gradual, deveria afastá-la do peito, adicionando à sua alimentação, em substituição do leite, outros alimentos. A época do ano mais propícia a esta mudança era, segundo o iátrico grego, a primavera, pelo facto de o clima ser mais ameno; no outono, o desmame não era aconselhável, pois o corpo, por conta da instabilidade climatérica, estaria então mais propenso ao desenvolvimento de doenças³⁹.

Rufo de Éfeso, por sua vez, afirmava ser suficiente amamentar durante os primeiros dois anos de vida da criança, para, depois, lhe serem dados a comer alimentos mais sólidos. Para este autor, idealmente, a mudança deveria

gido os dois anos, mesmo que já lhe tivessem nascido os dentes, o lactente apenas deveria deixar de mamar se sentisse vontade de comer alimentos sólidos, caso contrário, estes não seriam benéficos para o seu desenvolvimento: *Itaque biennio transacto, dentibus proruptis, et puero appetente, solidiori cibo incipiat uesci, sine quo appetitu, etiamsi dentes et anni adsint, ablactandus non erit, nam quae citra appetitum ingeruntur, ne uiris quidem proficua sunt. Subinde si imbecillus sit, et tenera ac debili uoletudine, ablactari non debet* (*De uniuersa* 2.4.3.29, 537).

³⁸ *De uniuersa*, loc. cit.

³⁹ 2.17.

ocorrer no equinócio de outono ou no poente das Plêiades, já que a essa estação sucederia o inverno, durante o qual a digestão era considerada mais vigorosa⁴⁰.

A preocupação com a digestão era partilhada por Ateneu de Atalia⁴¹. Este considerava que, na sequência do desmame, deveriam ser dados à criança alimentos muito ligeiros e em quantidade moderada, porque os cuidados que nessa fase a empanturrassem de comida e experimentassem oferecer alimentos fortemente nutritivos comprometeriam o seu desenvolvimento, em virtude da sua frágil natureza. Indigestões e diarreias frequentes, advertia, provocariam inflamações e doenças graves nos intestinos⁴².

Mais conciso, Aécio admitia que a criança, por volta dos vinte meses, já seria capaz de ingerir alimentos mais sólidos, razão pela qual seria conveniente, a partir de então, suave e paulatinamente, proceder ao seu desmame⁴³.

Também para Avicena, o desquite do leite deveria ocorrer com suavidade, e os alimentos oferecidos teriam de ser fáceis de deglutir e digerir, sobretudo as carnes⁴⁴.

Esta mudança de alimentação, de acordo com Rodrigo de Castro, deveria ser acompanhada de uma evolução no estilo de vida da criança. Era desejável que a menor dependência física em relação à sua cuidadora favorecesse a exercitação do corpo, através do seu envolvimento em pequenos e divertidos jogos e brincadeiras. A apologia de atividades lúdicas durante a puerícia não era, contudo, original. Muito antes de Rodrigo de Castro, Ateneu de Atalia havia chamado a atenção para a necessidade de se permitir às crianças desquitadas do leite da *nutrix* viverem e brincarem livremente, de as habituar ao relaxamento da mente e a exercícios que incluíssem pequenas e divertidas brincadeiras⁴⁵.

⁴⁰ *Apud Orib. Inc.* 20 (DAR. 3, 160).

⁴¹ Natural da Cilícia, este médico viveu no século I e é considerado fundador da Escola Pneumática. Terá composto uma extensa obra, mas apenas nos chegaram fragmentos conservados por Oribásio.

⁴² *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 161-162).

⁴³ *Libri sexdecim* 4.29, 140.

⁴⁴ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 2, 166.

⁴⁵ *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 161).

Galeno também preconizara a prática de exercício, embora moderado, com o argumento de que a exercitação física excessiva endurecia as carnes, comprometendo, desse modo, o normal crescimento das crianças⁴⁶.

Séculos volvidos, Aécio⁴⁷ e Egineta⁴⁸ recomendariam que fossem proporcionados aos *ablacti infantes* momentos de descontração e diversão, assim como de atividade física moderada e devidamente acompanhada da ingestão de alimentos ligeiros, ou seja, facilmente digeríveis.

Não menos importante do que a exercitação do corpo era a exercitação da mente. De acordo com Rodrigo de Castro, o contacto com as primeiras letras deveria ocorrer entre os seis e os sete anos de idade, pela mão de pedagogos experientes:

*Verum simul atque sextum septimumue annum attigerint, mitioribus magistris tradantur*⁴⁹.

Na verdade, logo que atinjam os seis ou sete anos de idade, devem ser confiados a mestres mais maduros.

É interessante verificar que, uma vez mais, o iátrico luso seguiu a tradição. Com efeito, autores como Ateneu de Atalia⁵⁰, Aécio⁵¹, Egineta⁵² ou Avicena⁵³ sugeriram que os meninos e meninas fossem entregues, a partir daquela idade, a mestres de leitura brandos e humanos. De acordo Ateneu, os pedagogos capazes de cativar o interesse das crianças, que ensinavam com recurso à persuasão e à exortação e que as elogiavam com frequência eram mais bem-sucedidos; o seu ensino fazia-as sentirem-se mais alegres e descontraídas, e o relaxamento e a alegria da mente seriam fatores essenciais para a boa nutrição do corpo⁵⁴. A prática de atividades lúdicas e recreativas era fundamental para

⁴⁶ *Apud Orib. Inc.* 17 (DAR. 3, 140).

⁴⁷ *Libri sexdecim* 4.30, 140.

⁴⁸ *De re medica* 1.14, 9.

⁴⁹ *De uniuersa*, loc. cit.

⁵⁰ *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 162).

⁵¹ *Libri sexdecim* 4.30, 141.

⁵² *De re medica* 1.14, 9.

⁵³ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 4, 170.

⁵⁴ Egineta comungava desta ideia. Segundo o autor, os mestres *blandi humanique* proporcionariam um ambiente de aprendizagem mais descontraído e alegre, promovendo a serenidade mental dos seus alunos, que muito contribuiria para a boa nutrição do corpo.

o desenvolvimento saudável e harmonioso do corpo. Por isso era tão importante consagrar grande parte do dia aos jogos, em vez de o preencher com outro tipo de atividades⁵⁵.

Chegados à adolescência, os jovens deveriam ser levados a alargar e aprofundar os seus estudos. Afirma, a este respeito, Rodrigo de Castro:

*Duodecimo altioribus disciplinis imbuendi iam sunt. Ad uigesimum usque mathematicis et philosophiae studiis exornandi*⁵⁶.

A partir dos doze, devem ser instruídos em disciplinas mais elevadas. Até aos vinte, devem ser preparados no estudo das ciências e da filosofia.

As palavras do médico português refletem o pensamento de autores mais antigos nesta matéria. O plano educativo minuciosamente traçado por Ateneu de Atalia⁵⁷ previa que as crianças de doze anos exercitassem a mente, frequentando aulas de gramática e geometria, mas também o corpo. Os preceptores e vigilantes destes jovens teriam de ser pessoas razoáveis e não totalmente desprovidas de experiência, a fim de conhecerem a medida e o tempo apropriados para os alimentos, os exercícios, os banhos, o descanso e outros detalhes do regime. A partir dos catorze anos, e até aos vinte e um, os jovens deveriam cultivar e aprender com maior profundidade as ciências, escutar as doutrinas filosóficas, memorizá-las e repetir o que fora memorizado com muita atenção. Igualmente útil seria conhecer e escutar ensinamentos de medicina, a fim de que pudessem vir a ser, para si próprios, bons conselheiros em questões de saúde.

Séculos depois, Aécio⁵⁸ sugeriria, tal como Ateneu, o treino na argumentação filosófica entre os catorze e os vinte e cinco anos, ao passo que Egineta⁵⁹ preconizaria a frequência de aulas de gramática e geometria e a prática física a partir dos doze; o estudo das ciências e da filosofia entre os catorze e os vinte e um.

⁵⁵ Na mesma linha de pensamento, Avicena defendia que as crianças deveriam ser disciplinadas aos poucos, ao invés de serem obrigadas a dedicar demasiado tempo às tarefas escolares (*Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 4, 170).

⁵⁶ *De uniuersa*, loc. cit.

⁵⁷ *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 163-164).

⁵⁸ *Libri sexdecim* 4.30, 141.

⁵⁹ *De re medica* 1.14, 9.

Tão importante quanto a ocupação da mente era a exercitação do corpo. Segundo Rodrigo de Castro, esta poderia ser usada para refrear os ímpetos de Vénus típicos da adolescência:

*Deinde grauiora exercitia imperanda, ut otio carentes a Veneris stimulis coercantur, quibus ea aetas tentari plurimum solet, ideo in ea potissimum corycaeis et inspectoribus indigent, nec sine paedagogis, si fieri possit, a parentibus ablegentur*⁶⁰.

Depois, devem ser-lhes exigidas atividades mais árduas, a fim de, carentes de descanso, renunciarem às incitações de Vénus, com as quais esta faixa etária costuma ser fortemente tentada; em oposição a estas, portanto, precisam, sobretudo, de salas destinadas à prática de coricomaquia⁶¹ e de quem os vigie, além disso, na ausência de pedagogos, não devem, se possível, ser mantidos longe dos pais.

A ideia de que a prática de exercício mais exigente permitiria controlar os impulsos sexuais próprios da adolescência vinha sendo defendida há vários séculos. De acordo com o testemunho de Ateneu, o corpo humano, nesta fase da vida, teria alcançado a robustez, e o desejo sexual tornara-se mais intenso. A exercitação mais vigorosa e frequente conduziria à fadiga quer da mente quer do corpo, impedindo, desse modo, que a libido se apoderasse de ambos. Na opinião do autor, nada seria mais impeditivo do desenvolvimento são da mente e do corpo do que a prática excessiva e prematura de relações sexuais⁶².

Na mesma linha de pensamento, Aécio⁶³ e Egineta⁶⁴ perspetivavam a prática intensa de exercício físico como um meio eficaz para inibir o apetite libidinoso dos adolescentes.

Além da atividade sexual, desaconselhava-se o consumo de vinho. Rodrigo de Castro, apoiado na autoridade de Platão e Galeno, advertia para os perigos de permitir aos jovens a sua ingestão:

⁶⁰ *De uniuersa*, loc. cit.

⁶¹ Na Antiguidade, o *corycaeum* correspondia a uma divisão do ginásio destinado à prática da *corycobolia*, uma espécie de pugilismo ou jogo que consistia em bater num grande saco cheio de areia, farelo ou sementes (o *corycus*) que pendia do teto do *corycaeum*. Com golpes de punho, os jogadores faziam-no balançar para a frente e para trás; quando em pleno movimento, paravam-no com as mãos, as costas ou o peito. O exercício também se chamava *corycomachia*.

⁶² *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 164-165).

⁶³ *Libri sexdecim* 4.30, 141.

⁶⁴ *De re medica* 1.14, 9.

Vini etiam usus per totam pueritiam et adolescentiam interdicendus, nam ut Plato et Galenus praecipunt, praeterquam quod sit ignem addere igni, caput etiam halitibus replet⁶⁵.

Também o uso de vinho deve ser proibido durante toda a puerícia e adolescência. Com efeito, tal como preceituam Platão e Galeno, além de ser o mesmo que acrescentar fogo ao fogo, também enche a cabeça de vapores.

O princípio de que a ingestão de vinho era prejudicial aos mais jovens não constituía, portanto, uma novidade. Platão defendera no diálogo *Timeu*⁶⁶ que o vinho aquecia a alma e o corpo e, no segundo livro de *Leis*⁶⁷, que o seu consumo deveria ser proibido até aos dezoito anos de idade. Mais tarde, Galeno, recuperando especificamente o segundo passo do filósofo grego, repetiria a ideia de que talvez devesse ser estabelecido por lei que os jovens menores de dezoito anos não poderiam beber vinho, ensinando-lhes que não deveriam acrescentar fogo ao fogo do corpo e da alma, e que, depois dessa idade, e até aos trinta anos, o poderiam consumir moderadamente. De acordo com o médico, a juventude deveria, pois, evitar a embriaguez e o consumo desregulado de vinho. O calor excessivo, no sentido humoral, provocado pela ingestão daquela bebida era o mesmo calor que explicava a insolência e a insânia da juventude⁶⁸.

Com efeito, de acordo com a teoria hipocrático-galénica dos humores, o vinho, por ser de qualidade húmida e quente, intensificava o temperamento igualmente húmido e quente dos mais jovens, aquecendo em demasia o corpo e enchendo a cabeça de vapores. O excesso era sinónimo de desequilíbrio, e o dano recairia não apenas sobre o corpo, mas também sobre a mente. Mesmo quando bebido por adultos, o vinho, em especial o tinto, se não fosse consumido com moderação, torná-los-ia propensos à ira e à insolência, tolhando-lhes a mente⁶⁹.

⁶⁵ *De uniuersa*, loc. cit.

⁶⁶ *Ti.* 60a.

⁶⁷ *Lg.* 2.666b-c.

⁶⁸ Cf. Gal. *Quod animi mores corporis temperamenta sequantur* 10 (KÜHN 4, 808 sqq.).

⁶⁹ Gal. *De sanitate tuenda* 1.11 (KÜHN 6, 54 sq.); cf. apud Orib. *Inc.* 17 (DAR. 3, 140-141). O tema era, no entanto, controverso. Rufo de Éfeso defendia o contrário de Platão e Galeno: nos primeiros meses de vida, o vinho era preferível à água; não se tratava de acrescentar fogo ao fogo, mas calor ao frio. Segundo o autor, a criança precisava de um

Antes de Galeno, também Ateneu de Atalia havia desaconselhado vivamente o consumo de vinho, porquanto estimulava a adoção de comportamentos desregrados⁷⁰. Já no século VI, Aécio, numa clara alusão à teoria humoral, e em termos muito semelhantes aos usados por Galeno, defenderia que a toma de vinho tinha um efeito especialmente nocivo em corpos de compleição húmida e quente, como os das crianças, porque o vinho enchia as suas cabeças de vapores; a abstinência deveria prolongar-se pela adolescência⁷¹. Egineta, mais lacónico e menos radical, sugeriria apenas que a toma de vinho fosse controlada, enquanto Avicena, não obstante preconizasse no *Canon medicinae* a abstinência durante a puerícia por causa das qualidades humorais da bebida, admitiria o seu consumo na adolescência, contanto que moderado⁷².

Depois de refletir sobre os efeitos nocivos do vinho na juventude, Rodrigo de Castro faz um diagnóstico muito crítico da sociedade coeva:

*Quare nil mirum, si hoc aeui, ut sunt corruptissimi instituentium mores, puerorum ingenia aspera, indomita, refractaria, superbaque plerumque cernamus, dum uino oppressi ac in mollitiem et luxuriam soluti pueri et adolescentes insaniunt, et hebetiores fiunt, pudorem, obseruantiam et officium pothabentes*⁷³.

Por isso, nesta época em que os costumes das instituições são tão corruptos, não admira que tantas vezes testemunhemos o temperamento impertinente, desenfreado, rebelde e arrogante das crianças; subjugados pelo vinho e entregues à indolência e à luxúria, as crianças e os adolescentes perdem o discernimento e tornam-se mais rudes, não dando a devida importância ao pudor, à obediência e ao dever.

As causas aqui apontadas do comportamento desregrado da juventude — o consumo de vinho, a ociosidade e a luxúria — já haviam sido identificadas por outros autores médicos, pelo que o traço mais original da reflexão

regime alimentar mais quente nesta fase, porque o calor fornecido pelos alimentos era fundamental para ganhar força e tónus muscular (apud Orib. *Inc.* 20 (DAR. 3, 158-159)). Sobre o uso controverso do vinho na infância, vide ADAMSON (2004).

⁷⁰ Apud Orib. *Inc.* 21 (DAR. 3, 164-165).

⁷¹ Às crianças devia, no entanto, ser permitido beber água fria e de boa qualidade entre as refeições e nos momentos mais quentes do dia: *Libri sexdecim* 4.30, 140-141.

⁷² Recorrendo à imagem usada por Platão e recuperada por Galeno, o médico considerava que oferecer vinho aos *pueri* seria o mesmo que *ignem igni addere in lignis debilibus*: *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 2, dict. 3, cap. 8, 181. Cf. 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 4, 170.

⁷³ *De uniuersa*, 1.4.13, 225-226.

do médico lusitano em torno da importância da educação enquanto meio de transmissão de atitudes e valores será, a nosso ver, a assunção do total descrito nas *institutiones* e da existência de uma crise de valores entre a juventude coeva. Defensor acérrimo do rigor e da exigência das instituições⁷⁴, Castro mostra-se apreensivo com o presente e o futuro dos mais jovens. Ao mesmo tempo que lhes aponta os vícios da intemperança, da petulância, da volúpia, da paixão do vinho e da embriaguez, chama a atenção para a necessidade de os educadores incutirem neles, desde cedo, qualidades humanas e morais fundamentais, como a continência de boca, a disciplina do corpo, a moderação do prazer, a sobriedade, a mansidão, a modéstia e a humildade. Não surpreende, pois, que o cultivo destas e de outras virtudes viesse, anos depois, a ser considerado indispensável para o bom exercício da arte curativa⁷⁵.

À guisa de conclusão, diremos que o cotejo do testemunho de Castro com textos anteriores demonstra que o tópico da *educatio* de crianças e adolescentes fora já amplamente discutido na Antiguidade e amiúde glosado por enciclopedistas bizantinos e médicos medievais. A análise permitiu-nos identificar as fontes a que o médico luso foi beber informação. Entre os autores da Antiguidade aqui evocados, Galeno será certamente o que mais influenciou a reflexão de Castro⁷⁶. A atestá-lo estão não apenas a adoção do pensamento galénico sobre os efeitos nefastos do vinho na juventude, mas, também, a referência à *auctoritas* de Platão, já que o próprio médico de Pérgamo o havia

⁷⁴ De notar que no *Medicus Politicus* (3.23), livro de ética médica que haveria de ser publicado em Hamburgo uma década depois (1614), o autor defende a escola médica de Salamanca como uma instituição universitária à escala europeia capaz de garantir a preparação dos melhores médicos, em virtude dos procedimentos exigentes e rigorosos aí adotados no que respeita aos estudos e aos exames, e que muito contrastavam com os atos corruptos e fraudulentos praticados noutras universidades, cuja identidade não chega a revelar (ARRIZABALAGA 2009, 120; 122-123).

⁷⁵ No *Medicus Politicus*, considerado por muitos um código deontológico do médico (cf. e.g. DIAS (1971) 23), Castro reflete sobre os vícios que um bom médico deveria evitar (3.1-2), para, logo depois, referir as virtudes que conviria cultivar (3.3).

⁷⁶ Segundo o tratadista, a biblioteca de um médico deveria incluir autores gregos, latinos a árabes; os primeiros são “os pais de toda a medicina que entre nós se pratica”. Não obstante “o grande Hipócrates” ser “verdadeiramente o pai supremo da medicina”, é a partir da obra de Galeno, acrescenta, que se pode obter “um justo conhecimento da medicina” (*Med. Pol.* 2.9). Seguimos a tradução de DIAS (2011) 112.

citado no seu texto. As informações colhidas ao longo deste estudo parecem, ademais, apontar para que o iátrico tenha seguido, como fonte intermédia, Paulo Egineta, quer porque o cita diretamente no início da sua reflexão, quer, sobretudo, porque as diferentes etapas de desenvolvimento estabelecidas, os princípios preconizados para cada uma delas e o vocabulário usado na sua descrição são muito semelhantes aos adotados pelo enciclopedista bizantino⁷⁷. Embora de forma menos evidente, o testemunho de Castro parece revelar, ainda, a influência de Aécio, na medida em que ambos os autores recomendam — em termos diversos, é certo — a adoção, desde cedo, em prol da saúde, de hábitos regrados⁷⁸.

O estudo comparativo dos textos poderia levar-nos a considerar que o médico português, ao reproduzir, de forma mais ou menos literal, o pensamento alheio, pouco veio acrescentar à tradição. Importa, contudo, ressaltar que a integração de elementos herdados de autores anteriores em nada reduz o valor documental do seu testemunho. Muito pelo contrário, se, por um lado, revela que Castro foi um homem do seu tempo, na medida em que o regresso às fontes e a reprodução mais ou menos literal do pensamento antigo era prática reiterada entre os autores do Renascimento, demonstra, por outro, que os princípios preconizados ao longo de mais de dois mil anos no que à *educatio* de *pueri* e *adolescentes* diz respeito pouco ou nada variaram.

⁷⁷ As semelhanças entre os dois autores são evidentes, basta que leiamos o texto de Egineta (*De re medica* 1.14, 9): *Posteaquam lacte nutriri infantes desierint, liberiore eis modo et suo ingenio hilariter uiuere permittemus: exercitia autem et alimenta leuiora praescribentur. Ab anno sexto et septimo, tum pueri, tum puellae, litteratoribus blandis humanisque tradentur. Tales enim cum animi remissione et gratia docent. Animi autem remissio ad probam corporis educationem plurimum adfert momenti. Duodecimum annum egressi, ad grammaticos iam et geometras mittendi sunt, corpusque eorum exercere oportet. A quartodecimo usque ad primum et uigesimum, mathematicis disciplinis et sapientiae studio incumbent: exercitiis pluribus propter corporis robur credentur, ut et animo et corpore laborantes, a libidinis impetu coerceantur. His etiam uinum circumcidendum est.*

⁷⁸ Cf. *Libri sexdecim* 4.30, 141: *Multi enim malis moribus educati, intemperantia, et licentia ducti, bonas corrumpunt naturas, sicut rursus nonnulli uitioso corpore nati, prudentiori uita opportunisque exercitiis multa refecerunt quae natura deliquerat.*

Bibliografia

- ADAMSON, M. W. (2004), "Infants and wine: Medieval medical views on the controversial issue of wine as baby-food": *Medium Aevum Quotidianum* 50 (2004) 13-21.
- ARRIZABALAGA, J. (2009), "Medical Ideals in the Sephardic Diaspora: Rodrigo de Castro's Portrait of the Perfect Physician in Early Seventeenth-Century Hamburg": T. HUGUET-TERMES, J. ARRIZABALAGA & H. J. COOK (eds.), *Health and Medicine in Hapsburg Spain: Agents, Practices, Representations, Medical History*. London, Wellcome Trust, 107-124.
- DANSEN, V. (2010), "Des nourrices grecques à Rome?": *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education* 46(6) (2010) 699-713.
- DIAS, J. L. (1971), "Médecins Portugais de la Renaissance en Europe": Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura 35 (1971) 5-35.
- FLANDRIN, J.-L. & Montanari, M. (1996), *Histoire de L'Alimentation*. Paris, Librairie Arthème Fayard.
- GARRISON, F. H. (1965), *History of Pediatrics*. Philadelphia, Saunders.
- GENTILCORE, D. (2016), *Food and Health in Early Modern Europe. Diet, Medicine and Society, 1450-1800*. London, Bloomsbury.
- LEMONS, M. (1909), *Zacuto Lusitano: a sua vida e a sua obra*. Porto, E. Tavares Martins.
- OLIVEIRA, E. M. R. de (2020), "Qualis sit nutrix eligenda: a ama de leite no *De universa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro": *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 22 (2020) 43-58.
- PANCINO, C. (2013), "Introduzione. Medicina delle donne, medicina per le donne dall'età moderna all'Ottocento": L. GUIDI, & M. R. PELIZZARI (a cura di), *Nuove frontiere per la storia di genere*, vol. III. Padova, Webster Press.
- PANCINO, C. (2017), "The medical gaze on early childhood between the 16th and 18th centuries": *Histoire culturelle de l'Europe (Regards portés sur la petite enfance en Europe (Moyen Âge-XVIII^e siècle))* 2 (2017). Retirado de <http://www.unicaen.fr/mrsh/hce/index.php?id=611>
- PINHEIRO, C. S. (2017), "The Ancient Medical Sources in the Chapter about Sterility of Rodrigo de Castro's *De universa mulierum medicina*": G. DAVIS & T. LOUGHRAN (eds.) (2017), *The Palgrave Handbook of Infertility in History: Approaches, Contexts and Perspectives*. London, Palgrave Macmillan, 291-310.

Edições e traduções

- AÉCIO DE AMIDA (1534), *Aetii Amideni medici clarissimi Libri sexdecim nunc primum latinitate donati, in quibus cuncta quae ad artem curandi pertinente sunt congesta: ex omnibus qui usque ad eius tempora scripserant diligentissime excerpta...* Veneza, Lucantonio Giunta.
- AVICENA (1595), *Auicennae arabum medicorum principis. Ex Gerardi Cremonensis uersione, et Andreae Alpagi Bellunensis castigatione...* Veneza, Lucantonio Giunta.
- BUSSEMAKER U. C. & DAREMBERG, C. (eds.) (1858), *Ouvres d'Oribase, texte grec, em grande partie inédit, collationné sur les manuscrits, traduit pour la première fois en français...* (t. 3). Paris, L'Imprimerie Impérial.
- CASTRO, R. de (1617), *Roderici a Castro Lusitani, Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum medicina nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absoltissimum; et studiosus omnibus utile, medicis uero pernecessarium (Pars prima Theorica)*. Hamburgo, Johann Froben.
- CASTRO, R. de (1617), *Roderici a Castro Lusitani, Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum medicina (Pars secunda, siue Praxis)*. Hamburgo, Johann Froben.
- EGINETA, P. (1532), *Pauli Aeginetae Opus de re medica, nunc primum integrum latinitate donatum per Ioannem Guinterium Andernacum, doctorem medicum*. Paris, Simon de Colines.
- EGINETA, P. (2011), *O Médico Político ou tratado sobre os deveres médico-políticos* (tradução de D. L. DIAS, revisão científica de A. CARDOSO e apresentação de D. GRACIA). Lisboa, Edições Colibri.
- KÜHN, C. G. (ed.) (1821-1833), *Claudii Galeni Opera Omnia* (vols. 1-20), Leipzig, Carl Cnobloch.
- PLATÃO (1925), *Platon. Timée* (texte établi et traduit par ALBERT RIVAUD). Paris, Les Belles Lettres.
- PLATÃO (1976), *Platon. Les Lois* (texte établi et traduit par EDOUARD DES PLACES). Paris, Les Belles Lettres.
- PLUTARCO (2008), *Plutarco. Obra Morais. Sobre a Educação das Crianças* (tradução do grego, introdução e notas de J. PINHEIRO). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SORANO DE ÉFESO (2003), *Soranos d'Éphèse. Maladies des Femmes II* (texte établi, traduit et commenté par P. BURGUERE, D. GOUREVITCH & Y. MALINAS). Paris, Les Belles Lettres.

* * * * *

Resumo: A discussão sobre os cuidados a ter com a alimentação e a educação física, intelectual e moral de crianças e adolescentes atravessou a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento. Tópico não raras vezes desenvolvido por tratadistas e enciclopedistas médicos, a *educatio* pueril e juvenil suscitou o interesse do iátrico luso Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), que lhe dedicou o final da Primeira Parte do tratado *De uniursa mulierum medicina*. Partindo do cotejo deste texto com escritos médicos anteriores, procuraremos reconstituir o regime preconizado para crianças e adolescentes ao longo dos vinte séculos que separam Mnesiteu de Atenas (séc. IV a.C.) e Castro, bem como refletir sobre o modo como o tratadista português incorporou no seu próprio discurso os elementos herdados da tradição antiga e medieval.

Palavras-chave: Rodrigo de Castro; *De uniursa mulierum*; *educatio*.

Resumen: La discusión sobre los cuidados que se deben tener en la alimentación y en la educación física, intelectual y moral de los niños traspasó la Antigüedad, la Edad Media y el Renacimiento. Tópico desarrollado en no pocas ocasiones por tratadistas y enciclopedistas médicos, la *educatio* infantil y juvenil suscitó el interés del médico portugués Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), que le dedicó el final de la Primera Parte del tratado *De uniursa mulierum medicina*. Partiendo del cotejo de este texto con escritos médicos anteriores, intentaremos reconstruir el régimen propuesto para niños y adolescentes a lo largo de los veinte siglos que median entre Mnesiteu de Atenas (s. IV a. C.) y Castro, así como reflexionar sobre el modo como el tratadista luso incorporó en su propio discurso los elementos heredados de la tradición antigua y medieval.

Palabras clave: Rodrigo de Castro; *De uniursa mulierum*; *educatio*.

Résumé : La discussion sur les soins à apporter à l'alimentation et à l'éducation physique, intellectuelle et morale des enfants et des adolescents traversa l'Antiquité, le Moyen Âge et la Renaissance. Sujet souvent développé par des rédacteurs et des encyclopédistes médicaux, l'*educativo* puérile et juvénile suscite l'intérêt du iatrique portugais Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), qui lui consacre la fin de la Première Partie du traité *De uniursa mulierum medicina*. En partant de la comparaison de ce texte avec des écrits médicaux antérieurs, nous chercherons à reconstituer le régime préconisé pour les enfants et les adolescents au long des vingt siècles qui séparent Mnesiteus d'Athènes (IV^{ème} siècle av. J.C.) et Castro et à réfléchir sur la façon dont le rédacteur portugais incorpora dans son propre discours les éléments hérités de la tradition antique et médiévale.

Mots-clés : Rodrigo de Castro ; *De uniursa mulierum*; *educatio*.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate

Normas de aceitação de textos

1. Submissão de textos

A revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* aceita a proposta de publicação de textos que obedeçam a todos os requisitos seguintes:

- ♦ textos originais e inéditos, não submetidos em simultâneo a outras revistas (**com o máximo de 50.000 caracteres, incluindo espaços**) e escritos numa das seguintes línguas: português, espanhol, francês, inglês ou italiano;
- ♦ temática relacionada com os Estudos Clássicos;
- ♦ respeito pelas normas de citação da revista;
- ♦ envio, através de correio eletrónico (DLC-agora@ua.pt), de uma cópia em formato *word* e outra cópia em formato PDF (com inclusão de fontes no caso da utilização de grego e de diacríticos especiais);
- ♦ resumo na língua em que o texto está escrito **com o máximo de 600 caracteres, incluindo espaços**;
- ♦ indicação de algumas palavras-chave (**seis, no máximo**);
- ♦ indicação da instituição e do país a que pertencem os autores;
- ♦ indicação do endereço de correio eletrónico dos autores;
- ♦ salvaguarda legal de eventuais imagens utilizadas no texto.

A proposta deverá ser acompanhada por uma declaração em que os autores afirmam que o texto é original e inédito, que o não estão a apresentar em simultâneo a outras revistas e em que cedem os direitos autorais para a edição em papel e a edição *online* da revista, de acordo com modelo disponível (cf. *infra* 6).

2. Processo de análise

2.1. Todos os artigos propostos serão submetidos à apreciação de dois membros da Comissão Científica, com participação obrigatória de membros externos, e, no caso de pareceres antagónicos, serão submetidos a um terceiro para desempate, pelo que deverão ser enviados até **30 de setembro** de cada ano (para o número do ano seguinte).

2.2. Os membros da Comissão Científica poderão:

- ♦ aprovar a publicação do artigo sem modificações;

♦ aprovar a publicação do artigo desde que lhe sejam introduzidas algumas alterações;

♦ recusar a publicação do artigo.

2.3. A direção da revista compromete-se a responder a todas as propostas que receber e, se for caso disso, a comunicar as sugestões de alteração feitas pela Comissão Científica.

2.4. O processo de avaliação é anónimo e, em caso algum, serão revelados os nomes dos membros da Comissão Científica que fazem a apreciação de cada texto.

2.5. Os autores cedem os direitos autorais para a edição em papel e também para a edição *online*, que será disponibilizada logo após a edição em papel. Posteriormente, poderão utilizar livremente o respetivo texto, desde que mencionem de forma clara e completa que a primeira versão foi publicada na revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*.

3. Normas de citação:

As normas que se seguem são indicações de carácter geral e pretendem conferir uma certa uniformidade a toda a revista, sem prejuízo da necessária clareza na identificação da citação, pelo que será obrigatória a inclusão de uma lista bibliográfica final.

3.1. Normas de carácter geral

♦ Usar itálico nas citações de textos gregos e latinos antigos e respetivas traduções, em citações longas de textos modernos, nos títulos de todas as obras antigas, nos títulos de monografias modernas e nos títulos de revistas e de recolhas temáticas.

♦ Usar aspas nas citações de textos modernos.

♦ Não usar itálico nas abreviaturas latinas (op. cit., loc. cit., cf., ibid., ...).

Na indicação dos autores e/ou coordenadores e editores, deve aplicar-se o seguinte critério:

♦ até três autores: devem constar todos os nomes;

♦ mais de três autores: deve constar o primeiro nome e a expressão *et alii*.

3.2. Citações

3.2.1. Citações de livros

Na lista bibliográfica final:

SPISAK, A. (2007), *Martial — A Social Guide*. London, Duckworth.

No texto e nas notas de rodapé:

SPISAK (2007) 50-51.

3.2.2. Citações de obras coletivas

Na lista bibliográfica final:

PIMENTEL, C. S. (2001), “Teatro, actores e público no Alto Império Romano”: M. F. BRASETE (coord.) (2001), *Máscaras, Vozes e Gestos: nos caminhos do teatro clássico*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 329-348.

No texto e nas notas de rodapé:

PIMENTEL (2001) 332-333.

3.2.3. Citações de revistas

Na lista bibliográfica final:

PIMENTEL, C. S. (1993), “‘Quid petitur?’ Do sonho e do desencanto em Marcial”: *Euphrosyne — Revista de Filologia Clássica* 21 (1993) 249-261.

No texto e nas notas de rodapé:

PIMENTEL (1993) 262.

3.2.4. Citações de textos do mesmo autor publicados no mesmo ano

Na lista bibliográfica final:

PIMENTEL, C. S. (1993), “‘Quid petitur?’ Do sonho e do desencanto em Marcial”: *Euphrosyne — Revista de Filologia Clássica* 21 (1993) 249-261.

PIMENTEL, C. S. (1993b), *A Adulatio em Marcial*. Lisboa, Universidade de Lisboa.

No texto e nas notas de rodapé:

PIMENTEL (1993) 262.

PIMENTEL (1993b) 152

4. Citações de autores antigos

♦ Para os autores gregos deve seguir-se as abreviaturas utilizadas em Liddell-Scott-Jones, *A Greek-English Lexicon*.

♦ Para os autores latinos deve seguir-se o *Oxford Latin Dictionary*.

♦ Não deve usar-se numeração romana.

Exemplos:

♦ Hom. *Od.* 1.1. (não a 1); Cic., *Phil.* 2.20 (não 2.8 ou 2.8.20); Plin., *Nat.* 9.176 (não 9.83. ou 9.83.176); S. *OC.* 225.

5. Abreviaturas do nome de revistas

Para a abreviatura do nome de revistas, deve seguir-se, sempre que possível, *L'Année Philologique*.

6. Declaração

Declaro (declaramos) que o texto que estamos a apresentar à revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* é original e inédito e que não está a ser submetido em simultâneo à apreciação de nenhuma outra revista.

Declaro (declaramos) ainda que cedo (cedemos) os direitos autorais para a edição em papel e também para a edição *online* da revista.

O(s) autor(es)

Guidelines for article submission:

The journal *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* with ISSN 0874-5498 was first published in 1999 and on a yearly basis since then. It is published by the Classical Studies Section at the Department of Languages and Cultures at the University of Aveiro. Indexes, article abstracts and keywords and articles can be accessed online at the site of the journal (<http://www.dlc.ua.pt/classicos/agora.htm> and <http://revistas.ua.pt/index.php/agora>). The journal covers all aspects of Classical Studies ranging from the early beginnings of Greek and Latin literature and culture to their contemporary reception in western cultures, without overlooking topics connected with the teaching and learning of Latin and Greek.

1. Article submission

The Editorial Board of *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* welcomes articles to be considered for publication provided they meet the following requirements:

- ◆ texts should be original and unpublished and should not have been submitted simultaneously to any other publications (**with a maximum of 50000 characters, including spaces**). We will accept articles in the following languages: Portuguese, Spanish, French, English or Italian;

- ◆ the subject must be related to Classical Studies;
- ◆ articles should conform to the journal's citation style;
- ◆ articles should be sent by e-mail (**DLC-agora@ua.pt**) in both Word and PDF format files (including, if used, Greek fonts and special characters or diacriticals);

- ◆ each article should include an abstract **with a maximum of 600 characters, including spaces**, written in the language of the article;

- ◆ articles must include some keywords (**maximum: 6**);
- ◆ articles should indicate the author's email, country of origin and institutional affiliation;

- ◆ it is the author's responsibility to request and secure any permissions required for the use of images in the text.

Submissions should be accompanied by an author's declaration stating that the text is original and unpublished and that it is not being submitted to any other publications simultaneously. They should also transfer ownership of copyright of their text, giving permission to both its print and online publication. A sample declaration is provided on the pages of the journal (cf. *infra* 6).

2. Refereeing process

2.1. All submitted articles will be reviewed by two members belonging to the Scientific Committee with the mandatory participation of external referees. Should there be two conflicting reviews, a third member will be asked to produce another review. The submission deadline will be 30th September for contributions to be considered for publication on the journal issue appearing the following year.

2.2. The members of the Scientific Committee may:

- ◆ approve the article for publication without suggesting any changes;
- ◆ approve the article for publication provided some changes are introduced;
- ◆ refuse the article for publication.

2.3. The journal's Editorial Board undertakes to review all proposals received and, should that be the case, notify all authors of the changes suggested by the Scientific Committee.

2.4. The review process is anonymous and under no circumstance shall the names of the reviewers involved in the refereeing process be disclosed.

2.5. Authors should assign their rights for the printed edition of the journal, as well as the online edition made available shortly after. They will be allowed to make unrestricted use of their own text subsequently, provided they mention clearly and in full that it has been published previously in *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*.

3. Citation guidelines

The following guidelines are general indications intended to ensure the journal's consistency without overlooking clarity and easy reference identification. All articles should include a final bibliography.

3.1. General guidelines

- ◆ Italics should be used when quoting ancient Greek and Latin texts and their respective translations, in long citations of modern texts, in titles of all ancient works, in titles of modern books and of periodicals and essay-collections.
- ◆ Quotation marks should be used in short quotations of modern texts.
- ◆ Italics should not be used in Latin abbreviations (op. cit., loc. cit., cf., ibid., ...).

When indicating authors and/or coordinators and editors, the following rule should apply:

- ◆ up to three authors: all names should be mentioned;
- ◆ more than three authors: the first name should be mentioned and followed by the expression *et alii*.

3.2. Citation style

3.2.1. Books

Final bibliography:

SPISAK, A. (2007), *Martial — A Social Guide*. London, Duckworth.

Text and footnotes:

SPISAK (2007) 50-51.

3.2.2. Collective works

Final bibliography:

PIMENTEL, C. S. (2001), “Teatro, actores e público no Alto Império Romano”: M. F. Brasete (coord.) (2001), *Máscaras, Vozes e Gestos: nos caminhos do teatro clássico*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 329-348.

Text and footnotes:

PIMENTEL (2001) 332-333.

3.2.3. Journals

Final bibliography:

PIMENTEL, C. S. (1993), “‘Quid petitur?’ Do sonho e do desencanto em Marcial”: *Euphrosyne — Revista de Filologia Clássica* 21 (1993) 249-261.

Text and footnotes:

PIMENTEL (1993) 262.

3.2.4. Texts by the same author published in the same year

Final bibliography:

PIMENTEL, C. S. (1993), “‘Quid petitur?’ Do sonho e do desencanto em Marcial”: *Euphrosyne — Revista de Filologia Clássica* 21 (1993) 249-261.

PIMENTEL, C. S. (1993b), *A Adulatio em Marcial*. Lisboa, Universidade de Lisboa.

Text and footnotes:

PIMENTEL (1993) 262.

PIMENTEL (1993b) 152

4. Ancient authors

♦ For Greek authors, the indications provided by Liddell-Scott-Jones in *A Greek-English Lexicon* should be followed.

♦ For Latin authors the indications provided by *Oxford Latin Dictionary* should be followed.

♦ No Roman numerals should be used.

Examples:

♦ Hom. *Od.* 1.1. (not I 1); Cic., *Phil.* 2.20 (not 2.8 or 2.8.20); Plin., *Nat.* 9.176 (not 9.83. or 9.83.176); S. OC. 225.

5. Abbreviations of journal titles

For journal title abbreviations authors should refer, whenever possible, to *L'Année Philologique*.

6. Declaration

I/We declare that the text hereby submitted to the journal *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* is original and has not been published elsewhere, nor is it being submitted simultaneously to any other publication.

I/ We further declare that I/we transfer copyright ownership to the online and print editions of the journal *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*.

The author(s)